D.O. Leitura

Ano II • Número 15 • São Paulo, agosto de 1983

Publicação Cultural da Imprensa Oficial do Estado

A música paulista sai da gaveta

Página 2

20 anos de poesia marginal

Página 20

A independência do Brasil no cinema

Página 15

As novidades da próxima Bienal

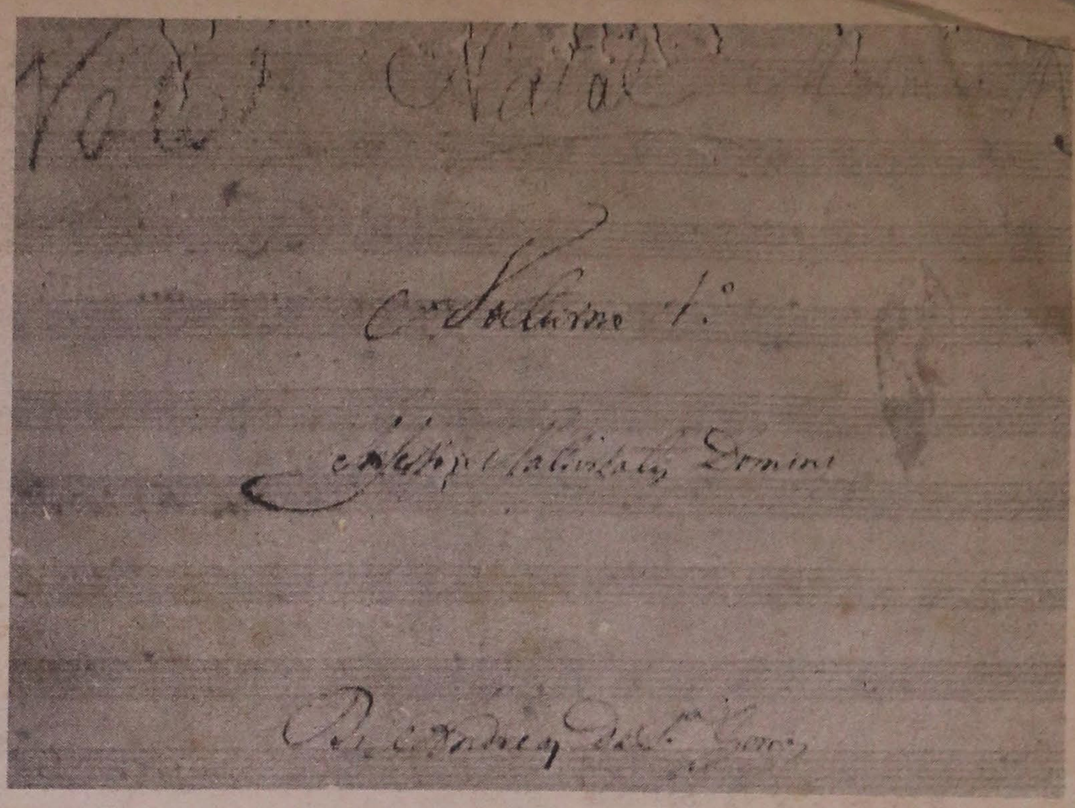
Página 4

MÚSICA

A música paulista sai da gaveta

Texto de João Marcos Coelho

Fotos de Laércio Teixeira



Manuscrito de André da Silva Gomes.

Com cinco mil microfilmes começa a recuperação da produção musical da Capitania de São Paulo no século XVIII. E o professor Régis Duprat quer mais apoio do Estado.

Em 1984, a reduzidíssima comunidade de musicólogos nacionais — espalhada individualmente em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Pernambuco — comemora meio século de pesquisa e restauro da produção musical do Brasil Colônia. Foi em 1934 que Luiz Heitor Correia de Azevedo iniciou, na *Revista Brasileira de Música*, a publicação de obras do Padre José Maurício Nunes Garcia.

O saldo de praticamente cinqüenta anos de pesquisa não pode ser classificado de auspicioso, mas pelo menos removeu um dogma até então aceito sem discussões: como a obra do mestre-de-capela do Rio até 1824 ficara depositada nos acervos da Escola Nacional de Música e na seção de música da Biblioteca Nacional do Rio, pensou-se que o padre compositor da corte de Dom João VI era o único músico do período colonial brasileiro cujas obras não se teriam perdido.

As pesquisas dos últimos trinta anos — através de Cleoffe Person de Mattos, no Rio (dedicada a José Maurício), Padre Jaime Diniz, em Pernambuco (música local) e Régis Duprat, em São Paulo (produção de todo o Estado), além de Olivier Toni e vários outros (centrados na produção colonial mineira) — se encarregaram, no entanto, de pespegar outro preconceito à historiografia da música brasileira do século 18: pelo volume e, além disso, pela própria significação artística, os mineiros apareciam como a grande e praticamente única escola musical do Brasil Colônia. A argumentação, naturalmente, extrapolava dados puramente musicais e mergulhava nas condições sócio-econômicas da região, que vivia na época a explosão da mineração do ouro. De fato, a região das Minas Gerais concentrava, no século 18, todas as atenções dos colonizadores portugueses, porque era de lá que saíam as maiores riquezas minerais em direção à metrópole. E ao desenvolvimento econômico logo juntou-se a explosão cultural — com a importação até de instrumentos de Portugal, como órgãos, por exemplo. Evidentemente, a Inconfidência Mineira também é o resultado do acirramento dos conflitos entre dominados e dominadores.

O fausto da arquitetura e da escultura barrocas em Minas levou, assim, alguns musicólogos a concluírem por uma primazia absoluta da região também na música. O chamado "barroco mineiro" tomou de assalto a opinião pública, não só através de execuções mas também de gravações de obras. A designação — basicamente incorreta, pois os mineiros respiram muito mais um ar pré-clássico do que propriamente barroco — acabou se impondo.

1960, INÍCIO DA REAVALIAÇÃO

Há 23 anos, Régis Duprat — carioca, irmão de Rogério, e radicado em São Paulo — conseguia, após minuciosa pesquisa, localizar as obras de André da Silva Gomes, mestre-de-capela da Sé de São Paulo entre 1774 e 1823. "Ainda não era possível", diz Régis, "fazer um trabalho de restauro sério, pois eu não tinha qualificação para tanto". Logo em seguida, porém, ele seguiria para a França — levando consigo xerox da *Missa a Oito Vozes e Instrumentos*, de André —, onde estudou durante três anos com Jacques Chailley, um dos maiores musicólogos do mundo.

"O estudo com Chailley foi decisivo", relembra Régis. "Ele me ensinou o rigor da pesquisa, a seriedade científica com que se tratam os manuscritos e toda uma metodologia no restauro de obras." A qualidade da *Missa* encorajou o musicólogo brasileiro a pesquisar mais e mais no interior do Estado de São Paulo. "Hoje possuo mais de cinco mil microfilmes, com todas as minhas pesquisas de 23 anos. Entre outros, tenho todo o arquivo de Carlos Gomes e o total da produção de André da Silva Gomes, 144 obras."

Bem, pelo menos um preconceito caíra por terra: o de que, pelas fragilíssimas condições sócio-econômicas da Capitania de São Paulo, a música aqui praticada no século 18 não se assemelharia — em termos de qualidade e quantidade — à de outras regiões brasileiras.

"De fato", arrisca Régis, "as características da produção paulista são bem diferenciadas com relação às dos mineiros, por exemplo". Mas ele logo faz uma ressalva importante: "Não conheço suficientemente a obra dos compositores mineiros para me lançar em juízos definitivos." Conhecer, para Régis, tem um significado preciso: "É necessário, depois de restaurada a obra, realizar uma análise estatística do texto musical, recensear, em diferentes etapas, o vocabulário harmônico, melódico, rítmico do compositor." Ou seja, praticar a análise compasso a compasso, nota a nota, em cada um desses níveis. Em seguida, "vincular esses resultados com os textos escolhidos pelo compositor dentro da liturgia".

Régis Duprat. Na caixinha, mais de cinco mil microfilmes da produção musical paulista do passado.

TRÍPLICE NATUREZA DA MUSICOLOGIA

Ao lidar com a produção musical de épocas mais afastadas — do século 18 para trás —, o musicólogo precisa realizar uma tríplice tarefa: "Pesquisa de campo, de arquivo e o restauro, que é trabalho de gabinete." Régis aponta, por exemplo, o descuido de Curt Lange, o pioneiro na pesquisa do barroco mineiro, ao restaurar obras. "Ele acrescenta notas a seu bel-prazer e, além disso, jamais fornece a identificação do manuscrito original em que se baseou. Ora, sem sabermos onde está o manuscrito, como poderemos ter uma idéia exata do rigor de seu trabalho? Recentemente, em um simpósio latino-americano de musicologia, Luiz Heitor Correia de Azevedo mostrou através de microfilmes as arbitrárias alterações de Lange num original mineiro."

Entre as escolas musicológicas atuais, Régis aponta a francesa (via Jacques Chailley) e a italiana como as mais rigorosas e conseqüentes. "É fundamental que estabeleçamos rigorosos padrões científicos no restauro de nossa produção musical da Colônia, senão jamais conseguiremos ter noção exata de seu real valor artístico."

Não é apenas o rigor que falta, porém. Há anos adormece na Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo um projeto de Régis no sentido de formar equipes de estagiários em musicologia para realizar a enorme e importante tarefa de recuperar a produção colonial paulista. "Já possuo uma equipe pequena porém eficiente de alunos na Unesp" — ele dá aulas no Instituto de Artes do Planalto, da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho — "que teriam condições, apenas com uma ajuda de custo ínfima, de me ajudar nesta gigantesca tarefa".

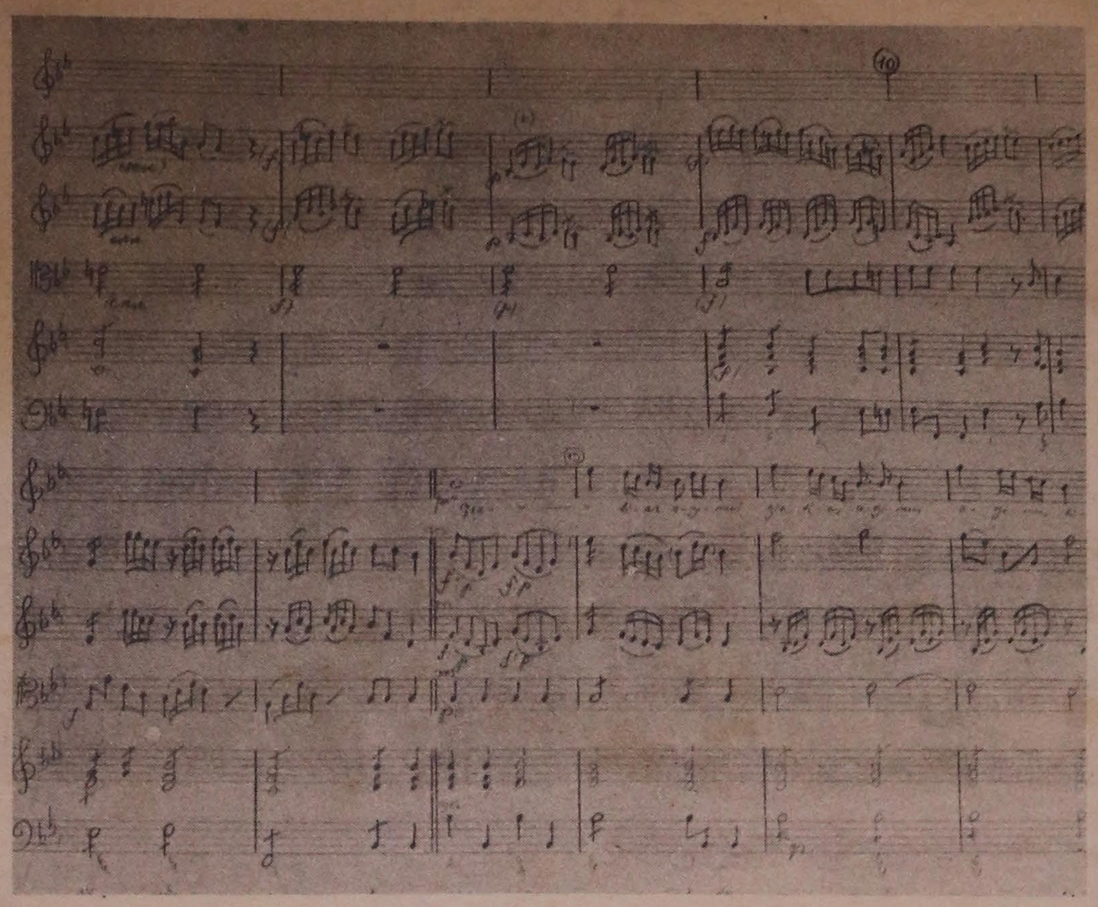
Naturalmente, habituado a estatísticas, Régis já tem resultados concretos quanto a sua velocidade de trabalho: "Veja, em 23 anos, restaurei 35 obras, isto dá uma média de 1,8 obra por ano. Estou com 52 anos, tenho só mais vinte anos de trabalho pela frente, portanto só terei capacidade para restaurar outras trinta obras, digamos. Isto quer dizer que não conseguirei repor em circulação nem ao menos o total da produção de André da Silva Gomes."

Sua preocupação vai além. "A disciplina que leciono, por exemplo, que é "História da Música Brasileira", vai sair do currículo da Unesp a partir de agosto de 1984, pois está havendo uma progressiva mudança do regime semestral para o anual. Daquela data em diante, os estudantes de música sairão da escola sem ter estudado a música de seu País — um contra-senso inadmissível. É urgente uma reforma curricular."

UMA COMPARAÇÃO SÉRIA

Pessoalmente, Régis acredita que resolverá seus problemas com a ajuda de um microcomputador. "Já tenho pronto um catálogo temático das obras de André, ainda sem editor, e acredito que posso acelerar bastante meu ritmo de trabalho com ele."

O musicólogo estabeleceu algo entre



Transcrição da *Missa a Cinco Vozes* feita pelo maestro Régis Duprat, professor da Universidade Estadual de São Paulo.

oito e dez parâmetros fundamentais de análise das obras: freqüência de fórmulas harmônicas, por exemplo, é um parâmetro que mede quantas vezes o compositor, numa determinada peça, modula (ou seja, passa de uma tonalidade para outra, grosso modo); mapeamento dos acordes-tipo (ou seja, mede o número e tipo de cadências utilizados pelo compositor); e outros.

Como a natureza desta tarefa é eminentemente estatística, a manipulação de programas de computador pode se revelar decisiva para uma rápida execução. "O objetivo, no fundo, é ao mesmo tempo bastante simples e preeminentemente objetivo: quero agenciar a amplitude de vocabulário no discurso musical de cada compositor."

Enquanto não completar tal agenciamento — incluindo não só os compositores paulistas e os mineiros, mas também as fontes européias do período —, Régis recusa-se a dar um juízo definitivo acerca da produção paulista em cotejo com a mineira. "Acumulo dados para minha tese de livre-docência", diz ele.

Mas o caso é que, se Régis não se arrisca a nada concluir, ainda assim já é possível partir de números exatos e precisos para indicar resultados preliminares. Sempre levando em conta que examinaremos agora apenas um parâmetro num total de dez — as conclusões são, portanto, relativas —, passemos a esta análise realmente importante. O parâmetro é a freqüência de fórmulas harmônicas tomada em obras basicamnte semelhantes de seis compositores: um carioca, um mineiro, três paulistas e o italiano Pergolesi, contemporâneo deles. As obras escolhidas são: *Matina de Natal*, do Padre José Maurício; *Te Deum*, de André da Silva Gomes; *Stabat Mater*, de Pergolesi; *Procissão*, do Padre Jesuíno do Monte Carmelo; *Procissão*, de José Emerico Lobo de Mesquita; e *Procissão*, de Francisco de Paula Ferreira. Todas têm número de compassos mais ou menos semelhantes e são obras do gênero religioso bastante aparentadas no clima.

A inclusão de Pergolesi (morto em 1736) se justifica porque Régis, atualmente, anda justificadamente preocupado em rastrear os teóricos europeus dos séculos 17 e 18 a partir dos quais filtrou-se o vocabulário técnico para os compositores brasileiros. "Preliminarmente, uma conclusão se impõe: a de que os compositores paulistas, pelo próprio atraso da capitania em relação à de Minas, recebiam as informações defasadas, enquanto os mineiros e o carioca José Maurício estavam mais *up-to-date* com a Europa."

A afirmação tem significado amplo. No parâmetro das freqüências de modulações, ela se fundamenta perfeitamente: enquanto André tem 17,6% e Francisco de Paula 18% de modulações para a subdominante, caracterizando a arcaizante cadência plagal (I-IV-I graus), o Padre José Maurício tem somente 6%. Em termos de modulação para a dominante, quinto grau — estrutura bastante utilizada pelos compositores clássicos, mas não pelos pré-clássicos e barrocos —, o resultado é inverso: 20,7% para José Maurício; 18% para Lobo de Mesquita, mineiro; e os índices caem assustadoramente para os paulistas (9,5% para André, 5% para Jesuíno), neste sentido muito próximos do também barroco e quase pré-clássico italiano Pergolesi, com 8%. "Dizer que Lobo de Mesquita", arrisca timidamente Régis, "é basicamente aparentado a Pergolesi não passa de enorme besteira".

Apenas mais um item do parâmetro das modulações, para complementar de modo definitivo as conclusões de Régis (não emitidas por ele, mas claras a partir dos números): é o da modulação para a tônica relativa, uma passagem raramente encontrada nos clássicos, mas freqüente nos anteriores. As diferenças aqui são gritantes: André, 17,6%; Jesuíno, 16,9%; Pergolesi, 20% (alta incidência, portanto). Mas em Lobo de Mesquita e José Maurício a porcentagem cai demais: respectivamente 3,6% e 1,2%.

PAULISTAS, MUSICALMENTE MAIS RICOS

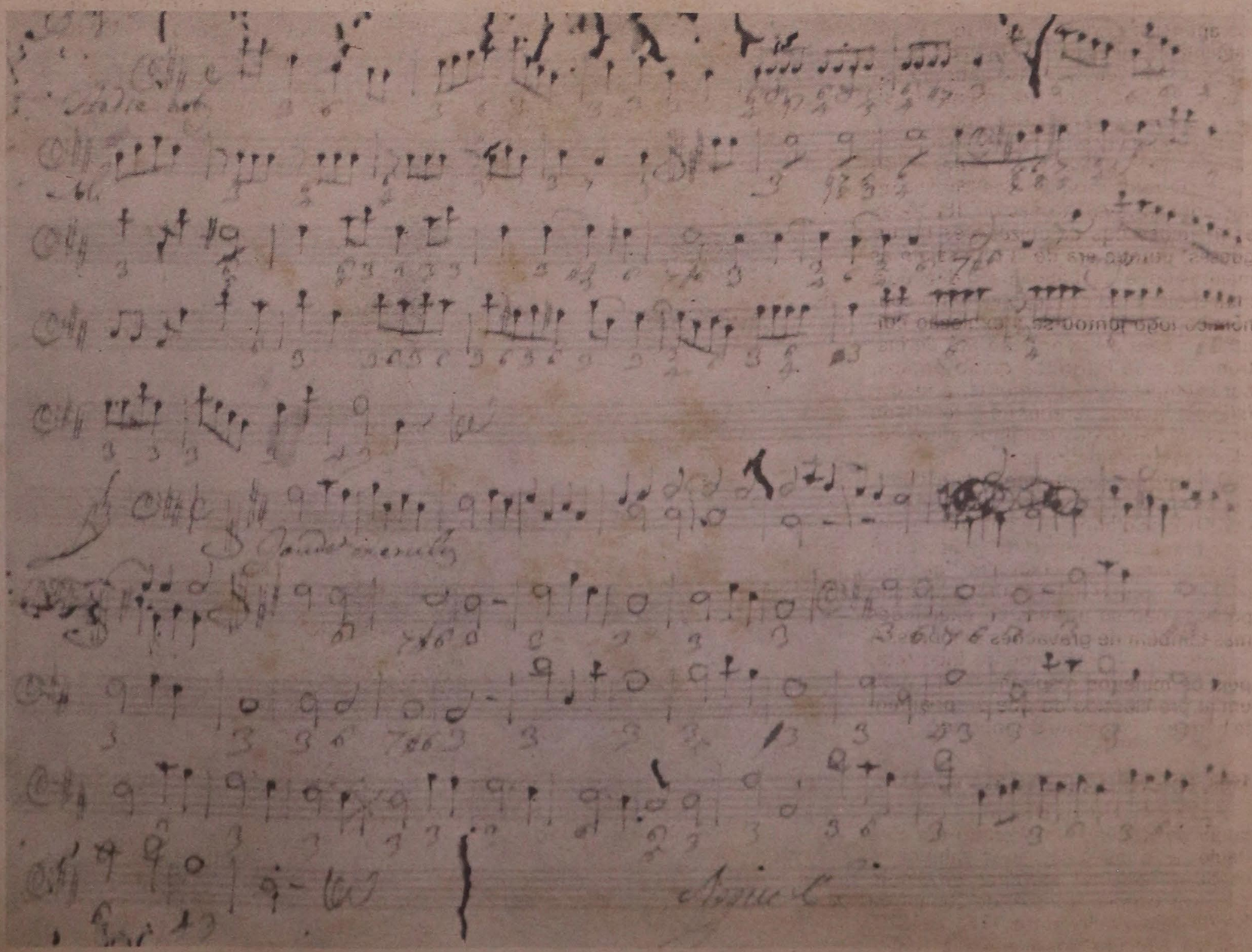
Descartando definitivamente o reino das impressões subjetivas e do "achismo", as pesquisas objetivas de Régis Duprat conduzem a uma só conclusão: os compositores paulistas coloniais trabalhavam, sem dúvida, com um vocabulário musical infinitamente superior ao dos mineiros. E não vai aí nenhum demérito a estes. Apenas se estabelecem, de uma vez por todas, os universos estilísticos em que cada comunidade de músicos transitava.

Assim, é próprio do barroco e do pré-classicismo europeu o gosto pelas modulações e pela orgia sonora, visto que a estrutura formal de suas obras era simples em relação ao clássico (estamos falando dos compositores europeus). Por outro lado, os clássicos, como a primeira fase de Haydn (até 1770), tendo a ampará-los a novíssima estrutura da forma-sonata, abandonaram a orgia de modulações, enriquecendo suas composições através do sólido esquema sonata.

Não seria injusto afirmar — diante de pesquisas tão seriamente efetuadas — que os compositores paulistas sem dúvida assimilaram de seus modelos barrocos e pré-clássicos toda a extrema agilidade que proporciona ao discurso musical a tendência à grande utilização de modulações. Por outro lado, os mineiros ficam em posição nitidamente inferior, por dois motivos: 1) abandonaram o gosto pelas modulações, permanecendo durante trechos inteiros de suas obras em encadeamentos bastante simples, tipo tônica-dominante-tônica; 2) mas, ao assumirem as estruturas clássicas, não tiveram a inventividade dos europeus para superar a sensação de monotonia que causam essas seqüências tônica-dominante através do cerrado uso da forma-sonata.

Estrategicamente, Régis Duprat prefere não avançar a este ponto em suas conclusões: "Atualmente, estou mergulhado nos grandes teóricos europeus dos séculos 17 e 18 para poder determinar com precisão as fontes dos compositores brasileiros coloniais em todas as suas nuances." Entretanto, as conclusões impõem-se objetivamente. E quem sabe estimulem órgãos oficiais a de fato subsidiar a recuperação da produção musical de São Paulo no Brasil Colônia.

• A *Missa a Cinco Vozes*, de André da Silva Gomes, sob a direção do maestro Claudio Santoro, foi gravada em julho deste ano com coro e orquestra formado por cantores e músicos que atuam nos vários grupos musicais de Brasília. O disco será distribuído em dezembro como brinde da BASF.



Original da partitura da *Missa a Cinco Vozes* de André da Silva Gomes, também reproduzida na capa.

ARTES PLÁSTICAS

Cicillo Matarazzo plantou a semente que projetou o Brasil no mundo das artes.

As novidades da próxima Bienal

texto de Ivo Zanini

Para começar, um esquema diferente: as aulas serão agrupadas por temas e não por países. Mas a grande atração será a Arte em Videotexto, com a participação do público.

Sempre polêmica, a 17.ª Bienal de São Paulo, a abrir-se dia 14 de outubro no Parque Ibirapuera, terá mais de 1.000 obras de 43 países. Em seus 30 mil metros quadrados, divididos em três gigantescos pavimentos, a exposição internacional, como a anterior, deverá primar pelas obras estáticas. Ou seja, poucos trabalhos exigirão a participação do público para que ganhem movimentos ou ritmo.

Os grandes espaços da mostra destinar-se-ão essencialmente a aglutinar obras de linguagens análogas, não importa a origem dos artistas. Isso significa que os visitantes percorrerão as salas e nelas encontrarão trabalhos temáticos aproximativos, ficando lado a lado, assim, obras do Brasil, do Japão, da Argentina ou da África: deixaram de funcionar os pavilhões representativos dos países.

Mas nem toda a Bienal seguirá esse esquema. Uma parte do local será ocupada com mostras históricas, e outra servirá para apresentar as mais avançadas pesquisas tecnológicas, mídias e vídeo. Pouco mais de 200 expositores brasileiros e estrangeiros vão competir nas mesmas proporções. São esperadas contribuições diversificadas e, mais do que isso, projetos dos mais avançados em linguagens pouco usadas. O lado histórico não faltará: virão individuais do italiano Manzoni, do holandês Bram Van Velde e do norueguês Per Kleiva.

Deles, o holandês é apontado como um dos mais curiosos. De fato, Velde (1895-1981) em toda sua vida pintou unicamente 80 quadros. Nunca se ligou a nenhuma tendência. O dramaturgo Samuel Beckett (autor de *Esperando Godot*) certa vez disse sobre o artista: "Penso que Van Velde é o primeiro a admitir que ser artista é fracassar como nenhuma outra pessoa jamais ousou fracassar; ou o fracasso constitui seu universo, recusa à deserção, às artes e ofícios, à casa bem arrumada, ao seu viver."

O próprio pintor afirmou: "Eu sou milhares de peças: pintando, de certo modo, eu me junto." Ou então: "Não sei o que faço. O que ponho num quadro não é o resultado de qualquer ato de desejo. Não sei o que significa." Ou ainda, filosoficamente: "Não tenho nada no bolso ou nas mãos. Onde deveria esconder o que necessito?"

Bram Van Velde viveu muitos anos na Alemanha. Depois, em Paris pinta no gênero fauvista, mas poucos reconhecem seu trabalho. Participa de alguns certames e realiza algumas individuais. Também participou de uma Bienal de São Paulo. Mas somente de uns tempos para cá sua obra vem merecendo um estudo mais profundo da crítica.

O BRASIL

O Brasil homenageará, com um amplo espaço, o irreverente e criativo Flávio de Carvalho, em mostra evocativa dos 10 anos de sua morte. O eclético artista será revivido através de retrospectiva, envolvendo desde pinturas e esculturas até cenografias, trajes e projetos arquitetônicos. Figurará na mostra, também, a famosa e dramática série de desenhos em que Flávio desenhou a agonia de sua mãe no leito onde faleceu. A escolha desse artista pela Fundação Bienal fica justificada pelo fato de haver ele dado importante contribuição ao desenvolvimento da arte contemporânea e, ainda, por se ter dedicado a múltiplas experiências nos mais variados campos das artes.

O Brasil também estará em evidência com a apresentação de trabalhos em videotexto, projeto coordenado pelo artista e pesquisador Júlio Plaza, dele tomando parte outros 30 especialistas no gênero. Nosso país terá ainda a participação, nas salas gerais por analogia temática, de 19 outros artistas convidados, entre eles Genilson Soares, Mário Cravo Neto, Luís Paulo Baravelli, Tomoshige Kusumo, Rezende e Lydia Okumura, esta última fixada há cinco anos em Nova York. E o público presente à 17.ª Bienal poderá entrar em contato com a Arte Plumária Brasileira, reunindo cerca de 400 peças de uso comum de 39 grupos tribais, recolhidas em várias regiões brasileiras. Todos os objetos têm plumas, penas e penugens, de múltiplas cores, oriundas de araras, gralhas, pavões, papagaios, patos, gaviões e outras aves. Foi organizada pelo artista Norberto Nicola, com apoio de quatro museus. Considerada exposição satélite, essa mostra ficará próxima de duas outras, a de Arte Aborígene Australiana e a de Cerâmica Pré-hispânica da Colômbia.

A 17.ª Bienal de São Paulo ficará aberta durante dois meses, encerrando-se dia 18 de dezembro. Seu custo está estimado em um bilhão de cruzeiros. Um catálogo geral, em dois volumes, enfocará todos os artistas presentes ao certame; também estão em preparo catálogos dos principais eventos paralelos à Bienal, como as salas especiais da Arte Plumária, videotexto, Flávio de Carvalho etc.

ESTADOS UNIDOS: RECUSADOS

Os Estados Unidos não participarão da 17.ª Bienal. Apesar de terem preparado uma grande exposição, o Conse-

"Figuras", de Flávio de Carvalho, parte importante de sua retrospectiva.

"Retrato para Garcia Lorca", de Ingo Arnold, Alemanha Oriental.

Ano III • Número 27 • São Paulo, agosto de 1984

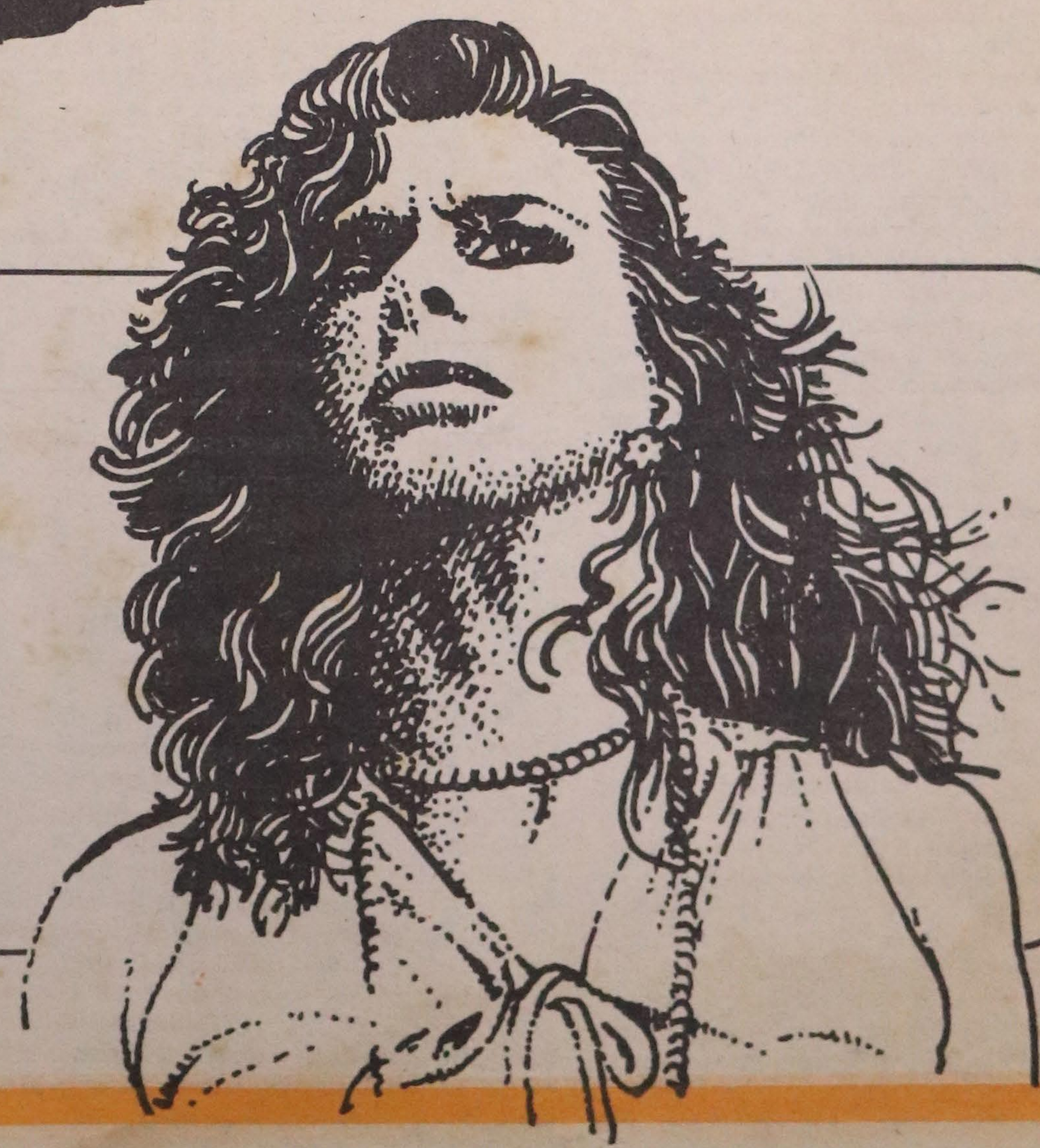
Publicação Cultural da Imprensa Oficial do Estado

NOSSA MÚSICA, NOSSOS MÚSICOS.

A história das atividades musicais em São Paulo, desde a música dos índios até hoje.

"Nós somos os novos Bárbaros"

O Brasil e a América Latina na periferia dos centros de poder.



MÚSICA

Enrico Caruso no Municipal em 1917.

Nossos músicos, nossa música.

Luís Ellmerich

Começando com as manifestações musicais dos índios à época do descobrimento, e chegando até a construção do Teatro Municipal, este artigo dá a visão panorâmica das atividades musicais de São Paulo durante mais de quatro séculos.

Os instrumentos musicais usados pelos indígenas eram dos mais primitivos — diversos tipos de chocalhos, trombetas de madeira, flautas de bambu, de ossos humanos ou de animais. As músicas, pobres de melodia e monótonas; as danças de coreografia rudimentar. Os jesuítas, logo após o descobrimento do Brasil, notaram a boa disposição dos índios para a música. Manuel da Nóbrega dizia: "Com a música e a harmonia me arrisco a atrair todos os indígenas." Os padres ensinaram-lhes então o cantochão para as festas religiosas e a tocar flauta e viola. Simão de Vasconcellos diz o seguinte a respeito das aptidões dos nativos: "São afeiçoadíssimos à música e os que são escolhidos para cantores de igreja prezam-se muito do ofício e gastam os dias e as noites em aprender e ensinar outros. Saem destros em todos os instrumentos — charamelas, flautas, trombetas, baixões, cornetas e fagotes. Com eles beneficiam em canto de órgão vésperas, missas, procissões tão solenes como entre os portugueses."

Os primeiros historiadores do Brasil, o alemão Hans Staden e o francês Jean de Léry, são unânimes em apontar a atração que a música exercia sobre os índios. Hans Staden chegou em São Vicente no ano de 1551 e devido aos seus conhecimentos de artilharia foi contratado pelas autoridades coloniais para comandar o fortim construído em Bertioga, em frente à Ilha de Santo Amaro. Em fins de 1543 ou início de 1544 tornou-se prisioneiro dos tupinambás durante nove meses, sendo libertado pela tripulação de um barco francês. Tendo permanecido durante quatro anos e dois meses no Brasil, arguto observador, publicou ao retornar à Alemanha, em 1557, seu livro *Reisen nach Brasilien*, onde descreve como as índias de Ubatuba colocaram diversas espécies de chocalhos no seu corpo e o obrigaram a dançar de acordo com o canto executado pelas mulheres que formavam um círculo fechado ao redor dele. Em outros trechos refere-se a maracás, instrumentos musicais sagrados, às orgias e às danças dos selvagens.

O francês Jean de Léry, discípulo de Calvino, em Genebra, chegou ao Brasil em 1557 para colaborar na colonização francesa, dirigida por Villegaignon. Voltando no ano seguinte, publicou *Viagem à Terra do Brasil*, fazendo também referências a instrumentos musicais e danças.

Em 1550, o Padre Leonardo Nunes, chamado Aberabebé (Padre Voador) pelos indígenas, instala a primeira escola em São Vicente, onde também se ensinavam canto e flauta com a colaboração do Padre Antonio Rodrigues. Fundado o Colégio de Piratininga em 1554, o jesuíta Antonio Rodrigues foi ali o primeiro mestre de música. José de Anchieta não somente traduziu para o tupi orações e textos, necessários à catequese, como escreveu também peças teatrais, compondo a respectiva música, onde os índios representavam, cantavam e tocavam. Empregou ainda o caterete, dança típica dos indígenas, para ser executado nas festas de Santa Cruz, Espírito Santo, N.S. da Conceição e São Gonçalo.

Instrumentos africanos

A partir de 1538, vieram para o Brasil as primeiras levas de negros africanos, trazidos como escravos. Os instrumentos desses africanos eram, na quase totalidade, de percussão. As suas músicas caracterizam-se pelo ritmo sincopado; as danças são sensuais ou violentas. Todos esses povos africanos tinham nível cultural superior ao do aborígene brasileiro. Enquanto o indígena foi impiedosamente dizimado pelo invasor branco e, conseqüentemente, cada vez mais afastado do litoral do País, o negro, devido ao seu convívio com os brancos e à inevitável mestiçagem, foi adquirindo costumes e conhecimentos dos seus senhores, incluindo aí a música européia. Esta, no início portuguesa, logo é enriquecida por elementos espanhóis e árabes. Durante os séculos VIII-XV, a Península Ibérica esteve parcialmente sob dominação dos mouros. De 1580 a 1640, o Brasil foi colônia espanhola, pois nesse período Portugal pertencia à Espanha. A "guitarra mourisca", trazida pelos espanhóis, tornou-se o instrumento mais popular no Brasil — o violão. Os bandeirantes, nas suas entradas pelo sertão, apenas usavam tambores.

A música erudita

Em 1659 já há notícias sobre a existência de mestres-de-capela nas igrejas matrizes de Itu, Parnaíba e Sorocaba. Um dos primeiros mestres-de-capela da Matriz de São Paulo foi Manuel Vieira de Barros, nomeado em 1657. No século XVIII estava em vigor em todo o Brasil o Código Filipino, no qual constava a proibição de "dar música de noite", isto é, não eram permitidas as serenatas. Segundo o historiador Francisco Nardy Filho, Antonio Machado de Passo, falecido em 1701, foi o primeiro mestre-de-capela de Itu, dirigindo naquela cidade uma orquestra de gente branca e uma banda de homens de cor. A partir de 1740, André de Mouro, professor, regente de banda e mestre-de-capela da Matriz de Santos, foi a figura mais destacada na vida musical da cidade. Lá, em 1764, nasceu o Padre Jesuíno de Monte Carmelo, músico, pintor, arquiteto e entalhador improvisado. Jesuíno Francisco de Paulo Gusmão (seu nome completo), de pai incógnito, teve por mãe uma parda forra, sobrinha-neta de Bartolomeu Gusmão, o célebre Padre Voador. Suas composições, todas de estilo sacro e escritas para festas litúrgicas em Itu, desapareceram por completo. Faleceu ele naquela cidade em 1819, um ano antes da inauguração da Igreja do Patrocínio, planejada por ele.

Mais ou menos na mesma época registram-se as atividades de Bento da Costa, mestre-de-capela em Mogi das Cruzes, compositor e harpista. Um recenseamento feito em São Paulo no ano de 1768 revela a existência de Joaquim da Cunha, mulato, "oficial de violas", provavelmente o primeiro fabricante de instrumentos musicais paulista. Das procissões de comemorações religiosas constavam danças dos oficiais mecânicos, dos padeiros, das quitandeiras etc.

A Casa da Ópera, no Pátio do Colégio em São Paulo, foi construída durante o governo de Bernardo de Lorena (1788-97) e sua inauguração se deu em 1793. Tinha 28 camarotes em três ordens e uma lotação de 350 lugares. A denominação não significa que nas chamadas "casas de ópera" se realizavam somente espetáculos líricos; destinavam-se à arte de representação em geral.

No último quartel do século XVIII, quando a população de São Paulo não passava de seis mil habitantes, instalou-se a sede de bispado. O primeiro mestre-de-capela da Sé da Capital foi o Padre Matias Alvares Torres. O terceiro bispo, Dom Manuel da Ressurreição, contratou André da Silva Gomes para o mesmo cargo, já na nova Sé, com o salário anual de 40 mil-réis. Nascido em Lisboa no ano de 1752, conheceu certamente as obras dos compositores contemporâneos. Na Sé contava com o organista Ignácio Xavier de Carvalho, um coro de rapazes e músicos dos seguintes instrumentos: violino, violoncelo, contrabaixo, clarinete, fagote e trompa. Lecionou música e, mais tarde, latim, começando cedo a compor música sacra, destacando-se a Missa a 8 Vozes e Instrumentos (cordas, órgão e 2 trompetes), descoberta e restaurada por Régis Duprat, professor da Universidade Estadual de São Paulo (Unesp). O estilo da Missa é o característico da época. Depois da restauração, foi executada em maio de 1970, por ocasião da inauguração do Museu de Arte Sacra, no Convento de N.S. da Conceição da Luz. Um dos alunos de André da Silva Gomes foi Manuel José Gomes, pai de Carlos Gomes. O mestre-de-capela faleceu em 1844 com mais de 90 anos de idade.

O primeiro piano

Segundo o historiador Pereira da Costa, o primeiro piano chegado ao Estado de São Paulo, de fabricação austríaca, foi encomendado pelo Vigário de Porto Feliz, Padre André da Rocha e Abreu, tendo uma verdadeira entrada triunfal naquela cidade em 1820.

Está comprovado que a Igreja de Embu possui o órgão mais antigo existente no Estado de São Paulo. A Irmã Odete de Souza Carvalho, superiora geral da Congregação das Irmãs de Maria Auxiliadora e superintendente da fundação homônima, numa reportagem feita por mim em 1964, declarou que encontrou o instrumento em 1947, em péssimo estado de conservação. É órgão de quatro oitavas, funcionando com fole de pedal. Chamado o maestro Furio Franceschini, mestre-de-capela da Catedral de São Paulo, ele confirmou a autenticidade do órgão, que data do século XVII.

As modinhas

Dos vários conceitos referentes à origem da modinha, podemos afirmar o seguinte: Os primeiros colonizadores portugueses trouxeram a "canção romântica", que tem a sua origem nos trovadores da Idade Média, mas com caráter árabe. No Brasil passou a ser chamada "moda" ou "modinha", modificando-se com o correr do tempo.

Com a vinda de Dona Leopoldina, arquiduquesa austríaca e, mais tarde, primeira imperatriz do Brasil, muitos cientistas europeus chegaram ao País, entre eles os alemães Spix e Martius. Ao voltarem à Europa, publicaram sua notável obra *Reise in Brasilien (1817-20)*, em Munique, no ano de 1823. Dela constam reproduções de cantigas brasileiras e melodias indígenas. Quatro delas foram registradas em São Paulo: "Acaso são estes", com versos de Tomás Antônio Gonzaga *(Lira V de Marília de Dirceu)*, "Escuta, formosa Márcia", "Qual será o feliz dia" e "Perdi o rafuro na enchente".

O Hino da Independência

Segundo todas as aparências, este hino não é outro senão o "Hino Constitucional" com letra e música de Dom Pedro I, e executado pela primeira vez em 24 de agosto de 1821. A letra de Evaristo da Veiga data de 16 de agosto de 1822 e foi, presumivelmente, encaixada após a Proclamação da Independência (7 de setembro de 1822). Muitos livros registram que Dom Pedro I compôs o hino no próprio dia 7 de setembro, o que é pura lenda. Naquele dia, o príncipe chegou a São Paulo após uma cansativa viagem, subindo a Serra do Mar, vindo de Santos. Dadas as circunstâncias, seria impossível compor o hino em poucas horas para ser ensaiado e cantado à noite na Casa da Ópera, situada no atual Pátio do Colégio, no lugar onde se acha o Tribunal de Alçada.

Os velhos teatros

Na década 1860-70 funcionou nos baixos do Palácio do Governo um pequeno teatrinho e outro na Rua da Cruz Preta (hoje Quintino Bocaiúva), instalado pelo português Batuíra, ocupado principalmente por estudantes.

Ao lado: chegada dos instrumentos para a inauguração do Teatro Municipal, em 1911.
Embaixo: no segundo dia da fase mais polêmica do Municipal, a Semana de Arte Moderna, em 1922, Menotti Del Picchia saúda Guiomar Novais.

Após um longo e complicado período de construção, surgiu, no lugar onde hoje se situa a Praça João Mendes, o Teatro São José. Na sua segunda inauguração levou-se à cena a ópera "Lucia de Lammermoor", a cargo de uma companhia lírica italiana. Registraram-se recitais, concertos e peças teatrais com a participação de Emilio Lago, dos pianistas Louis Gottschalk e Arthur Napoleão, e do poeta Castro Alves em companhia da empresária e atriz Eugênia Câmara. Foi um incêndio que causou o fim do Teatro São José. A partir de 1873, funcionou na Travessa Boa Vista o Teatro Provisório, onde se realizavam temporadas líricas, além da apresentação de companhias de operetas e zarzuelas. O prédio, mudando de nome para Teatro Minerva e depois Teatro Apolo, foi demolido em 1897. O maior teatro do século passado na cidade de São Paulo foi o Politeama, localizado na Rua São João, onde hoje está a passagem do Anhangabaú. Lá cabiam 3 mil pessoas e às vezes funcionou como café-concerto, abrigando também espetáculos de circo. Em 1908, uma companhia alemã de operetas estreou "Viúva Alegre", "O Morcego", "Sonho de Valsa" etc. Também duas óperas tiveram lá a sua estréia em São Paulo, a russa "Boris Godunov", de Mussorgski, e a portuguesa "A Serrana", de Alfredo Keil. Moderno para a época, no lugar do antigo Teatro Provisório, surgiu, em 1900, o Teatro Santana, onde os paulistanos apreciaram pela primeira vez a ópera "Tosca" de Puccini e assistiram a um recital do famoso pianista e compositor polonês Ignaz Paderewski. O Teatro Colombo, no Brás, foi inaugurado em 1908. Pietro Mascagni regeu lá sua ópera "Amica", hoje completamente desconhecida, pois suas mais famosas e sempre em cartaz são "Cavalleria Rusticana" e "Amico Fritz". O novo Teatro São José, localizado junto ao velho Viaduto do Chá, onde hoje se acha o prédio da Eletropaulo, iniciou suas atividades em 1909.

Por coincidência, o redator deste histórico atuou como pianista ou regente nas últimas temporadas de teatros logo desaparecidos. São eles o Cassino Antarctica, que fechou em 1945 com a Companhia de Revistas de Beatriz Costa — Oscarito; o Teatro Boa Vista, na rua do mesmo nome, demolido em 1947, após uma série de espetáculos da mágica "Cleópatra". A última companhia nacional de operetas, a dos Irmãos Celestino, encerrou o Teatro São Paulo com "Sonho de Valsa". Finalmente, o Teatro Santana abrigou como última companhia a Revista "Romeria", procedente da Argentina, no ano de 1957. Também os grandes cinemas, como Odeon, Oberdan, Politeama etc. serviram para espetáculos teatrais.

O Teatro Municipal

Em 1900, a população de São Paulo atingiu cerca de 200 mil habitantes e se fazia necessário construir um teatro novo e moderno. Após diversos projetos para o respectivo local do futuro Teatro Municipal, adquiriu-se, em 1902, um terreno, localizado em frente à Rua Barão de Itapetininga, pelo preço de 638 contos de réis. Na ocasião, o conselheiro Francisco de Paula Rodrigues Alves era o presidente do Estado, sendo prefeito o conselheiro Antonio Prado. Para a construção, que teve início em junho de 1903, elegeu-se um grupo de arquitetos, tendo à frente o engenheiro Francisco de Paula Ramos de Azevedo. O custo total das obras chegou a 4.500 contos de réis. A inauguração foi no dia 14 de setembro de 1911, abrindo-se o espetáculo com a protofonia da ópera "Il Guarany", de Carlos Gomes.

A companhia lírica que inaugurou o teatro veio do Colón, de Buenos Aires, e foi o próprio barítono Titta Ruffo que insistiu na escolha da primeira ópera — "Hamlet" — de Ambroise Thomas, estreada em São Paulo no ano de 1886, no Teatro São José. Em 1917 o tenor Enrico Caruso pisou pela primeira vez o palco do Teatro Municipal. Tinha na ocasião 44 anos de idade e participou de sete óperas. Um ano mais tarde, surgiu a famosa contralto Gabriela Besanzoni e, em 1919, São Paulo conheceu a soprano Zola Amaro, natural de Pelotas, cantora que mais tarde obteve renome internacional. Em 1920 apresentaram-se três artistas de fama mundial, o regente alemão Felix Weingartner e os tenores Beniamino Gigli — com 30 anos de idade — e Lauri-Volpi. O ano de 1924 deu destaque a artistas nacionais. Veio o barítono Silvio Vieira, o jovem Francisco Mignone regeu sua ópera "O Contratador de Diamantes" e estreou-se a ópera "A Bela Adormecida", de autoria de Carlos de Campos, na ocasião presidente do Estado de São Paulo. No ano seguinte cantou pela primeira vez em São Paulo Bidu Sayão, no papel de Gilda, na ópera "Rigoletto" de Verdi.

Várias

Ciro Mendes, na sua *Breve Notícia do Teatro Municipal*, se refere a anúncios publicados na imprensa local, onde as Casas Hasson e Michel recomendam "artigos importados da Europa" para a inauguração do Teatro em 1911. Escreve que durante a I Guerra Mundial foi apresentada a ópera "Lo Schiavo" sem despertar interesse do público. E estávamos então em plena efervescência nacionalista. Ainda que ouvida aqui apenas duas vezes, a ópera de Carlos Gomes, não destituída de belezas, foi levada à cena para uma casa Candido Motta, secretário da Agricultura. E é com ironia que um crítico observou: se fosse a "Casta Susana" ou o "Conde de Luxemburgo", o Governo compareceria *au complet*. Nos primeiros anos funcionou, no Teatro Municipal, bem freqüentado bar. Também os bailes oficiais de carnaval se realizavam no recinto. Notável na crônica artística da cidade foi a Semana de Arte Moderna em 1922, com a presença atuante de Mário de Andrade, Menotti del Picchia, Guiomar Novais, Villa-Lobos etc. Aliás, Villa-Lobos, considerado um revolucionário na moderna música, surgiu no palco de chinelos, evidentemente mal recebido. O motivo, porém, foi um ferimento no pé.

A Reforma do Teatro

No meu livro *História da Dança*, registro o seguinte: "Os festejos do IV Centenário da cidade de São Paulo, que se iniciaram em 25 de janeiro de 1954, foram planejados com extraordinária grandiosidade e os majestosos edifícios construídos no Parque Ibirapuera continuam como testemunhas eloqüentes do gênio criador dos paulistanos. O Teatro Municipal, fechado havia tempo, deveria ser inaugurado com os espetáculos do "Ballet do IV Centenário". Justamente neste ponto aconteceu o inacreditável e sumamente deplorável. Devido às mudanças de prefeitos e rivalidades políticas entre os governos estadual e municipal (prefeito Jânio Quadros), dos quais a Comissão do IV Centenário, presidida pelo poeta Guilherme de Almeida, dependia financeiramente como autarquia, a reforma do teatro ficou paralisada. Devido à suntuosidade do programa elaborado, não foi possível transferir os espetáculos para o Teatro Santana (na Rua 24 de Maio), única casa que eventualmente poderia abrigar o balé. Para não privar os paulistanos de conhecerem o "seu" conjunto de bailado durante o ano do centenário, considerando ainda a luta contra toda espécie de obstáculos e as enormes despesas já feitas, improvisou-se um palco no ginásio do Pacaembu. Lá, no mês de novembro, apresentou-se com grande sucesso "Deliciae Populi" (música de Alfredo Casella) e "Fantasia Brasileira", cuja partitura musical foi especialmente encomendada ao maestro Souza Lima, os únicos dois bailados adaptáveis às condições do local. A verdadeira estréia do conjunto, no entanto, se deu em 8 de dezembro de 1954 no Teatro Municipal do Rio de Janeiro."

Aliás, a reforma do Teatro Municipal de São Paulo continua incompleta. Até hoje faz falta a instalação de ar condicionado, e as poltronas, revestidas de veludo, não são apropriadas ao nosso clima.

Intermezzos zoológicos

Numa apresentação da ópera "Aida", aproveitou-se a presença de um grande circo em São Paulo para pedir emprestado um elefante, como exige o libreto. Realmente, o animal deu a "nota" necessária a um ambiente africano. O inesperado foi o seu comportamento, pois ele suspendeu as saias das coristas. Os gatos, ainda hoje numerosos no Parque do Anhangabaú, também demonstraram seu interesse para participar dos espetáculos. Numa ocasião, um deles surgiu no palco, querendo cantar um "dueto" com a soprano Niza de Castro Tank. Condenável ao extremo é outro acontecimento, há poucos anos. Num espetáculo da chamada "vanguarda", indigno de ser apresentado no Teatro Municipal, um dos participantes esvaziou a bexiga na presença do público!

Luís Ellmerich é autor da *História da Música* e *História da Dança* e redator do *Jornal da Música* de São Paulo.

LITERATURA POLICIAL

Mocinhos X Bandidos

De *O Mistério*, de 1920, a *Algemas de Carne*, em 1984, a literatura policial brasileira caminha por altos e baixos, pouco conhecida e pouco prezada pela crítica. A trajetória desse ramo pouco divulgado da nossa literatura é o objeto deste pequeno ensaio, que tem o mérito de ser o primeiro levantamento sistemático do tema.

Leda Rita Cintra Ferraz
Ilustração de Regina Montenegro

Depois que fecharam a pastelaria, o ratão albino Voltaire foi habitar um canto do escritório de Mort. Ed Mort, detetive particular de Luís Fernando Veríssimo. Às vezes, o ratão desaparece, para logo voltar. Voltaire sempre volta, constata com incrível espírito dedutivo o personagem.

Mesmo duzentos anos depois de sua morte.

Mas, nos idos de 1740, Voltaire freqüentava os salões parisienses. E a Duquesa du Maine, como uma das musas de Molière, recebia em sua casa intelectuais para jogos literários. Voltaire, perdedor de um desses jogos, recebeu como castigo a tarefa de escrever um conto. E nasce Memnon, História Oriental, publicado em Londres em 1747 e, um ano depois, republicado em Paris com o nome de *Zadig ou Destino*.

E o destino quis que Voltaire, através de seu personagem Zadig, criasse o primeiro detetive a aplicar o raciocínio dedutivo na resolução de seus casos.

Porém, nem Zadig é um verdadeiro detetive, pois só apresenta seus talentos em um episódio do conto, nem este é policial. E muito menos Voltaire voltou a praticar nenhuma obra no gênero.

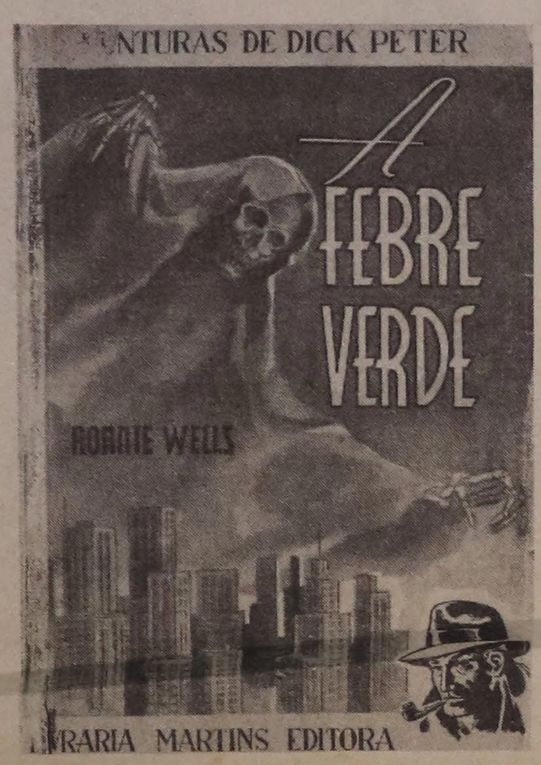
Entretanto, quase um século depois de Zadig, Edgar Allan Poe começa a publicar a obra que o tornaria o mestre conhecido de todos. Já em seu livro *Os Crimes da Rua Morgue*, apresenta-se C. Auguste Dupin, e está realmente lançando o detetive como viríamos a conhecer até hoje. O personagem para o qual a ação está em segundo plano, que deve resolver os casos através da inteligência, empregando um lógico raciocínio dedutivo e não mais através da força. Os livros não são mais de aventura e ação, mas de suspense e mistério.

Mistério que atinge até mesmo alguns escritores, como Émile Gaboriau, ou as datas que se referem ao seu nascimento e à publicação de sua primeira obra. Armand Lanoux afirma que o escritor nasceu em 1835 e seu primeiro livro data de 1863, enquanto Boileau-Narcejac afirmam que ele nasceu em 1832 e que o lançamento de seu livro se deu em 1866. O certo, entretanto, é que Poe ganhou um seguidor em Gaboriau quando este, não importa exatamente em que ano, lançou, em forma de folhetim no jornal *Le Pays*, sua primeira obra: *L'Affaire Le Rouge*. E nós ganhamos o primeiro detetive a usar o método dedutivo em romance, com o aparecimento, na mesma obra de M. Lecoq.

Afinal, que importância pode ter para os brasileiros a exatidão perfeita dessas datas se enquanto a Europa e a América já tinham Edgar Allan Poe, Émile Gaboriau, Connan Doyle, Agatha Christie e outros grandes escritores policiais, no Brasil só havia ... silêncio?

O mundo já estava se aproximando de sua idade de ouro da ficção policial (1925/1935), e o Brasil ainda não se pronunciara.

Porém, em 1920, um quarteto formado pelos escritores Viriato Correa, Afrânio Peixoto, Coelho Netto e &., lança o brado de guerra brasileiro, com o primeiro policial nascido em nossas plagas, *O Mistério*. Na realidade, a obra teve até dia certo para nascer — 20 de março de 1920, visto o fato de que foi lançado primeiro em forma de folhetim, no jornal paulista *A Folha*, do qual Medeiros e Albuquerque era diretor. E está resolvido o primeiro mistério do livro: Medeiros e Albuquerque era o & que completava o quarteto. Entretanto, os mistérios imprevistos da obra não param aí. Cada autor deveria escrever um capítulo por dia e Viriato Correa termina fazendo Pedro Albergari a confessar o crime que praticara, embora Medeiros e Albuquerque o considerasse perfeito.



Dick Peter, o primeiro detetive brasileiro do gênero.

Com Algemas de Carne, Otávio Ribeiro rompe a barreira do maniqueísmo.

Finalmente, em meio a tantos percalços o livro ganhou ares mais humorísticos do que realmente policiais. O que, entretanto, não desagradou o público que, em menos de três anos, o transformou em um sucesso. E nem desanimou Medeiros e Albuquerque que, já em 1926, volta a insistir no gênero publicando o livro *O Assassino do General*, de contos policiais e, em 1932, o autor faz sua última tentativa, novamente com um livro de contos, desta feita intitulado *Se Eu Fôsse Sherlock Holmes*.

Entretanto, o que Medeiros e Albuquerque não poderia adivinhar é que, se nosso primeiro romance policial não dispensou o humor, muito menos o fizeram autores policiais que vieram muito tempo depois, como o já citado Luís Fernando Veríssimo que, através de seu detetive Ed Mort, traça o mais pungente retrato do detetive particular brasileiro. Ed Mort tem seu minúsculo escritório em uma galeria de Copacabana, em que a bagunça impera de tal forma que ele próprio já foi assaltado várias vezes. Assim, aos poucos vão sumindo sua coleção de canetas Bic, a plaqueta da porta que o identifica para o público e, finalmente, a própria porta do cubículo. A mesa e a cadeira ele tem de vender para poder comer. Seus clientes não lhe pagam pois são sempre mulheres e por elas se apaixona. Mas Ed Mort não deixa por menos e, em histórias que não chegam a ganhar sequer o corpo de um conto, decifra seus mistérios com implacável raciocínio dedutivo. Para consolá-lo de seus pesares, restam as baratas, suas críticas impiedosas, e o ratão Voltaire, que divide com ele seu último pedaço de queijo. Infelizmente, depois do livro *Ed Mort e Outras Histórias* (L&PM Editora, 1979), o autor não mais voltou a acionar esse personagem que corre o risco de se perder no esquecimento, junto com as baratas e o ratão albino Voltaire.

Esquecimento já mais próximo de Attila de Andrade que, com seu livro póstumo *Os 13 Suspeitos* (Ed. Record, 1974) lançava um detetive trapalhão permanentemente apaixonado.

Policiais satíricos parecem estar condenados, entre nós, a ter vida curta, pois tal foi também o triste fim de João Juca Jr., detetive carioca, do livro homônimo (José Álvaro Editora), de Sylvan Paezo. João Juca, quem diria, acabou na televisão. E, como não poderia deixar de ser, em seu rastro de morte, na extinta Rede Tupi.

Os meios de comunicação, entretanto, não se extinguiram por causa do detetive brasileiro, pelo contrário. Prova disso foi o grande sucesso alcançado por Ronnie Wells no rádio, em fins da década de 30 e década de 40. Jerônimo Monteiro conservou seu verdadeiro nome como escritor de ficção científica e até hoje os cultores do gênero reconhecem seu valor. Mas quem, na década de 40, leria Jerônimo Monteiro, autor de romances policiais brasileiros? Os editores queriam autores estrangeiros, em fase de grande vendagem, o público queria seus nomes em capas e lombadas de livros e o tempo era de guerra. Então Jerônimo Monteiro cedeu. Cedeu às imposições dos editores, às exigências do público, cedeu ao tempo de guerra. E seu nome a Ronnie Wells. E Dick Peter, o primeiro detetive brasileiro do gênero, viu-se privado de um nome nacional e teve de morar em Nova Iorque e conviver com gangs do Soho ou do Brooklin, quando não emprestava seus talentos dedutivos à luta contra bandidos japoneses ou alemães. Era o autor dando a seu público o que este queria. Um público arrebanhado pelo rádio, composto por ouvintes que queriam histórias ingênuas com pistas fáceis para a descoberta do criminoso. Entretanto, Ronnie Wells foi recompensado com a reedição de seus livros mais importantes como *O Homem do Pull-Over Cor de Vinho, A Febre Verde, O Homem Solitário* e também com a edição sucessiva de seis livros infanto-juvenis. O público aplaudia seus livros, seus programas de rádio e seus personagens com tal fragor que Dick Peter foi o único detetive brasileiro a ganhar um ilustrador. E, em 1947, chegou as histórias em quadrinhos pelas mãos de Abílio Correa, que publicou seus desenhos no *Diário da Noite*, em São Paulo. Obviamente, ouvintes de rádio não faltavam.

E tanto não faltavam que também as histórias de Roberto Ricardo, criação de Aníbal Costa, chegaram à outra rádio, desta feita a Mayrink Veiga. Esse detetive teve apenas dois livros: *Aventuras de Roberto Ricardo*, composto por duas novelas e uma terceira história já em estilo radiofônico e *Morte no Cassino*, ambos publicados pela editora carioca A Noite, na década de 40.

Embora não tenha alcançado o sucesso de Dick Peter nos livros, ainda assim no rádio Roberto Ricardo causava furor na voz de Alziro Zarur, que personificava também Sherlock Holmes e chegou a "escrever" histórias desse personagem para seu programa.

Entretanto, as glórias de ser considerado o primeiro detetive brasileiro ficaram mesmo com o doutor Leite. Seu criador, Luís Lopes Coelho, conservou o nome brasileiro e ambientou suas histórias em nosso clima tropical. Além disso o doutor Leite, a exemplo do M. Lecoq de E. Gaboriau, também era funcionário da polícia mas embora M. Lecoq tenha sido o primeiro detetive dedutivo de romance policial, Coelho jamais abandonou o conto em suas três obras: *A Morte no Envelope* (Ed. Civilização Brasileira, 1957), *O Homem que Matava Quadros* (Ed. Civilização Brasileira, 1961), e *A Idéia de Matar Belina* (Ed. Sabiá, 1968).

Entretanto, o mais brasileiro de nossos detetives já citados até aqui não esconde, pela sofisticação de seus policiais, a proximidade de seu autor com a tradição anglo-saxônica da ficção policial, nem seu parentesco com Perry Mason, de Erle Stanley Gardner, quer pelos aspectos legais, quer pelo impecável raciocínio dedutivo.

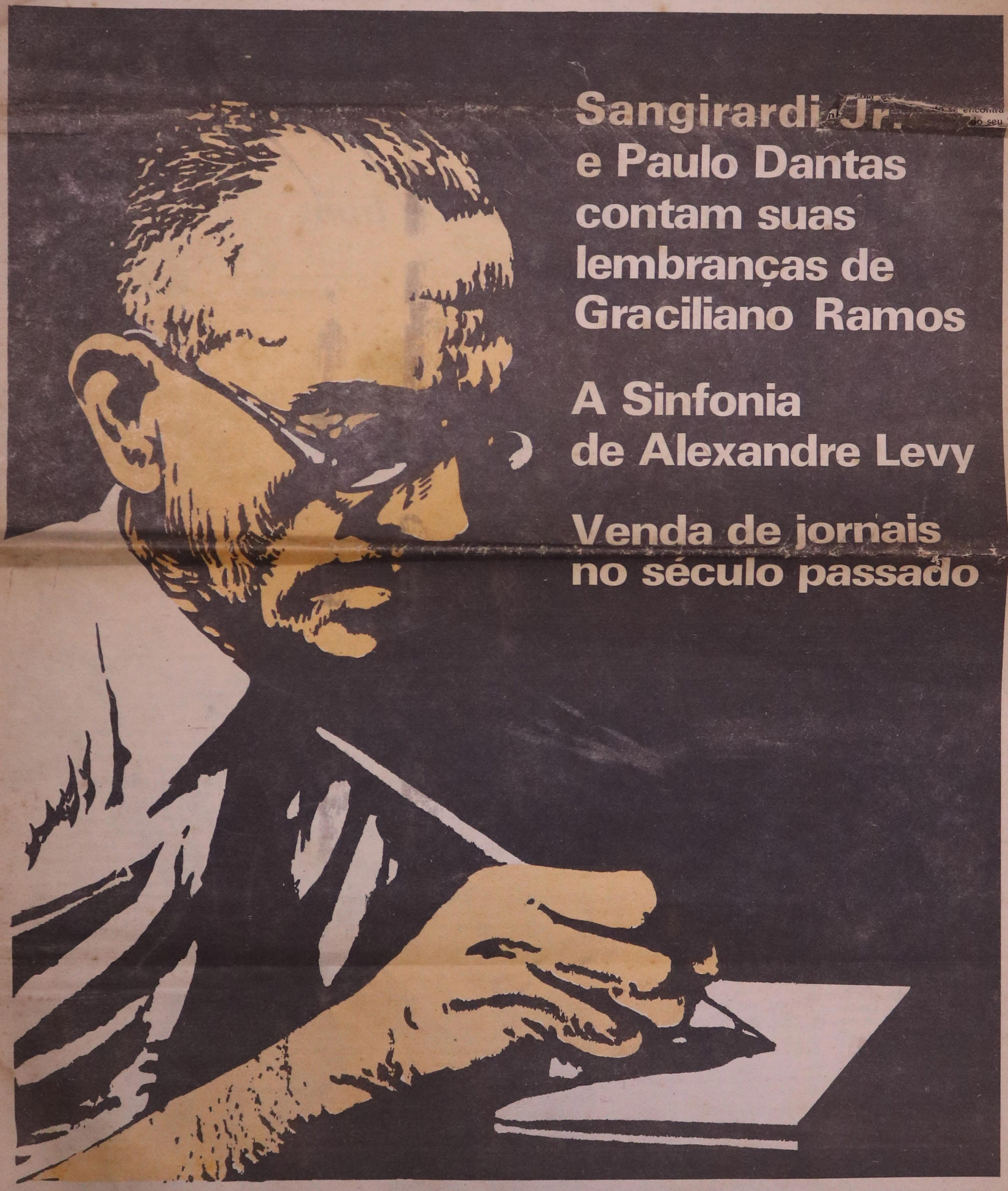
E Luís Lopes Coelho vai mais longe porque, ao quebrar duas das vinte regras de S.S. Van Dine, que condenam a confissão como meio para se descobrir o assassino e a possibilidade de mais de um criminoso em uma única história, ele se sai brilhantemente, apelando para um irresistível senso de humor, no conto *Correu Sangue na Estréia de Volpone*.

D.O. Leitura, São Paulo 5 (57) fev. 1987

D.O.

Leitura

Publicação Cultural da Imprensa Oficial do Estado



Sangirardi Jr. e Paulo Dantas contam suas lembranças de Graciliano Ramos

A Sinfonia de Alexandre Levy

Venda de jornais no século passado

O Carnaval da crise

Lembranças de Graciliano Ramos

Amargo, áspero, mal-humorado? Afável, generoso e bom? Embora tenha prevalecido a primeira hipótese, nem todos ficaram com impressão negativa de Graciliano Ramos. O DO Leitura apresenta depoimento de amigos seus, Sangirardi Jr. e Paulo Dantas, que falam sobre o homem Graciliano.

"Um homem afável, generoso e bom..."

Sangirardi Jr.

Nordestino de Quebrangulo, nas Alagoas, primogênito de uma ninhada de 15 filhos, Graciliano Ramos era antes de tudo um forte. Ao longo de sua vida, amarga e fecunda, resistiu a violentas borrascas e enfrentou impiedosas flagelações.

Era magro, ligeiramente arqueado. Os olhos castanho-escuros, que pareciam fitar ao longe, destacavam-se no rosto de xilogravura. Tinha grandes entradas, sobrancelhas espessas, orelhas um pouco cabanas, mãos ósseas, de dedos alongados, a direita segurando invariavelmente o cigarro.

•

Sempre que me lembro de Graciliano Ramos é fumando ou tomando a sua dose de aguardente. Bebia cachaça com a fleuma de quem toma leite, chá ou água mineral. Discreto, elegante, distinto, era um nobre em qualquer boteco. Nunca o vi embriagado, nem mesmo um pouco alto. Jamais elevava a voz, ainda que ao discordar do ponto de vista do interlocutor ou dando uma espinafração em alguém. Em Maceió, na casa de Pajuçara, à beira-mar, tinha sempre junto à mesinha de trabalho maços de cigarro e caixas de fósforo, uma garrafa de aguardente e um bule de café. Fumando, bebendo e tomando café, podia varar a noite escrevendo.

Registre-se que um escritor da sua importância, para viver, teve de trabalhar como revisor de jornal, remendando a prosa rota de redatores e articulistas. Revisor do "Correio da Manhã", descia a intervalos até um botequim das proximidades, para tomar uma talagada. Estava então na fase da bagaceira, em substituição do conhaque Palhinha, de Palmeira dos Índios e, depois, a cachaça. Paradoxalmente, no Rio Grande do Sul, terra da bagaceira, preferia uma horrível aguardente de cana, em lugar da bagaceira. Foi em Porto Alegre, durante o IV Congresso Brasileiro de Escritores (1951). Tinha então 59 anos. Mas continuava bebendo como um garoto. Ficava menos tempo nas sessões do Congresso, no salão nobre do IAPI, na Avenida Borges de Medeiros, do que num bar das imediações.

Era escritor cioso do estilo, da frase enxuta e correta. Dizia sempre que não era jornalista. A propósito, no último dia do Congresso, à tardinha, avisei que não podia ir ao nosso bar de costume, pois tinha de redigir minha tese sobre rádio: pela utilização do veículo em favor da cultura brasileira, da democracia e da liberdade. "Mas o Congresso termina hoje!" — exclamou, solidário, o velho Graça. "Não dá tempo!" Ponderei que ia bater rápido e apresentaria a tese na sessão noturna. Ele deu de ombros: "Vai ficar uma bosta." Ficou. Apesar disso, lida à noite pelo poeta Jorge Medauar, minha tese foi aprovada. (Deixei de ler, pessoalmente, porque fui encontrar Graciliano no bar de sempre.)

O uso do álcool como veículo de fuga e combustível mental talvez tivesse sua origem no episódio rememorado pelo escritor em Infância. Foi na fazenda de uma senhora idosa, amiga da mãe de Graciliano. Em meio a um grupo de moças, ele tomou vários cálices de licor, depois a garrafa inteira e, por fim, um copo de vinho com mel. Sentiu-se então forte, sem medo, feliz; até as botinas apertadas já não pareciam machucar os dedos e o calcanhar.

•

Uma tarde, ao encontrar Graciliano no Vermelhinho(1), tive, de piada, a idéia de saudá-lo assim:

— Boa tarde, beletrista.

A resposta veio em seguida:

— Beletrista é a puta que o pariu.

Sem fazer qualquer comentário, achamos a coisa engraçada. Daí por diante, espontaneamente, como se tivesse havido um acordo tácito, era só assim que nos cumprimentávamos: — eu chegando — Boa tarde, beletrista e ele, sentado, respondendo — Beletrista é a puta que o pariu.

Conto isso e pergunto: era esse o homem que tem sido apontado como sombrio e destituído de qualquer senso de humor? Aliás, vários adjetivos têm sido usados para rotular o caráter do velho Graça: irritadiço, amargo, áspero, mal-humorado, frio, rude, incivil, grosseiro, intratável... Um momento, senhores! Eu, que fui amigo dele, guardo lembrança apenas de um homem afável, generoso e bom. Vencida a timidez inicial, tornava-se convívio dos mais agradáveis.

Como era possível que o grande escritor gostasse de conversar com um modesto rabiscador de crônicas, anúncios e programas de rádio? Afinal de contas, na época, dele eu havia lido apenas Angústia. Logo, porém, percebi que Graciliano não se comprazia em falar de suas próprias obras. Isso me deixava à vontade. Falávamos de outros assuntos. Tínhamos muita coisa em comum, a começar pela identidade ideológica. Na meninice, eu, como ele, havia fracassado como coroinha e também fora obrigado a usar sapatos menores do que os pés. Unia-nos a mesma aversão ao militarismo, o mesmo ódio à desumanidade do capitalismo, o mesmo asco das injustiças e safadezas, a mesma irritação diante da burrice. Além disso, éramos irmãos de copo. E essa é uma irmandade muito unida.

Modesto, o velho Graça jamais se deslumbrou com o sucesso. Quem conheceu o sertanejo simples de Alagoas e veio encontrá-lo no Rio, já consagrado, poderia dizer-lhe, de forma coloquial: Quer dizer que continuas o mesmo!...

Além do Vermelhinho, Graciliano freqüentava assiduamente a Livraria José Olympio, na Rua do Ouvidor, onde dispunha de uma cadeira cativa(2), nos fundos da loja. Na livraria eu ia vê-lo raras vezes, principalmente para tratar de algum assunto político. Graciliano Ramos ingressara no PCB em agosto de 45. Nessa época, tinha eu a meu cargo toda a campanha da Constituinte, pelo rádio. A campanha, das mais intensas, culminou com a grande marcha dos archotes, da qual participou, convicto, o autor de Vidas Secas. Esteve presente também nos comícios do Partido — alguns dissolvidos a bala pela polícia — anônimo no meio do povo, como um simples operário da grande luta.

•

Não apenas como homem, mas também como escritor, Graciliano foi injustiçado pelos críticos. Apontaram-no como frio, pessimista e até mesmo masoquista. Na realidade, era apenas coerente e honesto. A obra do artista refletia um cenário sombrio e era natural que não pintasse luminosos recantos idílicos; dispunha apenas de lama e não poderia esculpir figuras de ouro. A realidade de um mundo áspero começou muito cedo, no Nordeste das secas estiolantes de verão e dos aguaceiros torrenciais do inverno: uma infância sofrida, com as marcas da injustiça e do arbítrio, da violência e da miséria: a tirania dos pais, a perversa boçalidade dos professores que aviltavam e espancavam as crianças, o pavor do pecado e do inferno, a onipotência dos coronéis com seus cabras assassinos, a razão sempre ao lado dos fortes contra os fracos e dos ricos contra os pobres. E como se não bastassem as desventuras desse meio adverso, o garoto ainda sofreu com uma artrite ou mergulhou duas vezes nas trevas, cegado por uma conjuntivite catarral. Cenas e personagens da meninice vão ressurgir em várias obras do escritor — lembranças de horror, como o cadáver da negra morta num incêndio, e algumas poucas lembranças agradáveis, como as do vaqueiro [illegible] Bahia, da doce professo[illegible] do tabelião Jerônimo Barreto, que lhe "fornecia a provisão de sonhos", emprestando livros que abriram para ele as portas da literatura, na qual seria mestre. De tudo isso nasceu um livro de memórias — Infância — onde estão vivos os dias atormentados de um menino solitário e judiado, mas cheio de resignação.

A Terra dos Meninos Pelados, uma história infantil, parece-me também uma transferência, refúgio criado pela imaginação do artista: um mundo de paz e bondade, perfeição e justiça, onde todas as crianças podem ser felizes.

Para os que consideram Graciliano Ramos destituído de humor, recomendo As Histórias de Alexandre, um fazendeiro criador de gado que foi o Barão de Munchausen da caatinga. As aventuras desse folclórico herói nordestino superam de longe as *Munchausíadas*.

Não falarei aqui dos romances amplamente comentados: Caetés, São Bernardo, Vidas Secas, este último um painel da seca e das injustiças sociais, com aquela admirável compacidade do estilo de mestre Graciliano. Nem falarei dos contos antológicos, como Minski, a história lírica de uma menina e um periquito.

•

Monteiro Lobato foi descoberto como escritor por uma carta que mandou para a seção-livre do jornal "O Estado de S. Paulo"; Graciliano Ramos, pelos dois relatórios enviados ao Governo de Alagoas (1929 e 1930), como Prefeito de Palmeira dos Índios. Na Prefeitura, agiu sempre em favor do povo e da cidade, se necessário contrariando os coronéis e seus prepostos. Só se curvou para amparar os fracos e os humildes. Diretor da Instrução Pública de Alagoas, verificou que a fome era a principal causa da ausência ou do mau aproveitamento dos alunos, e instituiu a merenda escolar, pela primeira vez no Brasil. Fez mais ainda: providenciou a distribuição de roupas e calçados entre os alunos. Distinguia o professorado pelo valor de cada um, jamais por pertencer a família importante ou dispor de pistolão de político influente. Nunca prestou serviços aos figurões.

Escreveu ele, em Memórias do Cárcere: "... havia suprimido nas escolas o hino de Alagoas, uma estupidez com solecismos, e isto se considerava impatriótico." ..."Essas incapacidades deviam aproveitar-se de qualquer maneira, cantando hinos idiotas, emburrando as crianças. O emburramento era necessário. Sem ele, como se poderiam agüentar políticos sa[illegible]dos e generais analfabetos?" ..."Ficava a estupidez: 'Ouviram do Ipiranga as margens plácidas.' Para que meter semelhante burrice na cabeça das crianças. Deus do céu?"

Foi preso por ordem de um general integralista, que comandava a Região Militar. Foi buscá-lo um tenentinho, para cuja sobrinha havia negado, por injusta, segunda chamada nos exames.

•

Escravo do tabaco, o velho Graça não largava o cigarro. Fumava até quatro maços por dia. Ou mais. Tinha os dedos amarelados pela nicotina. Em Memórias do Cárcere contei 80 referências a essa incontida ânsia de tabaco, a preocupação obstinada de ter sempre fósforos e cigarros, fumando sem descanso. A humilhação e as injustiças vieram agravar o vício. No tenebroso porão do navio-fantasma e no inferno sórdido da colônia correcional, fumava dia e noite, sem interrupção. Advieram dispnéias e hemoptises. Solto, porém, após um ano de cadeia, ainda conseguiu arribar, rijo como um cacto da caatinga. Poucos anos mais tarde, porém, os pulmões começaram a ser corroídos pelo câncer. Morreria vitimado pelo tabagismo e pela polícia nazista de Getúlio Vargas, chefiada por Filinto Müller, o carrasco do Estado Novo.

•

Pouco tempo após o regresso de sua viagem à Tchecoslováquia e à União Soviética, em 1952, Graciliano Ramos adoeceu. Foi a Buenos Aires consultar um famoso médico e operador oncológico. Voltou desenganado. Foi-se acabando aos poucos, no apartamento do Leblon. Um dia, encontrei casualmente sua filha Clarita(3) que me disse: "Vá até lá, conversar com papai. Ele vai gostar." Não fui. Faltou coragem. Não saberia o que dizer, nem como me comportar. Ele mesmo, meu irmão mais velho, era vítima dessa "dificuldade de se comunicar, de dizer frases formais, palavras convencionais".

O enterro foi no dia 21 de março de 1953, um domingo, às 10 horas da manhã. Não cheguei até junto do esquife, exposto na Câmara dos Vereadores. Gosto de me lembrar dos amigos como eles eram em vida, o que talvez seja uma forma de egoísmo, de mistura com "este horror aos mortos, de que não me livro". Fiquei junto à entrada do Teatro Municipal, de onde poderia assistir à partida da grande viagem sem retorno. Na escadaria da Câmara, falou o Vereador Pascoal Carlos Magno. O esquife foi colocado no carro fúnebre. Atrás, dezenas de outros carros, de coroas, de acompanhantes. E o grande cortejo afastou-se, lentamente, rumo ao São João Batista. Adeus, beletrista.

•

NOTAS —

(1) O Vermelhinho era um bar e restaurante freqüentado por artistas e intelectuais, no centro do Rio, na Rua Araújo Porto Alegre, bem defronte da ABI.

(2) Era, melhor dizendo, um pequeno banco exclusivo. O "banco do Graciliano", doado por José Olympio, está hoje exposto na Casa de Rui Barbosa, Rua São Clemente.

(3) Clara Ramos é autora de uma notável biografia do pai: Mestre Graciliano — Confirmação humana de uma obra. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.

Sangirardi Jr., jornalista e escritor, é autor de ***Plantas Alucinógenas, Flávio de Carvalho — O Revolucionário Romântico*** *e outros livros.*

"Era fechado, às vezes sadomasoquista..."

Paulo Dantas

A primeira vez que vi Graciliano Ramos foi em outubro de 1940, no Rio de Janeiro. Ele estava sentado, de pernas cruzadas, sozinho a fumar um cigarro, se não me engano da marca Selma ou Iolanda. Sertanejo alourado e alto, vestido de brim cáqui, Graciliano Ramos, como era de hábito, ia todas as tardes à Livraria José Olympio, na Rua do Ouvidor, 110, ocupando aquele banco, que, como o beco da Lapa cantado pelo poeta Manuel Bandeira, acabou ficando "na eternidade".

Pouco me ligou, nem haveria de fazê-lo; menino metido a literato, vindo da província e, ainda por cima, cheio de uma timidez normal, eu cheirava o louro "monstro sagrado" de longe, sem ter conversa a palestrar com o grande romancista.

Em 1950, em Salvador, Bahia, participo então de um Congresso Brasileiro de Escritores e hospedo-me com Graciliano Ramos num "hospital" em Itapagipe. Resolvi atormentá-lo, forçando uma intimidade, que acabou nascendo "na marra".

ciado por Dostoievski e pelo

Na primeira manhã de sol e luz, amanheci logopático e carregado de desconcertantes nervosidades. Fui ao quarto onde Graciliano Ramos estava. Falei de um romance que estava escrevendo, fortemente influen-

seu *Angústia*, e, cortando meus entusiasmos, Graciliano Ramos foi ríspido:

— Moço, pelo que vejo, você é um terrível nevropata.

— E o senhor é outro, maior ainda... retruquei-lhe com certo espírito.

Nessa manhã, no rumo do Terreiro, na Cidade Alta, onde se realizava o Congresso, saímos juntos. Ao deixarmos o "hospital", Graciliano Ramos parou num bar da esquina e pediu uma pinga. Humilde e assustado, pedi um copo de leite, declarando a minha condição de ex-tuberculoso.

— Eu também fui tísico... respondeu-me. E ali mesmo, enquanto eu bebia o leite, passou o mestre de *Angústia*, afetuosamente, a insultar-me:

— Tuberculoso de uma figa, só bebe leite...

Cuspiu grosso e me pegando pelo braço ordenou:

— Já que você conhece a Bahia, vamos para o Terreiro. Temos muita responsabilidade neste Congresso. Precisamos chegar na hora. Não tenho dinheiro para carro, nem você também. Vamos de ônibus ou de bonde.

Graciliano Ramos não possuía nenhum senso geográfico de orientação na Bahia e, com sua bárbara estrutura, chamava pelo seu porte e modos a atenção dos passageiros. Eu parecia um guia de cego, conduzindo pelo braço aquele gigante alourado e desconhecido, que se mantinha, anônimo, no meio do povo.

Era mesmo uma grande figura. A bebida ingerida nada o alterava. A bem da verdade afirmo: nunca vi, apesar das doses tomadas, Graciliano Ramo, bêbedo ou alterado. Gostava de tomar uma "mandureba" braba e lascada e a cachaça (hábito que adquirira desde os dias de sua mocidade boêmia, vivida em meios reles) em nada o alterava. Repito, admirado: nunca vi ninguém beber assim tão bem e com tanta natural dignidade. Começava cedo e terminava tarde da noite, já a caminho do seu apartamento, num modesto edifício, na Tijuca. Antes, com sua segunda família, havia morado numa pensão no Catete, quando escreveu *Vidas Secas*, um "romance desmontável" na feliz definição de Rubem Braga.

Nunca me convidou para ir à sua casa. Pouco falava da sua vida amarga, nem dava explicações gratuitas de como vivia em particular. Era fechado, às vezes sadomasoquista.

Por descuido, recolhi algumas confissões íntimas, dessas rápidas e rasteiras, fundamentais.

Reevoco-o em Salvador, onde fomos mais íntimos. Revejo-o num candomblé, cabisbaixo e respeitoso. Solene e sem nenhuma atitude exibicionista. Aliás, sempre foi um probo, se comportou diante da vida com profunda gravidade, daí o respeito e a estima que acabava obtendo por parte de todo[illegible] cola de que chegavam a co[illegible] Paulo-SP. O texto se encontra repro- [illegible] o fascículo do seu "Miga- [illegible] nhecê-lo, pessoalmente. Ap[illegible] tura, adquiri[illegible] mente, não podia esconder certos preconceitos ou hábitos vindos do sertão, da dureza dramática de sua terra e da sua gente. Medularmente era um sertanejo e nunca deixou de sê-lo, mesmo vivendo na grande cidade, com seu valor proclamado pela crítica mais autorizada, que reconhecia nele, em vida, uma espécie de "clássico moderno", peça indispensável à cultura nacional, mormente na arte da ficção e do memorialismo. Escreveu contos, mas no gênero, que não era o seu forte, deixou *peças menores*.

De relance, na memória auditiva, gravei dele essas confissões:

— "Gosto mais do Machado de Assis como contista. Sabia escrever como poucos neste país de analfabetos ilustres de pai e mãe. Em *Jubiabá*, Jorge Amado, que é um talento enorme, tem uma página inesquecível: — a cena daquela sentinela."

Estranhamente não revelava grande admiração por Monteiro Lobato; achava-o mais "uma grande personalidade", um brasileiro muito útil e desbravador. Fazia restrições ao contista de *Urupês*, considerando-o mais um humorista.

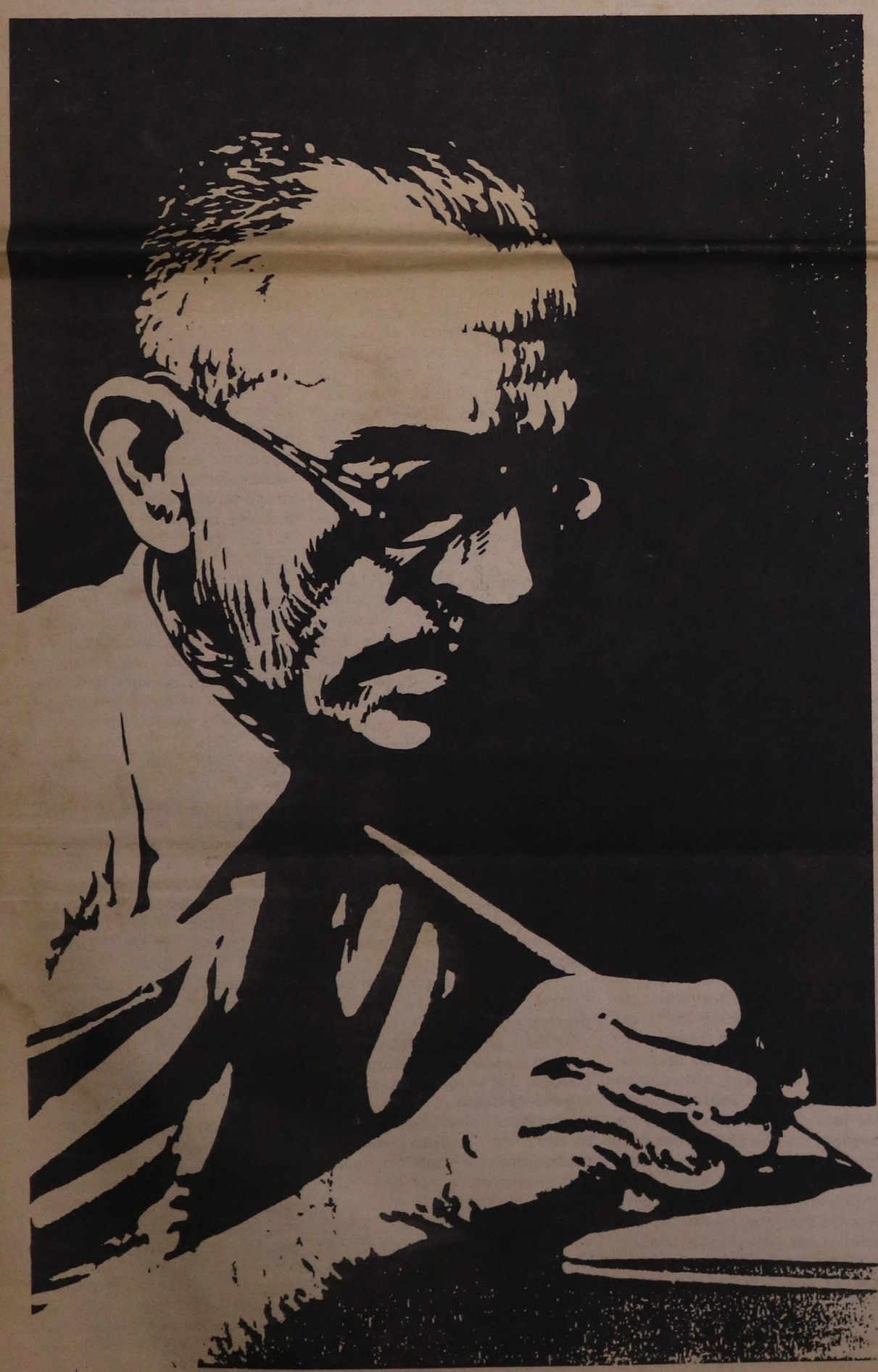
Pouco conversamos sobre Literatura. Lembro-me que, certa feita, falou-me nos "terríveis ciúmes de sua primeira esposa".

Sofredor, rígido caráter maior, homem muito preocupado com o social, não podia esconder um certo tônus masoquista, do qual a sua literatura está cheia. Traço que temos de reconhecer e compreender como uma particularidade trágica do seu destino curtido e sertanejo.

Na sua conversa habitual, nas rodas amigas ou fora delas, Graciliano Ramos gostava de usar e abusar, com particular autenticidade, dos palavrões. Cacoete que nele foi se tornando natural, já que, como nenhum escritor nosso, sabia aplicar tão bem o palavrão. O palavrão como desabafo, como descarga verbal, coletiva, exata. O palavrão explodindo na hora certa, na raiva. Certas páginas de *Angústia* demonstram isto, numa grandeza cheia de ênfase.

Nunca bajulou ninguém, e, como modesto funcionário público, nunca passou de um simples "inspector federal de ensino". Ganhando, na época, cinco contos de réis.

E, assim, morreu, com câncer no fígado, em 23.3.53, no Rio. Era natural de Alagoas, nascido em 27.10.1892.



Paulo Dantas é romancista e, como crítico, autor de numerosos estudos, principalmente sobre Euclides da Cunha.

A Sinfonia de Alexandre Levy

Arnaldo José Senise

Em 1893, realizou-se a Exposição Internacional Colombina, em Chicago, para celebrar os 400 anos da descoberta da América. A representação do Brasil no evento compreendia um departamento de música, que esteve chefiado por ninguém menos que Carlos Gomes. Quando partiu do Rio de Janeiro para Chicago, o autor de "O Guarani" levou na sua bagagem obras orquestrais de compositores patrícios, com o fim de apresentá-las em concerto, durante a Exposição. Entre essas obras estava a única *Sinfonia* composta por um jovem músico dos mais promissores, que então há pouco deixara este mundo: o paulista Alexandre Levy.

O fulgor do seu talento havia ganho as alturas com a rapidez de um tiro de rojão, impulsionado por uma precocidade genial. Tivera, porém, a duração ofuscante de um fogo de artifício, desses que se contemplam como que no pasmo de uma interminável respiração suspensa... Assim a gente culta do País, que o admirava maravilhada, fora abatida pelo seu imprevisto desenlace.

Tudo indica que aquele planejado concerto não se realizou, uma vez que Carlos Gomes desentendeu-se com os delegados representantes do Brasil. Entretanto, uma Comissão Mundial, especialmente nomeada para as celebrações, tendo examinado a *Sinfonia* de Alexandre, houve por bem premiar essa música "pelo seu mérito específico".

A obra adquiriu, desse modo, uma relevância singular na produção artística brasileira, máxime tendo-se em conta que Levy começou a compô-la com 22 anos, há exatamente um século, terminando-a 3 anos depois.

Apresentada em manuscrito ao Júri da Comissão Colombiana Mundial, foi ainda através de alguns pouquíssimos manuscritos de copistas que a partitura da *Sinfonia* chegou até nós. O original autógrafo de Alexandre não se encontrou até este momento.

É comum, em casos dessa natureza, que tais cópias contenham incorreções, discrepâncias e obscuridades que dificultam e chegam a tornar impossível a execução adequada dessas peças. A partitura da *Sinfonia* de Levy não foge à regra, mormente pelo fato de ter sido divulgada sem a revisão do autor. Não obstante, ela chegou a [illegible] executada no Brasil, em [illegible]42 dirigida por Souza Lim[illegible] 1959, por Roberto Schnorrenberg, com as enormes difilculdades e incertezas que se pode facilmente imaginar.

Uma das raras cópias da partitura foi conservada no Arquivo do Estado *(Ordem 6.120)* da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo. A importância de que se reveste o documento animou os administradores do Arquivo e musicólogos pesquisadores para uma união de esforços, no sentido de providenciar-se a publicação, em *fac-simile*, do exemplar manuscrito que ali se encontra. Para tanto, um trabalho de confronto musical entre as fontes disponíveis foi encetado, a fim de depurar-se a reprodução do documento dos inevitáveis enganos dos copistas e de restabelecer-se, na medida do possível, as intenções do autor. Cuidou-se também de melhorar o aspecto gráfico e a clareza da reprodução, através de tratamento visual e de retoques na escrita do copista, de resto sobremodo deficiente.

O árduo e dispendioso empreendimento tornou-se possível mediante convênio de co-edição entre a Sociedade Brasileira de Musicologia, a Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo (pelo Arquivo do Estado), a IMESP — Imprensa Oficial do Estado S.A., o Ministério da Cultura (pelo Instituto Nacional de Música da FUNARTE), e a FIEO — Fundação Instituto de Ensino para Osasco. Os trabalhos de confronto, correção, tratamento visual e retoques foram suportados por contribuições decisivas de D. Cecília Levy Murtinho de Souza, filha de Luiz Levy e sobrinha do compositor, e da Xerox do Brasil S.A.

A Coordenadoria da Edição, bem como as tarefas de confronto musical, correção e retoques estiveram sob a responsabilidade de quem estas linhas escreve, auxiliado por uma copista-restauradora, ambos trabalhando sob a orientação e supervisão da Maestrina Cleofe Person de Mattos, então Presidenta da Sociedade Brasileira de Musicologia.

Após 21 meses de atividade, enfrentado não poucas dificuldades de toda ordem, que não se poderiam prever, a edição acaba de vir à luz, em volume de 227 páginas, das quais 192 abrigam o texo musical.

Contribuindo para a divulgação desse evento e da belíssima peça de Levy, — cujos exemplares a IMESP e a Sociedade Brasileira de Musicologia mantêm à venda —, o *D.O. Leitura* reproduz, na íntegra, o texto especialmente por nós preparado, para servir de notícia sobre o compositor, acompanhando a obra impressa.

•

Alexandre Levy nasceu em São Paulo em 1864. Sua mãe era suíça e seu pai alsaciano, estabelecido na Capital, desde 1860, com uma loja de música e instrumentos, a Casa Levy. Ainda bem novo, iniciou a prática do piano, guiado pelo irmão, Luiz Levy (1861-1935), também pianista e invulgar compositor, com quem Alexandre, mais crescido, faria ouvir-se, freqüentemente, em duos memoráveis. Aos 7 anos passou a tomar lições do instrumento com Luiz Maurice, de origem russa. Demonstrava tão extraordinários dons, uma "concentração tão rara (...) em idade como a dele, e a exatidão", no que tocava, que não demoraria a ser visto, e, justamente, como "o nosso Mozart"[1]. Prosseguiu estudos musicais com Gabriel Giraudon até os 12 anos. Pesquisou e se informou sozinho, daí até os 18, quando foi buscar luzes, em Harmonia e Composição, com Georg von Madeweiss e, a seguir, com Gustav Wertheimer, todos imigrantes residentes na cidade. A tarefa destes bem cedo se esgotaria, em face das qualidades que avultavam no moço. Instado a cultivar-se e a desenvolver-se na Europa, viajou em maio de 1887. Não se conhece, ao certo, que determinações teriam sua família e ele próprio, quanto às metas e alcance dessa estadia — eis que parte de volta em novembro do mesmo ano. Em Paris, Jules Massenet o confiou à orientação de seu aluno Vicenzo Ferroni, posteriormente mestre também de Francisco Mignone (1897-1986). Tendo o preceptor retornado à sua pátria para suceder a Amilcare Ponchielli no Conservatório de Milão, passa Alexandre a tomar aulas com o prestigioso Émile Durand, cujas expressões de apreço e entusiasmo encorajam-no sobremaneira. De fato, aquele que levara na bagagem, entre produções irretorquíveis, o seu "Romance Sans Paroles" Op. 4 n.º 1 — composto aos 18 anos — esse alguém provara, há muito, não apenas ser artesão habilíssimo nos lavores de Harmonia e Polifonia, mas, acima de tudo, uma inspiração inconfundível de músico virtualmente liberto. Carlos Gomes (1836-1896), amigo extremoso, admirador e incentivador do rapaz, embeveceu-se com a peça. Não causa estranheza, é antes ilustrativo, entretanto, que o autor de "Lo Schiavo" condene uma falsa-relação, em cadência terminativa de certa frase, com a qual Levy sublinha os traços algo mortificantes, que marcam a polifonia desse "Romance"[2]. Gomes, cantor de harmonias cuidadas, porém livres para o pitoresco, não verbera, aliás, contra um bizarro choque de quintas praticamente "nuas", nem contra outras durezas que um purista não admitiria com facilidade num estreante.

Tendo acumulado considerável número de peças para piano solo e em duo, várias delas então editadas na Europa; tendo escrito um quarteto de cordas (1885), um trio com piano (Op. 10, 1887) e um Andante para quinteto de cordas (Paris, 1887), Alexandre manifestaria, após o retorno da França, um pendor quase exclusivo para a música orquestral, território em que parecia mais comprazer-se. Esta Sinfonia, que iniciara antes da viagem, terá sido marcha decisiva nesse sentido. Parte do que escreveu para orquestra jaz ainda por ser localizada; conhecem-se, entretanto, além desta partitura, as duas obras-mestras, compostas em 1889: "Comala", poema sinfônico da sua predileção, e a Suíte Brasileira (em 4 partes, das quais a segunda não se encontrou até o momento).

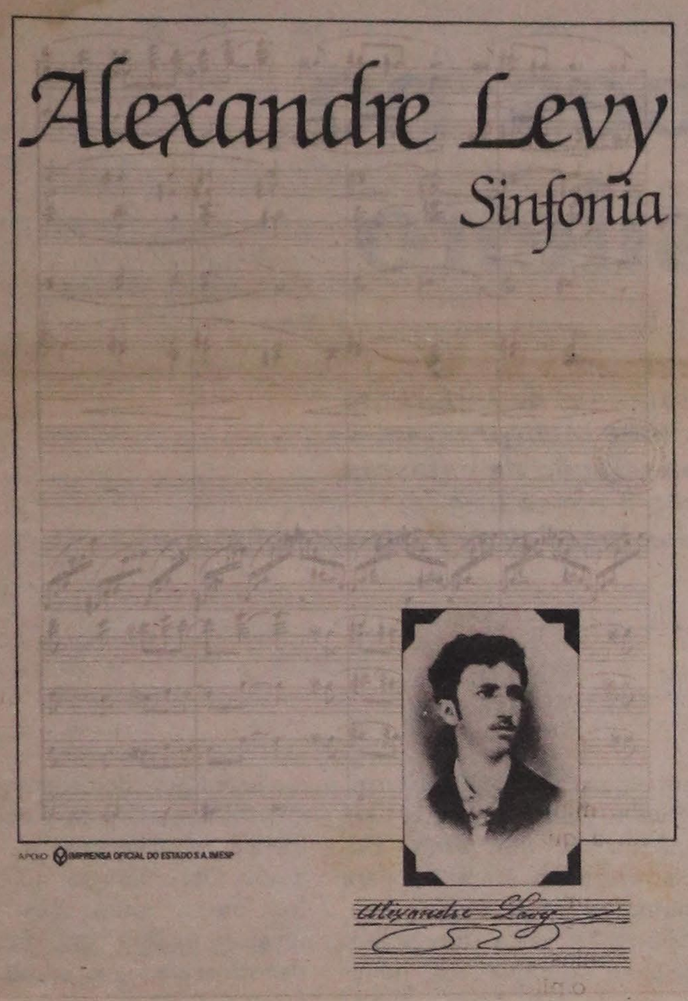
A morte o colheu, na cidade natal, em 1892, com pouco mais de 27 anos, vítima de um colapso imprevisto e fulminante.

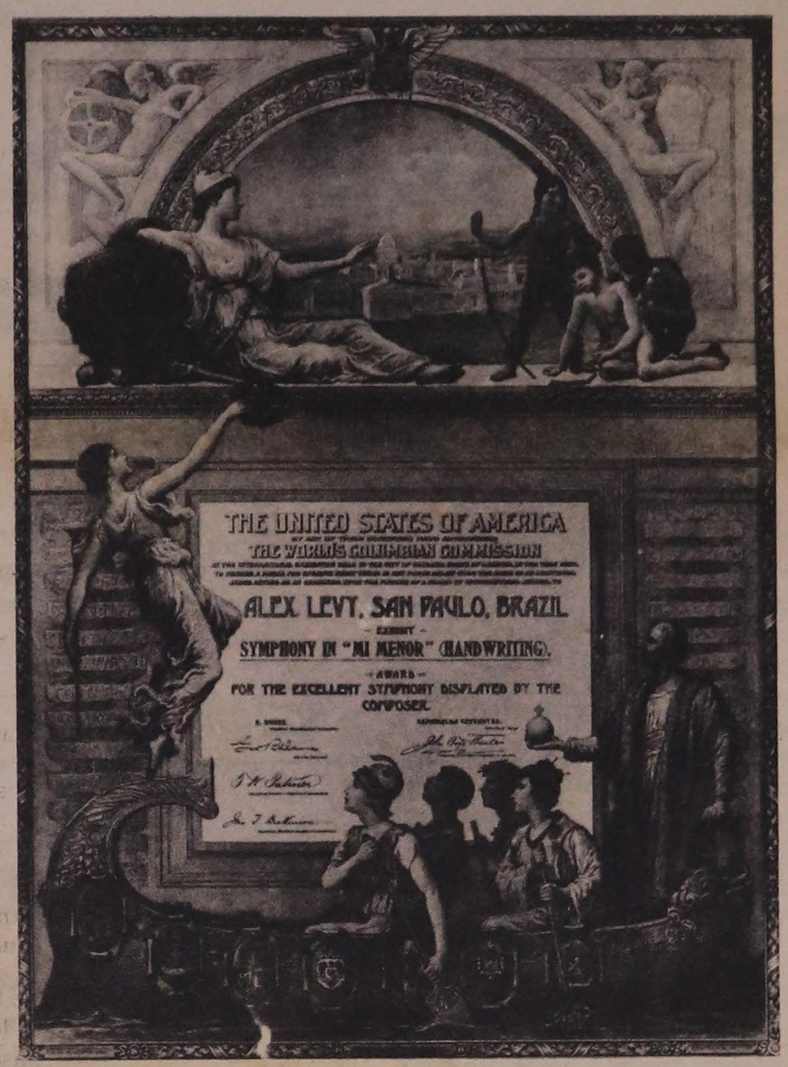
Cumpre notar que ele encarnou, com o irmão Luiz, importantíssimo papel de animador musical, fundando e dirigindo, de 1883 a 1887, o Club Haydn. Foi também regente e crítico de música.

Alexandre Levy teve a sua carreira interrompida na hora precisa em que alçava o seu vôo mais galhardo, movendo-se com crescente autonomia de criação. Tal autonomia, queremos vê-la nessa conduta que o mergulhou, decidido, num poetar de acento nativo, prefigurando-se um "assimilador, intérprete e apóstolo" da nossa alma popular[3]. A serviço desta coloca, desde logo, a força do aparato sinfônico: o Quarto Movimento da Suíte Brasileira é um Samba. Manifestação inequívoca de consistência e vigor dessa nova poesia sua é, no entanto, o rico despojamento com que concebera, pela mesma época da Suíte, o Tango Brasileiro (piano), "jóia finíssima"[3], que se inicia com esfuziante maxixe.

Alguma parcela de sua obra anterior ao Tango e ao Samba constituíra a concretização de um esforço de assenhoreamento e adestramento no exercer da língua musical que o Ocidente levara 1.500 anos a desenvolver e renovar. Sorvendo e absorvendo as suas lições diretamente nos textos de obras-primas dos mestres europeus. Alexandre incide, às vezes, em nítido paralelismo de sentimentalidade acerca deles. Com efeito, não vemos de que maneira outra pudesse melhor capacitar-se, vivendo aqui, onde a cultura, ora como antanho, está ainda por fazer tradição. Nada a estranhar, pois. Levy, autodidata, imita, e o faz com uma arte de escol e criativo encanto. Não o esconde. De resto, orgulha-se:

"Schumanniana", "Rêverie", "À La Hongroise", "Andante Romantique" (desta Sinfonial) etc. Entendam os que puderem: essa legítima, subida vassalagem, só estão aptos a rendê-la os espíritos cuja liberdade se comprou no macerar-se de certa escravidão, no manso e perscrutador apurar-se, guiados pela devoção das suas consciências de adeptos. Tinha-a virtualmente adquirida aquele que estreara com a coloratura substanciosa do Impromptu-Caprice Op. 1 (piano, 1882), e cujas conquistas seguintes o levariam tão longe, que Carlos Gomes quase temeria pelo que, assumindo ares estranhos, já lhe queria parecer um resvalo em algo que era pouco menos que uma escalada de Ícaro: a audácia da Valsa-Capricho Op. 5 (piano, 1882)[2]. Há mais, porém: as duas Mazurcas Op. 6 N.º 1 e N.º 2 (piano, 1882), "Recuerdos" (piano, 1882), "Doute" Op. 13 N.º 3 (piano, 1882), a Tarantella Op. 8 (piano a 4 mãos, 1882), a ousadia do "Scherzo-Valse" Op. 9 (piano a 4 mãos, 1885), chegando a supremos requintes nas Variações Sobre Um Tema Popular Brasileiro (piano, 1887), em cujo N.º 10 não será exagerado ouvir ecos de seresta... Acurada análise da escrita de Bach, é provável lhe ensejasse certa concepção polifônica da harmonia, resultando no muito que faz de curioso, como era também, mas por outras razões, o raciocinar de Domenico Scarlatti. As raízes beethovenianas do seu segundo trio com piano (Op. 18, 1889), do qual só se conhece o Finale,





não o impedem de entrar pelos caminhos desbravados por Chopin, insinuando, ao longo da peça, aquela fluidez de figuração e névoas de dissonâncias que, um dia, desaguariam no chamado "impressionismo".

Incansável criador de ritmos inusitados, não raro complexos; mestre das modulações — imprevistas, saborosíssimas —, que erige quase em sistema; levando a melodia pelos cursos mais inesperados, mostra-se personalíssimo no encadear os vocábulos da fraseologia; afeiçoado ora a certas acerbosidades. resultantes da polifonia, ora a certas durezas nas sucessões harmônicas — nestas características se pode, quiçá, vislumbrar o articular-se interior de alguma rudeza própria da nacionalidade, no que tem ora de inconvencional, ora de rústico[4]. Conhecedor da regra antiga, passa-lhe ao largo, sem hesitar, quando convém, movendo-se por evidente necessidade da sua poesia, nunca por exibicionismo excêntrico[5]. Não mais de três teriam sido os trechos que ouvira executar, dentre as longas peças que escreveu para orquestra, nas quais, contudo, se revela um sinfonista nato, estudioso das partituras de Wagner.

Alexandre Levy tem sido apreciado pelo que produziu de mais convencional. Muito de surpreendente existe naquelas de suas obras que os intérpretes se têm escusado de estudar, naquelas em edições esgotadas, como haverá naquelas que esperam ser trazidas à luz. Alguma "acomodação" parece ter-se operado, quando se voltou para a orquestra, se compararmos com algumas peças dos primeiros anos.

É oportuno e justo chamar a atenção para a clarividência de um Luigi Chiaffarelli, que, em 1891, exarava, a respeito desse jovem, conceitos e informes cuja reprodução, abaixo, é reclamada para valorizar esta notícia[6]. (...)

"O nome de Alexandre Levy, já bastante conhecido em muitas partes da Europa, nos Estados Unidos do Norte e na República Argentina, não o é suficientemente, entre nós, de maneira a satisfazer às mais modestas exigências.

Quando no Rio de Janeiro foi apresentado o Samba, fragmento da Suíte Brasileira, trabalho genial do jovem compositor, somente alguns doutos se alçaram para louvar a sua obra, e depois o silêncio sobre ele se fez ainda mais profundo.

Levy publicou uma porção de composições de grande valor e são poucas as pessoas que as conhecem aqui no Brasil (...)

Animado pelo mote tractant fabrilia fabri, dirijo-me aos conhecedores bem-intencionados, para fazer-lhes, despretensiosamente, algumas revelações edificantes.

O Jornal dos Pianistas, que se edita em Berlim há 14 anos, publicação musical pedagógica e órgão das Sociedades Musicais e dos artistas de Berlim, Colônia, Dresden, Hamburgo e Stuttgart, por exemplo, contém, no número 7 deste ano, um importante artigo sobre algumas peças para piano de Alexandre Levy, onde as ótimas observações exprimem grande respeito pelo talento do Autor e profunda admiração pela originalidade nos pensamentos e na elaboração da sua bela música.

Entendem?

A originalidade em um compositor é, hoje em dia, coisa raríssima! — e o Jornal dos Pianistas não o diz somente por dizer.

Em várias escolas de música da Europa, assim como entre muitos professores recomendam-se e se fazem obrigatoriamente estudar composições de Levy: as 2 Mazurcas, as "Trois Improvisations", os "Trois Morceaux" etc.

As Variações Sobre Um Tema Popular Brasileiro que Levy, compelido, quase, por alguns inteligentes, publicou há três meses em Buenos Aires, tão logo sejam conhecidas na Europa, farão sucesso: não se precisa de grande acuidade crítica para afirmá-lo. Mas quem as vêem? No entanto, as Variações são pequenas obras-primas; tão originais, tão profundamente sentidas, tão plasticamente belas, assim, só uns poucos grandes hoje as escrevem: Brahms, Grieg, Tchaikowski — e a este último falta, neste gênero de composição, o crescit eundo beethoveniano.

As Variações são a pedra de toque dos compositores.

O talento de Levy é eminentemente aristocrático: tem salutar horror dos lugares-comuns, mas raras vezes se mostra precioso, e isto em algumas poucas cadências, como observa também o crítico do Jornal dos Pianistas. Sua melodia é sempre característica; quer chore ou sorria, lute ou espere, descreva ou narre, é fresca como um límpido regato ou quente como o amor, é ligeira como o zéfiro ou trovejante como a tempestade — e sobretudo é original, mas não de uma originalidade estrambótica, porque ele conhece e estuda incansavelmente, e com afeto profundo, os grandes Mestres — o seu repasto artístico diário é de medula de leão. A nota original de suas composições é a tristeza: tristeza pungente que é a própria alma do artista — essa não pertence a ninguém mais. É a sua tristeza pessoal que permeia toda composição sua e se torna às vezes trágica, como no Andante da Sinfonia em Mi, como na 10.ª Variação Sobre Um Tema Popular Brasileiro, como algumas vezes no Samba.

É preciso ver Levy ao piano, quando lê à primeira vista, fazendo empalidecer aqueles que sabem: tudo para ele é fácil, analisa e sintetiza os sinais que constituem o sistema de escrita musical mais complicado que exista, com uma rapidez maravilhosa.

A música para piano que o jovem Autor publicou, até hoje não se executa e não se aprecia a não ser que se tenha uma educação musical fina e que os dedos estejam prontos para vencer as dificuldades técnicas inerentes ao gênero.

Alexandre Levy compõe, compõe e compõe especialmente para o seu instrumento: a orquestra; todavia, das suas sinfonias, suítes, poemas e scherzi sinfônicos, ele mesmo não ouviu serem executados senão o Samba, que, notamos com enorme prazer, na Capital Federal, foi um genuíno e entusiástico êxito. Todas as suas restantes composições aguardam nas prateleiras que um dia se inicie a vida musical em São Paulo e que seja possível, então, formar-se, aqui, uma orquestra decente..." (...)

Chiaffarelli conheceu e privou com Alexandre Levy; executou-lhe as composições, em duo com o próprio. Não era brasileiro e sendo, também ele, um Mestre respeitadíssimo no mundo culto, cobria de louros o nosso artista. Gratifica-nos o sentimento de estarmos, com esta publicação, atendendo, de algum modo, às suas advertências.

A primeira parte da Sinfonia a ser escrita foi o Andante (originalmente intitulado "Andante Romantique"), cuja partitura para piano a 4 mãos, anterior à orquestral, data de novembro de 1886; a orquestração desse trecho foi terminada em Paris. A obra toda estava completa em 1889. Há registros da existência de reduções do Autor para 2 pianos, do "Scherzo" e do Quarto Movimento, que, assim como a partitura de orquestra autógrafa, ainda não foram encontradas. A peça foi apresentada em manuscrito à Comissão Colombiana Mundial, após a morte de Alexandre Levy.

Notas:

1. Palavras do cronista musical A. Cardoso de Menezes, em carta de 06.10.1871, ao amigo Dr. Ferreira de Menezes, publicada na seção de editoriais do "Correio Paulistano". São Paulo-SP.

2. Carta de Carlos Gomes a Luiz Levy, em 25.4.1883 (arquivo dos descendentes de Luiz Levy).

3. Expressões de Luigi Chiaffarelli, no 6.º "Concerto Histórico" da sua Escola de Piano, em 14.10.1895. São Paulo-SP. O texto se encontra reproduzido no 2.º fascículo do seu "Migalhas" — Notas de Leitura e Pedagogia do Piano" (São Paulo-SP, s.d.).

LUIGI CHIAFFARELLI nasceu na Itália, em 1856. Estudou música e piano com seu pai e foi regente de banda; aperfeiçoou-se no seu instrumento com Gustavo Tofano, em Bolonha e, depois, com Sigmund Lebert, em Stuttgart. Transferiu-se para o Brasil em 1885, fixando-se em São Paulo. "Conquistou reputação como um dos próceres mais valorosos no ensino do piano" em todo o país (A. De Angelis, "L'Italia Musicale D'Oggi", Ed. Ausonia, Roma, 1922). Morreu em 1923. Espírito superior de rara amplitude; graduado em Letras, cultivado humanista, conhecendo mais de 10 idiomas; detentor da mais alta ciência musical; amigo e confrade respeitado de ilustres compositores e músicos europeus coevos; viajava assídua e regularmente ao Velho Mundo, para atualizar-se. Professava uma pedagogia eficacíssima, um toucher singular e um modo de tratar a sonoridade de características especiais fora do comum, e que propiciavam extrair do piano um rendimento sonoro excepcional, pelo volume, pela reverberação extensa e cantante e pela variedade do colorido. Deu ao mundo uma Guiomar Novaes (1894-1979) e uma Antonietta Rudge (1885-1974), além de muitas dezenas de professores extraordinariamente capazes e inúmeros discípulos brilhantes. Dentre estes, é de lamentar-se que tenham sido tão raros os que se apercebessem da magnitude e distinção do tesouro que tinham nos dedos. Sua Escola — i.e., a sua maneira de entender o fenômeno musical, de abordar o piano e de manipular efeitos e cores de sonoridade — infelizmente está hoje escassíssima, quase desaparecida.

4. Refletindo sobre certos traços da música de Alexandre Levy, presentes no Tango, no Samba, como em outras peças, somos inevitavelmente levados a cogitar das convicções e da linguagem musical de Heitor Villa-Lobos (1887-1959). Considerando "as dissonâncias e durezas, os choques provocados pelo encontro de notas-de-passagem e a voluptuosidade bem áspera" da música de Bach, Villa-Lobos, com toda sinceridade, as aparentava com as durezas peculiares ao agreste da nossa polifonia fenomênica de nação-continente multirracial, pois que vive em certo caos dionisíaco próprio da infância da sua constituição, em condições físicas e existenciais de enorme severidade, nas paragens extra-urbanas.

5. Partidário do despertar da consciência sonora através daquele mecerar-se na escravidão à regra e no perscrutador apurar-se, como condição para que se galgue a maioridade do senso musical, preocupa-nos o juízo que a respeito deste fato possam fazer os novos musicistas. É, pois, elucidativo, acerca da oportunidade na observância da regra antiga, o reparo de Théodore Dubois, no Tratado de Harmonia: "Quanto ao estudo das obras de Wagner (...), é cheio de perigos e desconcertante, para jovens musicistas... Faremos a mesma reserva momentânea para Berlioz, acrescentando que o estudo das suas obras não é, talvez, muito oportuno para os alunos jovens, devido à escassa correção com que, por vezes, foram escritas; o que não nos impede de ter a mais alta e sincera admiração pelo seu gênio tão vigoroso e pessoal." (Ed. Au Ménestrel Heugel. Paris. s.d., pág. 218.)

6. Trechos extraídos e traduzidos de artigo publicado em italiano, no "Correio Paulistano" de 25.5.1891, São Paulo-SP.

Arnaldo José Senise é musicólogo.

Vocábulos árabes no cotidiano brasileiro

Através do português (de Portugal), do escravo muçulmano, do imigrante e também de outras línguas, numerosos vocábulos árabes incorporaram-se à língua portuguesa falada no Brasil. Mais do que uma relação de palavras, este estudo aborda o processo da sua incorporação à nossa língua. Aborda também o processo inverso, a incorporação de vocábulos brasileiros à fala do imigrante.

Neuza Neif Nabhan

O envolvimento do homem com o meio constitui um longo processo de ajuste sócio-psicológico e lingüístico. A língua, veiculadora de costumes, oferece abundantes recursos de investigação no estudo da cultura de um grupo determinado.

No presente artigo, faremos uma rápida abordagem quanto aos diferentes caminhos pelos quais recebemos traços da cultura árabe. Estes serão evidenciados através do léxico árabe no português do Brasil.

O uso de mais de uma língua, prática daqueles que vivem simultaneamente duas culturas ou recebem influências de outras, pode resultar na presença isolada ou simultânea de dois fenômenos de linguagem — o empréstimo e a interferência —, caracterizados em todos os níveis de análise lingüística: lexical, fonético e morfossintático.

Muitos autores abordam esses fatos, sem, no entanto, diferenciá-los. Sapir, por exemplo, fala em *interinfluência linguística*, como resultado de contato entre povos vizinhos; Mattoso Camara define apenas o fenômeno de empréstimo: "Conjunto de mudanças que uma língua sofre em contato com outras"; e Weinreich, falando sobre línguas em contato, escreve, quanto ao problema de interferência: "...fenômeno do discurso e seu impacto nas normas de ambas as línguas expostas ao contato".

Mackey, em contrapartida, em *Billinguisme et Contact de Langues*, procura diferenciar esses fatos de linguagem. Afirma que a interferência varia segundo o momento e a circunstância, em oposição ao empréstimo. Para o autor, o empréstimo é de domínio da língua e a interferência é de domínio da fala. E ele distingue os dois fenômenos de linguagem, com base na oposição saussuriana: língua e fala.

Partindo da distinção entre sistema, norma e fala, o empréstimo é de domínio do sistema e a interferência é de domínio da norma. O empréstimo é caracterizado por sua amplitude, uma vez que o grupo social, como um todo, é envolvido; e a interferência, atingindo a norma, é menos ampla, variando de acordo com a situação em que o falante se encontra. Ressaltamos, no entanto, que os fenômenos acontecem, igualmente, em grupo.

Um exemplo claro, do fenômeno de empréstimo, a nível lexical, é aquele que se deu do árabe para o português.

Como é sabido, a história dos árabes na Península Ibérica data de 711 a 1492, aproximadamente. Durante todo o tempo de permanência lá, as marcas da cultura árabe se apresentaram através de um grande número de vocábulos relativos a instituições jurídicas e sociais, à arte de guerra, à vida cotidiana, incorporando-se ao idioma local.

O filólogo Antenor Nascentes, em seu *Dicionário Etimológico*, relaciona 609 verbetes de origem árabe, ou de outros idiomas que, pelo árabe, se introduziram na língua portuguesa. Em sua obra, o autor informa-nos que esses vocábulos, de origem árabe, chegaram em três épocas diferentes, obedecendo a diversas transcrições: período popular (séc. 8 a 14); período literário (séc. 15 a 19); período estrangeiro (séc. 19 a 20).

Muitos se preocuparam em fazer um estudo sobre a influência da língua árabe em trabalhos admiráveis, como o de Antenor Nascentes, Davi Lopes, Miguel Nimer, Leite de Vasconcelos, Serafim da Silva Neto, Frei João de Sousa e outros, mas o levantamento das palavras de origem árabe, existentes na língua portuguesa, ainda não se completou. A presença do elemento árabe na língua portuguesa está na vida cotidiana dos brasileiros que, em geral, desconhecem sua origem, apesar de usá-lo com desembaraço.

A título de esclarecimento, transcrevemos um texto do artigo "Aspectos da Influência Árabe na Língua Portuguesa", do professor Antonio José Chediak (in Revista da LEA, julho-outubro 1972: 86-87), onde podemos constatar a presença de vocábulos de origem árabe.

"Uma História. Suponhamos, primeiramente, um casal com um filho, em algum lugar do Brasil. Altair, recém-casada, mora nos arrabaldes ou arrebaldes de uma aldeia do interior, põe o seu vestido de chita e o xale. Pega o garoto, um azougue de menino, lava-o e passa-lhe talco. Se o garoto tosse, dá-lhe uma colher de xarope, empapa o algodão em cânfora ou alcânfora e faz massagens nas suas costas. Vai à cisterna, prende a azêmola na argola da manjorra, põe água na modesta jarra. Vai fazer café e adoça-o com saboroso açúcar cândi. O marido, um mameluco, conhecido pela alcunha "Boca-Torta", bem cedinho, já se levanta com alguns achaques — enxaqueca — põe as ceroulas (no interior muita gente ainda as usa), o terno cáqui, bem lavadinho com anil, toma um trago de conhaque de alcatrão São João da Barra ou, se não o tem, vai ao alambique, sorve um gole de jeropiga. Toma a tarrafa e vai pescar no açude. Outras vezes, prefere caçar javali; limpa o azinhavre da espingarda de grosso calibre, sai com o fraldigueiro chamado Sultão e volta com algumas arrobas de carne às costas. À hora do almoço, Altair lhe traz umas azeitonas. Senta-se com ele, e principiam com uma salada de alface bem regada a azeite. Vêm depois o espinafre, a cabidela, a carne ou peixe escabeche, ou com alcaparra, que ingere com arroz bem soltinho. Ela lhe oferece um prato com acelga ou celga, que rejeita. Prefere alcachofra, por causa do fígado. Vai tomando refresco de tamarindo. A sobremesa, uma boa laranja seleta. Terminado o almoço, descansa, recostando a cabeça na almofada. A casa é modesta, de adobe, mas o alicerce é firme. As janelas não têm alizares. Num pequeno jardim, florescem açucenas ou cecéns e alecrim. Depois da sesta, sai a trabalhar. Mete algum dinheiro na algibeira, algum alimento no alforje e segue para o campo. Tem alguns alqueires de terra. De volta, pára no alfaiate para experimentar um terno. Depois, entra no armazém para algumas compras. Muita gente. Azáfama. À saída, um pobre, cheio de salamaleques, pede-lhe esmola. Não é um nababo, mas também não é um mesquinho. Dá-lhe uns níqueis. Um troço de policiais, com vistosos dólmans, passa ao som de tambores, caminho do aljube. É o reforço que chega. A região foi invadida por uma cáfila de assaltantes. O mameluco tira o chapéu. Passa um ataúde a caminho do cemitério. E retorna à casa."

Neste texto, que reflete características de um ambiente brasileiro, encontramos cerca de 60 vocábulos de origem árabe ou de outros idiomas e que foram introduzidos através da língua árabe.

Apresentaremos, a seguir, a lista dessas palavras com a transcrição fonética e o seu significado em árabe, agrupados de acordo com algumas de suas particularidades:

I — *Vocábulos com a partícula "al"*: antes de anunciarmos a lista desses vocábulos, teceremos breves considerações sobre esta partícula.

O "al", com valor determinante, é empregado para todos os gêneros e números e conforme a sua colocação na frase, traduzimos para a nossa língua por *o a os as*. Uma característica do "al", quando antecede certos fonemas, refere-se ao aspecto fonético. O alfabeto da língua árabe é composto de 28 fonemas, dividindo-se em quatorze solares: t, ç, d, dz, r, z, s, ch, ṣ, ṭ, ḍ, ẓ, l e n; e quatorze lunares; 'a, b, j, ḥ, kh, 'a, gh, f, q, k, m, h, w, y.

Na partícula "al", unida a um vocábulo que se inicia com o fonema, denominado solar, há assimilação do "l", não devendo ser pronunciado; e na escrita dobra-se este fonema solar. Como exemplo, citamos algumas palavras com a partícula "al" e que nos foram transmitidas: acúcar, arroz — com assimilação do "l"; e alface, almofada — sem assimilação do "l".

Este traço, de ordem fonética, foi imposto na Península Ibérica pelos falantes de língua árabe. Observam-se, no entanto, outras mudanças neste nível de análise lingüística que decorrem da forma como os léxicos foram percebidos pelos falantes de língua hispânica. Neste sentido, devemos considerar o padrão sonoro daqueles que ouviam a nova língua, uma vez que este interferiu na aquisição dos novos fonemas. Como exemplo, citamos algumas trocas ocorridas: o "q" por "g" o "kh" por "f".

Quanto aos vocábulos do texto, verificamos:

a) *"l" não assimilado:*
alambique
al 'inbīq = o aparelho de destilação;
alcachofra
al kharchūf = a planta;
alcatrão
al qaṭrān = o líquido gorduroso que se extrai do cedro;
alcunha
al kuniah = o termo de exaltação ou realce que se antepõe ao nome de pessoa;
(°) aldeia
aḍḍaī'ah (al ḍaī'ah) = a propriedade imóvel. Povoação;
alecrim
al ikhīl = a coroa, a planta;
alface
al khass = a planta hortense;
alfaiate
al klaiīāṭ = o costueiro;
alforje
al khurj = o saco de couro dividido em dois compartimentos. Valise;
algibeira
al jaib = o saco que se cose por dentro da roupa, com abertura na parte exterior. Bolso;
algodão
al quṭn = a planta que produz cápsulas com lanugem branca;
aljube
al jubb = o poço fundo, precipício, cisterna;
almofada
al mikhaddah = o travesseiro;
alqueires
al kaīl = o instrumento que

serve para medir;
(°) Altair
aṭṭā'ir (al ṭā'ir) = aquele que voa.

Nesta lista, observamos que os vocábulos aldeia e Altair não assimilaram o "l" da partícula "al", uma vez que esta antecede fonemas solares: ḍ e ṭ, não ocorrendo em outros vocábulos: adarga, atalaia. Este fato pode ser justificado pela forma como o vocábulo foi percebido, não seguindo a regra.

b) *"l" assimilado:*
acelga
assalq (al salq) = a planta de folhas e nervuras largas, seivosa;
açucenas
assūsān (al sūsān) = a planta odorífera, campestre ou cultivada;
açude
assudd (al sudd) = a montanha, a barreira. Tudo o que forma obstáculo entre duas coisas;
açúcar
assukkar (al sukkar) = o sumo concentrado de cana ou de tâmaras;
achaques
achchaqā' (al chaqā') = enfermidade, manifestar o seu mau estado a alguém;
(°) argola
al ghull = a correia, o círculo;
(°) armazém
al makhzan = o depósito de objetos;
arrabaldes
arrabaḍ (al rabaḍ) = a muralha de uma cidade. Retiro;
arrobas
arrub'a (al rub'a) = a quarta parte;
ataúde
attābūt (al tābūt) = o caixão de madeira onde se coloca o corpo;
azáfama
azzaḥmah (al zaḥmah) = o aperto, multidão de gente que se oprime;
azeite
azzaīt (al zaīt) = o óleo de oliva;
azeitona
azzaītūn (al zāitūn) = o fruto de oliveira;
azêmola
azzāmilah (alzāmilah) = a besta de carga. Camelo usado na viagem para carregar bagagem e comida;
azinhavre
azzinjār (al zinjār) = a ferrugem de cobre.

Notamos que os vocábulos *argola* e *armazém* não conservaram o "l" da partícula "al" uma vez que os fonemas *gh* e *m* não assimilam o "l"; em contrapartida, houve o acréscimo do fonema *"r"*. Este fato não é comum, uma vez que encontramos outros vocábulos que se iniciam com estes fonemas sem estas transformações, como em *almofada, algazela, algazarra*; houve, com relação às palavras anteriores, uma mudança à regra.

II — *Vocábulos sem a partícula "al":*
cabidela
kabid = fígado, o ventre inteiro (var. kabd e kibd);
calibre
qālib = forma, molde;
cáfila
qāfilah = grupo de pessoas que volta de viagem ou a iniciam;
escabeche
sikbāj = guisado de carne e vinagre, que se tempera com açafrão;
javali
jabalīī = habitante da montanha;
jarra
jarrah = o vaso de barro, grande e bojudo;
mameluco
mamlūk = aquilo que se possui. Escravo. Servidor;
manjorra
majarr = barrete, viga, trave;
mesquinho
maskīn (miskīn) = aquele que nada possui, pobre, miserável, fraco;
salamalaques
salām'alaik = expressão de saudação: Que Deus esteja contigo!
Sultão
Sulṭān = detentor de autoridade suprema, Rei. Imperador;
tamarindo
tamr hindii = tâmara indiana;
xarope
charāb = líquido que se ingere.

III — *Vocábulos de diferentes origens, introduzidos via língua árabe:*

a) *origem persa:*
alcaparra
kabar; árabe = al kabbār = árvore;
cáqui
khākī = cor de terra ou poeira;
chita
chīt = tecido de algodão, estampado em várias cores;
espinafre
aspānākh; árabe = isbanakh, sabanakh = planta;
laranja
nāräng; árabe = nāranj (laranja azeda);
talco
talk; árabe = talq (gesso)
tambores
tabīr; árabe = tanbūr — ṭunbūr (instrumento de percussão);
tarrafa
taīlasāns; árabe = ṭarḥah (manta);
xale
chāl; árabe = chāl (tecido de lã, seda ou algodão para cobrir a cabeça).

b) *origem turca:*
café
qahvé; árabe = qahwah (semente de cafezeiro);

c) *origem hindi:*
nababo
nawwāb; árabe = nuwwāb (homem de grandes recursos);
anil
nil; árabe = annīl (al nīl) (planta própria para tingir de azul).

d) *origem sânscrita:*
ceroula
saravara; árabe = sirwālah (vestuário)
cânfora
karpura; árabe = kāfūr (substância aromática).

Nesta parte de nosso estudo, foram arrolados alguns dos vocábulos que nos chegaram por intermédio do Islão na Península Ibérica. Uma análise detalhada de todos os termos de origem árabe na língua portuguesa seria bastante exaustiva e, como referimos no início, há expressivos trabalhos nesta área, executados por filólogos renomados.

Podemos também observar outro caminho que marcou a presença árabe no Brasil — através dos negros islamizados —, introduzindo um rol de vocábulos.

Os negros que foram trazidos ao nosso país, nem todos muçulmanos, exerceram grande influência em nossa cultura, resultando no processo de aculturação afro-brasileira. Interessa-nos, no entanto, ressaltar a presença do "Islão Negro no Brasil".

Muitos trabalhos foram elaborados sobre a cultura negro-africana no Brasil: desde o relato histórico da condição de grupo escravo, em nosso país, até análises e reflexões sobre as influências étnicas e psicossociais no desenvolvimento do homem brasileiro. Dentre os inúmeros estudiosos não devemos nos esquecer de Nina Rodrigues com *Os Africanos no Brasil* e Gilberto Freyre com *Casa Grande e Senzala* que, assim como outros importantes pesquisadores, dedicaram-se a este fascinante e controvertido tema de nossa história.

Quanto à presença do negro muçulmano no Brasil, ressentimo-nos de uma literatura especializada. Lembramos algumas obras: *Islamismo e Negritude (da África ao Brasil, da Idade Média aos Nossos Dias)*, de João Baptista M. Vargens e Nei Lopes, *Arabismos entre os Africanos na Bahia*, de Fares A.S. Michaele, e artigos publicados pela revista Afro-Ásia do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia.

No plano lexical, tema de nosso interesse, ainda não foram relacionadas todas as palavras de origem árabe que nos chegaram via negro muçulmano. Algumas pesquisas recentes referem-se à linguagem do negro na Bahia, quanto às letras de música e a interferência do Islamismo, com um levantamento de vocábulos de origem árabe. Além das palavras relativas à vida religiosa, foram incorporados, ao nosso idioma, léxicos sobre o cotidiano. Como exemplo, citamos:
aluá
do árabe — halwa = doce
no português — bebida feita de arroz cozido, açúcar e sumo de limão. Também pode ser feita de milho;
alufá
do árabe — al ukh = irmão
português — sacerdote dos negros muçulmanos ;
fula
do árabe — felaḥ = camponês
português — povo africano importado pelo Brasil;
limáno
do árabe — al imām = chefe que dirige as cerimônias do culto
português — chefe de culto dos malês;
marabu
do árabe — marbut = ligado, amarrado
português — sacerdote dos malês;
sará
do árabe — salah = reza
português — missa dos malês.

Estes aspectos de linguagem, abordados no presente estudo, identificam o fenômeno de empréstimo. O grupo social como um todo foi envolvido e os traços da cultura árabe que nos foram transmitidos são revelados através de vocábulos já incorporados na linguagem diária.

No tocante à interferência lingüística, temos algo a discorrer. Neste sentido, abrimos um parênteses para falarmos de uma situação inversa: a influência de nossos valores nos árabes que para aqui imigraram.

Os imigrantes árabes (na sua maioria sírio-libaneses) chegaram ao Brasil a partir do século passado, em função da política imigratória brasileira de caráter expansionista. Estes, aos poucos, se integraram à comunidade brasileira, adquirindo os costumes do novo ambiente, e aprendendo a língua portuguesa do Brasil no convívio diário, uma vez que a maioria se dedicou ao comércio.

A adaptação e a integração desses imigrantes puderam ser observadas no plano social, tendo em vista um desenvolvimento psicológico e também lingüístico, uma vez que, bem ou mal, esforçaram-se para falar o português. A língua, pois, acompanhou o processo social.

Os imigrantes árabes não aprenderam o português sistematicamente. Na sua maioria, e em função de seu trabalho — o comércio —, adquiriram a nova língua de forma rápida, com um conhecimento utilitário. Participando das duas culturas, usaram as línguas de maneira alternada; conforme solicitações do meio, ora falavam em português, ora em árabe. Estamos diante de uma situação típica de línguas em contato.

A complexa relação entre o indivíduo e o meio, manifestada através da linguagem, resultou no fenômeno de interferências lexical, principalmente na linguagem oral árabe. Neste campo, fizemos ampla pesquisa que resultou em nossa tese de doutoramento, apresentada na Universidade de São Paulo, sob o título "A interferência lexical: análise da fala de imigrantes libaneses em São Paulo", FFLCH-USP, 1984.

Exemplificando o fenômeno de interferência lexical português-árabe, citamos alguns vocábulos que são usados na fala dos imigrantes (com correspondente ou não, na língua materna):
bichtighil al brasa — trabalho na praça; fábraka harir — fábrica de seda; mâkana khiát — máquina de costura; buluza suf — blusa de lã; krediáriu — crediário; atacadu — atacado; varežu — varejo; namuradu — namorado; bôlu — bolo; vazu — vaso; stadu — estado; kaši — caixa; kartera — carteira; dâxir — deixar; fâbrik — fabricar; nâmir — namorar.

O uso dos vocabulos com interferência decorre de fatores inter-relacionados; apresentaremos alguns, a seguir:
1. Conduta inconsciente do falante: o indivíduo não sabe se fala com interferência;
2. Mudança de contexto e de repertório: o novo meio atua como força social sobre o grupo de imigrantes. Apesar de conhecerem o vocábulo em árabe, usam-no em circunstâncias diferentes, resultando num problema semântico. E, por outro lado, há situações e vocábulos ausentes na cultura e língua árabe;
3. Economia lingüística: num certo momento, o falante percebe que o uso de alguns vocábulos facilitou sua comunicação oral. Esses são identificados pelo maior ou menor número de traços semânticos.

A interferência na linguagem, assim como o esforço de adaptação ao novo meio, são aspectos dinâmicos, fazendo com que, numa visão mais ampla de tempo e espaço, possamos avaliar as conseqüências dos contatos culturais, próprios do homem em constante evolução.

Procuramos destacar, neste breve estudo, aspectos da linguagem que resultaram do contato de culturas. Nas duas situações demonstradas, evidenciando os fenômenos de empréstimo e interferência lexical, observa-se uma multifatorialidade decorrente de forças psicológicas e sócio-históricas.

Um estudo detalhado dos vocábulos nos leva a refletir sobre as marcas culturais transmitidas; ao lado do léxico utilizado na linguagem, hábitos e costumes também foram transferidos e assimilados, quer por parte dos árabes, quer dos brasileiros.

BIBLIOGRAFIA

CÂMARA Jr., J. M.; 1972: *Princípios de Lingüística Geral*. Rio de Janeiro. Acadêmica.

MACKEY, W. F., 1976: *Bilinguisme et Contact des Langues*. Paris, Klincksieck.

NABHAN, Neuza N., 1984: *Interferência Lexical*: Estudo da fala de Imigrantes Libaneses em São Paulo. Tese de Doutorado, mimeografada, FFLCH-USP.

NASCENTES, Antenor, 1932: *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro. Encadernadora.

NIMER, Miguel, 1943: *Influências Orientais na Língua Portuguesa*. São Paulo, Salesianas, Tomos I e II.

SAPIR, E., 1971: *A Linguagem: introdução ao estudo da fala*, Trad. J.M. Câmara Jr. Rio de Janeiro. Acadêmica.

WEINREICH, Uriel, 1968: *Languages in Contact*. Paris, Mouton.

A doutora Neuza Neif Nabhan é professora assistente de Língua e Literatura Árabe, na Universidade de São Paulo.

A venda de jornais no século XIX

A princípio cada jornal só tinha um ponto de venda. Depois apareceram os quiosques, os jornaleiros e, com o progresso, as carroças que distribuíam os jornais no fim do século. É o que conta esta pesquisa sobre os começos da comercialização dos jornais em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Paulo Cezar Alves Goulart

A *Gazeta do Rio de Janeiro*, primeiro periódico publicado no Brasil, surge em 10 de setembro de 1808. Inicialmente editado uma vez por semana, passaria, posteriormente, a trissemanal; assinatura semestral de 3$500 e o número avulso a $80, encontrado na loja do mercador de livros Paul Martin Filho. O jornal aparecia com endereço certo.

Em julho de 1811 é lançado em Londres *O Investigador Português*. Cuidando dos interesses lusitanos, recebia incentivos — financeiros ou não — para obter maior divulgação. Para isso, o Conde das Galveas expediu a seguinte circular: "Sendo o jornal denominado *O Investigador Português* em Londres recebido debaixo dos auspícios de S.A.R. o Príncipe Regente Nosso Senhor e convindo muito promover a sua leitura nestes Estados, a fim de confirmar nos ânimos portugueses os sentimentos de lealdade e patriotismo, de que têm dado sempre as mais conspícuas provas, e preveni-los contra sinistras insinuações que se possam tentar fazer acreditar, é, portanto, S.A.R. servido mandar recomendar particularmente a V.Exa. haja de promover nessa capitania o maior número possível de subscritores para o mesmo jornal, procurando indiretamente insinuar e persuadir a sua utilidade sem parecer que o faz por positivas ordens que para isso teve." O jornalismo oficial necessitava de adesões: o leitor, a peça fundamental para o discurso da metrópole. A censura, que olhava de perto tudo quanto investisse contra este discurso, faz supor a existência de circulação clandestina de jornais nesse período: "D. João (...) Faço saber a vós (...) Que eu fui Servido Proibir a entrada e publicação do Periódico intitulado — *O Português* — e Ordeno que nenhum dos meus vassalos residente neste Reino e Domínio Ultramarinos o receba e venda, ou retenha em seu poder o mesmo, o espalhe por qualquer modo" (Sodré, 1966, p. 38).

A *Gazeta do Brasil*, outro jornal oficioso, era distribuído às quartas e sábados e vendido a $80, em 1827. De modo mais amplo que os primeiros jornais, podia ser encontrado em algumas lojas de livreiros, não se restringindo a apenas uma, como era comum até então.

Quais eram os leitores destes jornais? Para um total de 793 assinantes, a *Gazeta do Brasil* tinha 187 negociantes nacionais; 115 do exército; 101 padres e frades; 59 negociantes estrangeiros; 43 da marinha; 35 médicos e cirurgiões; 28 do Senado; 19 da Câmara; 18 do corpo consular e diplomático; 15 empregados na Alfândega; 1 oficial da Secretaria do Estado; 72 das demais classes.

Fundado em 1875

Bernard Grégoire, tocando buzina pelas ruas, foi o primeiro vendedor de "A Província de S. Paulo". É homenageado até hoje, em todas as edições de "O Estado de S. Paulo" e do "Jornal da Tarde".

A Sentinella da Monarchia, semanário da Corte, em 1840, informava, logo abaixo do título, que às quintas-feiras circulava. Sua assinatura custava 4$000 ao ano e a $80 eram vendidos 'os números avulsos nas lojas de costume'.

Os assinantes

O desenvolvimento do jornalismo no Brasil esteve diretamente vinculado às assinaturas que garantiam as condições financeiras mínimas para que um jornal pudesse ser editado e ter continuidade. Desde os periódicos mais efêmeros até aqueles que se estenderam por décadas, a assinatura teve papel fundamental. Entregues diretamente nas casas, no caso de assinantes, ou retirados nas 'lojas de costume' pelos leitores esporádicos, o circuito da venda de jornais dificilmente deveria ultrapassar o núcleo central das cidades. 'Lojas de costume' denota o circuito extremamente reduzido — e já conhecido — onde circulava o jornal. Basta observar as dimensões e população das principais cidades brasileiras na primeira metade do século XIX. Acrescente-se a isto o fato de cada núcleo urbano ter, ou melhor, estabelecer espacialmente o reduzido território onde a informação — assim como os privilégios culturais decorrentes da estrutura social — era produzida e consumida. Era dentro destes segmentos das cidades (ou, posteriormente, nas sedes de fazendas) que se concentrava a reduzidíssima população alfabetizada, os mesmos que, enfim, poderiam aplicar seus réis diários ou anuais informando-se do que ocorria tanto na Europa como na Corte, principalmente no caso dos jornais cariocas. Enfim, a informalidade no anúncio das vendas dos jornais evidenciava o próprio retrato do quadro social do período.

Os serviços do Correio procuram, muito timidamente, ter um melhor desempenho. O Decreto n.º 399, de 21 de dezembro de 1844, determina que a correspondência seja distribuída a domicílio, incluindo-se aí revistas e jornais. A melhoria, muito lenta e pulverizada, dos serviços prestados pelo Correio, iria corresponder uma adequação da circulação de jornais. Até esta data, e mesmo durante muito anos posteriores, os periódicos provenientes de outras localidades deveriam ser retirados pelos interessados na agência do correio local ou então em estabelecimentos que desempenhavam o papel de intermediários entre jornal e assinante.

A estrutura de uma empresa jornalística era bem modesta. Assim, era possível que toda equipe de trabalho fosse caracterizada, como ocorre no *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de São Paulo*, de 1857, no qual o *Correio Paulistano*, de São Paulo, incluía entre seus funcionários os 'entregadores de periódicos José Francisco de Jesus, Becco do Inferno, e José Constantino Lustoza, Rua do Príncipe'.

A imprensa feminina

O jornalismo, desde 1820, já registrava as primeiras manifestações da imprensa feminina, através de *O Correio das Modas* — moda, literatura, baile e teatros. Porém, é a partir da década de 1850 que periódicos semelhantes ganham novo impulso, acompanhando padrões de comportamento, idéias e a própria circulação da mulher, principalmente pelos salões. Assim, o *Jornal das Moças Solteiras*, o *Correio das Damas* e outros, em sintonia com este movimento, são vendidos particularmente nas arcadas do Teatro São Pedro, no Rio. As 'lojas de costume' já não mais monopolizavam a venda de jornais.

Por outro lado, essas lojas que se dedicavam a vendê-los não poderiam, evidentemente, dispor de dedicação exclusiva a isso — e é o que pode ser comprovado pelo anúncio do *Correio Paulistano* de 4 de março de 1859: "Aos 27 dominós/ No Batuíra distribuidor do Correio Paulistano! No Largo do Palácio debaixo do sobrado do Sr. Capitão Lopes, há para alugar um completo sortimento de roupas para o carnaval / Na mesma casa recebem-se roupas para alugar por conta de seus donos pagando a competente comissão."

O jornal chega às ruas

A venda de periódicos ganhava novos contornos através do jornal *Atualidade*, a partir de 1858, no Rio de Janeiro. O espaço e a movimentação das ruas ainda não haviam sido explorados na elaboração de mecanismos de venda. Observando isso, o *Atualidade* passa a buscar os seus leitores: "(...) foi o primeiro jornal vendido avulso nas ruas... Algumas dezenas de negros-minas, escravos ou ex-escravos do negociante Porto, residente na Rua dos Arcos, foram os primeiros jornaleiros cariocas" (Sodré, 1966, p. 229).

Os pontos de venda e a estrutura distributiva procuravam soluções que permitissem maior dinamismo na circulação dos jornais. Assim, em 1872, no Rio de Janeiro, tem-se notícia dos primeiros *kiosques* no Brasil: "Foi colloc. do hontem na rua Direita, per.o da rua do Ouvidor, um kiosque semelhante aos que se vêm em várias cidades da Europa, e outros serão mais tarde collocados em diferentes pontos da cidade. Na parte exterior do kiosque pódem ser pintados, desenhados, grudados ou gravados, annuncios de machinas ou outras quaesquer, relativos a cousas do commercio e emprezas publicas e particulares. No interior póde-se vender jornaes, livros, impressos, flores, doces, queijos, fructas, charutos e cigarros, miudezas, café e refrescos, sendo expressamente prohibida a venda de qualquer bebida alcoolica ou fermentada" (*República*, RJ, 4.2.1872). Estes quiosques, que em pouco tempo absorveriam recursos técnicos como o de poderem ser deslizáveis, a fim de melhor atender seus propósitos, destinavam-se, entre outras coisas, a ampliar numérica e estrategicamente os locais de venda dos jornais. Estes, geralmente retirados na própria gráfica onde eram impressos, tinham nos quiosques não só um local que atenderia ao crescimento da tiragem dos jornais como também implicariam novos processos de comercialização que iriam torná-los — enquanto objeto, função e implantação na cidade — na expressão primeira das bancas de jornais e revistas atualmente existentes.

Nessa época, os jornais, buscando formas de individualizarem suas empresas, criavam postos próprios: "Agencia da Republica / Acha-se á venda todos os dias / A Republica / 148 Rua Larga de S. Joaquim 148 / Por baixo do Collegio das / Duas Coroas" (*Republica*, 9.12.1871). Não demoraria muito para que agências exclusivas passassem a se estabelecer em outras praças. No *Correio Paulistano* de 26 de abril de 1881, o jornal carioca *Gazeta de Notícias* anunciava sua nova "Agencia Geral / Rua da Imperatriz n.º 32 / Previne se que do dia 24 do corrente em diante a distribuição deste periodico é feita na casa e numero acima. Recebe annuncios e qualquer publicação para a mesma e assignaturas".

Através de notícia do *Correio Paulistano*, de 6 de julho de 1873, pode-se ter um perfil das dificuldades de se fazer chegar os jornais aos leitores residentes fora das cidades onde eram impressos. Após apontar detalhes dos 'vicios do incompleto e deficientissimo systema postal que nos fornece a actualidade', informa aos seus leitores: "Como meio de tentar um remedio, deliberamos de agora em deante enviar pelos correios diarios os nossos jornaes reunídos em um só maço, levando em cada folha o endereço especial do assignante."

Jornais do interior

Conseqüência direta da ineficiência postal e das dificuldades de transporte, foi o surgimento de jornais do interior, ou seja, as restrições estruturais para que os jornais pudessem circular de uma para outra cidade, especialmente dentro da mesma província, geraram condições para que, a fim de atender às necessidades locais, as próprias cidades, distantes das capitais, criassem seus veículos de comunicação, como foi o caso de *Aurora Campineira*, de Campinas, que apareceu em 1858; três anos depois, o *Taubatéense*, de Taubaté, e outros. Somente nos anos 70, quando na Província de São Paulo as cidades de Santos, São Paulo,

Jundiaí, Campinas e Itu estavam interligadas por ferrovia, com a correspondência sendo recebida diariamente, a imprensa paulista pôde vislumbrar novas perspectivas através de uma distribuição relativamente mais rápida.

A expansão das vendas

No início da década de 70, a *República* inaugura um procedimento um tanto inusitado para expandir seu público: "Toda a pessoa que inserir anúncio de mais de 50 linhas na *Republica*, terá direito a 200 exemplares para distribuir. Assim os anuncios de espetaculos e os de leilão encontrarão na nossa folha, não só mais circulação do que em qualquer outra, mas a apreciável vantagem de poderem ser distribuídos largamente pelos respectivos freqüentadores" (*República*, 12.8.1874). O anunciante transformava-se, deste modo, em distribuidor indireto. Aquilo oferecido a ele como prêmio caracterizava-se, para a empresa, na ampliação informal do número de leitores.

Com o aparecimento de *A Província de São Paulo*, em 1875, a venda avulsa ambulante ganha nova fisionomia, com o ajudante de impressor Bernard Gregoire tocando a buzina pelas ruas, anunciando o novo jornal. Segundo Sodré, "a população achou aquilo um dispautério, houve repulsa à iniciativa que levaria à 'mercantilização da imprensa'; não se percebia que tal mercantilização já havia sido inaugurada". Efetivamente, essas críticas mostraram-se inconsistentes tanto que o *Correio Paulistano*, já tradicional na capital paulista e então principal concorrente de *A Província*, anunciava em 8 de junho de 1876: "Vendedores de jornaes/ Na typographia do 'Correio Paulistano' precisa-se contractar pessoas que se encarreguem de vender jornaes pelas ruas". O próprio Bernard Gregoire, neste mesmo ano, passava a anunciar os serviços da nova profissão: "Ao publico / O abaixo assinado tem a honra de participar ao publico desta bella capital que do proximo domingo em diante recomeçara pelas ruas da cidade, a tarefa de apregoar á venda os seguintes jornaes — Correio Paulistano, Tribuna Liberal e Jornal para Todos, visto que este ultimo vae reapparecer./ O annunciante previne que fará uma viagem a Santos uma vez por semana/ São Paulo 2 de outubro de 1876/ Bernard Gregoire."

Rapidamente a venda ambulante passa a ser o principal recurso para a venda a não assinantes, particularmente no Rio de Janeiro: "Simplesmente insuportável é o sofrimento com os vendedores de jornal, engraxates e vendedores de bilhetes. Perambulam pelas ruas milhares e milhares de rapazinhos italianos, negros e mulatos, que nos deixam quase surdos com a sua gritaria: *'A Galegada'!* olhe a *Galegada!* 100 réis a *Galegada! A Defesa dos Portugueses!* 100 réis *A Defesa dos Portugueses! A Gazeta de Notícias!* 40 réis a *Gazeta de Notícias! O Corsário*, está bom o *Corsário!* Comprem o *Corsário! A Folha Nova*, aí vai a *Folha Nova!* Comprem a *Folha Nova! Jornal do Commercio*, 100 réis o *Jornal! Cruzeiro*, comprem o *Cruzeiro*, 40 réis o *Cruzeiro! A Propaganda!* Aí vai A Propaganda, etc" (Sodré). Praticamente todos os jornais passaram a contar com a atividade destes vendedores apregoadores para a distribuição.

A gradativa melhoria dos serviços do Correio pode ser observada a partir do momento em que os jornais de capitais e outras províncias passam a publicar, em fins da década de 70, as notícias — geralmente da Corte — com informações de rápida perecibilidade (discussões, manifestos, movimentação da família imperial, etc.). Esta inclusão de notícias de periódicos de fora retrata, razoavelmente, a agilização entre remessa e recebimento de jornais de empresas de cidades distantes entre si. O próprio conhecimento do território, particularmente por suas vias de comunicação, traz implicações diretas nesta distribuição; assim, o Correio anuncia no *Correio Paulistano* de 12 de agosto de 1880, a sua Carta Postal da Província de São Paulo

A publicidade

O fato de os jornais começarem a atingir com maior regularidade cidades fora da região onde eram editados favorecia ao sistema publicitário vislumbrar, nessa expansão, um apoio aos seus objetivos: "Aos nossos assignantes do interior enviamos com a nossa folha de hoje um annuncio com a tabella dos preços dos vinhos da acreditada companhia das Vinhas do Alto-Douro" (*Correio Paulistano*, 29.6.1880). O jornal tornava-se veículo para pequenos objetos gráficos avulsos, prioritariamente publicitários.

Com o incremento geral das condições de expansão do empreendimento jornalístico, tanto por fatores externos (vias de comunicação, correio, telégrafo, consolidação de segmentos médios da população, aumento da população alfabetizada, situação política propícia à circulação de notícias etc.) e fatores internos (melhoria das condições da prática jornalística, empresas substituindo iniciativas particulares, modernização de equipamentos, aumento do espaço publicitário, adoção de novos meios destinados a aumentar o número de assinantes, como a distribuição de prêmios etc.), a parte final do processo — a chegada do jornal nas mãos do leitor — também se aperfeiçoa. Neste sentido, o *Jornal do Brasil*, do Rio, passa, a partir da última década, a utilizar carroças para a distribuição de jornais. A quantidade de jornais a ser distribuída e vendida, assim como a extensão física da cidade, definiam a necessidade de novos meios de transporte.

E assim, procurando definir padrões de comercialização do produto, o jornal chega a 1900 com traços que o diferenciavam, vigorosamente, do início do jornalismo no Brasil. Seria o passo inicial para orientar uma nova visão jornalística, no plano comercial, naquele começo de século.

Nota:

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966. (Col. Retratos do Brasil V. 51)

Paulo Cezar Alves Goulart é arquiteto e pesquisador de Artes Gráficas

Os primeiros jornaleiros foram recebidos sob protesto: "Perambulam pelas ruas milhares e milhares de rapazinhos italianos, negros e mulatos, que nos deixam quase surdos com a sua gritaria."

A imprensa feminina começa em 1820, com o "Correio das Modas". Logo depois surgiram o "Jornal das Moças Solteiras" e o "Correio das Damas". (As duas ilustrações acima são reproduzidas do "Pictorial Archive of Decorative and Illustrative Mortised Cuts", Dover Publications, Inc. New York, 1983.)

Museu Paraense Emílio Goeldi

Ao comemorar seus 120 anos, o Museu Paraense é o maior centro de pesquisas da Amazônia e uma das maiores instituições científicas do Brasil, preocupado com os estudos do passado e do presente da Região Norte.

Napoleão Figueiredo

Da primeira tentativa de implantação de um Museu no Rio de Janeiro ao tempo do Brasil Colônia, com D. Luiz de Vasconcelos e Souza (1778-1790), à Casa da História Natural, aos dias de hoje, a preservação do acervo tecnológico e científico no Brasil tem passado por etapas bem definidas e perfeitamente identificáveis.

A nosso ver, três momentos marcam esses períodos, caracterizados por comportamentos estanques interdigitados de tal maneira que, no momento presente, é possível se encontrar ainda reminiscências dos períodos anteriores:

a) o pioneiro, caracterizado pela concepção do museu depósito. Todo objeto e tudo aquilo encontrado na natureza, que fosse estranho, belo ou exótico, era coletado indiscriminadamente e levado aos museus para ser guardado ou exposto. Não havia critério científico que norteasse a coleta, o registro e a exposição.

b) o sistemático, quando o trabalho desenvolvido nos museus caminha paralelamente ao pensamento filosófico e às grandes escolas científicas da Europa. É caracterizado pela coleta de material em pesquisas de campo e de laboratório, orientadas por especialistas em cada campo do conhecimento humano.

c) o integrado, quando o museu se integra em termos institucionais e profissionalizantes aos órgãos oficiais de pesquisa, aos currículos universitários: transforma-se em instrumento de trabalho para os projetos e decisões de âmbito governamental e também para os entendimentos internacionais.

Na Amazônia, uma única instituição emerge em 1866, com essas características, a Sociedade Philomática, que constituiria o núcleo do futuro Museu Paraense. Em 1894, a direção do museu foi entregue ao naturalista suíço Emílio Goeldi, que, com recursos fartos, oriundos da produção da borracha, restaurou o então Museu Paraense de História Natural e Etnografia. Em 1931 passou a chamar-se Museu Paraense Emílio Goeldi e, em 1954, para salvá-lo de um completo colapso, o CNPq realizou um convênio com o Governo do Estado do Pará, através do qual assumiu a responsabilidade científica e administrativa da instituição.

As necessidades de investigação científica que a Amazônia exige colocaram, hoje, um grande desafio à secular instituição e ao seu corpo de pesquisadores, no sentido de responder às demandas da época atual nas áreas que lhe são específicas.

Maloca da tribo Urubu, no interior do Pavilhão Eduardo Galvão, onde está localizada a Exposição Permanente do Museu Paraense.

Zoologia

Nos estudos sobre a fauna da Região Amazônica, o Museu Goeldi desenvolveu pesquisas básicas de sistemática zoológica, zoogeográfica, comportamento, ecologia animal, zoologia aplicada, aproveitamento econômico e limnologia. Os grupos taxonômicos sob estudos são de morcegos, aves, lagartos, cobras, tartarugas, peixes da água doce e do estuário do rio Amazonas, microcrustáceos do zooplâncton, insetos sociais, insetos aquáticos, insetos do solo, insetos de importância médica e pragas de agricultura.

As coleções zoológicas reúnem cerca de 12 mil mamíferos, 40 mil aves, 30 mil répteis e anfíbios, 100 mil peixes, 2 mil moluscos e anelídeos, 500 crustáceos e 600 mil insetos e aracnídeos.

Botânica

A área de Botânica desenvolve pesquisas em faixas pioneiras, zonas de represas, mineração e colonização, estudos taxonômicos sobre diversas famílias botânicas e essências da Amazônia, pesquisas sobre frutos comestíveis e plantas medicinais da região, pesquisas de madeiras da Amazônia, palinologia e etnobotânica. Atua no campo da Ecologia com estudos a respeito da estrutura e funcionamento da mata amazônica.

A coleção botânica, bastante significativa, apresenta cerca de 100 mil exemplares e compreende grande número de "typus".

Ciências Humanas

As principais atividades do DCH estão voltadas para o desenvolvimento de estudos antropológicos, arqueológicos, lingüísticos, geográficos e históricos que ampliem os conhecimentos das populações contemporâneas e pré-históricas da Amazônia.

As investigações acerca das populações indígenas consideram os aspectos ergológicos e também os problemas relativos aos contatos com as populações regionais. Esses estudos apresentam, como resultado, diretrizes e subsídios para a política indigenista. De igual modo os estudos sobre as populações regionais de baixa renda — populações camponesas — revelam-se de maior importância como base para a política migratória e o planejamento do desenvolvimento econômico da região. As coleções etnográficas reúnem cerca de 15 mil peças, muitas delas provenientes de grupos tribais já extintos.

O Museu Emílio Goeldi é a única instituição regional que realiza pesquisas arqueológicas na Amazônia, procurando obter uma perspectiva geral do processo de adaptação do homem pré-colombiano a certas situações ambientais e ao uso de determinados recursos naturais, suas origens, migrações, cronologia, desenvolvimento cultural e possíveis correlações com as demais áreas contíguas sul-americanas.

Outra linha de trabalho é a Arqueologia de Salvamento, que se propõe a realizar o salvamento de sítios arqueológicos ameaçados de destruição pelo surto do desenvolvimento urbanístico e tecnológico da região. O acervo arqueológico totaliza mais de 2 mil peças e cerca de um milhão de fragmentos de cerâmica, líticos e outras evidências, coletados em vários sítios arqueológicos da Amazônia Legal Brasileira.

Geociências

As atividades na área da Geologia sofreram sérias descontinuidades ao longo da história do Museu Goeldi. Houve um período de grandes realizações no final do século passado e início do presente. A partir do convênio de 1954, foi reiniciado o trabalho de identificação e classificação de rochas, minerais e grande quantidade de fósseis, reunindo valiosíssimo acervo científico. Destacam-se atualmente as pesquisas sobre Paleontologia, Geologia Ambiental, Geofísica aplicada à Arqueologia, constituindo-se esta última em trabalho pioneiro no Brasil. Além das coleções de fósseis e rochas da Bacia Amazônica cujo acervo paleontológico, mineralógico e petrológico totaliza cerca de 2.500 amostras, apresenta uma excelente coleção de fósseis da Formação Pirabas.

Atividades de Apoio

O destaque dado pelo Governo Federal nos últimos anos à Amazônia, como área prioritária para aplicação de recursos, gerou uma demanda sensível e intensa de informações sobre a região, que se ressente de programas que propiciem acesso à documentação e informações, indispensáveis, principalmente, aos projetos sócio-econômicos que se vêm implantando em toda a área amazônica.

Em função disso, a biblioteca do museu foi reestruturada, passando a Centro de Documentação e Informação da Amazônia, o qual tem como objetivo reunir informações e documentos sobre a Amazônia, que possam apoiar todo e qualquer trabalho científico realizado nesta região. Sua biblioteca, especializada em História Natural, Antropologia e assuntos amazônicos, reúne hoje um acervo de mais de 140 mil documentos, cujo valor histórico e científico é inestimável. A coleção de obras raras inclui as *Viagens* de Humboldt, de Spix e a *Flora* de Martius, afora os trabalhos de Barbosa Rodrigues, de Castelnau, de Creveaux e de Coudreau. A participação em programas a nível nacional vem merecendo especial atenção da Biblioteca desde sua reorganização.

Torna-se imprescindível a uma instituição científica dispor de veículos que divulguem os resultados de suas pesquisas. O Museu Paraense Emílio Goeldi dispõe para esse fim de um Boletim, dividido em 4 séries distintas: Antropologia, Botânica, Zoologia e Geologia, das Publicações Avulsas e da série Guias. Além dessas, há a coleção Alexandre Rodrigues Ferreira (reedições), os catálogos de exposições e outras publicações não especificadas.

Atividades de Interação Museu-Comunidade

O Museu Paraense Emílio Goeldi, além de suas atividades científicas, propicia lazer, ensino e educação, isto é, atividades de extensão científico-cultural, um trabalho que pretende disseminar, respaldado nos departamentos de pesquisa do museu, conhecimento acerca do ambiente natural e cultural da Amazônia.

Museologia

Visando a uma maior participação da comunidade nos programas e atividades do museu, a área de museologia desenvolve diretrizes de ação que possibilitam ao público o conhecimento dos trabalhos realizados no campo da ciência, da educação e da cultura.

Apoiada nos resultados das pesquisas programadas pela instituição, a Divisão de Museologia vem oferecendo à população uma gama de promoções e eventos, tais como exposições, seminários, cursos e diversas outras atividades, objetivando o desenvolvimento educacional e o incentivo ao aprimoramento cultural, às atividades científicas e à preservação da memória cultural da região.

O principal instrumento é o Pavilhão Eduardo Galvão que abriga moderna exposição compreendendo amostras de Arqueologia, Botânica, Etnologia, Zoologia e Geologia. Além dessa exposição permanente há, periodicamente, montagens de exposições temporárias sobre temas científicos.

Parque Zoobotânico

Abriga alguns dos representantes mais significativos da fauna e da flora amazônica e atende tanto aos visitantes como às necessidades de estudos com espécimens vivos.

No Parque vivem antas, veados, macacos, tartarugas, jacarés e característica representação de aves e de peixes, com um total de 2 mil espécies.

Conta ainda com 800 espécies vegetais, totalizando mais de 2 mil plantas vivas, nativas da Amazônia.

Procurando compatibilizar rapidez e eficiência com uma tradição especificamente museológica, foi recentemente inaugurado o Campus de Pesquisa do Museu Paraense Emílio Goeldi, com instalações mais adequadas às áreas de pesquisa e à conservação do acervo. A sede atual ficará destinada exclusivamente às atividades de comunicação com o público. Espera-se, com esta medida, aumentar e dinamizar os trabalhos de investigação científica e, ao mesmo tempo, valorizar o campo museológico.

Napoleão Figueiredo é professor emérito da Universidade Federal do Pará e pesquisador do Museu Paraense Emílio Goeldi.

O carnaval da crise

O texto a seguir transcrito é da revista "O Cruzeiro", do dia 21 de fevereiro de 1931, quando o Brasil, logo após a Revolução de 30, estava em pleno carnaval da crise que alguns acreditavam seria a crise do carnaval. Passou a Revolução de 30, passou a Revolução de 64, está passando a Nova República e já se vão quase 60 anos. Quem entrou em crise? Certamente não foram as "deusas lascivas do Olympo erotico da mythologia carnavalesca".

HAVIA uma geral curiosidade em verificar como se comportaria a população carioca no carnaval da crise, que alguns acreditavam seria a crise do carnaval. Os factos desacreditaram as prophecias desses ruins psychologos. As agruras do cambio, os embaraços do commercio, o ostracismo em que gemem os politicos do antigo regime e os seus apaniguados e favorecidos, a confusão de nebulose em que permanecem os horizontes astraes da revolução, que está ainda gerando o seu systema planetario, não conseguiram supplantar a tradição quase centenaria do carnaval carioca e aquietar os instinctos desencadeados na colorida e cahotica orgia que é o ephemero reinado de Momo. Naturalmente, decresceu o dispendio de lança-perfumes, de serpentinas e confetti; as fantasias de 1930 reappareceram envelhecidas nos bailes de 1931; os chauffeurs foram menos omnipotentes; o carnaval, emfim, subordinou-se aos preceitos dictatoriaes da economia, mas as tres grandes recitas annuaes do desvairamento carioca como de costume trouxeram para as avenidas, para as ruas e para as praças, para os salões de baile e para os theatros, o seu numeroso publico, semi-estonteado pelo ether. Do terraço do Hotel Gloria, o financista britannico Niemeyer, que já colhera, na contemplação das massas de granito e das montanhas que decoram monumentalmente a cidade, a impressão physica da solidez do Brasil, comparavel á dos seus alicerces geologicos, terá reflectido com salutar optimismo, ao vêr o espectaculo unico do carnaval carioca, que um povo que assim sabe divertir-se entre as alarmantes subversões de uma crise economica e de uma crise financeira, é um povo forte, que não se deixa abater e que não se persuade que Deus se arrependeu de haver optado pela nacionalidade brasileira.

Este carnaval sem alcool — beneficamente desviado dos estomagos para os motores dos automoveis — nos terá talvez prestado o serviço inestimavel de enriquecer a observação do clinico financeiro com este attestado insophismavel do bom humor nacional.

Decerto, os moralistas e os graves cidadãos que perdem o somno a ruminar sobre os difficeis problemas que a revolução foi chamada a resolver, terão considerado a alegria popular como a manifestação de uma falta de compostura civica ou de inconsciencia collectiva. A verdade, porém, é que o carnaval não precisa da alegria para prevalecer, e que os secretos estimulos de onde advem a sua exaltação sensualista mais se desenvolvem, talvez, no infortunio do que na felicidade. O phenomeno, á força de repetido, banalisou-se pelas successivas acquisições da experiencia. Quando a Revolução Franceza, nos paroxismos da sua tragica regeneração politica e social, mantinha em actividade os cutelos afiados das guilhotinas, e os seus tribunaes furibundos funccionavam como hecatombes, Paris encontrou na dansa e na orgia os entorpecentes para o panico. Ao decompôr-se, a tragedia déra á luz a corrupção. O Directorio fôra uma bacchanal. Um dos primeiros cuidados de Bonaparte consistiu na purificação dos costumes, corrompidos pelos excessos tragicos da Revolução. É que sempre na adversidade as compensações dos sentidos se offerecem como antidoto ás aflicções. O espectaculo da Europa do após-guerra converteu-se na mais recente e elucidativa demonstração de uma anarchia moral resultante de uma convulsão apocalyptica.

O carnaval offerece ao desalentado ou ao preoccupado esse mesmo transitorio esquecimento dos seus males que a embriaguez dá aos infelizes e aos fracos com as turbações, as miragens, ou a inconsciencia do alcool. A esse ruidoso pandemonio, os tristes lançam como a uma fogueira as suas secretas melancolias. O carnaval é para o carioca como uma vilegiatura de tres dias, que de sabbado á noite até a madrugada de quarta-feira o distancia e o exila da vida real, pesada e rotineira de todo o anno. O carnaval é a abolição de muitos dos preconceitos e das convenções a que todos andamos algemados; um mixto de transfiguração da realidade e de regressão ao imperio dos instinctos; um alivio a esta pesada regra de vestir, de trabalhar, de lutar a que está condicionada a vida da communidade humana. No carnaval, o pária pode fantasiar-se de principe e o degenerado vestir-se de mulher. Esse escape dos instinctos parece ser tão necessario, de vez em quando, como o escape de gazes para os motores de explosão. Sempre, desde tempos immemoriaes, sob diversas denominações de saturnaes, de lupercaes, de bacchanaes, de kermesses, estas periodicas orgias existiram, até á implantação italiana do carnaval, que teve na Roma dos papas e na Veneza dos doges, os seus palcos historicos.

Nos nossos tempos, o carnaval do Rio de Janeiro constitue o exemplo unico de uma cidade inteira convertida quase unanimemente em um espectaculo de folia sensualista.

Do entrudo português, tumultuoso e rudemente ingenuo, fizemos, mercê dos incitamentos do clima e da mescla das raças, em uma cidade que é um scenario de feeria oriental, um carnaval dos tropicos, inebriante, aphrodisiaco e decorativo, cuja pintura impressionista Graça Aranha nos deixou em uma das paginas mais divulgadas da *Viagem Maravilhosa*, e que Guilherme de Almeida já descrevêra antes delle com não menor intensidade de colorido.

No carnaval carioca collaborou a fascinação africana pela pompa das côres, pela excitação da musica e as contorsões da dansa. Já muito antes do jazz, na partitura do nosso carnaval intervinham os accordes barbaros e lubricos do samba. Nas suas origens se encontra como a genuina e talvez unica creadora dos cortejos, dos cordões, das dansas e dos canticos, essa parte humilde de população nativa, que desabafava nesses dias os seus insuplantaveis residuos ancestraes. E' ainda hoje esse phrenesi popular que constitue a nota pittoresca, *sui-generis*, inconfundivel do carnaval carioca, sem a qual elle seria mais ou menos uma *reprise* do de Nice, deixando apenas em scena os corsos de automoveis, transformados em *corbeilles* de mulheres borrifadas de confetti e os prestitos theatraes dos clubs, apotheoses sensuaes em que vemos, thronando em carros dourados, entre o estridor das fanfarras e os clarões dos fogos de artificio, as rainhas do maxixe, as deusas lascivas do Olympo erotico da mythologia carnavalesca.

A crise só exacerbou no povo a ansia de esquecer na licença da festa maxima as suas trituradoras dificuldades. Os ricos, os elegantes e os que tem de viver dentro do preconceito de uma illusoria prosperidade, esses afluiram para os bailes dos Palaces e das sociedades sportivas. Todo o guarda-roupa de Momo, desde os sumptuosos lamés de Copacabana e Botafogo até os andrajos das Favellas, resurgiu, compareceu á convocação do carnaval. E mais uma vez Eros, rei invisivel, mas omnipresente e omnipotente, reinou discricionariamente, com o unico despotismo contra o qual nunca se rebelaram as victimas e nunca se promoveu e organisou uma revolução.

PROPRIEDADE DA EMPRESA GRAPHICA "O CRUZEIRO" S.A.
Director-presidente: Dr. José Marques Carneiro
REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS: RUA BUENOS AIRES, 152
Telephone: Redacção ... Administração ...
Endereço telegr.: CONSTELLAÇÃO

O Cruzeiro
Revista Semanal Illustrada
Direcção de Carlos Malheiro Dias

AGENCIAS EM TODAS AS CIDADES DO BRASIL - CORRESPONDENTES EM LISBOA, PARIS, ROMA, MADRID, LONDRES, BERLIM E NOVA YORK
GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO DE ANTUERPIA

ASSIGNATURAS
Typographia Nacional
Um anno ... 15$000
Semestre ... 8$000
Trimestre ... 4$500
Estrangeiro
Um anno ... 25$000
Semestre ... 15$000
Numero avulso ... 1$000

ANNO III — Rio de Janeiro, 21 de Fevereiro de 1931 — NUMERO 16

Depois do Carnaval

HAVIA uma geral curiosidade em verificar como se comportaria a população carioca no carnaval da crise, que alguns acreditavam seria a crise do carnaval. Os factos desacreditaram as prophecias desses ruins psychologos. As agruras do cambio, os embaraços do commercio, o ostracismo em que gemem os politicos do antigo regime e os seus apaniguados e favorecidos, a confusão de nebulose em que permanecem os horizontes astraes da revolução, que está ainda gerando o seu systema planetario, não conseguiram supplantar a tradição quase centenaria do carnaval carioca e aquietar os instinctos desencadeados na colorida e cahotica orgia que é o ephemero reinado de Momo. Naturalmente, decresceu o dispendio de lança-perfumes, de serpentinas e confetti; as fantasias de 1930 reappareceram envelhecidas nos bailes de 1931; os chauffeurs foram menos omnipotentes; o carnaval, emfim, subordinou-se aos preceitos dictatoriaes da economia, mas as tres grandes recitas annuaes do desvairamento carioca como de costume trouxeram para as avenidas, para as ruas e para as praças, para os salões de baile e para os theatros, o seu numeroso publico, semi-estonteado pelo ether. Do terraço do Hotel Gloria, o financista britannico Niemeyer, que já colhera, na contemplação das massas de granito e das montanhas que decoram monumentalmente a cidade, a impressão physica da solidez do Brasil, comparavel á dos seus alicerces geologicos, terá reflectido com salutar optimismo, ao vêr o espectaculo unico do carnaval carioca, que um povo que assim sabe divertir-se entre as alarmantes subversões de uma crise economica e de uma crise financeira, é um povo forte, que não se deixa abater e que não se persuade que Deus se arrependeu de haver optado pela nacionalidade brasileira.

Este carnaval sem alcool — beneficamente desviado dos estomagos para os motores dos automoveis — nos terá talvez prestado o serviço inestimavel de enriquecer a observação do clinico financeiro com este attestado insophismavel do bom humor nacional.

Decerto, os moralistas e os graves cidadãos que perdem o somno a ruminar sobre os difficeis problemas que a revolução foi chamada a resolver, terão considerado a alegria popular como a manifestação de uma falta de compostura civica ou de inconsciencia collectiva. A verdade, porém, é que o carnaval não precisa da alegria para prevalecer, e que os secretos estimulos de onde advem a sua exaltação sensualista mais se desenvolvem, talvez, no infortunio do que na felicidade. O phenomeno, á força de repetido, banalisou-se pelas successivas acquisições da experiencia. Quando a Revolução Franceza, nos paroxismos da sua tragica regeneração politica e social, mantinha em actividade os cutelos afiados das guilhotinas, e os seus tribunaes furibundos funccionavam como hecatombes, Paris encontrou na dansa e na orgia os entorpecentes para o panico. Ao decompôr-se, a tragedia déra á luz a corrupção. O Directorio fôra uma bacchanal. Um dos primeiros cuidados de Bonaparte consistiu na purificação dos costumes, corrompidos pelos excessos tragicos da Revolução. É que sempre na adversidade as compensações dos sentidos se offerecem como antidoto ás aflicções. O espectaculo da Europa do após-guerra converteu-se na mais recente e elucidativa demonstração de uma anarchia moral resultante de uma convulsão apocalyptica.

O carnaval offerece ao desalentado ou ao preoccupado esse mesmo transitorio esquecimento dos seus males que a embriaguez dá aos infelizes e aos fracos com as turbações, as miragens, ou a inconsciencia do alcool. A esse ruidoso pandemonio, os tristes lançam como a uma fogueira as suas secretas melancolias. O carnaval é para o carioca como uma vilegiatura de tres dias, que de sabbado á noite até a madrugada de quarta-feira o distancia e o exila da vida real, pesada e rotineira de todo o anno. O carnaval é a abolição de muitos dos preconceitos e das convenções a que todos andamos algemados; um mixto de transfiguração da realidade e de regressão ao imperio dos instinctos; um alivio a esta pesada regra de vestir, de trabalhar, de lutar a que está condicionada a vida da communidade humana. No carnaval, o pária pode fantasiar-se de principe e o degenerado vestir-se de mulher. Esse escape dos instinctos parece ser tão necessario, de vez em quando, como o escape de gazes para os motores de explosão. Sempre, desde tempos immemoriaes, sob diversas denominações de saturnaes, de lupercaes, de bacchanaes, de kermesses, estas periodicas orgias existiram, até á implantação italiana do carnaval, que teve na Roma dos papas e na Veneza dos doges, os seus palcos historicos.

Nos nossos tempos, o carnaval do Rio de Janeiro constitue o exemplo unico de uma cidade inteira convertida quase unanimemente em um espectaculo de folia sensualista.

Do entrudo português, tumultuoso e rudemente ingenuo, fizemos, mercê dos incitamentos do clima e da mescla das raças, em uma cidade que é um scenario de feeria oriental, um carnaval dos tropicos, inebriante, aphrodisiaco e decorativo, cuja pintura impressionista Graça Aranha nos deixou em uma das paginas mais divulgadas da *Viagem Maravilhosa*, e que Guilherme de Almeida já descrevêra antes delle com não menor intensidade de colorido.

No carnaval carioca collaborou a fascinação africana pela pompa das côres, pela excitação da musica e as contorsões da dansa. Já muito antes do jazz, na partitura do nosso carnaval intervinham os accordes barbaros e lubricos do samba. Nas suas origens se encontra como a genuina e talvez unica creadora dos cortejos, dos cordões, das dansas e dos canticos, essa parte humilde de população nativa, que desabafava nesses dias os seus insuplantaveis residuos ancestraes. E' ainda hoje esse phrenesi popular que constitue a nota pittoresca, *sui-generis*, inconfundivel do carnaval carioca, sem a qual elle seria mais ou menos uma *reprise* do de Nice, deixando apenas em scena os corsos de automoveis, transformados em *corbeilles* de mulheres borrifadas de confetti e os prestitos theatraes dos clubs, apotheoses sensuaes em que vemos, thronando em carros dourados, entre o estridor das fanfarras e os clarões dos fogos de artificio, as rainhas do maxixe, as deusas lascivas do Olympo erotico da mythologia carnavalesca.

A crise só exacerbou no povo a ansia de esquecer na licença da festa maxima as suas trituradoras dificuldades. Os ricos, os elegantes e os que tem de viver dentro do preconceito de uma illusoria prosperidade, esses afluiram para os bailes dos Palaces e das sociedades sportivas. Todo o guarda-roupa de Momo, desde os sumptuosos lamés de Copacabana e Botafogo até os andrajos das Favellas, resurgiu, compareceu á convocação do carnaval. E mais uma vez Eros, rei invisivel, mas omnipresente e omnipotente, reinou discricionariamente, com o unico despotismo contra o qual nunca se rebelaram as victimas e nunca se promoveu e organisou uma revolução.

A página de "O Cruzeiro," de 21 de fevereiro de 1931, sobre o carnaval da crise

Joaquim Cardozo: o amigo, o poeta e o profissional

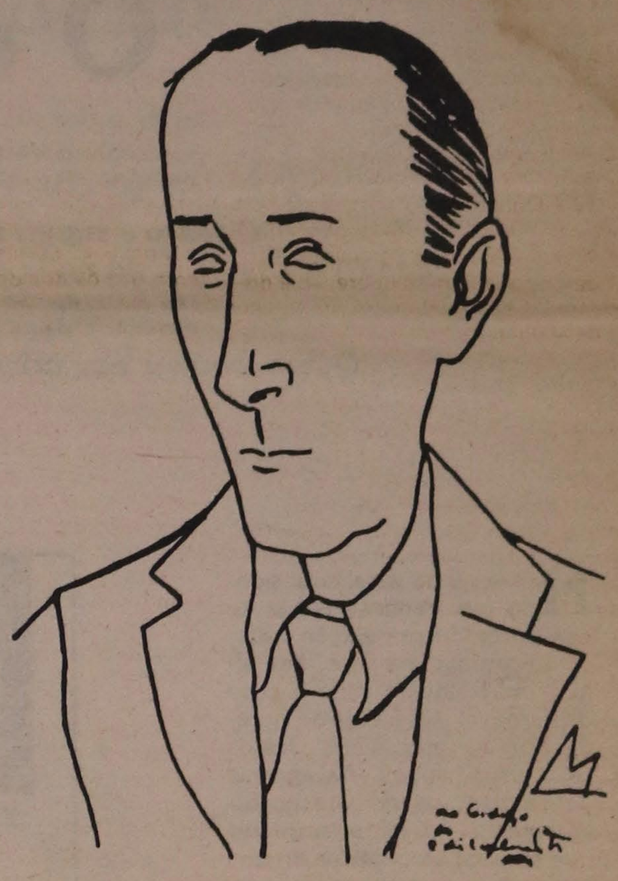


Figura importante da poesia brasileira, embora mais conhecida dos críticos que do grande público, Joaquim Cardozo desenvolveu intensa atividade intelectual, política e profissional (era engenheiro), relembrada neste artigo escrito por um amigo de muitos anos.

Eduardo Maffei — Ilustração de Di Cavalcanti

Havia no Recife, na esquina das ruas Imperador e Primeiro de Março, um café, o Continental, que, nos fins de tarde, tinha por norma colocar cadeiras na calçada, sob os oitizeiros da primeira dessas ruas. Logo adiante existia um varejo da fábrica de cigarros Lafaiete, por cujo nome passou a ser conhecida a esquina e o café, como se o nome Continental não existisse. Osório Borba, nos primeiros anos 20, era um dos redatores do "Diário de Pernambuco". Certa noite, a caminho do jornal, a cerca de 100 metros dali, com folga horária, sentou-se numa dessas cadeiras para consumir algo. Logo mais chegou, também com horário disponível, um companheiro dialogável, cujo nome se ignora. Tornou-se, para Osório, aquele pouso de passagem, um ritual. E, com o tempo, a partir de 1923, juntaram-se primeiro Otávio Malta e Benedito Monteiro, e, posteriormente, Joaquim Cardozo e Manuel de Souza Barros, cuja memória dos anos da década dos 20, em excelente livro, impediu, pela sua publicação, a castração da história intelectual e política em Pernambuco daqueles anos de fundação do Partido Comunista, dos tenentes e da Coluna Prestes. Tendo, desde logo, Joaquim Cardozo como pólo de atração, juntaram-se outros intelectuais da mesma água. E desde então, até seu desaparecimento em 1943, aquela calçada adquiriu os foros de uma êxedra em que o intercolúnio era proporcionado pelos troncos dos oitizeiros e que, através do tempo, foi legitimada como Cenáculo da Lafaiete.

Fui levado a ele, Osório, no Rio, ainda brincando de brigar até que, mais tarde, se aconchegasse ao regaço insípido, inodoro e incolor da UDN, nos primeiros dias de 1939, por Eustáquio Duarte, figura extrovertida que, se estiver no Paraíso, estará fazendo o Padre Eterno gargalhar e perdoar Adão e Eva. Durante todo tempo em que permaneci no Recife, depois de jantar no Grande Hotel em que residia, ali próximo, tornou-se o meu fumar o cachimbo de ópio que me fazia esquecer os homens que haviam perdido o humano. Bebendo pelos ouvidos o que Joaquim Cardozo, já então o Platão daquele pórtico, falava. Era de muito ouvir e, falando pouco, falar muito. Homem de pureza stendhaliana, era, como o próprio Stendhal, incapaz de matar uma mosca, pois que um e outro achavam que o mundo era demasiado grande para todos. Era fascinado pela conversa alheia que ouvia com aquele recolhimento de quem ouve Bach. A esse Cenáculo e, particularmente a Joaquim Cardozo, devo uma enorme fatia da minha formação cultural e humanista.

Cardozo costumava, não nesse tempo em que as hordas nazistas estavam maculando os muros da liberdade com sua desgraçada cruz dos braços retorcidos, a suástica, dar suas fugas a Portugal e Paris, onde sentia Hemingway na Rotonde, Joyce na Closerie de Lilás, Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir no Café de Flore como se fossem os espíritos dos seus companheiros do Cenáculo. Certa noite, em que me contava, como se estivesse saboreando o néctar dos deuses, os grandes instantes de uma viagem passada, mesquinhamente perguntei-lhe se elas não eram muito onerosas. Ele que vivia a vida pela vida, que ignorava as crenças religiosas, as escolas filosóficas e os credos políticos, unindo-se aos semelhantes pelo máximo divisor comum da alegria de viver, fez um alto-relevo em minha personalidade, proporcionando-me uma nova filosofia de vida, ao me responder:

— Juntar dinheiro é o mesmo que pensar na morte, pois, quando fomos postos no mundo foi para que vivêssemos compromissados com a vida. A verdadeira riqueza é não sentir falta de dinheiro e nem se lamentar por isso.

Mais tarde, lendo Spinoza, espantei-me. Cardozo, na êxedra, repetira, talvez sem o saber, mas possuído da mesma filosofia, o sefardim que escrevera: "A Natureza se conforma com pouco e, se ela está satisfeita, também eu estou; trato de não ter, ao final da existência, mais que o necessário para um enterro decente." Mais tarde, Cardozo filosofaria na mesma ordem de idéias: "O mistério maior não está na morte, como pensam em geral os teólogos, e sim no aparecimento da vida, porque a morte é, em si mesma, menos misteriosa que ela, pois sabemos que vamos morrer e ignorávamos que iríamos nascer."

No começo de 40 separamo-nos. Não mais o esqueci. Quem poderia esquecer Cardozo? Voltaríamos a conversar por duas ocasiões. Levando vidas paralelas, dando e recebendo notícias, fazendo percorrer pelo paralelismo dos trilhos os trens da nossa existência. Em fins de 44 ou começo de 45, Juscelino, prefeito de Belo Horizonte, onde minha vida andeja me levara, promoveu, descortinando um horizonte político democrático com o fim do Estado Novo, uma caravana de intelectuais e artistas de São Paulo e do Rio para abrilhantar a inauguração do conjunto arquitetônico da Pampulha, projetado por Niemeyer e calculado por Cardozo. Logo os intelectuais e artistas colocaram-se em pólos opostos: uns de arte pela arte e do intelectual pelo intelectual e outros do prestígio que possuíam e que a ocasião lhes dava, para lançar cunhas nas trincas do estado fascista-getulista defendendo a liberdade.

Eu, engrenado na resistência ao Estado Novo, através das revistas "Problemas", "Cultura", de São Paulo, e "Seiva", da Bahia, junteime ao grupo "político": Oswald de Andrade, Arnaldo Pedroso D'Horta, Caio Prado Júnior, Germinal Feijó, Sergio Milliet, Clóvis Graciano e outros. Foi quando, através de um caloroso discurso, no cinema Metrópole, inteiramente lotado, Oswald de Andrade, lançando a campanha da anistia em Minas, explodiu, fazendo a assistência explodir, no meio de sua fala: "E que se abram neste País todas as portas dos cárceres." O grupo "purista" limitou-se a explanar planando inofensivamente. Inclusive o discurso de encerramento, feito por Vinícius de Moraes, no salão do 1.º andar do Edifício Mariana, onde se realizara uma exposição de artes plásticas, diferentemente do que Juscelino e todos esperavam, foi extremamente inofensivo e puristicamente borocoxô, ignorando que os 4/5 das tropas nazistas lançadas contra a URSS estivessem em debandada, fustigadas pelo Exército Vermelho desde Stalingrado. Na época dessa caravana, tive a ocasião de conversar intensamente com Cardozo e Paulo Werneck sobre as perspectivas da democratização nacional. E entre uma conversa e outra, Cardozo metia a sua pitada para dar sal ao diálogo. Nessa ocasião, o bispo recusara-se a sagrar a Capela de São Francisco, preciosidade arquitetônica de Niemeyer com pinturas de Portinari, azulejos de Ceschiatti e baixos-relevos de Paulo Werneck que, apesar disso, foi por nós inaugurada e aberta ao público para visitação e oração. A "prédica" foi feita por Oswald de Andrade. Num tempo em que moramos juntos, eu na rafa recolhido por ele, ele me dizia que se criara nas sacristias até que "um padre lhe batera a carteira num meio-dia de São Paulo policiado", imagem que fez e aproveitou, se não me falha a memória, em *Serafim Ponte Grande*, para explicar através dessa expressão metafórica certa "mêlée" por terrenos em que foi perdedor. Havia em sua oração a inocência do catecismo, o protesto contra o avassalamento das religiões e a defesa da liberdade e da cultura a serviço do pensamento. Sua frase de efeito foi: "Esta capela é capaz de ainda converter alguém." O amém que sacramentou sua oração foi uma salva de palmas.

Muito tempo depois, um dia, das páginas de um jornal, sofri violenta agressão. O Pavilhão da Gameleira havia se desmoronado e Cardozo estava sendo incriminado. Depois soube que, não refeito do choque, retornara ao Recife, residindo no Espinheiro com suas três irmãs. No dia em que completara 75 anos, em agosto de 72, as chuvas que fazem florescer os cajueiros bateram com insistência sobre todo o Recife como se houvesse algo de telúrico com a presença de um dos seus filhos mais ilustres. Quando soube disso não pude deixar de ligar os ventos a mais outros dois grandes poetas como ele: Martins Fontes e Byron. Quando o primeiro nasceu e, anos depois, morreu, o noroeste, um vento de Santos, soprou com furor. Alguns minutos antes de Byron expirar, no dia 19 de abril de 1824, em Missolonghi, na Grécia, por cuja liberdade estava lutando, desabou sobre a cidade uma violenta tempestade. Enfim, os ventos cantaram seus poetas que os haviam cantado. Em entrevista dada a uma revista, pouco depois, confessava-se um "túmulo de livros" como Baudelaire quando se definiu... "un cimetière / ou comme des remords, se trainet des longs vers..." No Recife não tinha mais amigos: haviam morrido ou se mudado. Preso pela solidão, comunicou-se com Oscar Niemeyer: "Mande-me buscar." Sentia tanta necessidade de conversação amiga como um sedento no Saara sente pela água, mesmo como miragem.

Anos depois, já em 1975, sabendo por um amigo comum que fizera lisonjeiras referências a meu respeito, enviei-lhe um convite para uma das minhas festas que já faziam parte do folclore paulistano. Nesse tempo, o seu processo de arteriosclerose cerebral progredira, menos pela idade que pelo abalo que as mortes pelo desabamento da Gameleira provocara. E esse amigo comum — uma das características do processo de esclerose cerebral é a conservação da memória antiga que, às vezes, aflora como normal e perda da recente — disse-me que havia se recordado das nossas conversas no Cenáculo. Na noite da festa telefonou-me e bateu fio por tempos a fio. Foi o meu melhor presente do 63.º aniversário. Era homem de encontrar diamantes no aluvião perdido. Sabia aproveitar os momentos e os amigos. Desenvolveu suas teses como se estivesse com as funções cerebrais normais, apanhando expressões do meu convite. Eu, nele, me lamentava que a televisão, essa máquina de plastificar cérebros para que não pensem, havia abolido as tertúlias e, por isso, convidava os amigos para que, trazendo o sal da sua conversa, fizessem que nos esquecêssemos da insipidez do mundo. Creio que nessas horas seu cérebro afogado pelas ondas do esquecimento aflorara separando as águas para fazer reaparecer as ilhas da memória antiga. E que não vinha porque não tinha condições físicas mas que iria até o inferno se o diabo o convidasse para tomar cicuta e conversar com um amigo. Foi nosso último contato. Tempos depois retornou para o Recife em avião fretado

por Niemeyer e com assistência médica durante o trajeto. Morou com suas irmãs Maria Alzira, Maria Anna e Maria Sylvia, chegando, tempos depois, ao final do seu ciclo biológico vital, havendo retornado para a sombra, como apelidava a região do antes de nascer e do depois de viver. Viveu nos momentos finais a primeira estrofe de um soneto de Shakespeare: "Farto de tudo, imploro a morte sossegada / Quando vejo o valor vestido como pobre / E com luxo trajado o miserável nada, / E perjurada, por desgraça, a fé mais nobre." Ele dissera: "Cada qual morre um pouco de si quando morre um amigo." E eu me senti que com ele, em 4 de novembro de 78, fora-se um pouco de mim. Desapareceu o amigo mas permaneceu o poeta que fez, com seu estro, um universo mais amplo que o próprio universo.

Ao escrever-se sobre sua poesia não se pode omitir que um engenheiro como ele prefaciou um livro de versos de um poeta também como ele. O poeta era Vicente de Carvalho e o engenheiro Euclides da Cunha que fez o inimaginável, pois ele foi o nosso maior poeta da prosa. Com seu "Antes dos Versos", viveu e tresandou a poesia da engenharia ao escrever: "Pelas vigas metálicas de nossas pontes, friamente calculadas, estiram-se 'curvas de momentos', que nos embridam a fragilidade traiçoeira do ferro. E ninguém as vê, porque são ideais. Calculamo-las, medimo-las, desenhamo-las, mas... não existem." Cardozo considerava um edifício semelhante a uma sinfonia que para sua execução não poderiam faltar nem os instrumentos de percussão, como o poeta trazia as coisas para dentro de si e as devolvia como sentia. Se era um prédio não o via como arquiteto, mas o percebia como poeta. O arquiteto excepcional é aquele que projeta a própria poesia. Um bom arquiteto e um bom calculista são poetas das coisas. Não seria a poesia a causa da simbiose funcional entre o calculista Joaquim Cardozo e o arquiteto Niemeyer? E não seria esse o motivo pelo qual o poeta João Cabral de Melo Neto tem como constante em sua poesia substantivos de natureza concreta?

Cardozo costumava dizer que era poeta por hiatos. No mar de sua vida fez emergir ilhas de poesia. Mas esses hiatos, em sua obra, estão de tal maneira engrenados como se fossem os vagões de um mesmo trem, embora, a distância, possamos considerá-la como um arquipélago. Tem-se a impressão que foi escrito para ele por Euclides — todos os poetas são irmãos siameses —, quando tinha 9 anos de idade, e não para Vicente de Carvalho: "O homem não é, isoladamente, artista, poeta, sábio ou filósofo. De algum modo deve ser tudo isso a um só tempo, porque a Natureza é íntegra." O que foi poetado pelo vate do mar como "a doce religião amiga". Em Cardozo, sua religião foi rezar suas poesias. A tendência do humano que a morte realiza à medida que é pressentida, depois do que retornará terra, provoca em cada qual o renascimento do atavismo pela Natureza. No arquipélago poético de Cardozo sente-se a sua evolução, guiado por esse atavismo. Em "Velhas Ruas", nos primeiros anos 20, poetou para sua cidade que era a sua Natureza: "E o cais do Apolo acende os círios / Para velar de noite o cadáver do rio." Quando já sentia amigos como necessidade, por esse tempo, poetou nostalgicamente: "E me lembro dos homens que seriam meus amigos / Se eu tivesse nascido em Singapura." A chuva do caju é um fenômeno folcloricamente meteorológico do Nordeste. Há mesmo, por essa fruta, uma atenção especial. O primeiro livro que se escreveu sobre a flora brasileira é de autoria do jesuíta Giampiero Maffei, que só foi antepassado meu se minha linhagem for bastarda, editado em Florença, em 1589, no qual um dos principais capítulos é referente ao caju. Parece que essa fruta exerce um fascínio sobre as tradições populares ligadas ao seu uso. José da Natividade Saldanha, pernambucano, poeta e participante ativo da Confederação do Equador em 1824, deixou uma deliciosa poesia sobre o *Anacardium occidentale*. Condenado à morte, o confederado exilou-se nos EUA, Inglaterra e França, onde faleceu em 1832. No Nordeste o caju representa o liame entre a Natureza e o povo. O costume de batermos com os nós dos dedos nas madeiras para afastar o azar foi-nos transmitido desde os gregos que, batendo nas árvores, onde supunham encontrar-se um oráculo benfazejo, solicitavam seu auxílio. Para o nordestino, o cajueiro também é oracular. E, quando nos primeiros anos 20 Cardozo começou a poetar, um dos motes foi o cajueiro e o caju. Não seria porque sendo o caju um alimento saboroso e popular, as chuvas do caju, como se as chamam, prenunciando safras generosas, fossem consideradas pelo povo como uma dádiva divina?

Todo arquipélago poético de Joaquim Cardozo é um amálgama do erudito com o popular. Tendo profundo respeito — não fosse ele um grande amigo de Luiz Câmara Cascudo, freqüentador do Cenáculo — pelas tradições populares, levou, ousadamente, o Bumba-Meu-Boi ao palco que uns tantos críticos afoitos rotularam como teatro popular (ou populista?) sem perceber que se tratava de outro tipo de poesia, mesmo porque Cardozo era de opinião que "o real está na forma de exprimir a realidade". Eu o conheci bem. No cadinho da sua memória fundia, fazendo liga, o filosófico, o erudito e o popular. Suas poesias encerram um poder de síntese. Tchekov, em seus contos, foi um mestre em descrever ambientes através de diálogos e Cardozo desvendou o ambiente poético que é percebido entre os versos de suas poesias sobre o Recife.

Em 1960, publicou *Signo Estrelado*, no qual não se percebia a delimitação entre o poeta e o engenheiro, pois elucidou, limbicamente, sua produção: "Apesar de vazados na velha forma de soneto, estes versos contêm rimas à esquerda, rimas interiores, assonâncias e quase rimas, assim como certos efeitos de halo e de filtro poético que, a meu ver, ainda são rimas, embora já livres do formalismo dos fonemas". Quando escreveu esta frase revolucionária, Cardozo comportou-se como um Strawinsky da poesia. Nesse livro em que "dos ovos negros da noite, ao quebrarem-se, saltam as auroras", temos uma alegoria camoneana em "Congresso dos Ventos", onde "o minuano disse um poema para Augusto Meyer". Cardozo, em nove versos, sintetizou a desgraça humana pelas secas, que Rodolfo Teófilo, com seu livro de mais de 200 páginas, não conseguiu fazê-lo — *Fome:* "Uma velha chegou-se, entretanto. / Uma velha que trazia a fome nos ombros e nos olhos / e que trazia a seca no ventre e no seio; / Chegou-se, apanhou no chão ressequido um pedaço de sombra de nuvem / E espremeu-o, tanto o espremeu nas suas mãos magríssimas / Que fez cair algumas gotas sobre a terra cinérea: / Vinham elas talvez dos seus olhos, das unhas talvez... — olhos de suas mãos — / (Gotas do seu sangue sem cor) / Esta, disse a velha mulher, é a chuva que usamos, meu senhor!"

Suas poesias referentes aos anos de 52 a 70 foram publicadas no livro *Trivium* e são só três: "Prelúdio e Elegia de uma Despedida", "Canto da Serra dos Órgãos" e "Visão do Último Trem Subindo ao Céu". A primeira é diafanamente linda de quem pressente com dignidade a morte, verdade que ela representa. "Canto da Serra dos Órgãos" é algo como Brás Cubas, o eterno Brás Cubas que cada um tem dentro de si, com suas memórias póstumas, confessa: "Este poema é do homem visto de fora / Da sua falsa civilização." E como se a serra estivesse falando (ou estaria pelo murmúrio dos seus ventos?), exclama: "Sou a platéia do drama dos homens." O que se acha entre os versos, entretanto, que não escreveu, mas disse, é que a Serra dos Órgãos era ele com a alma desbastada pela vivência com os homens. "Visão do Último Trem Subindo ao Céu" é a teoria da relatividade não pressentida por Einstein em poesia e que a ignorância das forças, ainda não estudadas, que nos dirigem, obrigam-nos ao mito. Enfim, o mito e o onirismo também são poéticos. E o onirismo enfeitado pela poesia pode levar os computadores para o Olimpo a fim de ensinar Vênus a praticar sexo como o disse Cardozo a respeito do seu "Poema Para a Nudez de Itala Nandi", que "o ato sexual, na teoria dos mecanismos, é um conjugado de prismas".

Falemos agora do desabamento do Pavilhão de Exposições da Gamaleira, acontecido há 16 anos, precisamente em 4 de fevereiro de 1971, às 11 horas e 40 minutos, ocasionando a morte de 64 trabalhadores em hora de almoço. Mesmo porque, distante e nebulosamente — não seria a teoria da relatividade? —, considero-me coresponsável. Explico-me. Em 1939, Cardozo, professor da Escola de Engenharia de Pernambuco e funcionário da Secretaria de Viação e Obras Públicas, foi convidado a paraninfar os engenheirandos daquele ano. Levava uma vida culturalmente produtiva, mas pacata. Anos antes, em agosto de 1868, Jenny, filha de Marx, fez a seguinte pergunta a Frederico Engels que, com seu pai, redigira e assinara em fins de 1847 o Manifesto Comunista, publicado no início de 1848: "Qual a qualidade que mais aprecia nos homens?" Recebeu a seguinte resposta: "Não se intrometer na vida alheia". Se o stendhaliano Joaquim Cardozo era incapaz de matar uma mosca, era também angélica e pacatamente engeliano.

Era no tempo em que o pensamento era vigiado. Sabíamos, no Cenáculo, que aqueles homens ao redor de uma mesa, tomando uma cerveja, de chapéu de aba larga, só faltavam trazer a marca na testa. Eram tiras. Nesse tempo, fora proibido o uso de máscaras durante o Carnaval. O governo talvez temesse que o poder fosse assaltado por ranchos e blocos mascarados em passo de frevo. Certa manhã, no início de dezembro de 39, topei com Cardozo, ao lado do bar Cristal, vis-à-vis ao Continental. O bar ainda está lá. Ele me apanhou pelo braço e adentramos ao Cristal. Disse-me que faria, naquela noite, um discurso de paraninfo dos engenheirandos e desejava que, depois que eu lesse, desse **minha** opinião, não a **dele**, frisou, e, se quisesse, poderia propor algo. Retirou de um dos bolsos algumas folhas de papel ordinário rascunhadas — se Cardozo fazia cálculos de concreto até em caixas de fósforos, aquele papel ordinário lhe ia bem — e passou-m'os. Entre outras coisas, eu lhe disse que não iniciasse sua oração dirigindo-se ao oficialismo que representava a ditadura fascista e o fizesse só aos amigos, familiares e engenheirandos que o haviam escolhido democraticamente.

Eu, intelectualmente, escondera-me sob um pseudônimo bem discreto. Achava-me engrenado na luta contra o Estado Novo e aproveitei a deixa. "Envenenei" a oração de verdades e liberdade, aproveitando ao máximo aquela interseção das nossas coordenadas. Não sei até onde aceitou concretamente minhas opiniões, mas se aceitou e disse e, se algumas delas foram causa do furor, então Niemeyer me deve Cardozo. No dia seguinte, na êxedra, soubemos como Agamenon, homem friamente vingativo, egoisticamente vaidoso, explodira, depois do ato, seu furor. A ordem de pensar, durante sua interventoria, era a de alardear que o Recife seria limpo da mácula dos mocambos porque ele era capaz de fazê-lo. Nunca o mocambo foi tão demagogicamente explorado. Esse mesmo mocambo que, crescendo em proporção geométrica, sitia hoje a cidade na qual despeja todas as manhãs ondas de bufarinheiros, marreteiros e mendigos. Nesse discurso, Cardozo alertava os novos profissionais para que se aprofundassem no estudo das matemáticas aplicada e teórica, a fim de cobrir o vácuo do ensino universitário insuficiente. Evidenciou a evidência, esse o seu crime, num tempo em que a evidência era crime. Nossas universidades não nasceram do determinismo de agrupar escolas científicas e de pesquisas diferenciadas. Criadas por decreto, sem um período de gestação, imaginadas e impostas, tornaram-se um amontoado arbitrário de faculdades.

A partir daquele instante, quando ainda ecoavam suas palavras e as palmas, em ritmo de disparos de metralhadora, desabou sobre ele o furor por haver pensado e pedir aos outros que pensassem. Assim, pela Portaria 289, foi encarregado de estudar uma certa estrada de rodagem no sertão. Era professor e especialista em cálculos de estrutura de concreto armado. Ignora-se por que não o convidaram para resolver o problema social do mocambo... Aliás, responderia da mesma forma e, do mesmo modo, seria punido. Dando, em seu requerimento, as razões lógicas, arrematou: "Nestas condições, não me devo comprometer a fazer serviço para o qual não estou aparelhado." Isso em 21-12-39. Uma semana depois, assinado pelo então Secretário de Obras e Viação Públicas, Gercino Pontes, saiu sua demissão por "incapacidade técnica". Enfim, acontecia o logicamente machadiano, pois o autor de *Quincas Borba* escrevera, na "Gazeta de Notícias", de 15-3-1885, que "o cinismo é a sinceridade dos patifes..."

Sem emprego e sem cátedra, Cardozo migrou com sua mochila de brio e saber para o Rio de Janeiro, onde, mais tarde, tornar-se-ia O calculista de Oscar Niemeyer, proporcionando o embelezamento do mundo pela poesia da arquitetura. Até que aconteceu o desastre da Gameleira, do que resultou o que sempre resulta: advogados, peritos e juízes. Os primeiros com a lógica da parcialidade; os segundos, mesmo ignorantes de certas particularidades científicas mais recentes, opinando estática e olimpicamente, e os terceiros, pressupondo-se conhecedores de todos os artigos, de todas as leis, muitas das quais colidentes. Só Cardozo, mesmo não se julgando culpado, o stendhaliano que respeitava a vida das moscas, chorou os 64 mortos. E foi um atirar de pedras na Madalena sem o julgamento puro de Jesus Cristo.

Não costumo escrever nada levianamente. O que sei, sei que sei; o que não sei, sei que não o sei e pergunto a quem sabe. Minha sabedoria é saber quem sabe mais que eu. Para abordar o drama da Gameleira recorri a competentes engenheiros, munido dos laudos periciais. Diversos, embora de muita competência e nomeada, recusaram-se honestamente, afirmando que não possuíam a suficiente competência técnica atualizada. Mas fiquei sabendo que existe um ramo técnico da engenharia, recentíssimo. Nasceu em conseqüência dos problemas ocorridos por considerar separadamente fundação e estrutura. É o da interação solo-estrutura. É filosófica a história dos quatro cegos e o elefante. Um, apalpando a orelha, disse que o animal era enorme abano; outro, abraçando a perna, disse que não, que era como um tronco de árvore; o terceiro riu, dizendo que era enorme cobra, pois tinha certeza ao segurar a tromba, com o que não concordou o quarto, que, com as duas mãos no corpo do elefante, afirmou que era um bicho como uma parede. Os cegos são os especialistas como, muitas vezes, eles se comportam quando vêem a árvore e ignoram o bosque. São os faltos de filosofia.

Este novo e recentíssimo, o da interação solo-estrutura, no Brasil, é dominado por uns poucos que se contam, se tantos, pelos dedos das mãos. Para ser esclarecido sobre uma das perícias que incriminou Cardozo, tive a felicidade de entender-me com um dos polegares. Soube então que para que não ocorram em potencial tais tipos de acidentes, para certos tipos de obras, a fim de dirimir imperfeições despercebidas, nos países tecnicamente avançados, especialmente na Alemanha, escritórios bem diferenciados fiscalizam-se mutuamente para certos tipos de obras, comportando-se cada qual como advogado do diabo na denúncia de enganos que a vaidade de quem os comete impede de vê-los. E, em certos casos, há necessidade do estudo conjunto pela técnica de interação solo-estrutura. A simples verificação dos cálculos por si só não é suficiente para condenar uma estrutura, de vez que as condições reais são necessariamente diferentes das hipotéticas para permitir o cálculo (sempre são utilizadas hipóteses simplificadoras). No laudo pericial incriminatório de Cardozo há uma afirmação leviana que não é engenharia nem filosofia. É coisa de sibila de bola de cristal. O texto é: "... que nos leva a afirmar que *provavelmente* (o grifo é meu) o desastre teria acontecido, como aconteceu, mesmo não admitindo a ocorrência de outras falhas". Só essa suposição obriga o estudo do desastre pela interação solo-estrutura. Cardozo foi julgado por uma suposição provável. A perícia afirmou ainda que os recalques das fundações eram normais, o que não é realmente, porque os nove centímetros já eram excessivos quando a obra ainda se encontrava parcialmente escorada. Os peritos afirmaram que o terreno foi sujeito a mais esforços e momentos, por cuja ausência prevista o incriminaram, por levar em conta só a carga vertical, ignorando as forças laterais e momentos. Tais esforços e momentos não previstos são absorvidos *sempre* pelos primeiros metros do tubulão que, no caso, de 13,70cm, já se achava absorvido e não poderia, nem distantemente, acarretar o recalque que, como dissemos, para esse tipo de obra era realmente excessivo. Justificando a orientação pericial, compararam-se os danos que são evitados nos edifícios de Santos pela falta de avaliação da estrutura em função do terreno. Isso não obedece às regras da lógica, não podendo comparar-se a natureza do terreno santista, de argila marinha, com o da Gameleira. Pela natureza sabida do terreno santista em que o recalque é *obrigatório*, os edifícios já são projetados de forma a conferir rigidez à estrutura.

O amigo se foi deixando um arco-íris de saudade; o poeta continua cada vez mais presente, cada vez mais consagrado. E o profissional está à espera de um estudo obrigatório pela interação solo-estrutura. E quando isso for feito, no Paraíso, onde também por certo se encontra, Cardozo vai dar umas palmadinhas nas asinhas da alma de Eustáquio Duarte e lhe dizer: "Veja como foi bom você levar o Maffei para o Cenáculo..."

Eduardo Maffei é médico e polígrafo. Autor da tetralogia ***Maria da Greve e o Etopeu (A Greve, Maria da Greve, Vidas sem Norte e A Morte do Sapateiro)*** **e do depoimento-história *A Batalha da Praça da Sé*.** **A ilustração de Di Cavalcanti é reproduzida da revista "Módulo", dezembro 78-janeiro 79, que homenageou Joaquim Cardozo na ocasião de seu falecimento.**

Ernani Silva Bruno

A. Roberto de Paula Leite

Não é tarefa fácil encarar o peso de uma existência; busquemos no tempo que se escoou a figura tímida de Ernani Silva Bruno, o mesmo que captou em sua obra todo o brilho de um passado extinto.

Nasceu em Curitiba, Paraná, em 10 de agosto de 1912, passando apenas a infância na cidade natal. Em 1925 mudou-se para São Paulo, onde morou até a data de seu falecimento no final de 1986. Atado à cidade por forte vínculo, Ernani Silva Bruno mostrou a São Paulo mergulhada em um tempo transcorrido, aprisionado na História, onde ruas, jardins, lagos, casas, igrejas, chafarizes ou qualquer outro elemento tragado pelos anos tomam vida, renascendo do passado pelas mãos do historiador. Sua principal obra e a de valor mais caro é a *História e Tradições da Cidade de São Paulo*, onde narra os fatores sociais e econômicos que influenciaram a configuração de São Paulo como metrópole. É dividida em três volumes: Vol. I — "Arraial de Sertanistas" (1554-1828); prefácio de Giberto Freyre, com 285 ilustrações, fotografias e plantas, bicos-de-pena de Clóvis Graciano, desenhos em cores de Cândido Portinari, Livraria José Olympio Editora, 1954, 2.ª edição, 1.541 páginas. Vol. II, Segunda Parte — "Burgo de Estudantes" (1828-1872). Vol. III — "Metrópole do Café (1872-1918), e um apêndice "São Paulo de Agora" (1918-1953), além de bibliografia, notas sobre as gravuras, índices de assuntos, de lugares e de nomes.

Apoiando-se invariavelmente em um vasto material documentário, Ernani Silva Bruno caracterizou sua obra por nela residir um tom informal, de linguagem direta, abordando a cidade de São Paulo jornalisticamente (assim como fez em toda a sua obra), fato este que muitas vezes valeu-lhe críticas. A pretensão do autor, entretanto, sempre fora a de informar, relatando os aspectos históricos de seu tema, que cumprira com capacidade e mérito. Em *História e Tradições da Cidade de São Paulo*, poderemos apreender a história da cidade paulistana dividida em três períodos básicos: o primeiro, da fundação em 1554 até o ano em que se instalou o Curso Jurídico (1828), pois até o início do século subsistiu a feição que dava à povoação o caráter de um arraial de sertanistas ou de centro preparador das entradas e bandeiras; o segundo período, de 1828 a 1872, em que a capital da província se caracterizou como burgo de estudantes, e o terceiro período, desse último ano até o fim da Primeira Grande Guerra, fase em que a cidade se definiu pela sua função de metrópole do café.

Ernani Silva Bruno reconstrói a história da cidade de São Paulo, "tijolo por tijolo", como se restaurasse uma obra de inestimável valor, varrendo a poeira deitada pelos anos, polindo o objeto de seu estudo de forma arrojada. Como em um quadro, uma obra de arte! Homens, mulheres e crianças de outros tempos — velhos hoje, mortos, muitos. Do jesuíta ao caboclo; do italiano ao espanhol. A mistura das cores, das línguas, dos sangues. E a impressão forte do aroma das vielas escuras, dos perfumes das donzelas, além, é claro, dos charutos dos barões do café, enfim, o pitoresco da vida paulistana é retratado.

Objetivando as imigrações estrangeiras, encontramos a principal composição da São Paulo de 1825, uma cidade que cresce repentinamente e é marcada pela europeização, pois a maioria de sua população era de origem européia (aí encontramos um influxo de idéias, costumes e técnicas fortes). É notório o fato de que, de todas as influências que contribuíram para a configuração da cidade, a maior, indubitavelmente, foi a industrialização, ocorrida, ou melhor, iniciada a partir do final do século passado: "As indústrias revelaram pequeno desenvolvimento, até meados do século XIX, sobre o que tinham sido as atividades fabris — quase sempre caseiras — durante os tempos coloniais na cidade e em seus arredores. Foram se estabelecendo fábricas rudimentares e pequenas oficinas artesanais. De velas, de licores e cervejas, de tecidos e chapéus, curtumes, tendas de seleiros, de fabricantes de arreios, de cangalhas, de estribos de prata. Várias delas não passando, todavia, de apêndices comerciais." Em sua obra, o autor enfoca os aspectos referentes à estrutura física, orgânica, de uma cidade — a capital paulista —, como também retém-se no homem, estudando os eventos artísticos e de cunho social. A vida intelectual de São Paulo, contudo, em meados do século XVIII, como nos assevera o autor, dispensa maiores comentários, pois a produção literária restringia-se frente ao florescimento mineiro.

Iniciando nova série de publicações, a Editora Cultrix, de São Paulo, lançou no ano de 1959 volume sob o título: *Os Rios e as Florestas*, coletânea de páginas de viajantes, cronistas e ficcionistas sobre o Amazonas e o Pará. Seguiram-se outras antologias regionais brasileiras. Os volumes foram selecionados e continham notas e introdução de Ernani Silva Bruno e organização de Diaulas Riedel, com capas e ilustrações de Guilherme Valperis. A seleção foi feita de molde a oferecer uma versão geral da paisagem do Amazonas e Pará com seus traços essenciais, proporcionando um tipo de leitura atraente aos que se interessam por um melhor conhecimento sobre o Brasil, em vários aspectos, desde o sociológico, o cultural, o econômico até o geográfico. Ofereceu nessa antologia uma visão dramática da região focalizada. Mesmo quando ocorre que o trecho escolhido é de valor científico ou folclórico, o ritmo é o do drama do homem contra uma natureza bela, mas hostil. Publicou, a seguir, o livro *O Sertão, o Boi e a Seca* (dedicando-o aos Estados do Maranhão, Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte). Surgiram algumas críticas a respeito da omissão de alguns autores nos dois livros publicados. Entretanto, deve-se salientar que o critério da antologia foi o de enfatizar o realismo, fugindo, assim, dos erros de uma visão romântica em que o excesso de pitoresco, de um "ar local", comprometesse a veracidade dos fatos e a validez da informação. De modo geral, não houve concessões ao mau gosto, à preocupação com o anedótico. De resto, o próprio autor respondeu às objeções.

Publicou, posteriormente, um outro estudo sobre a cultura material do Estado de São Paulo — *Viagem ao País dos Paulistas*. Esta obra proporcionou a Ernani Silva Bruno o Prêmio Otávio Tarquínio de Sousa, concedido pela Livraria José Olympio Editora. Caracteriza-se esse trabalho por uma delineação de forte intensidade no estilo claro, informativo. Os dados históricos bem documentados igualam-se à conveniência dos comentários. O volume focaliza a formação do Estado de São Paulo durante o período colonial. Divide-se em cinco tempos: a) tempo dos pioneiros (1500-1580); b) tempo da caça ao bugre (1580-1640); c) tempo da busca do ouro (1640-1730); d) tempo do comércio do gado (1730-1775); e) tempo da indústria do açúcar (1775-1822). Com esse tomo, o autor desejava acentuar que o bandeirante não era um sórdido explorador do bugre nativo, nem que ele pertencera a uma raça de gigantes predestinados a alargar as fronteiras determinadas em Tordesilhas. Portanto, um ensaio no sentido de traçar uma imagem menos imperfeita e mais autêntica da remota realidade histórica da terra e da gente de São Paulo. O livro é um feixe de ricas sugestões, sinal de maturidade e de seriedade de pesquisa.

Convém, também, lembrar: a comissão julgadora que concedeu o prêmio Otávio Tarquínio de Sousa foi composta por Sérgio Buarque de Holanda, Antônio Cândido e Francisco de Assis Barbosa. Ernani concorreu com o pseudônimo de João Bugre. Citado, aliás, pelo "L'Osservatore Romano" (Vaticano), através de artigo elogioso assinado por Giuseppe Carlo Rossi, em 17/3/1967, assim como por Jean Roche, em "Bulletin de l'Humanité de Toulouse", França, no mesmo ano, obteve no Exterior o reconhecimento devido à sua obra.

Uma perda: Ernani Silva Bruno. Mas sua obra, sim, essa se perpetuará com a certeza de suas palavras, a honestidade da pesquisa, em busca da verdade de um passado silencioso. Que seu mérito atravesse o tempo... Pois um homem consciente não se apaga com o decorrer dos anos, perpetua-se como uma pequena chama, que jamais finda, pela eternidade.

A. Roberto de Paula Leite é poeta, ensaísta e historiador.

A Lenda e o Mito

A propósito do artigo A Lenda e o Mito, de Sangirardi Jr., publicado em nossa edição de outubro de 86, recebemos a seguinte carta da professora Maria do Rosário de Souza Tavares de Lima, do Museu do Folclore de São Paulo:

"Na qualidade de professora-pesquisadora do Museu de Folclore de São Paulo (Parque Ibirapuera), desejo fazer algumas considerações sobre A Lenda e o Mito, de Sangirardi Jr., in D.O. Leitura 5 (53) de outubro de 1986. Pesquiso Lenda e Mito há alguns anos, tendo já publicado trabalho, fruto de pesquisa de campo e bibliográfica, intitulado *Lobisomem: Assombração e Realidade*, editado pela Ed. Escola de Folclore — 1983. Conceituações antigas, como a de Alexandre Krappe em *La Genèse des Mythes* (autor consultado e referido na bibliografia do meu citado trabalho) fogem inteiramente à realidade emergente das nossas constantes pesquisas de campo. E é essa realidade que nos obriga, aos folcloristas de campo (não de gabinete) a reformular os velhos conceitos, como fez o Professor Rossini Tavares de Lima em relação a Mito e Lenda (V. *Folclore das Festas Cíclicas*, Ed. Irmãos Vitale, fls. 126/140): ... "MITO — Explicação — Ação constante e individualizada de seres e até mesmo de coisas, com faculdades sobrenaturais, que se produz nos céus e na terra. É uma assombração, uma crendice, mas que se expressa e transmite com características literárias, num relato breve." Seguem-se exemplos. O mito é, assim, um ser que existe na ordem do sobrenatural. Essa a conceituação coerente com as pesquisas de campo, onde o mito aparece sempre como uma *assombração*, sem nenhuma característica divina. Exs.: Lobisomem, Mãe-d'Água, Mula-sem-Cabeça, Saci, Mãe-de-Ouro, Corpo-Seco e tantos outros. Dos mitos contam-se estórias. Na mesma obra supracitada, à p. 134, lê-se: "LENDA — Explicação — No sentido restrito, a palavra "lenda" indica a estória da vida dos santos e de homens e mulheres consagrados em diversas religiões. Van Gennep diz que o traço religioso é a sua constante... No geral, as nossas lendas são de fundo católico." Seguem-se exemplos. As lendas, no contexto da cultura espontânea (folclore), apresentam a característica de ser *uma narrativa com fundo religioso*. Existem lendas, como a do Negrinho do Pastoreio, onde também aparece um mito (o Negrinho, ser que existe na ordem do sobrenatural, que é uma assombração) e que tinha por madrinha Nossa Senhora (fundo religioso). As lendas da mitologia grega referem-se a divindades. Na Grécia Antiga nasceu também o mito folclórico Lobisomem, que de lá se transportou para Roma e chegou até nós, trazido pelos portugueses, com sua *estória*. Quanto às lendas indígenas, não me pronuncio, visto que expressões de culturas ágrafas não são objeto de estudo do folclorista. Acho que Sangirardi Jr. ficou no terreno da literatura e da conjetura; ignorou a pesquisa científica que há anos se vem fazendo no Brasil. Entre outras coisas, diz: "as lendas do negro brasileiro são, em geral, criações literárias do branco, dramatizando o sofrimento dos escravos". O que for criação literária do branco ou de quem quer que seja não passará disso e nunca se situará no contexto da cultura espontânea brasileira (fruto de aculturação variada, incluindo negros, especialmente angoleses, congoleses e sudaneses). Será, quando muito, uma *projeção ou aproveitamento de folclore* pela cultura erudita. Isto, entretanto, não invalida nem modifica a enorme contribuição cultural dos referidos negros, num processo de aculturação que produziu expressões de cultura nos mais variados terrenos como religião, alimentação, vestuário, dança, canto, superstições e crendices e tantos outros, que seria impossível nomear a todos. Considero o autor de A Lenda e o Mito muito distanciado da realidade cultural espontânea brasileira e muito apegado à bibliografia antiga, que geralmente só é válida para estudo histórico e comparativo, e rara mente para conceituação atualizada. Se realmente está interessado no assunto, o melhor caminho é partir para autores atuais e para pesquisas de campo; não só pesquisas bibliográficas. Para emitir conceitos científicos, o único caminho é esse. Fora disso, melhor continuar no campo da literatura, onde a imaginação vale, quase sempre, mais do que a realidade."

Recebemos e agradecemos as seguintes publicações:

Editora Moderna. Rua Afonso Brás, 431 — 04511 — São Paulo — SP.

A Independência Política do Brasil, Carlos Guilherme Mota e Fernando A. Novais.

O Demônio do Rio, Stela Maris Rezende. Coleção Veredas.

A Marca de Uma Lágrima, Pedro Bandeira. Coleção Veredas.

Peixe Balão, José Arrabal. Literatura infanto-juvenil. Coleção Girassol.

História Moderna e Contemporânea — Caderno de Atividades, Carlos Guilherme Mota.

E Se Todo Mundo Tivesse Rabo, Ganymédes José. Literatura infanto-juvenil.

Teimando Em Sonhar, Eduardo Amos. Literatura infanto-juvenil.

Coração de Papel, Maria Dinorah. Literatura infanto-juvenil.

A Força da Vida, Giselda Laporta Nicolelis. Literatura infanto-juvenil.

Passarinhos e Gaviões (Uma fábula da Constituinte), Chico Alencar. Literatura infanto-juvenil.

Summus Editorial. Rua Cardoso de Almeida, 1.287 — 05013 — São Paulo — SP.

Do Outro Lado do Muro (Propaguarda para quem paga a conta), Plínio Cabral.

A Arte e a Técnica do Vídeo (Do Roteiro à Edição), Floriano Serra.

O Drama da Criança Bem Dotada (Como os pais podem formar e deformar a vida emocional dos filhos), Alice Miller, tradução de Walter F. R. Ribeiro.

Presença Edições. Rua do Catete, 204 — 22220 — Rio de Janeiro — RJ.

Jacaré Porã, Orlando Antunes Batista, literatura infantil. Co-edição com o Instituto Nacional do Livro e Pró-Memória.

Noite Escura como Breu, Carlos A.A. de Sá, romance.

Verdade e Certeza (Uma síntese de gnosiologia pluridimensional fundamental), Stanislavs Ladusãns.

Considerações sobre Democracia, Gladstone Chaves de Melo.

Editora Liney. Rua Senador Dantas, 117 — 20031 — Rio de Janeiro — RJ.

Caminhos Por Onde Andei, Maria Thereza Paes de Barros, crônicas.

O Sonho da Abelhinha, Maria Thereza Paes de Barros, Literatura infanto-juvenil.

Tchê! Editora. Av. Capivari, 1.141 — 90650 — Porto Alegre — RS.

Cri-Cri, o Grilo Gaudério, Jerônimo Jardim. Literatura infanto-juvenil.

Ícone Editora. Rua Anhangüera, 66 — 01135 — São Paulo — SP.

Búfalo, Estudo e Comportamento, Walter Fonseca. Coleção Brasil Agrícola.

Ibrasa Editora. Rua Vinte e Um de Abril, 97 — 03047 — São Paulo — SP.

Anima Mea, Marcelina M. Morschel, romance.

Edições Tempo Brasileiro. Rua Gago Coutinho, 61 — 22221 — Rio de Janeiro — RJ.

Prosadores e Poetas na Bahia, Cláudio Veiga.

Editora Fontana. Rua das Marrecas, 40 — 20031 — Rio de Janeiro — RJ.

Moinhos ao Vento, Patrícia Blower, poesia.

João Scortecci Editor. Rua Teodoro Sampaio, 1.704 — 05406 — São Paulo — SP.

Na Procura do Amor, Antonio Cassemiro da Silva, poesias.

Editora Cátedra. Rua Senador Dantas, 20 — 20031 — Rio de Janeiro — RJ.

A Sintaxe do Espanto, Patrícia Blower, poesias.

Editora Clube do Livro. Praça Carlos Gomes, 126 — 01501 — São Paulo — SP.

Lobo do Planalto, Paulo Dantas, romance.

Editora Nobel. Rua da Balsa, 559 — 02910 — São Paulo — SP.

Curso Básico de Lotus, 123 — Nova Versão 2-0, José Eduardo Mendes. Computação.

Dicionário Brasileiro de Educação, Sérgio Guerra Duarte. Co-edição de Edições Anatres.

Grossário (Pequeno dicionário Brasileiro de Palavras Feias), Carlos H. Knapp e José Francisco Quirino.

Biodigestão — A Alternativa Energética, Luiz A. Horta Nogueira.

Companhia Editora Forense. Av. Erasmo Braga, 299 — 20020 — Rio de Janeiro — RJ.

Contratos e Obrigações Comerciais, Fran Martins, 8.ª Edição, Revista e Aumentada.

Martins Livreiro Editor. Rua Riachuelo, 1.279 — 90010 — Porto Alegre — RS.

A Pecadora de Vale Vêneto, Carminda Venturini, romance.

Independência do Sul, Sérgio Alves de Oliveira.

Lobisomem (A universalidade do mito do lobisomem), Maria L. V. Ribeiro Pinto.

Editora Nórdica. Rua Oito de Dezembro, 353 — 20550 — Rio de Janeiro — RJ.

Livro Que Te Quero Livre, Sueli de Souza Cagneti e Werner Zotz.

O Mistério das Amazonas, Alex Shoumatoff, tradução de Esdras do Nascimento.

Philobiblion Livros de Arte. Av. Churchill, 109 — 20020 — Rio de Janeiro — RJ.

O Homem Faz Seu Tempo, Elizabeth Sarmento Costa. Coleção Visões e Revisões.

Garimpo, Garimpeiro, Garimpagem, José Martins Catharino. Coleção Visões e Revisões.

Ideário de Glauber Rocha, Sidney Rezende (org.). Coleção Visões e Revisões.

Num Campo de Margaridas, Thiago de Mello. Coleção Poesia Sempre.

Palavr Avara, Lara de Lemos. Coleção Poesia Sempre.

Editora Nova Fronteira. Rua Bambina, 25 — 22251 — Rio de Janeiro — RJ.

Banca de Neve e Outros Contos de Grimm, seleção e tradução de Ana Maria Machado e ilustração de Ricardo Leite.

Vida, Sexo, Etiqueta e Culinária (Do rico e do pobre), Ibrahim Sued.

A Guerra do Sorvete, William Boyd, tradução de Aulyde Soares Rodrigues, romance.

A Ratazana, Günter Grass, tradução de Carlos Abbenseth, romance.

As Geórgicas, Claude Simon, tradução de Irène M. Cubric, romance.

Bestiário, Júlio Cortázar, tradução de Remy Gorga, filho, contos.

Para Sair do Século XX, Edgar Morin, tradução de Vera Azambuja Harvey.

O Cantar das Casuarinas, Ribamar Galiza, romance.

Livraria Francisco Alves Editora. Rua Sete de Setembro, 177 — 20050 — Rio de Janeiro — RJ.

Ficção Científica, Gilberto Schoereder.

A Expansão da Memória (Uma sátira à Informática), Luís Carlos Eiras.

Editora Brasiliense. Rua General Jardim, 160 — 01223 — São Paulo — SP.

A Teoria Crítica — Ontem e Hoje, Bárbara Freitag. Coleção Leituras Afins.

O Homem Que Comprou o Rio, Aguinaldo Silva, romance. Coleção Circo de Letras.

Poesia, Pois É Poesia (1950-1975 — Poetc (1976-1986), Décio Pignatari.

Jonas Blau, Eustáquio Gomes. Coleção Cantadas Literárias.

Companhia das Letras Editora. Rua Barra Funda, 296 — 01152 — São Paulo — SP.

Esta Valsa É Minha, Zelda Fitzgerald, romance.

Quinteto Editorial. Rua Mourato Coelho, 738 — 05417 — São Paulo — SP.

O Menino e o Tuim, Rubem Braga. Literatura infanto-juvenil.

Mazza Edições. Rua Bragança, 101 — 30280 — Belo Horizonte — MG.

Flash Crioulo (Sobre o sangue e o Sonho), Cuti, poesias.

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Av. Ipiranga, 6.681 — 90620 — Porto Alegre — RS.

Letras de Hoje, v. 21, n.º 66, p. 5-129, dezembro de 1986.

Veritas, v. 31, n.º 124, p. 481-640, dezembro de 1986.

Fundação Catarinense de Cultura. Av. Governador Irineu Bornhausen, 5.000 — 88025 — Florianópolis — SC.

Véspera do Coração, Hugo Mund Júnior, poesias. Co-edição com Editora Massao Ohno.

Livraria José Olympio Editora. Rua Marquês de Olinda, 12 — 22252 — Rio de Janeiro — RJ.

Bibliografia de Luiz Viana Filho 1930-1985, Renato Berbert de Castro.

Desnudando a Alma, Amneris C. Hartley, poesias.

Círculos de Ouro, Carlos Barbosa Lima, contos.

Chernóbyl: O Fim do Sonho Nuclear, Nigel Hawkes (et. al.), tradução de Celina Cardim Cavalcante e Renato S. Beninatto.

Rio dos Signos, Geraldo Dias da Cruz, poesias.

Um amor em Canto Negro, Antonio Farinha, romance.

Por Culpa do Destino, Mariza Alverga, contos. Edição do Autor.

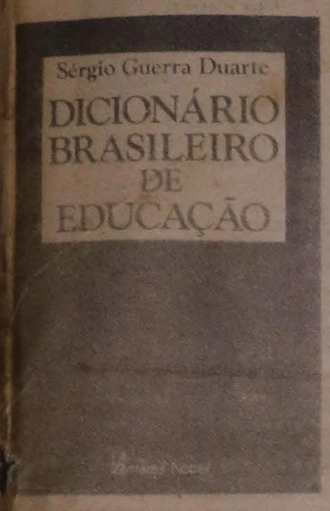
Natal Permanente, Cyro de Mattos, poesias. Edições Macunaíma — Salvador — BA.

Cão Vadio, Luiz Jorge, poesias. Edição da Imprensa Oficial do Amapá.

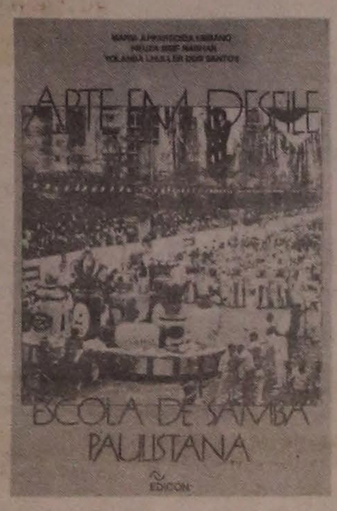
Normas de Prevenção de Acidentes do Trabalho (em versos) Orlando Brito. Edição do Autor. São Luís — Maranhão.

Tango Argentino, Lauro Vargas, contos. Edição do Autor.

Janelas de Beco, Elias Dubard de Moura Rocha, poesias. Edição do Autor. Recife — PE.

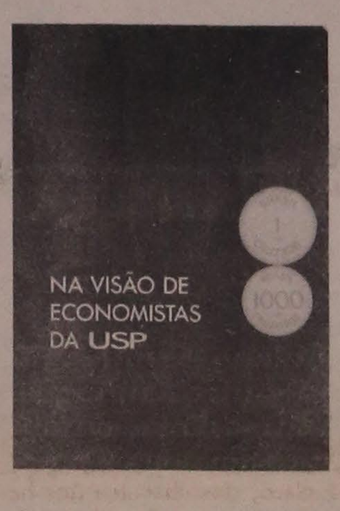


Dicionário Brasileiro de Educação, de Sérgio Guerra Duarte, mestre em Educação pela Fundação Getúlio Vargas, contém 2.000 verbetes e tem como uma de suas características a brasilidade, isto é, os temas educacionais são abordados em função da nossa cultura, diferenciado de enciclopédias e dicionários estrangeiros que, mesmo quando traduzidos, nada dedicam à situação educacional do Brasil. (Co-edição Antares/Editora Nobel. Rua da Balsa, 559 — 02910 — São Paulo — SP.)



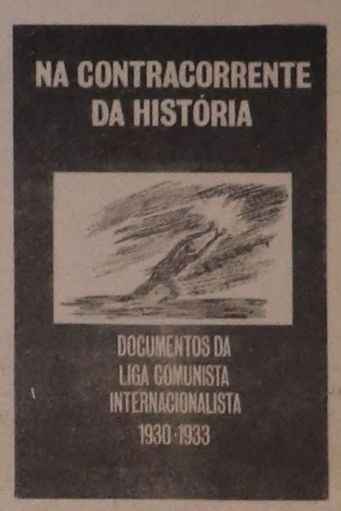
Arte em Desfile — Escola de Samba Paulistana, de Maria Aparecida Urbano, decoradora e carnavalesca; Neuza Neif Nabhan, professora e doutora na área de lingüística, e Yolanda Lheller dos Santos, socióloga, analisa os bastidores da escola de samba: como é dirigida, a escolha do samba-enredo, o processo de criação e produção dos trabalhos artísticos das alegorias e fantasias e os regulamentos para o julgamento do desfile final, na avenida. São apresentados e analisados fatos que geralmente não chegam ao conhecimento público, que não tem noção do trabalho realizado antes da apoteose final. As pesquisas foram desenvolvidas em escolas de samba de São Paulo. (Edicon Editora. Rua Itapeva, 85 — 01332 — São Paulo — SP.)

Revolução e Progresso Cultural é a tradução de uma polêmica entrevista com o ministro da Cultura de Cuba, Armando Hart, concedida ao jornalista cubano Luis Báez, quando o acompanhava em 1983 numa viagem à Europa onde se discutiu amplamente o processo político e cultural cubano. Nela o jornalista aborda os tópicos que maior interesse despertaram entre os jornalistas, intelectuais e políticos europeus. O ministro, nesta entrevista, informa, retrata, compara, explica e politiza sobre as conceituações revolucionárias na área da cultura. (Philobiblion Livros de Arte Ltda. Av. Churchill, 109 — 7.° andar — Rio de Janeiro — RJ.)

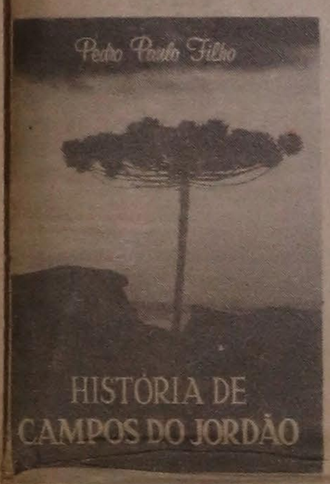


O Plano Cruzado na Visão de Economistas da USP reúne 92 estudos sobre a reforma monetária de 28 de fevereiro de 1986, registrando os sucessos e os problemas verificados durante os primeiros seis meses de execução do plano que se constituiu num marco da história econômica brasileira. Todos os problemas que se seguiram, e hoje preocupam os economistas e os políticos de todas as tendências, ficam mais compreensíveis a partir desta volumosa literatura especializada na análise da complexa estrutura da economia brasileira. (Livraria Pioneira Editora. Praça Dirceu de Lima, 313 — 02515 — São Paulo — SP.)

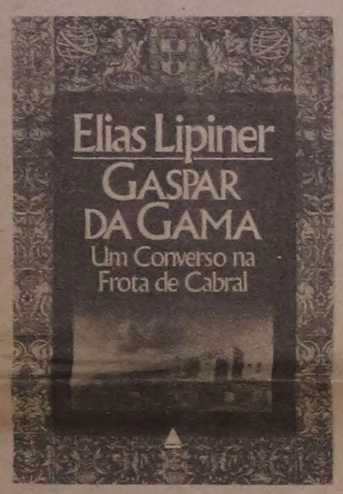
Com os Meus Olhos de Cão e Outras Novelas, de Hilda Hilst, o leitor se deliciará com o estilo criativo da prosa narrativa. O místico, que sempre faz parte de seu trabalho, caracteriza de maneira inovadora os personagens desta obra onde se acentua, também o vocabulário denso. Hilda Hilst em 1984 recebeu o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro pelos poemas *Cantares de Perdas e Predileção*. Nos três gêneros de literatura a poesia lírica, a dramaturgia e a prova narrativa — a autora é considerada inigualável pelos críticos nacionais e estrangeiros. (Editora Brasiliense. Rua General Jardim, 160 — 01223 — São Paulo — SP.)



Na Contracorrente da História (Documentos da Liga Comunista Internacionalista — 1930-1933), volume organizado por Fúlvio Abramo e Dainis Karepovs, aborda as origens do trotskismo no Brasil. Escritos entre 1930 e 1933 por dirigentes da Liga Comunista Internacionalista, a primeira organização trotskista brasileira, os documentos políticos reunidos neste volume estiveram desaparecidos por 50 anos, desde as perseguições policiais promovidas por Getúlio Vargas contra os trabalhadores. Em 1982, com a criação do Centro de Estudos Mário Pedrosa, pesquisadores partiram à sua procura. Vasculharam arquivos particulares, a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e a Biblioteca Nacional de Paris. Agora, apresentados por Fúlvio Abramo, um dos fundadores da Liga, e pelo historiador francês Pierre Broué, estes documentos vêm à tona para iluminar a memória do movimento operário brasileiro nos anos 30. Os trotskistas deixaram idéias bem distintas das do PCB stalinista que os renegou, e naturalmente opostas às de historiadores ligados ao imperialismo que sempre combateram. Assustadoramente atuais em sua força militante, são idéias nascidas no fogo cruzado e que, ainda hoje, parecem trafegar na contracorrente da História. (Editora Brasiliense. Rua General Jardim 160 — 01223 — São Paulo — SP.)



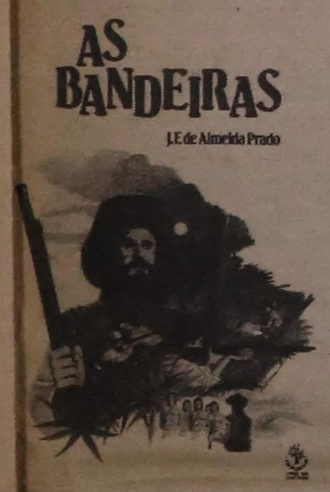
História de Campos do Jordão, de Pedro Paulo Filho. Ao longo de quase 800 páginas, o autor narra a história da ocupação do trecho paulista da Serra da Mantiqueira, a partir de 1597 quando Martim Correa de Sá comandou, nessa região, uma entrada precursora da era do bandeirismo. Os acontecimentos ligados a Campos do Jordão são acompanhados minuciosamente, até os dias de hoje. (Editora Santuário. Rua Padre Claro Monteiro, 342 — 12570 — Aparecida — SP.)



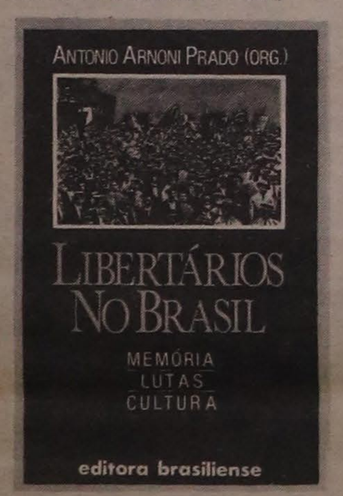
Gaspar da Gama — Um Converso na Frota de Cabral, de Elias Lipiner, ensaísta, filólogo e escritor romeno radicado no Brasil, reconstitui a história de Gaspar da Gama, um judeu de Alexandria que adotou esse nome depois de convertido ao catolicismo. Gaspar da Gama teve uma vida toda de aventuras, entre as quais a participação nas frotas de Vasco da Gama e de Pedro Álvares Cabral. O livro reúne duas qualidades quase sempre desacompanhadas em livros de história: grande erudição e texto tão agradável quanto o de um bom romance. (Editora Nova Fronteira. Rua Bambina, 25 — 22251 — Rio de Janeiro — RJ.)

Inventário, de Carlos de Freitas, dá continuidade à obra poética, iniciada com Quarenta Dias Quarenta Noites, do jornalista que por muitos anos trabalhou na imprensa paulista e agora está radicado em Santa Catarina. Neste livro, Carlos de Freitas vale-se de elementos da sua experiência profissional com os conflitos do dia-a-dia para uma reflexão lírica muito forte, despojada e autêntica. (Fundação Catarinense de Cultura. Av. Irineu Bornhausen, 5.000 — 82025 — Florianópolis — SC.)

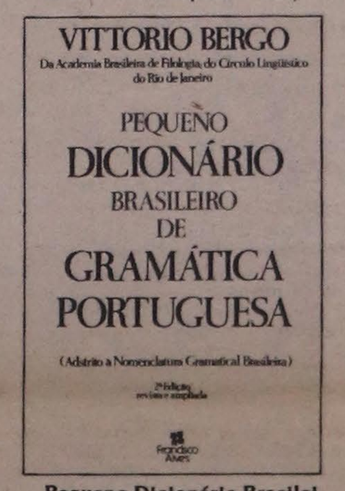
O Palácio da Memória de Matteo Ricci, do historiador anglo-americano Jonathan Spence, conta a história do padre Matteo Ricci, missionário jesuíta do século XVI que viveu, na China, uma das mais extraordinárias experiências de vida pessoal e intelectual do Renascimento, época em que a Europa começava a descobrir que não era o centro do mundo. Ricci, depois de quase 30 anos de convivência, integrou-se à cultura chinesa, promoveu seus valores, mas não chegou ao ponto de adotar uma visão acrítica em relação a ela. Foi um sábio, herdeiro da melhor tradição medieval que a contra-reforma procurava sufocar, cuja vida e obra precisam ser mais bem conhecidas no Brasil, principalmente porque Ricci, como muitos outros missionários da Companhia de Jesus da época de Santo Inácio, teve sua formação intelectual parcialmente feita em Portugal. Tradução de Denise Bottmann. (Companhia das Letras. Rua Barra Funda, 296 — 01552 — São Paulo — SP.)



As Bandeiras, de J. F. Almeida Prado, é o mais recente trabalho deste incansável historiador que, agora, aos 89 anos, retoma os temas de seus primeiros livros, hoje consagrados entre os mais importantes da historiografia nacional relativos aos três primeiros séculos da nossa história. Neste sentido, o livro é, em parte, uma complementação de **A Capitania de São Vicente e as Capitanias do Sul**, além de mencionar a epopéia geral conhecida por bandeirismo, ocorrida de norte a sul do País, delineadora do território nacional. (Ibrasa Editora, Rua Vinte e Um de Abril, 97 — 03047 — São Paulo — SP.)



Libertários no Brasil é uma coletânea de 14 estudos a respeito do movimento anarquista que, no começo do século, marcou alguns momentos decisivos na tentativa de formar a consciência operária no Brasil. Organizado por Antonio Arnoni Prado e com um bonito prefácio de Antônio Cândido, o livro resulta de um projeto desenvolvido na Universidade Estadual de Campinas-Unicamp. (Editora Brasiliense. Rua General Jardim 160 — 01223 — São Paulo — SP.)



Pequeno Dicionário Brasileiro de Gramática Portuguesa, de Vittorio Bergo, da Academia Brasileira de Filologia, foi elaborado especialmente para explicar os termos da nomenclatura gramatical brasileira. O autor observa que não teve a preocupação de apreciar os aspectos teóricos da matéria e sim apenas o objetivo de esclarecer a nomenclatura para todos aqueles que, em qualquer nível, se dedicarem ao estudo da língua portuguesa no Brasil. (Livraria Francisco Alves Editora. Rua Sete de Setembro, 177 — 20050 — Rio de Janeiro — RJ.)

Premiados pelo INL

Com a indicação de Roberto Sarmento Lima, Carolina Maia Gouvêa e Francisco de Assis Almeida Brasil como vencedores do Prêmio Especial Manuel Bandeira, instituído em homenagem ao centenário de nascimento do poeta, está se completando a relação dos autores premiados pelo Instituto Nacional do Livro em 1986. O original *Manuel Bandeira, o Mito Revisitado*, de Roberto Sarmento Lima, ocupou o 1.° lugar; *Manuel Bandeira: Tradição e Libertinagem*, de Carolina Maia Gouvêa, o 2.° lugar; e o *Mafuá Poético de Manuel Bandeira*, de Assis Brasil, o 3.° lugar.

A lista dos "dez mais" do INL no corrente ano já contava com os nomes de Antonio Brasil Santos, Nicolino Novello, Laurence Hallewell, Ilmar Rohloff de Mattos, Ana Virgínia de Nazaré Teixeira, Liliana Iacocca e Mairy Iracema Solano Sarmanho.

Antonio Brasil e Nicolino Novello foram os vencedores do Prêmio Literário Nacional do gênero Ensaio Literário, respectivamente nas categorias de obra publicada e obra inédita, por seus trabalhos *O Pensamento Crítico de Álvaro Lins* e *O Ato Criador de Clarice Lispector*. O outro Prêmio Literário Nacional, correspondente ao gênero História, foi compartilhado por Laurence Hallewell, pela obra publicada *O livro no Brasil (sua história)*, e Ilmar Rohloff de Mattos, pelo original inédito *O Tempo Saquarema*.

Por sua vez, Ana Virgínia de Nazaré Teixeira foi a vencedora do Prêmio de Biblioteconomia e Documentação por seu trabalho inédito *Metodologia para o Estabelecimento de Critérios de Raridade Bibliográfica nas Bibliotecas Brasileiras* e Liliana Iacocca e Mairy Iracema Solano Sarmanho, responsáveis, respectivamente, pelo texto e pelas ilustrações da obra, ainda inédita, *Encontro à Meia-Noite*, foram as ganhadoras do Prêmio Instituto Nacional do Livro de Literatura Infantil.

Descobrimento do Brasil

O Elos Clube de São Paulo promove dois concursos literários sobre o tema Descobrimento do Brasil — um deles aberto aos estudantes universitários e o outro aos alunos das escolas de 2.° grau. Os concorrentes brasileiros dos cursos de 2.° grau (ginásio e colegial) devem participar com trabalhos de, no mínimo, 100 linhas datilografadas. O vencedor ganhará uma viagem a Porto Seguro, com direito a um acompanhante. Os concorrentes dos cursos universitários devem remeter monografias de, no mínimo, 200 linhas. O vencedor ganhará uma viagem a Portugal — se for brasileiro — ou ao Brasil (a partir de Lisboa) se for residente em Portugal ou em qualquer outro país de língua portuguesa.

Os trabalhos concorrentes devem ser inéditos e recebidos até 31 de março de 1987 na Secretaria do Elos Clube de São Paulo (rua Santo Amaro, 71, conj. 13-D, Centro, CEP 01315, telefone 32-2133, São Paulo). Devem ser datilografados em três vias, em espaço dois, assinados com pseudônimo, acompanhados de um envelope fechado contendo o pseudônimo do autor e a respectiva identificação e endereço. O júri será composto por intelectuais de reconhecido mérito, indicados pela Diretoria da entidade promotora, e os vencedores dos concursos serão anunciados em Porto Seguro, no dia 22 de abril de 1987, durante as comemorações do 487.° aniversário do descobrimento do Brasil. Aos demais trabalhos recomendados pelo júri poderão ser concedidos outros prêmios ou Menções Honrosas, a critério dos promotores, que se reservam o direito de os publicar. Os trabalhos participantes do concurso não serão devolvidos. As decisões do júri são irrecorríveis e, ao enviarem os seus trabalhos, os concorrentes comprometem-se a acatar este Regulamento.

Composição e impressão
IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO S.A. IMESP

Diretor-Superintendente
WOLFGANG SCHOEPS

DIRETORIA
Artes Gráficas — Carlos Eduardo Leite Perrone
Jornal — Elias Miguel Raide
Comercial — Sergio Akio Kobayashi
Administrativa e Financeira — Júlio do Amaral Buschel

SEDE E ADMINISTRAÇÃO Rua da Mooca, 1921 - CEP 03103 São Paulo
Telefones 291-3344 (PABX) - 93-0118 - Telex (011) 34557

D.O. Leitura

Editor Wladimir Araújo
Editor de Arte Ionaldo Cavalcanti

Para obter uma assinatura gratuita, escreva para D.O. Leitura. Rua da Mooca, 1.921 - 03103 - São Paulo-SP.

COLABORAÇÕES — **As colaborações para o DO Leitura são solicitadas pela Redação.** As colaborações enviadas espontaneamente também são objeto de apreciação, mas pedimos compreensão para a impossibilidade de troca de correspondência ou devolução de originais.

O cronista Machado de Assis

Machado de Assis atuou no jornalismo durante toda sua vida, tendo escrito milhares de páginas da mais alta qualidade jornalística e literária. Esta é, entretanto, a parte menos conhecida de sua obra, analisada neste artigo.

Danilo Gomes

Acredito que, como cronista, Machado de Assis seja pouco conhecido. Todos lêem seus romances e contos; pouquíssimos se detêm sobre as centenas de crônicas que deixou — o que é lamentável, pois são fascinantes e constituem um repositório de pequenos fatos e cenas da História política e social do País. Mais ainda: parecem ter sido escritas ontem, tais o despojamento, a concisão, a leveza do estilo. São contemporâneas destes nossos dias, nesse sentido.

Ele as escrevia sob pseudônimos: aqui era Lélio; ali, Boas Noites ou Dr. Semana; acolá, Malvólio ou João das Regras. Foi cronista nos jornais "Gazeta de Notícias" e "O Cruzeiro", bem como na "Semana Ilustrada" e na "Ilustração Brasileira".

Essas crônicas, semanais, estão reunidas em livros, pela W. M. Jackson, pela Editora Mérito, pela Editora Civilização Brasileira (neste caso, em "Crônicas de Lélio", com organização, prefácio e notas do saudoso R. Magalhães Júnior).

As crônicas de Machado de Assis são geralmente "breves, alegres, irreverentes", na opinião de R. Magalhães Júnior, seu grande biógrafo.

Nessas páginas notáveis, o criador de "Memórias Póstumas de Brás Cubas" tratava, praticamente, de tudo: acontecimentos políticos, aspectos sociais, crimes, as transformações dos costumes urbanos do Rio de Janeiro, o bonde elétrico que então surgia, a companhia de gás (outra novidade!), peças teatrais, aspectos da política na Europa e nas Américas, assuntos graves e frívolos, em tom sempre vivaz, irônico e bem-humorado.

De vez em quando um assunto mais pesado, como as mortes de José de Alencar, do Conselheiro Zacarias, de José Thomaz Nabuco de Araújo e outras figuras preeminentes.

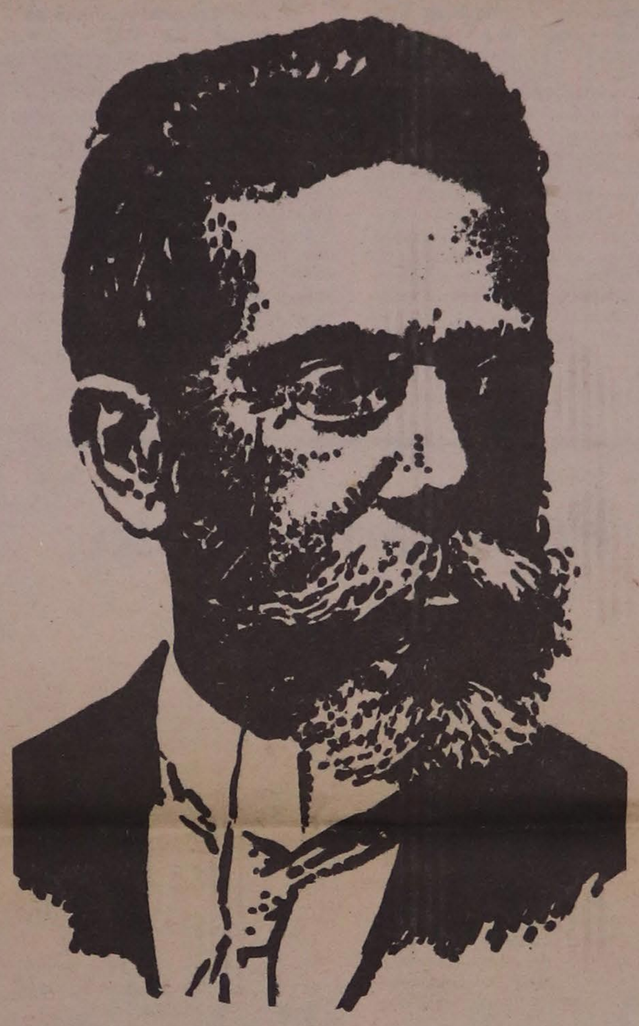
Com que finura o grande escritor autodidata entrelaçava a referência erudita e o acontecimento do dia-a-dia, chão e trivial; com que graça acoplava a citação francesa, inglesa ou latina com a quotidianidade dos bairros cariocas!

As crônicas versavam temas da semana; portanto, geralmente não abordavam um tema único, não eram como as crônicas que em nosso tempo nascem da imaginação, do talento e da técnica narrativa de um Rubem Braga, um Carlos Drummond de Andrade, um Paulo Mendes Campos, um Fernando Sabino, para citarmos apenas esse quarteto de mestres.

O pesquisador pode, respigando daqui e dali, descobrir uma *teoria da crônica* em Machado de Assis, a partir de idéias e conceitos do próprio cronista e que por certo vigoravam à época.

As crônicas machadianas se confundem, na verdade, com folhetins ou gazetilhas cheias de vivacidade e graça. O próprio autor dizia, na crônica de 7 de julho de 1878, no jornal "O Cruzeiro", que o folhetim, isto é, a crônica, "requer um ar brincão e galhofeiro, ainda tratando de coisas sérias".

Na semana seguinte ele graceja com a crônica, chamando-a "frívola dama". O trecho é este: "É assim a crônica. Que sabes tu, frívola dama, dos problemas sociais, das teses políticas, do regímen das cousas deste mundo? Nada; e tanto pior se soubesses alguma



cousa, porque tu não és, não foste, nunca serás o jantar suculento e farto; tu és a castanha gelada, a laranja, o cálix de Chartreuse, uma cousa leve, para adoçar a boca e rebater o jantar."

Mas, "nem sempre" — acrescentou o bruxo perspicaz.

A atividade política e a vida parlamentar fascinavam-no, mas as via com fina ironia e um humor inigualável. Tematizou-as.

Era um observador arguto da alma humana, farejando sempre o ridículo e a fatuidade. Brincava com o dia-a-dia.

Em 1.º de novembro de 1877 ele escrevia, galhofeiro como sempre: "Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjecturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *la glace est rompue:* esta compeçada a crônica."

E, ainda faceto:

"Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopada do que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a cousa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica."

O cronista comentava os fatos da semana, *contava semanas*. Escreve ele, em 8 de janeiro de 1893:

"Mas vamos ao meu ofício, que é contar semanas. Contarei a que ora acaba e foi mui triste. A desolação da Rua Primeiro de Março é um dos espetáculos mais sugestivos deste mundo."

E passa a discorrer sobre aquela que foi uma das mais movimentadas e alegres ruas do Rio antigo.

Em 1.º de janeiro de 1894, teorizava assim:

"Mas a crônica não gosta de lembranças tristes, por mais heróicas que também sejam; não vai para epopéias, nem tragédias. Cousas doces, leves, sem sangue nem lágrimas."

Uma das melhores peças de Machado cronista é aquela em que ele homenageia o famoso livreiro Garnier, que acabara de partir para o outro mundo. Eram amigos. Machado de Assis, José de Alencar e outros companheiros gostavam de sentar-se à porta da célebre livraria, a cavaquear nas tardes remansosas, na Rua do Ouvidor.

Para Mário de Alencar, foi pela crônica que Machado de Assis se iniciou na literatura; contava ele vinte e três anos quando publicou sua primeira crônica, na revista "O Futuro".

E o mesmo Mário de Alencar, o discípulo fidelíssimo, registrou, em 1910, dois anos decorridos da morte do mestre insuperável: "As suas crônicas em regra desdenham os temas do comentário geral; preferem os fatos mínimos, as notícias escusas, que se prestavam à graça, ao humor e à filosofia risonha ou céptica do cronista; às vezes era um simples anúncio; às vezes um telegrama, não raro cousa nenhuma; mas sobre cousas nenhumas ou mínimas ele bordava sempre uma página admirável."

Machado de Assis, também na cronística, temperava todas as viandas e mais vitualhas à sua disposição com seu talento personalíssimo, com seu precioso "grano salis", de inigualável sabor.

Está em suas crônicas (pequenas histórias de pequenos fatos) muito do Brasil e especialmente do Rio daquela época, visitado por Sarah Bernhardt, uma das divas do escritor.

Quem não leu as crônicas de Machado de Assis está perdendo um pitéu literário e um documento histórico de boa qualidade. Também na crônica ele foi notável. Atrás de pseudônimos, escreveu o que quis, embora limitado pelos rígidos padrões sociais da época, que via com olhos vitorianos a simples descrição de "uns braços" ...

Aquelas barbas sisudas e aqueles óculos conselheirais escondiam um espírito brincalhão, lírico e irônico, escafandrista da alma humana.

Danilo Gomes é jornalista em Brasília.

bert. E coube ao escultor Luiz Morrone tirar o molde em gesso para a máscara mortuária.

Às 8h30m do dia de sua morte o corpo foi transportado, por um carro do Corpo de Bombeiros, com escolta de lanceiros da Força Pública, para a Academia Paulista de Letras, onde foi velado. O sepultamento, com honras militares, se deu às 11h do dia seguinte, e seus despojos se encontram no Monumento-Mausoléu aos Heróis de 32, no Parque do Ibirapuera. O Poeta foi o primeiro constitucionalista a ser sepultado nesse local e ocupa o espaço dedicado aos grandes heróis do Movimento de 1932.

Ainda a 9-7-69, Guilherme de Almeida pedira à esposa que hasteasse em sua casa a bandeira paulista, como todos os anos.

O governador Abreu Sodré foi um dos que carregaram o esquife. Foi decretado luto oficial por três dias. Durante o enterro, ouviu-se a Canção do Expedicionário, pela Banda do 4º Regimento de Infantaria de Quitaúna, onde o Poeta servira. Os veteranos de 32 compareceram portando capacetes. Dom Agnelo Rossi, Cardeal-Arcebispo de São Paulo, fez a encomendação. A missa de corpo presente foi rezada pelo Capelão Eliseu Murari.

Pela morte de Guilherme de Almeida, o governador Abreu Sodré, em julho de 1969, concedeu, por decreto, uma pensão mensal à viúva.

Guilherme de Almeida tinha premonições, acreditava na transmissão de pensamento, na mediunidade. Guardava, também, algumas superstições; pelo primeiro contato que tinha no seu dia, mesmo por telefone, adivinhava se a jornada seria boa ou má. Em várias declarações à imprensa, sempre demonstrou acreditar na imortalidade da alma e ter serenidade diante do grande mistério. Tinha particular devoção por Nossa Senhora da Luz e, em outubro de 1970, sua esposa ofereceu ao Museu de Arte Sacra uma coroa de prata do fim do século XVIII, em memória do Poeta, para com ela ser coroada a santa. No quarto de dormir do casal, havia um genuflexório. Na parede, uma Cruz, vinda de Jerusalém.

À beira do seu túmulo, falou o poeta Menotti Del Picchia em nome da Academia Brasileira de Letras. O poeta Oliveira Ribeiro Neto,então presidente da Academia Paulista de Letras, assim finalizou sua oração:

"Silêncio! Calem-se os tambores. Ajoelhai-vos todos, que na estrada de luz surge a Musa de Anchieta, a Virgem Maria, Tupan Ci Porangetê, a Mãe de Deus Formosíssima, que estende a mão divina ao Poeta que vacila. É Nossa Senhora da Porta do Céu, que lhe entrega as Chaves do Reino. Silêncio! A Academia Paulista de Letras se prosterna. De joelhos, São Paulo; de joelhos, Brasil!"

Casa Guilherme de Almeida

Desde a morte do Poeta, Baby de Almeida passou a nutrir um sonho: transformar a casa onde residiram por tantos anos em um museu. O secretário de Cultura, Esportes e Turismo do Estado, Pedro de Magalhães Padilha, sugeriu ao governador Laudo Natél a desapropriação da casa do Poeta, a qual pertencia à viúva e ao único filho do casal, Guy. Concomitantemente à desapropriação, promoveu a Secretaria as incursões necessárias para a aquisição do acervo contido no imóvel.

O processo levou cerca de sete anos, de 1970 a 1977, quando o governador Paulo Egydio formalizou a compra. A cerimônia de inauguração foi dia 13-3-79 pelo secretário de Cultura do Estado, Max Feffer.

Baby de Almeida mudou-se para perto da casa onde residiu com o marido, para poder sempre visitá-la. Em setembro de 1988, após longa enfermidade, foi juntar-se ao Poeta no mundo das estrelas.

Na Casa Guilherme de Almeida, tudo se encontra no mesmo lugar em que o casal deixou: móveis, pratarias, porcelanas, objetos pessoais, livros, peças de arte, cerca de oitenta pastas com documentos e manuscritos, placas e medalhas, quadros — com muitos retratos do Poeta e da esposa, feitos por pintores famosos: Di Cavalcanti, Flexor, Rey Júnior, Lazar Segall, Wagner de Castro, Noêmia Cavalcanti, Quirino da Silva, Gobbs.

A casa compõe-se de três pavimentos e um subsolo, com 360,83m² de área construída, e foi edificada em 1945; nela o casal residiu a partir de 1946. Está localizada nas imediações do Pacaembu, Rua Macapá, 187, com o telefone 263-1883, e se encontra aberta à visitação pública nas quartas-feiras, das 13 às 17 horas.

Na casa há uma varanda, com rede, onde o Poeta descansava. Torcia pelo São Paulo Futebol Clube. Gostava de assistir à televisão, e o fazia em uma pequena sala ao lado do quarto duplo, de dormir, onde se vê a cama do casal, com dossel feita por escravos mineiros. Mas seu lugar preferido era o sótão, de 5x4m, com paredes à prova de som, onde passava a maior parte do seu tempo, a escrever. Escrevia versos a mão, sempre a tinta; usava máquina só para artigos jornalísticos. E gostava de saborear açúcar enquanto trabalhava. No sótão há um curioso lavabo, com tampo de madeira que o fecha, servindo de mesinha. Há muitas fotos de amigos, a máquina antiga, papéis cheios de anotações, até um calendário a marcar o ano do desenlace do Poeta. Duas janelas se abrem para cada lado do sótão, de onde se divisa a cidade. Guilherme de Almeida dormia pouco, gostava de escrever até de madrugada, com janelas abertas, cigarros e uísque — a única bebida que apreciava.

A Casa Guilherme de Almeida é um monumento vivo em memória do Poeta. Mas, de toda a forma, Guilherme de Almeida é presença permanente. Foi um mago da Literatura, todo inteligência e coração. São Paulo amará para sempre o seu Poeta, o Poeta do Brasil. Nosso "Príncipe", nosso Herói.

Maria Thereza Cavalheiro é poetisa, contista, advogada e jornalista. Endereço da autora para correspondência: Caixa Postal 1.944 — Agência Central — 01051 — São Paulo — SP.

Bibliografia de Guilherme de Almeida

(com referências às primeiras edições)

Poesia:

Nós, São Paulo, Seção de Obras de *O Estado de S.Paulo*, 1917, com ilustrações de Correia Dias e retrato de J. Wasth Rodrigues; *A Dança das Horas*, São Paulo, Seção de Obras de *O Estado de S.Paulo*, 1919, com desenhos de Di Cavalcanti; *Messidor*, São Paulo, O Livro, 1919, obra que inclui *Nós*, *A Dança das Horas* e novos poemas sob o título de *Suave Colheita*, traduzida para o francês por Serge Milliete e editada na Antuérpia em 1923; *Livro de Horas de Sóror Dolorosa*, São Paulo, Oficinas de *O Estado de S.Paulo*, 1920, com desenhos de J. Wasth Rodrigues, no qual introduz a símil-rima, com apoio somente na vogal tônica, ao gosto medieval; *Era uma Vez...*, São Paulo, Mayença, 1922, com desenhos de John Graz (esses cinco primeiros livros são na linha parnasiano-simbolista); *O Festim*, São Paulo, 1922, em datilografia, livro idealizado por Franco Zampari, excutado por A. Sandri, limitado a 25 cópias, tendo sido destruídas as chapas; *A frauta que eu perdi — Canções gregas*, Rio de Janeiro, Anuário do Brasil, 1924, um livro de temas antigos com roupagem nova; *A flor que foi um homem (Narciso)*, São Paulo, Livraria do Globo, 1925, capa de J.W.R., teatro em versos; *Meu*, São Paulo, 1925, com capa de Paím, livro de "estampas", e *Raça*, São Paulo, 1925, com capa de Yan de Almeida Prado, os dois livros que mais se aproximam do Modernismo, não só pelo tema como pela linguagem inovadora do ponto de vista formal e visual, com versos de acentuado ritmo; *Encantamento*, São Paulo, Livraria do Globo e Irmãos Marano — Ed., 1925, livro premiado pela Academia Brasileira de Letras; *Simplicidade*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1929; *Você*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1931, contendo ilustrações de Anita Malfatti, com temas novos em versos velhos; *Carta a Minha Noiva*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1931; *Poemas Escolhidos*, Rio de Janeiro, Waissman, Reis & C. Ltd., 1931; *Cartas que eu não mandei*, Rio de Janeiro, Guanabara, 1932, separata de *Encantamento; Acaso — Versos de Todo Tempo*, São Paulo, 1938; *Cartas do Meu Amor*, São Paulo, Martins, 1941; *Tempo*, São Paulo, Flama, 1944, com prefácio de Jamil Almansur Haddad e ilustrações de Quirino — seleção de dezessete obras do Poeta, de 1914 a 1944; *Poesia Vária*, São Paulo, Martins, 1947, que traz o Capítulo "Peregrinação", haicais, as chaves-de-oiro para onze sonetos que não foram escritos, a Camoniana em linguagem propositadamente arcaizada, e o Cancioneirinho que relembra canções de amor e de amigo; *O Anjo de Sal*, São Paulo, Alarico, 1951, com poemas mais herméticos e haicais; *Toda a Poesia*, São Paulo, Martins, 1952, em seis volumes, contendo: Tomo I — *Simplicidade* (1912-1914), *Na Cidade da Névoa* (1915-1916), *Suave Colheita* (1912-1919); Tomo II — *Messidor* com *Nós* (1914-1917), *A Dança das Horas* (1918-1919) e *Livro de Horas de Sóror Dolorosa* (1919-1920); Tomo III — *Era uma Vez...* (1921), *Scheherazada* (1921 — um ato em versos, Menção Honrosa Excepcional da Academia Brasileira de Letras) e *Narciso* (1921); Tomo IV — *Canções Gregas* (1921-1922), *O Festim* (1922), *Meu* (1922-1923) e *Raça* (1925); Tomo V — *Encantamento* (1921-1925), *Acaso* (1924-1928) e *Você* (1931); Tomo VI — *Cartas do meu Amor* (1921-1941), *1932* (1932-1946), *Poesia Vária* (1944-1947) e *O Anjo de Sal* (1949-1951); seguindo-se depois a publicação de outros livros: *Acalanto de Bartira*, São Paulo, Pocai, 1954, com capa de Zamboni, vinhetas de Brecheret e ornatos de Guidal; *Camoniana*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1956, separata de *Poesia Vária*, com prefácio de Afrânio Peixoto; *Pequeno Romanceiro*, São Paulo, Martins, 1957, com desenhos de Gomide e letras de Abigail, inspirado na singeleza dos temas provindos da alma do povo; *Rua*, São Paulo, Martins, 1961, em que os poemas, manuscritos, aparecem acompanhados de fotos de Eduardo Ayrosa, e revelam instantâneos fixados com muito vigor em poemas curtos; *Rosamor*, São Paulo, Martins, 1965, com capa de Zamboni, ilustrações de Noêmia e dois desenhos póstumos de Wasth Rodrigues, um livro todo dedicado à rosa, alguns poemas com rimas muito preciosas; *Meus versos mais queridos*, Rio de Janeiro, Ediouro (Tecnoprint), 1967; *Os Sonetos de Guilherme de Almeida*, São Paulo, Martins, 1968, com capa de Renato Zamboni, contendo os 108 sonetos escritos pelo Poeta, a partir de "Morte", edição comemorativa do Cinqüentenário da publicação de *Nós*.

Prosa:

Théatre Brésilien, com duas peças escritas em francês, *Mon coeur balance* e *Leur Ame*, 1916, em colaboração com Oswald de Andrade; *Natalika*, Rio de Janeiro, Candeia Azul, 1924; *Do Sentimento Nacionalista na Poesia Brasileira*, 1926, tese; *Ritmo, Elemento de Expressão*, 1926, tese; *Gente de Cinema*, 1929; *O meu Portugal*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1933, crônicas; *A Casa*, 1935; *O Sonho de Marina*, 1941, história infantil; *Gonçalves Dias e o Romantismo*, 1945, conferência realizada na Academia Brasileira de Letras em 15-12-43; *Histórias, Talvez...*, São Paulo, Melhoramentos, 1948; *Baile de Formatura*, 1953; *Cosmópolis — São Paulo/29*, São Paulo, Editora Nacional, 1962, oito reportagens, com carvões de Gomide.

Traduções:

Eu e Você (*Toi et Moi*) de Paul Géraldy, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1932 — poesia; *O "Gitanjali"*, de Rabindranath Tagore, Rio de Janeiro, José Olympio, 1932, prosa poética; *Poetas de França*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1936, com poemas de 24 autores, em edição bilíngüe; *"Suite" Brasileira* (3ª parte de *Quatre Continents*), de Luc Durtain, 1936, poesia; *O Jardineiro*, de Rabindranath Tagore, 1939, prosa poética; *João Pestana*, de Hans Christian Andersen, 1941, prosa; *João Felpudo*, de Wilhelm Busch, 1942, prosa; *O Amor de Bilitis — Algumas Canções*, de Pierre Louÿs, Rio de Janeiro, José Olympio, 1943, prosa poética; *O Camondongo e Outras Histórias, Corococó e Caracacá* e *O Fantasma Lambão*, de Wilhelm Busch, 1943, prosa; *Pinocchio*, de Collodi, 1943, prosa, versão livre; *Flores das "Flores do Mal"*, de Baudelaire, Rio de Janeiro, José Olympio, 1944, com 21 poemas de Baudelaire, em edição bilíngüe, com carvões de Quirino; *Paralelamente a Paul Verlaine*, São Paulo, Martins, 1945, poesia, com "Minha Carta a Paul Verlaine no Centenário do seu Nascimento"; *A Mosca*, de Wilhelm Busch, 1946, prosa; *Uma Oração de Criança*, de Rachel Fields, 1946, prosa; *As Palavras de Buda*, 1948, prosa; *Entre Quatro Paredes (Huis Clos)*, de Jean-Paul Sartre, 1950, peça levada dois anos antes no Teatro Brasileiro de Comédia, do qual o Poeta foi um dos diretores; *A Cartola*, de Wilhelm Busch, 1951, prosa; *A Antígone de Sófocles*, São Paulo, Alarico, 1952, drama em versos, traduzido diretamente do grego, apresentado posteriormente por Adolfo Celi no Teatro Brasileiro de Comédia, tradução essa que foi um verdadeiro desafio; *Na Festa de São Lourenço*, de José de Anchieta, 1956, auto em versos — tradução das partes em tupi e castelhano; *Jornal de um Amante (Journal d'un Amant)*, de Simon Tygel, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1961, prosa; *Festival*, de Simon Tygel, 1965, poesia, em edição bilíngüe; *Arcanum*, de Niles Bond, 1965, poesia, em edição bilíngüe, capa e desenhos de Guilherme de Faria; *História de uma Escada*, de Antonio Buero Vallejo, 1964, peça teatral.

Outros trabalhos

Guilherme de Almeida colaborou ainda no filme "As Armas", de Cassiano Gabus Mendes (1926); escreveu a peça "O Estudante Poeta", em colaboração com Jayme Barcelos, lida no Teatro Boa Vista (1940); colaborou na versão portuguesa do filme "A Marquesa de Santos" (1941); fez o argumento do bailado "Iara", apresentado no Teatro Municipal, com música de Francisco Mignone e cenários de Portinari (1946); trabalhou nos diálogos dos filmes "Terra sempre Terra" (1951) e "Apassionata".

Proclamação da República: as causas aparentes e a causa essencial

REPÚBLICA 1889

Depois de observar que "se a aparência e a essência dos fenômenos sócio-históricos coincidissem, desnecessárias seriam as ciências sociais", o autor aponta o que considera a causa da queda da Monarquia: "Novas formas de produção e novas classes sociais exigiam novas formas de dominação. Com a Abolição, extinguia-se e metamorfoseava-se a classe que sustentara, por mais de sessenta anos, a Monarquia dos Braganças — os grandes senhores de escravos."

Mário Maestri
Professor na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Ilustração de Carlos Jacchieri

A íntima conexão entre fim do cativeiro e queda da Monarquia não passou despercebida aos contemporâneos daqueles acontecimentos. Os nexos causais entre Abolição e República foram registrados pelo pensamento historiográfico da época e incorporaram-se ao inconsciente histórico nacional. Para as camadas populares — sobretudo para as de ascendência africana — a Herdeira Imperial teria sido a principal agente da Libertação. Desde então, diversos historiadores apresentaram a República como uma retaliação da aristocracia cafeicultora desgostosa com o ato emancipador. Conta a tradição que, momentos após a assinatura da lei abolicionista, o barão de Cotegipe teria advertido a Regente: "Vossa Alteza redimiu uma raça, mas perdeu seu trono"[1].

Ultimamente, a legenda de Isabel, a Redentora, vem sendo abalada. Intelectuais negros e cientistas sociais apresentam a Abolição como uma farsa e negam-lhe caráter de momento histórico essencial. A veneração da comunidade negra a Isabel teria nascido de uma grande mistificação. Esta campanha de intoxicação historiográfica, lançada imediatamente após 1888, continuaria até hoje. Em verdade, a Abolição teria sido 'um negócio de brancos', uma conspiração para alijar a população negra do mercado de trabalho. Esta desvalorização do significado da Abolição imporia, no mínimo, a necessária procura de outras causas para a queda da Monarquia e o advento da República. Tem-se também apresentado a transição republicana como uma 'modernização conservadora' despida de maior significado[2].

Se a aparência e a essência dos fenômenos sócio-históricos coincidissem, desnecessárias seriam as ciências sociais. A consciência dos homens das razões dos fenômenos que vivem é determinada pelo nível de desenvolvimento histórico. A auto-consciência alienada de uma época pode espelhar, em forma invertida, razões essenciais dos fenômenos que as originaram. É ingenuidade explicar as profundas raízes da legenda da Redentora como o resultado de uma onipotente conspiração, como também o é compreendê-la como o merecido reconhecimento popular da imperial vontade abolicionista. Não menos simplistas são as explicações da conspiração cafeicultora contra o Terceiro Reinado.

Encontramo-nos entre aqueles que vêem na Abolição a única revolução social vitoriosa de nossa história[3]. Cremos ter sido a transição Monarquia/República a necessária metamorfose do Estado determinada pela transição trabalho escravo/trabalho livre, como base de nossa formação social. Um momento — essencial e complexo — impossível de ser explicado como resultado da intervenção consciente (providencial ou conspirativa) de homens ou de classes sociais. Cremos ter a escravidão fecundado essencialmente dois terços da história nacional e determinado, quando de sua crise, a gênese do Estado republicano.

Com o início da plantagem açucareira nas possessões luso-brasileiras, a partir da terceira década do Quinhentos, o escravismo articulou-se como forma hegemônica de produção. Através de todo o período colonial, a produção deste e de outros produtos esteve assentada sobremaneira sobre a mão-de-obra feitorizada, inicialmente indígena, sobretudo africana, a partir do início do Seiscentos. O modo de produção escravista colonial hegemonizou as outras formas de produção e determinou profundamente a sociedade brasileira até a Abolição[4].

Durante todo este período, o mundo rural dominou o mundo urbano. A unidade produtiva de base era o latifúndio monocultor escravista. Em torno dele articulava-se a vida econômico-social da colônia. Esta economia agroexportadora produzia regionalmente e dependia dos mercados internacionais para o escoamento de seus produtos. Em geral, pouco ou quase nenhum sentido tinham os 'mercados internos' coloniais. O Brasil colonial constituía-se de um mosaico de regiões produtivas semi-autônomas.

Estados independentes

Capistrano de Abreu chegou a afirmar que, nos primeiros tempos, as capitanias viviam em verdadeira 'condição de Estados estrangeiros'[5]. Apenas a ligação a uma mesma metrópole e uma administração colonial centralizada davam uma certa impressão de unidade às possessões luso-americanas. Mesmo isto deve ser relativizado: o *senado da câmara* — sob o firme controle das elites locais — exerceu, durante todo o período colonial, uma ampla autoridade — legal ou abusiva — sobre os assuntos municipais. Os limitados meios de transporte reforçavam estes particularismos.

Açúcar, algodão, arroz, couros, minérios etc., produzidos nas unidades escravistas, eram exportados para a Europa através de Portugal pelos portos de São Luís, Salvador, Recife, Rio de Janeiro etc. De Portugal chegavam os manufaturados lusitanos e europeus. O tráfico negreiro garantia a reprodução da população cativa e articulava outras ligações sócio-econômicas entre a colônia e o exterior. Este padrão agroexportador determinava fraca comunidade de interesse entre as diversas regiões da colônia.

O historiador inglês C. R. Boxer escreveu sobre o Brasil do início do século XVIII: "A colonização ficava, em sua maior parte, limitada a um certo número de colônias vagamente relacionadas umas às outras num cinturão costeiro que se estendia do delta do Amazonas até São Vicente, e dificilmente alcançava mais de trinta milhas de largura." Devido ao sistema de ventos e às correntes, os contatos entre o Pará e o Maranhão e Lisboa eram mais fáceis e usuais do que entre o Norte e a Bahia e o Rio de Janeiro. O Rio de Janeiro mantinha ligações mais estreitas com Luanda do que com Salvador. Era grande a comunhão entre a Província de São Pedro e a Banda Oriental: quase nada unia o Extremo-Sul à Amazônia luso-brasileira. Emília Viotti da Costa lembra que ainda "às vésperas da Independência eram mais fortes os laços das várias províncias com a Europa do que entre si"[6].

Nos limites das diversas regiões produtivas, as classes dominantes coloniais controlavam o essencial do poder econômico-social e viviam numa situação de relativa sujeição e subordinação política diante da administração e das elites metropolitanas. A crise do mercantilismo expressava o novo reordenamento europeu de forças. Com o desenvolvimento da produção capitalista na Europa Central, as nações ibéricas, incapazes de realizar suas revoluções burguesas, estavam fadadas a perder suas possessões americanas. O 'pacto colonial', que garantira no passado o desenvolvimento das colônias e das metrópoles, constituía, agora, um entrave ao desenvolvimento do Novo e do Velho Mundo.

Nas Américas, as elites coloniais, exasperadas pelo caráter crescentemente parasitário do exclusivismo comercial metropolitano e conscientes do controle econômico que exerciam nas suas respectivas áreas de influência, lançaram-se à conquista do controle total do poder político. Os diversos projetos emancipacionistas articulavam-se e ganhavam força no contexto dos espaços geoeconômicos reais preexistentes. As treze colônias anglo-americanas alcançaram a libertar-se por primeiro, em 1776-83. A existência de um certo grau de interdependência, a necessidade das elites de defenderem-se da ex-metrópole e da população livre pobre ensejaram a formação de uma república federativa onde os Estados-membros gozavam, principalmente nos primeiros anos, de uma real independência quanto às suas questões internas.

Na América espanhola, nenhum esforço ou ideário americanista alcançou a se sobrepor à força das tendências centrífugas dos diversos blocos geoeconômicos. No Brasil atuavam os mesmos fatores que resultaram na atomização político-territorial hispano-americana. Em Pernambuco, em 1645, quando da revolta anti-holandesa, e, em 1710, quando da chamada Guerra dos Mascates, chegara-se a discutir a independência da capitania. A chamada Revolução Pernambucana, de 1817, o primeiro grande movimento republicano no Brasil, foi netamente separatista. O unitarismo brasileiro constitui um dos grandes 'mistérios' de nossa história. Oliveira Viana reflete bem esta perplexidade: "(. . .) nada, nenhuma necessidade poderosa nos levava (. . .) à integração do país dentro de uma possante armadura de poderes nacionais"[7].

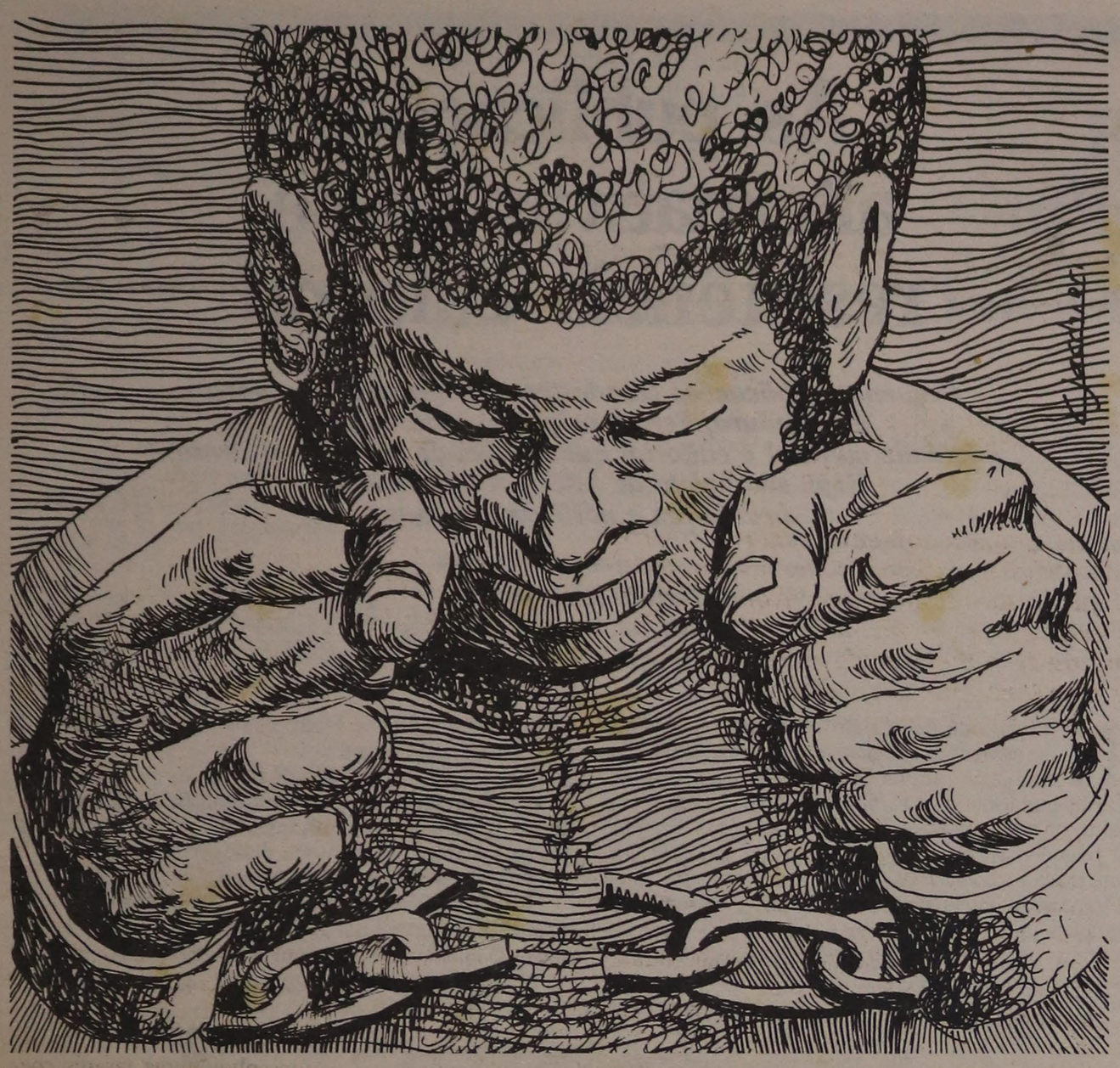
Filho da escravidão

O Brasil emergiu da independência como um Estado unitário e centralizado: não conhecemos nem mesmo o federalismo que organizou, por longos anos, as ex-colônias britânicas. Cremos que o Estado monárquico, autoritário e centralizador, brasileiro tenha resultado da necessidade das elites nacionais de enfrentarem o problema da independência e da gestão constitucional do novo Estado sem colocar em perigo a espinha dorsal da economia colonial: a produção escravista.

Monsenhor Muniz Tavares, coevo daqueles acontecimentos, assinalava que a transferência da corte portuguesa para o Brasil — 10 mil pessoas — decretara um fim indolor ao regime colonial brasileiro[8]. Salvo engano, trata-se do único caso, nos Tempos Modernos, de transmigração dos estratos superiores de uma classe dominante para uma colônia. O estabelecimento da Corte no Rio de Janeiro levava para ali o centro das decisões anteriormente monopolizadas pela metrópole. A abertura dos portos terminava com o exclusivismo comercial. Aparentemente, permaneceria apenas para ser resolvida a questão da gestão absolutista do Estado. Problema este agravado pela privilegiação étnica praticada pela Coroa luso-brasileira.

A Revolução do Porto, de 1820, e seu projeto de recolonização recolocaram com mais força — para as facções senhoriais que defendiam um projeto unitarista — problemas eclodidos quando da chamada Revolução Pernambucana. Como já assinalamos, importantes elites regionais almejavam um processo de independência estranho a qualquer partição ou subordinação nacional do poder. Piorando tudo, o poder central — sediado no Sudeste desde o ciclo da mineração (1763) — via-se agora diante de um Nordeste, mais populoso e em relativo auge econômico, que resistia em aceitar a gestão quase estrangeira do Rio de Janeiro. Eram também fortes as tendências autonomistas do Norte e do Sul. Tudo apontava para a explosão do Brasil em repúblicas organizadas a partir das principais sub-regiões coloniais.

As elites 'brasileiras' defrontavam-se com graves problemas quando do fim do período colonial: pressão inglesa pela abolição do tráfico transatlântico, federalismo radical, separatismo, semimonopólio lusitano das atividades comerciais e mercantis. Entretanto,



a grande questão era social. Como autonomizar-se de Portugal e 'nacionalizar' as atividades comerciais sem comprometer a organização social escravista. Haiti e os sucessos hispano-americanos eram avisos premonitórios. Fortes choques entre tropas metropolitanas e coloniais ou profunda divisão entre as elites coloniais colocariam certamente em perigo a necessária submissão da escravaria e dificultariam a defesa da continuidade do tráfico tumbeiro.

Um estado generalizado de guerra facilitaria fugas e aquilombamentos maciços das escravarias e suas cooptações pelas facções senhoriais em luta. Se a colônia explodisse em diversas repúblicas, cresceriam as dificuldades para manter a escravidão nas regiões onde ela mostrava-se economicamente produtiva. Os Estados abolicionistas acoutariam os escravos fujões — como já o faziam as Guianas e as possessões hispano-americanas. O preço dos escravos cresceria sobremaneira. Os pequenos Estados escravistas dificilmente sobrepor-se-iam ao abolicionismo britânico do comércio tumbeiro.

O Estado monárquico, autoritário e centralizador, foi criatura da escravidão. Teve como parteiro, nos momentos da definitiva ruptura com Portugal, os interesses negreiros e escravistas. A Independência deu-se sob a batuta cautelosa e conservantista dos grandes senhores de escravos. As veleidades republicanas, separatistas ou federalistas radicais, de importantes facções senhoriais regionais foram recalcadas em prol da segurança e perpetuação da produção escravista. A solução encontrada foi a mais conservadora possível — a "entronização de um príncipe português, o próprio filho e herdeiro do rei de Portugal"[9]. Apenas a intransigência das Cortes lusitanas impediram uma solução ainda mais tímida: ou seja, a monarquia dual.

Tempos conturbados

A submissão das classes senhoriais 'periféricas' ao centralismo imperial e aos interesses da nova corte foi parcial. A Confederação do Equador, de 1824, retomando os grandes objetivos da Revolução Pernambucana, mostrava que, para muitos nordestinos, pouca diferença fazia se as rendas da região ajudassem a financiar a iluminação de Lisboa ou a do Rio de Janeiro. A centralização do poder pela corte sediada no Rio de Janeiro era um quase arremedo, no interior das fronteiras do novo Estado, da antiga ordem colonial.

Os movimentos de 1817 e de 1824 não contaram com o apoio dos grandes senhores de terra e de escravos da região. Temia-se a agitação servil e não revelado ideário abolicionista: de nada serviram as garantias de respeito à escravidão dadas pelos revolucionários. "Patriotas pernambucanos! — lembrava o conhecido manifesto revolucionário — A suspeita tem-se insinuado nos proprietários rurais: eles crêem que a benéfica tendência da presente liberal revolução tem por fim a emancipação indistinta dos homens de cor e escravos." O que, segundo o manifesto, não era verdade pois os revolucionários acreditavam que "a base de toda a sociedade regular é a inviolabilidade de qualquer espécie de propriedade"[10].

Foram conturbadas as primeiras décadas após a Independência. As classes senhoriais brasileiras defrontaram-se com graves problemas. A entronização de Pedro I permitira uma independência de transação e, portanto, relativamente pacífica. Pagara-se por isso. O grande e o pequeno comércio continuavam quase totalmente em mãos lusitanas. Os senhores de escravos e de terra permaneciam endividados junto aos grupos comerciais lusitanos. Pedro I, nas negociações com os ingleses, quando do reconhecimento do novo Estado, comprometera-se com a abolição do tráfico transatlântico de escravos. Permaneciam as exigências autonomistas e federalistas de importantes facções senhoriais.

Estes três problemas foram resolvidos, em grande parte, com o golpe de 7 de abril de 1831. As elites senhoriais depuseram Pedro I, imperador autocrático, protetor dos interesses lusitanos e comprometido com o fim do tráfico negreiro. Preparavam-se as condições para o Ato Adicional de 12 de agosto de 1834, que criou um sistema de assembléias provinciais fortalecidas, diminuindo o poder discricionário do governo central. Não era apenas política a crise que sacudia a Nação. Cresciam as dificuldades dos segmentos subalternos: escravos, libertos, livres pobres. A liberdade de comércio golpeara fortemente a nascente e frágil produção artesanal e manufatureira brasileira. Sob a pressão inglesa, o Brasil foi inundado de manufaturados degradando-se o balanço comercial nacional. As negociações em torno do reconhecimento do novo Estado endividaram fortemente o erário público.

Os desmandos econômicos, a dívida internacional, os reflexos da queda dos preços das exportações foram lançados sobre as costas largas das classes subalternas. A moeda falsificada — forma que assumia a inflação — acrescia a tradicional miséria dos livres pobres. Os escravos vergavam sob o açoite cada vez mais exigente dos feitores. No período regencial explodiu toda uma série de movimentos liberais, federalistas, separatistas ou sociais que ameaçava o frágil pacto unitarista alcançado em 1822. A força das partes parecia sobrepor-se à do débil todo.

Movimentos como a Cabanagem, Balaiada, Revolução Farroupilha etc. frustraram-se, em maior ou menor grau, pela mesma razão que levara à derrota a Revolução Pernambucana e a Confederação do Equador. As elites regionais aceitaram a submissão ao poder central para não pôr em perigo a ordem servil. O elevado número de ex-escravos arrolados nas fileiras farroupilhas comprovam não serem infundadas as restrições dos grandes escravistas a movimentos regionais dos quais eles seriam os grandes privilegiados. O rigor com que o futuro Duque de Caxias tratava os negros revoltados, enquanto concedia quartel aos balaios, não deixa ilusões sobre quem eram os principais inimigos das classes senhoriais[11].

Novo bloco hegemônico

A Regência Una de Pedro de Araújo Lima inicia, em novembro de 1837, a reação antiliberal, antifederalista e centralizadora que abriria caminho para o Segundo Reinado[12]. O novo governo constituía-se sobre a aliança de políticos do Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Minas Gerais que representavam os ricos senhores de terras e de escravos das principais zonas açucareiras e cafeicultoras. O principal eixo do novo bloco social hegemônico era a nova classe dos cafeicultores. Foi principalmente o desenvolvimento da cafeicultura escravista que cimentou o matrimônio entre monarquia e escravismo. Em poucas décadas, os 'barões do café', principal pilar da nova corte, transformaram-se na classe economicamente mais dinâmica a nível nacional.

A estabilidade do Segundo Reinado deveu-se sobretudo à pujança da expansão da cafeicultura e à perfeita interpretação, pela Monarquia, das necessidades da ordem escravista nacional. O autoritarismo monárquico do Segundo Império encobria, sob um falso verniz liberal, o governo duro e despótico de uma classe semi-colonial de proprietários de homens. O princípio da superioridade/autoridade, gerada pelo nascimento de um homem — o imperador — sobre os seus súditos, refletia e fortalecia, no mundo das abstrações ideológicas e das instituições políticas, a autoridade social despótica do senhor sobre seu negro.

A abolição do tráfico transatlântico, em 1850, iniciou a inexorável corrosão do escravismo brasileiro. Devido às condições de vida e trabalho, a população escrava não alcançava a reproduzir-se naturalmente. A alta do preço médio do cativo e a gênese de uma população livre pobre garantiram, por alguns anos, a transferência da população servil do Norte, Nordeste e Sudeste para o Centro-Sul, dos centros urbanos para as fazendas escravistas.

A concentração da população escrava nas zonas cafeicultoras ensejou importantes modificações na sociedade. Em inúmeras regiões e províncias, o escravismo passou de forma dominante à forma subordinada de produção e fortaleceram-se variadas formas de trabalho livre[13]. Por primeira vez, importantes facções sociais viviam à margem ou em contradição com o escravismo. A vitória do Norte na Guerra da Secessão e o desenvolvimento da opinião antiescravista na Europa explicam também o surgimento, nos anos sessenta, de um importante movimento emancipacionista no Brasil.

Os cafeicultores fluminenses e paulistas constituíam a facção social nacionalmente hegemônica. Isto permitiu que o escravismo permanecesse nacionalmente vigente mesmo quando o processo de desescravização se havia concluído em diversas regiões. O governo imperial reservou-se à questão servil e impediu que a instituição fosse abolida mesmo ali onde deixara praticamente de existir. O Ceará e a Amazônia foram apenas casos limites: em 1884, a escravidão praticamente deixara de existir naquelas províncias. Não é aqui o momento de analisar as manobras com que as instituições monárquicas mantiveram em pé, até os fins dos anos 80, a ordem servil.

Guerra do Paraguai, Lei do Ventre Livre, Lei dos Sexagenários foram alguns dos recursos e justificativas com os quais postergou-se o fim do escravismo. O processo de desescravização determinado pela mortalidade e envelhecimento dos eitos diminuía entretanto a importância nacional do trabalho servil e aumentava a do trabalho livre. Fortaleciam-se o movimento abolicionista, em geral, e seus setores mais radicalizados, em especial. Por primeira vez em nossa história, a luta centenária dos cativos contra a escravidão encontrava apoio em importantes facções sociais livres.

Insurreição escrava

Desde o primeiro semestre de 1887, sentindo o fortalecimento do abolicionismo, a massa escrava iniciou o abandono maciço e pacífico das fazendas e o início da reivindicação de relações contratuais de trabalho. Os cafeicultores paulistas, sentindo a nova situação, começaram a converter-se resolutamente ao emigrantismo. O Partido Republicano e a Igreja aderem igualmente ao abolicionismo. Em setembro de 1887, os fazendeiros de Campinas começam a manumitir seus escravos desde que trabalhassem para seus senhores até 1890. Neste ínterim, as fugas se multiplicavam e assumiam um novo caráter. "Em meados de outubro — escreve R. Conrad — cerca de 150 homens, mulheres e crianças, armados com pistolas, facas e machados, fugiram de uma fazenda do município de Capivari, perto da cidade de Itu, (. . .). A batalha que se seguiu contra a polícia, que causou a morte de um dos perseguidores e muitos feridos de ambos os lados, terminou com uma vitória para os escravos, que dominaram seus oponentes, os despiram e espancaram."

O incidente teve grande repercussão e a radicalização dos cativos não deixou de render frutos imediatos. Dias após, em 26 de outubro, o Clube Militar pedia respeitosamente à Regente que o exército não interviesse mais na captura de escravos que fugiam pacificamente das plantações. Em poucos meses mais, a produção escravista encontrava-se destruída pois as fazendas encontravam-se desertas de cativos. Sem a mesma

continuação da página 9

força, o mesmo processo fez-se sentir praticamente em todo o Brasil, ali onde a escravidão ainda subsistia. O caráter multitudinário do movimento e o apoio com que contava levaram os cafeicultores a abandonar qualquer veleidade restauracionista e a abraçar a proposta de importação de trabalhadores estrangeiros livres[14].

A Europa e, sobretudo, a Itália contavam com uma importante população rural excedentária. Como havia alguns anos que as relações sociais escravistas emperravam o desenvolvimento da produção cafeicultora e era necessário construir, agora, um 'exército agrícola de reserva', nos 10 anos imediatamente posteriores à Abolição ingressou no Brasil uma massa de mais de 1 milhão de trabalhadores estrangeiros. Com a Abolição, superava-se o modo de produção escravista colonial que, por mais de três séculos, hegemonizara as outras formas de produção e organizara a sociedade brasileira segundo as suas necessidades.

O fim do escravismo dissolvia as condições que tinham gerado e sustentado o centralismo monárquico. A defesa do tráfico negreiro, o submetimento da população escrava, a manutenção da ordem escravista eram problemas que passavam da preocupação das elites para as páginas da História. A decadência da cafeicultura fluminense inviabilizava aquela província como centro de poder: São Paulo começava a pedir, sem muita cerimônia, licença para passar. As antigas tendências separatistas se haviam arrefecido no contexto do desenvolvimento de incipientes mas reais laços nacionais, apesar de ainda serem muito fortes as reivindicações federalistas. Novas formas de produção e novas classes sociais exigiam novas formas de dominação. Com a Abolição, extinguia-se e metamorfoseava-se a classe que sustentara, por mais de sessenta anos, a Monarquia dos Braganças — os grandes senhores de escravos.

Não deixa de ser uma ironia da história que o Primeiro e Segundo Reinados tenham arrancado suas forças da defesa intransigente do escravismo e que o Terceiro tenha tentado, com a Guarda Negra[14], defender-se do movimento republicano arregimentando as massas negras e miseráveis urbanas paridas, em boa parte, pela Abolição. E uma outra ironia histórica — que encontra parte de sua explicação na profunda indigência sócio-cultural dos ex-escravos — que a vitória abolicionista, movimento revolucionário de ímpar importância, que resultou sobretudo do agir da massa escrava, tenha sido captada pelo inconsciente histórico dos agentes do processo e de seus descendentes, não como uma conquista, mas sim como uma outorga. Uma interpretação que a historiografia tradicional apenas fortaleceu e normalizou. Já em 1888, morria a consciência da Libertação e nascia o mito da Abolição.

O golpe militar de 15 de novembro de 1889 lançou por terra um edifício já sem fundamentos. A Primeira Constituição Republicana sancionaria ao nível institucional o novo reordenamento nacional de forças. A permanência do caráter agro-exportador, a dominância de formas de trabalho livre, a transição efetuada desde as alturas, as reivindicações autonomistas das elites regionais, tudo isto determinou a essência do novo Estado que assumiria um caráter mais conservador e federalista do que republicano e popular.

Notas

1 — Segundo parece, os ex-escravos utilizavam os vocábulos **liberdade** e **libertação** para se referir ao fim do cativeiro. O termo erudito **abolição** teria sido vulgarizado pelos estudos historiográficos. Cf. MAESTRI FILHO, M. J. **Depoimentos de Escravos Brasileiros**. São Paulo, Ícone, 1988. pp. 25 *et seg.*; *apud*. CALOGERAS, J. P. **Formação Histórica do Brasil**. 7ª ed. São Paulo, CEN, 1967. p. 285.

2 — IANNI, O. **Escravidão e Racismo**. São Paulo, HUCITEC, 1968. p. 33; Sobre a 'conspiração', ver, por exemplo, AZEVEDO, C. M. M. **Onda Negra, Medo Branco. O negro no imaginário das elites — séc. XIX**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987; sobre modernização conservadora, ver, por exemplo, EISENBERG, P. L. **Modernização sem Mudança. A indústria açucareira em Pernambuco. 1840-1910**. Rio de Janeiro, Paz e Terra; Campinas, Unicamp, 1977.

3 — Sobre a Abolição, como transição revolucionária, ver: GORENDER, Jacob. **A Burguesia Brasileira**. 5ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1986. FREITAS, Décio. **O Escravismo Brasileiro**. 2ª ed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982; SAES, Décio. **A Formação do Estado Burguês no Brasil**. 1888-1891. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985; MAESTRI, Mário. **Servidão Negra**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988; LOPES, Luís C. **O Espelho e a Imagem. O Escravo na historiografia brasileira (1808-1920)**. Rio de Janeiro, Achiamé, 1987.

4 — Sobre o modo de produção escravista colonial, ver: GORENDER, J. **O Escravismo Colonial**. 5ª ed. São Paulo, Ática, 1988. Sobre o momento da transição indígenas/africanos, ver: SCHWARTZ, S. B. **Segredos Internos, Engenhos e Escravos na Sociedade Colonial**. São Paulo, Cia. das Letras, 1988. pp. 57-73.

5 — ABREU, Capistrano de. **Capítulos de História Colonial, 1500-1800**. 6ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, MEC, 1976. p. 45.

6 — Cf. BOXER, C. R. **A Idade de Ouro do Brasil**. São Paulo, CEN, 1963. p. 36. **Salvador de Sá e a luta pelo Brasil e Angola, 1602-1686**. São Paulo, CEN/EDUSP, 1973. p. 33. COSTA, Emília Viotti, **Da Monarquia à República. Momentos decisivos**. 4ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1987. p. 29.

7 — Cf. BOXER, C. R. **A Idade de Ouro do Brasil**. São Paulo, CEN, 1963. p. 135-6. VIANNA, Oliveira. **Populações Meridionais do Brasil**. V. 1. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1973. p. 259. A historiografia tradicional explicou comumente a unidade nacional brasileira a partir da intervenção providencial de D. Pedro I ou de José Bonifácio. Cf. COSTA, E. V. **Da Monarquia à República. Momentos decisivos**. 4ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1987.

8 — TAVARES, Francisco Munis. **História da Revolução de Pernambuco em 1817**. 3ª ed. Recife, Instituto Archeológico e Geográfico Pernambucano, 1917.

9 — FREITAS, Décio. **Os Guerrilheiros do Imperador**. Rio de Janeiro, Graal, 1978.

10 - **Apud**. TAVARES, F. M. **Op. cit.** p. ccv.

11 — Cf. SERRA, Astolfo. **A Balaiada**. Rio, Bedeschi, 1946. MAGALHÃES, D. J. G. de. "Memória Histórica da Revolução da Província do Maranhão" in **Opúsculos Históricos e Literários**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Garnier, 1865; SANTOS, Maria Januária Vilela. **A Balaiada e a Insurreição de Escravos no Maranhão**. São Paulo, Ática, 1983.

12 — Cf. CONRAD, Robert. **Tumbeiros. O tráfico de escravos para o Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1985. p. 107 *et seg.*

13 — Cf. COSTA, Emília A. V. **Da Senzala à Colônia**. 2ª ed. São Paulo, Ciências Humanas, 1982.

14 — Cf., entre outros, CONRAD, R. **Os Últimos Anos da Escravidão no Brasil. 1850-1888**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1975. COSTA, E. V. *op. cit.*; SANTOS, Ronaldo Marcos dos. **Resistência e Superação do Escravismo na Província de São Paulo. 1885-1888**. São Paulo, IPE-USP, 1980.

15 — Cf. RICCI, Maria Lúcia S. R. "A Guarda Negra e a República" **D. O. Leitura**. Publicação Cultural da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. São Paulo, 8(86), julho de 1988. pp. 6-7.

Texto da palestra proferida no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul em julho deste ano. Mário Maestri é doutor em História pela Universidade Católica de Louvain, Bélgica e professor do Curso de Pós-Graduação em História na PUC-RS. Endereço do autor para correspondência: Rua General João Manoel, 457, ap. 31 — 90010 — Porto Alegre — RS.

As publicações alternativas como resistência cultural

Pequenas publicações clandestinas, originadas na época da ditadura, deram origem a uma enorme atividade cultural e editorial que se estende por todo o Brasil. Hoje, são objeto de teses em universidades brasileiras e norte-americanas.

Dalila Teles Veras

Do Grupo Livrespaço de Poesia, Santo André — SP

No início da década de 70, auge das medidas de exceção da ditadura militar no Brasil, dá-se início a um fenômeno de publicações literárias que levam por rótulo "marginais". Essa literatura, na sua maioria, é veiculada através de folhetos e pequenos livros mimeografados, copiados de forma tosca e caseira, daí ser conhecida também como literatura de mimeógrafo. Caracteriza-se por uma linguagem agressiva, panfletária até, que procurava denunciar as medidas governamentais arbitrárias. Passa a ser uma "voz", a literatura do "desbunde" do "sufoco", e "marginal" por estar à margem do sistema oficial vigente.

Jovens poetas na sua grande maioria, esses autores imprimiam os seus livros e os vendiam à porta de teatros, em bares noturnos, sempre de mão em mão.

O movimento cresce, passa a ser veiculado pelo correio em forma também de pequenos jornais que passam a circular por todo o território nacional, representando um papel de resistência cultural, não assumido pelos grandes órgãos de imprensa, mais visados pela censura e que, àquela altura, publicavam receitas de bolos e poemas de Camões, no lugar das matérias censuradas.

Os chamados poetas marginais organizam-se em grupos e passam a atuar de forma mais agressiva, promovendo recitais em plena rua, escadarias de teatros, viadutos, além de outros eventos quase sempre dispersados pela polícia. Poetas chegam a ser presos e torturados. Essas publicações pipocavam por todos os lados de uma maneira impressionante. Algumas delas transformam-se em edições comerciais vendidas em bancas de jornais, como é o caso do tablóide "Pasquim", publicação de muito sucesso e uma das que mais tempo resistiu utilizando-se do humor como denúncia e de uma linguagem irreverente, recursos que fizeram com que alcançasse tiragens espetaculares para a época.

Com os órgãos de imprensa falada e escrita sob o jugo da censura, estes veículos passam a desempenhar um papel de grande importância no cenário cultural brasileiro e hoje já são objeto de teses de doutoramento em diversas universidades brasileiras e norte-americanas.

Já nesta década de 80, com o abrandamento e, finalmente, a queda da ditadura, pode-se observar o mesmo fenômeno dessas publicações, porém de uma maneira mais madura e profissional, chegando, na nossa opinião, e sem medo de errar, a formar um circuito tão intenso de troca de informações literárias, sempre via postal, que, se não chega a fazer concorrência às grandes editoras, chega-lhes perto em número de tiragens e circulação, com uma vantagem: sem que se utilize dos modernos recursos das telecomunicações, são rapidamente veiculadas, tornando um fato ocorrido no extremo norte imediatamente conhecido até o extremo sul do País.

Essas publicações constituem-se hoje basicamente de livros e folhetos de poesia, contos e textos curtos, além de jornais e revistas, alguns de excelente qualidade gráfica e conteudística.

Foram esses escritores, numa fase chamada de "animação cultural", responsáveis por outro fenômeno que se verifica hoje, ao final desta década de 80, ou seja, os suplementos culturais dos órgãos oficiais da imprensa estatal.

Vários Estados brasileiros publicam hoje o seu suplemento literário, em geral voltado ao ensaio e à publicação de textos literários de escritores regionais, com espaço para iniciantes ao lado de nomes consagrados. Entre outros, podemos citar os Estados de São Paulo, Paraná, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Piauí, como exemplos de publicações excepcionais.

Além de ser hoje objeto de estudo, os poetas marginais passaram a desempenhar papéis de agentes culturais, organizando cursos, recitais, e as oficinas literárias, dirigidas àqueles que desejam desenvolver e aprimorar os seus textos literários.

Como depoimento pessoal, gostaria de relatar a experiência junto a um grupo de poetas do qual somos uma das fundadoras, em 1983, e que até o presente vem desenvolvendo uma intensa atividade cultural na Região do ABC Paulista.

Reunidos, a princípio, de forma apenas intuitiva, no sentido de ganhar mais força para a divulgação de seu próprio trabalho literário, o grupo ganhou projeção a nível nacional, com um projeto desenvolvido nas escolas de primeiro e segundo graus, posteriormente estendido às universidades: o Projeto Encontro Poeta Leitor.

Esse projeto tem por finalidade envolver a comunidade com a leitura de poesia e eventualmente incentivar o surgimento de novos valores literários.

Nestes seis anos de atividades ininterruptas, o grupo conseguiu angariar a confiança dos órgãos oficiais de ensino e já praticou esse trabalho em quase todos os estabelecimentos do ensino oficial e particular daquela região, até então carente de atividades dessa natureza.

O projeto, inédito no País, consiste em encontros desenvolvidos em salas de aula onde, através de palestras e discussões, tenta-se envolver o estudante, despertando-o para a leitura e a criação, fazendo-o compreender e desenvolver uma visão própria do mundo através da arte.

Os estabelecimentos de ensino superior, através das suas faculdades de letras, passaram a se interessar pelo projeto e a valorizar a literatura regional, que começou a ser estudada naquelas escolas como matéria curricular.

Pode-se avaliar a importância desse trabalho através das respostas dos professores aos questionários distribuídos pelos poetas, onde afirmam que os alunos passaram a se interessar mais pela literatura, de forma espontânea, após esses encontros. Em muitas das vezes a presença dos poetas na escola detona um processo de atividades ligadas à literatura, como concursos de poesia, varais poéticos, recitais e até pequenas publicações de livros dentro da própria escola.

O grupo fundou uma chancela, as "Edições Livrespaço", para publicação dos textos dos seus integrantes, tendo já impresso quatro antologias, uma revista, duas coleções de posters ilustrados e outros livros, que são vendidos pelos próprios autores nas escolas, feiras de livros e recitais.

O trabalho do grupo já está sendo também objeto de estudo a nível de pós-graduação na Faculdade de Comunicação do Instituto Metodista de Ensino Superior, bem como faz parte de um estudo feito pela Delegacia Regional de Ensino.

Diante, portanto, das dificuldades de edição pelas grandes editoras, cujos critérios para publicação nem sempre são conhecidos, bem como dos obstáculos naturais para avaliação de milhares de originais num país continental como o Brasil, as publicações por esse sistema alternativo, ajudadas pelos meios modernos e eficientes de reprodução gráfica, criaram meios fora da oficialidade, que, se de todo não satisfazem e estão longe ainda de ser os ideais, abriram caminhos à literatura e à efetiva participação comunitária no processo cultural.

Este trabalho foi apresentado durante o Encontro de Escritores Madeirenses, realizado em junho deste ano em Funchal, Ilha da Madeira, Portugal. Endereço da autora para correspondência: Rua da Fonte, 51, apto. 81 — 09040 — Santo André — SP.

O E.S.P.
CAD. 2-
24.6.1986

...ólio um de Chopin e Liszt pela *Grammophon*. A exibição de hoje ...enefício da Sociedade Eunice Wea... ...candário G. Vargas, que abriga fi... ...nsenianos em Campo Grande, Mato ... Sul.

CONCERTO

Cláudio de Brito, só hoje no Cultura Artística

Beatriz de Andrade Coutinho — A pianista interpreta obras de Chopin, Mignone, Henri, Lina Pesce, Henrique Alves de Mesquita, Zequinha de Abreu, Jacob do Bandolim, acompanhada pelo grupo de Isaías e seus Chorões. Às 21 horas, no Teatro Popular do Sesi (av. Paulista, 1.313). Grátis. **(107 A1)**

Cláudio de Brito — O pianista interpreta, dentro do festival de obras de Alexandre e Luiz Levy, uma série de obras dos dois autores. O recital, promovido pelo Centro de Música Brasileira, tem introdução do crítico musical José da Veiga Oliveira. Às 21h, no Teatro Cultura Artística, sala Rubens Sverner (r. Nestor Pestana, 196, 258-3616). Ingressos: Cz$ 30, sócios grátis. **(82 C2)**

Diana Kacso — A jovem brasileira, que mora atualmente em Nova York, se apresenta num recital beneficente dentro da série Adriano Ramos Pinto, interpretando Beethoven, Liszt, Chopin. Às 21 horas no Teatro Maksoud Plaza (al. Campinas, 150, 251-2233). Ingressos: Cz$250 e Cz$50 (estudantes, meia hora antes do espetáculo). **(106 B3)**

Hector Gonzalez - Recital de música de câmara programada. Às 21 h, no Espaço Off (r. Romilda Margarita Gabriel, 142, 853-5998). Ingressos: Cz$ 50. **(106 D1)**

Orquestra Sinfônica Juvenil de Campinas — Recital da orquestra, sob a regência de Flávio Florence. Às 21 horas, no grande auditório do Masp (av. Paulista, 1.578, 251-5644). Ingressos: Cz$ 10 e Cz$ 5 (estudantes). **(107 A1)**

O E.S.P.

À memória de Fructuoso Vianna

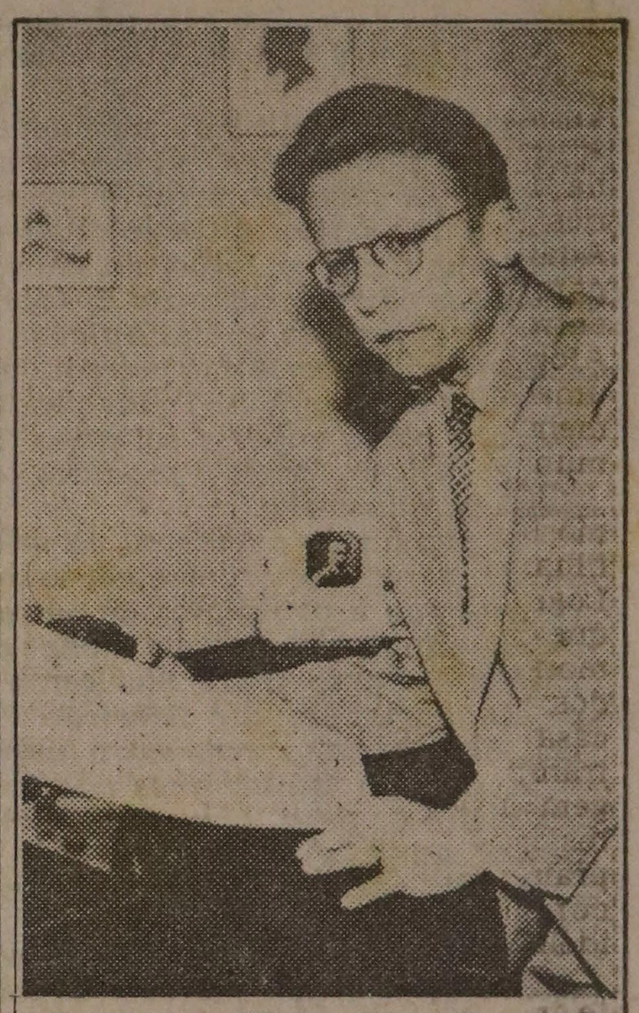
Os esforços de Anna Maria (morando em São Paulo) e de Maria Guilhermina (no Rio) para resgatar memória e obra do pai, o compositor Fructuoso Vianna (1896-1976), começam a surtir os resultados esperados. No ano passado, junto com a Universidade Federal do Rio de Janeiro, realizaram a primeira edição do Concurso Nacional Fructuoso Vianna para Piano, Canto e Monografia, atraindo um bom número de participantes. Ao mesmo tempo, lançaram um álbum duplo, com as obras de Vianna interpretadas pelo pianista Miguel Proença e pela cantora Maria Lúcia Godoy. Outra vez críticos e especialistas festejaram o arrojo das duas irmãs. Agora, com o apoio da Secretaria de Estado da Cultura, elas promovem em São Paulo o concurso Nacional Fructuoso Vianna de Música Brasileira, também destinado a pianistas e com provas já marcadas para o começo de setembro. Além de prestigiar a composição brasileira como um todo, o concurso divide-se em dois ciclos: um para iniciantes no piano, até a faixa dos 15 anos, e outro para os jovens que começam a se definir pela carreira, de 16 a 30 anos. Para Anna Maria Vianna, é uma experiência compensadora.

Inscreveram-se para o concurso paulista candidatos de Brasília, Vitória, Rio de Janeiro, Goiânia, Curitiba e de todo o Estado de São Paulo. "Temos agora um número maior de participantes do que no primeiro concurso, quando meu pai ainda não era tão conhecido dos jovens." E para que esse quadro mudasse, contribuiu, principalmente, a doação que as filhas de Fructuoso Vianna fizeram de sua obra a universidades que têm escolas de música, como a de Goiás, Brasília, Ceará, Pará, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e São Paulo.

As provas eliminatórias e finais do concurso serão realizadas no Teatro Sérgio Cardoso/Sala Paschoal Carlos Magno (rua Rui Barbosa, 154), sempre a partir das 14 horas. No dia 2 de setembro acontecem as eliminatórias para os candidatos do 1º ciclo; dia 3, são examinados os do 2º ciclo; e, finalmente, no dia 4 de setembro, a prova final para os dois grupos. A comissão julgadora será formada pelos pianistas e professores Laís de Souza Brasil (Rio de Janeiro), Belquis Carneiro de Mendonça (Goiânia), Joel Bello Soares (Brasília) e Gilberto Tinetti (São Paulo).

Além da premiação normal — Cr$ 1 milhão (1º lugar) e Cr$ 500 mil (2º), para os candidatos do 1º ciclo, e Cr$ 3 milhões (1º lugar) e Cr$ 1,5 milhão (2º), para os do 2º ciclo —, haverá um prêmio especial, oferecido pelo pianista Miguel Proença, diretor da Sala Cecília Meireles, no Rio, que consiste num recital nesse espaço. Aos terceiros colocados serão conferidas menções honrosas.

Anna Maria está bastante animada. "O concurso vai indo bem e nós ainda recebemos outras notícias muito boas. Miguel Proença deverá incluir obras de Fructuoso Vianna nos concertos que fará em Paris (no mês de outubro) e depois em Detroit. E no mês de dezembro, o Centro de Música Brasileira (presidido pelo compositor Osvaldo Lacerda) realiza um grande concurso de interpretação da canção de câmara do Brasil. Um dos autores homenageados pelas peças de confronto e livre escolha é meu pai." Assim, o criador de canções, de um repertório pianístico e de câmara dos mais refinados, deixa aos poucos o ostracismo a que foi relegado, tendo suas peças finalmente inseridas nos repertórios de pianistas consagrados, como é o caso de Miguel Proença.

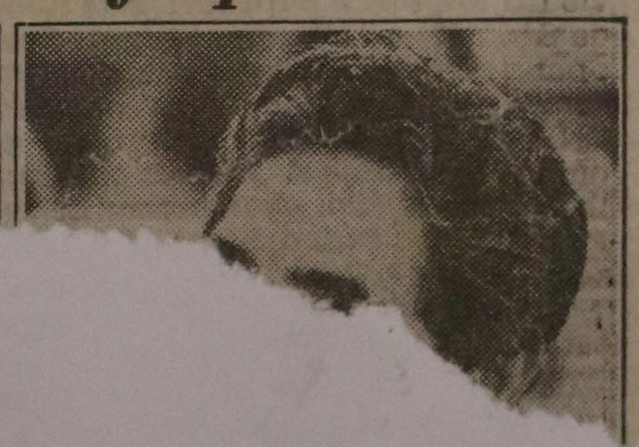


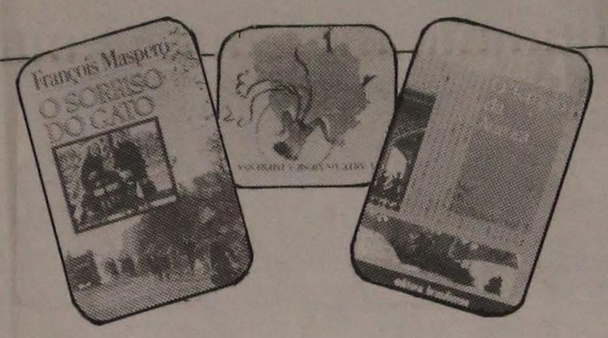
Como Henrique Oswald, Glauco Velasquez e Alexandre Levy, entre tantos outros, também Fructuoso Vianna, um dos importantes compositores brasileiros deste século, começa a ser resgatado para as novas gerações, pelo esforço de familiares, intérpretes ou estudiosos de sua obra. Discos são lançados, cópia de partituras são doadas e arquivos de música de universidades, e concursos são realizados. Em setembro, em São Paulo, acontecerá o Concurso Nacional Fuructuoso Vianna de Música Brasileira.

Ano 20 do ritmo brasileiro jequibau

Mário Albanese senta-se ao piano e tudo se transforma, inclusive ele. Seus dedos passeiam pelas teclas amareladas pelo tempo, relembrando composições, momentos e um ritmo musical bem brasileiro, o jequi-

dios FM, que deveriam deixar de lado a concorrência direta com as AMs. Acredito que exista um mercado em potencial para a música instrumental e para o jequibau. E, se a coisa não vingar novamente aqui, te-





"O Sorriso do Gato", de François Maspero, Ed. Nova Fronteira; "O Templo da Aurora", de Yukio Mishima, Ed. Brasiliense; "A Arte da Música Impressa", de Maria Elisabeth Corrêa Nori e Paulo Alexandre C. Vasconcelos, Ed. Centro Cultural São Paulo

NAS LIVRARIAS

O sorriso do gato

Fúlvia Moretto

Tivemos nos últimos anos, vários filmes, e todos de primeira categoria, sobre a temática da criança como vítima da guerra, com todas as conotações dramáticas, trágicas, comoventes que o tema pode comportar. Em 1984, o filme soviético **Vá e Veja**, dirigido por Elén Klinov, traz a figura de uma criança que, dentro do contexto da guerra, vai perdendo pais, parentes e amigos. Em 1985, **War and love** (**Amor e Guerra**) filme americano-israelense de Moshe Mizrahi, nos coloca diante do amor de dois adolescentes, amor destruído pela invasão nazista na Polônia em 1939. Em 1987, Spielberg, baseando-se no livro autobiográfico de J.G. Ballard, criou **Império do Sol**, que acabamos de ver, em que uma criança de treze anos (em belíssima interpretação de Christian Bale), durante a invasão de Xangai pelos japoneses em 1940, perde-se na cidade e consegue sobreviver com uma série de expedientes e muita imaginação. Do mesmo ano é **Au revoir, les enfants** (**Adeus meninos**) de Louis Malle, que também filma suas lembranças de criança num internato perto de Paris durante a Segunda Guerra. A estes quatro filmes, profundamente amargos, contrapõe-se, também em 1987, **Hope and glory** (**Esperança e glória**), em que John Boorman recria suas lembranças de guerra durante os bombardeios de Londres em 1940.

Nos quatro primeiros filmes, a grande constante é a solidão da criança, que não tem tempo para viver plenamente sua infância, mas que é obrigada a amadurecer violentamente e a tornar-se adulta rapidamente num mundo sem sentido. Em **Esperança e glória**, a criança não perde parentes nem amigos e sua vida resume-se, finalmente, na luta para continuar vivendo e sobrevivendo, juntamente com a família, dentro de um contexto dramático, mas temperado, desta vez, pela graça das brincadeiras infantis.

Dentro dessa mesma temática da infância sacrificada, François Maspero publicou em 1984 **Le Sourire du Chat**, traduzido agora no Brasil (**O Sorriso do Gato**). O autor também nos traz suas lembranças de guerra em 270 páginas de um estilo contido e que revela um autor já maduro neste seu primeiro romance. Em sua apresentação, o autor declara: "O texto a seguir tem o subtítulo de romance porque, como tudo o que é aqui relatado, é mais ou menos fictício e, no entanto, nada o é totalmente; a única coisa certa é que não se trata, em hipótese alguma, de uma autobiografia".

A amarga ironia do livro é sua datação: 1944-1945, a libertação da França e o fim da guerra. O menino Luc, chamado carinhosamente pela família de "O Gato", vive com relativa tranqüilidade ao sul de Paris, no vale de Chevreuse perto de Dampierre. O verão está chegando, a vida já é mais fácil, mas a invasão da Normandia em 6 de junho vai acabar destruindo a infância do Gato. Com o irmão na resistência e os pais deportados no último momento, a 15 de agosto, a menos de dez dias da libertação de Paris, o Gato sentir-se-á perdido, arrancado ao ambiente familiar. São fatos marcantes, nos meses que seguem, a falta de sensibilidade da tia, um certo egoísmo dos primos, mas também seu encontro com os soldados americanos, entre os quais fará amizades que permanecerão para toda sua vida de adulto.

Uma das grandes temáticas do livro é o silêncio do Gato. A dor da ausência, a falta de sentido de um mundo que desmorona à sua volta não têm escoadouro e seu silêncio é visto como um sinal de alienação. Não há diálogo para o menino, não há ninguém a quem possa contar o choque de seu amadurecimento violento. Porém, nos últimos meses da guerra e na soleira da adolescência, o Gato descobre um mundo novo, descobre o jazz, **Le Grand Meaulnes** de Alain-Fournier, a pintura de Van Gogh e Gauguin no museu de Jeu de Paume. É neste momento que o Gato começa a esboçar seu sorriso, isto é, quando, ajudado pelo distanciamento imposto, sente pouco a pouco desabrochar sua maturidade. Estará preparado, com este sorriso, mesmo forçado e difícil, para a volta da mãe, uma sombra que sai do campo de Ravenbrück e que precisará dele para recomeçar a viver.

O autor declara na Introdução que é "pelo canal da imaginação — e somente por este canal — que o narrador pôde, há quarenta anos de distância, abordar uma realidade que viveu pessoalmente". E no entanto, em **O Sorriso do Gato**, o universo romanesco parece por vezes desaparecer para dar lugar a uma prosa documentária, à seca explicação, quem sabe necessária ao narrador para conseguir passar incólume pela dolorosa lembrança, pelos momentos limites no ato de se transformar em escritura.

O templo da aurora

Benedicto Ferri de Barros

Com o risco inerente a todas as generalizações, pode-se afirmar que a história, o enredo, a trama representam o fio condutor, a atuação básica de que se utiliza o novelista ocidental para conquistar o leitor e mantê-lo preso ao seu livro. Na literatura nipônica, isto é secundário. A trama é geralmente pobre, os enredos são singelos, o encadeamento de fatos parece o menos importante: a permuta de sensações, de impressões, a contemplação breve, mas refinada de detalhes intimistas, é o elo buscado na ligação autor-leitor.

Esta diferença fundamental, que sintetiza inclinações espirituais distintas e exprime o âmago de formações culturais diversas, constitui para o leitor ocidental comum barreira freqüentemente intransponível. Com raras exceções — das quais as peças de teatro de boneca (bunraku) são as mais notáveis —, a literatura tipicamente nipônica parece singularmente pobre, elementar, sensaborona ao paladar ocidental. Falta-lhe um ingrediente fundamental: a dramaticidade. Toda a literatura ocidental é uma exploração infinita do mistério dessa desconformidade, e a nipônica um diálogo perpétuo de uma conformidade partilhada. Daí sua lentidão, singeleza e monotonia.

Neste, como em muitos outros casos onde os gostos se confrontam, despontam o paradoxo e a perplexidade dos julgamentos. Como qualificar de pobre e simplória uma das mais abundantes e desenvolvidas literaturas do mundo, que, tradicionalmente, tem sido objeto de admiração, encanto e louvor manifestos da elite intelectual do Ocidente, seus pensadores e artistas? Nenhum povo cultiva há mais tempo e de forma mais generalizada a poesia e talvez nenhum outro edite e leia mais do que o japonês. Paradoxo e perplexidade dos quais só se pode sair reconhecendo-se a existência notória da diversidade de gostos e o fato de que o requinte estético da literatura japonesa realmente só é acessível a elites intelectuais.

Vêm tais considerações a propósito do terceiro volume da tetralogia de Yukio Mishima, **O Templo da Aurora** (Brasiliense, S. Paulo, 1988). O mais evidente e o mínimo que a seu respeito se pode dizer, é que, como nenhum outro, Mishima espelha, tumultuariamente, o magno confronto existencial produzido na alma japonesa pelo embate entre a cultura e os valores nipônicos tradicionais e a cultura e os valores ocidentais. Toda a literatura japonesa post-Meiji (1868) é um debate incessante dessa questão entre cujos pólos pendulou não só a obra como a vida de Mishima. Que ele tenha conseguido, ao mesmo tempo, uma das maiores audiências literárias no Ocidente e no Japão, é o testemunho da universalidade do entrechoque entre o autóctone e o planetário, que constitui o drama essencial do homem contemporâneo. Sabe-se para onde se inclinou, afinal, a pendulação de Mishima, que escolheu como remate simbólico de sua vida a morte pelo **seppuku** samuraico, no dia seguinte ao da entrega aos seus editores do último volume de **Mar da Fertilidade**, tetralogia a que pertence o livro que motiva estes comentários. Fundamentada em sucessivas reencarnações de uma mesma personagem, e vindo de 1920 ao Japão de após guerra, ela constitui como que um balanço final dado por Mishima das opções espirituais oferecidas às gerações de sua época para o modelo do homem japonês.

Em **O Templo da Aurora**, a tetralogia do Mar da Fertilidade gira no remanso turbilhonante de uma ruminação metafísica e existencial em que Mishima aparentemente se esquece do leitor, para sopesar que sentido — se algum — possa haver nas sucessivas reencarnações do homem. Metafísica e estética prospectam a inextricável confusão entre a vida e a morte, a alegria e a decepção. No poço de um niilismo final, uma terceira e ideal reencarnação se desmorona na frustração de mera e absurda degradação sensual. Pelo caminho do símbolo e da metáfora, Mishima avança num autismo literário e num simbolismo estético-metafísico que a leitura corrente dificilmente acompanha, embora alcance, em numerosas passagens, uma dramaticidade surrealista no mínimo aterradora, onde a palavra transcende tudo que se possa literariamente exprimir. Em **Templo da Aurora**, está recolocada a problemática humana suprema (que sempre foi a de Mishima) da viabilidade do amor, que aqui, para ele, é uma ilusão que só na morte encontra seu escape. Pois o amor, como ele o concebe com profundidade insuperável (explicitada em outras obras suas), é um encontro e comunhão somente realizável em Deus — e onde achá-lo? Talvez somente pela morte, caminho de volta à origem e reintegração da unidade. Sobre isto o 4º volume dessa tetralogia deverá ter a resposta.

A arte da música impressa

Beatriz Berrini

Talvez seja mais fácil escrever a respeito de algo que pouco ou nada se conhece do que redigir um comentário sobre uma publicação dentro de nossa área de especialização. Talvez isso explique minha aventura de amadora num campo afim da literatura, porém versando mais diretamente a música e as artes plásticas. Refiro-me ao livro de M. Elisabeth Corrêa Nori e Paulo Alexandre C. Vasconcelos **A Arte da Música Impressa**. O livro, na palavra dos autores, propõe-se a resgatar um perfil das capas das partituras musicais — no campo plástico, e limitam eles seu estudo "às três primeiras décadas deste século". Entretanto, para melhor situar sua "leitura", os autores fizeram uma útil e breve passagem pela história da música no Brasil e pela história da impressão musical, antes de falarem das capas das partituras.

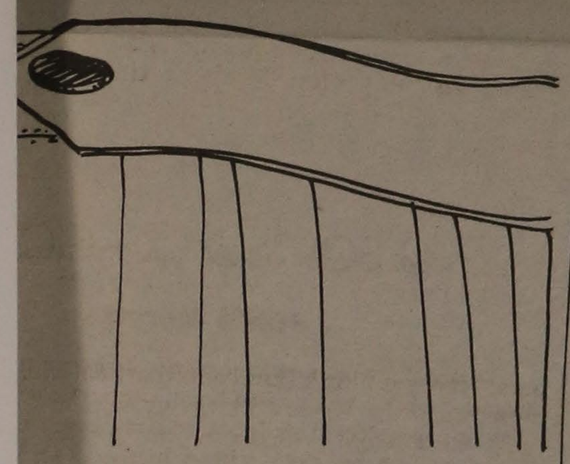
O estudo das capas se inicia pelo século XIX, lembrando os autores as figuras de Alexandre e Luiz Levy, continuadores da firma paterna, a Casa Levy, responsável pela divulgação e edição de músicas de autores nacionais e estrangeiros, eruditos e populares, além de promover a venda de instrumentos musicais.

As partituras editadas pela Casa Levy foram de início impressas na Europa (Bélgica, Alemanha, França), e até em Buenos Aires, onde residiam parentes próximos dos Levy. As capas, portanto, são muito fiéis à arte da impressão européia e só posteriormente para partituras diretamente ligadas a temas brasileiros, passaram a ser ilustradas com criações plásticas de artistas nossos. Lembro, por exemplo, que para a transcrição para piano do "Samba" de Alexandre Levy, a casa contratou um pintor, Jonas de Barros, para criar a imagem da capa: uma interessantíssima pintura com africanos dançando o samba numa fazenda, em noite de festa. Mas esta capa, como a partitura, foi ainda impressa na Europa. Esta capa não é mencionada ou comentada no livro. Mas as ilustrações nele presentes, referentes ao século XIX, mostram bem a arte requintada com que eram realizadas as capas das partituras, muito semelhantes — como muito bem lembram os autores — às capas dos livros contemporâneos. E eu acrescentaria que, se confrontadas com partituras de compositores estrangeiros, um Chopin por exemplo, verifica-se que mereciam elas o mesmo cuidado na impressão.

A partir da página 43 aparecem os comentários dedicados à "Ilustração e a Capa da Partitura" — talvez a parte mais importante desta obra. Acompanhando as técnicas de impressão da época, as capas muitas vezes restringiram-se a simples vinhetas. Com freqüência, porém, mereceram um tratamento visual esmerado, a fim de expressar o conteúdo temático ou, pelo menos, para assim se individualizarem e se tornarem mais vendáveis. A partir de um certo momento, passaram a ser impressas no Brasil, oferecendo imagens gráficas que podem ou não estar assinadas e datadas. Nas primeiras décadas do século XX ligam-se ao Art Nouveau e ao Art Déco: composições assimétricas, incorporação de elementos da natureza, presença freqüente de figuras femininas, linhas sinuosas etc., tudo realizado com muito requinte e gosto apurado.

Por outro lado, este livro oferece espaço também à caricatura — e ficamos a par de que os criadores de capas eram em geral os mesmos artistas ilustradores das revistas contemporâneas — uma via indiscutível da nacionalização das ilustrações. Curiosa a predominância das partituras para piano. Diria melhor, natural, uma vez que em finais do século XIX e princípios do XX raramente faltava um piano nas residências familiares. Na verdade, à época, mesmo no Rio de Janeiro, a capital do País, as temporadas de ópera e de concertos eram limitadas. Antes da introdução e divulgação do rádio e do disco, como conhecer e recordar as melodias célebres, senão através da recuperação pelo piano ou canto? Óperas — nas partes principais — foram assim transcritas para piano, por exemplo, e se fizeram presentes nos saraus familiares ou festivos, que também acolhiam por vezes a flauta e o violino.

A lamentar, a brevidade da obra, que alcançou abrir tantas pistas interessantes. Com a curiosidade despertada, o leitor pede que a esta se sigam outras publicações, que poderão aprofundar e trabalhar em extensão temas como este. Pena, ainda, que as ilustrações, felizmente numerosas e com belíssima apresentação gráfica, não sejam em cores. Os que já tiveram a oportunidade de contemplar os originais das partituras compreenderão bem esta observação — tão plasticamente lindas são as capas com seus múltiplos coloridos: alegria para os olhos e convite sedutor para a audição das partituras.



ISTÓRICO

em 1986 que surge nas livrarias um livrinho
título: **Dois Apocalipses: a Destruição do**
o Fim da Comunidade Judaica Européia [3].
as Hillgruber, é professor de história contem-
iversidade de Colônia. Como Nolte, Hillgru-
até então numa relativa obscuridade; em sua
onseguira a reputação de um respeitável pes-
tória diplomática da Alemanha. E eis que, ao
que Nolte, ele atingia a notoriedade mergu-
ıas turvas de um passado recente. E, como
er visava a um alvo bastante tentador.
seja muito justo recorrer a citações extraídas
porém, no presente caso, isto parece ser uma
mica de chegar diretamente ao ponto que
car. E isto permite evitar o procedimento
recorrem Nolte, Hillgruber e companhia, que
rulhar seus argumentos em perguntas edulco-
tuir proposições falsificáveis por insinuações,
ıda parcela da obscuridade da qual é tão rica

petacular de Hillgruber (diz o comentário
tracapa do livro) vai ao encontro da opinião
gundo a qual a destruição do Reich alemão
ı específica às atrocidades do regime nazista.
que a amputação do Reich (...) se tornara um
ı guerra travada pelos Aliados bem antes de

e apresentar como uma descoberta espetacu-
e é bem conhecida por especialistas e leigos
[4]? É bastante evidente que os Aliados não
ıir o Reich a fim de punir os alemães por
a que o choque provocado por este crime
bastante sua hostilidade para com a Alema-
evidente que os vencedores se adequaram à
cunhada por de Gaulle: "Chega de Reich,
emanhas", a fim de desmantelar finalmente
entral que, por duas vezes, tentara impor sua
esto da Europa. Dando a entender que os
ı motivados pela indignação moral, e depois
ulosamente em que momento, exatamente,
hill e Stalin decidiram o que iriam fazer da
ruber estava evidentemente estabelecendo
to.
ıdiretamente através de mil voltas e revira-
rço de guerra dos Aliados era motivado pela
poder e da superioridade, é bem mais sutil e
tica batida que consiste em estabelecer uma
oral" entre, digamos, Auschwitz e Dresden.
gostaria de diluir um pouco a culpa (em **A**
ıerra Fria, obra datada de 1974, ele afirma
ıdes potências tiveram "seus períodos hitle-
ı metahistórico de Hillgruber é simplesmen-
encara o III Reich **sub specie aeternitatis**,
oclama a evidência fazendo notar que os
ortaram como os Estados sempre fizeram,
ontos ao mesmo tempo.
lesmascara assim como hipocrisia pura e
ra feito sob a forma da "reeducação" do
om o processo de Nuremberg, mas fica-se
uma vez por todas, da questão da moralida-
implesmente jogaram mais uma vez o antigo
ı debate se desloca confortavelmente →

FestRio 88

Tudo soa falso no longa de estréia de Rafael Alcazar

Renato Nogueira Neto
Especial para o Estado

RIO — Nem só de Pedro Almodóvar vive o cinema contemporâneo espanhol. Pena. A julgar pelo filme **No Hagas Planes com Marga**, estréia em longa do diretor Rafael Alcazar e representante da Espanha na Mostra Competitiva do 5º FestRio, Almodóvar, cujo **hors concours Mujeres al Borde de un Ataque de Nervios** já é a sensação do Festival, está a léguas de seus coleguinhas. Entre suas **mujeres** e a **Marga** de Alcazar, apenas a presença no elenco do bom ator Angel Lopez e a preocupação de retratar a colonização cultural — principalmente americana — na Espanha de hoje.

No filme de Alcazar tudo soa falso. Trata-se da história de uma jovem misteriosa e sensual, Marga, desequilibrada o bastante para tropeçar nas mais óbvias armadilhas urbanas. Estudou belas artes, apaixonou-se por um picareta chauvinista, casou com um bobo por vingança ao tal picareta, e tratou de extravasar sua sexualidade em intermináveis noites etílicas. Má menina, morre no fim. Seguindo seus passos, sempre a postos, Andrés, um jovem tímido e compreensivo, obcecado por um amor platônico pela moça, mas equilibrado o bastante para se resignar. Bom menino, acaba partindo pra outra.

Isso tudo, contado através de uma colagem superficial de referências **moderninhas** — o conjunto punk espanhol chega a ser hilário —, dá em um exemplo típico do chamado filme jovem. E, daí, já bastam os nossos.

Argentina

O sentimento no exercício poético de Juan Stagnaro

Jefferson Barros
Especial para o Estado

RIO — Juan Bautista Stagnaro, 43 anos, o diretor argentino de **El Camino del Sur**, revela na sensibilidade de suas imagens e sobretudo na delicada construção dramática de seus personagens sua vocação de poeta. Se não a realizou com as palavras, seguramente a está realizando com as imagens a se acreditar nesta sua obra que representa a Argentina no FestRio.

El Camino del Sur é uma história de imigrantes, do sonho do Cruzeiro do Sul (a América), da prostituição portenha e das almas rudes e líricas como a de Rufino, o personagem que resgata Jana, a prostituta que veio da Iugoslávia para uma vida livre. Como quase toda a cultura argentina, Stagnaro não oculta uma nostalgia do indefinido, que atravessa filmes, romances, tangos — enfim quase tudo que se produz às margens do rio do Prata. Como se a vida fosse um longo tango e a casa inspirasse nostalgia, por estar em todos os lugares e em nenhum lugar.

Em quatro tempos, como uma sonata romântica, **El Camino del Sur** aparece como o único — nesse sentido superando até mesmo **A Atriz e os Espíritos**, até ontem a melhor obra exibida no FestRio — filme a exercitar a descrição de sentimentos revolvidos pelos árduos e contraditórios destinos das pessoas. Nisso, Stagnaro é perfeito.

Numa história de vidas lançadas aos riscos, Stagnaro não faz nenhuma concessão nem ao moralismo, nem ao pieguismo e, menos ainda, aos modernos modismos cinematográficos que tendem a substituir os dramas humanos pelos efeitos inesperados de técnicas e discursos cifrados. Ao contrário. **El Caminho del Sur** é uma exemplar narrativa realista. Lembra, distantemente, **Rocco e os seus Irmãos** (1961), uma das obras-primas de Luchino Visconti (1906-1985).

Recital

Contrabaixo e piano formam dupla no Masp

Luís Antônio Giron

Hoje, às 20h30, no grande auditório do Masp, acontece um recital com programa e formação pouco ouvidos. Trata-se do duo formado pela contrabaixista Ana Valéria Poles e pela pianista Laís Kauffmann Senise, que mostrará ao público seis peças desconhecidas, cinco delas escritas originalmente para duo de contrabaixo e piano. A exceção é o **Romance op. 20**, do compositor paulistano Luiz Levy (1861-1935), escrito originalmente para piano e violoncelo — obra inédita recém-descoberta pelo musicólogo Arnaldo Senise, aliás marido de Laís.

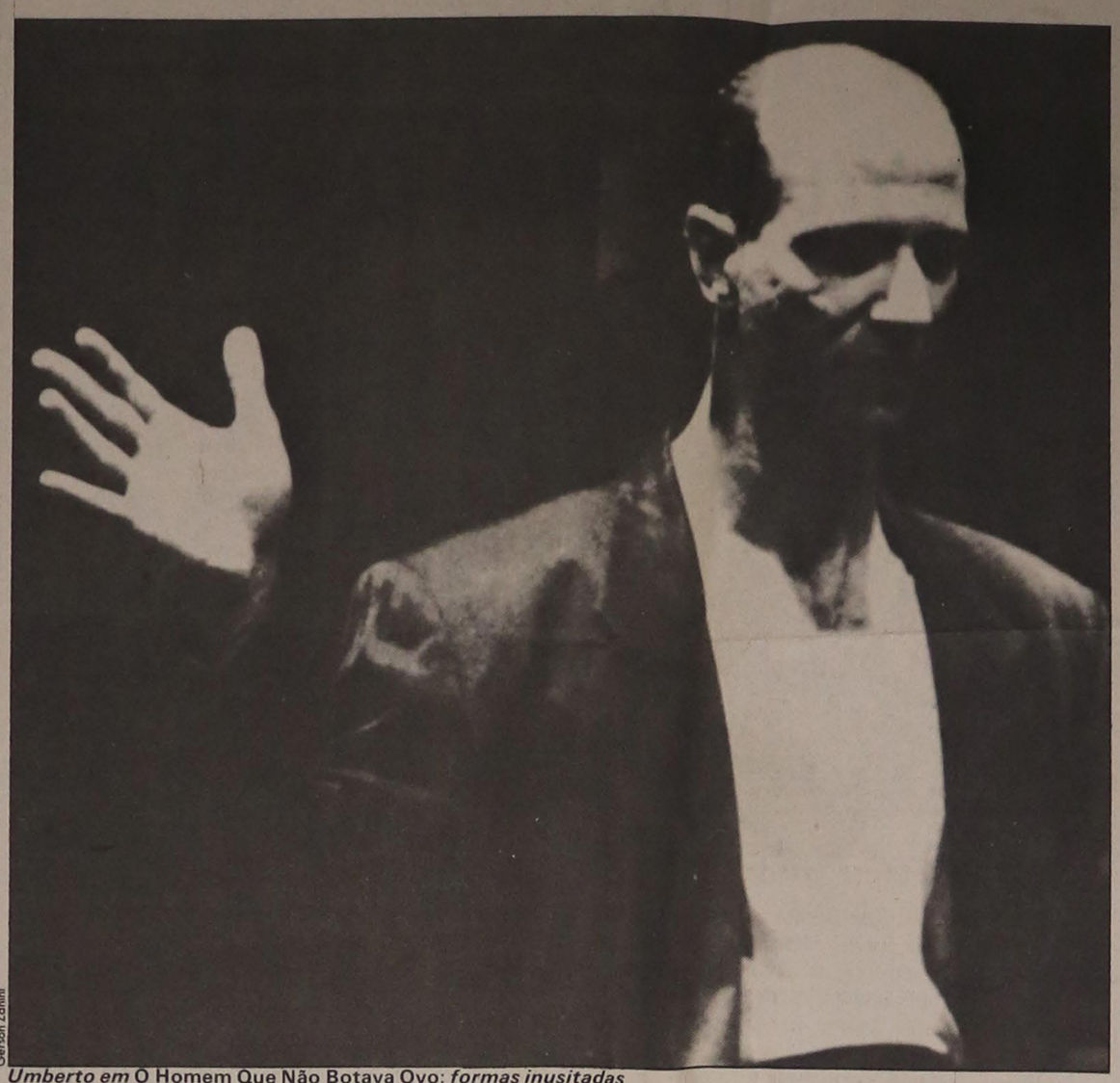
"O repertório para o contrabaixo é escasso, pouco divulgado e oferece dificuldades enormes de execução", diz Ana, 25 anos, formada pela Academia de Música de Viena, onde obteve o prêmio de mérito no começo do ano. "Não há uma escola contrabaixística. O instrumento sempre fez papel coadjuvante, no fundo da orquestra. Mas, com um bom repertório e o desenvolvimento da técnica, é possível fazer boa música no contrabaixo."

Um pouco dessa boa música poderá ser ouvida hoje. No programa, o **Baião em Berlim**, do compositor brasileiro M. Delestre; a **Sonata nº 2** do checo A. Misek, o "Brahms do contrabaixo", **12 Ensaios** do austríaco serialista F. Leitermeyer, **Rêverie** de Bottesini, o "Paganini do contrabaixo", e a Peça de Concerto, do alemão E. Stein.

SERVIÇO

Recital de Contrabaixo e Piano de Ana Valéria Poles e Laís Kauffmann Senise. Hoje às 20h30 no Grande Auditório do Masp, na avenida Paulista. No programa, Delestre, Misek, Leitermeyer, Bottesini e Stein. Ingressos Cz$ 150,00 e Cz$ 300,00.

DANÇA/**Crítica**



Gerson Zanini

Umberto em O Homem Que Não Botava Ovo: *formas inusitadas*

Umberto da Silva, encontro luminoso com novos gestos

Helena Katz
Especial para o Estado

Uma declaração de princípios estéticos. Assim Val Folly concebeu o ótimo **O Homem Que Não Botava Ovo**, que Umberto da Silva realiza com a propriedade dos grandes intérpretes. Sua premissa básica enuncia que o mundo das coisas, na verdade, não existe. O que se apresenta para nós são apenas metáforas. Por isso, o material que (a)parece como verdadeiro são as imagens. Elas ocupam os lugares das tais coisas, que ninguém sabe bem onde se encontram, se é que se encontram.

Não se trata de inversão, uma vez que a concepção escapa ao dualismo. Sabedor de que a busca daquele primeiro original está fadada ao fracasso, Val Folly cria um teatro de imagens sem opor o real ao imaginário, não cai nessa falsificação. Essa é a chave com que nos brinda, para atravessarmos as portas da percepção que nos oferece.

Uma vez lá dentro, o que se encontra são imagens portadoras de ação, pois nelas, em estado virtual, dorme o movimento. Para possibilitar que o movimento surja, há que empreender a busca, na imagem, da possibilidade que ela traz. A inerência imagem-movimento então, se atualiza. E irrompe a materialidade deste **O Homem Que Não Botava Ovo**.

Há **flashes**, surrealistas e de reducionismo abstrato, sempre alinhavados no compromisso de fugir do óbvio, da associação imediata. É o que está adiante que interessa a este criador curioso. Por isso, surgem as formas inusitadas. Como se o que devesse ser perseguido, durante todo o espetáculo, não se afastasse muito daquele momento em que a fala perde os contornos e se torna música. Um desvendar do que já estava lá, mas não se mostrava. Oportunidades de outros modos de colher com os olhos.

Nada disso seria tão claro, se Umberto da Silva não se tivesse deixado capturar na concepção de Val Folly. Bailarino que já se destacava em todas as coreografias de que participava, desta vez Umberto chega a outro patamar: livre dos vícios partilhados pela maioria, desenformou seu corpo e o ofereceu à geração de uma nova gestualidade. O resultado foi um encontro luminoso.

SERVIÇO

O Homem Que Não Botava Ovo — Umberto da Silva dança sob a direção e a coreografia de Val Folly, às 21h, no teatro do Bixiga (rua Rui Barbosa, 672, fone 284-0290). Ingressos Cz$ 1.500,00.

LIVRO/**Polêmica**

Autor contesta crítica ao "Dicionário"

José Roberto Teixeira Leite

Em sua edição de domingo último, sob a epígrafe **Livro/Crítica** e com a assinatura de um inodoro sr. Ricardo Soares, publicou o **Caderno 2** matéria em que, a pretexto de se analisar meu **Dicionário Crítico da Pintura no Brasil**, há pouco lançado, são feitas comparações impertinentes, insinuações inócuas e comentários maldosos que caracterizam não uma crítica séria (como seria perfeitamente aceitável, ainda que negativa), porém um raivoso ataque pessoal cheirando a má-fé e ressentimento, e que não pode ficar sem meu mais veemente repúdio, mesmo porque o articulista, cônscio decerto de suas limitações de formação e de informação, nele não emitiu opinião própria, preferindo servir de cavalo-de-santo para um misterioso e repugnante crítico de arte "que analisou a obra mas preferiu manter o anonimato por motivos éticos" (sic). Só essa maravilha de um anonimato por motivos éticos — que colide com o que reza, no inciso IV do seu Art. 5º, a Constituição em vigor — diz bem do tom canalha do artiguete, que arranha a tradição de **O Estado de S. Paulo** — no qual foi inserido, tenho certeza, burlada a confiança de editores e demais responsáveis.

Infelizmente, o jornalista-ventríloquo incorporou mau defunto, porquanto o tal "conceituado crítico" de quem se serviu (ou, falando mais adequadamente, que dele se serviu) foi de uma infelicidade patética ao enumerar as "muitas falhas" que possuiria meu Dicionário. Senão vejamos:

1. O **Dicionário Crítico da Pintura no Brasil** é obviamente crítico, no sentido de que nele emito minhas opiniões, meus pontos de vista, fruto de pesquisas e estudos próprios, externando-os com desassombro e atingindo inclusive por vezes alguns "conceituados críticos". A inclusão de verbetes, sua extensão e ilustração correspondem, além do mais, a critérios eminentemente críticos. Não é um dicionário de fatos, porém de conceitos.

2. A matéria-prima do Dicionário é a pintura no Brasil e tudo quanto a ela diga respeito: acontecimentos, coleções e colecionadores, arte-educadores, críticos, historiadores, teóricos, mecenas, escolas estilos, gêneros, grupos, livros ilustrados por pintores, manifestos, movimentos, museus, pintores e pinturas, salões, sociedades, técnicas e termos técnicos, tendências etc. Dizer que isso é uma "enorme mixagem das artes brasileiras feita sem critérios definidos" é má fé. Afinal, são 27 anos de estudo e trabalho, consubstanciados em mais de 2.000 verbetes — alguns com dez páginas de extensão —, acompanhados de 700 ilustrações e concluindo por mais de 5.000 referências bibliográficas, tarefa gigantesca para a qual o mínimo que exijo é — **respeito**.

3. Mente o articulista (ou seu **ghost-critic**) quando diz inexistir ao fim do volume um índice remissivo mencionado nas páginas de abertura: ele lá está, ocupando as páginas 552 e 553 do Dicionário. Só o despeito as não viu...

4. O Dicionário tem, sim, omissões — algumas omissões deliberadas, omissões críticas, se assim quiserem, outras involuntárias, mesmo porque obras desse tipo não são jamais completas, sendo um eterno vir-a-ser. Mas a falta desse ou daquele nome não é senão uma folha amarela na enorme floresta, e sempre haverá a possibilidade da inclusão de novos verbetes em futuras edições, como de resto está nitidamente escrito à página 7, na **Nota do Editor**.

Para concluir, direi apenas que é lastimável, numa terra onde são tão escassas obras do porte do **Dicionário crítico da Pintura do Brasil**, que um crítico mal intencionado e covardemente acobertado na impunidade do anonimato se imiscua num jornal decente para vomitar o fel de sua inveja e do seu mal dissimulado rancor. Mostra a cara, covarde!

SERVIÇO

Dicionário Crítico da Pintura no Brasil — De José Roberto Teixeira Leite, historiador e crítico de arte que dirigiu o Museu Nacional de Belas Artes entre 61 e 64. Editora Artlivre, 555 páginas

TELEVISÃO

Outro "Programa de Domingo", no ar em dezembro

Reformulado, ele vai oferecer um pouco de tudo — humor, música, moda, entrevistas — a carga de nomes como Fernando Bicudo, Sérgio Leite, Michael Koellreutter e outros

Christiane Paiva Chaves

RIO — O que pode sugerir a mistura de nomes como Fernando Bicudo, Carolina Ferraz, Patrício Bisso, Michael Koellreutter, Sérgio Leite, Dib Lufti e Fernando Pamplona? Uma revista de variedades, um programa de humor, um encarte de moda ou um ensaio fotográfico? Uma mistura de tudo isso e muito mais é o que promete o novo **Programa de Domingo**, da Rede Manchete, que estréia 4 de dezembro, às 20h30, totalmente reformulado.

"Uma grande revista" - define o supervisor-geral do programa e diretor artístico da emissora, Jayme Monjardim -"com reportagens nacionais e internacionais, musicais produzidos pela casa e muita descontração." E as inovações começam na apresentação. Fernando Bicudo e a modelo Carolina Ferraz fazem as vezes de Eliakim Araújo e Leila Cordeiro (do **Jornal da Globo**) na revista Manchete. "Ele é razão, ela emoção", descreve Renato Sérgio, o responsável pela redação geral. Ele ancora a parte jornalística, política e econômica; a ela cabem os musicais, os quadros de moda, as fofocas e o humor. Aos dois, a costura do programa. E quem duvida que vai faltar graça?

A primeira das muitas novidades que aguardam o telespectador é o **Show Bisso**, um quadro de esquetes em que o transformista Patrício Bisso vai colocar a imaginação para funcionar, e de uma senhora séria que poderá passar a um grande executivo, num piscar de olhos. Ainda na linha de humor, o **Programa de Domingo** terá a participação de Sérgio Leite e seus comentários irreverentes, além dos tradicionais quadros de economia e política.

Na seção **Retrato** será enfocado o homem e não a obra de personalidades, como Jorge Amado, Mário Quintana, João Ubaldo Ribeiro, d. Helder Câmara e muitos outros, que terão seus cotidianos desvendados pelo olho mágico do fotógrafo Dib Lufti, complementados com texto de Renato Sérgio. **Todas Essas Mulheres** terá o comando de Marilu Torres, do Oiapoque ao Chuí, do Brás ao Jardim Europa, e da sofisticada à cafona, da intelectual à fútil, todas, todas elas estarão na telinha num passeio pelo universo feminino.

Ricardo e Carolina avisam: "Cuidado que vem chumbo grosso por aí". E vem mesmo. Para quem já se arrepiava com suas alfinetadas na revista **Interview** e se chocava com as declarações contundentes que ele conseguia arrancar dos entrevistados, prepare-se. Michael Koellreutter vem aí, ao vivo e em cores, com **Cobras e Lagartos**, uma croniqueta fofocada que vai dar uma panorâmica, uma rajada geral do grã-fino à estrela de novela; do bicheiro ao senador.

Roda Baiana entra em seguida, e Fernando Pamplona apresenta clipes das escolas de samba do primeiro grupo do Rio e de São Paulo para amainar um pouco os ânimos e consegue, num jogo de câmera, transformar as evoluções dos passistas no lirismo do balé clássico. As reportagens especiais, comandadas pelos repórteres Ruy Lima e Luiz Carlos Azenha, vão viajar pela imaginação da população e enfocar temas de curiosidade geral, como solidão, o mundo mágico do bairro negro de Nova York, tristeza, paixão...

Mas é nos musicais que a Manchete está apostando mais alto. Milton Nascimento mostra com exclusividade as músicas do novo disco; a gata Marisa Monte estréia na televisão num especial dirigido pelo próprio Monjardim; e, na esteira deles, já estão sendo gravados Lobão, Zizi Possi, Jazz Brasil, Paralamas do Sucesso, Titãs, B.B. King, New Order, Maria Bethania, Ed Motta, Angélica e muitos outros no quadro batizado de show da Manchete.

Nem de Toi/AE

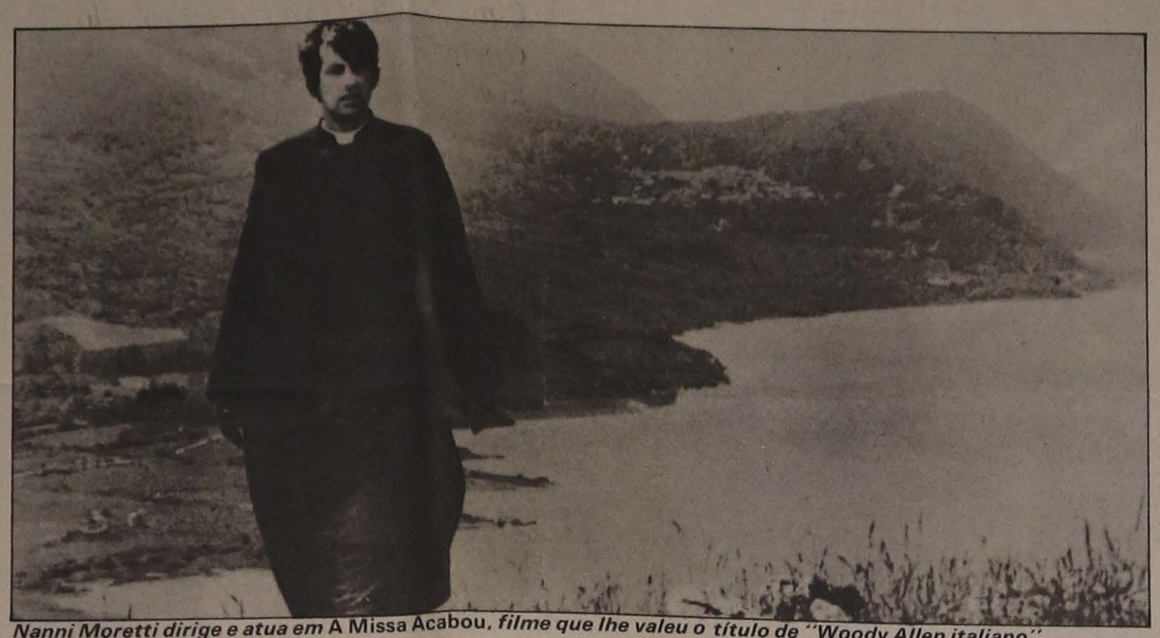
Patrício Bisso, uma das novidades do programa

Revelação

O sopro de renovação de Moretti

Aclamado nos festivais europeus, Nanni Moretti aparece como uma boa novidade do novo cinema italiano. "A Missa Acabou", de 1985, é a largada do cineasta

Federico Mengozzi



Nanni Moretti dirige e atua em A Missa Acabou, *filme que lhe valeu o título de "Woody Allen italiano"*

Cuidado, recolha o o seu ha-ha-há... A embalagem de **A Missa Acabou**, de Nanni Moretti, garante uma comédia, e as citações estampadas (uma delas fala em Woody Allen e Jerry Lewis) não deixam dúvidas. Até a figura do protagonista, o próprio diretor, lembra um pouco o quase esquecido Lando Buzzanca. Pistas falsas. Propaganda enganosa. O que não significa que não se ria com o filme, uma lúcida e algo desesperada história de solidões e angústias, variação da clássica situação do peixe fora do aquário — ou do homem longe de seu espaço e tempo. Mencionar Allen e Lewis como padrinhos de Moretti é absurdo e inexato, talvez mais um exemplo da anglo-saxofilia vigente, capaz de definir **Blade Runner** como obra-prima e Steven Spielberg como gênio...

Se existem influências, deve-se procurá-las nas cercanias, em nomes latinos como Germi, Monicelli e Risi, mestres na arte de contar histórias humanas em que a dor não anula o riso nem a comédia se contrapõe ao drama. Aliás, como na vida real, da qual esses e outros autores tiram personagens que traduzem em ações a gratuidade e a falta de sentido da existência, simpatizantes — e cúmplices — de sua frágil humanidade. Nanni Moretti tem pouco mais de 30 anos e se impôs com pouco mais de 20, ao ousar filmar um longa-metragem em Super 8, ampliando-o para 16 milímetros e exibindo-o em cineclubes às margens do Tibre e festivais internacionais. O filme era **Lo Sono un Autarchico**, seguiram-se **Ecce Bombo, Sogni d'Oro** (premiado em Veneza), **Bianca** e **A Missa Acabou** (Urso de Prata em Berlim). Um sopro de renovação num cinema em decadência — mas uma decadência, note-se bem, capaz de gerar momentos maiores como **E la Nave Vá**, de Fellini, ou **A Noite de São Lourenço**, dos Taviani, um típico cineasta italiano.

A Missa Acabou surpreende pela narração clara e sem efeitos, cada coisa em seu lugar e a história sobre todas as coisas. Dom Giulio é o jovem padre que abandona a ilha longínqua, onde serviu por vários anos, e retorna a Roma, a cidade natal, onde moram os pais, a irmã, os amigos de um tempo. O aquário, mas um aquário de águas turvas e areia movediça, está dentro e é quase como se estivesse fora, sem oxigênio, quase um estranho. Mudaram os outros ou mudei eu? Em pouco tempo dom Giulio percebe que alguma coisa não vai, que é um elemento detonador de situações-limites — o pai vai viver com uma mulher mais jovem, a irmã engravida e quer abortar, a mãe se mata, os amigos não aceitam sua amizade — e sua condição de sacerdote não pressupõe, como pensava, a compreensão das dores do mundo. Rompe com tudo e parte. A paciência se esgotou, a missa acabou, o filme terminou. Entre tantas dúvidas e descaminhos, a certeza de que Nanni Moretti é um nome para se prestar atenção.

Isso se o espectador estiver aberto a algo mais que os E.T.s da vida (aliás, criado pelo italiano Carlo Rambaldi).

SERVIÇO

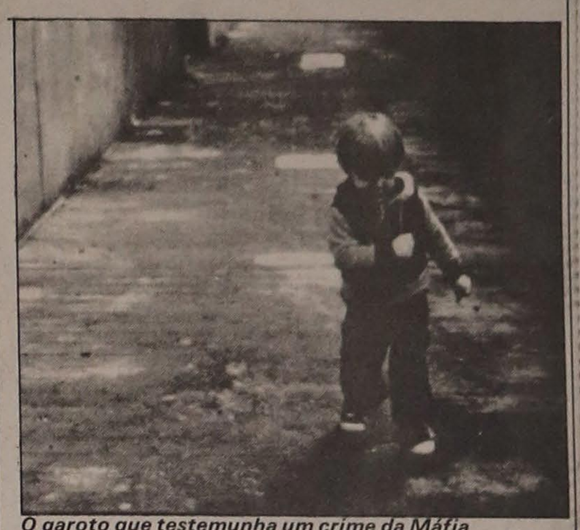
A Missa Acabou (La Mesa é Finita). Itália, 1985, colorido, 94 minutos. Direção e roteiro de Nanni Moretti. Com Moretti, Frederico De Ceresa e Enrica Maria Modugno. Preço: Cz$ 30.015,00. À disposição na Free Time e Century Vídeo. Lançamento Globo Vídeo.

SUSPENSE/**Crítica**

Faltou molho ao bom argumento de Larry Cohen

O diretor, celebrizado em 1985 pelo B "A Coisa", realizou um filme que explora a velha história da testemunha acuada, mas sem nenhum charme

Ângela Pimenta



O garoto que testemunha um crime da Máfia

Eis uma razoável oportunidade para o espectador checar suas emoções pueris: medo de altura, de se cortar com faca, do abandono da mãe e da cara feia dos adultos. **Inocência Fatal**, produzido em 1983 nos Estados Unidos e lançado em vídeo agora no Brasil pela Globovídeo, é quase nada, além desse pretexto terapêutico regressivo. Parte de um roteiro raso, assinado pelo próprio diretor Larry Cohen. Já nos primeiros 20 minutos de um filme que se estende por uma hora e meia de duração, a previsibilidade se anuncia e se gruda confortavelmente na trama. Tudo que pudes-

COMÉDIA/**Crítica**

Uma pornochanchada

"Serviços Íntimos", um exemplar do novo cinema inglês que chega com tudo este ano, não mostra muita disposição e naufraga em suas boas intenções críticas

Carlos M. Motta

Cena de Serviços Íntimos, *novas tentativas de ataque*

Quem assistiu a **Gostaria Que Você Estivesse Aqui** deve lembrar que a protagonista voltava à cidade natal na última seqüência do filme, empurrando desafiadoramente o carrinho de seu bebê (era mãe solteira), na cara de toda a cidade. Pois **Serviços Íntimos**, já em exibição nos cinemas do Rio, é a história do que aconteceu a ela nos anos seguintes. Aqui a personagem tem 30 anos, se chama Christiane Painter e trabalha como garçonete, a fim de sustentar o filho adolescente, que estuda num colégio particular. Para aumentar o orçamento doméstico subaluga dois apartamentos para prostitutas. Só que as moças estão sempre atrasadas com o aluguel, e Christine, pressionada pelo proprietário, resolve tornar-se oficialmente cafetina, tendo como sócias uma amiga de meia-idade e uma bem-sucedida prostituta, Shirley.

O filme é inspirado em um livro, **An English Madam**, de Paul Bailey, história de uma personagem real, dona de bordel invadido pela polícia em 1978. Só que a história em si é fictícia. Tanto **Gostaria** quanto **Serviços Íntimos** têm roteiro de David Leland (que dirigiu o primeiro). Aqui a direção é de Terry Jones, do grupo Monty Phyton. A exemplo de **Rita, Sue e Bob Nu**, o filme lida com a classe média baixa inglesa caçoando da atitude dos ingleses no que diz respeito a sexo. Não obstante as intenções crítico-satíricas, **Serviços Íntimos** é mais mesmo uma pornochanchada. Os diálogos são os mais explícitos — e felizmente traduzidos ao pé da letra nas legendas. Algumas situações pouco ou nada deixam à imaginação. Apesar disso, o filme não está isento de boas tiradas. Assim na porta do quarto que Christine subaluga para prostituição está pregado um pôster do príncipe Charles e lady Di (nada como a democracia!). Há também o

M O N

■ Começa segunda, dia 28, o 1º Festival de Vídeo do Centro Cultural São Paulo. São 46 trabalhos de produtores das mais diversas áreas, alguns "repescados" do Festival Fotóptica — evento do qual o FestCCSP pretende ser uma alternativa. Os primeiros trabalhos são **Le Mort Pour Dedans**, de Weber Wanderley; **Veredas do Grande Sertão**, de Gil Hungria e Vídeo Tralk; **Murmúrios de São Paulo**, de H e J Vídeo, e **Ratos no Paraíso**, documentário de João de Holanda Júnior.

■ Uma das novidades anunciadas pela nova Globo Vídeo, após sua incorporação pela Som Livre, é a mudança da fábrica de copiagem de fitas para Manaus. As operações já começarão logo em janeiro de 1989, e a medida permite à Globo maior agilidade na selagem de cassetes. A distribuidora também anuncia um novo sistema de distribuição, que permitirá uma simultaneidade de lançamentos com seu comentário pela mídia especializada.

■ A União Brasileira de Vídeo, que pretendia montar uma feira paralela à II VideoTrade, para arrebanhar distribuidores inconformados com o alto custo de participação na feira, voltou atrás. A UBV aceitou uma proposta conciliatória da JGC Empreendimentos (empresa que organiza a VideoTrade) e vai realizar sua feira dentro da II VT Show, que será montada de 17 a 22 de março de 1989.

■ Hoje, a Secretaria Estadual de Educação e a FDE lançaram, para uso na rede estadual de ensino, dois vídeos e um filme em 35mm. Um dos vídeos é uma produção que procura descrever o processo pedagógico do aprendizado da escrita pela criança. O filme é um documentário chamado **Escrita** — abordagem histórica da construção social da língua escrita.

Divirta-se

LIVROS

Arte em Movimento. Na Livraria e Bar Neon, 20h.

Lançamentos da Atual Ed., em Noite de Autógrafos — São eles o Velho da Praça, de Antonieta Dias de Moraes; Treze Contos e Cochichos e Sussuros, de Edson Gabriel Garcia; Macaparana, de Giselda L. Nicolelis; O Céu é um Espelho Lá Longe, de Guilherme C. Pinto; O Falso Observador de Pássaros, de Luiz M. Veiga; Eu Te Gosto, Você me Gosta, de Márcia Kupstas; e Os Gnomos do Ipiranga, de Shiyozo Takutake. Às 18h30. Livraria CULTURA (av. Paulista, 2.073, Conj. Nacional).

Arte em Movimento — As descobertas de Rudolf Laban na Dança e Ação Humana, de Solange Arruda — Um livro didático sobre a linguagem do movimento será lançado hoje, a partir das 20 horas, na Livraria e Bar Neon (praça Benedito Calixto, 18).

Artistas do Muralismo Brasileiro (Volkswagen do Brasil, 220 págs.) — Nesta obra, o crítico de arte Jacob Klintowitz reúne os trabalhos de 17 artistas das maiores cidades brasileiras, entre nomes como Athos Bulcão, Maria Bonomi, Miguel dos Santos. O livro faz parte do Projeto Cultural da Volkswagen do Brasil, que visa valorizar a cultura brasileira em suas mais diferentes manifestações e o lançamento será às 12h, no GALLERY (r. Haddock Lobo, 1.626).

Kuarup, coreografia de Décio Otero. Em cartaz no Sesc Pompéia, até domingo.

DANÇA/CRÍTICA

Ballet Stagium, num beco sem saída.

Os dois programas que o Stagium dança no Sesc Pompéia, comemorando 18 anos de trabalho, mostram que o grupo se encontra num verdadeiro beco sem saída e que Décio Otero, seu principal coreógrafo, parece ter esgotado sua capacidade de criar dança de boa qualidade. Essa crise se explicita quando se compara **Kuarup** (1977) e **Coisas do Brasil** (1979) a obras recentes como **Quadrilha** (1987) e **Que Saudade, Elis!** (1988).

Ainda que o coreógrafo tenha todo o direito de criar balés de qualidade desigual, em face do imperativo de oferecer estréias ao público, a indigência coreográfica das obras recentes de Otero não deve ser atribuída a dificuldades de momento: a mediocridade coreográfica de **Elis** e **Quadrilha** já se revelara no execrável **Césio 137**, no apelativo e vulgar **Crimes**, nos equivocados **Estatutos do Homem, Quilombos, À Mi América** e **Santa Maria de Iquique** e nos constrangedores **Vida** e **Qualquer Maneira de Amor Vale Amar**, todos eles balés dos anos 80, que o Stagium, felizmente, não incluiu em seus festejos de aniversário.

A importância da contribuição de Otero, Marika Gidali e do Stagium à dança brasileira contemporânea permite e requer o exercício crítico rigoroso: desde **Kuarup** que não se mostra um trabalho em que a dança seja a entidade central, capaz de articular e subordinar, por suas qualidades coreográficas, os demais elementos sobre o palco. Nos últimos dez anos, Otero e o Stagium não têm feito mais do que encenar seu "protesto dançado" anual, servido ao público a título de balé, em obras sem nenhuma qualidade de dramaturgia (se pretendem fazer dança-teatro) ou valores coreográficos de composição, dinâmica e desenho (se desejam ser uma companhia de dança).

Quadrilha e **Elis** são bons exemplos dessa falta de consistência coreográfica. A disposição dos corpos no espaço não tece formas, volumes nem desenhos; a movimentação jamais se estabelece como unidade dotada de sentido, interesse ou capacidade de surpreender o espectador; os gestos são previsíveis e óbvios, sobretudo quando ilustram a palavra cantada; a dança se esgarça ao som de colagens musicais de critério obscuro e gosto duvidoso; e o resultado exibe o mais constrangedor amadorismo.

Já o segundo programa, em cartaz até o próximo domingo, contém um grande balé, talvez a melhor criação de Décio Otero: **Kuarup** é bom não porque a questão do índio seja mais relevante do que o extermínio de judeus, tema de **Crimes**, ou do que os mortos do "acidente" de Goiânia, encenado em **Césio 137**, mas porque a coreografia é extraordinariamente bem resolvida. O drama indígena, em **Kuarup**, está na dança, no movimento, na organização dos corpos no espaço e nos gestos de cada bailarino, e dança é precisamente isso. Ao lado da obra-prima de Otero, as eventuais qualidades coreográficas de **Coisas do Brasil** (um balé que em 1979 anuncia o caminho lamentável que o grupo viria a percorrer na década seguinte) ficam ainda mais obscurecidas.

O título do programa-cartaz da temporada é "A Maioridade" do Stagium". Terminada a festa, os aniversariantes devem levar às últimas conseqüências a chegada da idade da razão: é hora de parar, olhar para trás, reter os acertos, jogar fora os equívocos e começar vida nova. Bem porque, doravante, deixam de ser, como se diz em direito, inimputáveis por seus delitos...

Rui Fontana Lopez

A GUERRA DOS PELADOS E IVAN, O TERRÍVEL. SESSÃO DUPLA DA GV.

CINEMA

O Águia, com Valentino, na Sala Paulo Emílio.

Drama

A Família (La Famiglia) — Durante 80 anos a história de uma família italiana em suas quatro gerações. Com Vittorio Gassman, Otávia Piccolo, Fanny Ardant, Stefania Sandrelli. Dir.: Ettore Scola. Prod.: Itália/1986. BELAS ARTES: Sala Aleijadinho (r. da Consolação, esq. da av. Paulista). Hor.: 14h, 16h30, 19h e 21h30. Cens.: livre. **Cotação JT: ótimo**.

A Farsa (Masquerade) — A trama do filme mistura amor e crime, quando uma jovem herdeira (Meg Tilly) apaixona-se por um ladrão (Rob Lowe). Dir.: Bob Swain, prod. EUA/1988. Com Kim Catrall, Doug Savant, John Glover. ALVORADA 2 (av. Paulista, 2.073 - Conj. Nacional). Cens.: 16 anos. **Cotação JT: regular**.

A Festa de Babette (Babette's Feast) — Babette (Stéphane Audram) cuida da casa de um pastor luterano e de suas filhas, em Jutland, um vilarejo da Dinamarca. Um dia ela recebe um grande prêmio da loteria e prepara um fausto jantar. E revela sua identidade verdadeira. Oscar de melhor filme estrangeiro. Dir.: Gabriel Axel. Com Brigitte Federspiel, Bodil Kier, Vibeke Hastrup, Hanne Stensgard, Pouel Kern. Prod.: Dinamarca. CINEARTE 1 (av. Paulista, 2.073 — Conj. Nacional). Hor.: normal. Cens.: livre. **Cotação JT: ótimo**.

Camila — O Símbolo de uma Mulher Apaixonada (Camila) — No século passado, na Argentina, a história de amor entre um padre e uma jovem da classe denominante, sufocada pelo clero e pela ditadura militar. Dir.: Maria Luísa Bemberg, prod. Argentina/1985. Com Susu Pecoraro, Hector Arias, Elena Tasísto. PAULISTANO (av. Brig. Luís Antônio, 2.334). Hor.: normal. Cens.: 14 anos. **Cotação JT: Bom**.

Estranhos no Paraíso (Strangers Than Paradise) — Um homem, seu melhor amigo e uma garota húngara de 16 anos seguindo pelas estradas. Dir.: Jim Jarmush, prod.: EUA/1984. Com John Lurie, Richard Edson, Cecilia Stark. BELAS ARTES — Sala **Oscar Niemeyer** (r. Consolação esq. da av. Paulista). Hor.: 13h30, 15h30, 17h30, 19h30 e 21h30. Cens.: 10 anos. **Cotação JT: bom**.

Ironweed — Adapatação do romance Vermônia de William Kennedy, com Jack Nicholson como Frances Phelann, um homem destruído pelo passado. Sua companheira é Helen (Meryl Streep), com quem vive há nove anos. Ela foi cantora de rádio. Eles vão para Albany, sendo mantidos por uma seita religiosa. Dir.: Hector Babenco. Prod. EUA/1987. Com Caroll Baker, Michael O'Keef. BELAS ARTES — Sala Vila-Lobos (r. Consolação, esq. da av. Paulista). Hor.: 15h, 17h30, 20 e 22h15. METRÓPOLE (av. São Luís, 187). Hor.: 15h, 17h30, 20 e 22h15. TOP CINE (av. Paulista, 854). Hor.: 15h, 17h30, 20 e 22h15. Cens.: 14 anos. **Cotação JT: ótimo**.

Nove Semanas e Meia de Amor (9 1/2 Weeks) — O tórrido e doentio envolvimento entre um corretor de Wall Street e uma marchand. Com Kim Basinger e Mickey Rourke. Dir.: Adrian Lyne. Prod. USA/1985. ART PALÁCIO — Sala S. João (av. S. João, 419). Hor.: normal. BELAS ARTES — Sala Mário de Andrade (r. da Consolação, esq. da av. Paulista). Hor.: 13h30, 15h30, 17h30, 19h30 e 22 horas. Cens.: 18 anos. **Cotação JT: mau**.

O Homem da Linha (The Wissewatcher) — O solitário encarregado de cuidar dos trilhos de uma ferrovia tem sua vida transformada quando chega ao lugar uma mulher. Com Jim Van de Wondles, Stephane Escosier. Dir.: Joe Steling. Prod. Holanda/1986. BELAS ARTES — Sala Portinari (r. da Consolação esq. da av. Paulista. Hor. normal. Cens.: 14 anos. **Cotação JT: bom**.

Rosa Luxemburgo — A trajetória da líder comunista alemã inspiradora do movimento revolucionário coluna Spartakus e assassinada em 1919, com Barbara Sukowa, Daniel Olbrey-Chish e Otto Sonder. Dir.: Margaret Van Trotta. Prod. Alemanha/1986. BELAS ARTES — Sala Carmem Miranda (r. da Consolação, esq. av. Paulista) Hor.: 13h30, 15h40, 17h30, 20h e 22h10. Cens: 14 anos. **Cotação JT: regular**.

Para Sempre na Memória — (Permanent Record) — Um grupo de estudantes e amigos fica perplexo com o suicídio de um dos mais talentosos do grupo David Sinclair (Alan Boycell). A morte do jovem irá mudar seus destinos. Dir.: Marisa Silver, prod.: EUA/1988. Com Pamela Gidley, Michael Elgart, Jennifer Rubin. IPIRANGA 2 (av. Ipiranga 786). ALVORADA 1 (av. Paulista, 2.073 — Conj. Nac). IBIRAPUERA 3 (Shop. Cent. Ibir.). MORUMBI 3 (Shop Cent. Mor.) LAR CENTER 2 (Shop. Cent. Norte). INTERLAGOS 6 (av. Interlagos, 2.255). Hor. normal. Cens: 14 anos.

Um Sonho de Domingo — (Un Dimanche à la Campagne) — Baseado no livro "Monsieur Ladmiral va Bientôt Mourir" de Pièrre Bost. Num domingo de verão de 1912, o pintor Lamiral comemora 75 anos recebendo a visita de seu filho e de sua nora. Dir.: Bertrand Tavernier. Prod. França/1984. Com Louis Ducrex,. Sabine Azema,. Michel Aumont. Nno pPrograma: o curta-metragem Frio na Barriga. dir.: Nilson Vilas Boas. CINESESC (r. Augusta, 2.075). Hor. normal.

Comédia

Bom Dia Vietnã — (Good Morning Vietnan) — Em 1965, em Saigon, um disc-jóquei chega dos Estados Unidos para assumir um posto na rádio local e animar as tropas. E seu humor e sua paixão pelo rock criam atritos com os centros de comando. Dir.: Barry Levison. Prod.: EUA/1987. Com Robin Williams, Forest Whitaker, Bruno Kirby, Robert Wuhl. ELDORADO 2 (Shop. Cent. Eld). CENTER NORTE 2 (Shop. Cent. Norte). INTERLAGOS 2 (av. Interlagos, 2.255). OLIDO 3 (av. S. João, 473). GAZETINHA (av. Paulista, 900). Hor.: 14h40, 17h, 19h20 e 21h40. **Cotação JT: bom**.

Os Fantasmas se Divertem (Beetlejuice) — Um casal morre num acidente e sem perceber esse fato volta normalmente para a sua casa que no entanto está ocupada por outros inquilinos. Os donos então recorrem a Beetlejuice, um fantasma especializado em exorcizar humanos. Com Michel Keaton, Alce Baldwin, Geena Davis. Dir.: Tim Burton. Prod.: EUA/1988. PARAMOUNT 4 (av. Brig. Luís Antônio, 411). INTERLAGOS 4 (av. Interlagos, 2.255). OLIDO 1 (av. S. João 473). REGINA (av. São João, 1.140). Hor.: 11h20, 13h30, 15h40, 17h50, 20h e 22h10. GAZETA (av. Paulista, 900). Hor.: 13h30, 15h40, 17h50, 20 e 22h10. LIBERTY (av. Paulista, 2.064). Hor. normal. CAL 2 (av. Faria Lima, 1.541). ELDORADO 1 (Shop. Cent. Eld.). Hor.: 13h30, 15h30, 17h30, 20 e 22h10. 10 anos. **Cotação JT: bom**.

Quero Ser Grande — (Big) — Um garoto de 13 anos transforma-se em um homem de 30, depois de fazer um pedido a uma máquina de mágicas de um parque de diversões. Com Tom Hanks, Elizabeth Perkins, Robert Loggia, Kimberlie M. Davis. Dir.: Penny Marshall. Prod.: EUA/1988. CENTER 3 (av. Paulista, 2.064). ELDORADO 3 (Shop. Cent. Eld.). Hor.: normal. Cens. Livre. **Cotação JT: bom**

Romance da Empregada — Uma empregada doméstica casada com um alcoólatra torna-se amante de um velho para se ajeitar na vida. Com Bety Faria, Daniel Filho, Brandão Filho e Marcos Palmeiras. Dir.: Bruno Barreto. Prod.: Brasil/1988. AROUCHE B (largo do Arouche, 426). Hor.: 13h40, 15h20, 17h, 18h40, 20 e 22h. Cens.: 16 anos. **Cotação JT: bom**.

Um Príncipe em Nova York (Coming to America) — Um príncipe deixa seu reino africano para buscar um amor sincero em Manhattan. Dir.: John Landis. Prod.: EUA/1988, com Eddie Murphy, Vanessa Bell, James Earl Jones. METRO 2 (av. São João, 791). Hor.: 14h50, 17h10, 19h30 e 21h50. GEMINI (av. Paulista, 807). Hor.: 14h50, 17h10, 19h30 e 21h50. INTERLAGOS 5. Hor.: 15h15, 17h30, 19h45 e 22 horas. LAR CENTER 1 (Shop. Center Norte). Hor.: 15h15, 17h30, 19h45 e 22 horas. CHAPLIN (av. Santo Amaro, 1.747). Cens. Livre. **Cotação JT: mau**.

Aventura

Duro de Matar (Die Hard) — Na véspera do Natal, um policial nova-iorquino vai para Los Angeles e fica preso em um edifício ocupado por terroristas. Dir.: John McTierna, prod. EUA/1988. Com Bruce Willis, Bonnie Bedalla, Alexander Godunov. MARROCOS 2 (r. Cons. Crispiniano, 352). Hor.: 12h20, 14h40, 17h, 19h20 e 21h40. PARAMOUNT 5 (av. Brig. Luís Antônio, 411). Hor.: 14h40, 17h, 19h20 e 21h40. BRISTOL (av. Paulista, 2.064). Hor.: 14h30, 17h, 19h30 e 22 horas. IGUATEMI (Shop. Cent. Iguatemi). RITZ (av. São João, 601). Hor.: 12h20, 14h40, 17h, 19h20 e 21h40. Cens.: 14 anos. **Cotação JT: bom**.

Um Osso Duro de Roer (The Renodage) — Uma aventura do ex-Trinity (Terence Hill), agora "o renegado", lutando contra especuladores imobiliários que ameaçam destruir uma comunidade. O vilão é Robert Vaughn. Dir.: E.B. Clucher. Prod.: EUA/1988. MARABÁ (av. Ipiranga, 757). Hor.: 10h, 11h40, 13h20, 15h, 16h40, 18h20, 20 e 21h40. **Cotação JT: regular**.

Espião Sem Rosto — (Little Nikital — Uma criança teme perder o amor de seus pais quando descobre que eles são espiões soviéticos atuando nos Estados Unidos. Dir. Richard Benjamim. Prod. EUA/1987. Com Sidney Pointer e River Phoenix. GAZETÃO (av. Paulista, 900). CAL (av. Faria Lima 1.541). OLIDO 2 (av. S. João, 473). INTERLAGOS 1 (av Interlagos, 2.255). Hor. normal. Cens: 14 anos.

Fuga à meia-Noite (Midnight Run) — Jack Walsh (Robert de Niro) um ex-policial e caçador de recompensas tenta capturar Jonathan Mardukas (Charles Grodin), um contador que deu um desfalque de milhões de dólares em um chefão da Máfia. Dir: Martin Brest, prod: EUA/1988. COMODORO (av. São João, 1.462). Hor: 13h45, 15h50, 17h35, 20 e 22h05. IPIRANGA 1 (av. Ipiranga, 786). ASTOR (av. Paulista, 2.073 - Conj. Nac.) GEMINI 2 (av. Paulista, 807). IBIRAPUERA 2 (Shop Cent. Ibir.). MORUMBI 1 (shop. Cent. Mor.). METRO 1 (av. S. João, 791).

Reprise

O Último Imperador — (The Last Emperor) — A história de Pu Yi, que não havia completado três anos, e foi coroado imperador em 1908, e levado para a Cidade Proibida, o coração da China imperial. Três anos mais tarde foi destronado pelos militares que o confinaram ao território da Cidade Proibida. Sua vida é mostrada até tornar-se um simples jardineiro. Dir.: Bernardo Bertolucci, prod.: Inglaterra/Itália/Estados Unidos. 1987. Com John Lone, Ryuichi Sakamoto, Maggie Han, Peter O'Toole. BIJOU (praça Roosevelt, 172). Hor. 13 horas. 15h45, 18h30, e 21h45. Cens.: Livre. **Cotação JT: ótimo**.

Especial

A Guerra dos Pelados — Dir: Silvio Back, prod: Brasil/1970. Sobre a guerra civil brasileira — a guerra dos Contestados, no interior de Santa Catarina. Com Átila Iório, Stênio Garcia e Dorothée Marie Bouvier. Às 19h30 — Cz$500,00. No programa às 21h30: **Ivan, o Terrível** — a Segunda parte do filme épico de Serguei Eisenstein, prod. russa. Cineclube da GV (av. Nove de Julho, 2.029).

Betty Blue, 37, 2º de manhã (Betty Blue, 37, 2º le Matin) — Um homem maduro apaixona-se por uma moça mais jovem. Ela descobre que ele é um escritor e irá fazer tudo para que o livro escrito por ele seja publicado. Dir.: Jean-Jacques Beneix; prod.: França/1986. Com Béatrice Dalle e Jean Hugues Anglade. Às 18,20 e 22h. Cz$ 600,00. Cineclube OSCARITO (praça Roosevelt, 184). Tel. 256-9298.

Before Hollywood — Ciclo sobre a história do cinema mudo nos Estados Unidos entre 1895 e 1915. Hoje às 20h: **Uma Era de Diversões**, com filmes curtos de 1895 a 1903 e **Prazeres e Ciladas**, com filmes de 1905 a 1906. MASP (av. Paulista, 1.578).

John Lurie e Eszter Balint em Estranhos no Paraíso.

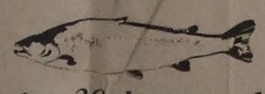
O Águia — Filme com Rodolfo Valentino dirigido por Clarence Brown. No ciclo "Cena Muda". Às 18, 20 e 22h — Cz$ 1.500,00. Sala Paulo Emílio do Cineclube BIXIGA (r. 13 de Maio, 124). Tel: 255-4627.

O Cinema Italiano dos Anos 40 — Às 19h: **La Fornarina**, dir: Enrico Guazzoni, prod: Itália/1942. Com Lida Baavora, Massimo Serato. A história do pintor Rafael e a descoberta da Fornarina, a jovem filha de um padeiro e modelo do mestre da Renascença. Cz$ 300,00. Sala Lima Barreto do CENTRO CULTURAL SÃO PAULO (r. Vergueiro, 1.000). Tel: 270-5746.

Esse Obscuro Objeto do Desejo (Cet Obscur Objet du Désir) — Dir.: Luiz Bunuel, prod.: França/Espanha/1977. Com Fernando Rey; Carole Bouquet, Angela Molina. Um velho rico e burguês atormentado por suas fantasias sexuais. Às 19 e 21h — Cz$ 500,00. Sala Leila Diniz do Cineclube BIXIGA (r. 13 de Maio, 124). Tel.: 255-4627.

LE COQ HARDY apresenta

I FESTIVAL DE SALMÃO DA NORUEGA



De 1º a 30 de novembro

Os mais deliciosos pratos com salmão importado da Noruega preparados pelo chef José Pereira de Sousa:

ENTRADAS:

Salade de Printemps au Saumon Fumet, Saumon Fumet à l'Anglaise, La Tranche de Saumon Fumet au Citron e Mousseline de Saumon Frais;

PRATOS PRINCIPAIS:

Saumon du Chef Gratiné aux Raisins Blancs, L'Etuvée de Saumon à L'Oseille, Le Saumon Frit à L'Unilateral, Minute de Saumon à la Tomate et au Basilic, Saumon à la Moutarde et au Poivre Vert, La Tranche de Saumon au Poivre Rose, Médaillons de Saumon au Caviar Rouge, Délice de Saumon de Norvège aux Truffes e Suprême de Saumon au Caviar D'Iran.

Vinhos selecionados para acompanhar o festival:

Bordeaux Sec - Chai de Bordes - Blanc de Blancs 1985
Mis en Bouteille par Cheval Quancard - Cz$ 7.200

Bordeaux Sec
Mis en Bouteille par Alexis Lichine - Cz$ 7.200

TODOS OS PREÇOS SÃO PROMOCIONAIS.

LE COQ HARDY
Av. Adolfo Pinheiro, 2518
Tel. 246-6013

TEATRO

A Língua Perdida: até sábado, no Espaço Off.

Os horários e as informações são fornecidos pelas companhias

Drama

As Meninas — Adaptação teatral do romance homônimo de Lygia Fagundes Telles. Sobre a amizade que une três adolescentes dividindo um quarto de pensionato em São Paulo nos anos 60. Direção: Paulo Moraes. Com Ana Luisa Lacombe, Elaine Sarino e Mayara Norbim. Às 21h — Cz$ 1.500,00. Assobradado do TBC (r. Major Diogo 315). Tel: 36-4408.

A Cerimônia do Adeus — De volta a uma cidade paulista do Interior, de onde saiu há 20 anos, Juliano revive sua adolescência e os acontecimentos marcantes dos anos 60. De Mauro Rasi. Com Marcos Frota, Antônio Abujamra, Cleyde Iaconis, Sônia Guedes, Ileana Kwasinski. Às 21h — Cz$ 1.800,00. ANCHIETA (r. Dr. Vila Nova, 245) Tel.: 256-2281.

Foi Bonita a Tua Festa, Pá. — Adaptação teatral do romance "O Dia dos Prodígios", da escritora portuguesa Lidia Jorge. A ação é centrada na aldeia de Vilamaninhos e seus personagens são os habitantes do pequeno lugar, antes e depois da Revolução do Cravos, em Portugal. Texto e Direção: Fernando Popoff. Com o grupo **Dramaticus**. Às 21h — Cz$ 1.500,00 e Cz$ 1.000,00 (estudantes). IGREJA (r. Treze de Maio, 830). Tel.: 285-2072.

O Parque — Um painel do homem contemporâneo descrito por Botho Straus. Com Alberto Gouveia, Ângelo Osório, Tuma Dwek, Siomara Schroeder. Direção: Augusto Francisco. Às 21h — Cz$ 1.500,00 Auditório AUGUSTA (r. Augusta, 943). Tel.: 257-7575.

Solness, o Construtor — Halvard Solness (Paulo Autran) é um bem-sucedido construtor de meia-idade que sente sua posição ameaçada pela juventude de um dos seus empregados, Ragnar Brovik (Charles Myaral. De Henrique Ibsen. Com Karen Rodrigues, João José Pompeo, Abrahão Farc e Denise Weimberg. Dir.: Eduardo Tolentino de Araujo. Às 21h — Cz$ 2.000,00. ALIANÇA FRANCESA (r. General Jardim, 182). Tel.: 259-8412)

Comédia

A História é uma Istória — O autor recria a trajetória da humanidade, desde a Idade da Pedra até os dias de hoje. Texto de Millôr Fernandes. Com Alna Prado, Eleonora Prado, Hélcio Vidal e Reginaldo Zarpa. Dir.: Otto Prado. Às 21h — Cz$ 1.500,00 e Cz$ 1.000,00 (estudantes). CENARTE (r. 13 de Maio, 1.041). Tel.: 284-6837.

Férias Extraconjugais — Dois casais decidem tirar férias. As mulheres vão para um lugar e os maridos para outro. Mas duas secretárias entram no circuito. Texto: Peter Yalba e Donald Churchill. Dir.: Atílio Riccó. Com Angelina Muniz, Paulo Celestino Filho, Vic Militello, Carlos Capeletti. Às 21h. Cz$ 3.000,00 TAIB (r. Três Rios, 246). Tel.: 227-9719.

Jogo de Cintura — Marta e Walter têm que entregar ao seu editor, dentro de um prazo estabelecido, uma estória policial erótica. E os autores vão interpretar as personagens criadas por eles. De e com Jandira Martini e Marcos Caruso. Direção: José Renato. Às 21h — Cz$ 1.000,00. TBC (r. Major Diogo, 315). Tel.: 36-4408.

Ladrão em Noite de Chuva — Um ladrão invade a privacidade de um casal durante a madrugada. A chegada de um policial transforma o inesperado em um jogo de surpresas. Texto: Millôr Fernandes. Com André Lourenço, Patrícia Scalvi, Matheus Esperança e Carlos Silveira. Direção: Carlos di Simoni. Às 21h — Cz$ 2.000,00. Sala Paschoal Carlos Magno do SÉRGIO CARDOSO (r. Rui Barbosa, 153). Tel.: 288-0136.

Onde Canta o Sablá — Em 1920, num subúrbio do Rio de Janeiro, a história de uma família ilustra uma comédia de costumes. Texto: Gastão Toleira. Direção: Osmar Rodrigues Cruz. Com Luiz Parreiras, Paulo Hesse, Ruthinéia de Moraes, Clóvis Gonçalves. Às 20h30. Grátis. POPULAR DO SESI (av. Paulista, 1.313) Tel.: 284-9787. (Os convites devem ser retirados durante o horário comercial na bilheteria.)

O Mistério de Irma Vap — Num castelo inglês, o fantasma de Irma Vap, a primeira e falecida esposa de Lorde Edgard, ameça a felicidade da nova mulher, Lady Enid. Com Marco Nanini e Ney Latorraca. Texto: Charles Ludlam. Direção Marília Pêra. Às 21h — Cz$ 4.500,00 (setor B) e Cz$ 5.500,00 (setor A). PROCÓPIO FERREIRA (r. Augusta, 2.831). Tel.: 853-4625.

O Rei do Peru — Pega em flagrante pelo marido, Nádia (Cristina Amaral), faz com que seu amante (Edy Serell) se passe por manicure. Texto de Gugu Olimecha. Às 21h — Cz$ 2.000,00. CENARTE-sala 1 (r.13 de Maio, 1.040). Tel.: 284-6837.

Terapia com Analista de Bagé — Um analista (Claúdio Cunha) e sua secretária (Edna Velho), na adaptação teatral do livro de Luís Fernando Veríssimo. Direção: Oswaldo Loreiro. Às 21h — Cz$ 2.500,00. BIBI FERREIRA (av. Brig. Luís Antônio, 931). Tel.: 36-0572.

Musical

A Revista... Em Revista — Revista Musical lembrando as grandes vedetes como Virgínia Lane e homenageando Walter Pinto e Carlos Machado. Com Cleybi Dias, Eliane Andreoli, Josy Sálanos, André Andreoti. Textos e direção: Aron Aron. Às 21h — Cz$ 800,00. NAÇÕES — sala Dercy Gonçalves (av. S. João, 1.731).

Emoções Baratas — Através do universo jazzístico de Duke Ellington, a recriação do clima de um cabaré. Com a banda Heart-breakers e as cantoras Adyel Ferreira da Silva e Misty. Direção: José Possi Neto. Às 21h — Cz$ 4.000,00 (setor A) e Cz$ 3.000,00 (setor B). Ópera (r. Pinheiros, 1.275). Tel.: 212-8698.

Noviças Rebeldes — Depois de ter matando 52 freirinhas, acidentalmente, irmã Júlia torna-se uma ovelha-negra e as sobreviventes, comandadas pela madre Gardênia, improvisam um show para arrecadar fundos para o enterro das noviças. De Dan Gogin. Direção: Wolf Maia. Com Neusa Maria Faro, Regina Restelli, Totia Meireles. Às 21h — Cz$ 3.000,00. JARDEL FILHO (av. Brig. Luís Antônio, 864). Tel.: 35-8433.

Theatro Musical Brasileiro: 1914/1945 — Resgate do teatro de revista com composições de Chiquinha Gonzaga, Sinhô, Lamartine Babo, Ary Barroso, Vicente Celestino e muitos outros. Roteiro e direção de Luís Antônio Martinez Correa e Marshall Netherland. Às 21h — Cz$ 1.500,00 ITÁLIA (av. São Luís, 50). Tel. 257-3138.

Especial

A Língua Perdida — Uma pequena índia tem sua língua arrancada por um forasteiro. Mesmo assim, Clarabalda tornar-se uma cantora. Escrita e dirigida por Olair Coan. Com Noeli Santisteban, Marco Antonio Pamio e o autor. Às 22h30 — Cz$ 1.200,00. ESPAÇO OFF (r. Romilda Margarida Gabriel, 142) TEL.: 853-5998 **Até sábado**.

Dagmar, a Perigosa — Em quadros, a trajetória de um cidadão comum e sua surpreendente mudança. Texto: Tacus. Com Cibele Troyano, Mariano Suzá, Geraldo Petean. Às 21h — Cz$ 1.500,00 ESPAÇO OFF (r. Romilda Margarida Gabriel, 142) TEL. 853-5998 **Até 23**.

Debate — Após a sessão de **Solness, o Construtor**, haverá debate sobre o teatro de Ibsen com a participação de Aimar Labaki, Alberto Gusik, o crítico de teatro do JT, Edélcio Mostaço e Luís Carlos Cardoso. ALIANÇA FRANCESA (r. General Jardim, 182).

FOTOGRAFIA

Os judeus da Etiópia, em mostra no Sesc Pompéia.

De Sabá para a Terra Prometida: Judeus da Etiópia — Pertencente ao Museu da Diáspora, de Tel-Aviv, a mostra é composta de duas partes, em trabalhos dos fotógratos Frederic Brenner e Doron Bacher, onde são focalizadas a vida dos judeus negros na Etiópia e a adaptação desses judeus em Israel. Para a abertura da exposição — que homenageia os 100 anos da abolição no País — estão programados diversos eventos. A partir de 19h. SESC Pompéia (r. Clélia, 93, tel. 864-8544)

MÚSICA

O flautista Ranson Wilson, no Cultura Artística, 21h.

Os horários e as informações são fornecidos pelas companhias

Recital de Piano — Com Célia Barretto. No programa, peças de J.S.Bach, Schubert, Chopin, Debussy, Ravina, Chaminade e Gottschalk. Cz$ 2.000,00 e Cz$ 1.000,00 (estudantes). Às 21h. Teatro CULTURA ARTÍSTICA (r. Nestor Pestana, 196, tel. 258-3616).

Espaço Cultura Viena — Às 18h, duo de violões com Jardel Costa Fo e Marcus C.F.G.Ferreira; às 21h, duo de flauta e piano, com Adriana C. Rodrigues e Marcelo Cesena interpretando obras de J.S. Bach, Fauré e Franck. Grátis. VIENA DELICATESSEN (r. Augusta, 1.835, tel. 283-4130).

Recital de Violões — Com o Quarteto de Violões de Curitiba integrado por Rogério Bodasz, Paulo Demarchi, Sérgio Deslandes e Guilherme Campos. No programa, obras de M.Praetorius, Telemann, Sor, Granados, E.Gismonti e H.Paschoal. Grátis. Às 18h. Centro Cult. SÃO PAULO (r. Vergueiro, 1.000, tel. 270-5746).

Recital de Contrabaixo e Piano — Com a contrabaixista Ana Valéria Poles, acompanhada por Laís Kauffmann Senise. No programa, peças escritas para contrabaixo, de M. Delestre, Misek, Leitermeyer, Bottesini, E. Stein, e uma transcrição, feita por Ana Valéria, de obra de Luiz Levy. Cz$ 300,00 e Cz$ 150,00 (estudantes). Às 20h30. MASP (av.Paulista, 1.578, tel.: 251-5644).

Série Continental 2001 — Apresentação do flautista norte-americano Ransom Wilson, acompanhado da Orquestra de Câmara Solistas do Brasil. No programa, Mozart, C.Ph.E.Bach, Respighi e Vivaldi. Cz$ 6.000,00 a Cz$ 500,00 (estudantes, meia hora antes do espetáculo). Às 21h. Teatro CULTURA ARTÍSTICA (r. Nestor Pestana, 196, tel.: 258-3616).

GRÁTIS

Onde Canta o Sabiá continua em cartaz no Popular do Sesi.

Quarta Musical Itaú — Com a compositora e violonista sul-mato-grossense Alzira Espíndola, que vai apresentar músicas de sua autoria, como "Flur", "Luzmarina" e "Rio Fati", e de Almir Sater, Renato Teixeira, Guilherme Rondon e Paulo Simões. Às 18h. Saguão da Secret. de Esportes e Turismo do Estado de S. Paulo (r. XV de Novembro, 347).

Onde Canta o Sabiá — Comédia de costumes na história de uma família do subúrbio carioca no início do século. Texto: Gastão Tojeiro. Dir.: Osmar R. Cruz. Com Ruthinea de Moraes, Paulo Hesse, Luiz Barreiras. Às 20h30 Teatro Popular do SESI (av. Paulista, 1.313, tel. 284-9787. Convites devem ser retirados durante o horário comercial na bilheteria do teatro).

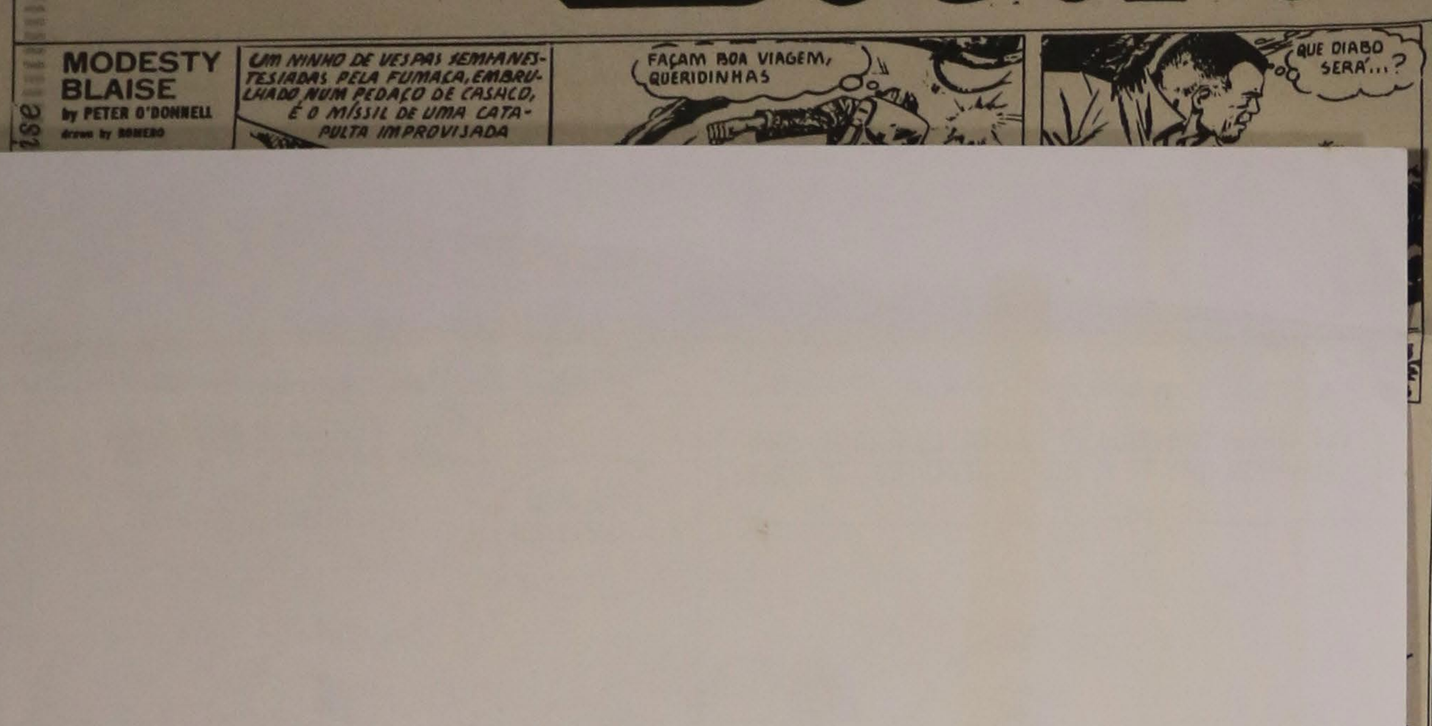
De Sabá para a Terra Prometida: Judeus da Etiópia — Abertura da exposição de fotos sobre os judeus negros da Etiópia, que contará com apresentação de dança com Haroldo Alves; de música negra, pelo Coral Cantafro; e do vídeo "Judeus Negros de Israel". Às 19h. SESC Pompéia (r. Clélia, 93, tel. 864-8544).

Compositoras Negras de Música Erudita e Popular — Este é o tema da palestra que a pesquisadora Nilcéia Baroncelli fará, baseada no trabalho apresentado em seu livro "Mulheres Compositoras — Elenco e Repertório", de 87. A palestra será ilustrada com exemplos gravados de obras de compositoras negras brasileiras e norte-americanas. Às 12h. Bibl. Mário de Andrade (r. da Consolação, 94, tel. 239-3459).

Divirta-se

MODESTY BLAISE

by PETER O'DONNELL
drawn by ROMERO



HORÓSCOPO DE JEAN PERRIER
PARA HOJE

Use Dop Shampoo — A beleza dos seus cabelos só depende de você! Sem perfume, corante ou sal. Parisiense.

	CARNEIRO 21/3-20/4	TOURO 21/4-20/5	GÊMEOS 21/5-20/6	CÂNCER 21/6-21/7
NEGÓCIOS	— Não duvide das propostas e das ofertas que lhe forem feitas	— Dia interessante desde que você organize bem seu trabalho	— Não perca seus objetivos de vista, pense neles e prepare-se para agir	— Você terá diversos problemas para resolver, evite as viagens de negócios
SAÚDE	— Não se preocupe, não há complicações, tudo vai bem	— Leve uma vida regular e sua saúde será boa	— Você estará cansado e terá mal-estares	— Cuidado com as bruscas mudanças de temperatura
AMOR	— Diga francamente à pessoa amada o que tem para lhe censurar	— Convite que pode ter um resultado agradável em sua vida sentimental	— Examine francamente com a pessoa amada as divergências que tiverem	— Não se atormente inutilmente e confie na pessoa amada
PESSOAL	— Examine com realismo as possibilidades que lhe serão oferecidas	— Dia bom para ocupar-se com sua família	— Seja mais flexível e mais compreensivo, controle seus pensamentos	— Interesse-se pelo que é importante e essencial para você

Use Dop Hidratante — A hidratação da sua pele só depende de você! Para pele seca no corpo inteiro. Sem perfume ou corante.

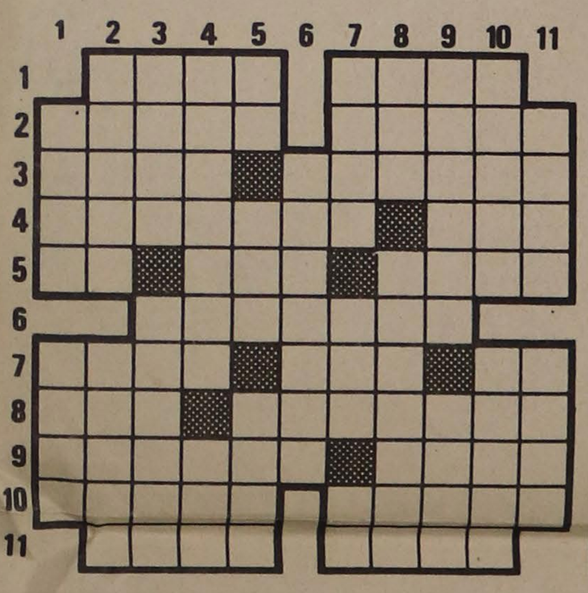
	LÉAO 22/7-22/8	VIRGEM 23/8-22/9	BALANÇA 23/9-22/10	ESCORPIÃO 23/10-21/11
NEGÓCIOS	— Neste dia, aproveite suas relações e seus apoios	— Não conte demais com a sorte e cuidado com um contrato bom demais	— Dia cheio de promessas para suas iniciativas e seu trabalho	— Amigos vão ajudá-lo e os negócios serão excelentes
SAÚDE	— Nervos à flor da pele, tome um calmante	— Hemicrânias a temer, mas passarão depressa	— Saúde boa se você não fizer excessos	— Você tem tendência para engordar, cuidado com a alimentação
AMOR	— Setor neutro, mas cuidado com a solidão e convide os melhores amigos	— Convite, você fará um encontro lisonjeador	— Não deixe nenhuma dúvida em suas relações com a pessoa amada	— Estabeleça um plano de futuro conforme a felicidade que deseja
PESSOAL	— Sua impulsividade ameaça fazê-lo cometer um erro	— Dificuldades recentes assumem uma feição inesperada	— Resolva seus problemas com calma e ponderação	— Procure ser mais compreensivo com os que o rodeiam

Use Dop Desodorante — Controlar sua transpiração só depende de você! Antitranspirante em creme ou roll-on. MEDIAN 549-5148

	SAGITÁRIO 22/11-21/12	CAPRICÓRNIO 22/12-20/1	AQUÁRIO 21/1-19/2	PEIXES 20/2-20/3
NEGÓCIOS	— Idéias originais, mas também dificuldades para realizá-las	— Este dia deve lhe permitir consolidar as vatntagens adquiridas	— Você terá tendência a fazer projetos de difícil realização	— Dia muito importante p/sua situação e seus negócios
SAÚDE	— Cuidado com a saúde, um pouco de aerofagia	— Grande vitalidade e, portanto, excelente saúde	— Alergia, erupção cutânea, faça exercícios	— Problemas do sistema glandular a temer, procure seu médico
AMOR	— Cuidado, uma aventura amorosa pode ser um tema de complicação	— Belo dia afetivo, clima de sinceridade e de felicidade	— Guarde seus segredos e evite qualquer indiscrição	— Cuidado, saiba afastar sua proposta sedutora demais
PESSOAL	— Mostre-se sob seu melhor aspecto e tudo irá bem	— Cólera passível de não ser compreendida pelos outros	— Não dê importância às fofocas	— Um pequeno mal-entendido não deve deixá-lo impaciente

PALAVRAS CRUZADAS

Por EDUARDO MARTINS



HORIZONTAIS

1 — Túnica preta usada em cerimônias de formatura — Amarrar, prender.
2 — Colocar, pôr, atirar — Relativo a velhice ou a velhos.
3 — Carne do lombo do boi — Animal de longo pescoço.
4 — Prenome da futura primeira-dama dos Estados Unidos — (... **Costa**) Cantora.
5 — Sigla de Alagoas — Fileira — Vento brando, brisa.
6 — Espécime da ordem dos mamíferos que compreende o homem e seus assemelhados.
7 — A moeda italiana — Aliança Nacional Libertadora — Sigla do Amapá.
8 — Carro da Fiat — (... **Suplicy**) o candidato a vereador mais votado em S. Paulo.
9 — O do Flamengo, no Rio, é um — (... **Bello**) Comediante da televisão.
10 — Fazer preces — Limitado, restrito.
11 — Pouco profundo — Território e cidade da Palestina.

VERTICAIS

1 — (**Ali...**) Personagem das **Mil e Uma Noites** — Claridade noturna.
2 — Embocadura de instrumento musical — Time de Porto Alegre ou de Limeira.
3 — O fluido do lança-perfume — Ato de bravura, façanha.
4 — Cidade do Paraná, na microrregião do Norte Velho de Jacarezinho — Arrás.
5 — Mistura gasosa — (**Muhammad...**) Pugilista dos EUA — Falha, equívoco.
6 — Cidade gaúcha, muito procurada nas férias.
7 — Uma das partes do mundo — Ave preta — Símbolo químico da prata.
8 — Ser dono, possuir — Cidade norte-americana, capital do Estado da Geórgia.
9 — Saia de baixo — Origem, procedência.
10 — Sortear por meio de bilhetes numerados — Funcionária agregada.
11 — Apelido de Lamartine Babo — Cada pequeno orifício da pele.

Solução.

Nº 2 — **HORIZONTAIS**: 1 — Beca, atar. 2 — Botar, senil. 3 — Acém, grata. 4 — Barbara, Gal. 5 — AL, ala, aura. 6 — Primata. 7 — Lira, ANL, AP. 8 — Uno, Eduardo. 9 — Aterro, Nair. 10 — Rezar, atido. 11 — Raso, Gaza. **VERTICAIS**: 1 — Baba, Iuar. 2 — Bocal, Inter. 3 — Éter, proeza. 4 — Cambara, ras. 5 — Ar, Ali, erro. 6 — Gramado. 7 — Asia, anu, Ag. 8 — Ter, Atlanta. 9 — Anágua, raiz. 10 — Rilar, adida. 11 — Laia, poro.

Nº 2 — **HORIZONTAIS**: 1 — Campo, It. 2 — Reto, até. 3 — Ir, solar. 4 — Sol, ue. 5 — As, mas. 6 — Irmão, tt. 7 — Nua, Dean. 8 — AM, Feira. **VERTICAIS**: 1 — Cristina. 2 — Aero, rum. 3 — MT, lama. 4 — Fos, sá. 5 — Ou, ode. 6 — Além, el. 7 — Ita, atar. 8 — Teresina.

HORIZONTAIS

1 — (... **Grande**) A cidade onde Lúdio Coelho ganhou a eleição para prefeito — Magnetismo pessoal.
2 — Sem curvas — Ainda, mesmo.
3 — Seguir, passar — Herdade de família nobre e antiga.
4 — Fonte de luz e calor — Interjeição que designa espanto.
5 — Carta do baralho — Todavia.
6 — Caetano Veloso o é de Maria Bethânia — Variação do pronome tu.
7 — Sem roupa — (**James...**) O ator de **Vidas Amargas**.
8 — Sigla do Amazonas — (... **de Santana**) Cidade baiana.

VERTICAIS

1 — (... **Onassis**) A multimilionária que morreu na semana passada na Argentina.
2 — Prefixo: ar — Bebida alcoólica.
3 — Sigla do Estado em cuja capital Frederico Campos ganhou a Prefeitura — Barro.
4 — Após — Sadia, higiênica.
5 — De outro modo — Composição poética dividida em estrofes simétricas.
6 — Mais adiante, acolá — Interjeição para chamar.
7 — Instituto de São José dos Campos — Atrelar, ligar, unir
8 — Capital nordestina da qual Heráclito Fortes, do PMDB, será o novo prefeito.

GUIA

Rádio

Clássicos

09h00 - **Pentagrama**(Cultura FM)
11h00 - **Teclado**(Cultura FM) Hoje: Irmão Levy (série)
13h00 - **Partitura Barroca**(Cultura FM)
21h00 - **Gênesis**(Cultura FM) - Hoje: Série Brasiliana: Camargo Guarnieri

Jazz

17h00 - **Jô Soares Jam Session**(Nova Eldorado AM)
24h00 - **Jazz & Cia**(Nova Eldorado AM) — Considerado o maior, mais elaborado e abrangente programa de jazz do rádio brasileiro

Música Popular

10h00 - **Canta Brasil** (Eldorado FM)
20h00 - **Super Meia Hora**(Brasil 2000 FM)

Rock

10h55 - **Toque Laser**(89 FM)
12h00 - **Clássicos do Rock**(FM 97)
20h00 - **Intocáveis da Série Radiografia**(USP FM) Hoje: Bruce Springsteen, Janis Joplin e outros (reapresentação).

Sertanejos

04h00 - **Brasil Caboclo**(Bandeirantes AM)
05h00 - **Programa Lima Duarte**(Gazeta AM)
- **Nas Quebradas do Sertão**(Bandeirantes AM)

Variedades

15h00 - **Flash Hits**(Record FM)
- **Emoções**(Jovem Pan I) Sucessos antigos executados por seus melhores intérpretes, intercalados com crônicas e poemas.
22h00 - **As Músicas do 4º Mundo**(89 FM)

ACONTECE

DESTAQUES DO RÁDIO

"Teclado", que vai ao ar pela Cultura FM às 11h, inicia hoje uma série de quatro programas dedicados à obra dos músicos paulistas Alexandre e Luiz Levy. A série conta com a participação do musicólogo Arnaldo Senise, que vem pesquisando a vida e a obra dos dois músicos paulistas.

TECLADO - Cultura FM (103,3 MHz), às 11h. Pouco conhecidos pelo público, os irmãos Levy se destacaram nos meios musicais brasileiros entre o fim do século 19 e as primeiras décadas deste século. Alexandre Levy (1864-1892) foi um pianista e compositor autodidata que dirigiu orquestra e ópera, produziu e deu concertos, exerceu a crítica e organizou eventos regulares de música em São Paulo, formando duo com seu irmão Luiz. Filho de estrangeiros e com formação francesa, sua música, no entanto, foi marcada por forte nacionalismo. Para o musicólogo Senise, Alexandre foi a grande afirmação de São Paulo na música do século 19, depois de Elias Lobo e Carlos Gomes. Luiz Levy (1861-1935) foi pianista e camarista. Como compositor dedicou-se a peças eruditas, ligeiras e populares. A obra destes dois paulistas é um documento para todos os que se interessam pela história da música brasileira. Gilberto Tinetti apresenta a série, que tem produção de Vera Lúcia Melo.

CADERNO ESPECIAL DE
Reportagem/Leitura

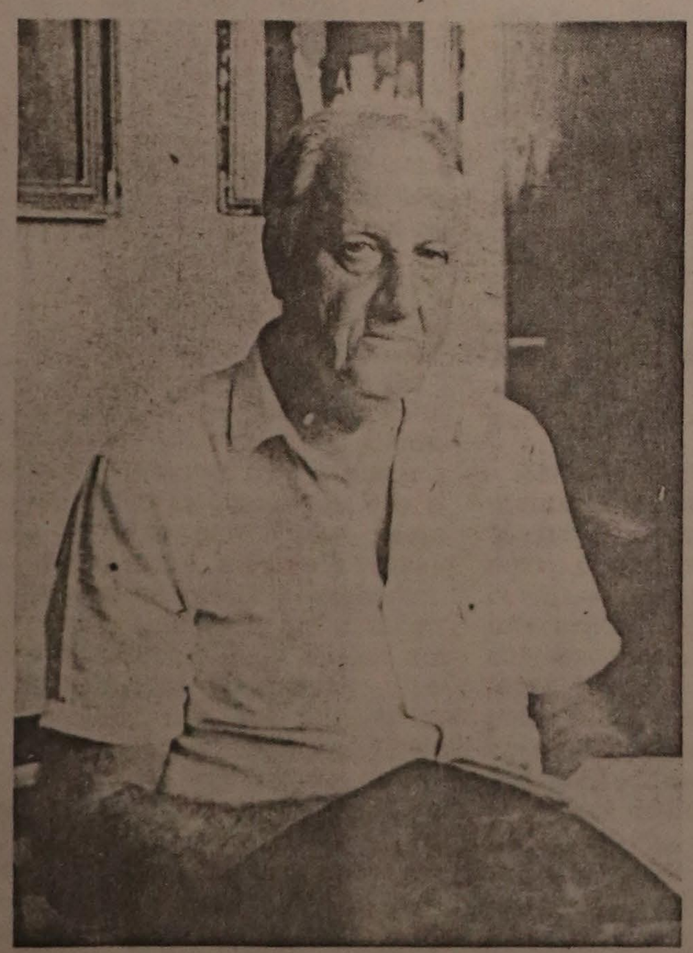
mais cruzeiro

ANO III - Nº CCLXXXVIII 04/06/89

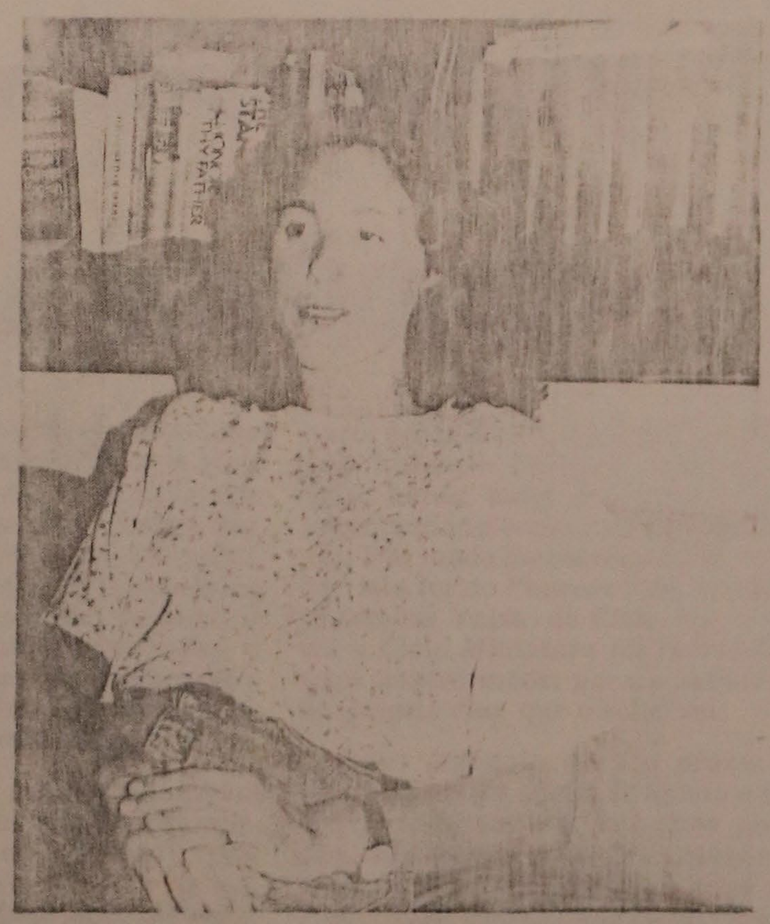
Joel Yamaji prepara filme sobre cinema, com sorocabano

"O Espectador que o Cinema Esqueceu" é o nome do filme que está sendo rodado em Sorocaba, tendo como personagem central o ferroviário aposentado Waldemar Iglésias Fernandes. O filme é dirigido por Joel Yamaji, que já rodou, aqui, o "Cafundó", em 1986.

Sorocaba espera pelas intérpretes de Nilson Lombardi

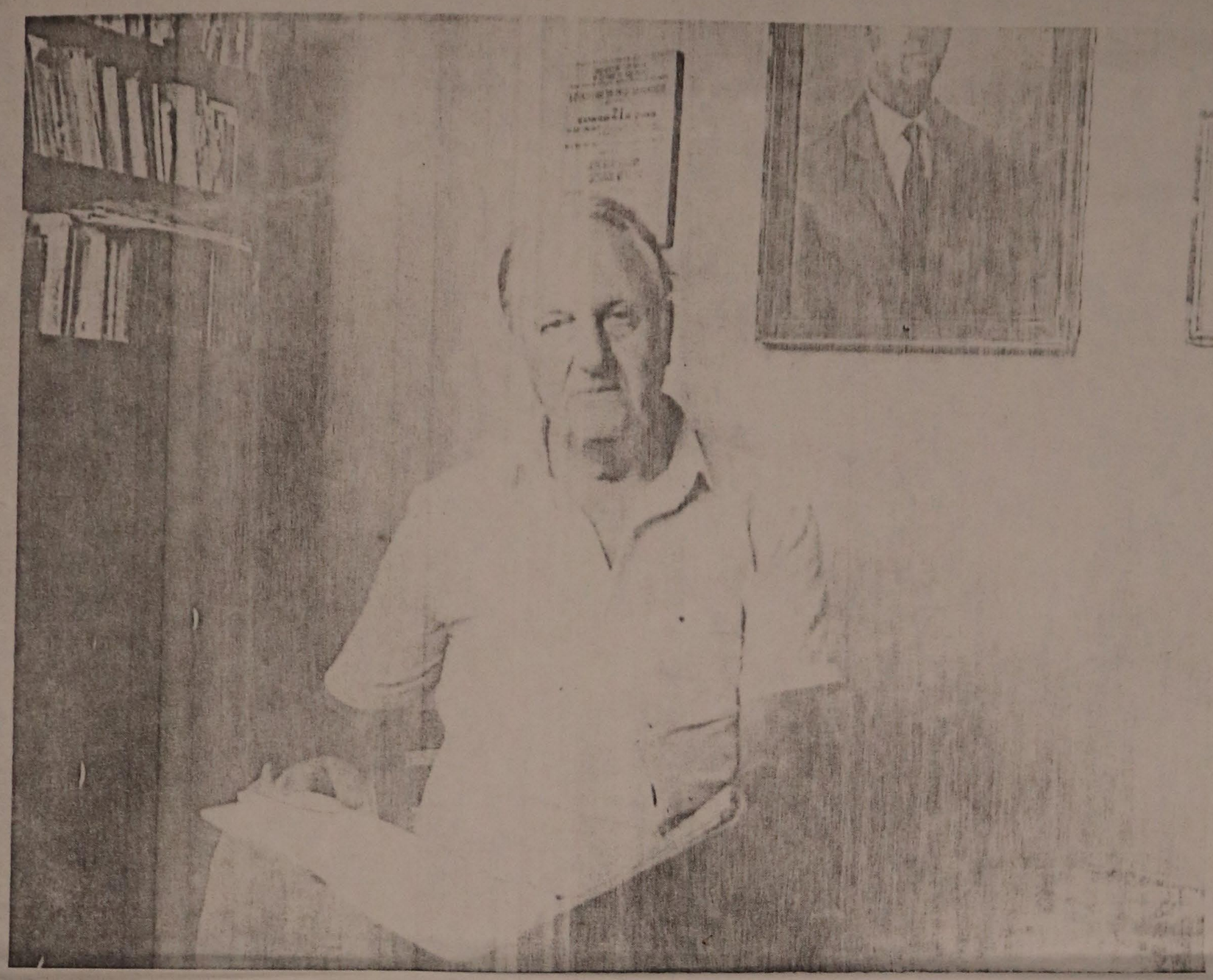


As pianistas Sylvia Maltese Moyses e Clélia Ognibene devem estar em Sorocaba em setembro. Essa dupla tem se destacada na interpretação das obras do compositor e pianista sorocabano Nilson Lombardi, com composições executadas a quatro mãos.



Lauren fará mostra

A fotógrafa Lauren Del Santoro que trabalhou profissionalmente nos Estados Unidos, prepara para o próximo dia 10, na Galeria de Arte do Ipanema, a sua primeira exposição de fotografias, em Sorocaba. São fotos em preto e branco e colorizadas.



O talento do pianista e compositor sorocabano Nilson Lombardi, membro do Centro de Música Brasileira, tem sido reconhecido e prestigiado pelas mãos das pianististas Sylvia Maltese Moyses e Clélia Ognibene, que apresentaram-se no último final de semana no Círculo Militar de São Paulo. As pianistas já estiveram, há cerca de dois anos em Sorocaba, pela Associação de Eventos Culturais (Assec) e deverão voltar em setembro, quando certamente será a oportunidade para se conhecer o trabalho desse artista que é "nosso" - Nilson Lombardi - valorizado pelo "piano a quatro mãos de Sylvia e Clélia.

Sorocaba aguarda o momento para ouvir Nilson Lombardi

Valério Gozzano e Maria Helena Gozzano

Seria difícil ignorar a importância e mesmo o prestígio de Nilson Lombardi, o compositor. Presentemente é ele professor em vários níveis, de várias instituições, e já prepara seu doutoramento na USP. É secretário do dinâmico Centro de Música Brasileira, cujos presidente e vice-presidente são o casal Osvaldo Lacerda, também compositor, e célebre, e a afamada pianista Eudóxia de Barros. Não se poderia enumerar todas as conquistas e premiações obtidas por Nilson nesse campo de trabalho, mas vale ressaltar fatos que se referem exclusivamente a seu talento como criador. Pode-se dizer que Nilson iniciou um tanto tardiamente sua carreira, impulsionado por uma necessidade indisfarçável de expressão musical, de manifestação de um talento inato. Embora acompanhado longamente por Camargo Guarnieri, não foi absorvido pela força criativa deste gênio musical. As técnicas, aprendeu-as, da harmonia ao contraponto, os jogos rítmicos. À inspiração, nacionalista, não se furtou. Mas os resultados são bem diversos. O que parece mais nítido na produção de Nilson Lombardi é a economia prodigiosa da tessitura. Há uma diferença surpreendente entre a partitura e sua audição: esta sugere uma composição muito mais densa (desnecessariamente, pois) do que a que se lê. Este segredo foi partilhado por alguns compositores, entre os quais se configura um caso extremo (entre os mais afamados) o de Joaquín Turina. Sempre semelha muito fácil ler Turina, mas executá-lo bem é um desafio.

Assim o Ciclo Miniatura (amplamente difundido e gravado por Atílio Mastrogiovanni e Fábio Luz, pelo menos), pouco pontilha o papel, mas revela-se inesperadamente difícil interpretá-lo. Esta opção estrutural é custosa, pois a tentação dos brilhos e fogos fátuos é quase irresistível. No entanto, se bem realizada (como no caso de Lombardi), tem como efeito insuspeitado uma satisfação completa em sua moderação. Observou-se isto no último evento de que Nilson Lombardi participou: um concerto no Círculo Militar de São Paulo, de piano a quatro mãos. As executantes, já conhecidas e aplaudidíssimas pelos sorocabanos, após um recital promovido pela Assec, há cerca de dois anos, foram perfeitas. Sylvia Maltese Moyses e Clélia Ognibene, que poderiam tranquilamente ser concertistas-solo, preferem redescobrir a música erudita brasileira do século passado, e prestigiar os compositores brasileiros atuais, sempre em composições a quatro mãos. É um trabalho penoso o da busca, reconstituição e interpretação de peças virtualmente perdidas.

A escolha sob este aspecto é também quase heróica: estudar laboriosamente partituras que, em si, só são completas quando executadas a quatro mãos, exige uma disposição férrea.

Ora, quem ouviu as preleções de Sylvia, antecedendo os compositores apresentados, não as esqueceu. Pode-se até refletir que mesmo sem as interpretações cativantes do duo, elas constituíram aulas agradabilíssimas. São suscintas, saborosas, precisas. No entanto, as execuções não são menos que magistrais. Após uma primeira parte de compositores do passado, na qual aparece extraordinária a figura de Alexandre Levy, segue-se a apresentação dos contemporâneos. Numa platéia requintada, de talentos como Lacerda e Eudóxia a Oswaldo Franconi, a aclamação a Nilson Lombardi é distinta. Ninguém desiludiu-se pela ausência de celebridades musicais: antes, todos comovem-se pela autenticidade e eficácia das Miniaturas. Um modo inequívoco de se verificar isto foi no "encore" do recital, a já famosa Valsa, do Ciclo. Na verdade, o Ciclo Miniatura foi recomposto para quatro mãos, para a satisfação do próprio duo, que o solicitou.

Como Sorocaba terá o prazer incomparável de apreciar Sylvia e Clélia, novamente em setembro próximo, certamente se ouvirá Lombardi - seja por programa, seja por "encore" - pois elas empenhadamente prestigiam nosso compositor. E é gratificante vê-lo aclamado, é quase surpreendente sabê-lo daqui, sorocabano. É necessário reconhecer-se que o elenco de compositores brasileiros esteve e está esplendidamente declarado, provavelmente dotado de virtudes muitíssimo acima das expectativas do apreciador menos informado. Esta restauração faz-se tão salutar: aqui se tem extraordinários compositores, intérpretes eficacíssimos. E, entre os primeiros, um sorocabano de berço e salão; entre os segundos, duas adoções por afeição e admiração espontânea.

A Sinfonia de Alexandre Levy

Arnaldo José Senise

Em 1893, realizou-se a Exposição Internacional Colombina, em Chicago, para celebrar os 400 anos da descoberta da América. A representação do Brasil no evento compreendia um departamento de música, que esteve chefiado por ninguém menos que Carlos Gomes. Quando partiu do Rio de Janeiro para Chicago, o autor de "O Guarani" levou na sua bagagem obras orquestrais de compositores patrícios, com o fim de apresentá-las em concerto, durante a Exposição. Entre essas obras estava a única *Sinfonia* composta por um jovem músico dos mais promissores, que então há pouco deixara este mundo: o paulista Alexandre Levy.

O fulgor do seu talento havia ganho as alturas com a rapidez de um tiro de rojão, impulsionado por uma precocidade genial. Tivera, porém, a duração ofuscante de um fogo de artifício, desses que se contemplam como que no pasmo de uma interminável respiração suspensa... Assim a gente culta do País, que o admirava maravilhada, fora abatida pelo seu imprevisto desenlace.

Tudo indica que aquele planejado concerto não se realizou, uma vez que Carlos Gomes desentendeu-se com os delegados representantes do Brasil. Entretanto, uma Comissão Mundial, especialmente nomeada para as celebrações, tendo examinado a *Sinfonia* de Alexandre, houve por bem premiar essa música "pelo seu mérito específico".

A obra adquiriu, desse modo, uma relevância singular na produção artística brasileira, máxime tendo-se em conta que Levy começou a compô-la com 22 anos, há exatamente um século, terminando-a 3 anos depois.

Apresentada em manuscrito ao Júri da Comissão Colombiana Mundial, foi ainda através de alguns pouquíssimos manuscritos de copistas que a partitura da *Sinfonia* chegou até nós. O original autógrafo de Alexandre não se encontrou até este momento.

É comum, em casos dessa natureza, que tais cópias contenham incorreções, discrepâncias e obscuridades que dificultam e chegam a tornar impossível a execução adequada dessas peças. A partitura da *Sinfonia* de Levy não foge à regra, mormente pelo fato de ter sido divulgada sem a revisão do autor. Não obstante, ela chegou a ser executada no Brasil, em 1942, dirigida por Souza Lima, e em 1959, por Roberto Schnorrenberg, com as enormes difilculdades e incertezas que se pode facilmente imaginar.

Uma das raras cópias da partitura foi conservada no Arquivo do Estado *(Ordem 6.120)* da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo. A importância de que se reveste o documento animou os administradores do Arquivo e musicólogos pesquisadores para uma união de esforços, no sentido de providenciar-se a publicação, em *fac-simile*, do exemplar manuscrito que ali se encontra. Para tanto, um trabalho de confronto musical entre as fontes disponíveis foi encetado, a fim de depurar-se a reprodução do documento dos inevitáveis enganos dos copistas e de restabelecer-se, na medida do possível, as intenções do autor. Cuidou-se também de melhorar o aspecto gráfico e a clareza da reprodução, através de tratamento visual e de retoques na escrita do copista, de resto sobremodo deficiente.

O árduo e dispendioso empreendimento tornou-se possível mediante convênio de co-edição entre a Sociedade Brasileira de Musicologia, a Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo (pelo Arquivo do Estado),a IMESP — Imprensa Oficial do Estado S.A., o Ministério da Cultura (pelo Instituto Nacional de Música da FUNARTE), e a FIEO — Fundação Instituto de Ensino para Osasco. Os trabalhos de confronto, correção, tratamento visual e retoques foram suportados por contribuições decisivas de D. Cecília Levy Murtinho de Souza, filha de Luiz Levy e sobrinha do compositor, e da Xerox do Brasil S.A.

A Coordenadoria da Edição, bem como as tarefas de confronto musical, correção e retoques estiveram sob a responsabilidade de quem estas linhas escreve, auxiliado por uma copista-restauradora, ambos trabalhando sob a orientação e supervisão da Maestrina Cleofe Person de Mattos, então Presidenta da Sociedade Brasileira de Musicologia.

Após 21 meses de atividade, enfrentado não poucas dificuldades de toda ordem, que não se poderiam prever, a edição acaba de vir à luz, em volume de 227 páginas, das quais 192 abrigam o texo musical.

Contribuindo para a divulgação desse evento e da belíssima peça de Levy, — cujos exemplares a IMESP e a Sociedade Brasileira de Musicologia mantêm à venda —, o *D.O. Leitura* reproduz, na íntegra, o texto especialmente por nós preparado, para servir de notícia sobre o compositor, acompanhando a obra impressa.

•

Alexandre Levy nasceu em São Paulo em 1864. Sua mãe era suíça e seu pai alsaciano, estabelecido na Capital, desde 1860, com uma loja de música e instrumentos, a Casa Levy. Ainda bem novo, iniciou a prática do piano, guiado pelo irmão, Luiz Levy (1861-1935), também pianista e invulgar compositor, com quem Alexandre, mais crescido, faria ouvir-se, freqüentemente, em duos memoráveis. Aos 7 anos passou a tomar lições do instrumento com Luiz Maurice, de origem russa. Demonstrava tão extraordinários dons, uma "concentração tão rara (...) em idade como a dele, e a exatidão", no que tocava, que não demoraria a ser visto, e, justamente, como "o nosso Mozart"[1]. Prosseguiu estudos musicais com Gabriel Giraudon até os 12 anos. Pesquisou e se informou sozinho, daí até os 18, quando foi buscar luzes, em Harmonia e Composição, com Georg von Madeweiss e, a seguir, com Gustav Wertheimer, todos imigrantes residentes na cidade. A tarefa destes bem cedo se esgotaria, em face das qualidades que avultavam no moço. Instado a cultivar-se e a desenvolver-se na Europa, viajou em maio de 1887. Não se conhece, ao certo, que determinações teriam sua família e ele próprio, quanto às metas e alcance dessa estadia — eis que parte de volta em novembro do mesmo ano. Em Paris, Jules Massenet o confiou à orientação de seu aluno Vicenzo Ferroni, posteriormente mestre também de Francisco Mignone (1897-1986). Tendo o preceptor retornado à sua pátria para suceder a Amilcare Ponchielli no Conservatório de Milão, passa Alexandre a tomar aulas com o prestigioso Émile Durand, cujas expressões de apreço e entusiasmo encorajam-no sobremaneira. De fato, aquele que levara na bagagem, entre produções irretorquíveis, o seu "Romance Sans Paroles" Op. 4 n.º 1 — composto aos 18 anos — esse alguém provara, há muito, não apenas ser artesão habilíssimo nos lavores de Harmonia e Polifonia, mas, acima de tudo, uma inspiração inconfundível de músico virtualmente liberto. Carlos Gomes (1836-1896), amigo extremoso, admirador e incentivador do rapaz, embeveceu-se com a peça. Não causa estranheza, é antes ilustrativo, entretanto, que o autor de "Lo Schiavo" condene uma falsa-relação, em cadência terminativa de certa frase, com a qual Levy sublinha os traços algo mortificantes, que marcam a polifonia desse "Romance"[2]. Gomes, cantor de harmonias cuidadas, porém livres para o pitoresco, não verbera, aliás, contra um bizarro choque de quintas praticamente "nuas", nem contra outras durezas que um purista não admitiria com facilidade num estreante.

Tendo acumulado considerável número de peças para piano solo e em duo, várias delas então editadas na Europa; tendo escrito um quarteto de cordas (1885), um trio com piano (Op. 10, 1887) e um Andante para quinteto de cordas (Paris, 1887), Alexandre manifestaria, após o retorno da França, um pendor quase exclusivo para a música orquestral, território em que parecia mais comprazer-se. Esta Sinfonia, que iniciara antes da viagem, terá sido marcha decisiva nesse sentido. Parte do que escreveu para orquestra jaz ainda por ser localizada; conhecem-se, entretanto, além desta partitura, as duas obras-mestras, compostas em 1889: "Comala", poema sinfônico da sua predileção, e a Suíte Brasileira (em 4 partes, das quais a segunda não se encontrou até o momento).

A morte o colheu, na cidade natal, em 1892, com pouco mais de 27 anos, vítima de um colapso imprevisto e fulminante.

Cumpre notar que ele encarnou, com o irmão Luiz, importantíssimo papel de animador musical, fundando e dirigindo, de 1883 a 1887, o Club Haydn. Foi também regente e crítico de música.

Alexandre Levy teve a sua carreira interrompida na hora precisa em que alçava o seu vôo mais galhardo, movendo-se com crescente autonomia de criação. Tal autonomia, queremos vê-la nessa conduta que o mergulhou, decidido, num poetar de acento nativo, prefigurando-se um "assimilador, intérprete e apóstolo" da nossa alma popular[3]. A serviço desta coloca, desde logo, a força do aparato sinfônico: o Quarto Movimento da Suíte Brasileira é um Samba. Manifestação inequívoca de consistência e vigor dessa nova poesia sua é, no entanto, o rico despojamento com que concebera, pela mesma época da Suíte, o Tango Brasileiro (piano), "jóia finíssima"[3], que se inicia com esfuziante maxixe.

Alguma parcela de sua obra anterior ao Tango e ao Samba constituíra a concretização de um esforço de assenhoreamento e adestramento no exercer da língua musical que o Ocidente levara 1.500 anos a desenvolver e renovar. Sorvendo e absorvendo as suas lições diretamente nos textos de obras-primas dos mestres europeus. Alexandre incide, às vezes, em nítido paralelismo de sentimentalidade acerca deles. Com efeito, não vemos de que maneira outra pudesse melhor capacitar-se, vivendo aqui, onde a cultura, ora como antanho, está ainda por fazer tradição. Nada a estranhar, pois. Levy, autodidata, imita, e o faz com uma arte de escol e criativo encanto. Não o esconde. De resto, orgulha-se:

"Schumanniana", "Rêverie", "À La Hongroise", "Andante Romantique" (desta Sinfonial) etc. Entendam os que puderem: essa legítima, subida vassalagem, só estão aptos a rendê-la os espíritos cuja liberdade se comprou no macerar-se de certa escravidão, no manso e perscrutador apurar-se, guiados pela devoção das suas consciências de adeptos. Tinha-a virtualmente adquirida aquele que estreara com a coloratura substanciosa do Impromptu-Caprice Op. 1 (piano, 1882), e cujas conquistas seguintes o levariam tão longe, que Carlos Gomes quase temeria pelo que, assumindo ares estranhos, já lhe queria parecer um resvalo em algo que era pouco menos que uma escalada de Ícaro: a audácia da Valsa-Capricho Op. 5 (piano, 1882)[2]. Há mais, porém: as duas Mazurcas Op. 6 N.º 1 e N.º 2 (piano, 1882), "Recuerdos" (piano, 1882), "Doute" Op. 13 N.º 3 (piano, 1882), a Tarantella Op. 8 (piano a 4 mãos, 1882), a ousadia do "Scherzo-Valse" Op. 9 (piano a 4 mãos, 1885), chegando a supremos requintes nas Variações Sobre Um Tema Popular Brasileiro (piano, 1887), em cujo N.º 10 não será exagerado ouvir ecos de seresta... Acurada análise da escrita de Bach, é provável lhe ensejasse certa concepção polifônica da harmonia, resultando no muito que faz de curioso, como era também, mas por outras razões, o raciocinar de Domenico Scarlatti. As raízes beethovenianas do seu segundo trio com piano (Op. 18, 1889), do qual só se conhece o Finale,

1937, A NOTÍCIA:

O ESP
06.5.1987

HOJE, ás 20.30 horas

INAUGURAÇÃO OFFICIAL

PROGRAMMA

1 — Francisco Manuel da Silva — Hymno Nacional Brasileiro. — Alumnas do Externato "Ophelia Fonseca";
2 — Discurso do exmo. sr. dr. SYLVIO PORTUGAL, dignissimo secretario da Justiça e do Interior, do governo de São Paulo;
3 — Discurso do sr. JOSE' PIRES OLIVEIRA DIAS, presidente da Sociedade Bandeirante de Radio Diffusão;
4 — W. A. Mozart — "Cosi fan tutte" — Ouverture — Orchestra — Regente Maestro Miguel Izzo;
5 — Olavo Bilac — "O Caçador de Esmeraldas" — Epopéa sertanista do XVII seculo. — Dr. Mario de Carvalho Araujo. — Commentario musical ao piano: Maestro Marcello Tupynambá;
6 — Johannes Brahms — Segunda Rhapsodia — Solo de piano. — Sta. Conceição Ferraz;
7 — W. A. Mozart — Aria da opera "A flauta Magica" — Sta. Carmen Sibillo;
8 — Fritz Kreisler — "Tamborzinho Chinez" — Solo de violino — Sta. Althéa Alimonda;
9 — Barroso Netto — "Ideal" — Conjunto de cordas;
10 — Domenico Scarlatti — "Sonata em dó maior" — Srta. Virginia Leone;
11 — Chopin — Ernesto Maricha — canto, piano e orchestra. — Soprano Lily Kietz; piano, Gilda Gusso;
12 — Roberto Schumann — Os dois granadeiros" — Baixo Mario Graccho;
13 — Alexandre Levy — Variações sobre um thema — Arranjo orchestral e regencia do maestro Léo Peracchi;
14 — Verdi-Liszt — "Rigoletto" — sólo de piano — Sr. Ruy Cartolano;
15 — W. A. Mozart — "Voi che sapete" — Tenor João Cibella;
16 — Francisco Murino — "Cantiga Praiana" — Soprano srta. Annita Rezende;
17 — Mendelssohn — "Ah' Se un sol accento" — duetto — Stas. Lily Kietz, soprano; Ruth Lameira, contralto,
18 — Jean Lenoir — "Attenda" — Soprano srta. Heléne Hersay;
19 — Marcello Tupynambá — "Sacy Pererá" — Quartetto de vozes mixtas;
20 — Hekel Tavares — Amendoin Torrado — Sta. Marilan;
21 — Charlo — "Rencor" — Tango — Sr. Roberto Diaz
22 — Marcello Tupynambá — Negrinho do Pastoreio — Quartetto de vózes masculinas;
23 — Kaper-Jurmann — "São Francisco" — Fox — Irman Vidal e "jazz" sob a direcção de José Brunetti;
24 — Concepções pianisticas — Ted Williams.
25 — Donaldson-Adamson — "You" — Fox — "Jazz" d PRH-9;
26 — Encerramento — Sr. Jorge Gomes Guimarães, director superintendente.

A DIRECTORIA DA SOCIEDADE BANDEIRANTE DE RADIO DIFFUSÃO, entrega hoje ao culto publico radio-ouvinte do Brasil — a PRH-9 — que plasmará a sua organisação pelos rigidos principios de disciplina que fazia das BANDEIRAS, uma força irresistivel. E, como as BANDEIRAS de nossos maiores, em novos desbravamentos e arremetidas, a BANDEIRANTE DOS ARES, diffundirá a palavra de ordem dos que só pensam e desejam a felicidade do Brasil.

São Paulo, 6 de Maio de 1937.

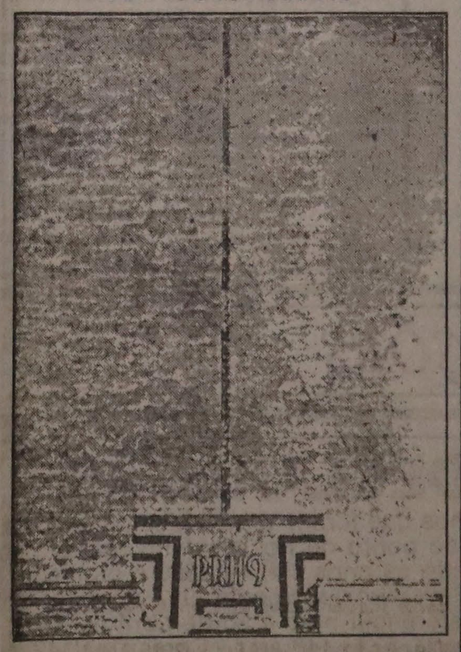
JOSE' PIRES OLIVEIRA DIAS — Presidente
JORGE GOMES GUIMARÃES — Superintendente
DR. RAUL FREIRE DE MATTOS BARRETO — Secretario
OCTAVIO FERRAZ DE CAMARGO JR. — Thesoureiro
ANTONIO CARDOSO TERRA NETO — Technico.

Frequencia de **840** kilocyclos
Potencia effectiva de **5.000** watts na antenna
Torre radiadora de **1/4** de onda com **80** metros de altura
Systema de terra com **20.240** metros quadrados

SOCIEDADE BANDEIRANTE DE RADIO DIFFUSÃO
PRH 9

ESCRIPTORIOS E ESTUDIOS: RUA SÃO BENTO, 365, 2.° ANDAR
CAIXA POSTAL, 4181
PHONES: 3-3154 e 3-3155
(Rêde interna).

ESTAÇÃO TRANSMISSORA: — VILLA VERA — ESTRADA DO MAR, Km. 8
SÃO PAULO — BRASIL



6 de maio RÁDIO BANDEIRANTES

1987, SEMPRE NOTÍCIA.

preferenciais, sem distinção de classes para estas.

2. Proposta dos órgãos da administração para o agrupamento de ações na proporção de 1.000:1, na forma da instrução CVM 56/86 e tratamento a ser dado às frações de ações que resultarem do desdobramento.
3. Alterações estatutárias decorrentes da aprovação das matérias constantes dos itens acima.

São Paulo, 01 de maio de 1987

Sergio Alberto Monteiro de Carvalho
Presidente do Conselho de Administração

CESP Companhia Energética de São Paulo

Companhia Aberta
C.G.C. 60.933.603/0001-78

Assembléia Geral Extraordinária
Convocação

Ficam os Senhores Acionistas convocados para se reunirem em Assembléia Geral Extraordinária desta Empresa, a realizar-se no dia 15 de maio de 1987, às 15:30 horas, na sede social, sita à Avenida Paulista, 2086 - Auditório, nesta Capital, a fim de deliberarem sobre a seguinte Ordem do Dia:

a) autorização para aumento do capital social de Cz$ 25.795.055.347,50 (vinte e cinco bilhões, setecentos e noventa e cinco milhões, cinquenta e cinco mil, trezentos e quarenta e sete cruzados e cinquenta centavos) para Cz$ 27.174.322.500,00 (vinte e sete bilhões, cento e setenta e quatro milhões, trezentos e vinte e dois mil, quinhentos cruzados), mediante subscrição particular e aproveitamento de créditos contra a Sociedade, na forma do parágrafo único do artigo 8.º do Estatuto Social;

b) verificação e homologação do aumento de capital por subscrição particular a que se refere o item supra;

c) desdobramento das ações componentes do Capital Social de acordo com o art. 12 da Lei 6404/76 na proporção de 25 ações para cada ação possuída;

d) alteração do "caput" do artigo 4.º do Estatuto Social;

e) grupamento de ações determinado pela Instrução CVM n.º 56, de 1.º de dezembro de 1986, na proporção de 1.000 ações para cada ação após o grupamento e a alteração do "caput" do artigo 4.º do Estatuto Social, a vigorar a partir de 1.º de junho de 1987;

f) outros assuntos de interesse social.

São Paulo, 24 de abril de 1987

João Oswaldo Leiva
Presidente do Conselho de Administração

AÇÃO UMA EMPRESA COM AÇÕES EM PODER DO PÚBLICO

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Distrito Federal.

Os Editais encontram-se à disposição dos interessados no Departamento Administrativo.

Brasília, 04 de maio de 1987

ELIMARA PEDERNEIRAS
PRESIDENTE DA COMISSÃO DE LICITAÇÃO

GOVERNO JOSÉ APARECIDO
Brasília. Capital de todos.

SHARP

SHARP S.A.

EQUIPAMENTOS ELETRÔNICOS
COMPANHIA ABERTA
C.G.C. nº 62.607.502/0001-32
AVISO AOS ACIONISTAS
FATO RELEVANTE

abrasca — AÇÃO UMA EMPRESA COM AÇÕES EM PODER DO PÚBLICO

Comunicamos aos senhores acionistas que a Assembléia Geral Extraordinária realizada em 30.04.87 aprovou as seguintes medidas:

1 - Grupamento de Ações

De acordo com a Instrução CVM nº 056/86, a Companhia fará o grupamento de suas ações, à razão de 1000 (Mil) ações atuais para 01 (uma) ação do capital após o grupamento, a vigorar a partir de 01.06.87.

A Companhia foi autorizada a adquirir as frações inferiores a 1000 (Mil) ações por preço compatível com o mercado, no período de 01.06.87 a 31.05.88, que serão mantidas em tesouraria para futura alienação.

A substituição dos certificados de ações atualmente em uso pela Sociedade, por aqueles padronizados segundo o Regulamento Anexo à mencionada Instrução CVM nº 056/86, deverá ser levada a efeito oportunamente, mediante aviso aos acionistas publicado pela imprensa com antecedência mínima de 10 dias do seu início.

2 — Reavaliação de Bens

A Diretoria Executiva da Sociedade ficou autorizada a proceder à reavaliação de bens de seu Ativo Permanente, de que trata o artigo 326 do Regulamento do Imposto de Renda, tendo sido nomeada para proceder à mencionada Reavaliação a Empresa SETAPE — Serviços Técnicos de Avaliações do Patrimônio e Engenharia S.C. Ltda., a qual irá elaborar o respectivo laudo, que será submetido à aprovação da Assembléia Geral.

São Paulo, 4 de maio de 1987.

Luiz César Ambrogi Gonçalves
Diretor de Relações com o Mercado

Presença: Quorum Legal
Mesa: José Ribeiro Tristão — Presidente; Ricardo Giestas Tristão — Secretário.

Deliberações:

1 – Definida na forma do Instrumento Particular da Escritura da 3.ª Emissão de Debêntures Conversíveis em ações ordinárias e preferenciais classe "A" e "B" e "C", item 1.11, a não fixação da taxa de juros para o próximo período de incidência (01/06/87 a 01/06/88), ou seja, a taxa de juros zero.

2 – Desconsiderar qualquer possibilidade de pagamento de prêmio. Junta Comercial do Estado do Espírito Santo. Certidão: Certifico que este documento foi arquivado sob o n.º 89.392, em 14/04/87. Maria das Graças Gomes de Oliveira — Secretária Geral.

Empresa Brasileira de Infra-Estrutura Aeroportuária
VINCULADA AO MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA
INFRAERO

AVISO DE LICITAÇÃO
CONCORRÊNCIA Nº 010/DA-CL/SBEG/87

A Empresa Brasileira de Infra-Estrutura Aeroportuária – INFRAERO, torna público que realizará Concorrência Pública para ARRENDAMENTO DE ÁREA COM 13.920 m² (TREZE MIL NOVECENTOS E VINTE METROS QUADRADOS) PARA CONSTRUÇÃO, IMPLANTAÇÃO E EXPLORAÇÃO COMERCIAL DE UM ESTABELECIMENTO HOTELEIRO, LOCALIZADO NO AEROPORTO INTERNACIONAL EDUARDO GOMES EM MANAUS-(AM).

As propostas e a Documentação serão recebidas às 09:00 horas do dia 20 de maio de 1987, na sala de reuniões da Comissão de Licitação, localizada na Superintendência do Aeroporto Internacional Eduardo Gomes, em Manaus-(AM).

As firmas interessadas na Concorrência poderão adquirir exemplares do Edital ao preço unitário de Cz$ 2.000,00 - (dois mil cruzados), no endereço acima, ou na Superintendência Regional de São Paulo, localizada na Avenida Santos Dumont, 1979 - Aeroporto Campo de Marte - Santana, em São Paulo (SP), ou na Superintendência Regional do Rio de Janeiro, localizada no Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro (Galeão – Edifício U.A.C - 5º andar sala 547 - Ilha do Governador), no Rio de Janeiro-(RJ), ou no Setor Comercial Sul, Edifício Chams 3º andar, em Brasília-(DF).

A COMISSÃO DE LICITAÇÃO

Ministério da Agricultura **cfp**
companhia de financiamento da produção

CONVOCAÇÃO CFP Nº 034/87

AVISO

1. OBJETO
Aquisição de equipamentos de processamento de dados em proveito da Companhia de Financiamento da Produção- CFP.

2. CADASTRAMENTO
As empresas interessadas deverão cadastrar-se junto à CFP até às 11:30 horas do dia 18 de maio de 1.987.

3. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS
Das 15:00 às 15:30 horas do dia 18 de maio de 1987, a Comissão de Seleção receberá as propostas das firmas interessadas.

4. ABERTURA DAS PROPOSTAS
A partir das 15:30 horas do dia 18 de maio de 1987 a Comissão de Seleção procederá a abertura das propostas das firmas habilitadas.

5. LOCAL
Auditório do edifício-sede da CFP, no SEPN - Q. 514 - Bl. B - Lote 7 - Brasília - DF.

6. EDITAL
À disposição dos interessados, no endereço acima, na Divisão de Suprimento e Patrimônio - DISUP, andar térreo, sala T-02.

Brasília, 05 de maio de 1987
A COMISSÃO DE SELEÇÃO

---

c.3 — Estabelecer que [illegible] 01/06/87 sejam computadas com base nas quantidades de ações já grupadas;

c.4 — Tal critério prevalecerá também para as ações **ao portador**. Todavia, apesar das ações estarem grupadas, para todos os efeitos legais, os certificados delas apresentarão quantidades de ações do capital antes do grupamento enquanto não substituídas pelo novo modelo padrão. Assim, os certificados atualmente em uso continuarão a ser válidos para a liquidação física dos negócios realizados em Bolsas de Valores ou Balcão, onde serão consideradas as quantidades impressas nos certificados, sempre divididas por 1.000 (mil), desprezando-se as eventuais frações que ficam para o comprador que receber aqueles certificados na liquidação final;

c.5 — As frações de 1.000 (mil) ações da sociedade serão postas à venda em Bolsa de Valores no período de 10/06 a 16/06/1987, em princípio, eis que a Bolsa poderá vir a determinar outra data;

c.6 — O valor apurado nessa venda será rateado proporcionalmente aos acionistas detentores de frações de 1.000 (mil) ações, sendo que o pagamento será realizado após o dia 20/06/1987;

c.7 — O valor apurado será pago aos acionistas nominativos nas próprias agências do Banco Itaú e aos acionistas escriturais na própria Agência ou de acordo com a opção de recebimento de benefícios registrada no cadastro dos acionistas (pagamento mediante crédito em conta ou através de cheque remetido pelos Correios);

c.8 — Os acionistas ao portador, com frações de 1.000 (mil) ações, receberão os mesmos valores apurados na venda em Bolsa de Valores e serão pagos nas agências do Banco Itaú onde se apresentarem, observados os critérios abaixo:

1) Os titulares de frações de 1.000 (mil) receberão o valor delas e devolverão a(s) cautela(s) para posterior inutilização;

2) Os titulares possuidores de mais de 1.000 (mil) ações mas com fração de mil, serão indenizados das frações e terão as cautelas substituídas, ainda pelo modelo atual, eis que os novos Certificados somente serão implantados a partir de setembro de 1987.

Por consenso, os Srs. Acionistas aprovaram a medida de a própria sociedade adquirir as frações de ações colocadas à venda em Bolsa, a preço de mercado, para permanência em Tesouraria, caso inexistam licitantes.

Os acionistas também aprovaram a mesma medida, ou seja, aquisição pela Tesouraria da Sociedade, mas a débito de lucros e reservas, com o simultâneo cancelamento das frações, das sobras do capital social não múltiplas de 1.000 (mil), conforme especificação abaixo:

Ordinárias	–	521
Preferenciais "A"	–	953
Preferenciais "B"	–	690

No tocante às frações das ações preferenciais "C", que possuem valor nominal, a fração de 897 será adquirida pela sociedade a débito de lucro e reservas, com a simultânea redução do valor do capital por cancelamento da fração. O montante da redução será equivalente ao produto da fração — 897 — pelo seu valor nominal Cz$ 1,842083 ou seja: Cz$ 1.652,36 (hum mil seiscentos e cinqüenta e dois cruzados e trinta e cinco centavos).

D) Aprovar a retificação do capital autorizado da sociedade para Cz$ 323.964.633,76 (trezentos e vinte e três milhões, novecentos e sessenta e quatro mil, seiscentos e trinta e três cruzados e setenta e seis centavos) tendo em vista que na AGO/AGE de 31/10/1986 ele figurou erradamente pela não computação do valor da correção monetária de Cz$ 195.967.813,60, cujo índice foi aplicado aos demais valores do ativo e ainda que tal retificação seja considerada a contar de a data daquela Assembléia.

E) Aprovada a seguinte redação para o art.º 3.º dos Estatutos Sociais, a partir de 1.º de junho de 1987.

Artigo 3.º — O Capital Social autorizado é fixado em:

a) Cz$ 323.964.633,76 (trezentos e vinte e três milhões, novecentos e sessenta e quatro mil, seiscentos e trinta e três cruzados e setenta e seis centavos) dividido em 1.000.000 (hum milhão) de ações, sendo 500.000 (quinhentas mil) de ações ordinárias; 420.000 (quatrocentas e vinte mil) de ações preferenciais classe "A" e 80.000 (oitenta mil) de ações preferenciais classe "B", SEM VALOR NOMINAL.

b) 15.690 (quinze mil seiscentas e noventa) ações preferenciais classe "C", com valor nominal de Cz$ 1.842,083 (hum mil oitocentos e quarenta e dois cruzados e oitenta e três milésimos de centavos).

c) Capital Social Integralizado:

Ordinárias	56.051	100.356.005,20
Preferenciais Classe "A"	46.056	82.449.480,97
Preferenciais Classe "B"	7.543	13.444.056,20
Preferenciais Classe "C"	4.897	9.020.678,16
	114.547	205.270.222,52

F) Divulgação de Aviso específico aos Acionistas de modo a inteirá-los suficientemente das alterações introduzidas pela Instrução CVM nº 56, de 1º/12/1986 e do modo pelo qual eles se poderão compor no mercado, seja por venda ou compra de ação.

G) Delegar à Diretoria poderes para estabelecer a padronização dos certificados mediante acerto de detalhes com o próprio Banco Itaú S.A.

Junta Comercial do Estado do Espírito Santo. Certidão: Certifico que este documento foi arquivado sob o nº 89.510 em: 23/04/87. Maria das Gracas Gomes de Oliveira – Secretária Geral.

DECLARAÇÕES

DECLARAÇÃO

Fujielétrica Ind. Eletromecânica Ltda, CGC 43.606.060/0001-65 e Inscr. Estadual 108.943.658, com endereço na Rua Nova Jerusalém nº 245, SP - Capital, declara para os devidos fins e para todos efeitos legais que foi extraviado todos os documentos contábeis referentes ao período de 01 à 31 de janeiro de 1986.

Leia e Assine O ESTADO DE SÃO PAULO

Declaração à Praça

DIGIRREDE INFORMÁTICA LTDA., estabelecida à Rua Antonio Carlos, 220 - Capital - S.P., com CGC 53.877.726/0004-16 e Inscrição Estadual nº 110.579.173, declara que foram extraviados 2 jogos de Notas Fiscais a saber: Série E-1, nº 3756 e Série B-1, nº 4857.

DECLARAÇÃO

Declaramos que foram extraviados os Livros e os Cartões de ponto de nossos funcionários, compreendendo os anos 1984 a 1986 e os meses de Janeiro/Fevereiro e Março de 1987, por ocasião da sua transferência no dia 30 de abril de 1987, da Rua Hungria, 574 - 14º and. - Conjs. 141/142, para arquivo do Departamento Pessoal existente na Av. Brig. Faria Lima, 888 - 5º andar.

Gratifica-se a quem localizar, contatando com a Srta. Sueli, pelo tel.: 814-5209.

São Paulo, 04 de maio de 1987

Coopers & Lybrand Auditores Independentes.
Av. Brig. Faria Lima, 888 - 5º andar-São Paulo - SP.

Orquestra Sinfônica de Campinas

Amanhã e domingo, a partir das 20 horas, no Centro de Convivência, em Campinas, haverá programação musical da Orquestra Sinfônica Municipal daquela cidade, conduzida pelo seu regente titular, maestro Benito Juarez.

Segundo os organizadores, "chama atenção o ecletismo e riqueza do repertório nos estilos barroco, romântico e moderno, ou seja: Prelúdio e Fuga do 2º Volume do Cravo Bem Temperado, de Sebastian Bach; Sinfonia, de Alexandre Levy; e Petruchka, de Igor Stravinsky. Ressalta, acima de tudo, ser a primeira audição nacional da Sinfonia de Alexandre Levy, compositor paulista que viveu no século 19 e morreu com apenas 27 anos de idade, tendo sua peça premiada por Exposição Internacional em Chicago. A partitura foi recuperada em projeto sob coordenação do musicólogo Arnaldo José Senise e participação da presidenta da Sociedade Brasileira de Musicologia, profª Cleofe Person de Mattos, com patrocínio do INM-Funarte e Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo".

A SINFONIA DE LEVY, COMPLETA

O filho dos donos da Casa Levy, que durante muitos anos vendeu instrumentos e partituras musicais em São Paulo, terá, embora tardiamente, a mais importante de suas quase 70 obras interpretada pela Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas neste final de semana, ás 20h, no Centro de Convivência Cultural da Cidade. Sob a regência de Benito Juarez, a sinfônica vai tocar Sinfonia em Mi Menor, *de Alexandre Levy, resgatada após dois anos de árduo trabalho de restauração coordenado pela Sociedade Brasileira de Musicologia. A importância de Levy se acentua na medida em que ele enriqueceu o contexto musical paulistano numa época em que apenas o Rio de Janeiro representava o centro cultural do País. Alexandre Levy nasceu em 1864 em São Paulo, onde morreu em 1892.*

O ESTADO DE S. PAULO
CADERNO 2
ANO III. NÚMERO 675 DOMINGO, 12 DE JUNHO DE 1988

CONCERTO

Sinfonia de Levy, pela primeira vez na íntegra

Benito Juarez, à frente da orquestra, hoje e amanhã em Campinas

A obra foi resgatada após um trabalho de pesquisa que durou quase dois anos

Agência Estado
Campinas

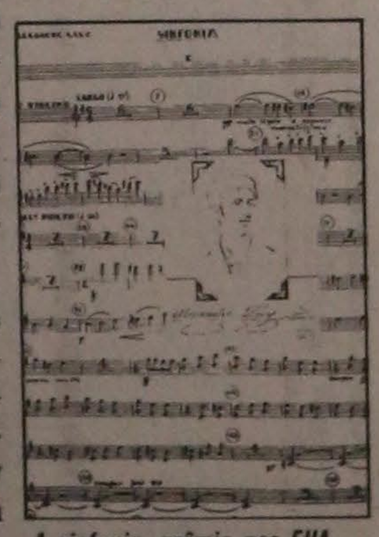
A Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas se prepara para apresentar hoje e amanhã, às 20 horas, no Centro de Convivência Cultural da cidade, "um dos mais expressivos concertos de toda a sua história", na opinião do maestro Benito Juarez. A vedete da apresentação é a Sinfonia em Mi Menor, do compositor paulistano Alexandre Levy, resgatada após um criterioso trabalho de musicologia que durou quase dois anos. Inclui também o programa o Prelúdio e Fuga em Sol Menor do segundo volume do Cravo Bem Temperado de Bach e o clássico Petruchka, do russo Igor Stravinsky.

A obra de Alexandre Levy já foi interpretada duas vezes no Brasil: em 1942 (quando São Paulo comemorava o cinqüentenário de sua morte), sob a regência do Maestro Souza Lima, e em 1959 no Rio, com a Orquestra Sinfônica Brasileira, regida por Roberto Schnorrenberg. "Mas não sabemos até agora como isso foi possível", assinala Arnaldo José Senise, musicólogo responsável pelo projeto de reconstituição da peça, explicando que algumas partes da partitura estavam extraviadas, e a obra apresentava uma quantidade imensurável de erros.

A partir de um árduo trabalho, coordenado pela Sociedade Brasileira de Musicologia — também responsável pela edição da partitura — o resgate da peça de Levy, "obra-prima do romantismo", ganhou seus verdadeiros contornos. Para isso, contou com a colaboração de familiares do compositor e de pessoas ligadas à música, como Cleofe Person de Mattos, presidente da Sociedade de Musicologia e o crítico e jornalista José David de Oliveira. Benito explica que a importância de Alexandre Levy se acentua na medida em que ele enriqueceu o contexto musical paulistano, numa época em que apenas o Rio de Janeiro representava o centro cultural do País.

Num cenário comandado pela atividade cafeeira do século XIX, um jovem regente, compositor, pianista e animador cultural, juntamente com seu irmão Luís Levy, também músico, mostrava um "talento incomum", valorizando a arte em São Paulo. Alexandre Levy — mais de 70 obras — preocupou-se em inserir manifestações folclóricas na música de concerto, com muita inventividade.

Sua sinfonia em Mi Menor contém influência dos compositores românticos — Schumann, Brahms e Mendelssohn, entre outros —, aliando, com muita transparência de vozes, uma atmosfera típica das modinhas paulistanas. "A peça apresenta riqueza harmônica e melódica exuberantes", opina o maestro Benito. A obra foi premiada nos EUA, numa exposição internacional em Chicago, em 1893, um ano após a morte do autor, durante a comemoração dos 400 anos de Descoberta da América.



A sinfonia: prêmio nos EUA

Os trabalhos para o resgate da obra começaram a partir de um pedido da sobrinha do compositor, Cecília Levy Murtinho de Souza, com o apoio de Luiz Fernando da Costa e Silva, Ondina de Sampaio Levy, de empresas e instituições culturais do País (com recursos financeiros para a impressão gráfica da partitura e recuperação das partes extraviadas).

Compositor romântico, Alexandre Levy era filho de imigrantes (a mãe, suíça e o pai, alsaciano) que se estabeleceram na Capital em 1860, como proprietários de uma loja de música e instrumentos, a Casa Levy. Alexandre nasceu em 1864, em São Paulo e morreu em 1892, aos 28 anos, vítima de um colapso fulminante.

O concerto reunirá três períodos distintos da história: o Barroco, com o Prelúdio e Fuga em Sol Menor (Bach); o Romantismo, através da sinfonia de Levy; e o Modernismo, representado no balé Petruchka de Stravinsky. A peça barroca (Bach) foi transcrita de forma inédita e contemporânea por Damiano Cozzella, responsável pelo arranjo de sopro e percussão na parte de orquestração.

O compositor Almeida Prado — professor de composição do Departamento de Música da Unicamp — será o mestre de cerimônia na apresentação das peças ao público. Almeida Prado fará especialmente um depoimento rico sobre a vida de Stravinsky, uma vez que estudou com Nádia Boulanger, em Paris, uma espécie de confidente do compositor russo. A professora francesa, também sua orientadora, presenciou toda a ruptura e transformação da obra stravinskyana. Almeida Prado é formado em Paris e considerado "o mais importante compositor vivo da música erudita", pelo maestro Benito Juarez.

A Universidade Estadual de Campinas também está participando do programa, patrocinando a vinda de críticos, músicos e da própria sobrinha de Levy, Cecília Levy Murtinho de Souza (filha de Luiz Levy e com mais de 70 anos de idade), a Campinas, nos dias de apresentação do concerto.

Em geral não bebíamos, a não ser um raríssimo chope para lavar a tubulação. Tomávamos mesmo era cafezinho, vários — seis, oito —, renovando o pretexto de estarmos ali de conversa noite adentro, pois nem o café era lá essas coisas. Carlos Castelo Branco, Evandro Carlos de Andrade, Fernando Lara, Cláudio Melo e Souza, Jânio de Freitas, Carlos Alberto Tenório, Pedro Gomes — estes e outros, não necessariamente todos ao mesmo tempo, faziam parte do clube do Bar Bico, aberto dia e noite, de preferência de noite pela madrugada. Éramos praticamente todos homens de jornal, e os jornais naquela época fechavam tarde, nunca liberando o pessoal antes de 11 horas, meia-noite.

Quando, ao fim de duas horas de papo, em pé e mortos de sono, como cavalo velho de rifa em barraquinha do Interior (na feliz imagem de Marco Aurélio Matos, também freqüentador), nos dispúnhamos finalmente a partir, surgia mais um, trazendo bagagem nova de assuntos. Otto Lara Resende, que era o que mais nos retinha, arrastando-nos até a boca da madrugada com o sortilégio da sua boa conversa, era também o que mais reclamava contra o tardio da hora, protestando sempre que já devia estar em casa há muito tempo. Houve época em que chegou mesmo a estabelecer com sua mulher um sistema de multas progressivas, como nos estacionamentos rotativos, segundo o qual ele pagaria uma quantia preestabelecida por toda meia hora que excedesse a meia-noite, limite que impunha a si mesmo, prometendo invariavelmente não passar dele um minuto. E invariavelmente, antes de começar novo assunto, perguntava-nos as horas.

— Faltam cinco para as duas.

— Bem — conformava-se ele, com um suspiro: — Já está me saindo caro, mas este caso vale mais meia hora.

Despedia-se, enfim, de todos, alegando que a conversa aquela noite ia lhe custar um dinheirão — quando via alguém mais se aproximando. Era o Borjalo, que morava ali perto, ou o Armando Nogueira, ou ambos.

— Só faltava esta — lastimava-se ele: — Com esses dois eu hoje vou à ruína.

Paulo Mendes Campos era outro que sempre aparecia, em geral indo para algum lugar onde se pudesse sentar e tomar coisa melhor. Segundo sustentava, não tinha cabimento ficar de pé a noite toda tomando cafezinho. Concordávamos com ele, mas não estávamos ali senão por alguns minutos, não é isso mesmo? Tínhamos pressa em chegar em casa, por isso íamos tomar só mais um cafezinho, ouviu? Só este. E mais este... E tome cafezinho para virgular a prosa, a gente ia ficando.

Uma noite, éramos três e conversávamos até ficar com a língua de fora, quando surgiu da outra calçada um vulto que se deteve no meio da rua e se pôs a gritar:

— Paulo! Otto! Fernando!

Ficamos apreensivos, pois ali em frente funcionava a 13ª Delegacia de Polícia, e não fossem os tiras nos prender por conta de semelhante espalhafato com o nosso nome, que prosseguia dentro da noite naquele tempo silenciosa:

— Paulo! Otto! Fernando! Mas que coisa antiga, minha Nossa Senhora!

Aproximava-se, aos gritos, materializando-se enfim na figura de Burle Marx, o paisagista, que sempre era um prazer encontrar:

— Vocês conversando aí nessa esquina a noite toda! Há quanto tempo não fazem outra coisa! Vão pra casa, gente! Vocês três não têm mais nada pra conversar! Que coisa antiiiga!

Para Rubem Braga, que uma vez na vida outra na morte costumava aparecer, o exemplo mais acabado de dissipação era passar a noite inteira junto a um café em pé discutindo futebol com o próprio pai, como fazia o crítico de cinema Moniz Viana.

Castejon Branco, que ainda não se elegera deputado federal e continuava no Rio como jornalista, era dos que não vacilavam em atravessar a noite ali no Bar Bico, ou pela rua, onde quer que fosse. Ainda me lembro de certa madrugada em que eu rodava pela praia com um amigo inglês de visita ao Brasil e demos com um juntamento em torno de um carro de rodas para o ar. Paramos para saber como fora o desastre. Em vez de perguntar a alguém, gritei para o ar:

— Castejon!

Logo uma voz saltou no meio dos curiosos, e ele surgiu para nos explicar o que acontecera. O inglês, atônito, só me perguntava como é que eu sabia que ele estava ali e até hoje não entendeu nada.

Sobre o que conversávamos? Sobre tudo: o já mencionado futebol, política, literatura, anedotas, amenidades. Salvávamos o Brasil e tornávamos a perdê-lo entre dois cafezinhos. Uma conversa enfiada na outra, enquanto houvesse assunto. Tudo que pode fazer o melhor da convivência entre amigos, que é o próprio sal da terra.

Aos poucos fomos deixando de aparecer. Uns casaram e mudaram, outros se foram desta vida. Mas, onde quer que estejamos, resta-nos o consolo de saber que continuamos amigos e, embora de longe, feita de ar e imaginação, a conversa continua — mesmo que isso seja, como disse o Burle Marx, uma coisa antiga, muito antiga.

Sinfonia de Levy, pela primeira vez na íntegra

Benito Juarez, à frente da orquestra, hoje e amanhã em Campinas

A obra foi resgatada após um trabalho de pesquisa que durou quase dois anos

Agência Estado
Campinas

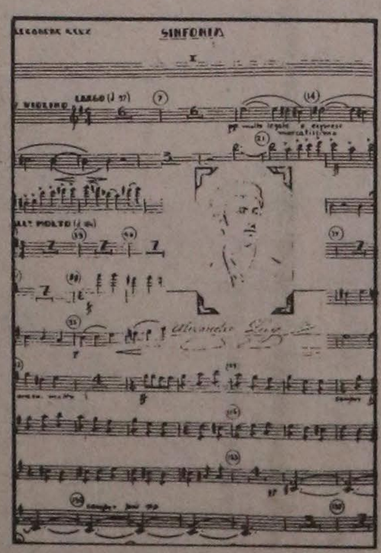
A Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas se prepara para apresentar hoje e amanhã, às 20 horas, no Centro de Convivência Cultural da cidade, "um dos mais expressivos concertos de toda a sua história", na opinião do maestro Benito Juarez. A vedete da apresentação é a Sinfonia em Mi Menor, do compositor paulistano Alexandre Levy, resgatada após um criterioso trabalho de musicologia que durou quase dois anos. Inclui também o programa o Prelúdio e Fuga em Sol Menor do segundo volume do Cravo Bem Temperado de Bach e o clássico Petruchka, do russo Igor Stravinsky.

A obra de Alexandre Levy já foi interpretada duas vezes no Brasil: em 1942 (quando São Paulo comemorava o cinqüentenário de sua morte), sob a regência do Maestro Souza Lima, e em 1959 no Rio, com a Orquestra Sinfônica Brasileira, regida por Roberto Schnorrenberg. "Mas não sabemos até agora como isso foi possível", assinala Arnaldo José Senise, musicólogo responsável pelo projeto de reconstituição da peça, explicando que algumas partes da partitura estavam extraviadas, e a obra apresentava uma quantidade imensurável de erros.

A partir de um árduo trabalho, coordenado pela Sociedade Brasileira de Musicologia — também responsável pela edição da partitura — o resgate da peça de Levy, "obra-prima do romantismo", ganhou seus verdadeiros contornos. Para isso, contou com a colaboração de familiares do compositor e de pessoas ligadas à música, como Cleofe Person de Mattos, presidente da Sociedade de Musicologia e o crítico e jornalista José David de Oliveira. Benito explica que a importância de Alexandre Levy se acentua na medida em que ele enriqueceu o contexto musical paulistano, numa época em que apenas o Rio de Janeiro representava o centro cultural do País.

Num cenário comandado pela atividade cafeeira do século XIX, um jovem regente, compositor, pianista e animador cultural, juntamente com seu irmão Luís Levy, também músico, mostrava um "talento incomum", valorizando a arte em São Paulo. Alexandre Levy — mais de 70 obras — preocupou-se em inserir manifestações folclóricas na música de concerto, com muita inventividade.

Sua sinfonia em Mi Menor contém influência dos compositores românticos — Schumann, Brahms e Mendelssohn, entre outros —, aliando, com muita transparência de vozes, uma atmosfera típica das modinhas paulistanas. "A peça apresenta riqueza harmônica e melódica exuberantes", opina o maestro Benito. A obra foi premiada nos EUA, numa exposição internacional em Chicago, em 1893, um ano após a morte do autor, durante a comemoração dos 400 anos de Descoberta da América.



A sinfonia: prêmio nos EUA

Os trabalhos para o resgate da obra começaram a partir de um pedido da sobrinha do compositor, Cecília Levy Murtinho de Souza, com o apoio de Luiz Fernando da Costa e Silva, Ondina de Sampaio Levy, de empresas e instituições culturais do País (com recursos financeiros para a impressão gráfica da partitura e recuperação das partes extraviadas).

Compositor romântico, Alexandre Levy era filho de imigrantes (a mãe, suíça e o pai, alsaciano) que se estabeleceram na Capital em 1860, como proprietários de uma loja de música e instrumentos, a Casa Levy. Alexandre nasceu em 1864, em São Paulo e morreu em 1892, aos 28 anos, vítima de um colapso fulminante.

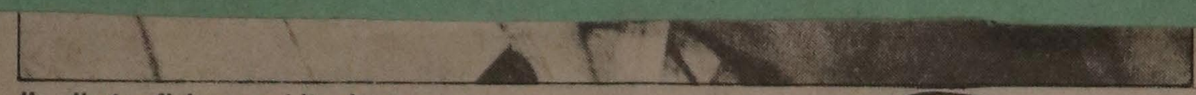
O concerto reunirá três períodos distintos da história: o Barroco, com o Prelúdio e Fuga em Sol Menor (Bach); o Romantismo, através da sinfonia de Levy; e o Modernismo, representado no balé Petruchka de Stravinsky. A peça barroca (Bach) foi transcrita de forma inédita e contemporânea por Damiano Cozzella, responsável pelo arranjo de sopro e percussão na parte de orquestração.

O compositor Almeida Prado — professor de composição do Departamento de Música da Unicamp — será o mestre de cerimônia na apresentação das peças ao público. Almeida Prado fará especialmente um depoimento rico sobre a vida de Stravinsky, uma vez que estudou com Nádia Boulanger, em Paris, uma espécie de confidente do compositor russo. A professora francesa, também sua orientadora, presenciou toda a ruptura e transformação da obra stravinskyana. Almeida Prado é formado em Paris e considerado "o mais importante compositor vivo da música erudita", pelo maestro Benito Juarez.

A Universidade Estadual de Campinas também está participando do programa, patrocinando a vinda de críticos, músicos e da própria sobrinha de Levy, Cecília Levy Murtinho de Souza (filha de Luiz Levy e com mais de 70 anos de idade), a Campinas, nos dias de apresentação do concerto.

O E.S.P. 12/6/88

Até então, o que se vê é um Hamlet mo-



Um diretor fiel ao espírito da peça

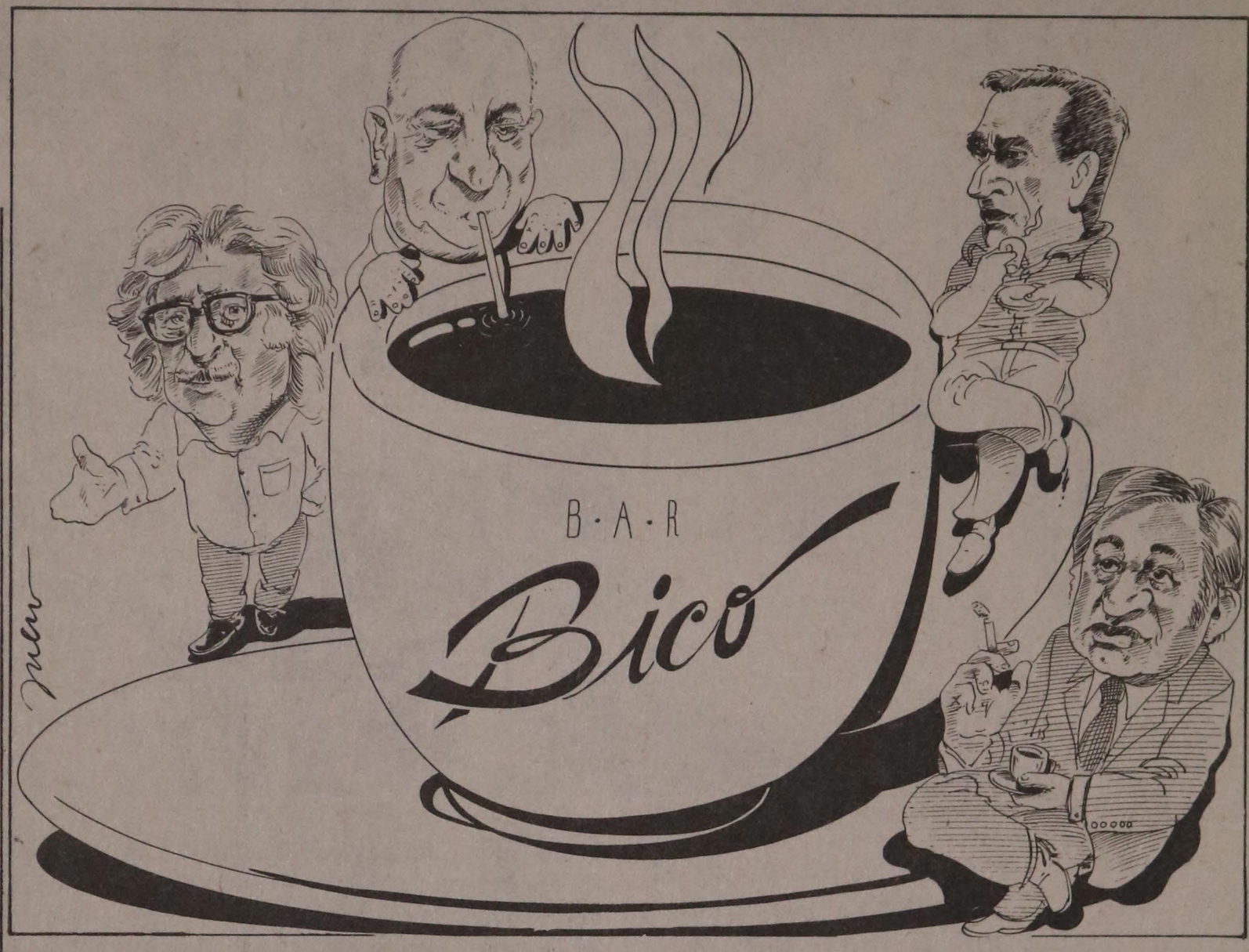
ra saída da fervida imaginação de Bergman e, em que pese a aberrante conclusão, é um espectro a assombrar futuras interpretações da peça.

DITO & FEITO

Um dedo de café, outro de prosa

A salvação do Brasil era possível no primeiro cafezinho. No segundo, não

Fernando Sabino



A caminho de casa, resolvo tomar um café. Entro no Bar Bico, em Copacabana, esquina de Francisco Sá. E fico me lembrando do tempo em que o Bar Bico tinha o seu lugar nas nossas noites.

A designação de bar sugere características que o lugar não tinha — e não tem, pelo que vejo, pois nele nada mudou, além dos freqüentadores. É um balcão semicircular ao longo da esquina, no qual se serve de tudo, do café ao sanduíche de presunto, passando por um traçado para os adeptos.

Em geral não bebíamos, a não ser um raríssimo chope para lavar a tubulação. Tomávamos mesmo era cafezinho, vários — seis, oito —, renovando o pretexto de estarmos ali de conversa noite adentro, pois nem o café era lá essas coisas. Carlos Castelo Branco, Evandro Carlos de Andrade, Fernando Lara, Cláudio Melo e Souza, Jânio de Freitas, Carlos Alberto Tenório, Pedro Gomes — estes e outros, não necessariamente todos ao mesmo tempo, faziam parte do clube do Bar Bico, aberto dia e noite, de preferência de noite pela madrugada. Éramos praticamente todos homens de jornal, e os jornais naquela época fechavam tarde, nunca liberando o pessoal antes de 11 horas, meia-noite.

Quando, ao fim de duas horas de papo, em pé e mortos de sono, como cavalo velho de rifa em barraquinha do Interior (na feliz imagem de Marco Aurélio Matos, também freqüentador), nos dispúnhamos finalmente a partir, surgia mais um, trazendo bagagem nova de assuntos. Otto Lara Resende, que era o que mais nos retinha, arrastando-nos até a boca da madrugada com o sortilégio da sua boa conversa, era também o que mais reclamava contra o tardio da hora, protestando sempre que já devia estar em casa há muito tempo. Houve época em que chegou mesmo a estabelecer com sua mulher um sistema de multas progressivas, como nos estacionamentos rotativos, segundo o qual ele pagaria uma quantia preestabelecida por toda meia hora que excedesse a meia-noite, limite que impunha a si mesmo, prometendo invariavelmente não passar dele um minuto. E invariavelmente, antes de começar novo assunto, perguntava-nos as horas.

— Faltam cinco para as duas.

— Bem — conformava-se ele, com um suspiro: — Já está me saindo caro, mas este caso vale mais meia hora.

Despedia-se, enfim, de todos, alegando que a conversa aquela noite ia lhe custar um dinheirão — quando via alguém mais se aproximando. Era o Borjalo, que morava ali perto, ou o Armando Nogueira, ou ambos.

— Só faltava esta — lastimava-se ele: — Com esses dois eu hoje vou à ruína.

Paulo Mendes Campos era outro que sempre aparecia, em geral indo para algum lugar onde se pudesse sentar e tomar coisa melhor. Segundo sustentava, não tinha cabimento ficar de pé a noite toda tomando cafezinho. Concordávamos com ele, mas não estávamos ali senão por alguns minutos, não é isso mesmo? Tínhamos pressa em chegar em casa, por isso íamos tomar só mais um cafezinho, ouviu? Só este. E mais este... E tome cafezinho para virgular a prosa, a gente ia ficando.

Uma noite, éramos três e conversávamos até ficar com a língua de fora, quando surgiu da outra calçada um vulto que se deteve no meio da rua e se pôs a gritar:

— Paulo! Otto! Fernando!

Ficamos apreensivos, pois ali em frente funcionava a 13ª Delegacia de Polícia, e não fossem os tiras nos prender por conta de semelhante espalhafato com o nosso nome, que prosseguia dentro da noite naquele tempo silenciosa:

— Paulo! Otto! Fernando! Mas que coisa antiga, minha Nossa Senhora!

Aproximava-se, aos gritos, materializando-se enfim na figura de Burle Marx, o paisagista, que sempre era um prazer encontrar:

— Vocês conversando aí nessa esquina a noite toda! Há quanto tempo não fazem outra coisa! Vão pra casa, gente! Vocês três não têm mais nada pra conversar! Que coisa antiiiga!

Para Rubem Braga, que uma vez na vida outra na morte costumava aparecer, o exemplo mais acabado de dissipação era passar a noite inteira junto a um café em pé discutindo futebol com o próprio pai, como fazia o crítico de cinema Moniz Viana.

Castejon Branco, que ainda não se elegera deputado federal e continuava no Rio como jornalista, era dos que não vacilavam em atravessar a noite ali no Bar Bico, ou pela rua, onde quer que fosse. Ainda me lembro de certa madrugada em que eu rodava pela praia com um amigo inglês de visita ao Brasil e demos com um juntamento em torno de um carro de rodas para o ar. Paramos para saber como fora o desastre. Em vez de perguntar a alguém, gritei para o ar:

— Castejon!

Logo uma voz saltou no meio dos curiosos, e ele surgiu para nos explicar o que acontecera. O inglês, atônito, só me perguntava como é que eu sabia que ele estava ali e até hoje não entendeu nada.

Sobre o que conversávamos? Sobre tudo: o já mencionado futebol, política, literatura, anedotas, amenidades. Salvávamos o Brasil e tornávamos a perdê-lo entre dois cafezinhos. Uma conversa enfiada na outra, enquanto houvesse assunto. Tudo que pode fazer o melhor da convivência entre amigos, que é o próprio sal da terra.

Aos poucos fomos deixando de aparecer. Uns casaram e mudaram, outros se foram desta vida. Mas, onde quer que estejamos, resta-nos o consolo de saber que continuamos amigos e, embora de longe, feita de ar e imaginação, a conversa continua — mesmo que isso seja, como disse o Burle Marx, uma coisa antiga, muito antiga.

Concerto em Campinas revela obra de Alexandre Levy

Da Reportagem Local

O programa que a Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas apresenta hoje e amanhã no Centro de Convivência Cultural da cidade é especialmente notável. O crédito maior não é de Bach nem de Stravinski, mas do terceiro compositor que será executado: Alexandre Levy e sua "Sinfonia em Mi Menor". Não se trata de uma exaltação do romântico sobre o barroco ou o moderno. O destaque é pela primeira audição com partitura corrigida da sinfonia, composta por um dos mais importantes nomes da música na São Paulo do final do século passado, cuja obra, apesar de considerada genial por parte dos círculos culturais da época, permaneceu dispersa. A atração não será apenas histórica. O maestro Benito Juarez, que regerá a orquestra, se confessa "maravilhado" com a qualidade da peça, "que tem muito peso, é muito bem trabalhada com planos e transparências, tem estilo e uma linguagem própria."

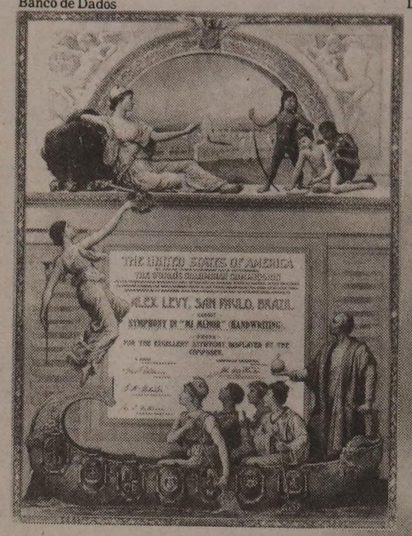
A sinfonia será ouvida esta noite graças ao trabalho do musicólogo Arnaldo José Senise, que durante 21 meses se dedicou ao resgate e publicação da partitura. A dificuldade foi devida principalmente à morte inesperada de Levy em 1892, aos 27 anos. Seus papéis não estavam organizados e os originais da sinfonia até hoje não foram encontrados. Senise dispunha apenas de quatro cópias descuidadas, cheia de erros. Foram as que serviram de base para uma execução em 1942 regida por Souza Lima e outra em 1959, com Roberto Schnorrenberg.

Este quadro é mais surpreendente ainda pelo fato de que em 1893, levada por Carlos Gomes, a sinfonia ter sido premiada na Exposição Internacional de Chicago. Sem os originais, Senise teve que se valer dos rascunhos do compositor e de alguns trechos reduzidos para piano por Luiz Levy, irmão de Alexandre. O compositor, nascido em 1864, foi basicamente um autodidata. É considerado um dos criadores da música brasileira, tendo recorrido ao estudo de melodias e temas populares.

Levy começou a compor sua sinfonia aos 22 anos. Segundo Senise, "apesar de inspirada na estética romântica européia, é muito original na criação das melodias." Benito Juarez ressalta que, apesar dos quatro movimentos clássicos da obra, " nos temas já se entreouve o nascimento de uma música brasileira."

ORQUESTRA SINFÔNICA DE CAMPINAS - Regência de Benito Juarez. Programa: Prelúdio e Fuga do 2º volume do "Cravo Bem Temperado", de J. S. Bach, "Petrouchka", de Igor Stravinski, "Sinfonia em Mi Menor", de Alexandre Levy. Hoje e amanhã às 20h no Centro de Convivência Cultural (praça Imprensa Fluminense sem número, Campinas, tel. 52-8079). Ingressos a Cz$ 300,00.

Banco de Dados



Divulgação

O compositor Alexandre Levy (1864-1892); no destaque, o diploma de melhor obra outorgado à sua sinfonia pela Exposição Internacional de Chicago

Inovações na obra do músico paulistano

ROGÉRIO C. DE CERQUEIRA LEITE
Do Conselho Editorial

Qual a família que não cultua a memória de um ilustre antepassado? Sempre há uma tia-avó pianista, "quase tão boa quanto Guiomar Novaes", mas que se apaixonou por um boêmio e abandonou os estudos. Ou primo-poeta incompreendido "melhor que Casimiro de Abreu" cujos sonetos se perderam e que só não foram publicados por causa da inveja de seus contemporâneos. Conheci uma família cuja glória mítica ficava com uma tia solteirona que fora "a datilógrafa mais veloz da Prefeitura paulistana", na primeira metade do século.

Pois bem, é um pouco assim que classificávamos Alexandre Levy e os esforços dos descendentes de seu irmão Marcelo para manter viva a memória de seu talento, senão a sua obra. O principal testemunho tem sido o "prêmio pela excelente sinfonia", postumamente concedido pela comissão americana para as comemorações do 4º centenário da descoberta das Américas, por Colombo. É claro que para nós é reconfortante saber que aquela São Paulo, pululando de imigrantes europeus, engendrou a fértil imaginação de um jovem artista. Aquela época o São Paulo industrial, frenético de negócios, se preparava para eclodir. É simbolicamente significativo que tenha sido justamente um paulistano, produto desse ambiente urbano dinamizado que tenha sido contemplado por ocasião da histórica exposição internacional de Chicago. Há uma conexão indelével entre a música deste irrequieto compositor, produto híbrido da tradição clássica haydniana e deste caótico ambiente pré-industrial, e o vertiginoso progresso técnico apresentado em 1893 em Chicago. Há muitos anacronismos nesta pequena jóia da música brasileira, mas também muita inovação.

Outras tentativas, sempre bastante modestas, ocorreram em busca de uma restauração da obra de Levy, notadamente aquela do saudoso Roberto Schnorremberg, em 1959. Todavia, somente agora, graças ao esforço e competência no trabalho de restauração elaborado pelo musicólogo Arnaldo José Senize, e outros, é que tornou possível uma melhor avaliação da sinfonia de Alexandre Levy.

Tornou-se assim possível, a apresentação ao público desta obra maior do compositor paulistano desaparecido prematuramente aos 27 anos de idade, com a Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas, neste fim-de-semana. Poderemos assim talvez cultuar ou descobrir uma estrela menor, por certo, no firmamento, mas de um brilho puro. E situada em ponto do espaço em que há muita pouca luz, e que justamente por isso merece ser cultivada e admirada.

ACONTECE

HORÓSCOPO

CLAUDIA HOLLANDER

O Sol passa pelo 11º grau de Gêmeos, cuja heráldica é: "Uma jovem está estendida sob uma árvore e dá de comer aos pássaros, que estão espalhados familiarmente ao seu redor". A Lua, no 5º dia do quarto minguante, está em Touro, signo terrestre, assinalando um bom momento para se eliminar ervas daninhas. A Lua minguando em signo fixo favorece o término definitivo das coisas.

CARNEIRO

(21/03 a 20/04)

O contato com a natureza poderá ser especialmente repousante e indicado para você se reciclar dos desgastes desta semana. Acautele-se apenas contra o desperdício e seja prudente ao fazer gastos. Nos seus relacionamentos pessoais evite as atitudes desconfiadas e não busque segundas intenções.

TOURO

(21/04 a 20/05)

A Lua, no seu signo, vibra muito positivamente para Netuno, estimulando seu lado mais receptivo e inspirado. Você tende a estabelecer um entendimento quase que telepático com os outros, e terá uma visão mais ampla e abrangente da realidade. Aliás, sua compreensão das coisas se tornará mais filosófica.

GÊMEOS

(21/05 a 20/06)

Aproveite este sábado para descansar e se recuperar organicamente de todo tipo de desequilíbrio. Você tende a estar um tanto vulnerável, mas repousando poderá fazer frente às tensões, e superá-las mais facilmente. Não seja exigente demais no que se refere aos outros, e aceite suas imperfeições.

CÂNCER

(21/06 a 21/07)

Esteja alerta para que a família não absorva demais você e curta os amigos. Saia de casa, vá a clubes ou associações e procure ver gente. As pessoas poderão

FILMES DA TV

Muitos filmes hoje. Os melhores são "Na Mira da Morte", o último filme feito por Boris Karloff, na Globo às 21h30, "O Mensageiro", de Joseph Losey, ganhador da Palma de Ouro em 1971, que a Manchete mostra às 22h35 e o western de Mankiewicz, "Ninho de Cobras", na Globo à 1h25.

OS HATFIELDS CONTRA OS MCCOYS (The Hatfields and the McCoys). **Manchete, 14h, 74 min.** EUA, 1975. Direção de Clyde Ware. Com Jack Palnce, Steve Forrest, Karen Lamm, Richard Hatch, James Keatc, Morgasn Wood Wall.

A história de duas famílias que lutam em lados opostos durante a Guerra Civil. Mas essa rivalidade ganha novos contornos quando, como Romeu e Julieta, Johnse Hatifield (Hatch)e Rose Anne McCoy se apaixonam num baile.

A NOVA APARÊNCIA DE KITT(Knight Rider). **SBT, 15h, 90 min.** EUA. Direção: George Fenady. Com David Hasselhoff, Edward Mulhate, Patricia McPherson.

Aventura da série "A Supermáquina". O herói Michael se vê em apuros quando uma gang consegue desativar o seu supercarro. Passe reto.

MOCINHO ENCRENQUEIRO (The Errand Boy). **SBT, 17h, 1961. Direção: Jerry Lewis. Com Jerry Lewis, Howard McNey, Dick Wesson.**

Lewis faz um jovem contratado pelo presidente de um grande estúdio cinematográfico para descobrir porque os negócios não andam bem. Para fãs do cômico.

NA MIRA DA MORTE (Targets). **Globo, 21h30, 90 min.** EUA, 1968. Direção: Peter Bogdanovich. Com Tim O'Kelly, Boris Karloff, Nancy Hsueh, Peter Bogdanovich.

Terror duplamente importante: é o último filme estrelado por William Henry Pratt (1887-1969), mais conhecido pelo pseudônimo de Boris Karloff, e o primeiro dirigido pelo crítico Bogdanovich, que antes realizara livros sobre Ford e Lang, entre outros. Tudo é uma homenagem a Karloff, que interpreta o ator de cinema Byron Orlock, que chega ao final da vida deprimido pelo fato de o terror nas ruas ter superado o das telas. Cruza então com um psicopata assassino (O'Kelly). Inédito em TV. Veja.

Banco de Dados

Cena de "O Mensageiro", de Joseph Losey, às 22h35, na Manchete

O MENSAGEIRO (The Go-Between). **Manchete, 22h35, 116 min.** Inglaterra, 1971. Direção: Joseph Losey. Roteiro: Harold Pinter. Com Julie Christie, Alan Bates, Dominique Guard, Michael Redgrave, Edward Fox.

Sensível drama que marca mais uma colaboração do dramaturgo inglês Pinter com o diretor americano Losey, que mudou para a Inglaterra ao ser perseguido pelo macartismo. A história central se passa na zona rural inglesa do início do século e é contada em flash-back. Leo Rolston (Redgrave), na velhice, lembra quando na adolescência, ao passar as férias numa austera casa de campo, funcionou às escondidas como pombo correio entre a bela Marion (Christie) e o fazendeiro Ted (Bates). O filme ganhou a Palma de Ouro de Cannes em 71. Não é uma obra-prima, mas vale conhecer.

UM FAVOR MUITO ESPECIAL (A Very Special Favor). **Globo, 23h25, 113 min.** EUA, 1965. Direção: Michael Gordon. Com Rock Hudson, LeslieCaron, Charles Boyer, Nina Talbot, Walter Slezak.

Leslie Caron ée uma psicóloga que vive em Nova York. Seu pai (Boyer), com medo que ela fique solteirona, resolve que um advogado (Hudson) que lhe deve um favor vai casar-se com ela.

A VOLTA DE MONGO NASH (Mongo's Back in Town). **Manchete, 0h30, 77 min.** EUA, 1971. Direção: Marvin Chomsky. Com Telly Savalas, Sally Field, Martin Sheen, Joe Don Baker, Anne Francis, Charles Cioffi.

Policial em que Savallas interpreta um tenente que fica na pista de umn atirador profissional que sai da cadeia e quer matar o irmão, envolvido em tráfico de drogas, por ter lhe roubado a namorada.

NINHO DE COBRAS (There Was a Crooked Man). **Globo, 1h25, 126 min.** EUA, 1970. Direção: Joseph L. Mankiewicz. Roteiro: David Newman e Robert Benton. Com Kirk Douglas, Henry Fonda, Hume Cronyn, Warren Oates, Burgess Meredith.

O penúltimo longa-metragem do grande Mankiewicz. Douglas faz o bandoleiro Paris Pitman Jr., que depois de um assalto mata seus companheiros. É então preso pelo xerife Lopeman (Fonda), não sem antes ter escondido o dinheiro. Na prisão, Pitman se torna um líder, preparando uma fuga em massa para o dia a inauguração do novo refeitório construído pelos próprios presos. Western acima da média. Assista.

DUPLA EMOÇÃO (Movie, Movie). **Bandeirantes, 1h30, 106 min.** EUA, 1978. Direção: Stanely Donen. Com George C. Scott, Trish Van Devere, Red Buttoms, Eli Wallach, Art Cartney, Barbara Harris.

Nostálgica homenagem de Donen ("Cantando na Chuva") às produções da Warner dos anos 30. São dois episódios, separados por um cinejornal e dois trailers recriados. No primeiro episódio —"Dynamite Hands"—, Scott faz um treinador de boxe que estimula um imigrante húngaro a se tornar um pugilista profissional e assim conseguir o dinheiro que precisa para evitar que sua irmã fique cega. No segundo, —"Baxter Beauties, of 1933"—, o mesmo Scott interpreta Spats Baxter, um produtor de musicais na Broadway que não pára nem mesmo quando seu amigo lhe garante não ter mais que um mês de vida. Curioso. Experimente.

MASSACRE NO COLÉGIO (Massacre at Central High). **Globo, 3h25, 85 min.** EUA, 1976. Direção: Renee Daalder. Com Derrel Maury, Andrew Stevens, Kimberly Beck, Robert Carradine.

Um novo aluno de um colégio californiano se revolta contra os membros de uma gangue local, perseguindo-os um a um. Suspense rotineiro.

O PRÍNCIPE DOS PIRATAS (Prince of Pirates). **Globo, 4h50, 80 min.** EUA, 1953. Direção: Sidney Salkow. Com John Derek, Barbara Rush, Carla Balenda, Whitfield Connor.

Capa e espada estrelado pelo descobridor de Bo Derek. ("Mulher Nota 10"). Ele faz um príncipe holandês que se rebela contra o irmão rei, que fechou um pacto com os espanhóis. Aventura adolescente para insones ou madrugadores.

DESTAQUES DA TV

A Globo mostra uma entrevista com Chico Buarque no jornal "Hoje", às 13h e, logo em seguida, às 13h30, a volta de Chacrinha ao comando de seu programa. À noite, às 22h30, Nina Hagen e o grupo Kiss dividem o especial semanal da emissora.

HOJE. Globo, 13h. Na entrevista semanal de fala sobre seu trabalho num ano em que, depois de longa ausência dos palcos, volta a dar shows.

CASSINO DO CHACRINHA. Globo, 13h30. A grande atração do programa é o próprio Chacrinha que, depois de dois meses, volta a apresentar o seu "Cassino". Hoje, e durante algum tempo, ele divide completamente restabelecido, reassume de todo.

PLANETA TERRA. Cultura, 20h30. O "habitat" focalizado no documentário apresentado hoje é uma ilha que fica entre a Austrália e a Ásia. Lá, formas de vida peculiares se desenvolveram, como uma espécie que lembra os "gremlins" de Steven Spielberg. A produção é da BBC de Londres.

ções dividem o programa de hoje. A primeira é Nina Hagen, num documentário sobre a sua turnê no Brasil que inclui depoimentos de membros de sua equipe e cenas da gravação do clip que a cantora fez com o grupo Tokyo, "Garota de Berlim". A segunda é o Kiss, no vídeo dirigido por Tadeu Jungle, "Quem Kiss TV", que também

DESTAQUES DO RÁDIO

A Eldorado transmite direto de Londres flashes do Concerto em homenagem a Nelson Mandela, que vai reunir Sting e Dire Straits entre outros. Na USP, às 19h, a Radioatividade faz um especial sobre percussão. E Beatriz Segall é a entrevistada de "Fraque e Claque", na Cultura, também às 19h.

MANDELA - Eldorado (92.9 MHz), 8h. Transmite ao vivo flashes do grande show em homenagem ao líder negro. Entre outros, as presenças de Sting, Phill Collins e Dire Straits.

CAMINHOS DO ROCK - Brasil 2000 (107.3 MHz), 16h. Especial com Peter Bardens e grupo Camel, que surgiram no início da década de 70.

SÃO - USP (93.7 MHz), 19h. A Radioatividade focaliza a percussão na música popular e erudita. No programa, músicas com percussão, depoimentos de percussionistas e explicações sobre o trabalho do mestre de uma bateria de escola de samba.

FRAQUE E CLAQUE - Cultura (103.3 MHz), 19h. A atriz Beatriz Segall, em entrevista

to", é a entrevistada de Jamil Maluf. Além da entrevista, Beatriz faz a sua seleção musical que inclui "Sinfonia nº 8", de Shubert; "Sinfonia nº 3", de Schumann e "Sinfonia nº 6 - Pastoral", de Beethoven.

JAZZ IMPROVISO - Cultura (103.3 MHz), 24h. As principais composições instrumentais de Irving Berlin. Entre elas, "Easter

CAMPINAS, SÁBADO, 11 DE JUNHO DE 1988

Augusto de Paiva

Sob a regência de Benito Juarez, a Sinfônica se apresenta hoje e amanhã

"Sinfonia", de Alexandre Levy, em primeira audição

A "Sinfonia", de Alexandre Levy, foi recentemente resgatada pelos musicólogos Arnaldo Senise e Cleofe Person de Mattos, a pedido da Fundação Nacional da Arte (Funarte). Hoje, às 20 horas, a Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas, sob a regência de Benito Juarez, fará a sua primeira audição da peça, no teatro interno do Centro de Convivência Cultural. Na platéia, alguns convidados especiais, como Cecília Levy de Souza, sobrinha do compositor Alexandre Levy, além dos musicólogos responsáveis pelo resgate da obra.

Benito Juarez, que se orgulha de ter a orquestra em "forma excepcional", de "muita vibração", fala da importância desta "Sinfonia", considerada um documento de alto valor histórico. "Levy é o único compositor paulista que se destacou numa época em que a cidade era apenas uma província e tinha uma economia essencialmente cafeeira. Pianista e animador cultural, ele já acreditava no desenvolvimento de uma música nacional brasileira com base no melodismo popular".

Mas, neste concerto que será reapresentado amanhã, no mesmo local e horário, a Sinfônica vai interpretar também o "Prelúdio e fuga, em sol menor", do segundo volume do "Cravo bem Temperado", de Bach, transcrito por Damiano Cozzella, e "Petruchka", de Igor Stravinsky. Um programa que Benito Juarez considera difícil, pois vai exigir mais dos músicos, pela complexidade e variação das peças, que são de diferentes épocas.

"Petruchka", por exemplo, é uma partitura extremamente rica. Feito originalmente com um balé em quatro cenas, com estória baseada numa antiga lenda tradicional russa de um boneco de pano que representa e dança em comédias satíricas, o Petruchka, a música se estabeleceu mais tarde como uma peça autônoma, independente da estória e hoje é uma das mais executadas pelas orquestras.

O compositor e maestro Almeida Prado, do Departamento de Música da Unicamp, estará participando dos dois concertos da orquestra. O músico vai falar um pouco sobre "Petruchka" e Stravinsky. Ex-aluno de Nadia Boulanger, que conviveu intimamente com Stravinsky, Almeida Prado explicará porque o compositor falecido em 1911 criou uma verdadeira "festa" de sons, de forma extremamente engenhosa.

Campinas, sábado, 11 de junho de 1988

Sinfônica apresenta o seu mais importante concerto

"Petruchka" de Stravinsky, "Prelúdio e Fuga" de Bach e "Sinfonia" de Alexandre Levy é o programa que a Orquestra Sinfônica de Campinas, sob a regência do maestro Benito Juarez, apresenta hoje e amanhã, às 20 horas, no Centro de Convivência Cultural. O concerto — que na opinião do maestro é o mais importante de toda a história da Sinfônica — conta ainda com a participação do compositor Almeida Prado, que será o mestre de cerimônias, fazendo a apresentação das obras.

Benito Juarez irá destacar "Sinfonia" de Alexandre Levy

A Sinfônica começa o espetáculo com "Prelúdio e Fuga" de Johann Sebastian Bach, em sol menor do segundo volume do cravo bem temperado, com transcrição de Damiano Cozzella. A música de Bach sempre prestou a diversas interpretações e o cravo bem temperado está aberto a inúmeras transcrições. Nessa, feita por Cozzella, a Sinfônica se utilizará apenas dos instrumentos de sopro e dos teclados.

Ainda na primeira parte do concerto será apresentada a "Sinfonia" de Alexandre Levy, um dos mais renomados compositores da música erudita, paulista, que morreu ainda jovem, mas deixou uma significativa obra. Sua sobrinha, Cecília Levy de Souza, estará presente no concerto. Para Benito Juarez, é muito importante que um compositor erudito desse século — Almeida Prado — fale do trabalho de um companheiro do século passado. Na opinião do maestro, Almeida Prado é o compositor de música erudita vivo, mais importante e expressivo.

A segunda parte do espetáculo é dedicada a 'Petruchka" um dos três balés escritos por Igor Stravinsky que conta a estória de um triângulo amoroso envolvendo o boneco Petruchka, o Mouro e a bailarina. Esse é um dos mais celebrados sucessos de Stravinsky, feito originalmente como um balé em quatro cenas, com estória baseada numa antiga lenda tradicional russa. Mas com o tempo a música se estabeleceu como peça autônoma, independente da estória e da dança e hoje é uma das mais executadas peças de orquestra do século 20.

A importância do concerto, segundo Benito Juarez, está nas obras apresentadas, de compositores expressivos da música clássica e no fato de ter como mestre de cerimônias o compositor Almeida Prado, que vai falar principalmente dos trabalhos deixados por Alexandre Levy.

Angeli

Glauco

Maringoni

Esses compositores tão pouco conhecidos

O assunto é música. Ou melhor, o esquecimento a que são relegados os compositores brasileiros, assim que uma tendência sucede à outra. Um país sem tradições, diriam os habituados a olhar com inveja o continente europeu, ansiando ao mesmo tempo por uma identidade própria. Mas ela está aqui mesmo, como afirmou ainda há pouco a escritora Nélida Piñon, ao lançamento de seu livro "A República dos Sonhos". Ela se referia a uma frase do francês Levy-Strauss, já de domínio público, se bem que não ainda totalmente assimilada. Ele disse qualquer coisa assim: sem conhecer o passado é difícil compreender o presente e, mais ainda, vislumbrar algum futuro.

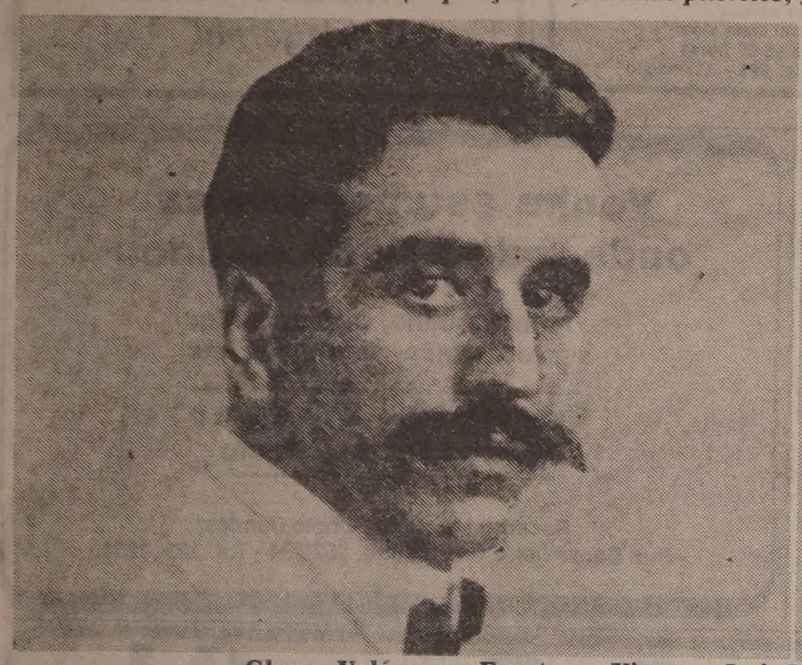
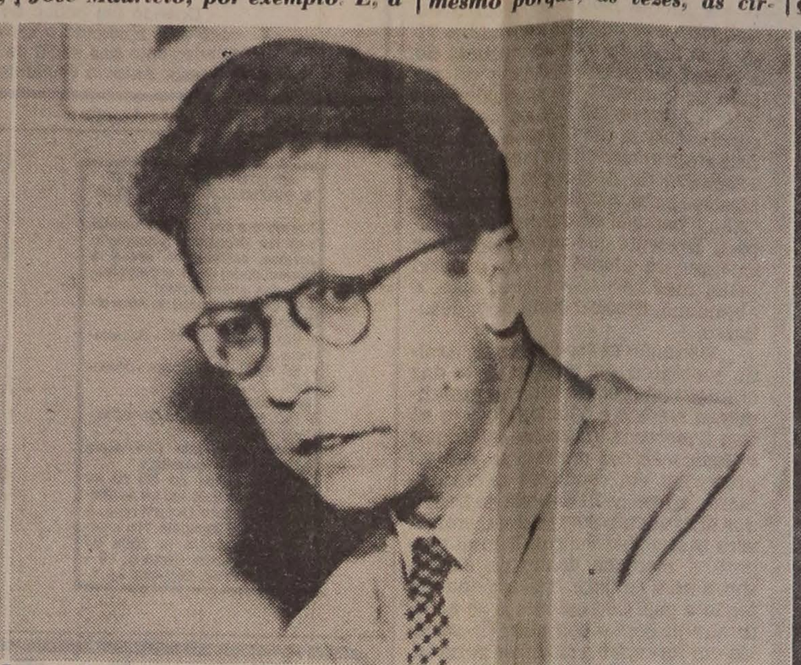
Sem serem invejosos e, portanto, não incorrendo num dos sete pecados capitais, mas talvez demonstrando maturidade, músicólogos e músicos começam a se debruçar sobre antigas partituras de brasileiros, para descobrir com admiração obras de qualidade, algumas até universais. É preciso recordar que Villa-Lobos não inaugurou o nacionalismo, porém lhe deu alcance inesperado, com a superação do localismo pitoresco, projetando-o e afirmando-o diante da surpresa e logo da apreciação mundial. O regional, o descritivo, o subsídio popular eram carregados por sua imaginação e sensibilidade, e chegaram à aludida universalidade, graças a um genial espírito de síntese.

Essa garimpagem recente — finalmente liberada das diferenças do passado entre os chamados "colonizados" e nacionalistas e, depois, vanguardistas e nacionalistas, oposições hoje absolutamente sem sentido — já revelou (de tirar o véu) muita gente: padre José Maurício, por exemplo. E, a partir destes anos 80, quem sabe traga de volta outros tantos como Glauco Velásquez, Fructuoso Vianna e Luiz Levy — nesta página — para que o Brasil comece a compor sua tradição. Aqui, tradição não é sinônimo de velharias de baú — como fez questão de frisar o maestro Ronaldo Bologna — mas de lastro cultural, mola propulsora de avanços, que não podem, porém, negá-la.

Opiniões de "papas" diante de uma obra de arte nem sempre são suficientes para revelar-lhes as potencialidades e conteúdos, mesmo porque, às vezes, as circunstâncias interferem muito em suas posições. Eles também são humanos. Mas é comum no Brasil que a "análise" formulada por eles suprima a necessidade de se averiguar sobre a obra em si, se esses juízos de valor procedem ou não. Fora isso, esse "fenômeno do esquecimento", citado por Bologna e Nélida Piñon só fez que se negassem tendências artísticas em detrimento de outras emergentes. Prejuízo para a própria cultura brasileira.

Glauco Velásquez, Fructuoso Vianna e Luiz Levy são compositores muito diferentes, por formação, opção composicional e estética. Brasileiros, todos os três. O primeiro, um expressionista da década de 10, revolucionário, insólito até pelo uso de cromatismos raros para a composição da época, no Brasil. Vianna, um nacionalista refinado, que buscou no elemento popular a inspiração para uma obra concisa e rica, já a merecer orquestrações. Levy, um sujeito estranho. Usou de heterônimos para se expressar em gêneros e formas diferentes. Um esteta que foi do francesismos à música sertaneja. Sem preconceitos, é urgente conhecê-los.

Reportagem de
ANA MARIA CICCACIO

Glauco Velásquez, Fructuoso Vianna e Luiz Levy são alguns dos compositores brasileiros que começam a deixar o limbo para frequentar as salas de concerto

Velásquez, um pioneiro do expressionismo no Brasil

Fez-se conhecido e admirado por volta de 1912 e morreu dois anos depois, vítima de tuberculose. Glauco Velásquez, um meteoro que passou pela música brasileira. E, como passou, foi esquecido, para só muito recentemente retornar do limbo e surpreender quantos tenham contato com suas partituras — de historiadores como Vasco Mariz e o compositor Bruno Kiefer a maestros como Ronaldo Bologna e David Machado, de pianistas como Gilberto Tinetti e Clara Sverner (que já lhe dedicou dois discos) ao musicólogo Andrade Muricy, passando pelo crítico J. Jota de Moraes.

Velásquez só viveu 30 anos. Deixou apenas 112 composições para piano e pequenos conjuntos de câmara. Mas o que o distingue, além de uma biografia confusa e sofrida, é sua estética peculiar, revolucionária e muito avançada para a época. O problema é que Mário de Andrade, embora o admirasse, preferiu fechar os ouvidos a abrir mão de suas convicções, sentenciando: "Há compositores que por maiores que sejam não devem mais ser ouvidos". Esse estigma, apesar de todos os esforços de Luciano Gallet para continuar divulgando a obra de Velásquez, depois de sua morte, foi tão decisivo a ponto de enterrá-lo e de seu nome só figurar em compêndios de história da música muito rapidamente e sempre com algum temor de se estar prestigiando quem não merecesse.

É, portanto, com algum alívio que a cultura brasileira ingressa numa fase menos determinista, sem a égide desta ou daquela corrente estética, que desde que hegemônica, sempre procurou abafar a anterior, de modo a fazer prevalecer os seus valores como unicamente verdadeiros. A tal da identidade cultural do brasileiro pode estar a caminho de ser encontrada. Reabilite-se Glauco Velásquez, brande em toda a sua delicadeza a pianista Clara Sverner: "Ele foi o nosso expressionista, na mesma época em que na Europa surgia o expressionismo, com músicos como Alban Berg". Óbvio que existe muita polêmica entre o que é e não brasileiro. "Mas — adverte Ronaldo Bologna — Velásquez é um fenômeno da cultura brasileira. Vivendo em circunstâncias particulares, da sociedade brasileira, seu expressionismo assume uma cor, uma afeição que só seria possível na cultura deste país e naquela época. Da forma particular como ele surgiu, não seria possível na Europa. Depois, ele praticou sua arte de forma completamente espontânea."

Como conta Vasco Mariz, Glauco Velásquez tinha uma forte personalidade e ao final de sua vida escrevia em idioma musical avançado para a década de 10, "só comparável a Satie". Não conheceu, certamente, a obra de Shoenberg e Stravinsky, que apenas começavam a divulgar-se por volta de 1924, quando ele morria. "E parece duvidoso que tivesse examinado partituras desses músicos, pois **Pierrot Lunaire** é de 1912, o 'Pássaro de Fogo' só foi representado em Paris em 1910 e 'Petrouschka' em 1911."

Os biógrafos divergem muito sobre Velásquez. Há quem o dê como nascido em Nápoles (Itália), dizendo que veio ainda menino para o Brasil, onde foi "adotado" por sua própria mãe, uma senhora da sociedade do Rio de Janeiro, que, por ser solteira, nunca conseguiu contar ao filho algo a respeito da sua real condição. Outros garantem que ele nasceu mesmo no Rio, sendo portanto forjada a sua certidão italiana de nascimento. Se isso o perturbou e foi transferido para a sua música — tensa e romanticamente sofrida —, hoje já não tem tanta significância. "É preciso conhecer sua música com urgência — alerta J. Jota de Moraes —, mesmo que com meio século de atraso."

Para quem quiser ouvi-lo, há os dois LPs gravados por Clara Sverner: um de 1977, pela Odeon, e outro bem recente, "Devaneio/Clara Sverner interpreta Glauco Velásquez", pela Philips. No dia 22 de outubro, ela e o Trio Brasileiro (Gilberto Tinetti, o violinista Erich Lehninger e o celista Watsonclis) fazem um programa Glauco Velásquez na Sala Funarte, no Rio, que será repetido no dia 23 na Sala Guiomar Novaes, em São Paulo. Para os músicos que quiserem conhecer, estudar ou adaptar suas partituras não resta apenas o desânimo de que não estejam editadas. É possível encontrar sua obra completa na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, onde Mercedez Reis Pequeno tem a maior boa vontade e prazer em fornecer cópias. Em São Paulo não há praticamente nada. Mas o maestro Ronaldo Bologna põe à disposição a sua adaptação para orquestra de cordas da obra "Elegia", inicialmente escrita para quarteto de cordas. Da mesma forma que no Rio, o maestro David Machado não se furtará em fornecer cópias de sua transcrição para orquestra e canto de seis canções que Velásquez compôs para piano e canto — "Na Capela", sobre palavras de Antero de Quental; "As Letras", com poema de Fagundes Varela; "Ouvir Estrelas", com Olavo Bilac; "Soledades", com Eusébio Blasco; "Fada Negra", outra vez com Antero de Quental; e "Amor Vivo", sobre um texto anônimo. "Resolvi orquestrá-las — justifica David Machado — para dar maior espaço para sua criação e, ao mesmo tempo, atender ao seu último pedido: "Não deixem que minha música morra".

Fructuoso Vianna, constante perseguição à simplicidade

Não há porque crucificar Mário de Andrade e ninguém pretende isso. Mas, a oito anos da morte de Fructuoso Vianna, outro caído em completo esquecimento, é de se recordar algumas opiniões de Mário de Andrade, que ao elogiar uma das páginas de Vianna — justamente "Corta Jaca", para piano — caracterizava parte da produção do compositor (ainda não eivada de temas populares e do folclore brasileiro) como açucarada, de discreta mediania, "essa mesma mediania inútil em que nós colocamos as 'Caminades' e os **Fields** de qualquer país". É certo que depois o autor de "Macunaíma", mentor do nacionalismo "como única estética lógica e social dentro da pátria", tecia-lhe uma profusão de elogios, afinal o compositor — paulista como ele — passava a adotar essa estética. Prato mais que cheio para que, na seqüência, os chamados vanguardistas negassem tudo e até Villa-Lobos tivesse seu moral estremecido entre boa parte dos músicos brasileiros. Preconceituosas, as duas facções fecharam a possibilidade de que obras como a de Fructuoso Vianna tivessem pelo menos a chance da valoração pelas gerações posteriores.

Mais que oportuno, então, o esforço de Anna Maria Vianna, uma das filhas de Fructuoso, que está investindo sozinha na impressão de um álbum duplo com uma seleta das obras do pai. Nesse álbum, a ser lançado até o final do ano, um dos LPs traz canções para canto e piano, interpretadas pela soprano Maria Lúcia Godoy e o pianista Miguel Proença, que no outro disco recria várias músicas para piano compostas por Vianna. O título, ainda provisório, poderá ser "Fructuoso Vianna, Obra para Canto e Piano". Tão importante quanto, o pianista Roberto Szidon, residindo atualmente na Alemanha, está trabalhando no catálogo das obras de Vianna, com o apoio de outra de suas filhas, Maria Guilhermina. Enquanto a Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro — uma das freqüentadas por Vianna, durante sua formação — lhe dedica, dentro do "Projeto Pró-Música Brasileira", um concurso nacional em três categorias: piano, canto e monografia. Dias 16, 17 e 18 da semana que vem haverá o concurso musical em si. E, no dia 19, a entrega de prêmios, incluindo os de monografia. Ao mesmo tempo, o compositor e maestro Camargo Guarnieri já manifestou o interesse em orquestrar algumas das obras de Fructuoso Vianna, segundo Maria Guilhermina.

Outro cuidado de suas duas filhas foi o de fornecer cópias de suas partituras para órgãos públicos, onde possam ser de fácil acesso a quantos se interessem. Assim, é possível encontrar a obra completa na UFRJ, UniRio, Biblioteca Nacional (também no Rio) e Prefeitura de Itajubá (onde o autor nasceu, a 6 de setembro de 1896). Em São Paulo, o setor de Documentação Musical da ECA/USP tem 30 de suas partituras catalogadas, da mesma forma que o Conservatório Musical Fructuoso Vianna (rua Dr. José Elias, 247). Para o maestro Diogo Pacheco foi entregue um conjunto de cópias de algumas obras adaptadas para orquestra, entre elas "Dança de Negros" (escrita para piano e orquestrada por Francisco Mignone, em abril deste ano). "O maestro Eleazar de Carvalho, que já fizera essa adaptação, mas perdeu as partituras, disse-nos que regerá a 'Dança de Negros', agora trabalhada por Mignone."

Vianna surgiu como compositor em 1922, ao participar do primeiro concurso de composição da Sociedade de Cultura Musical do Rio, obtendo o segundo lugar com "Prelúdio" (para piano). Era uma pessoa tímida, retraída, cuja principal atividade foi o magistério. Seu nome figura entre os docentes do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo e em outras escolas importantes do Rio. "A preocupação com o nacionalismo musical e com a incorporação do elemento popular — como explica Edino Krieger — só apareceriam na obra de Vianna depois de ter experimentado a formação tradicional de um músico brasileiro nas primeiras décadas desse século. Na Europa, onde estudou com Artur de Greef (Bruxelas), Rudolf Hanschild (Berlim) e Blanche Selva (Paris), Fructuoso absorveu o estilo de Debussy, não tanto como inspiração para um principiante, mas como uma linha de composição à qual mostrava tendência em fixar-se. A amizade com Mário de Andrade foi determinante na mudança de rumos. Conheceram-se na casa de Elsie Houston, em 1926, e a partir deste contato Vianna tornou-se amigo de Villa-Lobos, Manuel Bandeira e também de Santos Dumont."

O próprio Vianna dizia: "Não creio que tenha um sistema. Minha composição tem de fruir espontaneamente, livremente e de raro em raro. Minha obra por isso é pequena. Minha tendência é para dizer o máximo com o mínimo, perseguindo eu a simplicidade, sem esquecer que existe o simplório". E não foi simplório, segundo Krieger. Sua "Dança de Negros", o "Pequeno Robinson" (orquestrada por Martin Braunwieser), "Corta-Jaca" e "Sete Miniaturas" (sobre temas brasileiros), ainda na opinião de Krieger, "são momentos participantes de um processo cultural que não se mede somente em volume, mas principalmente em qualidade e significado". Momentos, enfim, que transcendem doutrinas.

Luiz Levy, 'uma obra para entretenimento de alto nível'

Numa situação ainda pior que a de Glauco Velásquez e Fructuoso Viana, Luiz Levy não se acha apenas completamente esquecido, como nem sequer tem biografia na "História da Música Brasileira", de Bruno Kiefer, e na "História da Música no Brasil", de Vasco Mariz. Já a Enciclopédia da Música Brasileira/Erudita, Folclórica e Popular dedicou-lhe um verbete, sem ignorar o autor de aproximadamente 70 composições, que vão do romantismo de inspiração européia a divertimentos gaiatos, influenciados pela música popular brasileira, chegando até a uma série muito respeitada de canções sertanejas.

Luiz Levy nasceu em 1861. Um ano antes, seu pai, o clarinetista francês Henrique Luiz Levy, fundara a "Casa Levy", editora e distribuidora de partituras musicais, que se transformou num ponto de referência na história da cultura de São Paulo por ser um pólo incentivador de artistas, entre eles Carlos Gomes e, mais tarde, também os dois meninos Levy — o primogênito Luiz e o raramente esquecido Alexandre. É da época em que Luiz tinha uns 20 anos (1881) uma nota do jornal **A Província de São Paulo (O Estado)**, elogiando o "instrumentista notável ao piano" e já prevendo um futuro promissor para Alexandre na área da composição. Ele, embora morresse muito jovem, aos 27 anos, quase nunca é esquecido pelos historiadores brasileiros. Mário de Andrade o equiparou a Alberto Nepomuceno. No entanto, é a ambos — Luiz e Alexandre — que se credita a introdução do folclore brasileiro na música erudita. Daí por que o musicólogo Arnaldo José Senise se empenha em reaver a composição dos dois, como 2º secretário da Sociedade Brasileira de Musicologia, que tem por presidente Cleofe Person de Mattos, rastreadora incansável da extensa obra do padre José Maurício Nunes Garcia, bem como principal responsável pelo interesse que hoje se dedica à obra desse autor do Barroco mineiro.

Mais que justificado, portanto, o empenho com que Senise se vem ocupando de compor as biografias de Alexandre e Luiz Levy, bem como da feitura dos seus catálogos de obras, tendo por importante colaboradora Cecília, filha de Luiz. O problema é que, apesar de haver muita disposição da família para reunir as partituras, no passado ninguém se preocupou — tampouco os dois compositores — de arquivar originais ou mesmo cópias impressas pelas casas Levy ou Vitali, a ponto de agora esse trabalho de recuperação se transformar num verdadeiro garimpo por São Paulo e Rio. De qualquer modo, tanto Senise quanto Cecília Levy estão satisfeitos com o investimento. Esse projeto recebeu apoio material da Funarte, para a fase de reunião das partes compostas, reparo de trechos danificados pelo tempo ou erradamente copiados e elaboração dos catálogos. Mas Senise pretende também uma edição completa das obras dos dois Levy, para colocá-la à disposição dos centros de documentação do País. "Quem sabe a Funarte colabore com a Sociedade Brasileira de Musicologia em mais este empreendimento." Enquanto isso não acontece, Senise já doou cópias de partituras de obras para orquestra de Alexandre Levy ao Departamento de Música da Unicamp e Arquivo do Teatro Municipal de São Paulo, entre outros órgãos que com ele já colaboraram. Desse trabalho, segundo ele, decorreu também em parte o disco "Luiz Levy", lançado em setembro pelo pianista Cláudio de Brito, numa gravação do Estúdio Eldorado. "À medida que fui encontrando as partituras, fui passando para o Cláudio, que aí fez a seleção para o LP." O primeiro disco dedicado exclusivamente à música pianística de Luiz Levy surgiu em 1976, com Eudóxia de Barros, pelo selo Chantecler.

Luiz Levy foi uma personalidade especial. Como Fernando Pessoa, utilizou heterônimos para extravasar suas várias vertentes criativas e, de uma certa maneira, distingui-las entre si enquanto gênero e estilo musical, só assinando com o nome verdadeiro o que julgava mais erudito. Assim, como conta Cecília, o pai preferia L. Henri para as peças de sabor mais afrancesado. Ziul y Vel para as de caráter mais popular, entre elas se acham incluídas algumas paráfrases a Ernesto Nazareth. Yvu Leliz para as mais simples e comerciais, geralmente encomendadas por editoras. "E, bem recentemente, descobrimos um outro heterônimo, L. Ludovico, para peças geralmente leves."

Comentando seu trabalho, Cláudio de Brito observou algo interessante: "Já fiz três discos para o Selo Eldorado (além de Levy, também os com obras de Leopoldo Miguez e Alberto Nepomuceno). Nos conservatórios, entre as peças para piano de autores nacionais, há apenas três ou quatro clichês. Eu mesmo não conhecia esses compositores que gravei e foi apenas procurando obras para meus alunos que os descobri." Duplamente significativa, portanto, essa gravação de Levy, acrescentada à de Eudóxia, porque ambas revelam o músico não só para o público, mas também para os estudantes de música. Como definiu há pouco o crítico J. Jota de Moraes, a música de Luiz Levy "é uma arte de salão, voltada para o entretenimento de alto nível", levando o ouvinte mais "ao sorriso complacente que à exaustiva reflexão".

Escolas rurais têm até morcego, em Poranga

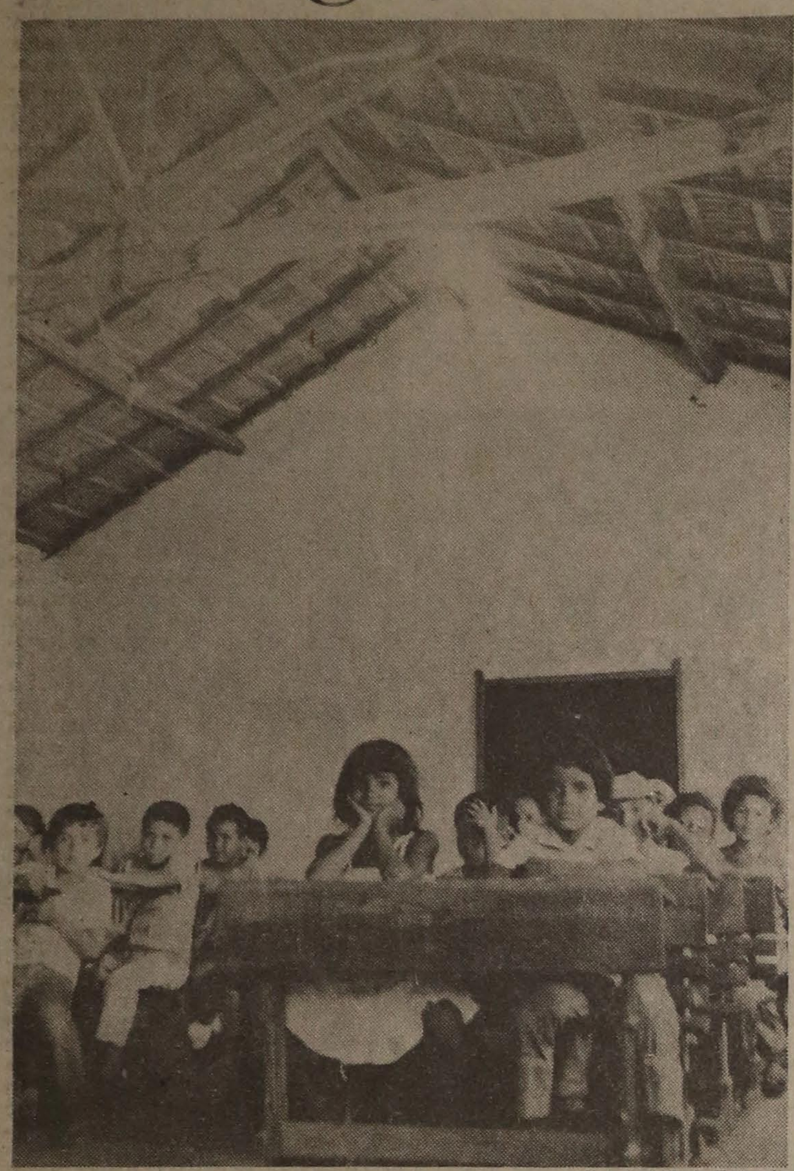


Foto José Maria Tomazela

Falta tudo na precária escola rural

JOSÉ MARIA TOMA

Enquanto a professo palavra Brasil, uma vac porta da classe, vespas voam entre as paredes e zem algazarra no beiral Indiferentes a tudo isso e gos dependurados no tet com idade entre sete e têm uma preocupação: fi sos entre prestar atenção escapulir dos fortes raios penetram pelos buracos incidindo diretamente sol beças.

Estas cenas ocorrem te na Escola Isolada do Saltinho e se repetem na escolas isoladas e de em Porangaba, pequena cid gião de Sorocaba. As co que os quase 300 alun rural estudam são tão pr deixaram estarrecido o n executivo da Associaçã Mestres local, Aroldo Ke "Não é possível educar n ções. Evidente que se de integrar os alunos ao s meio, mas isso não é in abandono, descaso comp bafou.

Visitando as escolas do constatou que a maio crianças não recebe nenh mento médico e odontol tem a merenda graças ao à dedicação das professo preparam em condições mente adversas". Na esco dos Mirandas, por exemp sora Maria Inês Pedroso para a merenda dentro sobre uma carteira, em u fogão a gás. Os 21 alunos tumaram com o borbulh las em fervura e o cheiro que invade o recinto dur las.

Mas já estão acostum chuva que entra pelos telhado, o vento que pas nelas sem vidros, ou as a fazem casas nas parede que correm pela classe "xixi" dos morcegos que "Quando venta demais excessivo, somos obrigad as janelas por causa da draças. Aí ficamos no esc a classe não tem luz", co sora. Às vezes, durante destinado ao recreio, as c de permanecer na class pátio está tomado por u vacas, nem sempre man

Água é outro proble secou há anos e, para merenda, que é tomada p sentados no chão, a profe Inês tem de caminhar at dade mais próxima para líquido. As crianças faze cessidades fisiológicas e vada precária, de madeir da sobre uma fossa ne que, nessas condições, fic sinar a elas hábitos higiê tifica-se a professora.

Para tentar mudar e o presidente da APM, Ar ço, encaminhou ofício a de ensino de Tatuí, professor Nilson Ramos Franco, solicitando autorização para realizar uma reunião com o prefeito de Porangaba, pais de alunos e professores, visando a buscar soluções para o problema das escolas isoladas. "Sabemos que a prefeitura tem obrigação de aplicar determinadas verbas na educação. Queríamos saber quais eram os planos do prefeito, já que há pelo menos dez anos não se reforma nenhuma das escolas rurais", disse. Após demorada tramitação burocrática, o delegado de ensino autorizou a reunião, porém o prefeito Francisco Alves dos Reis negou-se a participar do encontro, alegando não ver necessidade na realização do mesmo.

Inconformado, Aroldo resolveu fazer por sua conta a reforma da escola do bairro dos Mirandas, uma das mais precárias, e pediu autorização para remover carteiras e armários velhos que entulhavam as classes. A delegacia de ensino não autorizou a remoção, impossibilitando a reforma.

(Sorocaba — Agência Estado)

O Alto Ribeira conclui os orçamentos e gosta

CARLOS IALONGO

Em 1985, os nove municípios do Baixo Ribeira vão arrecadar Cr$ 34,4 bilhões. É isso, pelo menos, o que indicam as previsões orçamentárias fechadas nos últimos dias, as quais superam em 255% a receita estimada para este ano. Registro com Cr$ 6,8 bilhões e Iguape, com Cr$ 6,4 bilhões, lideram a estatística regional enquanto Pariqüera-Açu terá o menor orçamento de todos, com uma receita de apenas Cr$ 1,5 bilhão.

Agora, em 1984, esses mesmos municípios tentam realizar a previsão elaborada em 1983, que fixou a receita bruta em Cr$ 9,6 bilhões. Mas não deverão consegui-lo, porque só a dívida ativa ficará com 20% da arrecadação. Nesse item, a liderança é de Cananéia, onde, segundo o prefeito Walter Menk, os créditos em atrasos superam o próprio orçamento deste ano (Cr$ 1,7 bilhão contra Cr$ 1,5 bilhão). No outro extremo está Sete Barras, que, até agosto, já recebeu a maior parte dos Cr$ 500 mil previstos para este ano.

Com a evolução da receita, admite-se que a dívida ativa se expanda e dificulte a execução orçamentária. Os prefeitos, porém, estão otimisitas e calculam que os atrasos não ultrapassarão 7% da arrecadação. Para conseguir arrecadar mais, em Iguape e Cananéia serão ampliadas as execuções fiscais e, em Registro, a prefeitura limitou o aumento dos impostos urbanos em 150%.

Mas há outra razão para o otimismo. Mesmo que a receita aumente os 255% previstos, a arrecadação direta dos municípios — onde se origina a dívida ativa — terá apenas uma modesta participação de pouco mais de Cr$ 6 bilhões, ou seja, menos de 20% da arrecadação global. O que determina a evolução são as transferências estaduais e federais, cujos níveis são bem maiores de 1984 em diante.

Foi graças a isso que a maioria dos municípios multiplicou por quatro os orçamentos deste ano. Miracatu elaborou uma previsão cinco vezes maior — de Cr$ 800 milhões para Cr$ 5 bilhões — e apenas Cananéia limitou em 100% o aumento da estimativa para 1985. Em Iguape (Cr$ 2,3 bilhões este ano), o aumento de arrecadação previsto não atingirá 200%, mas é nessa cidade que mais se aproximam os valores das receitas direta e indireta.

Isso se deve à alienação de imóveis — os terrenos que a prefeitura está vendendo para obter recursos que financiem a ponte entre a cidade e a Ilha Comprida. O loteamento Redentor, com 2.106 lotes, já foi totalmente negociado, de acordo com o prefeito Laércio Ribeiro, mas o município já está adquirindo a segunda gleba "maior ainda que o Redentor" e vai vendê-la até o fim de 1985. Nos demais municípios a receita tributária é bem inferior, atingindo percentuais que variam de 3,5% (Eldorado) a 50% (Registro) das transferências.

Os recursos das prefeituras serão consumidos basicamente por dois setores: o pagamento do funcionalismo que absorverá entre 35% e 50% da receita; e a manutenção de estradas e custeio das principais atividades públicas. Para obras mesmo, sobrará muito pouco. Em Juquiá, onde o prefeito Said Apaz calcula gastar a metade do orçamento com salários, "não vai dar para renovar equipamento ou executar um programa mínimo de obras".

Iguape incluiu na previsão a quantia de Cr$ 726 milhões para as obras da ponte e vai gastar outros Cr$ 319 milhões na construção de um ginásio de esportes. Mas isso é exceção no Vale e se explica pela receita extraordinária com a venda dos loteamentos. Nos demais municípios a restrição às obras será uma constante porque "o que sobra do funcionalismo as estradas consomem", segundo outro prefeito.

A manutenção das vicinais, segundo a maioria dos prefeitos, poderia ser tranqüilamente financiada pelos recursos do Incra caso o lançamento e a cobrança dos tributos ficassem a cargo dos municípios. Na situação atual ninguém acredita no Incra e a prova é o tratamento que as prefeituras deram à esse item nos orçamentos de 1985: previsões com o aumento abaixo da taxa inflacionária (em Juquiá a estimativa foi de Cr$ 40 milhões para Cr$ 50 milhões) e até queda de receita, como em Jacupiranga onde a previsão de Cr$ 40 milhões, deste ano, caiu para Cr$ 30 milhões, em 1985.

(Agência Estado/Vale do Ribeira)

Valinhos faz aterro para substituir lixão

Em uma área de 200 mil metros quadrados, na margem da rodovia D. Pedro II — afastada, portanto, de núcleos residenciais — está sendo construído o aterro sanitário de Valinhos, programado para resolver em definitivo o problema do despejo de lixo domiciliar e industrial da cidade. O atual lixão tornou-se inconveniente. Fica na margem da estrada que liga o perímetro urbano à rodovia D. Pedro II, em um ponto já alcançado pela expansão da cidade. Há problemas para os moradores dos bairros Jardim Paraíso, Parque Cecap, Jardim Novo Mundo, Capuava e Parque das Colinas. O aterro é construído pela prefeitura, sob orientação da Cetesb.

Lavadora Brastemp Luxo

Capacidade para 4 kg de roupa seca. 2 níveis de água; programa de molho.

Refrigerador Brastemp Frost Free 420 litros

O frio seco. A única geladeira que não precisa descongelar nunca.

Fogão Brastemp Advanced Line Luxo 4 bocas.

À vista 300.000
ou 12 de 53.790
Total a prazo 645.480
sem entrada

Modelo esmaltado, com pés cromados.

BRASTEMP
Tecnologia com carinho

OUT. 57

Fogão Brastemp Advanced Line Gran Luxo Inox 4 bocas com estufa.

À vista 530.000
ou 12 de 95.029
Total a prazo 1.140.348
sem entrada

Mesa de aço inoxidável e tampa de vidro balanceada.

Lava-louça Brastemp Luxo

À vista 1.200.000
ou 12 de 215.160
Total a prazo 2.581.920
sem entrada

Totalmente automática. Com 3 ciclos de lavagem. Tampo de cristal e rodízios.

Use as facilidades do Credi-Sears!

Satisfação garantida ou seu dinheiro de volta!

Sears

Paraíso Água Branca Shopping Center Iguatemi Morumbi Shopping

O ESTADO DE S. PAULO
CADERNO 2
ANO III NÚMERO 815 □ QUARTA-FEIRA, 23 DE NOVEMBRO DE 1988

Recital

Contrabaixo e piano formam dupla no Masp

Luís Antônio Giron

Hoje, às 20h30, no grande auditório do Masp, acontece um recital com programa e formação pouco ouvidos. Trata-se do duo formado pela contrabaixista Ana Valéria Poles e pela pianista Laís Kauffmann Senise, que mostrará ao público seis peças desconhecidas, cinco delas escritas originalmente para duo de contrabaixo e piano. A exceção é o **Romance op. 20**, do compositor paulistano Luiz Levy (1861-1935), escrito originalmente para piano e violoncelo — obra inédita recém-descoberta pelo musicólogo Arnaldo Senise, aliás marido de Laís.

"O repertório para o contrabaixo é escasso, pouco divulgado e oferece dificuldades enormes de execução", diz Ana, 25 anos, formada pela Academia de Música de Viena, onde obteve o prêmio de mérito no começo do ano. "Não há uma escola contrabaixística. O instrumento sempre fez papel coadjuvante, no fundo da orquestra. Mas, com um bom repertório e o desenvolvimento da técnica, é possível fazer boa música no contrabaixo."

Um pouco dessa boa música poderá ser ouvida hoje. No programa, o **Baião em Berlim**, do compositor brasileiro M. Delestre; a **Sonata nº 2** do checo A. Misék, o "Brahms do contrabaixo", **12 Ensaios** do austríaco serialista F. Leitermeyer; **Réverie** de Bottesini, o "Paganini do contrabaixo", e a Peça de Concerto, do alemão E. Stein.

SERVIÇO

Recital de Contrabaixo e Piano de Ana Valéria Poles e Laís Kauffmann Senise. Hoje às 20h30 no Grande Auditório do Masp, na avenida Paulista. No programa, Delestre, Misek, Leitermeyer, Bottesini e Stein. Ingressos Cz$ 150,00 e Cz$ 300,00.

ACONTECE

MÚSICA

Só hoje

ARTISTRIO - O grupo de cordas interpreta —dentro da série "Concertos Carbocloro no Maksoud Plaza"— "Trio nº 1 em Si Maior, op. 8", obra lírica de J. Brahms (1833-1897), e "Dumky Trio Em Mi Menor, op. 90", do compositor tcheco A. Dvorák (1841-1904), peça que tem movimentos de uma balada folclórica eslava com caráter sentimental. O conjunto, formado pela pianista Yara Bernette, pelo violoncelista Antonio Del Claro e pelo violinista Ayrton Pinto, é considerado o melhor conjunto de música de câmara da atualidade. O trio surgiu após o Festival de Inverno de Campos do Jordão de 1987, quando os músicos começaram o trabalho de ensaios e pesquisa. Teatro Maksoud Plaza (al. Campinas, 150, Cerqueira César, região central). Reservas pelo telefone 251-2233 e reserva com entregas . Às 21h. Ingressos: NCz$ 80,00, NCz$ 40,00 e NCz$ 20,00 (estudante, meia hora antes do espetáculo).

CLÉLIA OGNIBENE E SYLVIA MALTESE MOYSES - Recital de piano a quatro mãos com peças dos autores Arthur Napoleão, "Théme avec Vartiations" e "Final (Alla Polacca), da 1ª Suite de Orquestra, op. 62", e Alexandre Levy, "Andante Romantique Tarantelle", "En Mer (Poéme Musical)", "Depart. Mer Calme", "Le Ciel s'Assombrit. Tempéte", Clair de Lune. Idylle Fugitive Scherzo - valse" e "Samba (da suite Brèsilienne). Teatro Popular do Sesi (av. Paulista, 1313, tel. 284-9n87, Cerqueira César, região central). Às 20h30. Entrada franca.

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO - O projeto "Música nas Arcadas" apresenta esta semana fragmentos da obra "Sheherazade, de Rimsky Korsakoff, sob a batuta do maestro Diogo Pacheco. Salão Nobre da Faculdade de Direiro da USP (largo São Francisco, 95, tel. 239-3077, ramal 71, região central). Às 12h. Entrada franca.

MARIO FICARELLI - O compositor mostra seu trabalho dentro do projeto "Compositor Contemporânea". No programa "Seis Duetos para Violinos" (1986), "Triedro" (1984), "Sonata para Oboé e Piano" (1985), "Ensaio" (1972, para voz, contrabaixo e pratos, e 1979, quinteto para piano e tambores), "Potências - Ensaio 89 (1989). Museu da Imagem e do Som (av. Europa, 158, tel. 852-9196, Jardins, zona sul). Às 21h. Entrada franca.

ALBERTO MARSICANO - Toca sua cítara indiana na exposição de desenhos e gravuras "Vetores Estruturais", do artista plástico Baptistuta. Aliança Francesa (r. General Jardim 182, 2º andar, região central). Às 20h. Entrada franca.

O ESTADO DE S. PAULO

CADERNO 2

ANO III. NÚMERO 673 SEXTA-FEIRA, 10 DE JUNHO DE 1988

A SINFONIA DE LEVY, COMPLETA

O filho dos donos da Casa Levy, que durante muitos anos vendeu instrumentos e partituras musicais em São Paulo, terá, embora tardiamente, a mais importante de suas quase 70 obras interpretada pela Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas neste final de semana, ás 20h, no Centro de Convivência Cultural da Cidade. Sob a regência de Benito Juarez, a sinfônica vai tocar Sinfonia em Mi Menor, *de Alexandre Levy, resgatada após dois anos de árduo trabalho de restauração coordenado pela Sociedade Brasileira de Musicologia. A importância de Levy se acentua na medida em que ele enriqueceu o contexto musical paulistano numa época em que apenas o Rio de Janeiro representava o centro cultural do País. Alexandre Levy nasceu em 1864 em São Paulo, onde morreu em 1892.*

"DIÁRIO POPULAR" São Paulo, 13/4/1987

Auditório

José da Veiga Oliveira

A Sinfonia de Alexandre Levy

Incumbiu-me João Carlos Martins, quando era titular da Secretaria de Estado da Cultura, de realizar pesquisas em torno dos materiais musicais, acaso existentes no Arquivo daquele órgão, à rua Antonia de Queiroz. Durante semanas, estagiei longas horas na Unidade administrativa, superiormente dirigida pelo prof. José Sebastião Witter. Entre documentos conservados em caixas de zinco, deparou-se-me uma partitura formato in-4.o, volumosa (Ordem 6120, do mesmo Arquivo), datada de 1910, da grande Sinfonia em Mi menor, do compositor paulista Alexandre Levy, (1864-1892), copiada em excelente caligrafia por Synesio Trigueiro. Recordava-me perfeitamente de um conserto sinfônico, promovido pelo Departamento Municipal de Cultura, a 17 de janeiro de 1942, sob a regência de Souza Lima, quando foram executadas a Sinfonia; um **Andante** para orquestra de cordas; "Comala", poema sinfônico e três capítulos da **Suite Brasileira**: "Prelúdio ", "A beira do regato", "Samba".

Há motivos para crer que a Sinfonia somente foi repetida nesta Capital apenas mais uma vez (1959) pela Orquestra Sinfônica Municipal, sob regencia de Roberto Schnorrenberg.

Da importância da Sinfonia bastará lembrar que foi premiada pela Comissão Colombiana Mundial, na Exposição Internacional de Chicago (1893), um ano após o prematuro e lamentável passamento do compositor, fulminado por uma sincope cardíaca, aos 27 anos de idade.

Pois agora, a Sociedade Brasileira de Musicologia, a Secretaria de Estado da Cultura, por seu Departamento do Arquivo; o Ministério da Cultura/Funarte/Instituto Nacional de Música, em co-edição da FIEO — Fundação "Instituto de Ensino para Osasco", com apoio da Xerox do Brasil e da sra. Cecilia Levy Murtinho de Souza — vem de publicar a grande Sinfonia de Levy, em primorosa edição, prefaciada pela eminente musicóloga Cléofe Person de Mattos, ex-presidente da Sociedade Brasileira de Musicologia; pelo ex-secretário da Cultura, Jorge da Cunha Lima, e contendo um completo escorço biográfico do autor, da lavra do abalizado musicólogo Arnaldo José Senise. Tendo em vista que ainda não foi encontrado o autógrafo completo da Sinfonia, bem como as numerosas imperfeições detectadas nas cópias supérstites de Synesio Trigueiro, Boris Lomani, Eduardo Dohmen e outras, tornou-se imprescindível um escrupuloso cotejo de confronto entre os vários textos. Foi contratada uma copista-restauradora, tendo Senise pesquisado em profundidade todos os elementos atinentes à obra e seu autor, do que resultou, a meu ver, um verdadeiro monumento de probidade intelectual, de extenuante e beneditina paciência, ciência musicológica, espírito prático. O Brasil estava a clamar por um trabalho desse nível. Nenhum esforço foi poupado para que o grosso volume fosse apresentado ao nível do melhor estilo e autoridade. Agora, quem quiser montar a Sinfonia na sala de concertos, mandará extrair, através de copistas, as partes cavadas da **paraphernalia** instrumental: flautas, oboés, clarinetes, fagotes, trompetes, trombones aos pares; quatro trompas, contrabass-tuba, tympani; violinos I-II, violas, violoncelos, contrabaixos.

DISCOS

CARLOS GOMES — Aberturas das óperas **Il Guarany**, **Salvator Rosa**, **Fosca**; **"Alvorada"** da ópera **Lo Schiavo**; Prelúdio da ópera **"Condor"** ("Odaléa"). Orquestra Sinfônica de Campinas, reg. Benito Juarez. — 3M, 3M5-0001. Ed. original brasileira.

Tal qual Verdi, Ponchielli e outros coevos, Carlos Gomes cingiu-se à ópera. Uma lástima, realmente! Se se esforçasse por escrever um concerto para piano, ou violino, ou violoncelo e orquestra; ou um ciclo de "Lieder"; ou quintetos para cordas e piano; ou poemas sinfônicos, certamente seria hoje lembrado e porventura executado, caso suas composições encerrassem real força artística. Historiadores lembram que o campineiro chegou a elaborar uma versão ou síntese sinfônica sobre uma das óperas. Mas não se tem notícia do paradeiro da partitura. E como hoje a montagem de óperas envolve custos gigantescos, e tendo em vista o por vezes precário gabarito inspiracional de muitos melodramas gomesianos, o corolário é inarredável: Carlos Gomes está votado ao esquecimento. E não se argumente com líricas tiradas patrióticas!

Benito Juarez, regente titular e diretor artístico da Sinfônica de Campinas, partiu para um disco de excertos orquestrais de Carlos Gomes. Tem-se a impressão de estarmos ouvindo música de concerto, sem aquela típica atmosfera de expectativa, que precede a subida do velário numa ópera dramática. Mais uma vez patenteia-se o domínio das possibilidades sinfônicas do maior operista das Américas no séc. XIX. O registro sonoro comporta-se de excelente estilo. Menos, porém, o célebre Prelúdio ao IV ato de **Lo Schiavo**, a "Alvorada", que, por sinal, jamais poderá ser qualificado "Intermezzo", como da contracapa consta. Do próprio sentido etimológico do substantivo deflui o conceito de um trecho orquestral em meio a um ato ou uma cena, bastando recordar os "Intermezzi" da **Cavalleria Rusticana**, do **Guglielmo Ratcliff** de Mascagni. Toda a 1.a parte da "Alvorada" flutua num tênue pianissimo. Todavia, não podemos reduzir tanto a dinâmica sonora a ponto de tornar **inaudível** a delicada paleta sinfônica de Gomes. E isso, por desdita, acabou acontecendo, com a agravante dos trompetes bélicos soando apagados, apenas decifráveis por adivinhação... lástima!

Antolha-se-me por igual melancólico que o maestro Benito Juarez não se lembrasse de gravar pela primeira vez o primitivo **Prelúdio** para **Il Guarany**, descartado afinal pelo compositor, em prol da empolgante Abertura (ou "Protofonia", segundo o pedante substantivo ainda hoje em voga). É uma partitura que ninguém conhece, mas, de todo modo, digna de exumação. Além disso, o título da derradeira ópera poderia ser **Odaléa**, em vez de **Condor**, que se presta a trocadilho ("Com dor"), sendo em francês um termo impublicável!

Os comentários de encarte, a cargo de Damiana Cozzella: medíocres, lacunosos, mal redigidos. Como sempre, aliás!

De qualquer modo, um lançamento discográfico de excelente nível artístico.

Diario Popular

● 27 - 6 - 1988 - Diário Popular - Página 23

VARIEDADES

Auditório

Alexandre Levy em Campinas

Em 1892, com pouco mais de vinte e sete anos, um colapso imprevisto e fulminante extinguia a existência e a promissora carreira do pianista, crítico musical, regente e compositor Alexandre Levy, paulista da capital da então província, onde nascera em 1864.

O musicólogo Arnaldo José Senise de há muito vem trabalhando na recuperação do legado artístico dessa notável personalidade do pós-romantismo brasileiro. De parceria com a egrégia maestrina Cléofe Person de Mattos preparou e fez editar a partitura de orquestra da Sinfonia em Mi menor, obra que ouvi apenas uma vez, 46 anos atrás, em primeira-audição, a 17 de janeiro de 1942, no Teatro Municipal de São Paulo, sob a regência de Souza Lima; concerto comemorativo do cinquentenário da morte do compositor. Além da Sinfonia foram executados: **Andante** para cordas; **Comala**, poema sinfônico, e **Suite Brasileira**, em três partes (**Prelúdio; A beira de um regato ; Samba**).

Desse concerto pouco restou-me na memória. A música não se presta, via de regra, a juízos de estimativa a um preliminar contacto. Agora, a situação é outra, mormente após convite do maestro Benito Juarez, titular e diretor artístico da Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas, que executou a Sinfonia no auditório do Centro de Convivência Cultural, a 11 de junho do corrente ano.

À base do texto meticulosamente revisto, corrigido, restaurado por Cléofe e Senise, a execução decorreu articulada, expressiva, instigante em termos de fraseado, flexibilidade agógica, cuidado nos pormenores rítmico-melódicos, dinâmica dos planos sonoros —, umas que outras sumamente honrosas para a falange sinfônica campineira e seu regente.

Em que pesem as propensões programáticas de Alexandre Levy no sentido de implantar em sua obra a marca do nacionalismo, o clima estético da Sinfonia em Mi menor reporta-se claramente ao pós-romantismo d'além-mar. E nessa circunstância não há porque gerar surpresas, visto como é absolutamente impossível que alguém possa escapar aos influxos criativos de outrem. Importa, acima de tudo, que o compositor se revele apto a desenvolver uma veia musical ampla, autêntica, generosa, comunicativa, expressiva. É o que me parece ocorrer na Sinfonia, cuja cópia de partitura, para orquestra plena, tive a sorte de encontrar, durante pesquisas no Departamento do Arquivo, na Secretaria de Estado da Cultura. Dessa importante descoberta dei ciência imediatamente ao musicólogo Arnaldo José Senise, da Sociedade Brasileira de Musicologia.

Instrumentados para formação sinfônica normal — flautas, oboés, clarinetes, fagotes, trompetes, trombones aos pares; três trompas, tuba, tímpanos, violinos-primeiros e segundos, violas, violoncelos e contrabaixos — os quatro movimentos de que se compõe o trabalho denotam espontaneidade, segurança, inspiração, a par de algum débito de influências perante Schumann e Mendelssohn (compositores que Levy admirava sobremaneira). Procurar traços brasileiros de modinhas e quejandos não ultrapassa uma absurda e rematada tolice, fruto de um nacionalismo fanático, vesgo e prepóstero.

Curiosamente pareceu-me Levy mui próximo, em nível de inspiração, ao grande compositor tcheco Antonín Dvorák (1841-1904) nas insinuantes e líricas linhas melódicas do movimento central, **Andante**, de um caráter deliciosamente claustrofóbico e pastoral.

Há promissoras perspectivas de uma gravação fonográfica da Sinfonia.

O concerto principiou com uma insuportável "transcrição" (?) de Damiano Cozzella sobre um dos prelúdios e fugas do "Teclado Bem Temperado", para finalizar numa excelente leitura da suite do bailado **Petruchka** de Igor Stravinsky, com a participação pianística de Alexandre Pascoal Neto.

José da Veiga Oliveira

Música dos Mestres

Belkiss C. de Mendonça - II

Simplicidade, uma das virtudes da alma nos tempos correntes, tão contrária a empáfia dos que se julgam donos do assunto que abraçam, é uma das características da emérita professora e pianista de Goiás, Belkiss Carneiro de Mendonça. Faz seu trabalho de divulgar a arte brasileira, não só em nosso país, mas no exterior também, com a grandeza das almas nobres e excepcionais. Não faz barulho, não chama a atenção de ninguém onde quer que apareça e como a formiguinha carrega seu grão de areia para o engrandecimento da Arte que erigiu para demonstrar sua alma poética. Quem não a conhece e se põe a conversar com ela não perceberá jamais o que se esconde dentro de toda aquela simplicidade, na qual não se vislumbra o mínimo de arrogância, ao mesmo tempo que a grandeza de uma alma de escol.

Já nos tem dado ela várias amostras de seu talento e de sua grandeza e agora mais uma vez vem a presença do público que admira sua arte com um álbum de dois discos "O Piano Brasileiro — Séc. XIX" com obras algumas já conhecidas outras inéditas de nossos compositores na maioria das vezes, esquecidos, obscurecidos pelo estrondo dos medíocres que querem se impor, já que lhes falta talento e conhecimentos para serem apontados pelos críticos ou mesmo pelos simples apreciadores da arte de Euterpe.

Esse trabalho de Belkiss não só é digno de admiração, mas também de aplausos. Divulgar o talento de nossos próprios compositores na própria Pátria, é quase uma temeridade que Belkiss enfrenta com galhardia e vigor, não só com técnico, mas também com a alma de artista de mais alto quilate. Sem citar o nome das peças para não se tornar demasiado extenso, transcrevemos somente o dos compositores que figuram neste álbum, alguns já conhecidos, mas de outros, dos quais pouco se ouviu falar, ou talvez mesmo nunca, senão vejamos: Henrique Oswald, J. Octaviano, Barrozo Netto, Francisco Braga, Leopoldo Miguez, Ernani Braga, Alexandre Levy, Paulino Chaves, Alberto Nepomuceno, Fúrio Franceschini, Paulo Florence, A. Carlos Gomes, Glauco Velasquez, Luiz Levy, Luciano Gallet, A. Leal de Sá Pereira, Sílvio Deolindo Froes e Fructuoso Vianna.

Quer em discos, quer nas salas de concertos, nem sempre encontramos esses nomes e quando os assinalamos é verdadeira raridade.

Eis pois, o trabalho na sua "modestia com lauda" que Belkiss Carneiro de Mendonça presta a cultura brasileira divulgando e fazendo sentir que há quem trabalhe por esses autores praticamente desconhecidos em sua própria Pátria, com talento e arte invulgar conforme discos 992 127-1 e 992 584-1 que figuram num álbum com os dois discos.

Carlos González

12-6-88 Estado

Sinfonia de Levy, pela primeira vez na íntegra

Benito Juarez, à frente da orquestra, hoje e amanhã em Campinas

A obra foi resgatada após um trabalho de pesquisa que durou quase dois anos

Agência Estado
Campinas

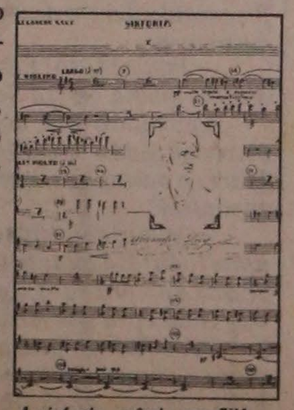
A Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas se prepara para apresentar hoje e amanhã, às 20 horas, no Centro de Convivência Cultural da cidade, "um dos mais expressivos concertos de toda a sua história", na opinião do maestro Benito Juarez. A vedete da apresentação é a Sinfonia em Mi Menor, do compositor paulistano Alexandre Levy, resgatada após um criterioso trabalho de musicologia que durou quase dois anos. Inclui também o programa o Prelúdio e Fuga em Sol Menor do segundo volume do Cravo Bem Temperado de Bach e o clássico Petruchka, do russo Igor Stravinsky.

A obra de Alexandre Levy já foi interpretada duas vezes no Brasil: em 1942 (quando São Paulo comemorava o cinqüentenário de sua morte), sob a regência do Maestro Souza Lima, e em 1959 no Rio, com a Orquestra Sinfônica Brasileira, regida por Roberto Schnorrenberg. "Mas não sabemos até agora como isso foi possível", assinala Arnaldo José Senise, musicólogo responsável pelo projeto de reconstituição da peça, explicando que algumas partes da partitura estavam extraviadas, e a obra apresentava uma quantidade imensurável de erros.

A partir de um árduo trabalho, coordenado pela Sociedade Brasileira de Musicologia — também responsável pela edição da partitura — o resgate da peça de Levy, "obra-prima do romantismo", ganhou seus verdadeiros contornos. Para isso, contou com a colaboração de familiares do compositor e de pessoas ligadas à música, como Cleofe Person de Mattos, presidente da Sociedade de Musicologia e o crítico e jornalista José David de Oliveira. Benito explica que a importância de Alexandre Levy se acentua na medida em que ele enriqueceu o contexto musical paulistano, numa época em que apenas o Rio de Janeiro representava o centro cultural do País.

Num cenário comandado pela atividade cafeeira do século XIX, um jovem regente, compositor, pianista e animador cultural, juntamente com seu irmão Luís Levy, também músico, mostrava um "talento incomum", valorizando a arte em São Paulo. Alexandre Levy — mais de 70 obras — preocupou-se em inserir manifestações folclóricas na música de concerto, com muita inventividade.

Sua sinfonia em Mi Menor contém influência dos compositores românticos — Schumann, Brahms e Mendelssohn, entre outros —, aliando, com muita transparência de vozes, uma atmosfera típica das modinhas paulistanas. "A peça apresenta riqueza harmônica e melódica exuberantes", opina o maestro Benito. A obra foi premiada nos EUA, numa exposição internacional em Chicago, em 1893, um ano após a morte do autor, durante a comemoração dos 400 anos de Descoberta da América.



A sinfonia: prêmio nos EUA

Os trabalhos para o resgate da obra começaram a partir de um pedido da sobrinha do compositor, Cecília Levy Murtinho de Souza, com o apoio de Luiz Fernando da Costa e Silva, Ondina de Sampaio Levy, de empresas e instituições culturais do País (com recursos financeiros para a impressão gráfica da partitura e recuperação das partes extraviadas).

Compositor romântico, Alexandre Levy era filho de imigrantes (a mãe, suíça e o pai, alsaciano) que se estabeleceram na Capital em 1860, como proprietários de uma loja de música e instrumentos, a Casa Levy. Alexandre nasceu em 1864 em São Paulo e morreu em 1892, aos 28 anos, vítima de um colapso fulminante.

O concerto reunirá três períodos distintos da história: o Barroco, com o Prelúdio e Fuga em Sol Menor (Bach); o Romantismo, através da sinfonia de Levy; e o Modernismo, representado no balé Petruchka de Stravinsky. A peça barroca (Bach) foi transcrita de forma inédita e contemporânea por Damiano Cozzella, responsável pelo arranjo de sopro e percussão na parte de orquestração.

O compositor Almeida Prado — professor de composição do Departamento de Música da Unicamp — será o mestre de cerimônia na apresentação das peças ao público. Almeida Prado fará especialmente um depoimento rico sobre a vida de Stravinsky, uma vez que estudou com Nádia Boulanger, em Paris, uma espécie de confidente do compositor russo. A professora francesa, também sua orientadora, presenciou toda a ruptura e transformação da obra stravinskyana. Almeida Prado é formado em Paris e considerado "o mais importante compositor vivo da música erudita", pelo maestro Benito Juarez.

A Universidade Estadual de Campinas também está participando do programa, patrocinando a vinda de críticos, músicos e da própria sobrinha de Levy, Cecília Levy Murtinho de Souza (filha de Luiz Levy e com mais de 70 anos de idade), a Campinas, nos dias de apresentação do concerto.

10-6-88 Estado

A SINFONIA DE LEVY, COMPLETA

O filho dos donos da Casa Levy, que durante muitos anos vendeu instrumentos e partituras musicais em São Paulo, terá, embora tardiamente, a mais importante de suas quase 70 obras interpretada pela Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas neste final de semana, ás 20h, no Centro de Convivência Cultural da Cidade. Sob a regência de Benito Juarez, a sinfônica vai tocar Sinfonia em Mi Menor, de Alexandre Levy, resgatada após dois anos de árduo trabalho de restauração coordenado pela Sociedade Brasileira de Musicologia. A importância de Levy se acentua na medida em que ele enriqueceu o contexto musical paulistano numa época em que apenas o Rio de Janeiro representava o centro cultural do País. Alexandre Levy nasceu em 1864 em São Paulo, onde morreu em 1892.

Até então, o que se vê é um Hamlet mo-

Um diretor fiel ao espírito da peça

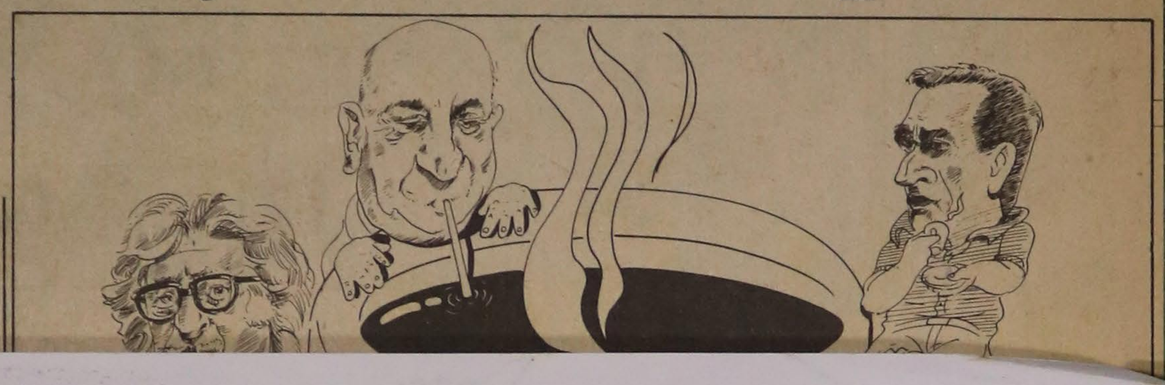
em que pese a aberrante conclusão, é um espectro a assombrar futuras interpretações da peça.

DITO & FEITO

Um dedo de café, outro de prosa

A salvação do Brasil era possível no primeiro cafezinho. No segundo, não

Fernando Sabino



A caminho de casa, resolvo tomar um café. Entro no Bar Bico, em Copacabana, esquina de Francisco Sá. E fico me lembrando do tempo em que o Bar Bico tinha o seu lugar nas nossas noites.

O ESTADO DE S. PAULO

CSC libera a peça 'Prestes', de Max Altman

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Por dez votos contra três, o Conselho Superior de Censura (CSC) liberou ontem a peça "Prestes", de Max Altman, sobre a vida do ex-secretário do Partido Comunista Brasileiro (PCB), Luis Carlos Prestes. A liberação ocorreu depois de uma longa discussão em que todas as acusações contra o texto, feitas pela Divisão de Censura de Diversões Públicas da Polícia Federal (DCDP), foram rebatidas enfaticamente pelo representante da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), Pompeu de Sousa. A peça havia sido rotulada, pelo DCDP, de "atentatória contra a segurança nacional e ao regime representativo e democrático".

O CSC liberou, ainda para a televisão, com cinco cortes, "Toda Nudez Será Castigada", parte do "Festival Nacional" da **TV Globo**.

Uma bibliografia da MPB

A literatura de Música Popular Brasileira, que nos últimos anos tem sido enriquecida com a edição dos livros pelo projeto Lucio Rangel da Funarte sobre importantes artistas do passado, terá agora mais um trabalho para consulta: trata-se da "Bibliografia da MPB", sobre a qual trabalhou o paranaense Alceu Schwab que recolheu 2.858 títulos de livros lançados no Brasil sobre uma arte de penetração, mas tão carente de literatura, a música popular.

Um apelo à comunidade

O cardeal d. Avelar Brandão Vilela, arcebispo de **Salvador** e primaz do Brasil, fez ontem um apelo à comunidade e principalmente aos empresários baianos para que participem da campanha para a conclusão das obras de recuperação da Catedral Basílica da cidade, que se arrasta há dez anos. O cardeal tem esperanças de que com a união da comunidade, a catedral baiana possa estar pronta no final do próximo ano e lembrou que campanhas semelhantes recuperaram 15 outras igrejas.

Roubo em igreja baiana

Duas importantes peças do século passado foram roubadas da igreja do povoado de João Amaro, no Município de Iaçu, a 270 quilômetros de Salvador, no sertão baiano. O furto aconteceu no domingo passado, mas somente agora foi descoberto e comunicado à delegacia de Proteção às Obras de Arte, em Salvador. Das imagens, além do valor histórico, uma delas, "São Bento", foi trazida de Coimbra no século passado, e a outra, de Nossa Senhora das Graças, tem também importância comercial, uma vez que a coroa de ouro da santa pesa 600 gramas.

O gamão traz

Sensibilidade e técnica de quatro pianistas nacionais

CARLOS VERGUEIRO

De nossa parte, há uma verdadeira torcida para que nossos intérpretes, nossa música, nossos autores sejam mais bem aproveitados pelas gravadoras. Existe tanta gente boa, lutando não só aqui no Brasil como também na Europa e nos Estados Unidos para conseguir um impulso em suas carreiras, luta geralmente inglória que, quando aparecem gravações de artistas e autores brasileiros, é uma festa!

Esta semana tivemos este grande prazer. Surgiram discos muito bem gravados tecnicamente, com prensagens brasileiras de alta categoria, com diversos pianistas brasileiros em repertórios interessantes e bem escolhidos.

Primeiro, dois discos "Philips", distribuição brasileira Polygram, com o pianista brasileiro Jean Louis Steuerman, interpretando todas as Partitas de Bach. Steuerman começou seus estudos de piano no Rio de Janeiro, onde nasceu, na ótima escola de Lúcia Branco, responsável por tantas carreiras vitoriosas. A Steuerman não falta técnica apurada, sonoridade rica e fraseio claro e preciso. Um ótimo Bach.

Também "Polygram", é o álbum com obras do brasileiro Glauco Velasquez, que neste ano faria cem anos. Sua bagagem musical é muito numerosa, original e pouco conhecida. Embora nascido na Europa, foi aqui que Velasquez escreveu suas músicas, influenciadas pelos autores europeus de seu tempo. Graças ao trabalho de pesquisa da pianista Clara Sverner, foi revelada aos brasileiros. Neste novo LP, Clara executa 12 peças de Velasquez, com sua categoria de intérprete de alto nível. São obras escritas entre 1905 e 1911, reveladoras de músico sensível e delicado, com colorido riquíssimo em matizes, que a intérprete consegue transmitir com grande categoria.

O selo Eldorado apresenta LP muito interessante, com obras de Luiz Levy, falecido em 1935, personalidade artística de São Paulo, que deixou mais de 70 opus nos mais variados gêneros. O pianista Cláudio de Brito executa as peças de Levy de maneira mais que correta, mostrando a grande beleza das pequenas peças de Luiz Levy, muito bem descritas nas notas da contracapa, de autoria de Arnaldo José Senise.

As etiquetas "Polygram" e "Ariola" apresentam discos do excelente pianista Arthur Moreira Lima, também da escola da mestra Lucia Branco: o primeiro com música russa: Tchaikovsky, Rachmaninov e Scriabin e o segundo com o Concerto nº 1 de Villa-Lobos, acompanhamento pela Orquestra Sinfônica da Rádio da URSS, sob regência de Vladimir Fedoseyev. Arthur Moreira Lima dispensa comentários, pois suas apresentações públicas e gravações de Chopin, Ernesto Nazareth e Prokofieff já mostraram sua categoria. Nos dois LPs, com música russa e o concerto de Villa-Lobos, ele está perfeitamente à vontade, mostrando sua versatilidade de intérprete.

Nosso aplauso irrestrito à Polygram, Ariola e Eldorado pelas obras editadas, com intérpretes da categoria de Steuerman, Clara Sverner, Cláudio de Brito e Arthur Moreira Lima, mostrando obras dos brasileiros Luiz Levy, Glauco Velasquez e Villa-Lobos, além de Bach, Rachmaninov, Tchaikovsky e Scriabin, muito bem executadas. Esperemos que as gravadoras continuem a abrir espaço aos nossos artistas.

Rádio

M

"M
nome
Morae
21 hor
bi. Se
palavr
dendê
e isso
voltar
gia de
nada d
sileiro
fartam
"essa
primei
pela A
xado e
de Lin
cano L
o que
pois d
carnav
ca, seg
em est
em No
A
ra, a F
por Gu
(guitar
Paiva
Bidinh
Zé Carl
ria), Ca
(percus
Moraes
uma ba
cos. En
de aper
lhe ma
presenç
maior
sopro.
raes, é
"Sinto-
dando
por mu
desemp
Ho
tando t
cha de
Minas
prepara
co —, "

O can

SHOPPING/CITY NEWS

A Semana

Sergio Monte Alegre

Os e
uma n
ou saro
de. A p
po, ind
de já vi
de má
ou tipo
são os
lado d
zes e es

Com
vendas
190/19
cama,
(Yves
estarão
gos de

Cer
e méd
Intern
nha,
teira

Philippe Chalifour, Helena Montanarini, Lucília e Manoel Diniz em noite de aniversário.

ções da inteligência artificial, que já surge como o verdadeiro futuro da informática, e que de acordo com as previsões desencadeará uma verdadeira revolução econômica e social, capaz de fazer cálculos, compara-

nes para que tivesse fim esse festival de beleza perturbador... para os monges. Assim, sem maiores contemplações, as autoridades municipais proibiram que iates ancorem nas imediações do convento.

★ ★ Anote ★ ★

O Arte Club, dirigido por Regina Botelho de Abreu Sampaio, apresenta este mês os óleos de Iglesias.

Amanhã, Marlene Porto Wentzler estará na Galeria São Paulo, de Regina Boni, autografando "Os brasileiros — uma tragicomédia".

Sérgio Duarte está com suas fotos no Museu da Imagem e do Som.

Regina e Leopoldo Collor de Mello receberam poucos amigos de Chiquinho Scarpa para festejar, antecipadamente, seu aniversário que na realidade será dia 13 com comemoração no Regine's, de Paris. Estavam Tereza Meirelles, Cristina Neves da Rocha, Fátima Ribeiro, Cecília e Paulo Bastos, Geraldo Abondanza, Artemiza e Ricardo Scalamandré, Kiki e João Paulo Arruda, Aparício Basílio da Silva e Lúcia e Roberto Moura.

A dupla Duran & Duran, entenda-se Beth e o fotógrafo J.R. Duran, viajou para Europa com dois objetivos: repetir, em Barcelona, o sucesso conseguido aqui com a exposição de fotografias e, depois, descansar... descansar!

Dia 12 será o lançamento do novo disco dedicado à obra do pianista Luiz Levy, falecido há 50 anos. O LP foi gravado por Cláudio de Brito, e auxiliado na pesquisa pelo musicólogo Arnaldo Senise.

No dia 2 de outubro, 50 empresários vão passar para o lado de dentro do balcão e disputar o acirrado e etílico 1.° Torneio Carlton de Cocktails-Play Boy Cup.

Dia 13 de setembro o marchand Paulo Prado estará exibindo trabalhos a óleo de Tito de Alencastro.

Luiz Villares convida para comemorar, amanhã, a estréia do programa Todas As Mulheres, na Rádio Cultura AM, apresentado pelas jornalistas Yara Peres e Raquel Santilli.

O presidente da Sociedade Brasileira de Andrologia, Roger Addelmassih, estará participando do XI Congresso de Reprodução Humana, de amanhã a 14 de setembro, no Palácio das Convenções. O tema oficial é Mulher aos 35 anos.

Ricardo Paes Barreto recebeu para jantar todo o clã: Marcelo, Dina, Eduardo, Celina, mais Mauí e Lauro Pereira de Almeida, Armando e Ana Rosa Zerbinatte.

NÃO USE ACI
• TRATAMENTO RÁF
• INDOLOR!
• SEM ANTIBIÓTICOS
• SEM INFILTRAÇÃO CORTICÓIDE
BRADLEY ESTETI
Rua Cardeal Arcoverde, 226
282-0314•280-5331-Entrevis

PERUCAS
CLEÓPATI
Femininas e Mascu
NATURAIS E KANEK
também sob medi
BARBAS, BIGOD
TRANÇAS, APLIC
Vendas a Praz
LONGA EXPERIE
Rua Nova Barão
Tel. 259-094

Para anunc
consulte s
agência ou
para 256-5
Ramais 1
ou 194

Pierre Cardin. Com este duplo aval, foram lançados, semana passada, os primeiros produtos da ampla linha Maxim's. Produzida segundo um minucioso controle de qualidade, com matérias-primas de alto padrão, a série, segundo os responsáveis pelo lançamento, destina-se a um

segundo Annie Chaumeron, diretor da Difusão Pierre Cardin no Brasil, os produtos estarão a venda em delicatessens e em lojas finas. O executivo ressalta que a marca Maxim's representa "o que de mais fino Pierre Cardin pôde oferecer ao consumidor". No Exterior, ela já está presente em seis pontos: França, Japão

Viagem a um passado rural

São belas imagens da Irlanda que o fotógrafo William Green registrou, e que o Masp mostra amanhã.

Essas fotos foram tiradas entre 1910 e 1930, e abordam variados temas.

Em 1911, no condado de Ulster, na Irlanda do Norte, 55% dos agricultores possuíam entre cinco e trinta acres de terra. E 20%, menos de cinco acres. O desaparecimento das pequenas propriedades era visível. A mecanização agrícola, a imigração das antigas famílias de lavradores mudavam a paisagem e substituíam costumes seculares. Atento a essas transformações, um fotógrafo, William Alfred Green, registrou com precisão e poesia, em centenas de fotos, os aspectos mais significativos dessa vida que desaparecia. A partir de amanhã às 19 horas, 30 delas poderão ser vistas no Masp (av. Paulista, 1578), na exposição **Ulster: Cenas da Vida Rural Irlandesa**, numa promoção do Conselho Britânico.

William Alfred Green conhecia bem o seu tema. Afinal ele naseu em 1870, em County Down, lá mesmo na Irlanda do Norte. No começo dedicou-se ao comércio. Mas, por problemas de saúde, foi obrigado a escolher uma profissão que lhe permitisse viver ao ar livre. Experimentou então a fotografia e, depois de um estágio de aprendizado com R.J. Welck, um conhecido profissional da região do Ulster, passou a fotografar sozinho, por volta de 1910.

As quatro mil fotos que fez pertencem hoje ao acervo do Museu do Folclore e do Transporte de Ulster. Elas revelam que seu interesse foi muito variado e incluía temas como topografia, botânica e transportes. Confirmam também que ele foi extremamente sensível às práticas agrícolas, aos antigos hábitos de trabalho do pessoal da terra e ao comportamento social dos camponeses. Tanto é que a maior parte de sua produção está voltada para o registro da rotina diária da vida rural.

Nas 30 fotos escolhidas para esta exposição pelo Conselho Britânico de Londres e pelo Museu do Folclore e do Transporte de Ulster, essa rotina é mostrada como uma grande crônica da vida camponesa. Há desde documentos que exibem técnicas agrícolas, cuidados com ferramentas, até registros de brincadeiras infantis, de dias de feira, da feitura de uma refeição, da celebração da colheita e dos momentos mais significativos dos comportamentos dos pequenos agricultores, que naquele época já começavam a desaparecer diante da inviabilidade econômica de explorar suas propriedades dentro dos moldes tradicionais.

Para conhecer essas cenas tomar contato com a paisagem social do Ulster no período entre 1910 e 1930, período coberto pelas fotos, o público tem até 23 de setembro. Depois a exposição segue para o Recife.

Discutindo o caipira. Sem ironia e preconceito.

O caipira de cabo a rabo. Da viola à venda. Da enxada ao sotaque. Muitas informações, análises e uma discussão justa, isto é o que está prometendo o seminário que se inicia hoje, às 20 horas, e vai até sexta-feira, sempre no mesmo horário, no auditório do Sesc Fábrica Pompéia (rua Clélia, 93), como parte da programação **Caipiras, Capiaus: Pau-a-Pique**.

Esse personagem sempre mal compreendido pelos habitantes da cidade grande, ironizado pelo humorismo nos veículos de comunicação de massa e permanentemente esquecido pela legislação social, será radiografado no seu modo de vida, na sua linguagem e na sua música por antropólogos, sociólogos, professores e compositores. Tudo sem nenhuma preguiça, mas com muitas palavras e a promessa dos organizadores de não se transformar numa lenga-lenga interminável.

Na verdade, tudo com um enredo bem pensado, bem ao gosto do poeta e compositor João Pacífico, 74 anos, inventor da toada sertaneja e autor de clássicos como **Cabocla Tereza** e **Chico Mulato**, ele mesmo um participante do seminário e que é um bem-humorado defensor de histórias simples mas com um bom enredo.

Hoje, por exemplo, para iniciar a função, o tema será **O Modo de Vida**. Quem começa é o antropólogo Carlos Rodrigues Brandão, diferenciando logo de início a **Cultura Caipira e Cultura Camponesa**. Em seguida, o sociólogo Oriovaldo Queda distingue as **Festas Caipiras e Festas Juninas**. E outro sociólogo, Otavio Ianni, encerra com **Trabalho e Vida Social**.

Amanhã, já ilustrado por uma visão geral sobre a vida caipira, o público terá uma sessão ainda mais animada com o tema **Linguagem**. Nesse encontro, segundo Mariza Lajolo, professora e crítica do **JT**, a importância está na proposta de uma discussão chave para a literatura brasileira: o da representação do homem do campo por um tipo de obra que é essencialmente urbana, criada pelo homem que vive na cidade.

O cenário caipira

Ainda segundo ela, a representação do caipira é um espinho da literatura brasileira. Da ingenuidade à estilização, ele vem sendo tratado com um mínimo de discussão. De sua parte, ela vai falar sobre Monteiro Lobato, "o detonador popular da figura do Jeca Tatu". A sua intenção é colocar o autor e o personagem dentro de uma perspectiva histórica e ressaltar o recurso da reprodução de situações de oralidade utilizadas por Lobato para desenvolver suas personagens e histórias.

Amanhã mesmo, a professora Ada Natal Rodrigues irá dedicar uma atenção especial ao tema **A Fala Caipira de Piracicaba**. E outra professora, Eni Yatsuda Frederico, ficará com **Waldomiro da Silveira e as Interpretações do Dialeto**.

Na sexta-feira o tema será a **Música**: Waldenir Caldas, doutor em sociologia pela USP, autor de livros, artigos e de um recente roteiro para um **Globo Repórter Especial**, sobre música sertaneja, avaliza este seminário, pois "essa discussão sobre a música e cultura caipira pode evitar muitas injustiças e imprecisões que cometemos contra essa cultura que vem ganhando cada vez mais espaço no meio urbano".

Dentro do seu item, **Música Sertaneja e Indústria Cultural**, ele vai provocar o público mostrando as convergências e divergências das músicas caipira e sertaneja, a função lúdica da primeira e a de entretenimento da segunda. Vai exemplificar como as duas sempre foram utilizadas, após a popularização, como instrumento de promoção e manipulação políticas. E vai também deixar claro os mecanismos da indústria cultural na criação de um produto híbrido, que se apropria e dilui a música caipira, misturando a ela elementos estranhos, originários do meio urbano.

Ao seu lado, o compositor João Pacífico, que afirma "continuar ainda um moleque", garante que vai contar o que lembrar sobre sua vida e sua carreira de 54 anos. Fazendo isso ele espera contribuir para a sobrevivência da verdadeira música sertaneja, uma coisa que "sempre levou a sério". Mas ele vai logo avisando: "Embora caboclo goste de palavreado e seriedade, também gosta de uma boa história e de brincadeiras". Portanto, que ninguém espere dele um depoimento empolado.

Na mesma noite em que se arremata o seminário, Biaggio Baccarin, advogado especializado em Direito Autoral, vai falar sobre a **Música Caipira e a Indústria Fonográfica**, e a antropóloga Kilza Setti, sobre o **Caiçara Paulista e Sua Produção Musical**.

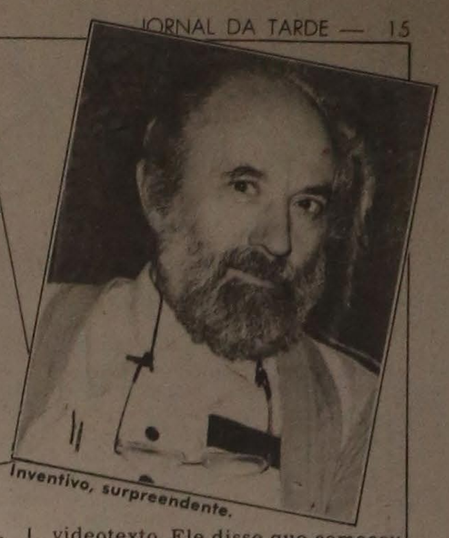
Beto Ramponi, diretor do Sesc — Fábrica Pompéia, espaço que recebe cerca de 90 mil visitantes mensais, garante que o seminário está dentro do espírito da entidade: o de promover eventos e discussões que recuperem a memória, a produção e a cultura popular. Ele faz parte da programação paralela da mostra **Caipiras, Capiaus: Pau-a-Pique** e tem "o objetivo de sistematizar a discussão, sem provar tese nenhuma".

Ramponi também afirma que o evento todo foi programado para atender os diversos níveis de expectativas. De quem só quer olhar a mostra a quem quer discutir a cultura caipira, todos estão encontrando vez, pois "essa foi a proposta que orientou o Sesc e a Brastemp, que patrocina todo o evento".

Para quem não puder acompanhar o seminário, mas estiver interessado no tema, o diretor dá uma boa notícia: "Ele será gravado e transcrito, ficando como uma documentação para a consulta do público".

MICHEL BUTOR

O mestre da vanguarda literária francesa, hoje na USP.



Inventivo, surpreendente.

Um dos escritores mais importantes do século XX chegou a São Paulo, ontem. Ele é Michel Butor, um francês que já escreveu 40 livros, um homem apaixonado pelas letras, desde a infância, quando ouvia muitas histórias de sua mãe. Nós o encontramos no hotel Firenze, onde conversava com sua amiga Leyla Perrone-Moisés (ninguém conhece melhor a obra desse escritor no Brasil do que Leyla). Michel Butor tem 58 anos, é uma pessoa alegre, fala pausadamente, acentua cada palavra, com um jeito profundo e didático, em que se adestrou como professor.

Seus livros ficaram célebres pela inventividade e surpresa que reservam aos leitores. Ficaram mais famosos entre as pessoas que gostam de leituras de vanguarda, textos que muito exigem do leitor, em atenção, conhecimento e vontade de aprender. Uma das pessoas que se apaixonaram, na década de 60, pela obra de Michel Butor, foi o brasileiro Osman Lins, já falecido, que o encontrou em Paris, há muito tempo, num dia chuvoso, e escreveu, depois, uma versão apaixonada da conversa que tiveram.

O mestre Michel Butor vai fazer uma conferência na USP, hoje; isto serviu para que ele se lembrasse de uma coisa bem engraçada. No começo de sua carreira de professor, ficava um bocado nervoso, quando ia dar uma aula. Ficava mais nervoso, ainda, nas aulas do que nas conferências. Mas isso foi há muito tempo, e suas meias ficavam todinhas molhadas — o que espera que não aconteça na conferência de hoje (no anfiteatro da Geografia, na Cidade Universitária, às 15 horas), quando vai falar a respeito do tema **Metamorphoses de L'université**, num dos atos culturais com que será homenageada a Fundação da Universidade de São Paulo, que como se sabe, muito deve aos franceses.

Da outra vez, única vez, em que esteve no Brasil, isto foi em 1967, Michel Butor, conhecido também por seu amor por viagens, ficou sabendo alguma coisa a respeito da literatura brasileira. Já é capaz de ler alguma coisa em português, mas, de preferência, textos de autores mais clássicos. "Eu não sei o suficiente para me meter a ler Guimarães Rosa", explicou ele. O escritor francês riu um bocado e se conformou desta deficiência, quando lhe explicaram que muitos brasileiros de cultura média também não conseguem entender o que Guimarães Rosa escreve. "Eu também não li Machado de Assis, mas acho que algum dia começarei a descobri-lo. Eu tenho muito interesse pelos grandes escritores realistas do século XIX, com os quais já trabalhei muito na França".

Michel Butor está muito interessado nas aulas técnicas, a serviço da arte de escrever, como o videotexto. Ele disse que começou a fazer seus livros trabalhando com uma caneta tinteiro; passou para máquina de escrever mais simples, e, hoje, está às voltas com essas supermáquinas eletrônicas. Seguramente, ele chegará ao videotexto. Michel Butor está disposto a participar de experiências que se articulam na França em torno do videotexto, com muitos escritores trabalhando com os textos dos outros, numa coisa bem maluca, mas interessante.

Ele tem certeza de que o videotexto terá profundas repercussões na forma usada pelos escritores na produção de sua literatura. Butor já escreveu poemas, romances, ensaios, e ate romances que se confundem com poemas, porque ele parece disposto a tocar no próprio conceito do que é literatura. Publicou textos em tantos lugares do mundo que, talvez, nem consiga dizer sobre tudo o que já escreveu. Possivelmente, seu livro mais famoso é **A Modificação** já traduzido para o português. Neste livro, ele conta a história de um homem que pega um trem para Roma. O homem está decidido a ir viver com a amante que o espera no fim da viagem. No trem o viajante pensa na vida. Pensa no passado, pensa no futuro. Ele acha que a decisão de pegar o trem é certa. Mas não se decide até as últimas conseqüências. No final, ele desiste de ir viver com a amante. Mas não volta à cidade de onde partiu.

Em sua obra, há um espaço reservado para livros, em que fala de sonhos. É uma série chamada **Matéria de Sonhos**, inédita no Brasil. Como explicou Leyla Perrone-Moisés, não se trata de uma simples descrição de sonhos, mas de uma elaboração literária e intelectual, como se o sonho fosse parte de uma fantástica utopia. "É uma narrativa elaborada, resultante de um inconsciente dominado", escreveu certa vez Leyla. Seja como for, Michel Butor contou-nos, no encontro no hotel Firenze, que ele está completando agora o quinto volume do seu livro de sonhos. E assim ele finaliza a série, porque nessas obras ele vai somente (somente???) até o número cinco.

Não pensem, porém, que este livro sobre os sonhos é o único que o escritor está concluindo no momento. Não! Michel Butor está sempre escrevendo muitos livros ao mesmo tempo; ele sabe, por toda sua experiência, que os livros irão ficando prontos, um por um. É como se fosse uma corrida de cavalos. Um dos cavalos vai chegar na frente. Essa corrida de livros articula-se na cabeça do escritor. Nenhum de seus amigos mais íntimos saberá dizer qual livro chegará à frente nesta estranha corrida.

Muito menos o escritor.

(Marcos Faermann)

Na Aliança, um ciclo de literatura.

Com uma palestra a respeito do tema A Questão da História Literária, *o prof. João Alexandre Barbosa abre hoje o ciclo de conferências sobre literatura, promovido pela Aliança Francesa. O ciclo é composto de oito palestras (às quartas, 20h), na sede da Aliança no Butantã (av. Waldemar Ferreira, 204, inscrição a Cr$ 25.000,00), com o fornecimento de certificados de freqüência. Aos interessados em assistir a apenas algumas aulas, o preço é de Cr$ 4.000,00 por palestra. Mais informações, pelo telefone 212 8211 (Aliança-Butantã) e 259-8211 (Aliança-Centro). Na palestra de quarta-feira que vem, o tema escolhido é* Beckett - do Tradicional à Inovação, *com a professora Célia Berretini.*

MÚSICA

As obras do polivalente Levy, por Cláudio de Brito.

Cláudio de Brito

Pode-se afirmar, com correção, que o Estúdio Eldorado lança hoje um LP sobre o compositor Luiz Levy. Mas pode-se explicar, com mais precisão, que se trata na verdade de um disco que registra quatro temperamentos musicais distintos. Luiz Levy, (1861-1935), como Fernando Pessoa na literatura, ousou cultivar personalidades diferentes, expressas em aproximadamente 60 composições praticamente ignoradas pelo grande público. Estas facetas estão presentes no repertório selecionado e interpretado pelo pianista Cláudio de Brito, neste disco que a Eldorado apresenta hoje, durante um coquetel no Clube Paulistano, às 19 horas.

Desde 1980, Cláudio de Brito e o Estúdio Eldorado vêm desenvolvendo um cuidadoso trabalho de resgate à memória musical do País. Gravaram dois discos (um de 80 e outro de 81) registrando obras para piano de compositores como Leopoldo Miguez, Alberto Nepomuceno, Francisco Braga e Alexandre Levy; e, através deles, o público pôde conferir como alguns artistas brasileiros reutilizaram, ainda que defasados no tempo, o romantismo musical europeu.

Agora, esta pesquisa ganha um novo capítulo: Luiz Levy, um irmão mais velho do compositor Alexandre Levy, herdeiro de uma das mais tradicionais lojas de música de São Paulo (a casa Levy que ficava na rua da Imperatriz, hoje 15 de Novembro), e que se considerava um compositor das horas vagas. "Se ele quisesse, poderia ter composto toda a sua obra em apenas dois anos. Mas estas peças foram feitas com calma, ao longo de uma vida, por um artista completamente despretensioso", diz Cláudio Brito.

O pianista defrontou-se com quatro personalidades musicais contrastantes, sendo que, para cada uma delas, o próprio Levy arranjou um pseudônimo. Ele assinava L. Henri quando compunha peças de um sabor mais afrancesado. Como Ziul y Vel (Luiz Levy ao contrário), ele apresentava peças de um caráter mais popular, entre as quais estão incluídas algumas paráfrases a Ernesto Nazareth. Como Yvu Leliz, assinava as peças mais simples e comerciais, geralmente encomendadas pelas editoras. E como Luiz Levy mesmo, assinava os trabalhos mais sérios, de maior complexidade musical.

O paulista Luiz Levy era filho de Henrique Levy, o primeiro dono da tradicional importadora de instrumentos de São Paulo. Cresceu em ambiente musical, conviveu com artistas nacionais e estrangeiros, e logo começou a se exercitar ao piano e na composição. Para a realização deste disco Eldorado, toda a sua obra foi levantada e pesquisada, passando pela seleção final do intérprete. Cláudio montou a programação do disco baseando-se em dois critérios: oferecer ao ouvinte um pouco de cada personalidade musical do compositor e procurar também destacar aqueles trabalhos em que se detecta uma criatividade maior. O disco começa com "Vicilino", uma polca que responde, musicalmente, à polca "Beija-Flor", de Ernesto Nazareth.

Um reencontro com o piano de Anna Stella Schic

Anna Stella Schic

Em setembro de 81, a pianista Anna Stella Schic decidia voltar para a Europa, acompanhando o marido, o compositor francês Michel Philippot, que assumia naquele momento a cadeira de composição do Conservatório Nacional de Paris. Para ela, tratava-se apenas de regressar para uma cidade por onde esteve durante períodos bastante longos de sua vida. E este reencontro com Paris continua oferecendo alegrias ao casal. Além do trabalho musical que podem desenvolver no momento, sentem-se gratificados com a descoberta de uma nova consciência na França; a de que a cultura pode tranformar-se num meio bastante eficaz para solucionar até mesmo problemas sócio-econômicos.

Mas Anna Stella não veio ao Brasil para falar deste tema. Basicamente, ela veio rever o seu público em diversos recitais e concertos. O primeiro deles acontece já hoje, às 21 horas, no Teatro Cultura Artística (Sala Esther Mesquita), com um programa convidativo. Na primeira parte, a pianista interpreta a Fantasia e Fuga em dó menor, de Bach, com um dado importantíssimo: pouco se conhece desta fuga do compositor alemão, exatamente porque o próprio Bach não terminou a peça. Deixou a composição pela metade. Num incrível trabalho de restauro musical (em que valia até mesmo tentar descobrir as intenções originais do compositor), Michel Philippot completou a fuga, que será ouvida em primeira audição no Brasil, hoje à noite.

Em seguida, a pianista apresenta as conhecidas variações de Mozart sobre o tema **Ah, Je Vous Dirai Maman**, passa para o prelúdio de A Morte de Isolda, de Wagner-Liszt, e completa a primeira parte com Feux D'Artifice, um dos prelúdios de Claude Debussy. Na segunda parte, Anna Stella toca apenas peças de Villa-Lobos, um compositor obrigatório em suas apresentações e de quem ela gravou a obra completa para teclado (no Brasil, estes discos foram lançados pelo selo Eldorado e na Europa estão esgotados).

Esta viagem ao Brasil serve também para aprofundar o contato com a terra de origem, uma relação sempre muito viva na vida do casal Anna Stella e Michel. Antes de voltarem para a França, em 81, os dois procuraram encaminhar para Paris alguns alunos brasileiros que eles consideravam talentosos e merecedores de uma especialização mais apurada. "Estão todos indo muito bem", garante com orgulho a artista. Mas a motivação para intercâmbios não pára aí: Anna Stella avisa que receberá pianistas brasileiros no Conservatório Europeu de Paris — onde ela dá aulas — garantindo a todos bolsas parciais.

O público de Anna Stela Schic deverá se enquadrar no calendário da artista nas próximas semanas para matar saudades. Afinal, o Brasil, como residência, definitivamente não está nos planos da pianista — que também vive em Paris perto da única filha e dos dois únicos netos. Mas as chances de revê-la são várias. Na próxima segunda-feira, ela será a solista do segundo Concerto para Piano e Orquestra de Mendelssohn, às 21 horas, no Cultura Artística. Volta ainda a São Paulo no final de setembro, quando interpretará a "Rapsody in Blue", de Gereshwin, em dois concertos no Teatro Municipal (dias 28 e 30), ao lado da OSM, sob a regência de Isaac Karabitchevisky. E ainda faz apresentações em Porto Alegre e Campinas (onde também dirigirá alguns cursos rápidos na Unicamp).

PARTICIPAÇÃO DO BANESPA PARA PRODUÇÃO DE SEMENTES CERTIFICADAS.

A utilização de uma boa semente permitirá o surgimento de plantas sadias, ensejando conseqüentemente maior produção.
O agricultor que adquire sementes para as suas lavouras tem o direito de ver garantidos o dinheiro e o tempo que investe em sua atividade.
Dentro do contexto da assistência técnica à agricultura, e considerando a importância da boa semente para o incremento da produtividade do setor agrícola, o Governo Franco Montoro, através de seus órgãos oficiais, produz sementes certificadas para distribuição aos agricultores.
O BANESPA, fiel à função social que lhe cabe desempenhar junto às comunidades, está perfeitamente engajado nesse esforço governamental, participando com recursos financeiros da ordem de 14 bilhões de cruzeiros, para que a Secretaria da Agricultura possa produzir e distribuir sementes certificadas a um menor custo, visando aumentar a produtividade da agricultura paulista.
Essas sementes poderão ser adquiridas em qualquer Casa da Agricultura. Afinal de contas, produzir grandes safras é assunto da maior importância econômica e social, no atual momento.
E o BANESPA também sabe disso.

Governo Democrático de São Paulo

banespa

Total apoio à comunidade

DICAS

Dois endereços para aprender a criar e fazer jóias

• A Escola Nova vai promover uma série de cursos de iniciação e especialização na arte da joalheria, a partir do dia 21. Na pauta: joalheria básica, cravação de diamantes, refinação e recuperação de metais preciosos, esmalte em metais, correntes, fundição de moldes de borracha, restauração e consertos e testes de metais preciosos. As aulas são apostiladas e têm um número máximo de dez alunos por classe. Os preços variam de Cr$ 50 mil a Cr$ 210 mil, sem incluir o material. E o endereço é al. Jaú, 695, tel. 251-4249.

• A Biancheria começa uma superliquidação de cama, mesa e banho no próximo dia 17. Yves Saint-Laurent, Valentino e Larmod terão 50% de desconto (os jogos de cama custam a partir de Cr$ 26 mil). Na rua Pequetita, 190/194, na Vila Olímpia.

• A Oficina — Escola de Joalheria está oferecendo um curso especial de desenho de jóias, com orientação básica para a forma, luz, sombra, desenho técnico, projeto e perspectiva. Informações pelo telefone 251-3650.

• A Baby Gro Indústria e Comércio, dirigida pela estilista Ute Mould, desenvolveu uma linha de roupas energéticas. Cada uma delas contém uma pirâmide de cristal de rocha, que emite energia e atua como escudo protetor para não absorver energias negativas. Os primeiros produtos lançados são Energy Shirts e Energy Caps, camisetas e bonés energéticos. Informações na av. José de Brito de Freitas, 336, tel: 266-0231.

• O Espaço Cultural Viver (r. Bela Cintra, 1491, tel. 813-7480) está com um curso de Afro Modern e Dança Primitiva Africana, aberto a qualquer pessoa, mesmo que não tenha experiência em dança. As aulas são às segundas e quintas-feiras, das 16h às 17h, e às terças e quintas-feira, das 19h às 20h. O preço é Cr$25 mil e, se você se interessar, faça uma aula gratuita, amanhã, às 16h ou às 19 horas, para sentir o que é **afro-dance**.

• Pulseiras, brincos, colares e bolsas para a noite, você pode encontrar na Mahagany (r. Augusta, 2.637), nas mais diversas formas e para as mais diferentes roupas e ocasiões.

Bijuterias e bolsas para a noite, na Mahagany.

Leves, fofos. De algodão.

Leve, fresquinho, fácil de lavar e passar, o algodão é o tecido ideal para os dias quentes. Em modelos simples, mas com detalhes simpáticos, ele domina as coleções da **Alcachofra** e da **Taupys**, das quais vieram as roupas que ilustram esta matéria. Da Alcachofra, os modelos da esquerda e do meio: calça de cintura altíssima, com blusinha de decote canoa. A estampa dessa blusa repete-se na calça da outra foto, podendo formar conjunto. Da Taupys, o conjunto da foto maior: calça larga em cima, terminando estreitinha na barriga da perna; blusa de algodão enrugado. E na foto da direita, bolsos enormes na calça e detalhes na gola da blusa, também da Taupys. A coleção da Alcachofra pode ser encontrada na Malukice (Shopping Iguatemi), na Big Boss (Top Center) e na Black Out (Shopping Morumbi); a da Taupys, na Canoy (Shopping Ibirapuera), na Buraco da Fechadura (Shopping Iguatemi) e na Geppy (Shopping Center Norte). Modelo: **Clitea**. Fotos: **Elizeu Mendes**. Produção: **José Assumpção**.

FOTOS

Mais cores, mesmo com pouca luz. Graças aos novos filmes.

O tempo em que o filme de 400 ISO era considerado como a solução para as fotografias em locais de pouca iluminação já pode ser esquecido. O desenvolvimento de novas tecnologias para as emulsões permitiu um rápido aumento de sensibilidade para as películas fotográficas e a colocação na mão de amadores e profissionais da possibilidade de registrarem cenas nas situações mais precárias de luz. O **VR 1000** da Kodak, há algum tempo no mercado brasileiro, é um desses novos filmes. O **Fujicolor HR 1600**, que está chegando agora as lojas, é o mais recente e sensível negativo colorido.

Para os fotógrafos brasileiros, apesar da situação de crise e do alto preço da fotografia, a chegada do HR 1600 significa que ele tem à disposição, a partir de agora, os dois filmes mais sensíveis já fabricados para o mercado. Aos amadores, eles permitirão que nas fotografias de interior, de festas familiares, de situações domésticas, seja dispensado o uso do flash e os flagrantes reproduzam cenas mais naturais, com cores mais próximas do real.

Aos profissionais, eles facilitarão o trabalho, tornando praticamente obrigatória uma melhoria da qualidade das reportagens coloridas. Os esportes, as imagens de ação, o flagrante sob pouca iluminação, deixam de representar problemas. A sensibilidade desses filmes permite a foto em altas velocidades, o uso das grandes teleobjetivas sem a necessidade de tripés e outros acessórios, praticamente obrigatórios quando se operava com as emulsões agora já consideradas de baixa sensibilidade. O Fujicolor HR 1600 pode ser encontrado no formato de 135mm com 24 exposições. O VR 1000, também no formato 135mm com 12, 24 e 36 exposições.

Lançamento

Pela primeira vez o Brasil está sendo o endereço do lançamento internacional de um filme fotográfico. A Kodak, através de sua filial brasileira, está apresentando aqui o **Kodacolor VR 120-ISO 100**, uma película de sensibilidade média destinada essencialmente ao uso profissional (e também de amadores que possuam câmeras no formato 120). Sua principal característica é a alta definição de imagem, com reprodução em perfeita nitidez de pequenos detalhes.

M.R.O.

O lançamento da Kodak, para uso profissional.

LOJAS

Burdines: uma casa, uma griffe, um status.

Nos mesmos moldes de decoração dos grandes magazines americanos e europeus, e lembrando muito as clássicas **maisons** de alta-costura, abriu em Higienópolis, na rua Marquês de Itú, 867, a Burdines, uma boutique feminina, de roupas exclusivas, dedicada a um público classe A.

Num prédio de três andares, todo construído em mármore preto, a Burdines pretende ser um centro de moda e acontecimentos, para preencher a tarde das mulheres do bairro (ou não).

Ida e Guilherme Zorba Stocco, responsáveis pela Burdines, têm muita experiência no campo da moda. Ida é estilista e dona da boutique Fashion Village. Guilherme é proprietário da rede de lojas de tecidos Dorella. Nada mais lógico que, juntos, resolvessem unir tecidos e estilistas e criar uma moda exclusiva, que vai do esporte mais fino ao **habillé** total, com muita exclusividade.

O primeiro andar, feito de balcões-vitrines e araras, é todo dedicado à moda esporte, vestidos e conjuntos usam muito linho em tons suaves, desenhados exclusivamente para a Burdines. Jeans, camisetas e malhas, além de maiôs, viseiras, e acessórios complementam a linha.

O segundo andar, todo de armários espelhados, funciona na base da **maison habillé**. Lá, peças únicas para a noite, feitas de muitos bordados e paetês, podem ser compradas na hora ou encomendadas, segundo o gosto da cliente. Ida e uma equipe de estilistas estão preparadas para desenhar e criar qualquer modelo **habillé** exclusivo para a cliente muito embora todas as roupas de noite, mesmo prontas, sejam sempre únicas e esclusivas. Você não corre o risco de ir a uma festa com o mesmo vestido igual ao de uma amiga.

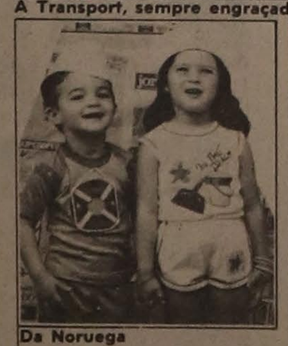
No terceiro andar funciona uma espécie de salão de eventos, showroom e bar, onde acontecerão desfiles, projeção de vídeos com a coleção, vernissages e tudo relacionado a moda e artes em geral. Nos planos futuros, além do lançamento da etiqueta Burdines como uma moda que pode ser chamada de clássica-renovada ou um esporte mais fino, a ampliação da linha para lingeries, meias e moda masculina, também exclusiva.

O primeiro andar

Um modelo

A entrada

A Transport, sempre engraçada.



Da Noruega

Cria: só algodão.

Smurfs, da US Top Júnior.

CRIANÇAS: ALEGRES ROUPAS DE VERÃO.

Um verão gostoso, descontraído, com roupas folgadas e estampas coloridas é a proposta da maioria das confecções que trabalham com moda infantil. Cada vez mais as crianças sabem o que querem vestir e não aceitam as imposições das mães, com roupas certinhas e cheias de laços e babados. A proposta que mais atrai a garotada é o conforto, a praticidade e a descontração, fazendo com que a roupa sirva para brincar, correr e pular Ir à escola, às festas e aos cinemas. A roupa prática, como todos os adultos também estão usando. Afinal, a época do príncipe herdeiro, com suas golas de rendas e calças bufantes, ficou no século passado. O "lance" é a descontração.

Para mostrar a nova proposta das roupas infantis, um bom exemplo são as camisetas da linha Smurfs, *lançada pela* US Top Junior, *coloridas, folgadas e com as estampas dos desenhos de Hanna-Barbera, em tamanhos que vão de dois a 16 anos, e à venda em quase todas as lojas do País.*

Outro bom exemplo é a Norway, *que baseou a sua coleção nas Olimpíadas, com roupas feitas em malha em cores como o royal, vermelho, verde, amarelo e branco, e inspiradas também, na linha marinheiro e suas listras. As crianças menores ganham, na linha* Primeiros Passos *da* Noruega, *uma moda simples e sem excessos de detalhes, para que elas possam sentir-se livres.*

A Cria, *uma confecção que trabalha com moda infantil há cinco anos, lançando quatro coleções anualmente, usa somente puro algodão em suas roupas, criadas especialmente para crianças de dois a 16 anos e sempre aliando os temas de moda para a garotada. Já a* Leãozinho *adaptou a moda européia para as crianças brasileiras. As meninas ganham conjuntos de calça e blusa com novas proporções, dentro da tendência oriental, e saias e vestidos com estampas geométricas e africanas. Os meninos ficam com calças de pregas, jeans e camisas em índigo xadrez com aplicações de carimbos.*

A Transport *não faz apenas roupa para gente grande, sua coleção infanto/juvenil para o próximo verão tem ares de adulto, mas é sempre engraçada. As peças são folgadas e desestruturadas e de modelagem bem ampla. Os tecidos escolhidos são resistentes e duráveis, para agüentar corridas e brincadeiras. Todas as roupas são cheias de bolsos enormes, onde cabe tudo, e têm elástico na cintura para facilitar. E a grande jogada é a coordenação: tudo combina com tudo, criando, com poucas peças, mil combinações e variações diferentes.*

M.M.

NOVIDADES

Como esquecer do Classic, o tecido social da Santista? Um bom corte (Cr$ 20 mil o metro) pode ser comprado em várias lojas. E a própria Santista (av. Maria Coelho Aguiar, 215 — bloco A — 5º andar) dá endereço de um bom alfaiate.

Agendas em três tamanhos, índice telefônico, pastas, portfólios e carteiras, tudo em jacquard ton-sur-ton. São os lançamentos que a Courrèges está fazendo para uso no escritório e brindes de fim de ano. Na praça Charles Miller, 12 (tel. 62-0511 e 65-3798).

O novo maiô da Adidas, em quatro variações de cor (preto e fúcsia, royal com laranja, vermelho e royal e petróleo e pitanga). Em lycra e algodão.

GENTÍSSIMA
Amaury Jr.

Cassado por economizar

★ **Por haver** descoberto uma maneira inusitada de "desrespeitar" a Câmara de Vereadores de Arapiraca (a segunda maior cidade das Alagoas), o vereador José Barbosa Lopes, do PDS, teve seu mandado cassado por unanimidade.

★ **O "desrespeito"** consistiu em nada mais, nada menos, do que considerando o próprio subsídio mensal de Cr$ 730 mil uma imoralidade, devolver todo mês Cr$ 300 mil aos cofres públicos.

★ **Escandalizados** com a atitude do seu colega, o legislativo arapiraquense resolveu afastá-lo do cenário político, para júbilo dos que lá ficaram, desfrutando dos subsídios inexpurgados.

Sonia Von Brusky mostra seus últimos trabalhos em pintura a partir do dia 12 de setembro, na Galeria Brossman

Stress de Delfim

★ **Delfim Netto** não está cuidando só de sua pauta de trabalho nesta viagem a Nova Iorque. Procura recuperar-se de um "stress" que dele tomou conta desde o início de agosto. A receita de Delfim é simples: comprar livros, circular por Manhattan, assistir peças de teatro, frequentar bons restaurantes e manter-se afastado um pouco das articulações políticas. Relaxando.

Noite

No Show Days, Alcione Mazzeo ladeada pelos pilotos Alfredo Guaraná Menezes e Walter Travaglini. Alcione está nos palcos de São Paulo em "O Grande Motel"

Festa Status no Gallery

★ **O domingo** no Gallery estava animadíssimo. A revista Status comemorava seu décimo aniversário e Osmar Mendes Junior convidou um punhado de gente conhecida para comemorar. Com jantar e bons drinks a noite atravessou a madrugada.

★ **Entre** os muitos presentes, Katia e Domingo Alzugaray (o boss da Editora Três), Osmar Freitas Júnior, Pedro Herz, Chiquinho Scarpa e Fatiminha, João Dória Júnior, Joyce Cavalcante, Ney Galvão e Nicole Puzzi, o jogador Dario Pereira, Aparicio, Antonio Maschio, Caetano Cedotti, Rubens Ewald Filho, Celene Araújo, Gilberto Mansur, Kiki e João Paulo Arruda Filho, Sandra Mello, Carlos Armando Forino Rodrigues, Victor Oliva, Giancarlo Bolla, José Pascovitch, Roberto Ferreira, Valéria Bacarat (co-anfitriã na noite), Leda Butler, Eugênia Fleury, entre muitos mais.

Raul: 53 anos

★ **Raul Cortez** comemorou seus 53 anos reunindo grupo de amigos em sua elegante casa, no Morumbi, para um jantar na base do buffet frio.

★ **A festa** transcorreu animadíssima até a manhã seguinte e contou com a presença, entre tantos, de Fábio Júnior e Glória Pires, Cynira Arruda e Olivier Perroy, Eva Wilma, Bruna Lombardi e Carlos Alberto Ricelli, Regina Boni, Aparício Basílio da Silva, John Herbert, Roberto Talma e Fausto Rocha Jr. Tania Caldas co-anfitrionou.

Tambouille de mudança

★ **Depois de 13 anos** em Cidade Jardim, marcando presença com sua elegância e elogiada cozinha, o restaurante "Tambouille" está de mudança. Até o fim de outubro a casa estará ocupando sua sede própria na av. Nove de Julho, 5.925, totalmente reestruturada na aparência mas mantendo a mesma dignidade gastronômica. A obra está praticamente concluída, com arquitetura de Raul di Pacce e decoração de Ugo di Pacce.

O coiffeur Rafael De La Lastra rodeado por bonitas manecas que concorrem ao concurso "Garota De La Lastra", que terá sua final em outubro no Palace. Com o evento, comemoraram-se os 18 anos de De La Lastra no Brasil

Gentilezas de um gatuno

★ **Aconteceu anteontem**, e pelo inusitado da forma e seus personagens merece registro. A decoradora Bi Chrisostomo teve sua casa da rua Prudente Correa (uma travessa da Faria Lima) invadida por um ladrão singular que, armado de revólver, mas sempre usando expressões gentis, obrigou-a a lhe entregar jóias e objetos de valor, mantendo-a na mira por quase uma hora, ao lado de sua costureira que costuma visitá-la à tarde.

★ **O ladrão**, que lhe perguntou se não estava sendo reconhecido ("a senhora não viu a minha fotografia na revista Veja?") poupou-lhe o Rolex de ouro dizendo que "este eu não levo porque a senhora foi muito boazinha". Ao se despedir, convidou Bi para um chá na mais pura elegância, e saiu naturalmente pela porta da frente, acompanhado pela "anfitriã" e saudando o guarda que a decoradora mantém para sua segurança.

★ **A propósito:** "Veja", na edição de n.o 829, página 54, apresenta uma matéria do ladrão-modelo fotográfico, José Roberto da Silva Lima. Será ele?

Andreazza numa boa

★ **Os amigos** (de verdade) de Mário Andreazza ficaram preocupados com o abatimento que tomou conta do ministro nos dias que se seguiram ao resultado da convenção. Ele não se conformava com as "traições".

★ **Os mesmos amigos**, agora, estão aliviados: a crise já passou e o ministro saiu da depressão. Está numa ótima, pronto para enfrentar uma próxima.

Vitamina C

★ **Uma novidade** das donas de casa norte-americanas começa agora a aparecer no Brasil. É adicionar uma pitada de vitamina C em certos alimentos para aumentar sua vida útil e até torná-los mais saborosos.

Por exemplo:
um suco de laranja feito à noite pode ser tomado pela manhã sem aquele gosto de passado. Batatas podem ser fritas a qualquer hora se mantidas com água onde seja colocada uma leve pitada de vitamina C.

★ **Nos "States"** já aparece até o vitamineiro, a exemplo dos saleiros e paliteiros sobre a mesa.

Flash

No "Bal Masqué", na residência de Joana Ferraz, Leda Butler foi a vencedora do primeiro prêmio com uma criação do coiffeur Carluccio (do Colonial). A noite era em benefício da APAE

Dia-a-dia

★ **Luis D. Villares convida para um vinho no dia 10, em sua casa da rua Bélgica, para comemorar a estréia do programa "Todas as Mulheres" na Rádio Cultura AM, apresentado pelas jornalistas Yara Peres e Raquel Santilli, sua mulher.**

— oOo —

★ O Diário Popular marcando o lançamento oficial de seus suplementos de automóvel e turismo, no dia 3 de outubro. É o Dipo-Car e o Dipo-Tour.

— oOo —

★ **O disco do pianista Cláudio de Brito, contendo músicas de Luiz Levy, será lançado dia 12, no Club Paulistano. Um variado e atraente repertório pianístico no LP: das valsas lentas até o erudito tango nacionalista.**

— oOo —

★ A Beatrice Foods, de Chicago, anunciou sua associação com a Comabra Cia. de Alimentos do Brasil, empresa da indústria alimentícia que distribui seus produtos com a marca Wilson e participa do mercado interno brasileiro e da exportação de produtos suínos e bovinos.

— oOo —

★ **Proibido de cavalgar por algum tempo, devido a problemas da coluna, o presidente Figueiredo está recorrendo, todas as manhãs, a seis outros tipos de "cavalos". É assim que ele se refere às seis motocicletas estacionadas no pátio da Granja do Torto de sua propriedade. Segundo a nova edição da revista Super-Moto, o presidente Figueiredo tem as seguintes motocicletas: uma Honda CB 450, uma Kawazaki KZ 1000, uma Honda Gold Wing 1000, uma Honda 750, uma CG 125 e uma CB 400.**

— oOo —

★ Bastante concorrido o jantar que Christina de Marchi organizou no Pierre et Rosanna, em benefício da APROJ. O jantar foi supervisionado por Aldo Sorrentino tendo como música de fundo o piano de João Maria de Abreu.

— oOo —

★ **Convite na agenda: o Conselho Superior do Círculo Militar de São Paulo faz o cocktail de inauguração do novo salão nobre e da nova boite, dia 14, com jantar dançante ao som da orquestra de violinos de Henry Pollak.**

EDIÇÃO FINAL

F.S.P. 20.4.1987

produtos contaminados

tual

roibida.

ialização do
ido a partir

ata de
ião é
o.

guação, não
ido para

proibida.

proibida só

Memória paulistana

A seção "Memória paulistana" tem por objetivo mostrar os imóveis históricos de São Paulo — tombados, em processo de tombamento ou protegidos pelo município através da Lei do Zoneamento — e o seu estado de conservação

Jorge Araújo

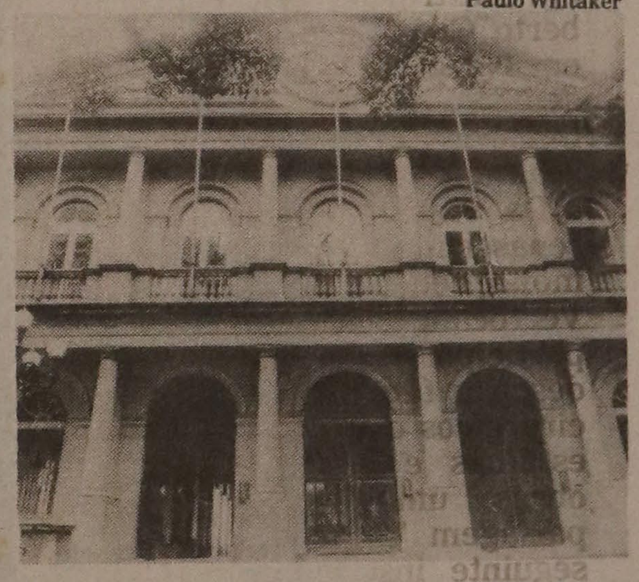
IMÓVEL DO FIM DO SÉCULO PASSADO

O Clube Ginástico Paulista ocupa o imóvel da rua General Couto Magalhães, 280 (no bairro de Santa Ifigênia, região central de São Paulo), desde a sua fundação, no fim do século passado. O edifício traz no frontão a data de 1890. A construção, bem conservada, abriga um ginásio de esportes e salões de jogos. No conjunto, destacam-se o mobiliário e a decoração interna, que são originais. Os vãos das janelas estão descaracterizados. O processo de tombamento está no Condephaat.

Memória carioca

A seção "Memória carioca" tem por objetivo mostrar os imóveis históricos de Rio de Janeiro — tombados, em processo de tombamento ou protegidos pelo município através da Lei do Zoneamento — e o seu estado de conservação

Paulo Whitaker



SANTA CASA ESTÁ BEM CONSERVADA

Tombado pela Sphan, o prédio que abriga a Santa Casa da Misericórdia, no centro do Rio, desde 1966 sob a direção de Dahs Zarur, está em perfeito estado de conservação. Inaugurado em 1852, o prédio começou a ser erguido doze anos antes, por determinação de dom Pedro 2º. De estilo arquitetônico neoclássico, a edificação conta com ornatos de pedra de mármore confeccionados em Lisboa (Portugal) e trabalhos em estuque de J. Salgueiro.

A Cidade é Sua

Banco de Dados

↑ Clube Ginástico
Ver atividades dos tenz

F.S.P. 26.11.1984

e domingo às 19h, no Teatro Paiol (rua Amaral Gurgel, 164).

Assobradado — TBC (rua Major Diogo, 311).

Música

Nexus dá mais sentido à semana

O grupo Nexus, dedicado à música contemporânea, faz o concerto mais significativo da semana no Masp; mas não se pode descartar as apresentações da Sinfônica Jovem Municipal e da OSTM.

★

VEREDAS — O coral dirigido por Abel Rocha propõe uma leitura ambiciosa de "A Barca de Veneza", de Adriano Bancchieri, com direção cênica de Ivan Lima e orientação musical de Lutero Rodrigues, hoje às 21 horas, no Masp. Interessante.

LUIS LEVY — O pianista Cláudio de Brito, que gravou um LP este ano com peças de Luis Levy, faz um recital na terça-feira, às 21 horas, com obras do compositor, no Teatro Popular do Sesi, avenida Paulista, 1313.

BERIO E SCHOENBERG — O espetáculo mais atraente da semana acontecerá quarta-feira, às 21 horas, no Masp: o excelente grupo Nexus, que já se destacou no recente 20º Festival de Música Nova, apresenta, entre outras, peças de Schoenberg e de Luciano Berio, sem dúvida o mais importante compositor italiano contemporâneo. Fundamental.

HOMENAGEM A ESTHER MESQUITA — Também na quarta-feira, a Sociedade de Cultura Artística promove em sua grande sala, denominada Esther Mesquita, uma homenagem à passagem dos cem anos de seu nascimento. Participarão do evento o Quarteto de Cordas da Cidade, o Trio Kelly e o Trio Brasileiro. Na quinta-feira, um novo trio, formado por Maria José Carrasqueira, Maria Ester Brandão Watanabe e Kim Cook, na Sala Rubens Sverner do Teatro Cultura Artística.

BEETHOVEN E GERSHWIN — Beethoven domina a domingo: no Masp, a Sinfônica Jovem promove um festival com seu nome; e no Municipal no mesmo horário, 10h, Oswaldo Colarusso rege a Sinfônica do teatro na "Quinta Sinfonia", acrescentando canções populares de Gershwin, com Fátima Alegria. (JMC)

O E.S.P. 27.11.1984

r: "O rock não morrerá"

Foto Agência JB

O ídolo britânico ficará cerca de 40 dias no Brasil

Piano em dois recitais que acontecem hoje na cidade

Um duo de piano, e um recital-solo, duas opções para hoje à noite na área de música, fora as atrações que constam do roteiro, nesta mesma página. A primeira delas é a apresentação de Eny da Rocha e Lydia Alimonda, na Sala Esther Mesquita do Teatro Cultura Artística (rua Nestor Pestana, 196); a segunda é Cláudio de Brito, no Teatro Popular do Sesi (avenida Paulista, 1.313). Ambos às 21 horas.

Diretora do departamento cultural da Clock, empresa fabricante de panelas de pressão, a pianista Eny da Rocha, há tempos preocupada em abrir espaço para músicos jovens, hoje está voltada para outro problema cultural: a reconstrução do Tuca. Ao lado de Lydia Alimonda, ela faz um concerto sob o patrocínio da empresa na qual trabalha em benefício do Teatro da Universidade Católica, com um programa que começa pela "Sonata em Ré Maior K. 448", de Mozart, seguida por **Ma Mère L'Oye**, de Ravel, e duas primeiras audições — **El Salón Mexico**, de Copland, e **Introduction and Rondo alla Burlesca Op. 23 Nº 1**, de Britten —, além de uma complementação com **Scaramouche** (suíte), de Milhaud. Eny da Rocha recentemente colaborou com um festival de música erudita no Embu e também com recital da pianista brasileira Yara Bernette, que vive na Alemanha. Os ingressos para a apresentação de hoje estarão à venda na bilheteria do teatro, a partir das 12 horas.

Cláudio de Brito, por sua vez, em setembro deste ano lançou um LP com composições de Luís Levy, pelo selo Eldorado. Hoje ele interpreta as faixas desse álbum, mais algumas composições de Mozart, Beethoven, Fauré e Chopin.

Do Litoral a São Paulo, com humor

Vem carregado do mais fino hu- | Com a morte do regente Rodrigo

1985

Música dos Mestres

Carlos Gonzalez

Estúdio Eldorado - V

— 1 —

Seis são os artistas que interpretam peças da Professora Lina Pires de Campos, conforme ..... 36.06.0360 recém-editado pelo Estúdio Eldorado.

Essas peças, pequenas na sua extensão porém grandes no seu conteúdo, mostram à sociedade o trabalho honesto e profícuo além de grande veia inspiradora da compositora que em pequenas gemas sonoras demonstra sua grande versatilidade, inspirando-se exclusivamente em temas brasileiros, dando-lhes o realce que merecem.

Não se pode deixar de consignar um voto de louvor para os intérpretes, quer quanto ao canto ou instrumentistas, mercê da perfeição que a parte de cada um cabe.

A atividade da Professora Lina Pires de Campos é digna de todos os encômios. Dedica-se de corpo e alma a sua arte e não mede esforço nem sacrifícios para dignificá-la, e é com um trabalho desses que enobrece o artista e sua obra.

Trabalhos artísticos não se mede por sua extensão, mas pelo conteúdo de que é portador. E só um artista na verdadeira acepção do termo poderá trazer essa mensagem que o ouvinte, como neste caso, poderá sentir e avaliar.

Luiz Fernando Garcia ao piano; João Dias Carrasqueira flauta e Maria José Carrasqueira de Moraes ao piano; Lenice Prioli ao canto e Selma Asprino ao piano, assim como Cynthia Prioli também ao piano demonstram a verdade acima apontada, que como intérpretes perfeitos do pensamento da compositora nos transmitem com precisão o fimo de sua arte que encanta e seduz!

— 2 —

Em 1976, através do disco 2-08-404-072 editado pela CHANTECLER, travamos conhecimento com a obra pianística de Luiz Levy (1861-1935) na interpretação magnífica da pianista Eudóxia de Barros.

Citado sempre, mas pouco editado, espírito eclético, admirador das obras românticas do século XIX, se deu às suas composições muito dessa orientação como era de hábito na época, nem por isso deixou, como seu irmão Alexandre Levy (1864-1892) de dar grande importância aos temas brasileiros, sem porém a relevância que este último lhe emprestou. Seu nome completo era Luiz Henrique Levy, filho do casal Henrique Luiz Levy e da Senhora Anne Marie Theodoreth (francês ele, ela suíça) e do qual emergiram 4 filhos. A importância da família Levy e destes dois filhos com especialidade ficou indelevelmente ligada ao nosso maior compositor do século XIX, Antonio Carlos Gomes (1836-1896), mercê dos laços de amizade que os uniram, jamais estremecidos.

Agora, o Estúdio Eldorado, conforme 90.84.0443, na interpretação sem jaça de Cláudio de Brito nos oferece mais algumas peças da veia poética de Luiz Levy, ampliando assim o conhecimento que agora temos de sua obra. Intercalam-se, dentro do mais alto padrão composicional, temas nacionais e alienígenas que como dissemos era hábito na época. Homenagens a Chopin, Schumann, Schubert, Liszt etc. etc. intercalavam-se com temas puramente nacionais. Estavam como a preparar o terreno para a eclosão do nacionalismo musical, o que veio a acontecer somente de forma definitiva depois da "Semana da Arte Moderna" de 1922.

Em ambos discos citados nota-se bem este interpor, talvez mais influência alienígena no de Eudóxia de Barros; mais temas nacionais no de Cláudio de Brito, porém em ambos sempre a suprema classe do compositor e as excelsas interpretações de ambos pianistas.

Acrescentemos a este último as eruditas e excelentes notas de contra-capa de Arnaldo José Senise e se terá uma visão exata da arte de Luiz Levy completadas com a do disco anterior escrita por Mozart de Araújo.

Indigente foi assassinado dentro da casa onde morava

Um indigente de 33 anos presumíveis, preto, foi eicontrado assassinado anteontem, à noite, dentro da casa onde morava (rua Cônego Manoel Vaz, 521, fundos). O corpo da vítima já estava em estado de decomposição. O crime é de autoria desconhecida.

Ao tomar conhecimento da ocorrência, o delegado Kazuioshi Kawamoto (do 13.o Distrito Policial — Casa Verde) se dirigiu ao local em companhia de investigadores de sua equipe Os indícios, segundo a autoridade policial, são de que a vítima morreu a pauladas.

O delegado Kawamoto solicitou assessoramento de uma equipe da Divisão de Crimes Contra a Pessoa, do DEIC (Departamento Estadual de Investigações Criminais).

Sargento da Aeronáutica é baleado por ex-estudante do Maria Witaker

Sidnei Pinto de Camargo, 24 anos, solteiro (rua Cel. Alfredo Feijó, 35, Jardim Maristela), recebeu dois tiros nos ombros e outros dois no braço esquerdo depois de uma rápida discussão com um ex-estudante do Colégio José Maria Witaker, Jardim Santa Luzia. O fato ocorreu anteontem, por volta das 22 horas.

Segundo testemunhas, Sidnei — 3.o sargento da Aeronáutica — se dirigia ao colégio para apanhar a irmã, Ana Cristina. Ele ficou no carro aguardando-a. Acendeu um cigarro e começou a fumá-lo numa piteira. Em determinado instante, Jânio (branco, 18 anos), um ex-estudante do Colégio José Maria Witaker resolveu fazer gracejos e provocar o militar. Duvidou de sua masculinidade.

Sidnei Pinto não gostou e logo os dois iniciaram uma discussão. Jânio afastou-se do loçal e voltou em seguida armado de um revólver. Não disse nada dessa vez. Apontou a arma e efetuou quatro disparos. As balas acertaram o alvo, mas não de forma fatal. Jânio fugiu e a vítima foi levada ao Hospital Heliópolis. Esta fora de perigo.

O delegado Geraldo Fávaro, do 26.o Distrito Policial (Sacomã), registrou a ocorrência.

Leão de circo mata menino

PORTO ALEGRE, (AG) — O menino Alexandre Correa Marques, de 4 anos, morreu no município de Alegrete (487 km. da capital), em consequência de ferimentos provocados por um leão do "Circo Sacarrolha", de propriedade de seu pai, Ademar Correa Marques. Alexandre foi atacado pelo animal na noite de anteontem, m Manoel Viana, cidade próxima a Alegrete, onde funcionava o circo. Embora estivesse preso na jaula, o leão conseguiu alcançá-lo com uma das patas, através da grade.

O pai de Alexandre contou no Hospital de Caridade de Alegrete, onde o menino foi atendido, que ele deve ter se aproximado demais da jaula, possibilitando o ataque do animal.

O médico Carlos Marczeyk, que tratou de Alexandre, informou que o menino chegou ao hospital em estado de choque e apesar das quatro horas de cirurgia, foi impossível salvá-lo. Alexandre teve os rins, pulmões e intestinos dilacerados pelo leão e morreu na manhã de ontem.

"Empório Brasileiro" vira disco de Rolando Boldrin

Há pouco mais de três meses da bem-sucedida estréia do programa "Empório Brasileiro" na Rede Bandeirantes de Televisão, o apresentados e poeta-cantador Rolando Boldrin marcou mais um tento em sua carrreira vitoriosa: a partir da segunda quinzena deste mês ele começará a gravar o seu 12.o LP pela gravadora Barclay com apoio do selo Discoban. Trata-se de uma coletânea de grandes clássicos da poesia caipira — 10 poemas especialmente selecionados por Boldrin — onde destacam-se alguns dos poetas mais populares do Brasil, como Campos Negreiros, Lulu Benencasi, José Laurentino e muitos outros.

O LP, que entrará em fase de execução dentro de duas semanas, terá, segundo Boldrin, a participação especial de atores e atrizes famosas em alguns poemas dialogados como, por exemplo, no caso do poema "Fuxico de Muriaé", de Pompílio Diniz. Entre os poemas que figurarão neste LP, que tem lançamento previsto para o final de abril, destacam-se os clássicos "Flor de Maracujá", "As Três Lágrimas" e "O Pedido da Caipirinha".

A idéia de produzir mais este disco nasceu, segundo Boldrin, do sucesso dos poemas declamados na abertura de seu programa: "Recebo diariamente um grande número de cartas pedindo para que eu declame este ou aquele poema'. Boldrin faz questão de salientar que o lançamento do disco — ainda sem título — dará oportunidade à nova geração de conhecer um pouco a poesia brasileira autêntica. "E a nossa proposta no disco e no "Empório Brasileiro" todas às terças-feiras, pela Rede Bandeirantes — diz Boldrin —, é justamente esta, divulgar ao máximo os poetas brasileiros, em sua maioria desconhecidos do grande público".

SNI irá mudar seu método de trabalho

BRASILIA — O general-de-divisão combatente Geraldo Ferreira Braga, atual chefe da Agência Central do Serviço Nacional de Informações, sondado por assessores do presidente eleito Tancredo Neves para substituir o general Octávio Aguiar de Medeiros na sua chefia, promoverá substanciais mudanças na estrutura orgânica do órgão e nos métodos de trabalho do serviço, limitando sua atuação às necessidades da política de informação do novo Governo que se instala no Brasil a partir de 15 de março, afirmou ontem um oficial-general, ex-integrante do SNI.

O general Braga, que substituiu o general Newton Cruz na Agência Central do SNI, embora pese em sua carreira o fato de ser um dos estruturadores daquele serviço juntamente com os generais Ernesto Geisel, Octávio Aguiar de Medeiros, Costa e Silva, João Figueiredo e Antonio Bandeira, este último já na reserva, compromete-se com o novo governo em executar as novas mudanças exigidas pela conjuntura da Nova República.

ATIVIDADES

Ao iniciar suas atividades na agência em agosto de 1983, Braga fez inicialmente um levantamento geral do acervo existente, e determinando de imediato a limpeza do arquivo secreto onde eram catalogadas informações de importantes personalidades da política nacional, de empresários, líderes sindicais e de outras pessoas que, de maneira direta ou indireta, poderiam influir na política do Governo da Revolução. O serviço de censura nas comunicações (grampeamento de telefones, monitoragem etc), foi parcialmente desativado na área do serviço público e a maioria dos agentes (contatos), voluntários que transmitiam informações foram dispensados, logo depois da eleição no Colégio Eleitoral que elegeu Tancredo Neves.

DIFICULDADES

As dificuldades maiores no início de suas atividades, além das mudanças técnicas, residiam nos postos de chefias, ocupados por militares incoerentes as mudanças, fato que o levou a demitir alguns chefes, destacando-se a demissão do coronel Ary Pereira de Carvalho (Aryzinho), das operações especiais, homem de confiança do general Newton Cruz e profundo conhecedor do serviço, mas averso às mudanças. Essa medida provocou reações bruscas na chamada comunidade de informações, que dentro ou fora do SNI, zela pela sua conservação dentro dos parâmetros estabelecidos por seus idealizadores.

MEDIDA

Outra medida adotada pelo novo chefe da agência central, de âmbito nacional, foi a de retirar o SNI das atividades de fiscalização do contrabando de ouro, um trabalho que chegou a envolver cerca de 150 agentes, no período de 1980 a 1982, sob a chefia do major Sebastião Rodrigues de Moura, o famoso major "Curió", hoje deputado federal pelo PDS do Pará. Um relatório elaborado pelo general Braga, encaminhado ao ministro-chefe do SNI, propondo medidas de mudanças, o qual chegou ao conhecimento da assessoria de Tancredo Neves, reforçou a decisão do novo presidente na sua escolha para a chefia do órgão, afirmaram ontem dois chefes militares da guarnição de Brasília.

Amigos do general Braga, companheiros de turma da antiga Escola Militar do Realengo, garantem que ele é um chefe militar aberto às inovações e honesto nos seus propósitos.

"Receita de Saúde" ensina a socorrer a cárdio-pulmonar

"Receita de Saúde", programa de orientação científica sobre os cuidados que se deve tomar em relação à saúde do corpo, tanto da criança como do adulto, entra agora em nova série de temas, com produção de Celso Hutori e supervisão da Academia de Medicina de São Paulo. Nesta manhã pela RTC às 10,45 horas, serão abordadas as técnicas de "Ressuscitação Cárdio-pulmonar, com reprise amanhã à tarde, às 14 horas, e na sexta-feira seguinte às 16 horas.

Ela consiste na aplicação conjunta da respiração artificial boca-a-boca e na massagem cardíaca. A parada respiratória ocorre quando se interrompe a absorção de oxigênio e a eliminação de gás carbônico. Essas funções são desenvolvidas pelo nariz, faringe, laringe, traquéia, brônquios, bronquíolos e pulmões. A parada cariaca ocorre quando se interrompe a função de bombeamento do sangue para todo o corpo, reconhecida pelos sinais de desaparecimento do pulso radial (artéria no pulso), cessação do pulso na artéria no pescoço, perda dos batimentos cardíacos e ausência pupilar. "

O programa explica as várias formas de como deve ser efetuado o socorro nas paradas cárdio-respiratórias num tempo máximo de quatro minutos, que é quanto o cérebro humano consegue suportar sem oxigenação. O programa teve assessoria do médico Luiz Carlos Pássaro, cardiologista e especialista em terapia intensiva, e foi gravado no Pronto Socorro Municipal do Jabaquara.

Tradição e Cultura

A.B. Galvão Bueno Trigueirinho

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE LEGISLAÇÃO CULTURAL — CULTURA, SOCIEDADE E ESTADO

A Assembléia Legislativa de São Paulo, patrocinando; a Comissão de Cultura promovendo; a presidente Ruth Escobar, executando. Tudo assegura o êxito do Seminário Internacional de Legislação Cultural, a ser realizado de 7 a 10 de março. Conta com a participação de representações dos Estados Unidos, da França, de Portugal, da Espanha, da Argentina, do México, da Unesco e nacionais de todas áreas e gamas. Estão programados temas, como: I — A Imprensa e a Cultura; II — Cultura e Liberdade de Expressão; III — Estado, Sociedade e Titulares de Direitos Autorais; IV — Incentivos, Patrocínios e Financiamentos para a Cultura; V — Direito Autoral e Rádio Televisão e Vídeo; VI — A Legislação Brasileira de Direito Autoral; VII — Rádio, Televisão e Vídeo; VIII — Cultura Operária; IX — Cultura e Órgãos Culturais do Governo. Isto é apenas o roteiro. Há muito mais. Inscrições e informações: Assembléia Legislativa — Comissão de Cultura - Telefones: 884-1122 e 884-3222.

SEMINÁRIO "CULTURA E POLÍTICA CULTURAL NO BRASIL"

Leia, jornal de livros, autores e idéias, convidando para o Seminário "Cultura e Política Cultural no Brasil". Dia 4 de março, com a participação de Jorge Cunha Lima, José Aparecido de Oliveira, Mário Chamie, Franklin de Oliveira, Sérgio Miceli. Dia 6, com a participação de Antonio Houaiss, Ferreira Gullar, Joaquim Falcão, Moacir Scliar, tendo como mediadores: Alberto Dines e Antonio Fernando De Franceschi. Local: Museu de Arte de São Paulo (MASP), às 20 horas.

ACADEMIA PAULISTA DE JORNALISMO

O presidente Israel Dias Novaes, convocando a Assembléia Geral Ordinária para apresentação do relatório das atividades de 1984 e balanço. Dia 11 de março, às 11 horas, seguida de almoço de confraternização, no Terraço Itália.

ACADEMIA PAULISTANA DA HISTÓRIA E ORDEM NACIONAL DOS BANDEIRANTES

Os presidentes Tito Lívio Ferreira e Manoel Rodrigues Ferreira, convidando para o primeiro encontro de 1985. Reunião-almoço, dia 6 de março, a partir das 11 horas, no Terraço Itália.

FUNDAÇÃO MARIA LUISA E OSCAR AMERICANO

Anunciando o Curso "A Arte do Oriente", pelo professor Herbert Duschenes, constando de palestras ilustradas, com filmes coloridos e música, filmados e gravadas nos locais pelo próprio conferencista. São 14 auals, as terças-feiras, às 15 horas, Av. Morumbi, 3700. Há outra opção. "Curso de Literatura Brasileira Contemporânea", pelo professor Francisco Achcar. Consta de 14 aulas, as quartas-feiras, às 14:30 horas. Inícios: 5 e 6 de março. Inscrições e informações: Telefones 240-0077 e 240-0610.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE HERÁLDICA E MEDALHÍSTICA

A Sociedade Brasileira de Heráldica e Medalhística, telegrafou ao secretário de Estado Jorge Cunha Lima e ao prof. Modesto Carvalhosa — dd. presidente do CONDEPHAAT, cumprimentando pelo tombamento da área do nascedouro do Rio dos Paulistas, "Tietê". Lembrou ainda o presidente da Sociedade, Roberto de Aquino Lordy, que foi o saudoso Enzo Silveira, ex-presidente da Sociedade, quem localizou o nascedouro do Rio Tietê, no ano de 1954, quando um grupo de associados da Sociedade Geográfica Brasileira, iniciou uma longa caminhada pelas matas de Mogy das Cruzes até o Município de Salesópolis, e no sítio da Pedra Rajada, foi finalmente encontrado o "olho d'água", — nascedouro do lendário Tietê.

A MOCIDADE DE TRAJANO

O presidente da Academia Paulista de Letras, Lycurgo de Castro Santos Filho, participando a primeira reedição ou segunda edição de "A Mocidade de Trajano", romance de costumes nas fazendas de café campineiras e de estréia do autor, visconde de Taunay, que viria mais tarde se distinguir com "Inocência" e a "Retirada da Laguna". É o 13.º volume da série "Biblioteca Academia Paulista de Letras" que reúne obras perdidas no tempo e, por motivos vários de serem lembrados. Publicado em 1871, sob o pseudônimo de Sylvio Dinarti, nunca foi reeditado porque a família não autorizava com o pretexto que o romance seria ímpio. Com e sem razão. Fala de uns padres malandros, mas por alto, sem qualquer prejuízo para a Igreja. A verdade é que o livro é fraco. Nele tudo é superficial, personagens, cenários, tudo é descritivo, ainda que a história não seja má. Daria até excelente novela, injetando sangue nos personagens explorando melhor as intrigas. Não conhecemos toda obra de Taunay, mas este livro deve concorrer ao título de o mais fraco. Contudo marca o autor, sua evolução e um momento da literatura brasileira. E nisto, acertou a Academia Paulista de Letras, na escolha.

Cobal deixa de fornecer carne para Rio e Brasília

BRASÍLIA — A Companhia Brasileira de Alimentos (COBAL) suspendeu desde quarta-feira o fornecimento de carne de seus estoques reguladores no Rio de Janeiro e Brasília, por determinação da Secretaria Especial de Abastecimento e preços (SEAP).

A informação foi dada por um técnico da COBAL, que explicou que a determinação da SEAP atende à reivindicações dos frigoríficos, que reclamam não estarem recebendo muitos pedidos dos açougues e supermercados, porque o mercado está bastante abastecido com carne do governo.

Na verdade, segundo o técnico, os frigoríficos não estão recebendo muitas encomendas porque o preço da carne está muito alto, o que tem provocado uma retração no consumo por parte da população.

Com essa suspensão, a COBAL deixa para o governo Tancredo Neves um estoque de aproximadamente 16,7 mil toneladas de carne.

Bancários de todo o País se preparam para a greve

Os bancários de todo o País já estão se mobilizando par uma possível paralisação na segunda qunizena de junho, caso o setor patronal não conceda o reajuste trimestral para a categoria. A informação é do presidente da Federação dos Bancários de São Paulo, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, Eribelto Manoel Reino, que acredita ser fundamental a conquista do reajuste trimestral a partir de junho par repor parte das perdas que os assalariados vêm sofrendo devido a inflação galopante e o arrocho salarial dos últimos anos.

Para Eribelto, "a greve, ou outras formas parciais de paralisação de trabalho, deve ser admitida, de princípio, sem constrangimento e apesar das proibições vigentes, como recurso extremo, a ser empregado se persistirem as habituais e tradicionais intransigências e insensibilidades dos banqueiros." O sindicalista argumentou ainda que "é preciso conscientizar a classe por todos os meios, de que, sem greve, as reivindicações mais justas e necessárias não serão atendidas pelos patrões."

"Cresce devagar, mas continua crescendo — lembra o presidente da FEEB — nos meios trabalhistas o movimento pela conquista do rajuste trimestral de salários. A Petrobrás já concedeu esse benefício e nós, a partir de agora lutaremos para conseguí-los. Caso contrário iremos recorrer à greve. E o exemplo do Banco do Brasil, em 84, é a nossa maior arma.

Amaury Júnior comandará o programa "Flash" no dia 11

Dez minutos de crônica de gente: esse é o objetivo de "Flash", o programa que vai ao ar a partir do próximo dia 11, pela TV Gazeta, às 23 horas, sob o comando do jornalista Amaury Junior. Com a câmera nos principais acontecimentos, Amaury conversará com gente que é "mais" ou gente que é "menos" notícia, mas sempre gente que faz bater mais depressa o coração de São Paulo e do Brasil.

"Flash" será apresentado diariamente, de segunda a sexta-feira. A produção é de Geraldo Pires de Albuquerque e Guá Haddad e, logo na primeira semana, muita gente importante desfilará por "Flash", como Tônia Carrero, Antonio Bivar, Paulo Autran, Telma Lipp, Silvio Lancelotti, Hebe Camargo, o governador Franco Montoro, o vice Orestes Quércia e sua mulher Alaíde, a atriz Maria Zilda, Nicole Puzzi, Luís Carta, Pietro Maria Bardi, Carlinhos Salem, David Zingg, Vânia Toledo, Karen Rodrigues e mais, muitas mais.

Bangladesh: outra vez a lei marcial

DACA — O general Hossain Muhammad Ershad decretou de novo a lei marcial em Bangladesh, proibiu as atividades políticas e convocou para o próximo dia 21 plebiscito nacional sobre sua permanência ou não na chefia do governo militar.

Como consequência, a comissão eleitoral de Bangladesh anunciou formalmente ontem o cancelamento das eleições parlamentares marcadas para o próximo dia 6.

Em pronunciamento transmitido pelo rádio e televisão nacionais, Ershad anunciou a restauração da medida que suspendeu as atividades políticas há dois anos.

FALECIMENTOS

† JASEFA MARIA DA SILVA — Aos 53 anos de idade, filha de Joaquim e Ana M. Conceição. Deixa filhos. O sepultamento realizou-se no cemitério São Pedro.

† HILDA ALVES GUIMARAES — Aos 51 anos de idade, filha de Antonio e Ana S. Guimarães. Deixa filhos. O sepultamento realizou-se no cemitério Lapa.

† MASATAKA OMOTE — Aos 63 anos de idade, casado com Takako Omote. Deixa filhos. O sepultamento realizou-se no cemitério de Vila Formosa.

† ALZIRA ROSA DE CASTRO — Aos 77 anos de idade, viúva de Antonio José Oliveira. Deixa filhos. O corpo foi trasladado para a cidade de Guarulhos-SP.

† CICERO WERNECK LIMA — Aos 83 anos de idade, casado com Brasilia Cardoso Lima. Deixa filha. O sepultamento realizou-se no cemitério São Paulo.

† AMADEU CATIB — Aos 77 anos de idade, casado com Helena Catib. Deixa filhos. O sepultamento realizou-se no cemitério do Brás.

† ADRIANA MARIA DE ALMEIDA — Aos 73 anos de idade, viúva de Auto Almeida. Deixa filhos. O sepultamento realizou-se no cemitério de Vila N. Cachoeirinha.

† PAULO CITRON — Aos 51 anos de idade, casado com Alda da Conceição Citron. Deixa filhos. O corpo foi trasladado para a cidade de Guarulhos-SP.

† PHILOMENA MORENO — Aos 77 anos de idade, casada com José Rabaneda. Deixa filhos. O sepultamento realizou-se no cemitério de São Pedro.

† MARLENE SPESSOTO BIANCO — Aos 44 anos de idade, casada com José Bianco. Deixa filhos. O sepultamento realizou-se no cemitério do Araçá.

† MARIA ALICE FERNANDES HAMATI — Aos 43 anos de idade, casada com Rubens Hamati. O sepultamento realizou-se no cemitério Gethsêmani.

† SOLINDO WALTER FELTRINI — Aos 57 anos de idade, casado com Ignez Granucci Feltrini. Deixa filhos. O sepultamento realizou-se no cemitério São Paulo.

† JUANITA FRAGA CALDAS — Aos 76 anos de idade, casada com Antonio G. Caldas. Deixa filhos. O corpo foi trasladado para a cidade de São Bernardo do Campo.

† ZENAIDE BUZETO MARIANO — Aos 45 anos de idade, filha de Fausto R. Marinho e Antinesca Buzeto Marinho, casada com Eduardo Mariano. Deixa a filha Eliane, casada com Aurelio Bernardino e a neta Juliane. O sepultamento realizou-se no cemitério do Brás.

† BENEDICTA ANTONIA DE JESUS — Aos 75 anos de idade, viúva de Anastácio D. Silva. O sepultamento realizou-se no cemitério de Vila Nova Cachoeirinha.

† JACINTA MESSIROLI — Aos 66 anos de idade, casada com Geordano Messiroli. Deixa filhos. O sepultamento realizou-se no cemitério da Saudade.

† BENEDITO ALFREDO DA SILVA — Aos 44 anos de idade, casado com Maria Inez da Costa Silva. O sepultamento realizou-se no cemitério de Vila Nova Cachoeirinha.

† ELIZABETHA ROCHITTE — Aos 91 anos de idade, viúva de Stefano Capraro. Deixa filhos. O sepultamento realizou-se no cemitério da Saudade.

† ALCEBIADES BONFIM DA SILVA — Aos 65 anos de idade, filho de Leonel e Brauliana B. Silva. O corpo foi trasladado para a cidade de Brumado-BA.

† TEREZINHA DE JESUS CAMPOS — Aos 53 anos de idade, casada com Lucas Ideifonso de Campos. Deixa filhos. O sepultamento realizou-se no cemitério da Saudade.

† ODILA LEITE DE BARROS — Aos 74 anos de idade, viúva de Ari L. Barros. Deixa filhas. O sepultamento realizou-se no cemitério São Paulo.

† BENEDICTA DO VALLE ZOADELLI — Aos 68 anos de idade, viúva de Estveão Zoadelli. O sepultamento realizou-se no cemitério de Vila Formosa.

† GERALDINA MONDEVAIM PRADO — Aos 71 anos de idade, viúva de Alfredo A. Prado. O sepultamento realizou-se no cemitério de Tremembé.

† ZAIRES ALVES FERNANDES — Aos 32 anos de idade, filha de João e Erondina A. Fernandes. Deixa a filha Janaina. O sepultamento realizou-se no cemitério de Vila Formosa.

† STELA LOPES BIFANI — Aos 66 anos de idade, casada com Antonio Bifani. Deixa filhos. O sepultamento realizou-se no cemitério de Congonhas.

† KIKU NAGATO — Aos 72 anos de idade, viúva de Eido Nagato. Deixa filhos. O corpo foi trasladado para o crematório de São Paulo.

† JOANA MAIA — Aos 70 anos de idade, viúva de Antonio J. B. Maia. Deixa filhos. O sepultamento realizou-se no cemitério de Congonhas.

† JOANA CORREIA DE CARVALHO — Aos 80 anos de idade, filha de Joaquim Correia e Amélia M. Antonia. O sepultamento realizou-se no cemitério de São Pedro.

† PEDRO LUCAS DOS SANTOS — Aos 65 anos de idade, casado com Maria Paula Santos. Deixa filhos. O corpo foi trasladado para a cidade de Osasco-SP.

† JORGE FRANCISCO DO NASCIMENTO — Aos 72 anos de idade, casado com Adelaide R. do Nascimento. Deixa filho. O sepultamento realizou-se no cemitério da Penha.

† JOAQUIM ALVES DO BONFIM — Aos 72 anos de idade, casado com Maria R. do Bonfim. Deixa filhos. O sepultamento realizou-se no cemitério Gethsêmani.

MISSA DE 7.o DIA

THOMAZ EDMUNDO CALDORA — Quarta-feira dia 6, às 10:30 horas, na Igreja São José, rua Dinamarca, 32, Jardim Europa.

Vida Religiosa

P Pattarello

Campanha da Fraternidade

Há muitos anos que a Igreja no Brasil celebra a festa da fraternidade, em coincidência com a Quaresma. A motivação profunda é promover o amor de Cristo, raiz da fraternidade entre os homens. Escopo primordial é tirar as razões do ódio que joga os homens uns contra outro. Existe outras motivações que justificariam a cruel afirmação: homo homini lupus — um homem é para outro homem um lobo. A avidez destrói a solidariedade, a comunicação dos bens.

É dificil, mas não impossível, esvasiar o individuo do egoísmo, da ganância. A disponibilidade para com o irmão vem pelo impulso do amor. A mensagem evangélica é isto na sua essência: Deus é Pai os homens são irmãos. A campanha da fraternidade proclama o Evangelho, a vivência cristã, no nexo inscindível entre paternidade divina e fraternidade humana. O irmão faz circular no prato do irmão os alimentos que o Pai lhe deu. Nesta realidade se baseia o lema proposto pela Igreja neste ano "Pão para quem tem fome".

Logo ao examinar a causa da falta de pão, da razão, isto é, da fome do meu irmão, eu lhe ofereço o alimento da vida. Posso depois estudar a situação e encontrar uma pista que leve o faminto a conseguir o seu pão de cada dia. Apresentam-se várias razões a explicar a fome dos homens, algumas insuperáveis, outras que devem ser examinadas e eliminadas. Na sociedade alguém experimenta a amargura da fome, porque mesmo não encontra trabalho. Então o lema para estes seria este: trabalho para quem tem fome. Aquele homem tem capacidade potencial e boa vontade, urge lhe tirar a humilhação de um pão doado. Pode acontecer nesta sociedade tão complicada uma fase crepuscular, em que há falta de alimentos, mas logo deve ser superada esta fase triste.

Há casos, os mais numerosos, de gente que trabalha mesmo, mas a recompensa é inadequada para o pão cotidiano, isto é uma vida honrada, para o trabalhador e família, existe o salário de fome; não há divisão proporcionada dos inúteis, entre capital e trabalho, os homens se entendam e saibam compartilhar com justiça, antes que seja tarde demais, com a exclusão dos instintos selvagens. Existe também uma parcela de pessoas que mesmo podendo trabalhar não querem arregaçar as mangas e assumir qualquer atividade.

Nunca faltam os preguiçosos, que se põem da área da produção. Desde os tempos de São Paulo existiam irmãos que não ligavam muito com a lei universal do trabalho. O Apostolo redarguia: "existem entre vocês irmãos, os que não querem trabalhar, a estes eu digo: quem não trabalha nem deve comer. Esta gente se acostumou a comer nas costas dos irmãos, urge conscientizá-la para que se ponha na dura labuta do pão nosso de cada dia. A última categoria é de pessoas totalmente inábeis ao trabalho. Eu vejo os menores incapazes, 210 incapazes a uma vida autônoma. As forças do coração humano devem intervir tanto na área estatal, como no nível comunitário particular. O homem não deve nunca "lavar as mãos" dizendo: o Estado é que deve resolver o problema dos incapazes... Somos cristãos para encarnar na história a caridade de Cristo, que passava fazendo o bem a todos, curando os aflitos de todas enfermidades, ora o que não é-nos dado realizar pela cura milagrosa, devemos efetuá-lo com o braço forte e o coração generoso.

O Santo Padre deixava uma maravilhosa mensagem em Ambeque no Canadá, visitando o centro François-Charon, para recuperação dos inábeis. Sua palavra tinha como eixo e inspiração este tema: "Não só assistência, mas promoção da dignidade humana". Transcrevemos algumas passagens: "A pessoa deficiente é sujeito plenamente humano, com todos os correspondentes direitos, inatos, sagrados, invioláveis... Deve-se facilitar-lhe a participação na vida da sociedade em todas as suas dimensões e a todos os níveis que sejam acessíveis às suas possibilidades... A qualidade de uma sociedade, ou de uma civilização é medida segundo o respeito que ela manifesta para com os mais fracos dos seus membros. Uma sociedade técnicamente perfeita, em que somente são admitidos os membros plenamente produtivos, deveria ser considerada como radicalmente indigna do homem... É assim que nos tornamos uns para os outros bons Samaritanos, não só estando junto do homem que sofre as feridas da vida, mas levando-lhe um socorro eficaz, doando-nos a este homem com o qual o Cristo se identifica: "O que fizestes a um dos meus irmãos é a mim que o fizestes".

Bom seria ler todo o discurso de João Paulo II e meditá-lo profunda e longamente. Mas já nos coloca no âmago de nossa reflexão, participando, enxertando a Jesus na cruz a sua obra redentora. Volta a felicidade da boa obra feita neste maravilhoso tempo quaresmal, dias de saúde e de paz, de sofrimentos e glorificação. O lema: "pão para quem tem fome" vindo da Igreja, no sagrado tempo penitencie da quaresma nos pode excluir a fome do espírito, com a exigência da procura de meios adequados para matá-la.

Logo ao início de sua mensagem à Igreja no Brasil, abrindo a campanha da fraternidade, o Papa sublinha como a Quaresma nos prepara à Pascoa, e como o Senhor Jesus vai passar oferecendo de graça a conversão pessoal e comunitária. Pascoa um anuncio de vida: "Vim para que todos tenham a vida e a tenham em abundância". Luz e treva são imagens da graça e do pecado, da caridade e do desamor.

O Papa antes de mais nada faz referência à vida divina na alma humana, a luz, a graça, o amor, logo passa ao sofrimento humano, salientando o choque entre a abundância na natureza e a miséria na humanidade. Melhor é concluir transcrevendo as Palavras do Vigário de Cristo, o doce Jesus na terra, o Papa João Paulo II:

"Fome no mundo e fome no Brasil". Sem deixar de reconhecer a complexidade do problema, pode perguntar-se: "Terá esta tragédia de tantos irmãos nossos explicação somente nas calamidades naturais, ou também obras ou omissões comodistas, egoístas dos homens contribuem para agravá-las?"

A pergunta interpela a todos e só desejaria ser convite a repensar, rever e, porventura, reformar posições e sistemas. Convite a iniciativas coordenadas, a fim de se descobrirem, inauguarem e percorrerem caminhos novos; caminhos que levam à participação, aquela de todos na reconciliação das classes sociais; caminhos que busquem mais justiça e equidade a serviço da dignidade, da felicidade, e da autêntica fraternidade de todos os homens, filhos de Deus.

Tais caminhos passam por uma transformação de estruturas, que implica a profunda conversão das mentes, das vontades e dos corações, para a verdade e dignidade de cada pessoa. Esta, a luz do homem, que é Jesus Cristo, o Filho e Deus.

A Quaresma, a Páscoa e a Eucaristia lembram-se que "se alguém, possuindo neste mundo, vê o seu irmão necessitado e lhe fecha o coração, como permanecerá nele o amor de Deus?" Por isso, exortam a dizer "não" ao comodismo e "sim" ao amor. Amor de nosso Criador e Pai, que destinou a terra, com todo o pão que produz, para uso de todos os homens e povos. Amor de nosso Redentor, Jesus Cristo, que sob a forma de pão nos deixou o memorial da suprema prova de amor, dar a vida na Eucaristia, Sacrificio, Sacramento e pão de vida. Amor do nosso Santificador, o Espírito Santo, Senhor que dá a vida e que falou pelos profetas. Amor ao próximo, segundo o Mandamento Novo dado por Jesus, "que vos ameis uns aos outros, como Eu vos amei".

Quando houver possibilidade de pão para todos, o flagelo da fome pode revestir o caráter de escândalo, o escândalo do desamor. Que em cada lar brasileiro, se possa rezar sempre: "Pai Nosso, que estais no Céu, o pão nosso de cada dia nos dai hoje e dai pão para quem tem fome, toda espécie de fome". Queridos brasileiros, colaborai com a Campanha da Fraternidade! Ouvi o apelo da Quaresma, jejuar para dar! Ouvi o apelo da Eucaristia, comungar para amar, como Deus nos mandou celebrar como irmãos, ao redor da mesa, o Mistério do Primogênito, Jesus Cristo, Nosso Senhor. E com afeto a todos abençoo-os: em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

SANTO DO DIA

São Brás - Bispo e Mártir

Escassos são os conhecimenos que temos de São Brás, bispo de Sebaste, na Arménia, que sofreu o maririo, em 316, por ordem do governador de Licinio ou Deocleciano.

Depois de ter sido flagelado foi dependurado num andaime e com pentes de terro, descarnaram-lhe os ossos. Os vedugos tentaram ainda afogá-lo e desgolaram-no com mais dois jovens companheiros.

Nas atas do martírio de São Eustáquio se lê que São Brás juntou com muita reverência os casos deste Santo, bem como os de Santo Orestes, vítimas da cruel perseguição de Deocleciano. A festa de São Brás é dia da guarda na Igreja dos gregos. Antes de sua elevação ao episcopato, exercera a medicina e dela se servia para o bem das almas.

Entre os muitos milagres por ele operados, figura este de pelo sinal da cruz e sua oração ter saído da morte um menino que engoliu uma espinha de peixe.

A devoção a São Brás tomou incremento, tamb-m na Igreja italiana pela translação das reliquias do Santo para o Ocidente, no tempo das cruzadas.

São Brás, como grande dramaturgo, pertence ao grupo dos 14 Santos Auxiliares.

Em muitas dioceses existe o uso de no dia de hoje se dar aos fiéis a bencão a São Brás.

O sacerdote de sobrepeliz e estola vermelha, traz na mão esquerda, em forma de cruz, duas velas bentas e benzendo as pessoas que se apresentam diz: "Por intercessão de São Brás, bispo e mártir, defenda-te Deus contra os males de garganta e contra qualquer doença. Amém.

SANTOS CUJA MEMÓRIA SE CULTUA HOJE

* Santo OSCAR ANGÁRIO, Apóstolo dos suecos e dinamarquês. Padroeiro de Hamburgo, Bremem e Dinamarca.

Às quintas-feiras veja no DIÁRIO POPULAR os suplementos DIPO CAR e DIPO TUR.

Dipo no Lions

DISTRITO L-16 - Renato Meccia

Mensagem do governador do Distrito L-16

Estamos iniciando a segunda fase do Ano Leonístico 1984/1985, com o mesmo entusiasmo e motivação do início da gestão, graças ao apoio, incentivo e carinho que temos recebido por ocasião de nossas visitas oficiais aos Lions Clubes que compõe o nosso querido Distrito L-16, tornando nossa missão muito agradável.

Temos ainda muito a realizar e aproveitamos o espaço desta coluna para relatarmos o que fizemos e o que pretendemos fazer: no início de janeiro, estivemos presente ao XIV Fórum Latino Americano de Leonismo, realizado na cidade de Lima, Peru, bem como a irmanação com nossos companheiros chilenos do Distrito T-4. Participamos da 3.a Reunião do CNG, em João Pessoa, Paraíba, encontro de grande relevância para avaliarmos o desenvolvimento do Leonismo em todo o Brasil.

No mês de fevereiro, reiniciamos nossas visitas oficiais aos Lions Clubes; realizamos a 2.a Reunião do Conselho Distrital e no dia 23, sábado, na cidade de Guarulhos, tornamos realidade o sonho que vinha sendo acalentado há 17 anos: inauguramos a Sede do Distrito L-16 e FUNLEO, ocasião em que prestamos as justas homenagens aos Governadores que construíram a nossa história, tornando o Distrito L-16 pujante e respeitado junto ao Leonismo Brasileiro e internacional, elevando-o à condição de "O Melhor Distrito do Mundo".

Neste mês de março, dia 5, terça-feira, entregaremos a Carta Constitutiva ao Lions Clube de Itanhaem-Praia; dia 7, visitaremos o Lions Clube de Guarulhos-Centro; dias 8 e 9, teremos os Fóruns Leonísticos nas cidades de Guarujá e Guaratinguetá; dia 14, visitaremos o Lions Clube de Santo André-Jardim; dia 15 será a vez do Praia Grande-Ocian; dia 16, Fórum Leonístico em Taubaté; dia 20 visitaremos Mogi das Cruzes-Centro; dia 21, Lions Clube Itanhaém-Centro; dia 23, IV Reunião do Conselho Distrital, nos salões do Pampas Ramada Hotel de São Bernardo do Campo; dia 25, visita ao Lions Clube de Taubaté-Bandeirantes; dia 27, Lions Clube de Pindamonhangaba; dia 28, Lions Clube de Guaratinguetá-Pedregulho, e, finalmente, dia 29, Assembléia conjunta dos Lions Clubes de Guarujá-Centro e Astúrias.

O CL. Januário Anunciato, que deverá ocupar a presidência do C.N.G. 85/86, sempre marcou presença às Convenções Distritais, e aqui o vemos, primeiro à esquerda, ao lado do CL. Áureo Rodrigues, Diretor Internacional 65/67 e Renato Meccia, Governador 76/77, por ocasião da Sessão Solene de Instalação da X Concenção Distrital do L-16, de Campos do Jordão.

Em abril teremos o maior acontecimento para todo o Distrito, com a realização da XVIII Convenção Distrital na cidade de São José dos Campos; em maio teremos, a partir do dia 29, a 32.a Convenção Nacional, na qual contamos com o comparecimento de todos os nossos Delegados, a fim de elegermos o CL. Januário Anunciato, Presidente do C.N.G.

Em junho teremos a 68.a Convenção Internacional, na cidade de Dallas, Estados Unidos, e pretendemos levar uma Caravana em visita ao Distrito 115, de Portugal, encerrando com chave de ouro nossas visitas.

Nossa profunda gratidão a todos Leões e Domadoras do Distrito L-16, pela oportunidade que nos deram de poder viver intensamente a filosofia do servir desinteressadamente que o Leonismo vem nos proporcionando.

Esperanto

(Assoc. Paulista de Esperanto)

Elvira Fontes

Esperanto em televisão

O Canal 2 da língua holandesa na televisão belga, BRT2, em 22 de janeiro último, transmitiu durante 10 minutos, uma apresentação da Língua Internacional Esperanto. Foi no começo do programa de debates "Steek-er-wat-wan-op-show" (Aprenda alguma coisa dele. Em Esperanto: Lernu ion el, no horário ideal, isto é, logo depois das 20 horas. Entrevistaram Grégoire Maertens, presidente da Associação Universal de Esperanto (Universala Esperanto-Asocio — UEA), e Kristin Tytgat, diretora da Liga Esperantista de Flandres, para assuntos da juventude. Ao presidente da UEA perguntaram sobre a história e a atual divulgação da língua. Informações sobre o próximo Jubileu (Centenário) e constituíram a parte mais importante de suas respostas. Em reação à pergunta direta — "Suas esperanças a respeito da língua não fracassaram?" —, ele habilmente aludiu ao crescente plurilinguismo na Comunidade Européia, terminando com o rebate: "Experimentem no real sentido ligar os povos da Europa, apenas por meio das línguas étnicas — aí está verdadeiramente o fracasso!"

Kristin Tytgat teve a tarefa de responder a perguntas sobre o movimento em Flandres, e conseguiu fazer um grande pacote de informações, no tempo limitado. No que concerne à utilidade prática do Esperanto, foi parte relevante o esclarecimento a respeito do Serviço de Passaporte da Juventude Esperantista Mundial (por meio do qual existe largo intercâmbio de hospedagem no mundo inteiro). Na oportunidade, apresentou-se um pequeno filme, feito durante o Congresso Universal de Esperanto, realizado em Antuérpia, Bélgica, em 1982. O comentário do filme foi feito em Esperanto simples e claro, para que o público ouvisse a língua falada.

Duas vezes apareceu no vídeo o endereço da sede da Liga Esperantista de Flandres, da qual os espectadores podiam receber informações e ficha de matrícula para o curso. Em uma semana, a citada organização recebeu mais de 200 respostas. No começo de fevereiro, o programa foi retransmitido.

Na conhecida revista TV-Express, apareceu um artigo que tomou toda uma página, sobre a transmissão, bem como sobre o Esperanto. Tal reportagem repercutiu ainda mais que o programa: 400 pessoas pediram o curso.

Esta notícia foi publicada na edição de fevereiro da revista ESPERANTO, órgão da Associação Universal de Esperanto.

— ★ —

PROVÉRBIO: **Ne sendu vian fumon en najbaran pulmon** (Não mande sua fumaça para o pulmão do vizinho).

Igreja Batista

Mundanismo - (1)

Não ameis o mundo nem as cousas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele; porque tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo. Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente (I João 2:15-17). O mundanismo, como dizia o Pr. Israel Biork, é a porta aberta para o pecado, para o ecumenisma para as interpretações modernas da teologia, para a heresia, e, também para a apostasia. Esse mal sempre esteve entre os servos do Senhor, no V. Testamento, como nos nossos dias. Mas, agora em razão do aumento da densidade demográfica, o mundanismo aumentou sobremaneira, nas nossas Igrejas. Esse aumento é devido a herança pecaminosa da humanidade, também como um dos muitos sinais da proximidade do tempo do fim. O mundanismo é na verdade viver uma vida sem Cristo, viver o curso do mundo. Podemos chamar de curso do mundo, o padrão de vida do pecado, com as suas maneiras desregradas de comportamento, cujas atitudes são justificadas pelo prazer do viver o hoje agora de maneira intensa, sem se preocupar com as consequências, tanto imediatas como as futuras. O viver segundo os padrões do mundo, é andar na busca louca de satisfações carnais, efêmeras, é andar em busca de uma satisfação da cobiça, do prazer carnal, do egoísmo e principalmente da vaidade que é companheira do orgulho. Esse tipo de vida não é a vida do crente, mas, que infelizmente, muitos crentes deixam que o mundanismo entre de maneira sutil no seus corações. E o mundanismo controla a vida da pessoa em maior ou menor intensidade. Uma das evidências maiores do mundanismo no coração do homem, é a defesa intranzigente do cinema, o casamento misto, o uso de bebidas alcoólicas (tanto social, como comercialmente), prontos sempre para fazer a defesa das coisas erradas. Quando alertadas para o procedimento incorreto com a vontade de Deus, reagem. O Apóstolo Paulo nos fala na sua carta aos Corintios 4:4 — Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do Evangelho da Glória de Cristo, que é a imagem de Deus. Não entendem, não compreendem que estão vivendo uma vida conflitante com a determinada pelo Senhor. Ouvem as advertências, mas, não entendem, preferindo continuar na sua tradicional "vidinha". O mundanismo é o padrão de vida que o inimigo do homem oferece ao mesmo para que se afunde cada vez mais no pecado e na consequente condenação eterna.

Pr. Clodoviro Del Corso

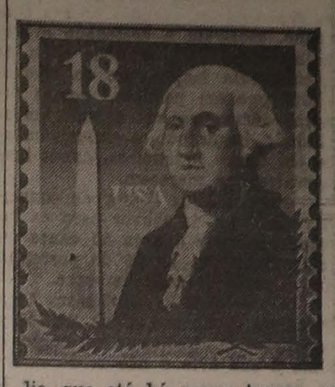
Resenha Filatélica

Gilberto M. de Proft

A influência dos valores humanos nos selos americanos

Não é novidade para os filatelistas que os correios dos Estados Unidos se apoiam nas emissões dos selos postais para de forma universal promoverem os seus valores culturais e políticos, preservando desta oportuna maneira o espírito patriótico como um símbolo de grandeza da espécie humana.

Para comprovar esse seu significativo exemplo, que a filatelia mundial proporciona e dela sempre se serviu, o Serviço de Correio norte-americano, colocou em circulação recentemente, um bem idealizado selo postal comemorativo, no valor facial de 18 cts. dedicado ao seu quinto-presidente George Washington (foto), em razão do transcurso dos 100 anos do Monumento erigido à sua memória, no século passado, mais propriamente em 21 de fevereiro de 1885, em Washington.



Ainda acreditamos que esse procedimento altamente meritório adotado pelos correios dos Estados Unidos e de outras administrações postais, possa algum dia servir de exemplo para o correio brasileiro.

O PERFIL DE GEORGE WASHINGTON NO PRIMEIRO SELO NORTE-AMERICANO

Invocando o exemplo de outros países que passaram a emitir os primeiros selos, com a declarada "Lei do Selo", aprovada em 1.o de julho de 1847, os Estados Unidos entraram para a história da filatelia, colocando em circulação a sua primeira emissão no valor de 5 cts (peça aliás única), para logo em seguida, 9 dias após, surgir o seu segundo selo no valor de 10 cts. Ainda que, segundo alguns pesquisadores filatélicos, a data de início de emissão dos selos ianques tenha ocorrida no dia 5 de agosto de 1847, entretanto existem colecionadores especializados na história postal, que exibem cartas datadas de 1.o de julho de 1847, com o selo de 5 cts. Formando série de 2 valores (5 e 10 cts.), os selos foram desenhados por James Parsons Major e gravados com base em gravuras de Richard W. Dodson (5 cts, efigie de Benjamin Franklin) e de Asher Brown Durand (10 cts, efigie de outro estadista George Washington). Pardo avermelhado o primeiro e preto o segundo. Os selos tiveram em 1875, uma segunda emissão que apresenta notáveis diferenças com os selos de 1847. Com a utilização da lupa torna-se legível a diferença. A emissão de 1847 tem as letras "R.W.H. & E", que se notam na marge inferior, bem menos legíveis do que nos selos de 1875.

A IMPORTANCIA DAS PUBLICAÇÕES DAS ASSESSORIAS FILATÉLICAS

Diante da ausência dos tradicionais órgãos de difusão da Filatelia que até há pouco tempo, eram considerados consagrados veículos informativos do dia a dia do desenvolvimento filatélico, algumas mais expressivas Assessorias Filatélicas mantidas pelas Diretorias Regionais da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, resolveram partir para uma iniciativa mais simples, porém de resultado extremamente útil à coletividade filatélica, permitindo a feitura de uma publicação de caráter regional, mas com todas as características de um eficiente boletim de comunicação graficamente mais dinâmica. Com regularidade estamos recebendo os informativos das mais atuantes Assessorias Filatélicas de São Paulo, redação da sra. Rachel da Cunha Monteiro; do Rio de Janeiro, sra. Cloris Leda Nascimento; da Campanha, Minas Gerais e de Bauru, cuja redação está entregue aos jornalistas Vicente de Paulo Baldo e Dorival Nogueira, respectivamente. Os boletins se apresentam com uma leitura agradável, fartamente noticioso e repleto de seções interessantes, indispensáveis não só para a difusão dos selos postais brasileiros, como também assunto de interesse do meio filatélico. Com noticias atualizadas, esses informativos são distribuidos gratuitamente a todos os filatelistas previamente cadastrados.

Na edição anterior, fizemos um alerta aos filatelistas, quanto a existência dos mini-tabloides independentes e editados em nossa Capital de forma irregular e caseira, promovendo em nosso meio a já costumeira e muito utilizada "campanha promocional de assinaturas". Com esse propósito há tempo surgiram duas publicações com a fachada de escrever sobre a filatelia, que após angariar centenas de assinaturas, acabaram por sofrer uma inexplicável paralisação, o que é pior uma delas que se fez presente com o título de "Notícias Filatélicas" não saiu do n.o 0.

Correspondência para Caixa Postal 30.680 — 01057 — S. Paulo.

Crônica Lingüística

Prof. Amaury de Assis

CALEIDOSCÓPIO: — Contrariamente à etimologia, que é o grego **kallós** (belo), **eidos** (forma, imagem), **skopein** (ver), mais o sufixo **io**, conforme vem no **Vocabulário** (1909, pág. 122) de RAMIZ GALVÃO, esse vocábulo tem sido grafado erroneamente com o ditongo **ei**, quando é sabido que, na transliteração do grego para o português, esse grupo se transforma em **i**: **calidoscópio, semiologia,** etc. (Vide M. BARRETO: **Novos Estudos,** 2.a ed., pág. 55).

Apesar disso, a forma espúria **caleidoscópio** está de tal modo difundidada no falar e no escrever de pessoas cultas e incultas, que, transigindo com o mau uso, alguns diiconários não escrupulizaram em lhes dar abrigo, registrando ambas as duas grafias. Vejam-se estes exemplos: "O cérebro tinha-se-lhe convertido num **caleidoscopo** infernal." (HERCULANO: **O Monge de Cister,** 17.a ed., tomo II, pág. 221) — "e as imagens que transitam lentas no **caleidoscópio** da imaginação." (**Idem: Opúsculos,** 6.a ed., tomo I, pág. 135.) — "A línguas são mirificos **cadeidoscópios...**" (OTONIEL MOTA: **Horas Filológicas,** pág. 15.) — "Não que seja Portugal o **caleidoscópio** único de frases pinturescas," (VASCO R. DO AMARAL: **Glossário Crítico,** 1947, pág. 498.)

Releva ponderar que no italiano se usa também a forma **caleidoscópio,** no francês **kaleidoscope** e, no espanhol, consignando a grafia etimológica, adverte COROMINAS: "se há empleado mucho la forma incorreta **caleidoscopio.**" Pois é justamente a cacografia **caleidoscopio,** sem alusão nenhuma à maneira correta de se grafar esse vocábulo, que traz no seu **Diccionário Etimológico de la lengua castellana,** a páginas 465, PEDRO FELIPE MONLAU.

Dessa maneira também consignou ANTENOR NASCENTES, no **Dic. Etimológico Resumido,** pág. 132, o controvertido vocábulo.

Pelo que eu vejo no WEBSTER'S, a página 995 da segunda edição, o inglês não desdenhou a forma **kaleidoscope,** não obstante a origem grega que lhe dá o dicionarista ser contrária à semelhante grafia.

PROCEDER: — Já disse, se me não engano neste mesmo lugar, que a construção: "Os exames serão procedidos na hora e lugar anunciados" contém grave solecismo de regência, uma vez que ninguém diz "proceder os exames", mas sim, "proceder aos exames", visto como o verbo **proceder** é transitivo indireto, devendo por isso ter complemento regido de preposição, que, na voz passiva, não pode converter-se em sujeito.

Onde, no "Projeto de Código Civil Brasileiro" rezava o Art. 1777: "O inventário e partilha judiciais **serão procedidos** na forma da legislação do lugar do domicílio do falecido", emendou RUI BARBOSA: "Proceder-se-á ao inventário e partilha judiciais na forma das leis em vigor no domicílio do falecido...", alegando que, "se o juiz procedesse o inventário, então sim, passivamente se poderia dizer que o inventário **é procedido pelo juiz.**" (**Parecer,** 1902, pág. 550.)

De maneira que a frase que deu azo a estes comentários deveria ser redigida do seguinte modo: "Proceder-se-á aos exames na hora e lugar anunciados."

Isso não quer dizer que se não possam apassivar pessoalmente certos verbos transitivos indiretos, sobretudo aquele que, em arredadas eras, revestiam também a forma transitiva direta.

Convém atender a que, se um verbo transitivo indireto vem construído na passiva impessoal com a partícula se, a mesma preposição da voz ativa deve fazer-se presente. Dir-se-á, pois: "São estes os exames a que se procederá na hora e lugar anunciados."

Quando se diz: "Procedeu-se aos exames", o verbo não pode menos de ficar na terceira pessoa do singular, dada a sua impessoalidade e a indeterminação do sujeito. "Aos exames", objeto indireto, não tem nada a ver com o verbo para o efeito da concordância.

Os estudiosos que tiveram real interesse em conhecer melhor tal assunto, poderão, com cumo proveito, versar os seguintes trabalhos, onde o assunto vem explicado com a devida documentação: "Estudos de Linguagem", de LAUDELINO FREIRE, pág. 7 a 10; "Através do Dic. e da Gramática" (1927), pág. 152, de MÁRIO BARRETO; "Revista de Língua Portuguesa" (n.o 41, maio de 1926), pág. 84, artigo de HÉLIO RIBEIRO.

tral do I Congresso Internacional de 30 conferencistas estrangeiros. Janeiro. *uma criança.* *mos e deslumbrantes, onde apare-* *ra/ A velha Mangueira/ tradicional*

O ESP. - 27.12.1988.

Idéias em debate

Privilégios para os naturais da terra

ADRIANO CAMPANHOLE

Quando o primeiro governador geral do Brasil, Tomé de Souza, chegou em 1643, trouxe um Regimento para governar estas terras, o qual é estimado por muitos autores como a primeira Constituição brasileira. Num dos seus itens ordenava o rei que não se poderia dar novamente na Capitania da Bahia "terras nem áreas de sesmaria a pessoa alguma das que ora são moradoras de outras Capitanias (...) salvo às pessoas que nela tiverem já terras tomadas de sesmaria porque estas poderão vir de outras Capitanias, onde estiverem, aproveitar as ditas terras".

Privilégios como esse e, posteriormente, as datas de terras, eram concedidos aos naturais da terra, seus filhos, netos e outros descendentes.

No Regimento das eleições de 1639 da Câmara de São Paulo, datado de 3 de agosto, lemos que os "vereadores, procuradores do Concelho e demais oficiais serão pessoas naturais da terra e da governança dela ou houvessem sido seus pais e avós de idade conveniente e sem jaça alguma e nomeando pessoa que não seja natural da terra terá as partes e qualidades que se requerem". (Atas, vol. I, pág. 103).

Quem lê as Cartas de Datas de Terras da Vila de São Paulo, vols. II e III, não pode deixar de imediatamente notar a preferência aos naturais da terra. Pedro Nunes e Manoel Fernandes, em 1598, alegam que são filhos de moradores e conquistadores antigos. Pedro Gonçalves Serralheiro diz que era casado com a filha, neta e bisneta de povoadores. Antônio da Cunha Gago e Cristovão da Cunha Gago têm o mesmo argumento: são moradores na Vila, filhos e netos de povoadores. Assim também João Nogueira de Pazes e Antônio Bueno, Francisco Pedroso, José Mariano e Pantalcão Pedroso.

A exigência não era apenas da Vila de São Paulo, mas de toda a Capitania. Em 1657, em Jundiaí, vários moradores requerem suas datas de terras para casas e quintais: João Leme do Prado, Antônio Álveres Bezerra, Estácio Ferreira, Gaspar Sardinha da Silva, Isabel Penedo e Maria Jorge. Não têm outras inspiração ao fazer o pedido: são filhos e netos dos primeiros moradores e descobridores. Em seus requerimentos, o sertanista Mateus Luís Grou, José Preto, Ana Maria Pais, Maria Pais e Maria Fernandes são unânimes em afirmar descenderem das primeiros moradores (filhos e netos).

Quando em 1792 D. Luís Antônio de Souza Botelho Mourão, capitão-geeneral e Governador de São Paulo, mandou repartir as terras do descoberto aurífero do Rio Pardo, não se esqueceu de dar preferência aos moradores e naturais da terra.

Cada República Municipal era a Pátria de seus moradores, na expressão do genealogista Pedro Taques. Os republicanos possuíam seus privilégios. Os vereadores de São Paulo, que evidentemente eram todos naturais da terra, filhos e netos dos descobridores e povoadores, reclamam ao rei contra o capitão-general Caldeira Pimentel, que nomeara para a Câmara pessoas que não eram naturais de São Paulo. O rei dirige-se ao governador e ordena que ele coloque nos cargos da administração as "pessoas mais capazes, tomando às informações necessárias, preferindo os naturais da terra".

Praticamente, como se vê da determinação supra, somente os paulistas (ou mesmo paulistanos) podiam ocupar cargos oficiais. Assim deveria ser também em outras capitanias. Objetivava-se fixar cada um em sua terra, dando-lhe o poder local e necessário prestígio, pois uma pessoa de fora não pode amar a terra em que acaso se encontre com o mesmo fervor do natural dela.

Até mesmo o fato de ser casado com filha de povoador garantia o privilégio. E um requerente, não tendo essa ascendência e sabendo da devoção de d. João IV por N.S. da Conceição, diz que é adorador da mesma santa.

Tudo isso acontecia porque o governo da Metrópole desejava povoar a terra, impedindo que uma pessoa andasse de lá para cá ou vice-versa, sem fixar-se nela, procurando o seu progresso. Uma lei de 1375 impedia que se desse a alguém mais terra do que pudesse cultivar. Era uma ficção, pois as sesmarias, de modo geral, constituíam-se de uma légua em quadra (900 alqueires) e por isso não eram cultivadas em sua totalidade. Mas havia um freio à sua transferência: o beneficiado pela concessão não poderia vendê-la se não depois de oito anos de trato. Devia, pois, ficar no local que escolhera para sua atividade.

Tivemos depois um governo geral. Concederam-se datas de terras e finalmente os aforamentos. Para a existência de uma igreja tornou-se obrigatória a existência de um patrimônio, área de terra de modo geral muito extensa, concedida por uma ou mais pessoas. O patrimônio de São Simão, doado por Simão da Silva Teixeira, que não tinha filhos, era de três mil alqueires. Pela ocupação de terras do patrimônio pagava-se um dízimo, destinado ao sustento do padre, construção e reparo do templo. Este critério sofreu alterações e os sacerdotes passaram a receber uma côngrua do governo.

Ocupar os imensos vazios demográficos, que ainda subsistem, era necessário. Daí a concessão de facilidades e mesmo de privilégios para os naturais da terra, descendentes de povoadores e descobridores.

As raízes do generalizado bairrismo brasileiro devem ter principiado aí. O homem obtém sua sesmaria, posseia um pedaço de chão e o cultiva e deseja todos esses bens, obviamente, para seus descendentes, que desde pequenos aprederam a amá-los.

O turista, como todos sabem, é elemento perturbador, apesar do lucro que o turismo proporciona em todo o mundo. O alienígena também é elemento perturbador, por não respeitar os costumes e as tradições locais, objetivando apenas seu benefício pessoal, por vezes político, a qualquer custo. Não ama a terra que pisa. Nas grandes metrópoles o bairrismo é notado, mas sem a veemência que o caracteriza nas pequenas cidades. Assim, elegem-se pessoas que não são naturais da terra e que, com certeza, não podem amá-la profundamente. Vimos agora, numa pequena cidade limítrofe de São Paulo, um canditado ser derrotado com este argumento: "Ele não é daqui, que vá candidatar-se em Minas Gerais". Já pesquisadores notaram que a memória de uma cidade só pode ser escrita com amor por um natural dela. Ame, pois, cada um, a sua cidade, sem desamar as demais.

Adriano Campanhole é jornalista e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo

Leia e Ass
Leia e Ass

ÍNDICE DOS ANÚNCIOS CLASSIFICADOS

O E.S.P.

Historiadores do Vale refazem caminho real

JUDAS TADEU DE CAMPOS

GUARATINGUETÁ — Todo o trajeto percorrido por D. Pedro I em território paulista, na histórica viagem que culminou com a proclamação da Independência do Brasil, será reconstituído por estudiosos do Vale do Paraíba, entre os dias 1º e 5 de setembro próximo. Será também uma forma de demarcar o que resta do antigo Caminho Real, que unia o Rio de Janeiro a São Paulo até o início deste século.

O idealizador desse projeto é o professor José Luiz Pasin, de Guaratinguetá, que está recebendo o apoio de diversas entidades, como o Centro Educacional Objetivo, o Sesc e o Instituto de Estudos Valeparaibanos. Pasin disse que o percurso será realizado em carros ou ônibus e deverá ser também uma manifestação de civismo e cultura.

De acordo com José Luiz Pasin, o Caminho Real foi percorrido por todos os viajantes, desde o Conde de Assumar (que estava hospedado em Guaratinguetá quando foi encontrada a imagem de Nossa Senhora Aparecida, em 1717) até por volta de 1928, quando foi inaugurada a antiga rodovia Rio-São Paulo, por Washington Luiz. "Mas muitos trechos do velho caminho ainda existem", revela o professor.

Além da estrada real, serão visitadas as cidades onde o príncipe regente D. Pedro pernoitou. Diversos prédios ou sedes da fazenda onde ele se hospedou ainda existem nos municípios do chamado Fundo do Vale, como a Fazenda Três Barras, em Bananal; a Fazenda Pau D'Alho, em São José do Barreiro; e o prédio onde agora funciona o Hotel Santana, em Areias.

No médio Vale do Paraíba existem três marcos da passagem de D. Pedro: as igrejas de São José, em Pindamonhangaba, e de Nossa senhora do Pilar, em Taubaté, onde consta que o príncipe teria entrado para rezar; e uma velha e frondosa figueira, no bairro de Taipas, em Roseira, onde, segundo a tradição, a comitiva de representantes de Pindamonhangaba aguardou a chegada de D. Pedro àquela cidade.

Os demais edifícios onde o príncipe D. Pedro se abrigou nessa viagem desapareceram, inclusive a antiga Capela de Nossa Senhora Aparecida, que cinco anos depois da visita real foi retratada num quadro do pintor francês Jean Baptiste Debret. José Luiz Pasin, que está planejando essa viagem desde 1972, espera contar com a cooperação dos prefeitos dos municípios visitados, na restauração do Caminho Real e na colocação de placas indicativas.

A última etapa da viagem dos estudiosos valeparaibanos será onde ficava a antiga povoação de Nossa Senhora da Penha de França (o atual bairro da Penha, em São Paulo). Ali D. Pedro pernoitou pela última vez antes de chegar à capital da província.

A VIAGEM DO PRÍNCIPE

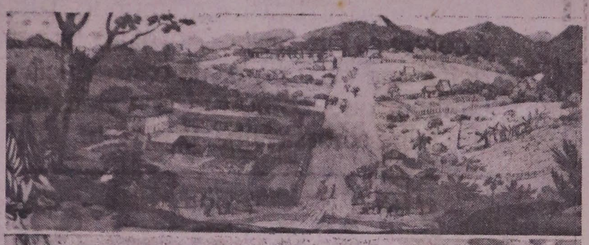
José Luiz Pasin conta que d. Pedro veio a São Paulo para por fim à revolta encabeçada por Francisco Ignacio, que queria derrubar o governador da província, Martin Francisco Ribeiro de Andrada. O Príncipe Regente não queria desuniões num momento em que as forças políticas se agrupavam em torno da causa separatista.

D. Pedro saiu do Rio de Janeiro no dia 14 de agosto de 1822 e no dia 16 hospedou-se pela primeira vez, nessa viagem, em terras paulistas. Foi na Fazenda Três Barras, em Bananal. A partir daí o professor Pasin reconstituiu o roteiro dos locais onde D. Pedro pernoitou:

No dia 17 jantou na Fazenda Pau D'Alho, em São José do Barreiro e pernoitou na Vila de São Miguel de Areias (no atual Hotel Santana);

No dia 18 jantou no porto da Cachoeira (atual Cachoeira Paulista) e pernoitou em Lorena; dia 19 pernoitou em Guaratinguetá, depois de rezar em Aparecida. Dia 20 (após haver sido recepcionado pela comissão de autoridades debaixo da figueira histórica e centenária) pernoitou em Pindamonhangaba. Dia 21 foi recebido pelo clero e pernoitou em Taubaté. Dia 22 em Jacareí. Dia 23 em Mogi das Cruzes; dia 24, o último pernoite, no Paço da Penha de França. Dia 25, chegada solene a São Paulo, onde assistiu a um Te Deum e em seguida deu o beija-mão às autoridades.

Esse trajeto, passando pelos mesmos lugares, é que os estudiosos pretendem fazer nos cinco primeiros dias de setembro.



Nos quadros de Debret, as vilas de Guaratinguetá e Aparecida

Ribeirão Pires quer e

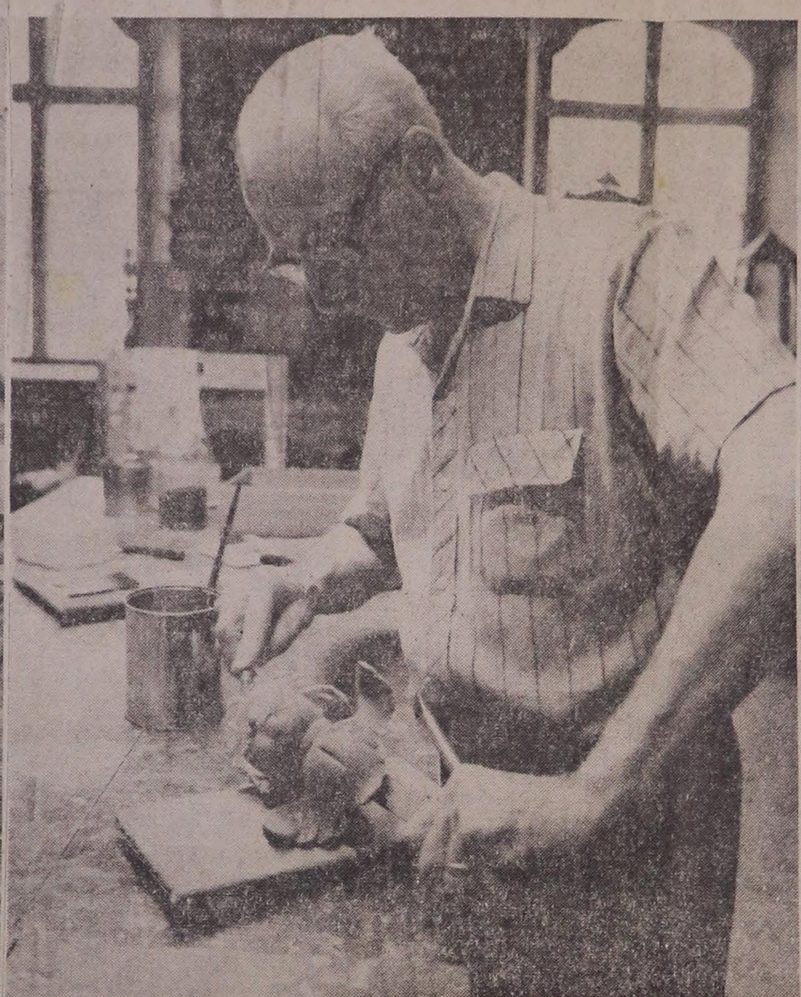
O telejornal do SBT não é um show. É um jornal feito e apresenta
escrevendo e principalmente o que estão lendo. Que estarã
importante no Brasil e no mundo. Tudo mesmo. Se a multidão está
é contra as Diretas Já, o jornal cobre também. Ele não toma partido
deixa que você, com sua consciência crítica, tome a sua posição. É
também que, como tudo na vida, nem sempre se vai conseguir
desculpe a nossa falha. Boa noite.

Porque Muita Coisa
Não Aparece No Jor

SEXTA-FEIRA

O ESTADO DE S. PAULO

30 DE OUTUBRO DE 1987



Na paz do convento, no Centro, o restaurador Waldemar Chaves trabalha desde 1938, refazendo imagens e altares. Com a tarefa, ele ajuda a manter o passado do convento

César Diniz

Tradição, história e arte no convento

ROSANA ORTIZ

Com pincéis de pêlo de lontra, folhas francesas de ouro puro e cola feita à base de nervos de coelhos, Waldemar Teixeira Chaves restaura imagens de duas antigas igrejas da cidade, da Ordem Primeira e Terceira dos Franciscanos, no largo de São Francisco. Na meticulosa tarefa, feita com ferramentas delicadas, como brunidores com ponta em pedra de ágata, Waldemar tenta resgatar a beleza das peças criadas há séculos.

"Filho, estás louco? Não te metas com isso. Não é restauração para um só homem, é para uma equipe". Apesar dos apelos do pai e mestre, o restaurador aceitou, em 1938, "retocar" o brasão de um altar. Mas — como o haviam prevenido — restaurar uma igreja é como tentar represar água com as mãos, uma tarefa sem fim. "Meu trabalho é muito lento e, só no altar, gastei 17 dos meus 69 anos", conta.

Para colar asas caídas de anjinhos gorduchos, pedestais de velas, crucifixos e imagens de santos, Waldemar acabou montando um ateliê na própria igreja, ao lado do convento, no jazigo da capela. Rodeado de ossos e cinzas de gente famosa, como a Dama do Paço (Gertrudes d'Oliveira Lacerda), Tobias de Aguiar e o coração do padre Diogo Feijó, o restaurador viu o tempo passar através de uma pequena janela. "Talvez não tenha valido a pena", avalia.

Vivendo praticamente no silêncio do passado, Waldemar sabe pouco da agitação da cidade, dos grandes prédios, carros, ônibus e lojas de comércio que hoje dominam a região. Como ele, os frades franciscanos procuram conviver com o desenvolvimento, falando saudosos do tempo em que a rua Riachuelo era conhecida como "quintal dos franciscanos", o largo era um imenso cafezal e a vila de São Paulo terminava nos muros do convento.

"Oitenta braças de chãos de comprimento... setenta braças de largo... e daí cortando para a pedreira até se meter no ôlho da água..." A partir desses dados determinou-se o terreno para a construção das igrejas e convento dos franciscanos, chegados há pouco no País. No local, famoso por ter água pura e boa, a cidade se abastecia em três generosas fontes. Na época, 1647, o grande prédio de taipa era cercado por um pasto de culturas variadas, de onde se avistavam o rio e as árvores do vale do Anhangabaú.

Novos tempos

"Os tempos são outros. O crescimento da cidade foi inevitável. Procuramos resguardar os traços mais importantes das tradições e nos adaptarmos à vida moderna", explica frei Olavo, que viveu 30 dos seus 68 anos no convento. A amplitude de horizontes do passado foi substituída por uma clausura de concreto, cercada de samambaias, com as quais a prédio entre muitos outros dá a impressão de um verdadeiro paraíso no centro velho da cidade.

História do convento confunde-se com a de São Paulo

Vizinhos barulhentos não lhes faltam. De um lado é o edifício-garagem, responsável pelas janelas sempre fechadas do convento. Do outro, os estudantes da Faculdade de Direito do largo São Francisco, instalados no edifício erguido à semelhança do antigo prédio, rodeado por arcadas que lembram a clausura idealizada no século XVII.

O corredor que interligava a igreja ao convento foi transformado em passagem "secreta" pelos estudantes, por onde eles escaparam em 1968, acuados pela polícia. Hoje, a saída estratégica virou lanchonete e o cheiro de frituras invade o velho corredor de taipa, de um metro e meio de largura e que já foi um dos cemitérios da cidade. Por esse corredor, que leva à nova clausura, foram localizadas diversas ossadas, poucas se comparadas à quantidade encontrada quando da demolição do convento, para a construção do atual prédio da faculdade.

Simplicidade

Em vez dos grandes vitrais, hoje adorno pouco apreciado nas escadarias de mármore da faculdade de direito, as paredes do convento são simples, com alguns quadros de madeira representando a Via Sacra, obra de um frade mais habilidoso. Na igreja interna, os vitrais foram substituídos por papel crepom e fita isolante. Apenas os 28 frades que ocupam pequenas celas do convento fazem ali suas orações.

Mas os três séculos não foram suficientes para acabar com a resistência da madeira mãe-preta, árvores que predominavam na região do Anhangabaú que foram utilizadas na construção da velha igreja. Também o coro dos frades, na parte superior, foi preservado.

As grandes e escuras cadeiras de jacarandá, recordação da época áurea do convento, continuam sólidas e intactas. Os altares laterais quase não sofreram alterações mas o da c pela-mor foi substituído em 1870. P las escadarias e corredores, os frad antigos — alguns com mais de oite ta anos — arrastam suas sandáli num passinho miúdo, longe da pre sa das ruas.

Os novos, ao contrário, há muit abandonaram as vestes marrons d franciscanos, circulando com rap dez e atendendo fiéis em pequen salas, frente a frente. "Nossa client la, assim como todo o resto, mudou diz frei Olavo. As dezenas de fam lias, antes público fiel aos finais d semana, já não os procuram mai Hoje, também as crianças sumiram dos cursos de catecismo. Mas eles resistem, procurando acompanhar a vida e manter, pelo menos lá dentro, a paz que sempre desfrutaram. "Se hoje — especula frei Olavo —, com a confusão formada ao redor dessas igrejas e convento, que já delimitaram a cidade, padre Anchieta viesse nos visitar, com certeza ficaria louco."

O uso da taipa na reconstrução de João Câmara

F-1000 87
0k - Pronta entrega. Tratar fone (0192) 8-4477.

CBX 750
Tenho duas: 86 0k e 86 semi-nova. Tel. (0192) 2-5959.

MONZA SL 1.8/86
5m s/ ar e dir., azul jeans bx. km. $479 mil F: 220-4186 c/Herman

CONSORCIO MESBLA
Grupos em andamento Agrale SXT-16.5, Agrale Elefant 27.5 CB-450 inicial 3.610,00 F: 280-2533 R-129

KOMBI 83 U. DONO
Sem nada p/fazer, original, motor feito 20/10 do interior, vdo ou troco $ 215.000 F. 274-3584.

MOTOR HOME
Chassis marco polo III, completo c/ bar, 1 suite, cozinha c/ forno, máquina de lavar, beliche, ar condicionado, motor MB 1519 motor 355/6 autonomia de viagem 2.000 KM. Tr. fone: (0432) 24-2288. Londrina.

ESCORT GL 86
2º dono, de part., c/opc. do XR-3, som, bem conservado, pouco uso, $ 400.000, F: 914-6684.

SANTANA GLS 87
Estado de novo, automático, Azul. F: (011) 914-6600.

GOL GT 1.8 - 85
Vermelho, semi-novo. F: (011) 914-6600.

F 1000 87
Engerauto, cab. dupla bege c/marrom, rayban, direção, 2 bancos, sofá-cama (011) 222-9744.

XR 3 88 0K
Amarelo citrico, completo menos ar $ 600 mil e assume consórcio. Carro na mão. F. (011) 220-0500 c/Adair.

GOL S 84
Bege, 1.6, alc., UNICA DONA, manual, 38.000 Km origs., todo original, $ 250.000 s/c Oferta. F: 296-1243 H.C. Cesário.

GOL S 85
Branco, 1º dono, álc., bx. KM., ót. est. ou troco menor valor, part., Cz$ 315 Mil. F: 881-4404.

FUSCA 80 FAFÁ GAS.
Preço: Cz$ 105.000. Tr. c/Celso 703-2144 H.C.

PARATI S 86
Cz$ 385.000. Ac. troca. F: 262-3777.

VOYAGE PLUS 86
Champagne met., V.V., Tape, 17.000 kms. part. Cz$ 390.000 F: 543-3945.

F. 1000/0KM
Preta e cinza, Cz$ 1.235 mil F: 549-5999.

VERANEIO 75
C/42.000-km orig. "A MAIS NOVA DO BRASIL" F: 543-3659.

GOL 86
Cinza PLUS, rodas, vidros, rayban. F: 543-0660.

UNO CS 85
... met., F: 543-3458.

AGRALE SXT
5 CG, $ 80.000. Tel: 533-9564 ...mil.

GOL PLUS 86
...e metal. vidros verdes rodas ...m. Av. Pompéia 2170 F: 65-...9.

UNO 1.5 R. 87
...ato 7.000 km 246.3193.

MONZA SL/E 86
...inza uranio, 4p. compl. menos ... e dir. Av. Pompéia 2170 F: 65-799.

MONZA 84
SL/E 1.8
30.000 km orig. Novissimo, Vd. Eletr. AM/FM rodas 521-8185.

VOYAGE LS 86
Verde cristalino, 5ªM AM/FM Av. Pompéia 2170 F: 65-0799.

FIAT OGGI CS
84, degradée, verm., 5m., AM/FM, faróis milha, 47.000 Km orig. $220 mil. Ac. troca. F: 858-9852 / 857-2877.

MONZA SLE GAS. 84
3 Vol. metálico, compl. menos dir. e ar. Av. Pompéia 2228 - F: 262.3777.

XR 3 86 CONVERSÍVEL
Prata, toca fitas Bosch digital, rodas, tudo menos ar. Cz$ 630.000,00. F: 530-0993.

FORD 13000 - 81
Motor mercedes novo (comprado na caixa). Toco reduzido, est. OKM Tel: (011) 842.3658.

KOMBI FURGÃO
Dissel ano 82. De particular. Tel: 581-3959.

CHEVY 500 86
Totalmente equipado. Azul. Cz$ 300 mil. F: 63-7569.

UNO SX 86
Vermelho. Completo. Part. Ac. troca. Fone: 276-4792.

GALAXIE 77
Troco por perua ou carro menos gastador. Um pelo outro, sem volta. Fone: 887-3600.

MONZA SLE 87
Completo (-) ar e dir., 10.000 km, prata andino, F: 949-2568 Part.

GOL 86 LS
18.000 km, compl. c/ todos opcs. F. 543-5011.

VOYAGE 86 LS
Verde esmeralda, 5 m, ótimo estado F: 543-3458

CARAVAN 84
COMOD.
Preta, completa menos ar., 4 c.c. Est. 0km. F. 543.0660

PARATI 83 LS
Azul met., som, excel. estado. F. 543.3458

SAVEIRO 84
Branca, c/capota, ótimo estado F: 543-0660.

SANTANA CS 85
4 pts., ar cond., azul met. F: 220-4781

VOYAGE LS 83
Un. dono azul copa met. $260.000 F: 221-8269

CHEVROLET D.60
ANO 80
Super conserv. Cz$ 380.000,00 Aceito auto como troca. F: 414-3222

BELINA 85
LUXO
27.000 km, Branca impecável. Cz$ 320.000,00 F: 458-4018

F-1000 80
DIESEL
Super conservado, c/capota de fibra, Cz$ 380.000,00. Aceito auto como troca F: 414-3222

MONZA SLE
83 1.8
Gas. azul met. Cz$ 290.000,00 F: 458-7770

PREMIO 85
CS 1.5
Vermelho impecavel BX KM, Cz$ 300.000 F: 458-7700

DEL REY GHIA
86
Completo ar direção hidramático novissimo 26.000 Km Cz$ 495.000,00 Aceito auto como troca F: 414-3222

MONZA SLE F II 85 4 PTS - PRETO Cz$ 450.000
U. dono, t. fitas, 5ª m., porta mala e antena eletr., apoio de cabeça traseiro. Ac. troca. F: 852-9348

DIPLOMATA 86
4 pts., 6 cc., mec., met., 17.000 km F. 93-9632

MONZA SLE 1.8 0K
Preto, 4 p., c/ar, dir. hidr., toca fitas, $ 890 mil. F. 914-2102 - HC.

CORCEL II-L
82, 5m, álcool. Kombi diesel, 83. F: 832-2355.

MONZA 86
Completo, equipado, menos direção. $550 mil. Fone: 222-2101 c/ Dias.

VOYAGE 84
Preto. Após 12 hs. $ 295 mil. F. 267-0245.

F 1000 ÁLCOOL
1986, cabine simples, 6 cilindros, super série, prata, todos os opcionais possíveis + tape e antena elétrica, kilometragem real de 4.000 kms. $590 mil - 579-2263.

SANTANA 4 PTAS. 86
Cinza Fênix, completo, c/ar e dir., rodas do CD, carro em est. de OK, s/nenhum risco. Venha Confirmar. Av. Bandeirantes, 5000.

ESCORT L-85
Bege, Perfeito estado. Pneus novos. F. 950-3208.

MONZA SL/E 83
Hatch. Azul metl. AM/FM Av. Pompéia 2170 F. 65-0799.

NOVOS E USADOS
Monza 88 (-) ar e dir. 2p. 680
Classic 88 4p. compl. .....1150.
Chevette 88 SL/E compl .....460.
Monza SL/E 83 .....275.
Uno CS 86 compl .....310.
Passat Plus 1.8-84 .....310.
Passat TS 82 .....215.

Progresso Veículos
Fs:542.7373-533.3487

SANTANA CD 85
2p. Cinza metal. compl. menos ar e dir. Av. Pompéia 2170 F. 65-0799.

PICK-UP 1960
Chevrolet, câmbio e motor de Toyota, excel. est. F. 429.2450.

ESCORT GL 84
Verde met, Alc, 5m, AM/FM, 298 mil. R. Maria Antonia, 162. Part. F. 235-3009. Wilson.

MONZA SLE 87
2.0, preto, 4 pts, completo c/ ar e direção F. 280.6900.

XR 3 - 86
Un. dono, azul mineral. Fone 280-6900.

VOYAGE S 85
Branco 2 pts, Alc., impec. u. dono. EMPORIO AUTOMOVEIS: Fs. 280-8834 / 64-4914.

GOL S 85
Branco, t. fites, sup. novo. EMPORIO AUTOMOVEIS Fs. 280-8834 / 64-4914.

XR3 88
Amarelo, c/ ar, bom preço. Ac. Troca. F. 852-8100.

HONDA CG 87
Azul. Cz$ 65.000 F: 272-3996.

CAB/DUPLA 87
F-1000 Magnum Engerauto c/ dívida, Ac. troca. F. 228-9326.

XR-3 87
Vermelho, Urgente. F. 227-9718 c/ Assis.

MONZA SLE 86/86
Dourado Cz$ 495.000 carro p/ particular 20.000 km, perfeito Sueli. F. 209-9282.

MONZA HATCH
SLE - 1.8, álcool, 85, único dono. Completo. F: 815-4688 c/ Fábio.

BELINA L 84
Cinza chumbo, motor CHT 5m. alc., AM/FM troco Fone 852-7722

ALFA TI-4 -82
Gas. bege met. compl. bx. km Fs. 523-8632 - 521-3299

SANTANA CL 87
Met. rayban. Bx. km. func. Volks VILAUTO R. Pedroso Alvarenga, 831- F. 64-2068

MONZA - 86
Alcool, 4 pts. rodas, rayban T. fitas F. 280-6900

DEL REY 86 GHIA
2 pts. novo, revis. c/ garantia. Bom preço financ. Ac. troca Fs. 61-0800 - 542-0333

SANTANA CD 85
Prata, Cz$ 450. mil VIP AUTOMÓVEIS Fs. 530-5692 - 61-9793

BELINA LDO 79
Raridade, U. dona. 50 mil kms. Al. Ministro Rocha de Azevedo, 1159

CARAVAN 83
COMOD.
Álcool - 4cc. 5ªM. Dir. Hidr. F: 853-2278.

PARATI 83
Gas. GLS, Cz$ 290.000,00. Tr. Fone. 261-5003.

MONZA SLE 86
1.8, Álc. completo c/ ar e dir. F: 825-0759 - Part.

MERCEDES 71-280 - SE
Automático, verde metal. 4p. injeção direta. 45.000 km. orig. único dono Av. Pompéia 2170 F. 65-0799.

VOYAGE LS 83
Preto, baixa km, único dono, $ 260.000 F. 294-4568 HC e 293-5859 HC. c/ Eduardo

BRASÍLIA 79 LS
Super nova, 2ª dona, gás, bancos lindos. Part 255-7156

CHEVETTE 85 SL
Vermelho, única dona, rayban, 1.6, 5M, som Part 284-4120

GOL 84
Prata metálico, 2º dono, impecável. Part 826-3426

COMPRO KOMBI
Só Diesel. R. Rego Freitas, 179 - (011) 222-7216

MONMZA 84
Ótimo estado, 4p. F: (011) 222-7216

SCORT L 88
Cinza metálico $480 mil F: 455.4155

SAVEIRO GL "0 KM"
Motor à diesel, preta. Faturo/financio. Tr. c/Dario F.:(011) 919-8802.

SAVEIRO GL "0 KM"
Motor à diesel, azul Ilhéus. Faturo/financio. Tr. c/Rui F.: (011)452-4609.

SAVEIRO CL "0 KM"
Motor à diesel, azul Ilhéus. Faturo/financio. Tr. c/Osmar F.: (011)440-7207.

DEL REY GUIA 87
Azul Mineral, 14.000 km, c/ todos opc. F: 455.4155

SCORT GL 84
Prata. 24.000 Km, c/ todos opc. Rua Piagentini, 22 Rudge Ramos.

MONZA 88
Vários modelos. Pronta Entrega. F: 241-4961 e 241-9830

MONZA 83
4 p., 1.8, gas, impec. F: 210-4307

LANDAU MOD. 79
Un. dono, preto, automático. Sem 1 risco. Cz$ 150 mil. F: 575-0759

F-1000 CABINE DUPLA 86
Turbo; alc, ar. Tv. direção, som, ac. Troca F: 491-4333.

CARROCERIA DE GUINCHO
Completa, para F - 350, CZ$ 250 mil. Tr: 210-9242 Valdir.

OKM
Linha VW. f. 275.4242

OKM
TODAS AS MARCAS
Troco e Financio.
F:(011) 222-9981
220-2191

O K M
TODAS AS MARCAS
os melhores preços
Rykó Automóveis
F:(011)549-8966

UNO OK
S/CS/1.5R
O melhor preco
Fone: (011) 826-8733

MB 1318 OK
Entrada Cz$ 450.000 mais dívida. F: (011) 220-6445 c/Urbano

OK - GM
MONZA - - - 88
CARAVAN - - 88
DIPLOMATA - 88
Várias Cores
F: 543-4110
542-1788

0KM
SANTANA — 88
PARATI — 88
QUANTUM — 88
Várias Cores
F: 543-4110
542-1788

MONZA 88 0K
V. eletr., trava eletr., Rodas R.ban, 5º M. e demais ops. de Fábrica, 4 portas
Cz$ 699.000,
TEMOS OUTRAS UNIDADES:
SL, SLE,
XR3 88 0K
C/ ar cond.
CARAVAN COMODORO 88 0K
6 cil. completa menos ar.
CHEVETTE SL 88 0K
Diversas opcs.
Cz$ 399.000,
PRONTA ENTREGA
NEY AUTO SHOP
R. Pinheiros, 610
F. 853.0366

ESCORT GL OK
Prata. F: 531-4547

"OK"
Todas as marcas
Pronta entrega
Melhor preço
Fone:(011)65-7370
864-4218-864-0659
872-8420-8728400

OKM PLACCAR
Uno S-88 368mil
Uno CS compl 445mil
Elba S compl 418mil
815-7144

87 ESCORT GHIA
Met., sup. novo
86 SANTANA CD
Preto, 4 pts.,(-)ar e dir.
86 GOL GT
Vermelho, ót. est., BX. KM.
86 ESCORT L
Met., R. ban, 15000KM.
84 MONZA SLE
4 pts., verde c/ar e dir.
83 GOL LS
Met. bom est.
83 MONZA SLE
Hatch, 1.8, gas.,
82 VOYAGE LS
Gas., R. ban, novo
AUTO AMÉRICA
QUALIDADE/ TRADIÇÃO
TROCO-FINANCIO
R. Pinheiros, 632 -
Fone: 853.3711.

OP. COMODORO 88
Ok, ar, dir., 4 p, 4cc
GOL GL 88
Ok, gas., preto, 5m
QUANTUM GLS 87 0K
SANTANA CL 87
4 p, 5.000 km, pint. met.
MIURA SAGA 87
todos opcionais, 1700 km
DEL REY GHIA 87
2 portas, ar, direção
GOL LS 86
prata
M.BENZ 280C 73
coupê, único dono
Tr. AUTOHAUS
Av. 9 de Julho, 3698
F: 883-6988 - H.C.

SAVEIRO.....86
Toda Equipada
PARATI LS...85
5M.,metálica
UNO SX.....85
Metálica
VOYAGE.....85
Do Mês
PARATI LS...83
Metálica
GOL.....81
Impecável
GOL.....83
Impecável
DETROIT CENTER CAR
R.TAMOIOS. 310
F:533-3388/61-0455

PROFESSORES, AULAS E CURSOS

IIIº SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

TEMA CENTRAL: A IMPORTÂNCIA DO MOVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Cursos, Mesas redondas, conferências, filmes, áudio visuais, exposição de material didático e literatura com a presença de escritores. 14 e 15 de novembro, das 8:00 às 20:00 horas FUNDAÇÃO ESCOLA DO COMÉRCIO "ÁLVARES PENTEADO" Av. Liberdade, nº 532. Fs: 277-0122 ramal 28 RESTAURANTE E ESTACIONAMENTO NO LOCAL

NÓS ESTAREMOS LÁ!
PARTICIPE VOCÊ TAMBÉM.

MÁQUINAS E MOTORES

Procuramos
Um conjunto fresadora e juntadeira para laminas de miolo. Novas ou usadas em bom estado. Contatos em hor. comercial pelo Fone (041) 246-3344 c/ Sr. Werner

Trator e Implementos
Vende-se M.F. 290 LS - Ano 86 - Tratar (0182) 22-3435 Hor. Comercial.

FIRMA DE CONSTRUÇÃO PESADA, PROCURA PARA COMPRAR. EQUIPAMENTOS USADOS EM BOM ESTADO DE CONSERVAÇÃO
- Motoniveladoras cat 120 e 140
- Pas carregadeiras cat 930 ou similar
- conjunto de britagem, c/ capacidade de producão aci ma de

DRAGA VENDE SE OU ALUGA-SE
22B ou 38B Com Drag-Line. Tr. c/Dr. Marcelo (031) 201.4677.

ALUGA-SE PÁS CARREGADEIRAS W-20 e W-36
Tr. pelo fone: 261-2700 c/Sr. Sérgio.

VENDO
Compressor Atlas copo B T 4 Revisado cap. 160 pés cubicos com base e motor. F: (0192) 42-4101

MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO

TELHAS-VENDE-SE
URGENTE, p/mel. oferta, cerca de 5 mil telhas paulistinha. 267.7366 c/Eliseu-HC.

VIDEOTEXTO

CASAS ALUGAM-SE

UBATUBA - TONINHAS
Casa excepcional, frente mar, c/ lareira, 6 dormitórios, etc. Tel: 853-3209 / 211-7326.

UBATUBA P.ENSEADA
Casa p/temporada e férias 4 quartos mobiliada coz. completa H.Coml. F: 813-8066.

UBATUBA
Praia Toninhas, Temp. fim de semana e feriados. Acom. 10 pessoas Tr. Tel. 261-7675.

SÃO SEBASTIÃO
Alugo casa p/temporada. Fone: 548-8900.

UBATUBA
PRAIA
VERMELHA SUL
(DOS ARQUITETOS)
Disponivel dez a fev, 5 dorm, 5 banh. e demais depend. Tel. 2 gelad. freezer, ar cond, lar., etc. Detalhes: (011) 259-9571

JD.PAULISTA C/TELEFONE
R. Guarará, 466. C/7 salas, 2 banhs. e gar. Cz$ 60 mil. Ver no local. Tr. J.SALLUM IMÓVEIS Fs: 283-0855 e 284-2617 Secovi 523.

ALPHAVILLE III
320 m². Piscina, Telefone, 4 dorms, carp. arm. 4 salas. F: 572-8342 (noite) Creci 16.076

UBATUBA MARANDUBA
Al. Casa 3 Dorm 2 Banh.. Sitio Próximo a praia. Cz$ 2.000 p/ Dia F: 63-7269

ATIBAIA
Casa em Sitio p/feriado, temp. e fins de sem. c/piscina e Tel. ac. 10 pes. Tel. 206-6174

UBATUBA-ENSEADA
Alug. casas e sobrados, recem construidos F: 65-7614 após 18 hs.

ALUGA-SE-SOBRADO
V.Sta. Izabel, 2 dorms, sala, copa-coz., banh., lavand., gar. p/2 carros. F: 918-8577.

GUARUJÁ ENSEADA
Locação permanente e temporária. Temos em carteira casas, vários padrões. Temos tb. aparts. TUCUNDUVA IMÓVEIS "Tradição de 10 anos em locações e vendas no Guarujá". Tel: (0132) 86-9586 ou 86-2003 (Creci - 20.642).

UBATUBA
Aluga-se casas e aptos para o próx. feriado e temporada. R. Malzoni. Creci 30.757. F: (0124) 42.0185.

BARRA DO UNA
Perto do mar. Fim de semana e temporada (011) 292-9276.

MARESIAS
Casa Frente p/mar c/4 dormitórios Dez/Jan/Fev. Fone: 61-4317

GUARUJÁ FINADOS
Pitangueiras, 2 dorm, acom. 12 pess. 50m praia, 2 gar. F: 287-3207

EMPREGADOS OFERECEM-SE

BABA Of. c/ ref. de 6 anos p/ recem nascido posso viajar tel. 575-0286 Cida.

CORTINAS Sujas? Lava-se F. 211-6607.

COZINHEIRA forno, fogão, 38 anos, boa ap. 8a. último emprego, gosta de cças; In. Imediato, Pode viajar. F.: 571-1835.

DOMÉSTICA p/ todo o serviço ou coz., lavar e passar 28 e ref. 6 últ. emprego gosta de crianças in. imediato F.: 282-9559.

DOMESTICA C/ folha corrida e selecionadas c/ melhores referências. Ag. Moema - F: 571-0299 - 549-9823 Av. Moema 135.

EMPREGADA Do Sul e M. Gerais 3 anos de referências p/ todo serviço tel. 549-9823.

EMPREGADA P/ serviços gerais que cozinhe de M. Gerais e de S. Paulo c/ folha corrida policial F: 544-0909.

ENFERMEIRA Of. p/ idosos ou recem nascido c/ ref de 5 anos F: 575.0286 Ana.

MOÇA Of. sei cozinhar moro no emprego c/ ref. 2 anos sou do sul F: 575.3040 Mara.

PEDRAS Sujas? Pintura! F: 211.6607 Dário Wash.

RECEPCIONISTA Datilógrafa of. c/ ref. ótima aparencia fone: 575-3040 Rose.

SENHORA Of. c/ 45 anos c/ pratica de enfermagem e cozinha moro no emprego c/ ref. 5 anos f: 575-2662 Maria.

DIVERSOS

AGRADECIMENTO
Ao Divino Espirito Santo pela graça alcançada. M.V.L.

SOS DE ORAÇÃO
"Jesus te ama"
Alguém quer ouvir você, alguém quer orar por você. Tels: 66-5701 e 66-8182.

COMUNICADO
Edson Meneguello - CIC 612.185.708-06, RG 6.699.823. comunica à praça extravio de talão de cheques no nº B-634 à B-650 do Banco Real - Ag. 0629, desde o dia 27/04/87. F.: 455-3062.

AGRADEÇO
Sta Clara a graça alcançada E.L.

ORAÇÃO À STA. CLARA
Fazer 3 pedidos p/ Sta. Clara, 1 de negócios e 2 impossíveis. Rezar durante a Novena 9 Ave Maria mesmo sem ter fé e será atendido. Reze c/ 1 vela acesa deixe-a queimar no 9 dia. Publicar no 9 dia. M.H.

PRECE
MILAGROSA
Confio em Deus com todas as minhas forças. Por isso peço a Deus que ilumine o meu caminho. Mande publicar e observe o que acontecerá no 4º dia M. L.

LEILÕES

Leilão Morumbi
90 AUTOS - 15 UTILITÁRIOS
10 MOTOS - BENS DIVERSOS
Serão vendidos um a um pela melhor oferta
DIA: 03/NOV/87 (3ª F) às 10:00 horas
LOCAL: Av. Roque Petroni Júnior, 984 (em frente ao Shopping Morumbi)
FONES: 533-9814 e 533-8274
ILSON DE JESUS BOTTOS LEILOEIRO OFICIAL

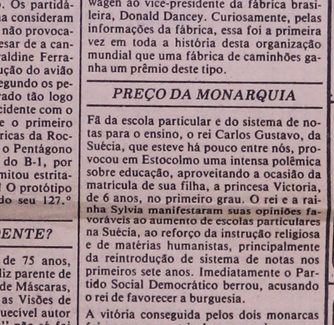
LEILÃO
BOM RETIRO

LEILÃO
De
Caminhões - Ônibus - Tratores - Veículos - Importados - Máquinas Injetoras - Moto (hoje)
Dia 30 de Outubro de 1987
Local: Rua Amaro Cavalheiro nº 418 Pinheiros (trav. Rua Paes Leme Alt 303)
Horas: 10:00 horas
Carlos Augusto Siaticosque Leiloeiro Oficial com escritório nesta Capital, devidam...

Ação

Sergio Monte Alegre

Philippe Chalifour, Helena Montanarini, Lucília e Manoel Diniz em noite de aniversário.



Em recente acontecimento social Beth Rocha, Cosette Alves e Alice Carta

VÔO CARO!

O início da produção do novo bombardeiro estratégico norte-americano B-1, que a oposição pretende cancelar, será mantida pelo Governo do presidente Reagan, apesar da queda, outro dia, de um protótipo, perto de uma base, na Califórnia. O aparelho, um dos quatro destinados a substituir o modelo B-52 até o final deste século, custa mais ou menos 200 milhões de dólares, é considerado, como o míssil "MX", um dos principais elementos do programa de rearmamento iniciado pelo presidente Reagan e que o candidato democrata à Casa Branca, Walter Mondale, prometeu suprimir se for eleito em novembro próximo. Os partidários e adversários do programa consideram que provavelmente o acidente não provocará consequências maiores, apesar de a candidata a vice-presidente, Geraldine Ferraro, ter afirmado que a construção do avião é um "esbanjamento" pois, segundo os peritos, tal sistema estará superado tão logo entre em funcionamento. O acidente com o protótipo aconteceu antes de o primeiro aparelho da série sair das fábricas da Rockell International. Até agora, o Pentágono encomendou 100 exemplares do B-1, por um preço que o Congresso limitou estritamente a 20 bilhões de dólares! O protótipo que explodiu estava realizando seu 127.° vôo de provas.

JULIO VERNE, VIDENTE?

Teófilo Allou, ex-dentista de 75 anos, nascido no Paraguai e que se diz parente de Julio Verne, criou um Museu de Máscaras, único do mundo, mostrando as Visões de Verne. Ele afirma que o inesquecível autor de "20 mil léguas submarinas" não só foi um dramaturgo como, também, tinha poderes ocultos. Diz que Verne conheceu paragens esotéricas do Amazonas graças aos seus poderes de vidente, realizou perigosas incursões por extensas zonas selvagens do Norte da Argentina e do resto do continente americano... sem correr riscos.

MÁQUINA DO TEMPO

O Museu do Ar e do Espaço de Washington pretende construir uma réplica de um pterodáctilo, pássaro voador que existiu há cerca de 64 milhões de anos. A idéia é colocar a réplica num filme voando naturalmente. A construção será confiada a uma companhia da Califórnia, dirigida por Paul Maccready, engenheiro aeronáutico criador de um avião a pedal, o "Gossamer Albatroz", que já atravessou o Canal da Mancha. Segundo as primeiras estimativas, a réplica do pterodáctilo custará cerca de 200 mil dólares devido às dificuldades de realização, já que o bicho, um réptil voador, tinha asas, mas não possuía rabo, o que implica um problema de estabilidade.

O FUTURO ESTÁ AÍ

No próximo ano, em Grenoble, as tecnologias do futuro, que modelarão grande parte da sociedade pós-industrial do século XXI, começarão a ser pesquisadas no Instituto da Máquina Inteligente. O objetivo do instituto, que inclui laboratórios de informática fundamental, concepção de circuitos integrados, tratamento de imagens e reconhecimento de fala, consiste em pesquisar e desenvolver as tecnologias que nos próximos anos modificarão profundamente as nossas atuais estruturas industriais. Mas, especificamente, os cientistas franceses desejam concentrar seus estudos nas aplicações da inteligência artificial, que já surge como o verdadeiro futuro da informática, e que de acordo com as previsões desencadeará uma verdadeira revolução econômica e social, capaz de fazer cálculos, comparações e seleções. Os especialistas estão convencidos de que, técnica e economicamente, já é viável um robô dotado de inteligência e de destreza para intervir de maneira autônoma em diversos processos produtivos. No ano 2000, eles deverão ser capazes de reconhecer formas, cores e se deslocarão sozinhos.

PRÊMIO ÚNICO

A divisão de caminhões da Volkswagen do Brasil foi premiada pela Organização Mundial da Volkswagen, na Alemanha, em função da qualidade apresentada por seus produtos fabricados no Brasil. O prêmio foi entregue pelo presidente mundial da Volkswagen ao vice-presidente da fábrica brasileira, Donald Dancey. Curiosamente, pelas informações da fábrica, essa foi a primeira vez em toda a história desta organização mundial que uma fábrica de caminhões ganha um prêmio deste tipo.

PREÇO DA MONARQUIA

Fã da escola particular e do sistema de notas para o ensino, o rei Carlos Gustavo, da Suécia, que esteve há pouco entre nós, provocou em Estocolmo uma intensa polêmica sobre educação, aproveitando a ocasião da matrícula de sua filha, a princesa Victoria, de 6 anos, no primeiro grau. O rei e a rainha Sylvia manifestaram suas opiniões favoráveis ao aumento de escolas particulares na Suécia, ao reforço da instrução religiosa e de matérias humanistas, principalmente da reintrodução de sistema de notas nos primeiros sete anos. Imediatamente o Partido Social Democrático berrou, acusando o rei de favorecer a burguesia.

A vitória conseguida pelos dois monarcas foi pequena: matricularam a princesa em escola particular próxima ao Palácio, mas não conseguiram livrá-la de continuar sendo chamada de princesa.

JOGO DE CARTAS

Os que assistiram à estréia do programa político de Mino Carta, na TV Record, foram unânimes em afirmar que este será em breve um espaço onde será possível colocar-se todas as cartas na mesa! Na organização, Alberto Helena, Paulinho Machado de Carvalho e Fernando Faro, com cenografia de Ciro Del Nero. Para a estréia nada melhor que a cabeça pensante de Ulisses Guimarães que respondeu com bom humor e clareza cristalina todas as perguntas de Juca de Oliveira, Fafá de Belém, Osmar Santos, Regina Duarte e Dionísio de Azevedo. Entre os convidados viam-se o secretário Roberto Gusmão, Dilson Funaro, João Cardoso de Mello, Luiz Gonzaga Belluzzo, Manuela Carta, Alexandre Callas, Paulo Markun, Ênio Mainardi, Luís Celso Piratinga, Roberto Duailibi, Armando Sant'Anna e Celina e Dadado Campello, Mauro Motorin e John Herbert. Para amanhã Mino Carta promete Marco Maciel.

VISTA GROSSA

Os monges da abadia da Ilha de Saint Honorat, defronte à Costa Azul francesa, tiveram sua paz prejudicada por belas e seminuas banhistas. Realmente, o diabo pensa em tudo: a grande maioria das celas da abadia dá para o mar, bem na parte em que as belas mulheres se banhavam ao sol, languidamente estendidas nos deks dos lindos iates. Não se sabe qual foi o monge que disse "basta", mas o certo é que alguém da abadia interveio junto aos munícipes de Cannes para que tivesse fim esse festival de beleza perturbador... para os monges. Assim, sem maiores contemplações, as autoridades municipais proibiram que iates ancorem nas imediações do convento.

★ ★ Anote ★ ★

O Arte Club, dirigido por Regina Botelho de Abreu Sampaio, apresenta este mês os óleos de Iglesias.

Amanhã, Marlene Porto Wentzler estará na Galeria São Paulo, de Regina Boni, autografando "Os brasileiros — uma tragicomédia".

Sérgio Duarte está com suas fotos no Museu da Imagem e do Som.

Regina e Leopoldo Collor de Mello receberam poucos amigos de Chiquinho Scarpa para festejar, antecipadamente, seu aniversário que na realidade será dia 13 com comemoração no Regine's, de Paris. Estavam Tereza Meirelles, Cristina Neves da Rocha, Fátima Ribeiro, Cecília e Paulo Bastos, Geraldo Abondanza, Artemiza e Ricardo Scalamandré, Kiki e João Paulo Arruda, Aparício Basílio da Silva e Lúcia e Roberto Moura.

A dupla Duran & Duran, entenda-se Beth e o fotógrafo J.R. Duran, viajou para Europa com dois objetivos: repetir, em Barcelona, o sucesso conseguido aqui com a exposição de fotografias e, depois, descansar... descansar!

Dia 12 será o lançamento do novo disco dedicado à obra do pianista Luiz Levy, falecido há 50 anos. O LP foi gravado por Cláudio de Brito, e auxiliado na pesquisa pelo musicólogo Arnaldo Senise.

No dia 2 de outubro, 50 empresários vão passar para o lado de dentro do balcão e disputar o acirrado e etílico 1.° Torneio Carlton de Cocktails-Play Boy Cup.

Dia 13 de setembro o marchand Paulo Prado estará exibindo trabalhos a óleo de Tito de Alencastro.

Luiz Villares convida para comemorar, amanhã, a estréia do programa Todas As Mulheres, na Rádio Cultura AM, apresentado pelas jornalistas Yara Peres e Raquel Santilli.

O presidente da Sociedade Brasileira de Andrologia, Roger Addelmassih, estará participando do XI Congresso de Reprodução Humana, de amanhã a 14 de setembro, no Palácio das Convenções. O tema oficial é Mulher aos 35 anos.

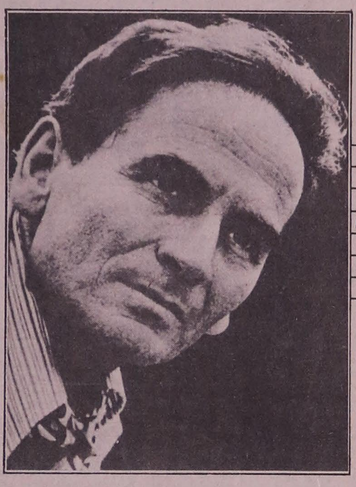
Ricardo Paes Barreto recebeu para jantar todo o clã: Marcelo, Dina, Eduardo, Celina, mais Maui e Lauro Pereira de Almeida, Armando e Ana Rosa Zerbinatte.

Toda Moda

Lançamento

Maxim's: os produtos classe "A" de Pierre Cardin.

No Brasil, o nome já identifica um dos mais requintados restaurantes. Mas, a partir deste mês, a marca Maxim's estará relacionada a uma ampla linha de produtos, que inclui desde alimentos a objetos para decoração. A proposta é diferenciar a coleção por um alto padrão de qualidade, desenvolvido por licenciados brasileiros e assinado pelo empresário-estilista Pierre Cardin.



Pierre Cardin

No rótulo, o logotipo nos tons vinho e dourado que caracteriza o nome Maxim's. No "verso", o know-how internacionalmente conhecido do empresário e estilista francês Pierre Cardin. Com este duplo aval, foram lançados, semana passada, os primeiros produtos da ampla linha Maxim's. Produzida segundo um minucioso controle de qualidade, com matérias-primas de alto padrão, a série, segundo os responsáveis pelo lançamento, destina-se a um grupo seleto de consumidores, que busca qualidade naquilo que compra.

A linha, apresentada no próprio restaurante carioca Maxim's, traz, atualmente, cerca de cem produtos. A série de comestíveis inclui fundos de alcachofra, aspargos, alcaparra, azeite de oliva, molho de pimenta, ervilhas, vinagre de vinho, mango chatney, poivre vert, cebolinha em conserva, katchup, azeitonas, mostarda do tipo Dijon, palmito, milho verde, compota, geléias, cereja e abacaxi em calda, além de sucos naturais. A linha é complementada por artigos para decoração (abajures e peças de cristal), para escritório, acessórios de couro (pastas, bolsas, malas, cintos, agendas), baralhos, charutos, além de jogos de porcelana, cama e banho e bebidas (vodka, vinhos branco e tinto).

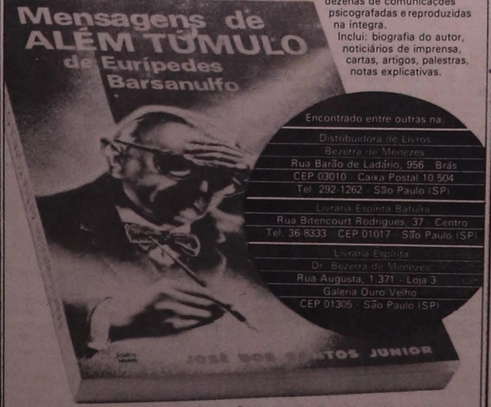
Segundo André Chamouton, diretor da Difusão Pierre Cardin no Brasil, os produtos estarão a venda em delicatessens e em lojas finas. O executivo ressalta que a marca Maxim's representa "o que de mais fino Pierre Cardin pôde oferecer ao consumidor". No Exterior, ela já está presente em seis pontos: França, Japão, México, Bélgica, Cingapura e Pequim, representada por cerca de 900 artigos. No Brasil, é desenvolvida por dezessete empresas licenciadas, até o momento. Em breve, conforme afirma Chamouton, serão lançados arroz, açúcar, leite longa vida, carnes congeladas, além de cosméticos (maquilagens e cremes de beleza). No inverno/85, a griffe Maxim's deverá trazer roupas masculinas e femininas.

Para anunciar, consulte sua agência ou ligue para 258-5011

PRONTA ENTREGA
Sandálias/Cintos femininos. Couro, borracha etc. Preços de fábrica. Fone 578-7855. Av. E. Armando A. Pereira, 463 - Jabaquara.

Um livro autêntico, um guia luminoso nos caminhos do espiritualismo.

"Mensagens de Além Túmulo" reúne dezenas de comunicações psicografadas e reproduzidas na íntegra.
Inclui: biografia do autor, noticiários de imprensa, cartas, artigos, palestras, notas explicativas.



Psicografado por José dos Santos Júnior, em 1943.

21.9.1987

Governo do Rio quer derrubar sede do MIS para construir estação do metrô

Da Sucursal do Rio

"O MIS está por um triz" não é apenas um slogan de campanha para recuperação do Museu da Imagem e do Som. O prédio, de 1922, em estilo italiano, feito especialmente para a comemoração do Centenário da Independência, e o acervo estão ameaçados pela construção de um terminal rodoviário em frente a ele, no centro do Rio, e pelos planos do governo estadual de fazer a estação do metrô da praça 15 exatamente onde o museu está hoje.

O terminal de ônibus deve ser inaugurado até o final do ano e quando vier a funcionar terá um movimento de trezentos ônibus por hora o que, segundo a diretora do MIS, Maria Eugênia Stein, 45, causará trepidações suficientes para estragar a parte do acervo composta por negativos fotográficos do início do século (em vidro) e discos em 78 rotações por minuto, que podem rachar.

Além destes problemas há o da estrutura do prédio. Segundo Maria Eugênia, com a trepidação, os alicerces do prédio, construído de maneira provisória só para abrigar a feira do Centenário da Independência em 22, serão abalados.

Segundo Maria Eugênia, apenas com as obras do terminal rodoviário o museu já tem problemas. A poeira está prejudicando o acervo, o que se agravará quando os ônibus começarem a circular, expelindo gás carbônico, que prejudicará o material de papel, como partituras, recortes de jornais e coleções de revistas.

Além dos problemas imediatos, Maria Eugênia disse ter recebido a visita do arquiteto Jaime Zetel, do metrô, que lhe disse, que apenas no subsolo de onde hoje está o museu será possível fazer o pátio de manobras dos trens, quando for feita a estação da praça 15. Por isso, Maria Eugênia entrou na sexta-feira no Conselho Regional do Patrimônio com o pedido de tombamento e restauração do museu, o que impediria a construção do metrô. Ela está analisando diversos prédios do governo estadual para tentar transferir o acervo do museu, o que pode ser feito em vinte dias.

Paulo Whitaker

O prédio do Museu da Imagem e do Som, no centro do Rio, construído em estilo italiano, pode ser derrubado

Diretora pretende copiar todo o acervo

Maria Eugênia Stein diz que "para o que sofreu" o acervo de seiscentas mil peças (principalmente da primeira metade do século 20), ele está em boas condições, mas é vítima de um rápido processo de deterioração, não só pelas instalações do museu, mas também por não haver cópias do material. Assim, tudo é pesquisado no original, o que é um risco muito grande. Por isso, a diretoria do museu diz que o primeiro passo é copiar todo o acervo.

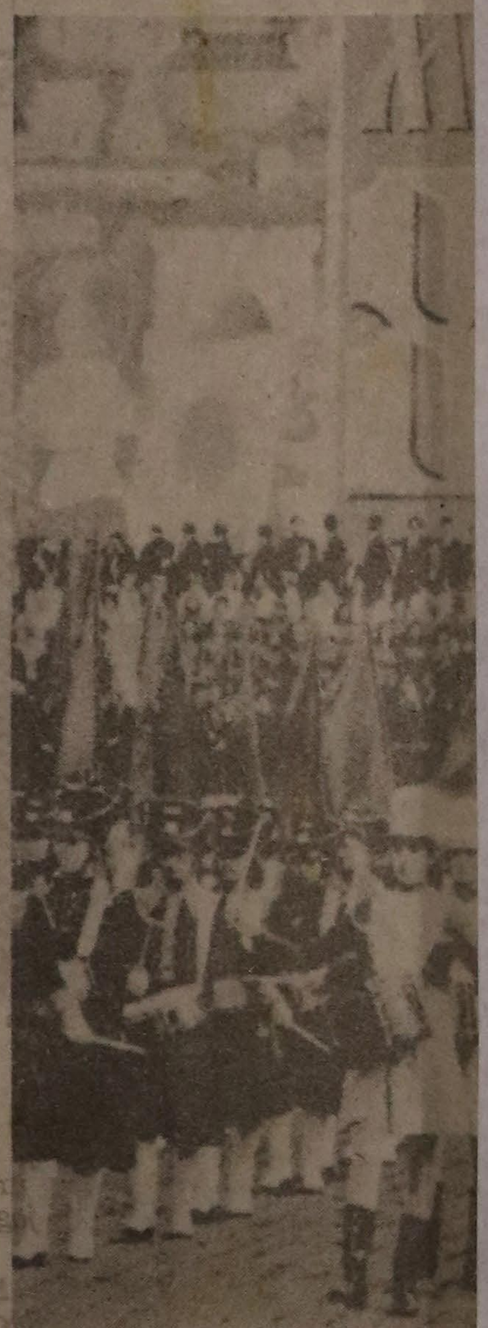
Para Maria Eugênia, os arquivos da rádio Nacional, entre os anos de 1940 e 1950, que exercia à época no Rio um papel parecido com o da TV Globo hoje em dia, está em boas condições, com tudo documentado, o que o coloca pronto para a utilização do público (proibida desde que ela assumiu a direção, há seis meses).

As partituras dos programas musicais e das trilhas sonoras dos programas e rádio-novela da rádio Nacional estão em processo de catalogação. Segundo ela, foram catalogados apenas 10% das trezentas mil partituras. Quando terminar este trabalho, todas serão microfilmadas para o uso do público. O mesmo acontece com os acervos dos compositores Jacó do Bandolim (1918-1969) e Henrique Fóres Domingues, o "Almirante" (1908-1980), que foram doados pelos músicos. Estão em boas condições, mas "sofrem constante processo de deterioração" por causa do uso, tendo que ser duplicados.

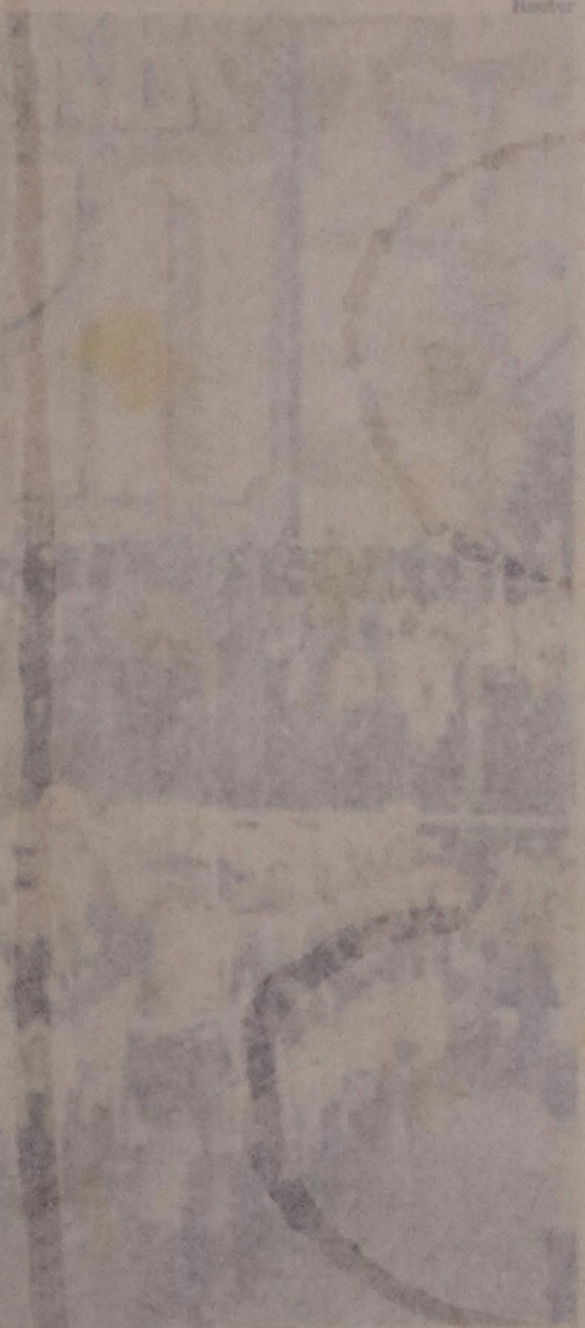
A parte inconográfica do museu —negativos e positivos de fotos tiradas entre 1902 e 1940— estão em estado "bastante precário", sendo necessário, segundo ela, Cz$ 8 milhões para envelopar e copiar os negativos. As fitas com depoimentos gravados de personalidades da cidade precisam de Cz$ 5 milhões para ficarem em boas condições. Maria Eugênia diz que depois de tudo catalogado e em ordem, o atual prédio do MIS não será suficiente para que todo o acervo esteja em condições de ser pesquisado. Ela tem um plano de construir um prédio próximo ao atual. Sobre o custo da obra, Maria Eugênia diz que é de "um e meio Ciep" (escolas construídas pelo ex-governador Leonel Brizola), ou seja, cerca de US$ 1,5 milhão (cerca de Cz$ 75 milhões).

Mortes

Gorbatchev adoeceu durante suas fé



Jovens desfilam durante o aniv



Reuter

de Moscou: Gorbatchev não compareceu

Da Redação da Folha

O dirigente soviético Mikhail Gorbatchev, 58, esteve "gravemente enfermo" durante seu período de férias. A informação sairá na edição de hoje do jornal sensacionalista alemão-ocidental "Bild", que não cita suas fontes. Segundo o "Bild", Gorbatchev sofreu uma intoxicação e teve que ser internado em um hospital da Crimeia (sudeste da URSS). Ainda de acordo com o jornal, as autoridades soviéticas estão investigando se se tratou de um atentado ou da ingestão de alimentos estragados.

Segundo o "Bild", retornou na sexta-feira trem e não de avião, costume. "O trem só é transportar membros d dombos, por que é mais assistência é melhor", jornal.

Gorbatchev não apare co desde 7 de agosto, qu um breve período de fér tem, não compareceu ao 80º aniversário de Mo apesar de não prevista pe lo, sua presença era aguard

Casa Branca prevê acor

Dos Agências Internacionais

Parlamentares e funcionários da administração norte-americana previram ontem a possibilidade de os EUA e a URSS chegarem, no próximo ano, a um acordo de limitação das armas nucleares estratégicas (mais de 5 mil km de alcance), dois dias depois de as superpotências terem anunciado um "acordo em princípio" para a eliminação de mísseis de curto e médio alcance (de 500 a 5 mil km). Mas este otimismo não é compartilhado pela autoridades soviéticas, que insistem na interrupção do programa norte-americano de "guerra nas estrelas" (escudo espacial antimísseis) como passo preli nar ao desenvolvimento d ciações sobre as armas estraté

"Eu acredito que haja uma de 50% para um acordo sob armas estratégicas", afirmou nador democrata Sam Nunn, dente do Comitê das Forças Arm do Senado em um programa d norte-americana, opinião que compartilhada pelo assessor de gurança Nacional, Frank Carlu "Estamos dispostos a intensificar negociações", afirmou Carluc "mas ainda há muito trabalho pe frente".

Também pela TV, o secretário d Estado George Shultz afirmou que o EUA e a URSS "concordam que agora, o próximo passo é reduzir pela

'USA Toda completa cinco anos e passa a ser respeitado

CARLOS EDUARDO LINS DA S

De Washington

O jornal "USA Today" com cinco anos na semana passad grande estilo. Pela primeira v sua história, pode falar em l Parece também que finalmen meça a ganhar respeitabilidad circuitos intelectuais. Pelo agora, parece que ele deixa ignorado.

Na semana de seu quinto ani rio, as revistas "Newsweek" e quire" publicaram artigos e re gens sobre o até então despr jornal diário. No dia das come ções, o concorrente "The Wash Post" deu três textos sobre o sário, todos muito simpáticos, u quais com um gráfico que mos aumento da circulação do " Today": de 362.879 cópias em 1 para 1.544.547 este ano, em médi

O "Post" também deu os

US$ 125 milhões num ano a um lucro projetado de US$ 6 milhões para o ano que vem.

Além disso tudo, o jornal que era acusado de ser tão rápido e pouco substancioso como um sanduíche McDonald, virou objeto de estudo e faz a promoção de um livro chamado "The Making of McPaper" (A Confecção de um McJornal). Como é típico na estratégia de marketing da Gannett, empresa que publica o "USA Today", também aqui eles se valem das críticas que são dirigidas contra ela para capitalizar pontos a seu favor. O livro, do jornalista Peter Prichard, não chega a ser um libelo contra o jornal. Mas não é um elogio.

Busca da atenção

O objetivo é claro. Allen Neurharth, o presidente da Gannett e responsável maior pelo projeto do "USA Today" quer, acima de tudo, que a

comemorações do aniversário tiveram a participação do próprio presidente Ronald Reagan, à frente de uma multidão de personalidades políticas, jornalísticas, empresariais e até intelectuais. Mesmo que tenham ido lá para falar mal do seu projeto, o importante para Neurharth é que eles não podiam deixar de estar lá. O "USA Today" é hoje um fato incontestável.

Os mais exigentes continuam a criticar a superficialidade com que assuntos importantes são tratados pelo "USA Today" e a frivolidade com que as manchetes são decididas. Mas cada vez maior número de pessoas de todas as condições perdem a vergonha de se dizerem atraídas por esse jornalismo de variedades, que reduz tudo, da política à economia, a uma dimensão de espetáculo.

Não é, sem pretensão ser, um jornal para os intelectuais ou para qualquer pessoa que se ocupe com alguma seriedade dos problemas da sociedade. Mas é, sem dúvida, uma publicação perfeita para passar o tempo, entreter, informar com rapidez e bom humor, prestar serviço, até mesmo os que são seus maiores críticos. Pode funcionar, sem problemas, como um segundo jornal para se levar para a família, ou como a leitura preferida de quem vai viajar e não consegue se concentrar devido à tensão do vôo.

Mais do que tudo, [illegible] série do "USA [illegible] consagrar a [illegible] Neurharth, que [illegible] seu projeto mais [illegible] prestígio da Gann [illegible] como um dos hom [illegible] para o gerenciamento da

. O e...
...ova Cachoeirinha.

...ão é muito anti-
...cterizada quanto à
...tilo arquitetônico
...nas que sofreu, e
...cos quanto à segu-
... interditada. E sua
...gastos altíssimos".

Vicente Golfeto
...que, restaurado, o
... biblioteca munici-
...concorda, lembran-
...âmara já deliberou
...138 mil OTNs (hoje,
...hões). Para a inicia-
...viria apenas o terre-
...s quadrados, muito
...que, nas três con-
...s abertas até agora,
...teressados.

...sse dinheiro, a pre-
...construção da nova
...m local que original-
...ia a um parque eco-
...tivou ação judicial,
...mbargo das obras,
...depois revogada. O
...âmara, sem uso ofi-
... está com portas e
...or paredes de con-
...as invasões que vi-

...o dos
...antim

...cil para cada um
... mais fácil quando
..., argumenta.
...ar assistência e
...ssociados, quanto
...como inquilino ou
...s de posse, a asso-
...nto aos órgãos pú-
...nção de terras, on-
...nstrução de casas
...atirão. "A idéia é
...de de cooperativa,
...al de construção a
...síveis", garantiu
...n estão nos planos
...na fábrica de blo-
...go provisório aos
...assessoria para lo-
...s e a mobilização
...mentos populares
...tura e sejam lega-
...lez, para evitar o
...mente, quando os
...otes ficam anos

...STO GOMES BIDARRA — F...
Capital, aos 76 anos, o sr. Augusto Gomes Bida-
ra, viúvo de d. Idalina Assunção Gomes Bidarra.
O enterro realizou-se no cemitério do Araçá.

MANOEL JESUS MATTOS — Faleceu nesta Capital, aos 75 anos, o sr. Manoel Jesus Mattos, viúvo de d. Maria Onofra de Mattos. Deixa as filhas Maria de Lourdes e Maria Lúcia. O enterro realizou-se no cemitério de Vila Formosa.

HARUNO TANI — Faleceu nesta Capital, aos 71 anos, o sr. Haruno Tani, viúvo de d. Kenichi Tani. Deixa filhos. O enterro realizou-se no cemitério do Carmo.

ROMEU MEIRELLES SANTOS — Faleceu anteontem, nesta Capital, aos 66 anos, o sr. Romeu Meirelles Santos, casado com d. Anita de Paula Meirelles Santos. Deixa os filhos José Roberto, Luiz Antonio, João Augusto, Neuza, Lourival e Benedito, além de genro, noras e netos. O corpo foi trasladado para a cidade de Guaratinguetá, onde se realizou o enterro.

JOSE ADAME — Faleceu nesta Capital, aos 66 anos, o sr. José Adame, casado com d. Antonia Galucci Adame. Deixa filhos Doraci, José e Antonia. O corpo foi trasladado para Piracicaba.

DR. LUIZ GUILHERME WERTHEIMER — Faleceu anteontem, nesta Capital, aos 59 anos, o dr. Luiz Guilherme Wertheimer, filho do dr. Deodato Wertheimer e d. Maria Amalia Wertheimer, era casado com d. Myrian Carneiro Ferrari Wertheimer. Deixa a filha Monica Ferrari Wertheimer, solteira. Eram seus irmãos d. Maria Antonieta Wertheimer Garcez, casada com o desembargador Marcos Nogueira Garcez, e comdte. Luiz Gabriel Wertheimer, casado com d. Vera Wertheimer. Foram seus irmãos dr. Luiz Gustavo Wertheimer, Maria Aparecida Wertheimer, Luiz Gilberto Wertheimer e Maria Granadeiro Wertheimer, todos falecidos. Deixa também sobrinhos. O enterro realizou-se no cemitério do Morumbi.

SANTINE COLOMBO — Faleceu nesta Capital, aos 55 anos, o sr. Santine Colombo, casado com Alzira Morgado Colombo. Deixa filhos. O corpo foi trasladado para São Bernardo do Campo.

MISSAS

D. RITA BRAGA CAVALCANTE — Amanhã, às 20 horas, na Missão Católica Chinesa no Brasil, na rua Santa Justina, 290, Vila Olimpia, São Paulo (7º dia).

D. ODETTE DE CARVALHO CÉSAR — Hoje, às 19h30, na Capela do Colégio Nossa Senhora Aparecida, na alameda Jauaperi, 416, Moema (7º dia).

D. ADÉLIA BFAVERI MONTAGNA — Amanhã, às 19h30, na igreja de Santa Tereza, na rua Clodomiro Amazonas, Itaim Bibi (7º dia).

CARLOS ALTIERI — Hoje, às 19h30, na igreja do Imaculado Coração de Maria, na rua Jaguaribe (7º dia).

MÁRIO STRANBI — Hoje, às 19 horas, na igreja São Judas, na rua Domingos Fernandes (30º dia).

DR. NELSON DE OLIVEIRA MEDEIROS — Dia 6, às 18 horas, na igreja do Divino Espírito Santo, na rua Frei Caneca.

GONÇALO FELICIANO DE QUEIROZ ALVES — Hoje, às 11 horas, na igreja de São José, na rua Dinamarca (7º dia).

JOSÉ FERDINANDO COSTELLA — Hoje, às 20h30, na igreja de Nossa Senhora de Fátima, Sumaré (7º dia).

Veja

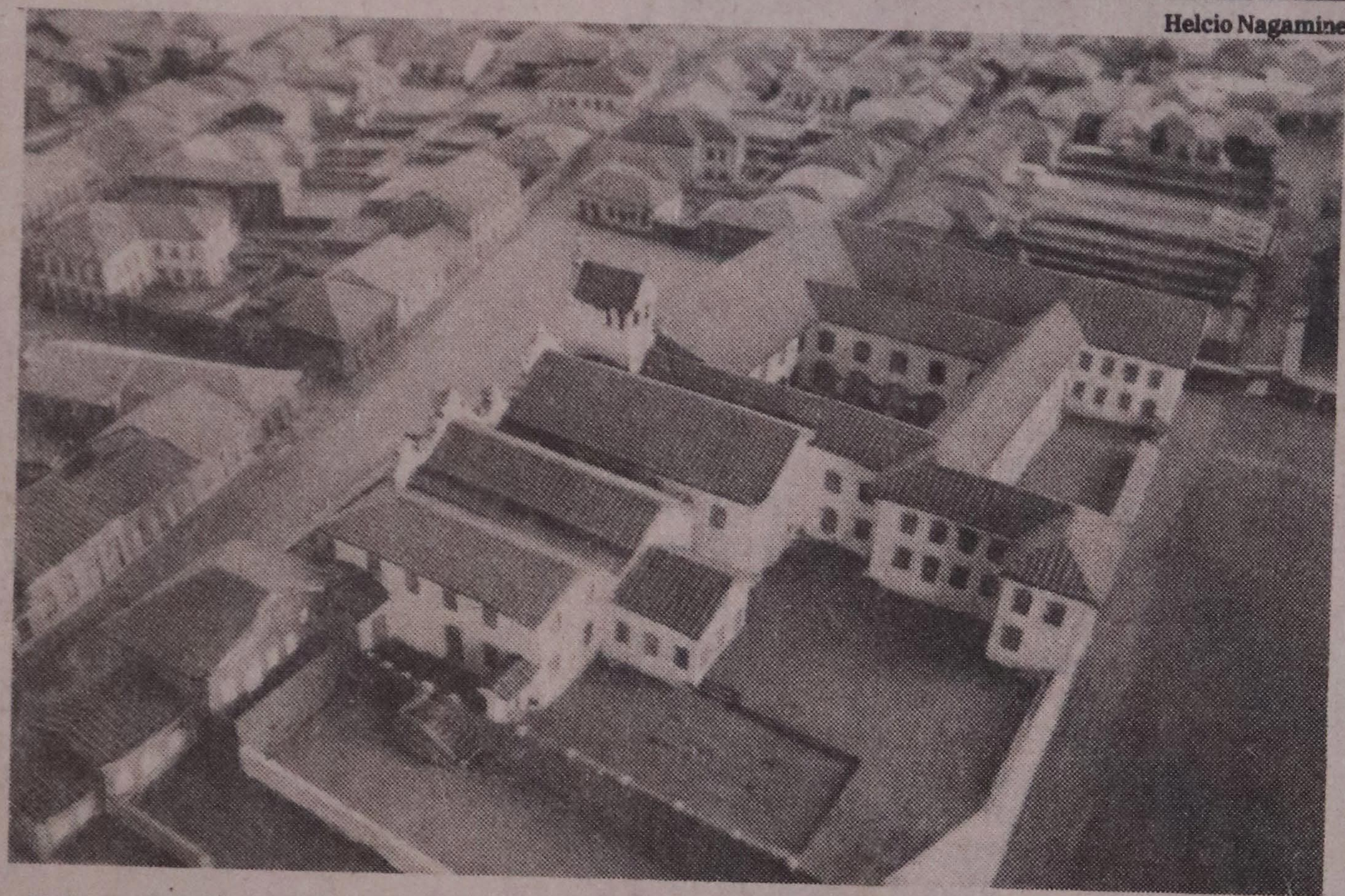
O Estado
1987

Descendentes
Wertheimer

FSP - 11.5.1988

Memória

Helcio Nagamine



MAQUETE DE SP FEITA NA DÉCADA DE 20

Sob orientação de Afonso de Taunay, diretor do Museu Paulista, o escultor Henrique Bakkenist executou, entre 1920 e 1922, uma maquete em gesso, representando a cidade de São Paulo em 1841. Baseando-se na planta cadastral do município, a maquete, que pertence hoje ao acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, vai ser restaurada, adquirindo cores que eram utilizadas nas casas paulistanas da época.

Trânsito

onse-
ecor-
ional
ido o
que

iram
redo-
s tin-
quem,
3 mil,
6 mil.
º 288,
o fato
nside-
dos

u por

vários
horas e
estende
contanc
Champ
champa
da Gra
da regi
Chan
cotaçõe
fas de
quatro
máxim
de Cuv
pelo m
como
lances
dos qua

as

ro

is"

Re
le
de

O ESTADO DE S. PAULO

SEXTA-FEIRA, 10 DE JUNHO DE 1988

Orquestra Sinfônica de Campinas

Amanhã e domingo, a partir das 20 horas, no Centro de Convivência, em Campinas, haverá programação musical da Orquestra Sinfônica Municipal daquela cidade, conduzida pelo seu regente titular, maestro Benito Juarez.

Segundo os organizadores, "chama atenção o ecletismo e riqueza do repertório nos estilos barroco, romântico e moderno, ou seja: Prelúdio e Fuga do 2º Volume do Cravo Bem Temperado, de Sebastian Bach; Sinfonia, de Alexandre Levy; e Petruchka, de Igor Stravinsky. Ressalta, acima de tudo, ser a primeira audição nacional da Sinfonia de Alexandre Levy, compositor paulista que viveu no século 19 e morreu com apenas 27 anos de idade, tendo sua peça premiada por Exposição Internacional em Chicago. A partitura foi recuperada em projeto sob coordenação do musicólogo Arnaldo José Senise e participação da presidenta da Sociedade Brasileira de Musicologia, profª Cleofe Person de Mattos, com patrocínio do INM-Funarte e Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo".

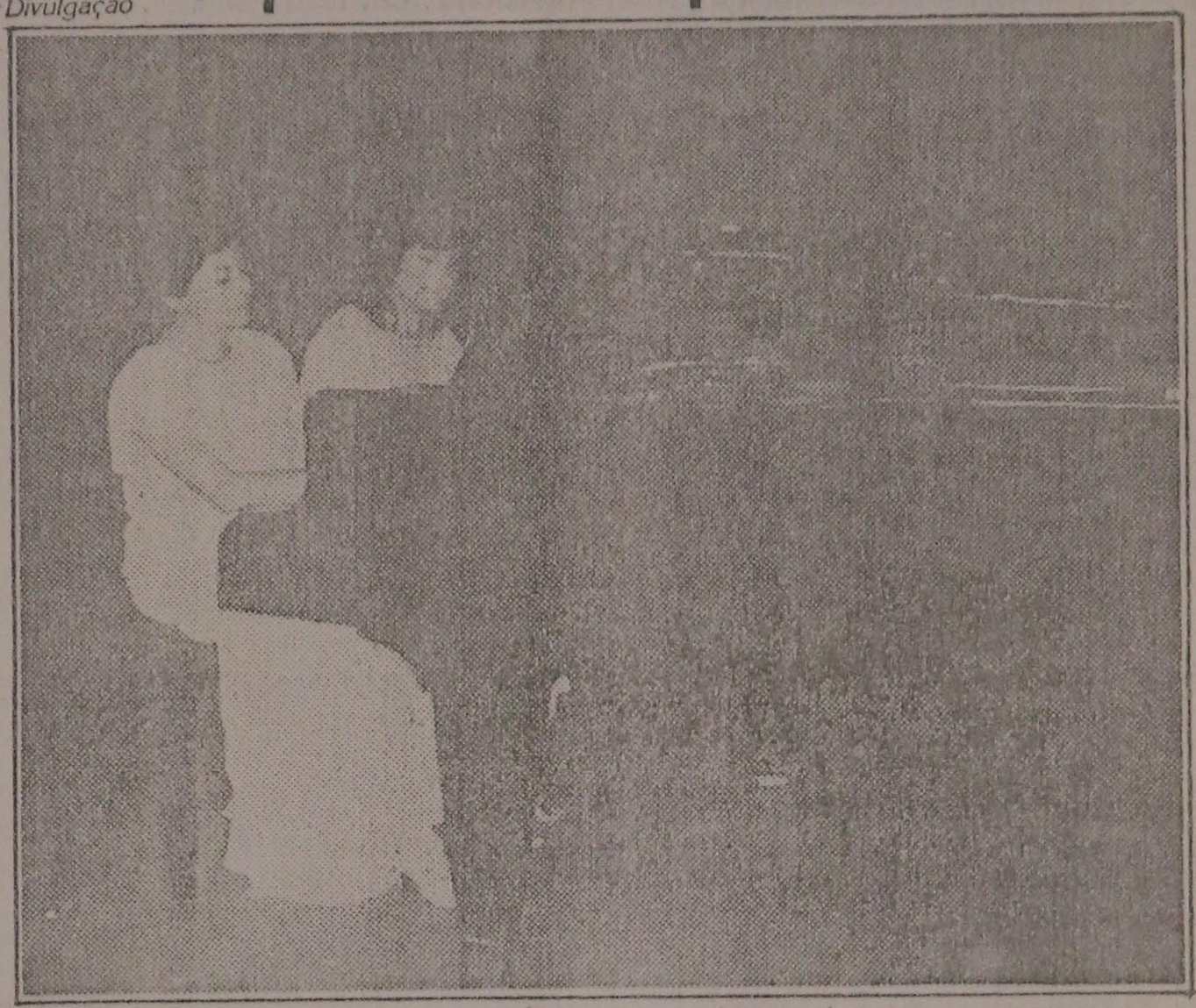
A TRIBUNA

Propriedade de "A Tribuna" de Santos - Jornal e Editora Ltda.

— Santos, sexta-feira, 27 de maio de 1988 —

Clélia e Sylvia tocam piano a quatro mãos, pelo Expansão

Divulgação



As pianistas dão um concerto a quatro mãos nos 40 anos do Expansão

Um concerto de piano a quatro mãos, a cargo de Clélia Ognibene e Sylvia Maltese Moysés, é realizado hoje, às 20h30, no Centro Cultural Brasil-Estados Unidos, dentro da programação comemorativa dos 40 anos de fundação do Centro de Expansão Cultural. No programa estão peças de Henrique Alves de Mesquita, Visconde de Taunay, Arthur Napoleão e Alexandre Levy.

Clélia Ognibene fez seus estudos de piano com os professores Vitório Mariani, José Kliass e Sebastian Benda. Na Academia Santa Cecília, em Roma, recebeu aulas de piano de Dante Alderighi e de cravo de Ferruccio Viganarello. Foi pianista e cravista da antiga Orquestra de Câmara de São Paulo, da Orquestra de Câmara da Rádio Ministério da Educação e Cultural do Rio de Janeiro, da Orquestra de Câmara da Academia Napolitana de Concertos (Itália) e, atualmente, é pianista e cravista da Orquestra Sinfônica da Universidade de São Paulo, além de exercer grande atividade como acompanhadora.

Sylvia Maltese Moysés estuda piano desde os cinco anos, tendo, desde muito cedo, se apresentado como recitalista e solista de orquestra. Teve como professores: Ida Maltese, sua mãe; Dinorah de Carvalho, José Kliass, Cláudio de Brito e Ana Stella Schic. Graduou-se em piano e participou de inúmeros cursos e festivais de música. A partir de 78, além de sua atividade como recitalista, passou a integrar o Duo Pianístico de São Paulo, conjunto que teve como principal objetivo a pesquisa e a apresentação do repertório pianístico brasileiro a quatro mãos. Em 87, apresentou o resultado de suas pesquisas do repertório pianístico brasileiro a quatro mãos e dois pianos, durante a realização do I Congresso Brasileiro de Musicologia.

O repertório apresentado pelas duas artistas segue o seguinte programa: *Batuque*, de Henrique Alves de Mesquita (1830 — 1906); *La Ronde des Peurex*, em primeira audição, e *Bonheur de Vivre*, de Visconde de Taunay (1843 — 1899); *Thème Avec Variations* e *Teus Lindos Olhos*, de Arthur Napoleão (1843 — 1925). Além disso, realizam primeira apresentação da obra integral para piano a quatro mãos de Alexandre Levy, que inclui *Andante Romantique, Tarantelle, En Mer (Poème Musical), Scherzo — Valse* e *Samba, da Suite Brésilienne)*. Essas obras de Levy pertencem à pesquisa que o musicólogo Arnaldo José Senise está realizando com o objetivo de levantar toda o trabalho musical do autor. O programa tem entrada aberta a todos os interessados e conta com apoio cultural da Clock.

JORNAL DA MÚSICA

SÃO PAULO — BRASIL
ANO 8 — N. 45 — 1985

Redação: RUA DOMINGOS DE MORAIS, 254
3.º andar — ☎ 549-7388 — Caixa Postal 380

Os Hinos do Brasil

O Hino da Independência, segundo todas as aparências, não é outro senão o «Hino Constitucional», com letra e música de Dom Pedro I, e executado pela primeira vez em 24 de agosto de 1821. A letra de Evaristo da Veiga data de 16 de agosto de 1822 e foi, presumivelmente, encaixada após a proclamação da Indenpência (7 de setembro de 1822). Muitos livros registram que Dom Pedro I compôs o hino no próprio dia 7 de setembro, o que é pura lenda. Naquele dia, o príncipe chegou a São Paulo, após uma cansativa viagem, subindo a Serra do Mar, vindo de Santos. Dadas as circunstâncias, seria impossível compor o hino em poucas horas para ser ensaiado e cantado à noite na Casa da Ópera, situada no atual Pátio do Colégio, no lugar onde se acha o Tribunal de Alçada.

O Hino Nacional, cuja melodia é de Francisco Manuel da Silva (1795-1865), foi escrito por ocasião da abdicação do imperador Pedro I (6-7 de abril de 1831). Waldemar de Almeida aponta o ano de 1821, quando já se falava na possibilidade de ser proclamada a Independência do Brasil. A primeira letra era de Ovídio Saraiva de Carvalho; há divergência sobre a data da primeira execução. Ayres de Andrade, no seu livro «Francisco Manuel da Silva e seu tempo» registra a data de 14 de abril de 1831.

O texto atual é de Osório Duque Estrada e data de 1909. O hino foi oficializado na véspera do Centenário da Independência (6 de setembro de 1922).

Para banda, o hino é tocado no tom original — Si bemol, com orquestração de Assis Republicano. Para canto usa-se a partitura transportada para a tonalidade de Fá maior, arranjada por Alberto Nepomuceno. O andamento deve ser de 120 semínimas por minuto.

ÍNDICE

	Pág.
Palavra do leitor	2
Livros	4
Compra, venda e troca	6
Lançamentos	7
Conservatórios	8
Concursos	9
Entrevista	12
Publicações recebidas	12

Sobre o Hino Nacional já foram escritos diversos trabalhos, analisando aspectos históricos, didáticos etc. Citamos «Hino Nacional» (Ensaio Histórico e Estético) de Baptista Siqueira, «Como ensinar o Hino Nacional Brasileiro» de José Teixeira D'Assumpção e «Hino Nacional Brasileiro», Estudo Histórico-Cívico-Pedagógico-Musical e Poético, de Waldemar de Almeida, publicado em 1972, comemorando o sesquicentenário da Independência do Brasil. Nele, o autor, compositor, professor e escritor, revela alguns detalhes pouco conhecidos, baseados em profundas pesquisas. Assim, parece que o primeiro Hino Nacional a ser executado no Brasil, ou talvez em toda a América do Sul, é o holandês, provavelmente em Salvador no ano de 1624, quando os neerlandeses desembarcaram em Pau Amarelo e apossaram-se de Olinda ou em 1637, quando Maurício de Nassau assumiu o governo do Brasil Holandês. Acontece que os portugueses trouxeram apenas músicas e hinos de caráter sacro. A partir da instalação da Corte de Dom João VI, nas cerimônias executava-se o Hino Nacional Patriótico Realista Lusitano, de Marcos Portugal, compositor renomado, que veio ao Brasil juntamente com a Corte em 1808.

A respeito do hino de Francisco Manuel da Silva escreve Waldemar de Almeida: «Sozinha devia a Marcha Triunfal soar por toda esta imensa terra brasileira e jamais com aquele «deitado eternamente», que nunca passou pelo pensamento do compositor».

Ficamos sabendo que, após a Proclamação da República, durante dois meses, quase como Hino Nacional brasileiro executava-se a Marselhesa.

Carlos Gomes, já triunfante na Europa, sem ser consultado, recebeu do governo provisório um cheque de 20 contos de réis-ouro, com o pedido oficial de escrever o Hino da República. O mestre campineiro devolveu o cheque, demonstrando assim a sua eterna gratidão a Dom Pedro II, pois sem a bolsa de estudos concedida pelo imperador, nunca teria podido ir à Itália para aperfeiçoar os seus estudos e logo depois triunfar como compositor.

No capítulo «O Martírio de uma Melodia», Waldemar de Almeida escreve: «É incontável o número de poesias com que vestiram a marcha de F. M. da Silva. E o que era pior ainda, os pseudo-poetas, como péssimos metrificadores, não respeitavam o original melódico». Apareceram até versos em francês. Almeida afirma que a composição data de 1821, tempo em que muito se falava na possibilidade de ser proclamada a Independência. «Ajustar letra em música requer bom conhecimento das artes. Não basta ser poeta para saber colocar poesia em solfa, assim como não basta ser compositor para musicar um soneto ou um poema». Assim Almeida inicia o capítulo «A luta das sílabas com as notas musicais», onde aponta os numerosos erros e vícios que todos os professores de música estão cansados de assinalar.

Interessante a relação de nortistas que se preocuparam com o Hino Nacional. Maranhão: Coelho Neto, propondo em 1906 na Câmara Federal que se desse um poema digno à música. Ceará: Alberto Nepomuceno, pedindo providências ao Ministro da Justiça, para proibir deturpações por parte de bandas de músicas. Rio Grande do Norte: nomeando comissão de professores de música para revisão do hino e projeto para oficializar a letra de Duque Estrada. Alagoas: o marechal Deodoro da Fonseca decreta a oficialização do hino de Francisco Manuel da Silva, superior aos outros, inscritos no concurso.

Em artigo, publicado por Alberto Deodato, consta que existe uma letra do Hino Nacional em língua Tupi, de autoria do dr. Faris Michaeli. A mesma foi publicada no jornal «Sul de Minas». o título é NHEENGARIÇAUÁRA RETAMAUÁRA. O início, «Ouviram do Ipiranga às margens plácidas» é o seguinte na respectiva tradução CEMBYUA IPIRANGA ÇUI PITÚUA, OCENDU KIMBÁUA ÇACOMOÇÚ.

Muitas têm sido as críticas sobre o Hino Nacional, devido às dificuldades para uma perfeita entoação por parte do povo em geral. Não há a menor dúvida que uma melodia simples com texto fácil será cantada corretamente pela grande massa. Enquanto a extensão do hino inglês não passa de seis tons, a do brasileiro abrange nove.

O prof. Antonio de Fratantonio, no seu Hinário Pedagógico (Ed. Vitale), aponta 16 erros comuns na execução do hino, sem falar de alterações de palavras. Outro estudioso do assunto é o professor Henrique Perbeche, diretor do Seminário Verbo Divino, em Ponta Grossa. Ele escreve que enquanto o Hino Nacional tem 38 compassos de canto, 16 de prelúdio e 3 de postlúdio, os da Rússia e Estados Unidos têm 32, o da França 28, Polônia, Grécia e China 20, Inglaterra 14 e Japão 11. Ele sugere: 1) Encurtar. Suprimir do canto na 1.ª parte de «Se o penhor... a resplandece» e na 2.ª parte de «Do que a terra... a glória no passado». Seriam 18 compassos a menos em cada parte. O canto ganharia em leveza e o hino, assim cantado, seria um excerto da Marcha Triunfal. 2) Assumir o abrandamento vocal do povo.

O Hino da Proclamação da República foi escolhido num concurso realizado no Teatro Lírico do Rio de Janeiro em 20 de janeiro de 1890. Esse concurso foi determinado pelo novo governo da República com o intuito de criar um novo Hino Nacional. Colocou-se em primeiro lugar o Hino da Proclamação da República de autoria do maestro Leopoldo Miguez (1850-1902) com letra de Medeiros de Albuquerque. Tocado, depois, o velho hino de Francisco Manuel da Silva, o público insistiu que esse continuasse como hino nacional, no que foi imediatamente atendido. Leopoldo Miguez, ao receber o prêmio estipulado — 20 contos de réis — destinou a importância para a aquisição de um órgão que fazia falta no Conservatório Nacional de Música.

O Hino à Bandeira é de autoria do maestro Francisco Braga (1868-1945) com versos de Olavo Bilac. Foi Francisco Pereira Passos, prefeito do Distrito Federal, que determinou ao diretor geral da Instrução Pública que encomendasse um hino em homenagem à bandeira nacional. A primeira apresentação teve lugar por ocasião do início das aulas do Instituto Profissional, hoje «João Alfredo», no antigo Distrito Federal em 9 de novembro de 1906.

Carlos Gomes compôs diversos hinos, destacando-se seu Hino Acadêmico, com letra de Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, dedicado aos acadêmicos da Faculdade de Direito de São Paulo em 1859.

A marcha «Capitão Cassula» é de autoria de F. Fonseca.

Marcelo Tupinambá é autor dos Hinos «O Cruzeiro do Sul» (letra de Silva Barreto) e «O Passo do Soldado», composto por ocasião da Revolução Paulista em 1932, com letra de Guilherme de Almeida.

Em homenagem aos chamados «Pracinhas», Spartaco Rossi compôs a «Canção do Expedicionário», também com letra de Guilherme de Almeida, publicada em 1944 por Irmãos Vitale.

A seguir, em 1945, Souza Lima compôs o Hino do Partido Social Progressista, com letra de Francisco Pati e em homenagem a Adhemar de Barros.

Com letra de Guilherme de Almeida, Luis Ellmerich compôs a marcha «Quatro Séculos», para as comemorações do 4.º centenário de São Paulo.

Por ocasião do cinqüentenário do primeiro vôo de Santos Dumont, em 1956, Ruy Botti Cartolano compôs o Hino a Santos Dumont com letra de Raul Schwinden.

Humberto Vetillo, cego, é autor da marcha patriótica «São Paulo orgulho de todo o brasileiro».

Um mineiro, Joaquim José de Mendanha, que combateu contra os farroupilhas, é autor do Hino Republicano Riograndense, hoje conhecido como Hino Farroupilha.

O Hino de Santa Catarina é de autoria de Brasilício de Souza com letra de Horácio Nunes Pires.

Em 1935, num concurso, surgiu a marchinha carnavalesca «Cidade Maravilhosa» de André Filho (1906-74) com letra de João de Barro e Alberto Ribeiro, desde 1960 Hino Oficial do Rio de Janeiro. Os primeiros cinco compassos do estribilho lembram a ária de Rodolfo na ópera «La Bohème» — Una terribil tosse.

Custódio Góes, professor da Escola Nacional de Música, é o compositor do Hino de Goiás, com letra de Antonio Euzébio de Abreu. Em 1967, o Rotary Club de Goiânia organizou concurso para o Hino da Capital. Foi premiado o hino de João Luciano Curado Fleury, com letra de Anatole Ramos.

Benedito Silva é o compositor do Hino de Alagoas.

O Hino do Estado da Paraíba data de 1905. A música é de Abdon Milanez e a letra de Aurelio Figueiredo. Eduardo Souto compôs o Hino a João Pessoa, com letra de Oswaldo Santiago.

O Hino Estadual brasileiro mais novo é o do Amazonas, encomendado em 1980 ao [illegible] positor Claudio Santoro e letra de [illegible] Os respectivos arranjos são [illegible] Nivaldo Santiago.

Sem dúvida haverá [illegible] o redator aguarda info[illegible] para posterior publica[illegible]

palavra do leitor

Maria José Cunha, de **SÃO LUIS**, agradece o JORNAL DA MÚSICA. Informamos que as publicações solicitadas são enviadas a jornais e entidades públicas.

Maria Antonia Furtado, professora do Conservatório Alberto Nepomuceno, **FORTALEZA**, manifesta sua «admiração pelo trabalho desenvolvido pela equipe do JORNAL DA MÚSICA, pois não é fácil mantê-lo num país como o nosso, onde infelizmente a educação deixou de ser prioridade».

Francisco Williams Santana Barros, de **FORTALEZA**, escreve ao redator que o «maravilhoso JORNAL DA MÚSICA enriquece seus conhecimentos em cada reportagem».

O maestro Celso Xavier Marques, de **SALVADOR**, escreve que «acha importante o trabalho dos responsáveis pelo JORNAL DA MÚSICA». Aguardamos notícias sobre suas atividades.

Antolinda Borges, encarregada do Museu de Arte Sacra de **GOIÁS** solicita a coleção do JORNAL DA MÚSICA. Lamentamos não dispor de números atrasados.

ACRIM — Associação dos Criadores de Música do Estado de **GOIÁS** comunica sua fundação e solicita intercâmbio com congêneres. Correspondência para Valter Mustafé, 10. Avenida n. 519, Vila Nova — 74.000 **GOIÂNIA**.

A prof.ª Laurinda Wendt de Oliveira, de **RIO BRILHANTE** (MS), agradece o JORNAL DA MÚSICA, «tão informado das notícias do mundo musical». Ela comunica a presença na sua cidade da Orquestra Sinfônica de Mato Grosso do Sul e do Coral da Fundação Barbosa Rodrigues. Para o solicitado «Cantinho para crianças» no JORNAL DA MÚSICA informamos a impossibilidade do mesmo por enquanto e recomendamos a respectiva literatura, noticiada em nosso jornal. Para a limpeza de teclado de piano recomenda-se o seguinte: pano seco para marfim; pano úmido com água para plástico. Nunca usar álcool ou produtos químicos.

O maestro Adilvo Mazzini, regente do Coral Santa Cecília, de **DOURADOS** (MS), agradece o JORNAL DA MÚSICA, «fonte de leitura e de pesquisas, notadamente pelos seus artigos muito bem escritos e pelas informações importantes para nós». O Coral completou cinco anos de existência em setembro p.p.

Mário Vieira Viana, de **MARIANA** (MG), agardece o «precioso JORNAL DA MÚSICA pelo enriquecimento da sublime Arte da Música».

O prof. Paulo Antonio Siqueira, de **CONSELHEIRO LAFAIETE** (MG), nos escreve que o JORNAL DA MÚSICA «nos proporciona tudo o que há de melhor no sistema cultural e filosófico da música na atualidade e principalmente na história».

Maria Inês dos Santos Marques, de **UBERABA (MG)**, nos escreve «para continuar nesta obra maravilhosa que vem de encontro aos nossos anseios musicais e artísticos».

Dalisio Vicente de Paula Filho de **UBERABA** (MG), agradece o JORNAL DA MÚSICA, «que vai aumentando cada vez mais a nossa vivência a esta arte maravilhosa».

Leitor de **ELOI MENDES** (MG), assinatura indecifrável, cumprimenta a equipe do JORNAL DA MÚSICA «por ser o elo de comunicação entre os músicos brasileiros».

Irany Nóbrega, presidente da Associação Barrense de Violão, de **BARRA DO PIRAÍ** (RJ), agradece o envio do JORNAL DA MÚSICA, elogiando o artigo «O Violão no Brasil».

Luis Castro, do **RIO DE JANEIRO**, felicita os responsáveis pelo JORNAL DA MÚSICA «pela crescente qualidade». Informamos que as citadas revistas devem ser solicitadas ao consulado da Inglaterra.

Cordelia Tuioco, de **ITAPERUNA** (RJ), agra- [illegible] o JORNAL DA MÚSICA, dizendo que [illegible] ionada ao ler o artigo sobre Car- [illegible] Escreve ainda que «o JORNAL [illegible] de um sonho e vive pela [illegible] a música».

[illegible] **SÃO PAULO**, solicita [illegible] DA MÚSICA» a publi- [illegible] chel e BWV. Assunto

A prof.ª Olga Xavier de Oliveira, de **SÃO PAULO**, compositora dos hinos «Pioneiros de Brasília» e «Hino à Cidade de Ipaussu», elogia os artigos do redator, «expondo com clareza, inteligência e cultura, notícias, críticas, estudos e trabalhos sobre a música e o seu universo». Ela acha o trabalho «Os Hinos do Mundo» extraordinário «pelo seu alcance histórico, sociológico e musical». Concorda, ainda, com Luis Ellmerich a respeito de Chico Bororó, dizendo que «Mignone é uma fonte de criatividade que não envelhece».

Maria Teresa Rodrigues, de **SÃO PAULO**, considera o JORNAL DA MÚSICA «excelente, trazendo alegria e informação cultural na pauta da harmonia».

O violoncelista Martins de Oliveira Pinto, de **SÃO PAULO**, bolsista nos festivais de Curitiba, Campos do Jordão, João Pessoa, Berlim, Londres, Budapest e Munique, com apresentações no Brasil e na Europa, envia «parabéns pelo excelente trabalho do JORNAL DA MÚSICA».

Adalbo Cerqueira Santos, de **SÃO PAULO**, nos escreve: «Queira Deus que a nossa pátria tenha sempre condições política e social, permitindo assim a continuidade desta publicação, divulgadora da nossa cultura e também da cultura exterior».

José Carlos C. Filho, de **SÃO PAULO**, cumprimenta «pelo excelente trabalho que vem atingindo no fundo da alma a quem ama a música...»

Ubirajara Mendes, de **SÃO PAULO**, escreve que apreciou a série sobre os hinos do mundo.

Luiz Roberto Lucarelli, de **SÃO PAULO**, cumprimenta «pelo excelente trabalho de difusão da cultura musical». Com referência a Chopin, seu «compositor predileto», lembramos os artigos publicados por ocasião da visita do redator, a convite do governo da Polônia.

O organista José Luis de Aquino, de **SÃO PAULO**, agradece o JORNAL DA MÚSICA, escrevendo que «seria de grande valia que todos os estudantes e professores dessa área tivessem acesso aos artigos tão bem selecionados pela equipe da redação».

Caetano Marco, componente da Orquestra Universitária de Concertos da Faculdade de Medicina (USP) de **SÃO PAULO**, deseja ao JORNAL DA MÚSICA «uma longa vida».

Peter Wesley, de **SÃO PAULO**, é fã de Elvis e nos escreve que «Elvis partiu para um Vale de Paz e nós ficamos aqui, não para dar «the last farwell», e sim, um breve até logo».

Nivaldo Manzini da Silva, de **SÃO PAULO**, escreve que o JORNAL DA MÚSICA «tem sido de grande proveito». Por falta de espaço não podemos publicar aulas de harmonia, podendo encontrar métodos na Casa Bevilacqua.

A União Brasileira de Imprensa comunica seus cursos por correspondência sobre microfilmagem, imprensa em geral, Mala Direta, Redação, Teatro, Biblioteca etc. Informações na Rua Dr. Renato Pais de Barros, 664 — CEP 04530 — **SÃO PAULO**.

O dr. João Carvalhal Ribas, de **SÃO PAULO**, felicita o redator pela «afirmação do seu idealismo e da sua competência em prol da cultura artística brasileira em momento tão difícil e tão obscuro de nossa terra».

Edmundo B. A. de Mattos, de **SÃO PAULO**, agradece a «pontualidade e gentileza do JORNAL DA MÚSICA».

O jornalista e escritor Walter Waeny, de **SANTOS**, escreve ao redator que «por muitos e muitos anos esse jornal continue sob a brilhante direção, porque ele se constitui numa leitura de alta qualidade cultural».

Ana Paula Rosa Castello Branco, de **SANTOS**, agradece o «útil e interessante JORNAL DA MÚSICA».

Magali Gutierrez, de **BARIRI** (SP), estuda violão e apreciou o artigo «O Violão no Brasil».

Guilherme Bianchin, de **SÃO JOSÉ DO RIO PARDO** (SP), nos escreve que «sentia-se a falta de um jornal que o «forte» fosse a música. O JORNAL DA MÚSICA veio preencher esta lacuna». Oportunamente daremos notícias sobre os artistas mencionados.

Denise Garcia dos Santos, de **BARRETOS** (SP), cumprimenta o redator pelo «valioso trabalho no JORNAL DA MÚSICA».

Geraldo Galvão, de **GUARATINGUETÁ** (SP), escreve que o JORNAL DA MÚSICA «lhe faz bem».

Débora Silva Sodré, de **SÃO BERNARDO DO CAMPO** (SP), cumprimenta «pela dedicação e desempenho revelada pela equipe do JORNAL DA MÚSICA».

A pintora e poetisa Maya Ekman, de **PERUÍBE** (SP), nos enviou seus versos «Peruíbe, Cidade alegre».

Aparecido Donizetti de Souza Alves, de **ITATIBA** (SP), escreve que tem 16 anos de idade e estuda violão com muito entusiasmo. Finaliza sua carta com palavras de seu tio, Carlos Dulci: «É preciso que exista o sonho. Estou falando de música, pois sem sonho não há música».

Adriana Quintino dos Santos, de **GUAÍRA** (SP), estuda piano e cumprimenta o redator. Pedido atendido.

O dr. Dorival Marcel Finardi, presidente da Câmara Municipal de **ARARAS** (SP), nos enviou convite referente à solenidade do 10.º aniversário da Faculdade de Ciências e Letras da cidade.

Neumir Tadeu Bidoia, de **SANTA ADÉLIA** (SP), cumprimenta a equipe do JORNAL DA MÚSICA, «que elabora esse magnífico jornal, tanto pelo excelente nível cultural apresentado, como pela claríssima redação. Informamos que no n. 13, o redator deste jornal publicou artigo sobre Beniamino Gigli, após receber o livro «Primavera del tenore», recebido pelo Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro.

Liliana Machado Fernandes estuda no Conservatório «Carlos Wesley», de **CURITIBA**, e nos escreve: «Acho extremamente importante nos dias de hoje em que nos defrontamos com a violência, incompreensão, revolta, ver pessoas sensíveis valorizando o belo, apreciando a arte, deixando-se envolver pela música, elevando-a e transmitindo-a mundo afora».

Claudia Horita, de **MARINGÁ** (PR), cumprimenta o redator, escrevendo que apreciou artigo sobre Beethoven e solicita mais notícias a respeito do compositor. Aconselhamos o livro da Série «Biografias dos Grandes Músicos» (ver anúncio).

Carlos Gran, de **FLORIANÓPOLIS** (SC), felicita o redator pelos artigos sobre os hinos do mundo.

Ganther Bielschowsky, de **BLUMENAU** (SC), felicita o redator pelo recital, dado no Clube Paulistano «Um Paulistano de 50 anos».

A prof.ª Isolde Frank, de **CANOAS** (PR), regente da Orquestra Infanto-Juvenil da UFRS, referindo-se ao JORNAL DA MÚSICA, escreve que «fica contente em ver que há muitas pessoas que se empenham para um «reflorestamento» na parte da música no Brasil».

Harry Schoeter, de **SANTA MARIA** (RS), está interessado em publicações musicais. Informamos que as mesmas são enviadas diretamente do exterior ou dos respectivos consulados.

Álvaro e Clélia Vaz, de **PASSO FUNDO** (RS), escrevem que apreciam «o trabalho constante do redator».

A Escola de Belas Artes «Heitor de Lemos», do **RIO GRANDE** (RS), cumprimenta a equipe do JORNAL DA MÚSICA pela «preocupação constante de divulgar em alto nível a cultura musical».

Celso Fortes, diretor do Instituto dos Meninos Cantores de **NOVO HAMBURGO** comunica a inauguração de sua sede própria. Para roca det partituras informa o novo endereço: Rua Cacequi, 19 — Bairro Boa Vista — CEP 93300 — **NOVO HAMBURGO** - RS.

Julio Cesar Huertas é professor de piano e órgão do Conservatório Liszt, em **MONTEVIDEO**, e colaborador do jornal «El Dia». Evidentemente publicaremos com satisfação artigos referentes à música no Uruguai.

Auditório Baccarelli

A carreira do maestro Silvio Baccarelli, nos seus 20 anos de atividades, caracteriza-se por uma permanente ascensão. O Coral, fundado por ele, teve seu modesto início na Igreja São José do Ipiranga e é hoje o Côro Oficial da Catedral Metropolitana Ortodoxa Antioquina de São Paulo.

Entre as obras apresentadas em primeira audição constam, entre outras, as seguintes: Requiém de Fauré. Te Deum de Haydn. Missas de Mozart e a Missa Festiva de Furio Franceschini.

Em 1976, Silvio Baccarelli fundou a Orquestra de Concertos deSão Paulo, que juntamente com o Coral apresentou obras de Savino de Benedictis em comemoração do centenário de nascimento do compositor e o Oratório de Natal de Amaral Vieira, dedicado ao Coral Baccarelli. Agora, graças ao dinamismo de Baccarelli. São Paulo conta com um novo local para apresentações artísticas, o Auditório Baccarelli na Rua Estado de Israel, n. 553, com lotaçã de 280 lugares, construído sem subvenção de qualquer entidade oficial.

Após a execução do Hino Nacional, no concerto inaugural apresentaram-se obras em primeira audição mundial, especialmente escritas para a ocasião. «Sertaneja n.º 1» é de autoria de DJalma Melim, cuja partitura foi enviada por ele de Leningrado, onde goza de uma bolsa de estudos no Conservatório Rimsky Korsakov. A obra, tanto melodicamente como no ritmo evoca noites de serestas e batuque, fazendo jús ao título. Silvio Baccarelli se inspirou no som do «berrante» dos boiadeiros para sua pequena peça «Aboio», revelando em estilo camerícisto o ambiente regional.

Amaral Vieira, jovem compositor dos mais fecundos nos gêneros mais diversos, compôs o «Te Deum» para quarteto vocal solista, côro a 4 vozes e orquestra.

Desde o início — Te ..eum laudamus — percebe-se grande efeito coral-instrumental. Em «Te ergo quaesumus» destacam-se os diversos trechos para solistas vocais, seguido por um majestoso «Aeterna fac». No «Salvum fac papuluru» ressalta o espírito sacro, finalizando a obra com «In te Domine Speravi», revelando o preciso fervor religioso.

Sob regência de Silvio Baccarelli, orquestra e côro em ótimo desempenho, valorizaram o evento, que marca um fator positivo no ambiente musical paulista. ● L. E.

LIVROS DE LUIS ELLMERICH

HISTÓRIA DA MÚSICA (388 páginas ilustradas) — 4.ª edição
COLEÇÃO BIOGRAFIAS DOS GRANDES MÚSICOS (com posters)
HISTÓRIA DA DANÇA (326 páginas ilustradas) — 3.ª edição
MANUAL DO BALÉ (em colaboração com Clarisse Pinto) — A técnica do balé clássico, terminologia, danças características e 22 peças para acompanhamento, ao piano, de aulas de balé.

NAS LIVRARIAS E CASAS DE MÚSICA

JORNAL DA MÚSICA

Editado por IRMÃOS VITALE EDITORES DE MÚSICA

Diretor Responsável:
AFFONSO VITALE SOBRINHO
Redator:
LUIS ELLMERICH
Colaboradores:
THOMAZ VERNA
JAYME NARDY VASCONCELLOS
Coordenadora:
SONIA R. DE ANDRADE VITALE

SÃO PAULO
Rua Domingos de Morais, 254
Fone 549-7388 - Caixa Postal 380
CEP 04010

RIO DE JANEIRO
Rua Ubaldino do Amaral, 40 - Loja «C»
CEP 20231

IRMÃOS VITALE S/A. - Ind. e Com.
Divisão Gráfica, compôs e imprimiu

TURISMO

CIDADE

● **Le Havane**—A novidade que o restaurante traz para o verão que se aproxima são as ostras frescas vindas de Cananéia, utilizadas tanto no Coquetel Ostiones (pequenas ostras com suco de tomate temperado servidas em taças de gelo) e nas porções de ostras gratinadas. Abre todos os dias, das 18h até o último freguês. Rua Pedroso de Moraes, 1.035 tel: 211-8141.

Anibal e Suzana, atrações do Chica da Silva

Amadeus homenageia a República

O restaurante Amadeus vai homenagear o centenário da Proclamação da República neste período que vai do primeiro ao segundo turno da eleição presidencial. Além de uma exposição de gravuras e textos históricos, o restaurante estará servindo pratos apreciados pela corte no final do século passado. Tadeu Masano, proprietário do Amadeus, pesquisou inclusive os pratos que foram servidos no famoso baile da Ilha Fiscal, num banquete histórico que marcou a derrocada da monarquia brasileira. Além dessas atrações, um brinde: cada mesa receberá uma reprodução da charge O Circo Financeiro, publicada num jornal da época com bastante repercussão. O preço cardápio especial da República é de NCz$ 135,00 (com entrada, prato principal e sobremesa). O restaurante Amadeus fica na alameda Pamplona, 234 — tel.: 288-5926.

BARES

● **Auge Bar** — Com capacidade para 800 pessoas, a casa possui pista de dança, 80 mesas e um bar, que serve bebidas nacionais, lanches e petiscos. Nos finais de semana os grupos Samba de Sambistas e Esquadrão do Samba animam a clientela. Av. Guilherme Cotching, 1.461, Vila Maria, São Paulo, telefone 291-3886.

● **Café das Flores** — Painéis de azulejos com antigos rótulos de bebidas e uma caixa registradora dos anos 40 decoram o ambiente, ideal para final de tarde. Serve lanches e petiscos. O forte da casa são os sanduíches Bauru Rádio Clube (pão toscano, queijo, tomate e rosbife) e o Vernonia (pão francês, peito de peru, passas, pêssego, parmezão e molho agridoce), ambos por NCz$ 12,00. Chá ou café completo, NCz$ 18,00; bebidas nacionais e estrangeiras. Uísque nacional, NCz$ 10,00; nacionalizado, NCz$ 15,00, importado 12 anos, NCz$ 25,00. R. Pinheiros, 953. Abre das 18 às 2h, de segunda a sexta; até 3h aos sábados e domingos. C.C.: não.

● **La Bourgogne** — O bar da casa foi reformado, inaugurando um espaço especial para o **happy-hour**, contendo até uma minigaleria de arte, atualmente com quadros do pintor Gustavo Rosa. Num ambiente aconhegante com cinco mesas, tem capacidade para 20 pessoas. Alameda Ministro Rocha Azevedo, 539, telefone 280-3046.

● **Woodstock** — Em sua pista de dança a casa toca preferencialmente as novas tendências disco. Todas as quintas são lançadas bandas novas acompanhadas de exibições de vídeo no telão. Capacidade para cerca de 800 pessoas, três bares internos, dois monitores de vídeo, além de moderno equipamento de iluminação. Abre de quinta a sábado às 22h, e domingo às 16h30 para a matinê. Rua da Consolação, 3.247 — tel.: 883-5419.

● **Zoom** — Com capacidade para 2.500 pessoas, a discoteca tem pista de dança, uma em acrílico, outra em granito, três bares e camarotes. De segunda a quinta a casa abre para eventos especiais, como festas, desfiles e convenções e funciona normalmente com seleção de hits internacionais do DJ Lula na sexta-feira, das 22h às 4h; no sábado, das 22h às 5h; domingo, das 15h às 18h (matinês) e das 20h à meia-noite. Ingressos: NCz$ 25,00 (homem) e NCz$ 20,00 (mulher), sábado e domingo e NCz$ 15,00 (preço único na matinê de domingo). R. Dr. Zuquim, 311 — tel.: 299-6696).

● **Palladium** — A decoração lembra os clubes noturnos europeus das décadas de 30 e 40. Música ao vivo e jantar dançante. Como atrações fixas, o cantor Santo Morales, acompanhado pela Banda do Engenho e o show Meu Refrão: Olê, Olá!, com direção de Abelardo Figueiredo, com Tony Ramos interpretando músicas de Chico Buarque. Abre para jantar a partir das 20h. Couvert artístico por pessoa: NCz$ 90,00. Aceita cartões American Express, Credicard, Elo e Nacional. O show começa às 22h30 de terça a quinta e às 23h, na sexta e no sábado. Av. Rebouças, 3.970 — terceiro piso do Shopping Eldorado — tel.: 814-8713.

A discoteca Zoom, na Zona Norte

● **Praça Paulista** — Recém-inaugurado na Alameda Rocha Azevedo, 72 (tel.: 284-6131), agora apresenta às quintas e sextas-feiras música ao vivo após as 18 horas. Para o happy-hour uma boa seleção de bebidas nacionais e estrangeiras, drinques especiais e petiscos, além de sanduíches especiais (Peixoto Gomide, Rua Augusta etc.).

CONCERTOS

● **Artistrio** — Integrado por três de nossos mais famosos intérpretes eruditos, o grupo tem Yara Bernette ao piano, Antonio Del Claro, violoncelo, e Ayrton Pinto, violino. Eles se apresentam hoje às 21h, no Teatro Maksoud Plaza (al. Campinas, 150 — tel.: 251-2233), com ingressos a NCz$ 80,00, NCz$ 40,00 e NCz$ 20,00 (estudantes até meia-hora antes do espetáculo). No programa, Trio nº 1 em Si Maior, Op. 8, de Brahms e Dumky Trio em Mi Menor, Op. 90, de Dvorak.

Coral da Cultura Inglesa — Neste domingo às 20h15, o coral vai interpretar uma seleção de canções natalinas na Igreja Nossa Senhora do Brasil (av. Brasil esquina com Rua Colômbia).

Don Pasquale — A ópera de Donizetti, composta a partir de libreto de Michele Accurai, será apresentada nesta sexta e no domingo no Teatro Lírico de Equipe (av. Paes de Barros, 905 — tel.: 571-1419). Trata-se de uma peça cômica em três atos, contando a história do casamento arranjado de Don Pasquale com a infiel Norina, que na verdade é apaixonada por Ernesto. Direção musical do maestro Raphael Casalanguida. Os ingressos custam NCz$ 10,00.

Recital de Piano a Quatro Mãos — O duo Clélia Ognibene e Sylvia Moisés toca hoje às 20h30 no Teatro Popular do Sesi. No programa, obras de Arthur Napoleão e Alexandre Levy. Convite grátis na bilheteria do Teatro (av. Paulista, 1.313 — tel.: 284-9787).

O Artistrio faz recital hoje no Teatro Maksoud Plaza

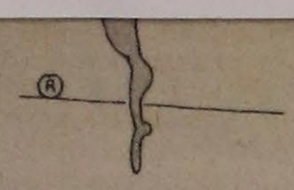
CIDADE

instalação de casacos, coletes e mantas num trabalho chamado de weareable art (rouparte), que procura colocar os trajes no contexto social, uma representação da simbologia de cada sociedade. Liana se inspirou especialmente nas sociedades tribais, onde segundo, ela ainda é comum o uso artístico dos trajes. Para realizar a instalação, ela utilizou a técnica chenille, cortando em tiras e tingindo o algodão. A mostra permanece até 11 de dezembro, de segunda a sexta, do meio-dia às 20h e sábados das 11h às 14h. Preços das peças entre NCz$ 2.000,00 e NCz$ 30.000,00. Rua Haddock Lobo, 1568 — Tel.: 282-5292.

na Cultura Inglesa de Santo Amaro (av. Santo Amaro, 6.781 — tel.: 523-6988).

● **Promoção de Natal** — A MM Molduras promove sua tradicional Feira de Natal a partir de hoje, colocando à venda desenhos, gravuras e aquarelas, com preços promocionais a partir de NCz$ 100,00. Entre os artistas que participam da promoção estão Aldemir Martins, Inos Corradin, Silvio Oppenhein, Renina Katz e outros. A promoção segue de segunda a sexta, das 9h às 18h e aos sábados, das 9h às 13h, até dia 31 de dezembro.

● **Renata Tassinari** — A Galeria Millan inaugura nesta quin-



DANÇA

● **Coplas de Espanã** — A companhia Tarantos Cia. de Arte Y Baile Flamenco apresenta o balé flamenco hoje e amanhã e nas próximas segunda e terça-feira sempre às 21h, no TBC (r. Major Diogo, 315 — Tel.: 36-4408), com preço único de NCz$ 40,00. O espetáculo é composto de doze coreografias, seis delas inéditas, dois

Tarantos Cia.

(Publicado também na FOLHA DE S. PAULO DE 05.12.1988)

CADERNO 2

GUIA

Erudito

■ **Ciclo Beethoven** — A Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, regida pelo maestro Oswaldo Colarusso, apresenta Prometheus; o **Concerto para Violino e Orquestra**, com solos de Elisa Fukuda; e a **Sétima Sinfonia**. Amanhã, às 21h, no **Teatro Copan** (av. Ipiranga, 200). Ingressos. Cz$ 100,00.

■ **Encontro Musical de Jovens Violinistas** — Composições de Mozart, Cui, Dvorák, Brahms, Haendel, Bach e Saint-Saens, entre outros, serão executadas por vários violinistas orientados pelo professor Tosio Takeda. Às 16h. no **Masp** (av. Paulista, 1.578 - 251-5644). **Entrada Franca**.

■ **Mendelssohn Trio Berlin** — O trio de câmara formado pela pianista Hei-drun Holtmann, pela violinista Ida Bieler e pelo violoncelista Georg Faust, interpreta o **Trio em dó maior K.548**, de Mozart; o **Trio para Piano, Violino e Violoncelo**, de Ravel; e o **Trio nº 2 em dó menor**, de Mendelsoohn. Amanhã, às 21h, no **Teatro de Cultura Artística** (r. Nestor Pestana, 196 — 258-3616). Ingressos: Cz$ 6.000,00 (setor A), Cz$ 4.000,00 (setor B), Cz$ 2.000,00 (setor C) e Cz$ 500,00 (estudantes meia hora antes do espetáculo).

■ **Recital de Piano** — A pianista Eny da Rocha interpreta a **Rapsódia nº 1**, de Brahms; a **Segunda Rapsódia Brasileira**, de Luiz Levy; a **Segunda Valsa de Esquina**, de Mignone; **Jeux d'eau**, de Ravel; e **L'isle joyeuse**, de Debussy. Amanhã, às 21h, no **Teatro Municipal** (praça Ramos de Azevedo, s/nº — 222-8698). Ingressos: de Cz$ 200,00 a Cz$ 1.000,00.

VAMOS AO TEATRO—ESPETÁCULOS DE ARTE

LEI 7505/86-SARNEY

RECITAL

ENY DA ROCHA

BRAHMS • LUIZ LEVY • MIGNONE
RAVEL • DEBUSSY

PATROCÍNIO: DEPARTAMENTO CULTURAL clock
SECRETARIA MUN. DE CULTURA DEP. TEATRO

PROMOÇÃO: TRAÇO T GALERIA CULTURAL

ESTÚDIO K

GUIA

Cinema

REPRISES

■ **9 1/2 Semanas de Amor** (9 1/2 Weeks) — O relacionamento neurótico e os jogos amorosos entre um economista bem-sucedido e uma funcionária de uma galeria de arte nova-iorquina. Dir.: Adrian Lyne, Prod.: EUA/1986. Com Mickey Rourke e Kim Basinger. **Belas Artes — Sala Carmem Miranda** (R. da Consolação, esq. da Av. Paulista). Hor.: normal. Cens. 16 anos. Aceita-se Ticket Cultural.

■ **O Nome da Rosa** — (The Name of the Rose) — Baseado no livro de Umberto Eco. Na Idade Média, num convento, mortes misteriosas são investigadas por um monge franciscano. Dir.: Jean Jacques Annaud, prod.: EUA/ 1987. Com Sean Connery, Christian Slater e F. Murray Abraham. **Biarritz** (av. Brig. Luiz Antonio, 2.332). Hor.: 14h30, 17h, 19h30 e 22h. Cens. 14 anos. Aceita-se Ticket Cultural.

■ **Quinteto Irreverente.** dir.: Mário Monicelli, Com Ugo, Tognazzi, Gastone Moschin, Adolfo Celi, Philippe Noirete. **Cinearte 1** (Av. Paulista, 2.073, — Conj. Nac.). **Arouche A** (Igo. do Arouche, 426). Hor. normal. Cens. 18 anos.

Musical

■ **A Fera do Rock** (Great Balls of Fire) — A vida do roqueiro Jerry Lee Lewis, no período em que ele se tornou um ídolo, 1956 a 58, auge de sua carreira e fama, e a repercussão escandalosa de seu casamento com sua prima de apenas treze anos. Com Dennis Quaid e Winona Ryder. A trilha sonora do filme é interpretada pelo próprio Lewis. Dir.: Jim McBride, prod.: EUA/1989. **Gazetão** (Av. Paulista, 900). **Olido 2** (Av. S. João, 473). **Cal 2** (Av. Faria Lima, 1.575). **Paramount 3** (Av. Brig. Luís Antônio, 411). **Center Norte 1** (Shop. C. Norte). **Interlagos 4** (Av. Inter, 2.255). **Eldorado 3** (Shop. C. Eld.). Hor.: normal. Cens: 10 anos. Aceita-se Ticket Cultural.

ESPECIAIS

■ **O Novo Cinema de Taiwan** — Às 19h: **Os Terroristas**, dir.: Edward Yang, prod.: 1986. O filme foi exibido na 12ª Mostra Internacional de Cinema. Grátis. Sala Lima Barreto do **Centro Cultural São Paulo** (r. Vergueiro, 1.000). Tel: 278-9787.

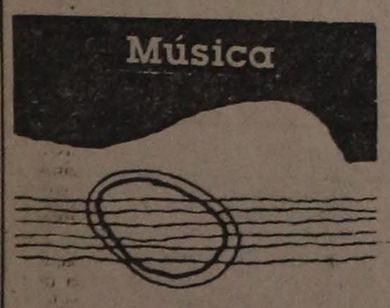
■ **Semana Ingrid Bergman** — Às 19h e 21h: **Casablanca** dir.: Michael Curtíz, prod.: EUA/1942. Com Ingrid Bergman, Humphrey Bogart, Paul Henreid. NCz$ 12,00. Sala Leila Diniz do Cineclube **Bixiga** (r. 13 de Maio, 124). Tel: 255-4627.

■ **Semana Ingrid Bergman** — Às 18h, 20h e 22h: **Uma Questão de Tempo** (Matter of Time) — Dir.: Vincent Minnelli, prod.: EUA/1976. Com Fernando Rey, Ingrid Bergman, Charles Boyer, Lisa Minnelli. NCz$ 12,00. Sala Paulo Emílio do Cineclube **Bixiga** (r. 13 de Maio, 124). Tel: 255-4627.

■ **Seleção de Clássicos** — Às 17h. **Nosferatu** (Nosferatu, Eine Symphonie des Grauens) — Dir.: W. F. Murnau, prod.: Alemanha/1921. Com Max Schrer, Gustav von Wagenhein. Às 19h: **Nascimento de Uma Nação** (The Birth of a Nation), dir.: D. W. Griffith, prod.: EUA/1915. Com Lilian Gish. Às 21h: **Metrópolis**, dir.: Fritz Lang, prod.: Alemanha. Com Gustav Frolich. NCz$ 15,00. Sala Cinemateca (r. Fradique Coutinho, 361). Tel: 881-6542.

O Artistrio — com Yara Bernette, Ayrton Pinto e Antônio Del Claro —, atração de hoje nos **Concertos Carbocloro**, *no Teatro Maksoud Plaza às 21h*

Música



■ **Concertos Carbocloro no Maksoud Plaza** — Apresentação do grupo de câmara Artistrio, formado por Yara Bernette (piano), Antônio Del Claro (cello) e Ayrton Pinto (violino), interpretando "Trio nº 1 em Si Maior, op. 8", de Brahms; e "Dumky Trio em Mi Menor, op. 90", de Dvorák. NCz$ 80,00 (setor A), NCz$ 40,00 (B) e NCz$ 20,00 (estudantes, meia hora antes do espetáculo). As 21h. **Maksoud Plaza** (Al. Campinas, 150. Tel.: 251 2233).

■ **Festival Santa Cecília** — O festival, em homenagem à santa padroeira da música, terá hoje apresentação do Coral Pró Musica Sacra de São Paulo, regido por Luiz Roberto Borges, com participação dos solistas Neide Carvalho (soprano), Vera Ritter (contralto), Eduardo de A. Santos (tenor), Carlos Augusto Vial (baixo), e, ao órgão, Selma Asprino. No programa, "Te Deum" e "Requiem", de Anton Druckner. Grátis. Às 20h. **Igreja de Santa Cecília** (Igo. Santa Cecília).

■ **Grupo Pianistas Universitários** — O grupo, sob a direção de Letícia Pagano, interpreta obras a seis mãos, de compositores como Mozart, Chopin, Schumann, Scriabin, entre outros. Grátis. Às 19h. **Bibl. Mário de Andrade — Auditório** (R. da Consolação, 94. Tel. 239-3459).

■ **Mania Musical** — A programação terá hoje recital com Ricardo N. Lucas, Cássio Scarpinella (violões), Itagiba Campos Neto (canto), Karla Bach de Andrade e Alfredo Lima (Percussão), em que o grupo interpreta obras de Schubert, Sor, Hiller e outros. Grátis. Às 17h30. **Instituto de Artes do Planalto-Unesp** (R. Dom Luiz Lasagna, 400. Tel.: 274-4733).

■ **Projeto Compositor Contemporâneo** — O Compositor Mario Ficarelli é a atração deste mês dentro do projeto. O compositor dará depoimentos sobre seu trabalho, que serão gravados em vídeo, e diversos intérpretes estarão executando peças de sua autoria, como "Seis Duetos para Violino (1976)", "Triedro, para Dois Violinos e um Celo (1984)", "Potências — Ensaio, para quarteto de trombones e duas grandes caixas (1989)", entre outras. Grátis. Às 21h. **MIS** (Av. Europa, 158. Tel.: 852-9197).

■ **Recital de Piano a Quatro Mãos** — Com o duo de pianistas Clélia Ognibene e Sylvia Maltese Moyses, que vão interpretar peças de Arthur Napoeão e Alexandre Levy. Grátis (convites devem ser retirados no horário comercial, na bilheteria). Às 20h30. **T.Popular do Sesi** (Av. Paulista, 1.313. Tel.: 284-9787).

■ **Recitais de Piano e Canto** — O programa terá, na primeira parte, recital com o pianista André Matos interpretando peças de Scarlatti, Beethoven, Chopin e Poulenc; na segunda, Jocilene Ayres interpreta obras de diversos compositores. Grátis. Às 21h. **Fac. Santa Marcelina-Auditório** (R. Dr. Emílio Ribas, 89. Tel.: 826-9718).

ço p/ viagem — (porções p/ 2 pessoas) — NCz$ 145.00. Sobremesas: doces caseiros, mousse de chocolate ou tortas — NCz$ 19,50. C.C.: todos. Estacionamento c/ manobrista. **Não folga**

■ **Obará** (R. Vieira de Morais, 310. Campo Belo. Tel.: 61-9344) — Aberto das 11h até 1h. Sextas e sábados até 2h. Bar. Música ambiente. Cozinha brasileira (baiana). Sugestões: casquinha de siri — NCz$ 18,00; carne de sol c/ farofa e arroz — NCz$

do cardápio: Steak do açougueiro — NCz$ 55,00; fraldinha — NCz$ 55,00; Porter house Steak — NCz$ 62,00; steak de tira — NCz$ 67,00; paleta de cordeiro — NCz$ 55,00; bife de chouriço — NCz$ 50,00. Sobremesas: sorvetes — NCz$ 14,00 a NCz$ 16,00; e frutas da estação — NCz$ 15,00. C.C.: C e D. Não tem estacionamento, mas tem manobrista à porta. **Não folga.**

■ **The Tiffany's Steak & Pizza** (R. Pio XI, 1.328. Alto da Lapa. Tel.: 831-7046

cional. Sugestões: casquinha de siri — NCz$ 32,50; creme de palmito — NCz$ 33,98; medailon de filet Promenade — NCz$ 63,82; lazanha à parmegiana — NCz$ 35,30; lagosta mornay — NCz$ 63,82; Sobremesas: tortas, doces caseiros ou frutas da estação — NCz$ 13,80. — Almoço exucutivo completo — NC$ 68,80. C.C.: todos. Estacionamento do Shopping. **Não folga.**

Italianos

Ê SÓ LIGAR
831-1500

Receber o mais importante jornal do País é muito mais fácil do que você imagina. Basta que você ligue agora para 831.1500. Amanhã de manhã, você já vai ter na porta de sua casa ou no seu escritório, o seu Estadão. Ligue já.
O Estadão garante.
Todos os dias das 8:00 às 20:00 h, exceto aos domingos.

O ESTADO DE S. PAULO
O JORNAL

CADOS

ARTE

COS

S
RO

DUO DIÁLOGOS

JOAQUIM ABREU
CARLOS TARCHA

BOI VOADOR
RECONSTRÓI
BEATRÍCIAS: CÂNTICOS AOS PEDAÇOS
TEXTO E DIREÇÃO
JAYME COMPRI
LIVREMENTE INSPIRADO NA POESIA MALDITA DE BLAKE, RIMBAUD E BAUDELAIRE
TEATRO SÉRGIO CARDOSO
R. RUI BARBOSA, 153 - TEL.: 288-0136
DE QUARTA A SÁB. ÀS 21H, DOM. 20H
APOIO CULTURAL: SESC Cantina C que Sabe

Quatro anos dedicados à vida musical

A Sociedade Brasileira de Musicologia, nascida durante o simpósio internacional Música Sacra e Cultura Brasileira, que aconteceu de 27 de setembro a 3 de outubro de 1981, chega a seus quatro anos com dezenas de realizações, que não se fecham no seu próprio universo, transcendem os círculos especializados e entregam ao público resultados importantes como a recuperação de obras musicais de diversas épocas, que sofreram um trabalho de restauro de alto nível. Uma delas é **Romances sans Paroles Op. 20**, peça para violoncelo e piano de autoria de Luís Levy, pianista e compositor brasileiro (1864-1935), um dos introdutores do folclore nacional na música erudita, distribuída gratuitamente em fac-símile de sua única estampa, não comercial. Paralelamente a esse lançamento, a entidade publica o seu segundo boletim que, entre outros ensaios, registra o ensino de musicologia no Brasil, de autoria de Francisco Curt Lange; assim como "Bandas Musicais do Brasil", por Bruno Kiefer; "Três Músicas para Flauta dos Índios Waura", por Maria Helena Rosas Fernandes; além de matéria sobre e de autoria de Oneyda Alvarenga.

A Sociedade, embora pequena, conta com 150 associados e já alcançou respeitabilidade internacional. Dirigida por Cleofe Person de Mattos (presidente), José de Almeida Penalva (vice-presidente), Antônio Alexandre Bispo (diretor-adjunto), Manoel Antônio Franceschini (primeiro secretário), Arnaldo José Senise (segundo secretário) e Eleanor Florence Dewey (tesoureira), já atingiu 13 países.

Num país de pouca tradição musical erudita e de pouca preocupação documental, manter atuante uma entidade dessa natureza é a meta do trabalho constante de seus dirigentes. Antônio Alexandre Bispo, mestre e doutor em musicologia, professor dessa disciplina em Colônia, na Alemanha, deixou suas férias européias para participar da assembléia geral extraordinária do dia 16, quando os associados receberam o LP "Modinhas do Brazil"; partituras descobertas no Palácio Real da Ajuda, pelo professor José Maria Neves; "Missa a Oito Vozes", de João de Deus de Castro Lobo, com a Camerata Rio e a Associação de Canto Geral; além da peça de Luís Levy. "Um dos objetivos da Sociedade", explica Bispo, "é a divulgação de estudos de musicologia e a recuperação de obras importantes. Provavelmente nosso boletim é a única publicação brasileira sobre a atuação dos músicos do País. Já estamos em estudos para uma possível organização do I Congresso da Sociedade de Musicologia, que acontecerá no início de 1987, em São Paulo. Quem quiser participar é só entrar em contato conosco, através da caixa postal 54.025."

Colaborador do suplemento **Cultura** de **O Estado**, Arnaldo José Senise, um estudioso da obra de Alexandre e Luís Levy, ressalta a importância da peça recém-descoberta e lembra que o compositor deixou outras de igual peso. "Ele ficou entre o erudito e os ritmos populares, deixando em seus pseudônimos a marca de uma alegria irreverente: **L. Henry, Ziul Y Vel e Yvu Leliz.**"

do próprio charme, acrescentando-lhe astúcia e ambição, causas simultâneas de sucesso e perdição. Laura Cardoso marca "Tia Lavínia" (personagem simpaticíssimo, sonhador e pragmático ao mesmo tempo) com a garra das criações definitivas. Segurança, adequação, empenho assimilam as atuações de Susy Arruda, Mirtes Mesquita, Sônia César, Tatiana Nogueira e Marcos Mello como as criaturas que circulam à volta do drama central e cerrado de "Catherine", a herdeira, seu pai e seu pretendente. Não há senões na direção de Flávio Rangel, somente acertos, um deles o respeito ao texto e ao estilo de representação adequado ao mesmo. O espetáculo permite o reencontro com o elo perdido da tradição legada pelos mestres italianos do TBC. Cobra-se do encenador uma ousadia maior nas realizações, a busca de caminhos alternativos e inovadores, reivindicação válida em relação a alguns de seus últimos trabalhos, mas não procedente no caso de "A Herdeira", cuja proposta teve resolução cênica insuperável. Além disso, deve-se perguntar se Rangel está sintonizado com tais novas experiências — é essencial o respeito à natureza íntima dos criadores, pois é na fidelidade à mesma que se alicerça a coerência da obra de arte.

antiga paixão. Essa é a trama básica do filme "Idolatrada", do mineiro Paulo Augusto Gomes, menção especial no Festival de Cinema Brasileiro de Gramado, que estréia hoje em São Paulo, no Cinesesc (rua Augusta, 2.075). Segundo o diretor, "antes de mais nada, o filme quer ser um canto de amor à cidade onde foi feito e na

Moura, Guilhermino César e Pedro Nava passavam por suas ruas. É esse ambiente de poetas e eruditos que forma a base de 'Idolatrada'". É o primeiro longa-metragem produzido pelo Grupo Novo de Cinema e traz no elenco Denise Bandeira, Eduardo Machado, Mário Lago e Carmen Silva.

Cinema

CIDADE ARDENTE (City Heat) — EUA, 84. Direção: Richard Benjamin. Com Clint Eastwood, Burt Reynolds. Detetive particular e policial investigam assassínio do sócio do primeiro. Ritz, às 9, 11, 13, 15, 19 e 21 horas. Copan, a partir das 13 horas. Bristol e Ibirapuera 1, a partir das 14 horas.

KOYAANISQATSI (idem) — EUA, 82. Filme experimental sem atores e enredo, alegoria sobre a natureza e a tecnologia. Melhor filme da VIII Mostra Internacional de Cinema, segundo votação do público. Majestic. Horário normal.

UM ESPÍRITO "BAIXOU" EM MIM (All of Me) EUA, 84 Direção Carl Reiner. Com Steve Martin, Lali Tomlin Fantasias humoristicas sobre advogado que corpora o espírito de uma milionária. Metro 2, Gemini 1, às 14h20, 16h15, 18h10, 20h05 e 22 horas.

HANNA K (idem) — França, 83. Direção: Costa-Gavras. Com Jil Clayburg, Jean Yanne, Selim Bakri. Advogada judia norte-americana defende palestino que entrou ilegalmente em Israel. Paramount 1, Vitrine, Gazetinha. 13h30, 15h40, 17h50, 20 e 22h10.

ESTRELA NUA — Brasil (SP), 84. Direção: Icaro Martins e José Antônio Garcia. Com Carla Camurati e Cristina Aché. Uma dubladora e a obsessão pela personalidade da atriz que morreu. Cine Belas Artes (Sala Alejadinho). Horário normal.

O EXÉRCITO INÚTIL (Streamers) — EUA, 83. Direção: Robert Altman. Com Matthew Modine, David Alan Grier, Michael Wright. Um grupo de rapazes espera ser convocado para a guerra do Vietnã. Cine Belas Artes (Sala Alejadinho). Horário normal.

Zumba, Rei dos Palmares" (64), de Carlos Diegues. Dia 26, "Menino de Engenho", de Walter Lima Júnior.

JAPONESES — Somente hoje, às 13, 16h55 e 20h50, no cine Niterói (avenida Liberdade, 631), "Queda do Império Tokugawa", de Kosaku Yamshita. Às 15h20 e 19h15, "Minha Terra Verdejante", de Shinji Murayama.

CHAPLIN — Somente hoje, às 21 horas, no **United States Trade Center** (avenida Paulista, 2.439), "Luzes da Ribalta", de Charles Chaplin. **Sem legendas.**

NO LIMIAR DA VIDA (Nara Livet) — Suécia, 57 Direção: Ingmar Bergman. Hoje e amanhã, à meia-noite, no Cineclube Oscarito (praça Roosevelt, 184).

O AMULETO DE OGUM — Brasil (RJ), 74. Direção: Nelson Pereira dos Santos. Hoje, às 20 horas, no Museu Lasar Segall (rua Afonso Celso, 362). **Grátis.**

KING KONG (idem) — EUA, 33. Direção: Ernest B. Schoedsak. Hoje, à meia-noite, no Cineclube Bixiga (rua 13 de Maio, 124). Cr$ 5.000.

MAMÃE FAZ CEM ANOS (Mama Cumple Cien Años) — Espanha, 80. Direção: Carlos Saura. Às 20 e 22 horas, no Ópera Collage (rua 13 de Maio, 363). Cr$ 5.000.

A CARROÇA — Checoslováquia, 66. Direção: Karl Kachyna. Somente hoje, às 20 horas, no Museu de Arte de São Paulo (avenida Paulista, 1.578).

BODAS DE SANGUE (Bodas de Sangre) — Espanha, 81

O piano romântico de Braga e Levy

Fim do século passado. Dois compositores românticos brilham em cenários distantes. Francisco Braga, na Europa, apresenta-se ao piano arrancando aplausos de uma platéia exigente. Aqui no Brasil, Alexandre Levy dedica todo seu tempo às notas musicais e aos saraus de fim de tarde. Novo ainda, Levy morre no auge de sua carreira. Braga, por sua vez, sobreviveria até o fim da Segunda Guerra Mundial. Então, grande parte de suas peças são engavetadas, esquecidas. Agora, o pianista Cláudio de Brito, um dos maiores divulgadores do romantismo, lança na próxima quarta-feira, pelo Selo Eldorado, o disco "Francisco Braga e Alexandre Levy", que ele mesmo define como "disco-documento" — antes, o pianista fará duas aparições, no Teatro Municipal, hoje, às 19 horas, e domingo, às 10 horas, quando interpretará "Noites dos Jardins de Espanha", escrita por Manuel de Falla, acompanhado da Orquestra Sinfônica Municipal, sob a regência de Roberto Schonorremberg.

Reconhecido internacionalmente, Cláudio de Brito é também intérprete de românticos europeus. No entanto, entre ser mais um intérprete de Beethoven, Bach, Mozart, na sua opinião os melhores, de maior nível, ele preferiu optar pelos compositores brasileiros. "Autores como Chopin já estão supergravados, enquanto os brasileiros são sempre preteridos. A maioria dos autores brasileiros fizeram obras para piano, uma conseqüência daquilo que Mário de Andrade chamava de 'pianolatria'. Todas as casas tinham um piano e toda boa educação incluía o estudo do instrumento. Nossos compositores também fizeram coisas lindas e ainda existe um grande material inédito desses autores." Brito destaca que muitos músicos se têm dedicado ao trabalho de divulgar essas peças inéditas e, em seu caso, sempre as inclui em seus recitais.

Exigente em suas pesquisas históricas, Brito lembra que Francisco Braga não se destacou somente pela composição do "Hino da Bandeira", "por sinal o mais bonito do mundo. Ele era um dos compositores mais respeitados, exatamente no período em que o Brasil passava da Monarquia à República. Com esta mudança política, era preciso compor todos os hinos, e ele foi um dos mais requisitados".

Alexandre Levy, também é considerado por ele como um dos mais brilhantes expoentes da música erudita no Brasil. "Ele morreu aos 28 anos, mas deixou uma obra considerável, já teve inclusive, algumas de suas peças editadas pela Casa Vitali." Filho do proprietário da Casa Levy, que existe até hoje em São Paulo, ele conviveu num raro clima de música e cultura. "Era a época em que não existia o Teatro Municipal e a Casa Levy funcionava como centro cultural, reunindo artistas de todo o Brasil."

Mas foi somente no ano passado que Brito se decidiu pela carreira de solista. Gravou um disco também sob o Selo Eldorado, "Claudio de Brito interpreta Miguez e Nepomuceno", resultado de sua viagem aos Estados Unidos, onde se apresentou no **West Side** de Nova York. Depois do sucesso dessa apresentação, foi aplaudido no auditório do **Bernard College**, da Universidade de Columbia. Apesar do êxito alcançado, Brito tinha um sonho: gravar na igreja **Holy Trinity**, desta vez no **East Side**. "O motivo da troca do tradicional estúdio de gravação pela igreja é simples: já há algum tempo percebeu-se que a perfeita e natural acústica de uma igreja é muito melhor que a atmosfera fria e irreal de um estúdio, onde a ressonância dos harmônicos de uma nota simplesmente desaparece." Essa experiência resultou num primeiro LP que a Eldorado lançou no início do ano.

Para o disco "Francisco Braga e Alexandre Levy", Brito selecionou as seguintes peças: "Romance", "Scherzo","Os lundus da marquesa", "Segunda valsa romântica" e "Hino à Bandeira", de Braga; e "Romance sem palavras", "Amour Passe", "Couer Blessê", "Dout", "Allegro Appasionato" e "Pensee Fugitive", de Levy.

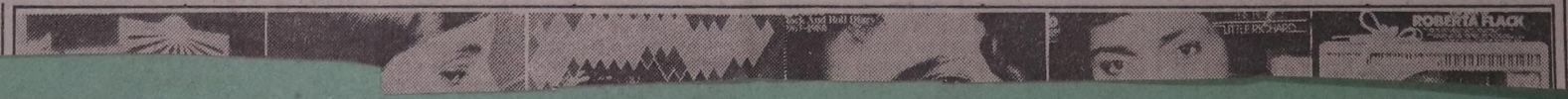
Cláudio de Brito interpreta Francisco Braga e Alexandre Levy

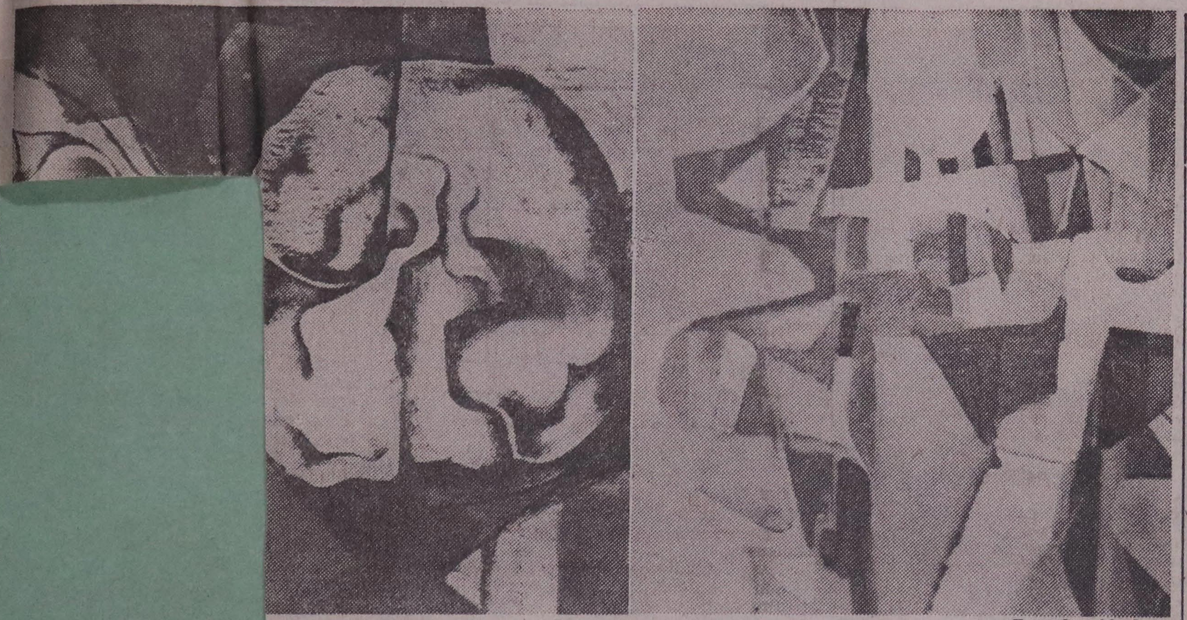
Música nova, um simpósio 'inte

A mús
raramente
vadoras. P
com as obr
nhor Rome
dhonia", c
assume pa
acontecer
ternacions
hoje, às 17
São Caeta
Inhaúma,
ao disco, J
motivou e
lestra sob
um posici

Esse f
significati
tas vezes,
encontra
eventos c
salas de c
palco par
mentado
Internaci
que se r
procure c
e ao públ
vel de in
concertos
dos das
ção do F
as pales
Ficarelli
tuto de
"Corren

Maria Bethânia





Fotos Oswaldo Jurno

isso, nada de fidelidade ao real. Procuro me expressar através da forma"

arx, do paisagismo à pintura

queria ser se em sua ono. Aos portantes ga — fala

dos pelo progresso. O amor pela natureza vem da infância, primeiro em São Paulo e depois no Rio, para onde se mudou quando tinha quatro anos. "Eu tenho certeza que o ambiente familiar teve muita influência na minha vocação artística. Olha só: aos 14 anos, eu já recebia da Europa livros e revistas es-

gismo, queria empregar tudo que sabia num mesmo jardim. "Hoje, acho que se deve fazer o contrário: restringir, sintetizar ao máximo as idéias. Matisse queria dizer o máximo com o mínimo de meios. Ser prolixo é bem mais fácil que ser sintético. Jardins são obras de arte e os princípios de execução são os mes-

Mário Quintana, Prêmio Brasília de Literatura

Da sucursal de BRASÍLIA

Mário Quintana foi o ganhador do Prêmio Brasília de Literatura, por conjunto de obras, atribuído por uma comissão de escritores que participam do XV Encontro Nacional de Escritores, promovido pela Fundação Cultural do Distrito Federal.

O poeta gaúcho Quintana, derrotado por duas vezes para uma vaga na Academia Brasileira de letras, em seu último livro, lançado recentemente, pela Editora Codecri, "Nova Antologia Poética", expõe cerca de 180 poemas, 60 dois quais completamente inéditos. Com 74 anos, ele começou sua coluna escrevendo em uma revista trimestral, "Província de São Pedro", no município de Alegrete, há 40 anos. Dali ele saiu para trabalhar nas páginas literárias do **Correio do Povo**, onde publica alguns de seus poemas até hoje.

O concurso Literário da Secretaria de Educação do Distrito Federal atribuiu prêmios no valor total de cr$ 450 mil, deixando de votar, este ano, as categorias de Crítica de Obra Inédita, Teatro para Obra Publicada e Estudos Brasileiros para Obra Inédita. O prêmio Brasília de Ficção, obra publicada, foi concedido a Renar Peres, e o prêmio Brasília Ficção, obra inédita, foi atri-

matogrossense de

Teatro

CAMPANHA DE POPULARIZAÇÃO DO TEATRO — As kombis que vendem ingressos para teatro a 200 cruzeiros (adulto) e 100 cruzeiros (infantis) estão estacionadas hoje, entre 10 e 20 horas, na Praça do Patriarca (centro), no Supermercado Eldorado (al. Pamplona, Jardim Paulista), Estação Tatuapé do Metrô (Tatuapé) e rua Heitor Penteado (Praça Américo Jabomino, no Sumarezinho). Nos teatros os preços dos ingressos permanecerão inalterados, e não participam da campanha apenas duas peças: "Aí vem o dilúvio", em cartaz no Teatro Sérgio Cardoso (r. Rui Barbosa, 153) e "Seda Pura e Alfinetadas) no Teatro Brigadeiro (av. Brigadeiro Luís Antônio, 884).

ENSINA-ME A VIVER — De Colin Higgins, direção Domingos de Oliveira. Com Cleide Yáconis, Diogo Vilela e Nathália Timberg. Teatro Anchieta (rua dr. Vila Nova, 245). De quarta a sexta-feira, às 21 horas, quinta-feira, sessão às 18 horas, também; sábados, às 20 e 22h30, e aos domingos, às 18 e 21 horas.

A AURORA DA MINHA VIDA — Autor e diretor: Naum Alves de Souza, com Eliane Giardini, J.C. Viola, Paulo Berti e outros. Teatro do Bixiga (rua Rui Barbosa, 672). De quarta a sexta-feira, às 21 horas; sábados, 19 horas e aos domingos às 18 e 21 horas.

VIVA O GORDO; ABAIXO O REGIME — Autor, diretor e intérprete: Jô Soares. Teatro Procópio Ferreira (rua Augusta, 2823). Quinta e sexta-feira, às 21 horas; sábados, às 20 e 22h30 e domingos, às 20 horas.

A FERRO E FOGO — De Luís Carlos Moreira que também dirige. Elenco: Airman Hammound, Antonio Tadeu, Elza Gonçalves e Iraci Tomiatto. Questões políticas e greve de operários são os temas. Auditório Augusta (rua Augusta, 943). De quarta a sexta-feira, sábados, às 18 e 21 horas, e aos domingos, às 18 e 21 horas.

OSSOS DO OFÍCIO — De Maria Adelaide Amaral. Diretor-Sidnei Siqueira. Com Antonio Pettin, Sonia Guedes e João José Pompeu. Teatro Aliança Francesa (r. Gal. Jardim, 156). De quarta a sexta-feira, às 21 horas, sábados, às 20 e 22h30, e aos domingos às 18 e 21 horas.

PEGUE E NÃO PAGUE — De Dario Fo. Direção de Gianfrancesco Guarnieri. Elenco: Regina Viana, Gianfrancesco Guarnieri, Herson Capri. Teatro Taib (rua Três Rios, 246). De quarta a sexta-feira, às 21 horas, sábados, às 19 e 22h30, e, aos domingos, às 18 e 21 horas.

O CORONEL DOS CORONEIS — Maurício Segall. Diretor: Ulisses Cruz. Com Rosária Pétrio, Marcos Frota e Cássia Kiss. Teatro São Pedro (rua Albuquerque Lins, 171). De quarta a sexta-feira, às 21 horas, sábados, às 20 e 22h30, e, aos domingos, às 18 e 21 horas.

ESSA GENTE INCRÍVEL - De Neil Simon. Direção: Kiko Jaess. Com Eva Todor, Nirce Levin e Arlete Montenegro. Teatro Hilton (av. Ipiranga, 145). De quarta a sexta, às 21 horas; sábados, às 20 e 22h30, e aos domingos, às 18 e 21 horas.

DIVIRTA-SE COM BERTA LORAN — Texto, direção e interpretação de Berta Loran. Teatro Brasileiro de Comédia (rua Major Diogo, 315). De quinta a sexta-feira, às 21 horas; sábados, às 20 e 22h30; e aos domingos às 18 horas.

DEFESA DO COMPANHEIRO GIGI DAMIANI — Autoras: Jandira Martini e Eliana Rocha. Direção: Jandira Martini. Com Eliana Rocha, Luís Roberto Galizia, Walter Breda. Teatro de Arte (rua Major Diogo, 315). Somente às segundas e terças-feiras, às 21 horas.

AS CRIADAS — De Jean Genet. Diretor: Gilles Gwiztek. Com Dina Sfat, Itala Nandi e Jacqueline Lawrence. Teatro Municipal (Praça Ramos). Do dia 7 ao dia 11, sempre às 21 horas.

BENT — Autor Martin Sherman. Diretor Roberto Vignati. Com Flávio Galvão, Carlos Capeletti e Ricardo Blat. Teatro das Nações (av. São João, 1.737). De quarta a sexta-feira, às 21 horas; sábados, às 20 e 22h30, e aos domingos, às 18 e 21 horas.

CALA BOCA JÁ MORREU — De Luiz Alberto de Abreu. Diretor: Ednaldo Freire. Com Rosi Campos, Wanderley Martins e Noemi Marinho. Teatro Experimental Eugênio Kusnet (rua Teodoro Baima, 94). De quarta a sexta-feira, às 21 horas, quintas-feiras também às 18h30, sábados às 20 e 22h30 e domingos às 18 e 21 horas.

LUA DE CETIM — De Alcides Nogueira Pinto. Diretor: Márcio Aurélio. Com Humberto Magnani. Denise Del Vecchio e Elias Andreatto. Sala Guiomar Novaes (al. Nothmann, 1058). De quarta a sábado às 21 horas, domingos, às 18 e 21 horas. (Veja crítica ao lado).

Em cartaz

MACUNAÍMA — Peça inspirada na obra de mesmo nome de Mário de Andrade. Direção de Antunes Filho. Elenco: Grupo Macunaíma. Teatro São Pedro (rua Albuquerque Lins, 181). Hoje, às 21 horas. Ingresso único de 250 cruzeiros. Até dia 13.

SEDA PURA & ALFINETADAS — De Leilah Assumpção. Direção: Odavlas Petti. Elenco: Clodovil, Márcia outros. Costureiro e

te horas,

Eu só sei que o CNDA vai conseguir fechar de 400 a 500 emissoras. Eu devia tomar decisões a respeito dos atores e vice-versa. É por isso que temos de depar- ções. Se ele é ator ou não eu vou dar o exemplo do Sílvio Luís. Ele tem consegui- Ninguém pensa que o Ecad é estatal. Ele se está tornando estatal.

Estado 3-9-81

Brito, arte exuberante

LÉA VINOCUR FREITAG

Para interpretar com propriedade os pouco conhecidos românticos brasileiros, pesquisar suas partituras esquecidas, dispersas em bibliotecas e arquivos, e trazê-las aos palcos e gravações é preciso ter, além do talento pianístico, sensibilidade, cultura e idealismo — qualidades que não faltam ao pianista Cláudio de Brito, modesto, introspectivo, mas exuberante em sua arte. Além da versatilidade, ele alia o requinte de camerista à sonoridade de virtuose, como demonstrou no concerto do Teatro Popular do Sesi.

Seu primeiro disco interpretando Miguez e Nepomuceno, gravado nos Estados Unidos pelo selo Eldorado, numa produção dirigida pelo pianista William Daghlian, abriu uma trilha pioneira que prossegue com Alexandre Levy e Francisco Braga, em gravação a ser lançada ainda este ano.

*Obras desses autores foram executadas com muita arte, confirmando o mérito da carreira internacional de Cláudio de Brito: Alexandre Levy (*Pensée Fugitive, *"Romance sem palavras" e* Allegro Appassionato*), Bach ("Partita nº 2") e Francisco Braga ("Romance", "Corrupio", "Segunda valsa romântica", "Os Lundus da Marquesa" e* Scherzo*).*

Em Alexandre Levy, considerado o nosso primeiro nacionalista musical (nascido, aliás, no mesmo ano de Nepomuceno - 1864), Cláudio de Brito procurou cada nota, em momentos de delicadeza e de sonoridade intensa, na fluência dos arpejos e limpidez do touché. *Bach distinguiu-se pelo* legato *e pela polifonia sonora como um sino. Estudando em Freiburg, na Alemanha, com uma cravista que também tocava órgão, Cláudio de Brito adquiriu uma técnica muito adequada a Bach, que aplicou na sua "partita". As peças de Francisco Braga expandiram uma sonoridade cheia de amplidão, das síncopes brasileiras à leveza contida e aos momentos de caixinha de música. Como extras, Brahms (*Intermezzo *op. 117 nº 2) e De Falla (*Danza del Molinero*), com todo o caráter nacional espanhol.*

Cláudio de Brito elabora a interpretação e a sonoridade dos românticos brasileiros da mesma maneira com que trata os europeus, pois os considera no mesmo nível. Os cantábiles *e destaques à mão esquerda predominam em sua execução, em que cada nota adquire vida própria, numa intensidade pesquisada criteriosamente.*

Cláudio de Brito já fez duo com grandes virtuoses, como Fournier e Ricci. Mas sua humildade de acompanhar cantores, relegando a própria carreira individual a um segundo plano, contribuiu para um enriquecimento do cantábile*: ele procura equilibrar todos os planos harmônicos, como se uma peça para piano tivesse a riqueza de um coral de quatro vozes.*

Em disco ou no palco, o pianista Cláudio de Brito tem-se dedicado à música brasileira da virada do século, quando compositores como Alexandre Levy e Francisco Braga — os dois em seu próximo LP - animavam as reuniões de salão da Monarquia e da República.

Para reviver a obra de Clorinda

Clorinda Rosato, embora conste em toda bibliografia musical brasileira por sua importância como pianista e compositora, é praticamente desconhecida do público. Incentivada por Mário de Andrade, seu professor de História da Música no Conservatório Dramático Musical, Clorinda criou uma extensa obra, caracterizada pela variedade de gêneros, que vai do erudito à harmonização de canções folclóricas. Para dar uma visão abrangente de seu trabalho, Clorinda selecionou algumas peças que ela executa hoje, às 18h30, na Biblioteca Mário de Andrade (rua da Consolação, 94), com entrada franca. Do repertório constam "Impressões de uma Missa do Ano Santo", "Passaglia em Louvor a Nossa Senhora do Carmo", "Coral", "Caximbobó", "Noturno", "Sonata", além de uma série de peças infantis e valsas brasileiras.

O recital faz parte de um trabalho da Discoteca e Biblioteca de Música, antiga Discoteca Municipal, que passou ao Departamento de Informação e Documentação Artística (Idart) em 1975 e quatro anos depois iniciou a pesquisa de compositores nacionais. Clorinda foi a primeira da lista e, como ela, outros autores pouco divulgados deverão continuar a série de recitais. Mas como informa a Discoteca, nada está definido, porque a maioria desses compositores está morta e há dificuldades para desenvolver uma programação de intérpretes.

Sua empresa não tem somente obrigações

pode ficar sem água

Do correspondente em
SOROCABA

Um rompimento ocorrido na principal adutora que abastece a cidade poderá deixar Sorocaba sem água por vários dias, a partir de hoje. Um grande vazamento foi detectado ontem pela manhã na adutora que conduz milhares de litros de água diariamente da represa de Itupararanga para a Estação de Tratamento de Sorocaba, de onde o líquido é distribuído para toda a cidade. Segundo o Serviço Autônomo Municipal de Água e Esgotos ainda não há previsão de quantos dias deverá demorar o trabalho de reparo da adutora avariada. Mas ontem mesmo já começava a faltar água nos bairros em conseqüência de uma redução sensível no volume despejado na Estação de Tratamento.

Segundo as informações da autarquia, a avaria na adutora foi causada por um pesado trator da Indústria de Cimentos Votoran, que executava obras de terraplenagem no local por onde passam os tubos de 14 polegadas, responsáveis pela captação de cinco milhões de litros diários na represa. Ontem, pela manhã, a vazão da adutora já havia sido reduzida em um terço. Isso levou o SAAE a montar um esquema de emergência para abastecer hospitais, escolas, restaurantes, supermercados e repartições públicas, caso a falta de água se prolongue por alguns dias. "Estamos com equipes trabalhando permanentemente no local, mas ainda não foi possível avaliar a extensão do vazamento, pois é necessário remover centenas de metros cúbicos de terra e barro que estão sobre a adutora", explicou o diretor do SAAE, Alberto Batista Ferreira.

Segundo ele, o reparo deve demorar pelo menos dois dias, mas como a adutora é construída em cimento terá de permanecer [illegible] por mais quatro dias. "Isso

sario, o [illegible] principais figuras da comunidade rioclarense.

Trecho da D. Pedro I recapeado pelo DER

O trecho via Dutra—Serra da Boa Vista, da rodovia D. Pedro I (SP-65), foi recapeado pelo DER. A rodovia D. Pedro I permite ligação direta da região central do Estado de São Paulo com o Vale do Paraíba e Rio de Janeiro. Registra intenso movimento de tráfego (cerca de cinco mil veículos por dia) e facilita o acesso a Igaratá, onde se localiza a represa da Sabesp formada pelo rio Jaguari, um dos principais pontos de atração turística de Bragança Paulista. No trecho recapeado, com 32 quilômetros de extensão, ainda falta melhorar os acostamentos.

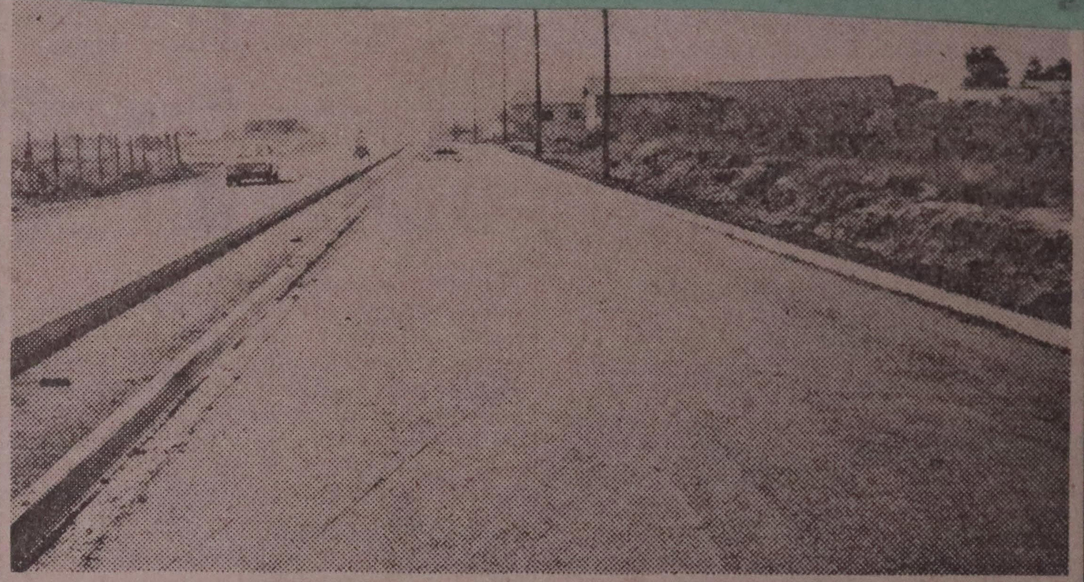


Foto Realindo Júnior

A nova avenida de Franca, já pavimentada

as estia[illegible]
Por isso [illegible]
de realiz[illegible]
com o [illegible]

Ve[illegible] pela[illegible]

Além [illegible]
Tupã, o v[illegible]
Silva, pre[illegible]
dores de [illegible]
denomina[illegible]
porque, vi[illegible]
te, critico[illegible]
de Base e[illegible]
Igreja. O p[illegible]
teiro da S[illegible]
mento apr[illegible]
son Teixei[illegible]

Ribeirão Preto não altera horário dos supermercados

Da regional de
RIBEIRÃO PRETO

Sob clima de pressão, a Câmara Municipal de Ribeirão Preto encerrou à 1h30 da manhã de ontem a votação do projeto que autorizava os supermercados da cidade a funcionar até às 22 horas. A matéria terminou negada por unanimidade. Foram 14 votos contrários, enquanto outros quatro vereadores — além do presidente, que não vota — estavam ausentes.

grande número de funcionários do Supermercado Alo Brasil, cuja direção havia anunciado que demitiria 250 deles, no caso de continuar na obrigação de fechar às 20 horas, enquanto as lojas do Shopping Center podem funcionar até às 22.

Em virtude da votação, em regime de urgência, do projeto dos supermercados, foi prejudicada a apreciação de matéria que trata da doação de área de 72 mil metros quadrados, em zona nobre, para a Prodesp (Companhia de

Telefones G[illegible]

Todos o[illegible]
ou tecl[illegible]
entrega[illegible]

GTE DO BRASIL S.[illegible]
IND. E[illegible]
DIVISÃO TELECOMUNICAÇÕES

31-12-81

Braga e Levy, dois românticos da música brasileira

Dois românticos no ótimo piano de Cláudio de Brito

CARLOS VERGUEIRO

Cláudio de Brito é um pianista que escolheu exercer sua arte exclusivamente a serviço da Música. Despreza o sucesso fácil, deixa de lado os malabarismos técnicos, não pertence aos grupos que facilitam as aparições públicas cercadas de cartazes e entrevistas longas nas quais poderia contar seus êxitos aqui ou no Exterior. Não. Cláudio de Brito trabalha sozinho, quieto, reservadamente e quando aparece ou em público ou em discos, mostra o resultado de sua introspecção, deixa fluir sua sensibilidade contida e superior, sua persistência em redescobrir obras de autores brasileiros praticamente desconhecidos do nosso público de hoje em dia. Assim sendo, já gravou para o Selo Eldorado um LP no qual executou peças de Leopoldo Miguéz e Alberto Nepomuceno. Agora, reaparece com um disco da mesma gravadora, revelando obras pouco ou nada conhecidas de dois autores importantes do nosso Romantismo: Francisco Braga e Alexandre Levy. É necessário que existam artistas como Cláudio de Brito, para que o nosso público jovem tome conhecimento de autores importantes do passado.

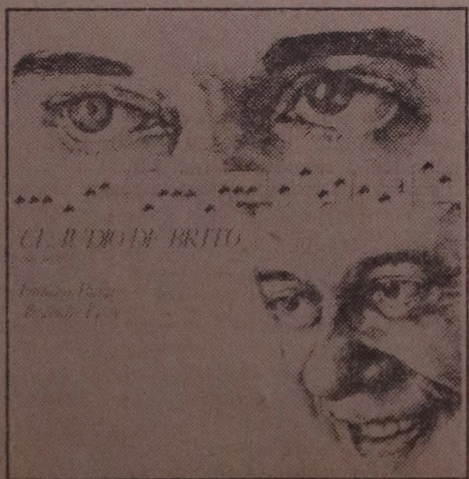
Como muito bem acentua o crítico J. Jota de Moraes na contracapa do LP de Cláudio de Brito, "o Romantismo chegou ao Brasil com atraso... basta dizer que Carlos Gomes — o primeiro compositor romântico a alcançar significativa repercussão fora do País — apenas estaria nascendo em 1836...".

Os dois compositores que figuram no LP de Cláudio de Brito, Alexandre Levy e Francisco Braga, estudaram na Europa e, quando chegaram ao Brasil para ficar, começaram a trabalhar suas obras exatamente como aprenderam com seus mestres Durand, Ferroni e Massenet, numa época em que já eram conhecidos na Europa Debussy e Mahler, para citar apenas dois grandes nomes da música contemporânea.

Cláudio de Brito gravou seu LP nos Estados Unidos, em Nova York, na Igreja Holy Trinity, tocando num Steinway da melhor qualidade. Assim sendo, pôde dar largas ao seu toque delicado, à sua sensibilidade rica em significados, apresentando as peças de Braga e Levy de forma clara, precisa e inteligentemente concatenadas do ponto de vista de fraseio musical.

Quer no "Scherzo", "Romance", "Segunda Valsa Romântica", "Hino à Bandeira Nacional" ou nos "Lundus da Marquesa" de Braga ou nas peças de Levy: "Pensée fugitive op. 4 nº 3", "Doute", "Amour passé", "Coeur blessé" ou no "Allegro appassionato op. 14", Claudio de Brito procurou chegar ao fundo — e conseguiu — do pensamento dos dois autores.

Com o disco de Claudio de Brito, o Selo Eldorado terminou o ano de 1981 dignamente. Esperamos as surpresas do Selo Eldorado para 1982; que continue a divulgar artistas nossos, compositores brasileiros e trabalhos de pesquisa tanto na música de concerto quanto na popular.



"Cláudio de Brito Interpreta Francisco Braga e Alexandre Levy" é o último lançamento do ano do Selo Eldorado. Nele estão as seguintes obras: "Schrezo", "Romance", "Os Lundus da Marquesa", "Segunda Valsa Romântica", "Hino à Bandeira", "Romance sem Palavras", "Amour Passê", "Couer Blessê," "Dout", "Allegro Appassionato" e "Pensée Fugitive"

EARL HIN
vez visita o
cantora Ma
bar "150"
Homem de
maiores ac
atlética (fo
forte perso
um dos m
excepcional
influente. u
Às 22 hora
MANO RO
sábado, a pa
ticas no L'A
200 cruzeiro
EMILINHA
tam em São
áureos de su
nhas", no O
show já foi a
entre outras
carnaval de
Ribeiro, Haro
horas e aman
PERI RIBEIR
ções do Beco
"Folias". Este
casa, onde os
significativos m
ra. De segunda
NONATO RE
música popula
músicas latina
2.140). De ter
MAGDALEN
último disco
a partir das
(al. Campina
ANA MAZ
nium, do
programa
das de au
sábado a
ORLAND
sábado, ex
músicas q
show com
46).

20,00 - CO
nia nº 45,
a regência
finta giard
Academia
Marriner).
da Serenata
Jascha Heif
e Pássaro P
Guiomar N

20,30 — M
Sola, perdu
ni; Adieu
Qual fiamm
vallo e Reg
de Donizet
21,00 — M
na Suíte,
Orquestra
mandy). 2)
Filarmônica
Spohr (Var
Zabaletta).

8,15 — C
Beethoven
2) Liszt (Fu
com Demu
9,15 — M
12,00 — RE
13,00 — C
(Quebra No
sob a regên
com a Orc
Rowicki). 3
com a Orc
16,00 — M
18.05 — M
23,00 —
(Concerto,
regência de
pela Orque

Votorantim recolhe frota de caminhões

Do correspondente em SOROCABA

Inconformado porque a Câmara não aprovou uma suplementação de verba de 18 milhões para a compra de óleo diesel, o prefeito de Votorantim, Lázaro de Góes Vieira, mandou recolher ontem à garagem toda a frota de caminhões e carros pipas da Prefeitura, suspendendo os serviços de coleta de lixo na cidade inteira e o abastecimento de água aos bairros não dotados de rede. Com isto, desde ontem um terço da população da cidade — ou cerca de 22 mil pessoas — estão sem abastecimento, enquanto o lixo começa a se acumular pelas ruas. A situação deverá permanecer dessa maneira pelo menos até o dia 4 de janeiro, quando então a Prefeitura de Votorantim poderá lançar mão das verbas previstas no orçamento de 82 para a compra de combustível, independente de autorização da Câmara.

O projeto de suplementação da verba destinada à compra de óleo diesel deu entrada na Câmara em regime de urgência no início de dezembro, tendo em vista que os estoques desse combustível começavam a escassear. Pretendia o prefeito aproveitar parte de um superávit de 22 milhões registrado no orçamento de 81, para refazer os estoques de óleo e assegurar o abastecimento da frota até o início do ano. A Prefeitura possui oito caminhões para a coleta de lixo e cinco carros-pipa para levar água aos bairros que ainda não têm redes. Mas a Câmara, constituída na maioria por vereadores adversários políticos do prefeito, apesar de convocada extraordinariamente, não votou o projeto que autorizava a suplementação. Ontem mesmo o prefeito deu ordem para que toda a frota da Prefeitura, à exceção das ambulâncias, que são movidas a gasolina, fossem recolhidas à garagem. "Não temos mais combustível. Infelizmente, seremos obrigados a paralisar todos os serviços até o início do ano por falta de verba para adquirir óleo diesel", explicou Lázaro de Góes Vieira, lamentando que a Câmara tenha-se mostrado insensível diante dessa situação e se negado a aprovar o projeto.

O vereador José Moacir Haddad, presidente da Câmara, assegura, entretanto, que a decisão do prefeito de suspender todos os serviços, "é uma manobra para lançar o povo contra o legislativo". Segundo ele, o projeto não foi aprovado porque nem todas as comissões deram o seu parecer e o prazo de lei ainda não se extinguiu. "Além disso, o óleo diesel não estaria faltando se a Prefeitura não tivesse utilizado suas máquinas para realizar obras particulares como um campo de futebol construído recentemente por determinação do prefeito em terreno de particular".

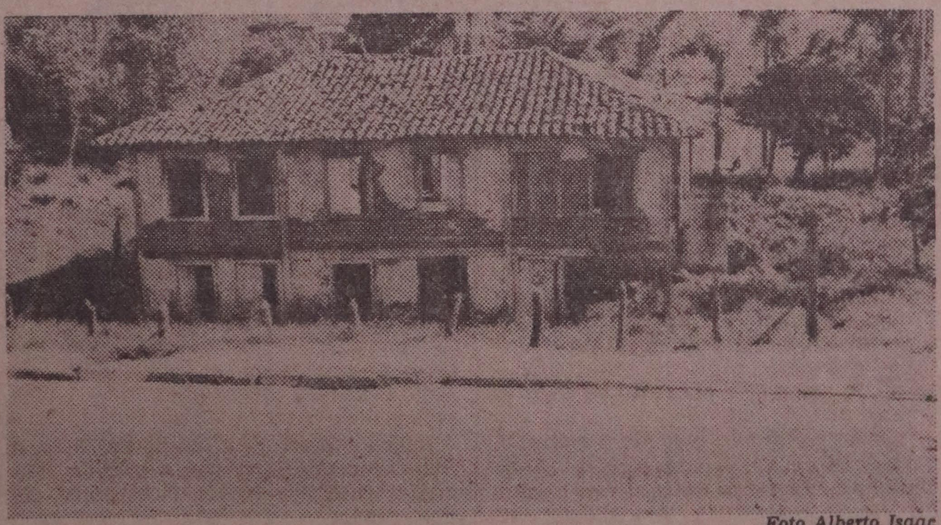


Foto Alberto Isaac

Itapetininga despreza memória

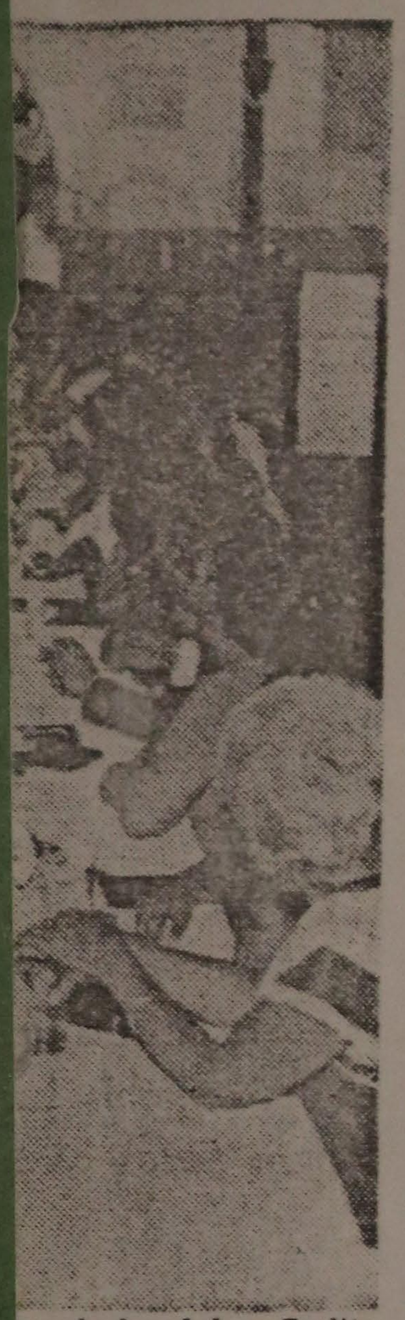
Dos correspondentes

Mato invadindo toda a área, paredes com rachaduras, portas e janelas arrebentadas. Assim se encontra o mais antigo prédio de Itapetininga, a "velha tapera assombrada" de pau-a-pique, 12 cômodos, e que foi residência do major Fonseca, prestigiado político do passado. Seus atuais proprietários adquiriram-no em 1934 por três contos de réis e agora querem vendê-lo. Fernando Prestes Neto, falecido recentemente, entrou em negociações para comprar o velho prédio e transformá-lo em sede do Museu Histórico e Pedagógico "Júlio e Fernando Prestes de Albuquerque". Com a morte de Fernando, a transação não foi concluída. Da parte da Prefeitura, ela alega falta de recursos para tal empreendimento. O assessor de Turismo de Itapetininga, Thomaz de Melo Neto, entrou em entendimentos com o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo — Condephaat — a fim de verificar a possibilidade desse órgão efetuar o tombamento do prédio. Com ele preservado, além de abrigar o museu, a Prefeitura poderia utilizá-lo para local de lazer. Até agora, no entanto, nenhuma decisão se conhece sobre o problema. O prédio está localizado no começo da rua Quintino Bocaiuva. Tem mais de 170 anos. Já foi, além de residência, armazém de secos e molhados, loja, açougue, escola, etc.

Clube de Capão Bonito

Ourinhos terá

Arakan
e Momo



geral do clube, Carlito
r, destacou o importan-
apel desempenhado pe-
ovens durante os bailes
rakan.
radialista José Roberto
s, após levantar a au-
do presidente Synésio
ra, ainda convalecendo
enfermidade, também,
u, em nome da impren-
aulistana, as lindas jo-
exaltando sua partici-
no Carnaval.

Livros
ndes Soares
EBRO QUE FALA;
ESPERA;
QUE PERDOA;
ÃO QUE CHORA.

Como?

nte o livro Vive Tua
ara o Dia de Hoje.
ira da Fonseca asse-
livro de caminhante,
no curso da viagem,
oite, viagem que ini-
anhas, além de nos-

: "O objetivo deste
nuito rica e preciosa
npos, inspiradores de
nossa vida".

s Escolhidos

bem quando se sabe
que se ama e amar

Auditório

José da Veiga Oliveira

Ao reencontro da música

"Tout ce que j'aime, j'aime le faire connaitre et partager", reflete bem recentemente o crítico Harry Halbreich (Harmonie, XII-1982, n.o 26, pg. 11). Essa pertinente reflexão conduziu-me a digredir acerca duma récita de piano a quatro mãos (Masp, 5.XII. 1979) pelo "Duo Pianístico de São Paulo": **Sylvia Maltese Moysés** e **Marlys Lopes Gatto**. Absorvido por trabalhos múltiplos, à época, não pôde o crítico outorgar cobertura ao recital, agora reexaminado em gravação K-7. Pierre Brunel assinalou mui a propósito que "on traite d'ordinaire avec une certaine condescendance le répertoire de la musique à quatre mains. Elle ne serait que de la musique de divertissement, un peu désuète aujourd'hui. Mais nous savons depuis longtemps qu'on pourrait jouer au cours des schubertiades de purs chefs d'oeuvre". (Harmonie, XI-1982, pg. 66). Sem precisão de remontarmos aos salões burgueses de Viena, o espigão da avenida Paulista testemunhou triunfantemente o êxito do "Duo Pianístico". As intérpretes ostentam incomum mestria técnica, traduzida na perfeita articulação de agógica, no brilhante e minucioso ajuste de fraseado e dinâmica. As pianistas se demoram no deslinde de obras alongadas, árduas, de enorme dificuldade, conforme se dirá adiante. Longe de nacionalista por princípio, não posso senão aplaudir uma noitada de música brasileira, instalando, na primeira parte, de Carlos Gomes, "Marcha Nupcial", seguida dum "Prelúdio à Antiga" de Leopoldo Miguez; "Valsa de Salão" ("Bonheur de vivre") do Visconde de Taunay, e o "Samba" da "Suite Brésilienne" de Alexandre Levvy, em transcrição especial. Na 2.a parte, aberta pela inócua mediocridade de um "Baião" sub-guarnieriano de seu sempiterno pupilo V. Corrêa, o socorro dum "Ciclo Miniatura" em cinco capítulos, de Nilson Lombardi, melhorou as coisas, instilando nos breves trechos a possibilidade do piano cantar liricamente. O compositor dedicou sua partitura ao "Duo Pianístico", cuja execução fluiu sem jaça nem reproche. "Brincadeira a 4 mãos" de Cláudio Santoro possui nível criativo, expansão comunicativa, muito interesse artístico. Não está datada, porém presume-se remontar à fase pré-experimental, nacionalista, do compositor amazonense. Por fim, em estréia absoluta, Sylvia e Marlys fizeram "Seis Episódios de Animais (Jogos Rítmicos)", que Almeida Prado produziu e dedicou ao "Duo". Foi a peça de resistência, duma tremenda, concentrada, soberana dificuldade, que acaba de editar-se em partitura ("Tonos-Verlag", Estugarda, Alemanha Federal). No "Bem-te-vi", jogos rítmicos entre pedais, em métrica úbiqua sobreposta, pontuam a peça com o lindo cantar do pássaro. Para "Marimbondos", lançam-se os teclados a jogos rítmicos entre valores irracionais (quiálteras), imitativos do sinistro zumbido desses insetos mordedores. "Guaiamu" (Caranguejo) exibe atmosfera seca, áspera, bizarra. A insistência na região direita, aguda, faz parecer o percutivo xilofone. "Libélula" oscila entre valores simples e compostos: atmosfera aquática, cheia de ondulações matizadas de azul-esverdeado... "Boicininga" (cascavel). Almeida Prado revê o tema que Respighi instaurara na 2.a parte das "Impressioni Brasiliane" (1928): sintético e tétrico impressionismo. "Crotalus terrificus", símbolo da morte, na fatal e peçonhenta mordedura do rétil traiçoeiro e monstruoso! Figura rítmica de colcheia, esparsos chocalhos, grupo de fusas, crescendo a cada aparição... "Xauim" (saguí), uma deliciosa sátira ao pequeno símio, ao confronto dos outros bichos. A música transtonal salta do tango à valsa, daí à polca e o dobrado... Marlys Lopes Gatto e Sylvia Maltese Moysés puseram toda a incontida excelsitude de seus dotes pianísticos para os "VI Episódios". Se Almeida Prado enriqueceu o esparso repertório pianístico brasileiro a quatro mãos, não poderia ter agido melhor do que dedicando ao "Duo Pianístico" uma partitura que de imediato se situa no mais significativo de sua obra.

DISCOS

VITALI — "Ciaconna"; PORPORA — Sonata em

MONGERAL *informa*

DIÁRIO DO SERVIDOR

DÚARTE MOREIRA

Fórum de Debates no CPP

O Centro do Professorado Paulista já iniciou a concentração de esforços para a realização do seu IV Forum de Debates Educacionais, no período de 4 a 7 de abril deste ano. Em entrevista ao DIÁRIO DO SERVIDOR, o presidente da entidade, prof. Solon Borges dos Reis, salienta que a questão funcional e salarial do professorado deverá se constituir num dos principais temas dos trabalhos.

★ **Temário** — Segundo o prof. Solon Borges dos Reis, o temário que integra o IV Forum de Debates Educacionais é diretamente extraído da realidade educacional de São Paulo e do Brasil. — "Dos quatro temas que nesses quatro dias serão debatidos, o principal, sem o qual não se pode debater nada na área do ensino, atualmente, será a decadência salarial do magistério. Além desse, os outros temas são: — "Captação de Recursos para a Educação"; Relacionamento de Pais e Mestres"; e um estudo pioneiro em nosso meio: "Doenças Profissionais do Magistério".

★ **Decadência** — O primeiro dos temas mencionados — "Decadência Salarial do Magistério" — é o que deverá concentrar as maiores atenções. — "Ao longo do mês de março — prossegue o presidente do Centro do Professorado Paulista — nas 50 sedes regionais que o CPP mantém no interior, e todas as segundas-feiras, à noite, na sede central da Capital, o assunto será estudado. Um documento básico elaborado pelos órgãos dirigentes da entidade será alvo de estudos, de exames e de debates. O que se quer assinalar é que o magistério, hoje, ganha menos do que já ganhou e que o seu salário está em decadência, não só porque o magistério integrava a classe média, que está sendo diminuída na ordem salarial, como também porque o magistério, dentro dessa mesma classe média, está sendo mais proletarizada do que as outras categorias da mesma classe social."

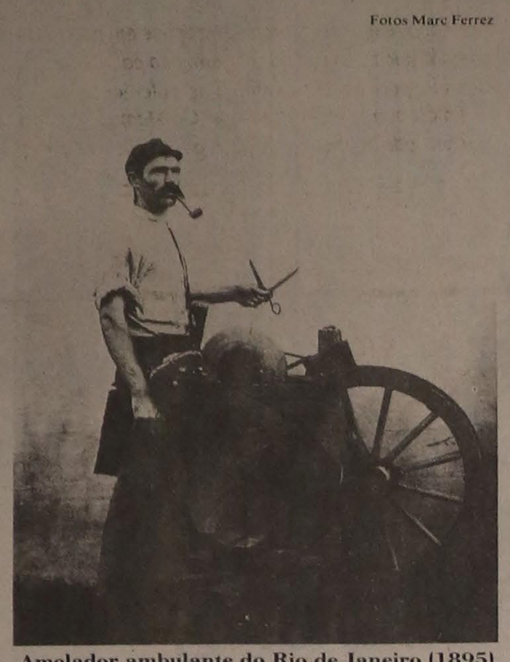
★ **Lutas** — A questão o trabalho do professor, mas que o trabalho do professor tem que ser pago também com dinheiro. Não há dinheiro que pague este trabalho porque ele é fora de série. Ele é feito com o futuro, é feito com a criança. Ele é que diferencia o professor dentro da sociedade. Ele é que acarreta para o professor todas as homenagens e consideração social que costuma receber, mas fora do seu trabalho — trabalho que ele não pode, por isso mesmo, relaxar; que ele deve, em qualquer circunstância, executar da melhor maneira possível. Fora desse trabalho, o professor é uma criatura humana como outra qualquer, inserida num contexto sócio-econômico que ele não inventou, mas ao qual não pode fugir. E, para o professor, tudo custa tanto quanto custa para as demais criaturas humanas. Por isso, com esses encargos, embora não haja dinheiro que pague o trabalho do professor, o trabalho do professor tem que ser pago em dinheiro. Por isso, quando nós levantamos as nossas reivindicações, nós nunca o fazemos na base do que seria merecido, mas sim, na base do que é absolutamente necessário. Do mínimo imprescindível e básico que o Estado pode e deve pagar."

★ **Inflação** — Dentro desse quadro, a reivindicação mínima do funcionalismo, e também dos professores, seria um reajuste com base no índice inflacionário. — "Todos os candidatos ao Governo do Estado — diz Solon Borges dos Reis — comprometeram-se a assegurar ao funcionalismo paulista um reajuste periódico, semestral, sempre

Esplendores e misérias do reformismo tardio

LUIZ FELIPE DE ALENCASTRO
Especial para a **Folha**

Fotos Marc Ferrez



Amolador ambulante do Rio de Janeiro (1895)

Reprodução

Grupo de caçadores de índios posa para foto em Santa Catarina (1920)

Vendedor de bengalas e guarda-chuvas (à esq.), funileiro e vendedor ambulante de mocotó (à dir.), no Rio de Janeiro (1895)

Há, no ocaso do império, todos os ingredientes de um denso drama político. Uma monarquia respeitada dentro e fora das Américas, lúcida sobre suas fraquezas e magnânima com seus inimigos republicanos, dotada de consistente prática parlamentar, protela longamente reformas que sabe indispensáveis, as quais, uma vez consentidas e implementadas, acabam por derrubá-la.

Na sua "Fala do Trono" de 3 de maio de 1888 ao parlamento, em prenúncio do projeto de abolição sem indenização da escravidão —medida que esfarelava o último pilar do império— a princesa Isabel, então Regente, diz, entre a resignação e o desafogo: "A extinção do elemento servil (...) é hoje aspiração aclamada por todas as classes (...) confio que não hesitareis em apagar do direito pátrio a única exceção que nele figura em antagonismo com o espírito cristão e liberal de nossas instituições". Ao apresentar em 7 de junho de 1889 seu programa de governo, que seria o último do império, o visconde de Ouro Preto é recebido pelos gritos de "Viva a República", lançados por deputados. Indiferente aos apupos, afirma sua recusa ao expediente "da violência ou repressão" contra os republicanos, apostando que o parlamentarismo monárquico podia "satisfazer todas as exigências da razão pública esclarecida" ao implementar largas reformas "inspiradas na escola democrática".

Há um certo panache histórico na maneira com que o império entrou na correnteza reformista que iria lhe quebrar o pescoço. De fato, as medidas graduais de liberalização perpetuaram as classes dominantes, mas enterraram o regime. O atraso que o império acumulara não seria reabsorvido pelo reformismo tardio.

Hoje, do outro lado do Atlântico, boa parte dos brancos sul-africanos desconfiam que o reformismo do atual governo de Pretória também acabará mal. Confirma-se a maldição do reformismo tardio, expressa na autocrítica de um aristocrata da Etiópia, após a revolução de 1974, que derrubou o império do "Rei dos Reis": "Posto que era a imobilidade que nos sustentava, não devíamos ter encetado nenhuma reforma".

Como surge o vírus que mata os regimes? No império, não resta dúvida de que o erro foi a protelação do tráfico negreiro até 1850 e a consequente continuação da escravidão até 1888. E nos regimes republicanos instaurados após o 15 de novembro?

Não é certo que a atual crise social brasileira se transforme numa radical crise de regime. Se isso ocorrer, a origem do terremoto estará nos efeitos longínquos de uma medida há cem anos postergada: a reforma agrária.

Quando o império começou a ranger, liberais revolucionários dirigidos por Joaquim Nabuco e André Rebouças perceberam que era preciso eliminar a herança perversa do escravismo: "Precisamos ... empregar no trabalho rural toda essa população inativa, privada de trabalho e para o gozo da qual deveremos reconquistar a terra de que a escravidão fez um monopólio, por meio de um novo imposto —o imposto territorial (...) Não separarei mais as duas questões —a da emancipação dos escravos e a da democratização do solo.", declarava Nabuco em 1884. Cem anos se passaram e o imposto territorial só serviu para cobrir fraudes que consolidaram o latifúndio. Anunciada com estardalhaço pela "Nova República", a reforma agrária continua, como outrora as leis imperiais que "proibiam" o tráfico negreiro, uma medida "para inglês ver". O atraso agrário contamina todas as relações trabalhistas. Em 1989, mais de 1/3 dos trabalhadores urbanos e mais da metade dos trabalhadores rurais não tem carteira de trabalho assinada.

Ronaldo Caiado escreveu há meses que a campanha pela reforma agrária veio "tumultuar" o campo onde proprietários e camponeses coabitavam "pacificamente". Um texto de Oliveira Vianna, escrito quando os autoritários davam pouca importância às eleições, e por isso não tinham papas na língua, dá uma interpretação mais realista do processo de expansão do latifúndio. Foi em cima da extinção dos indígenas, da desapropriação violenta dos camponeses e de subsídios públicos que se cultivaram as supersafras que hoje empolgam o ministro Íris Rezende. Por mais que os economistas nos provem por A + B que a reforma agrária é hoje uma reforma secundária, os efeitos sociais das distorções agrárias continuam estourando o tecido nacional. O estouro é às vezes trágico: procure-se entre os mortos do desabamento da favela "Nova República" no Morumbi e se encontrarão filhos e netos de camponeses expulsos do interior; procurem-se os empreiteiros e proprietários dos prédios de "alto padrão", em volta da favela, e se encontrarão filhos e netos de latifundiários. Eis a sombra secular que pesa sobre o centenário da República.

LUIZ FELIPE DE ALENCASTRO, 43, é historiador, pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap) e professor do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

FRASES DE ONTEM E HOJE

"Nós somos brancos."

[Texto enviado pelo ministro José Bonifácio de Andrada ao governo britânico em 1823]

"O Brasil é pobre e não é branco."

[Discurso de Joaquim Nabuco na campanha eleitoral para a Câmara em 1884]

"Não recuar, não parar, não precipitar."

[Lema do ministério dirigido pelo senador Dantas, na discussão sobre a escravidão, quando se preparava a lei dos Sexagenários, em 1884]

"Meu governo promoverá uma abertura política lenta, segura e gradual."

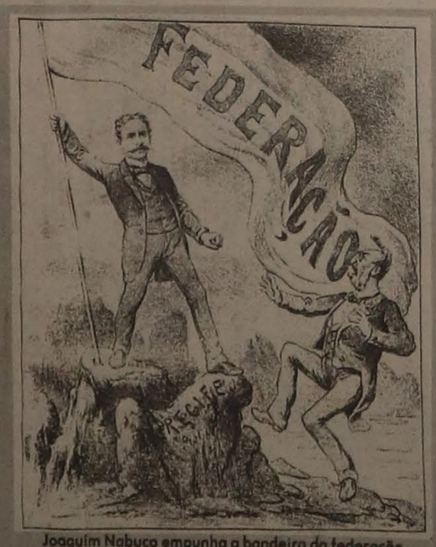
[Presidente Ernesto Geisel, em 1974]

"Vossa majestade terá notado que em algumas províncias agita-se uma propaganda ativa, cujos intuitos são a mudança da forma de governo. É mister não desprezar essa torrente de idéias falsas, cumprindo enfraquecê-la, inutilizá-la. Os meios de consegui-lo não são os da violência: reformas não devem ser adiadas, para não se tornarem improfícuas. O que hoje bastará, amanhã talvez seja pouco."

[Visconde de Ouro Preto, último presidente do Conselho de Ministros do império, em 7 de junho de 1889]

"É preciso que todos se convençam da necessidade de perder um pouco agora para não perder tudo depois, com a desordem da economia."

[Ministro Mailson da Nóbrega, em discurso na Fiesp dirigido ao grupo de empresas brasileiras de capital estrangeiro, em 4 de outubro de 1989]



Joaquim Nabuco empunha a bandeira da federação, diante do espanto do visconde de Ouro Preto, chefe do Gabinete Ministerial do Império

"Senhores, a emancipação imediata com indenização é uma tolice. Não temos meios para preencher o nosso déficit orçamentário anual. Onde é que iremos buscar 600 mil contos para resgatar os escravos? Entretanto, proclamado o direito de indenização, os escravos, para serem livres, teriam que esperar que as finanças do Brasil se consertassem? Não há nada que nos obrigue a continuar uma prática reputada criminosa pelo mundo inteiro, somente porque não temos dinheiro para desapropriá-la. Senhores, o Brasil não é bastante rico para pagar o seu crime!"

JOAQUIM NABUCO (1884)

"Se a abolição se fez entre nós sem indenização, a responsabilidade não cabe aos abolicionistas, mas ao partido da resistência. O meu projeto primitivo, em 1880, era a abolição para 1890, com indenização. Todos pensavam, ou que a abolição arruinaria a lavoura e o crédito do país, ou que o Brasil não era rico o bastante para pagar a libertação moral do seu território. Podia haver abolicionistas contrários à indenização; de fato, os houve; mas podiam eles, acaso, votar contra uma lei de abolição imediata?"

JOAQUIM NABUCO (1900)

O radicalismo oculto de Nabuco

Da Redação

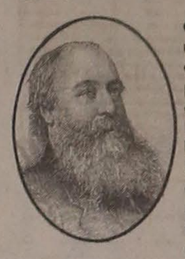
Joaquim Nabuco (1849-1910) foi o exemplo máximo de que as aspirações republicanas e o ideal abolicionista não andaram sempre juntos, nos anos que antecederam a queda do império. Nabuco era membro de uma das famílias da aristocracia pernambucana e filho de um importante ministro e chefe do Partido Liberal.

Dedicou mais de 40 anos de sua vida à agitação política e à diplomacia. Em seus mandatos parlamentares —foram três entre 1879 e 1888—, transformou-se num dos líderes da campanha pela abolição, tema que o ocupou quase exclusivamente. Tentou ainda convencer d. Pedro 2º a introduzir reformas federalistas que poderiam ter sido a tábua de salvação do império. Com a proclamação da república, afastou-se temporariamente da vida política.

Depois de rejeitar durante 10 anos os convites para colaborar com o novo regime, cedeu aos apelos dos republicanos e teve participação direta na disputa das fronteiras com a Guiana Inglesa, atendendo um pedido de Campos Salles. Posteriormente, foi doutrinário do panamericanismo e embaixador em Washington (1905).

Durante a campanha para as eleições legislativas de 1884, em que era candidato a deputado geral —hoje deputado federal— Nabuco fez inflamados comícios em Recife. Sobre a campanha, disse mais tarde: "Foi o melhor período da minha vida". Num de seus discursos, assumiu as posições mais consequentes do movimento abolicionista, encampando até a proposta de reforma agrária defendida por seu amigo André Rebouças, um engenheiro negro e militante abolicionista. Foi nesse contexto de radicalização do movimento antiescravista que Nabuco combateu a idéia de abolição com indenização aos proprietários de escravos, por julgá-la inexequível. Em 1900, já transformado em "pai da pátria", publicou sua autobiografia, "Minha Formação". Ao rememorar sua participação na campanha abolicionista, falsificou as posições que havia tomado em 1884, atribuindo a terceiros suas declarações radicais de então. Acima, os dois textos de Nabuco que se contradizem.

FIGURINO - A mulher elegante da virada do século não podia dispensar o espartilho (armação de fitinhas de aço ou de barbatanas, usado para realçar a silhueta, apertando a cintura e elevando os seios) e as saias longas (para não arrastar a cauda no chão, as damas apanhavam a saia por trás com a mão e a seguravam na altura da coxa). Da cintura para cima, o corpo deveria ser projetado para a frente e da cintura para baixo, "empurrado" para trás. Na foto, um "modelito" para inverno da loja "A Brasileira", em "fino tecido de pura lã e jacquette russa".



CIÊNCIA - Morreu, em 11 de outubro de 1889, próximo a Manchester, o físico inglês James Prescott Joule (foto). Nascido em 1818, sua saúde delicada o impediu de seguir a escola normalmente. Estudou com a mãe até os 15 anos, quando foi para Manchester estudar química com John Dalton. Seus primeiros trabalhos lidam com magnetismo. Aos 24 anos, Joule formulou a lei que leva seu nome, relativa à quantidade de calor liberada por um condutor atravessado por corrente elétrica. Hoje, o nome da unidade física para trabalho ou energia, no sistema internacional de medidas, leva o nome do cientista inglês. Cada joule equivale a cerca de 4,18 calorias.

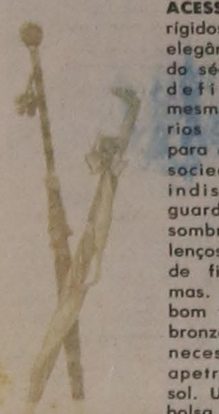
CALOR - O calor no verão do Rio de Janeiro em 1889 era tanto, que uma simples tempestade virava notícia de jornal. A "Revista Illustrada" de fevereiro trazia uma charge (foto), mostrando o "grrrrrrrrrande acontecimento da semana". Não chovia havia dois meses e o calor agravava os casos de febre amarela (representada na ilustração pela caveira com um guarda-chuva).

COMÉRCIO - A antiga rua da Imperatriz mudou de nome para rua 15 de Novembro (foto) e, formou, com as ruas Direita e São Bento, o principal centro de compras de São Paulo. Nela, concentravam-se os bancos, as lojas de roupas mais elegantes da cidade, os cafés e as redações dos principais jornais ("O Correio Paulistano", "O Estado de S. Paulo" e "Platéia").

Colaboraram para a edição deste caderno Luiz Felipe de Alencastro e Paul Singer (consultores).
A pesquisa bibliográfica foi realizada nas seguintes instituições: Biblioteca Municipal Mario de Andrade, Biblioteca do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, Biblioteca do Departamento de História da USP, Sociedade Numismática Brasileira, Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Departamento de Documentação da Editora Abril, Fundação Getúlio Vargas e Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap).

SELOS - Os selos no final do Império estampavam a figura de d. Pedro 2 (no primeiro, com a barba ainda negra e, no segundo, já envelhecido). Em 1889, foram postadas 43.528 cartas e 637.400 telegramas. Atualmente, circulam pelo correio, por ano, cerca de três milhões de cartas e 30 milhões de telegramas. As comu longa distância foram das com a ligação Europa, através do tel marino. Em 1874, mens Pedro 2º para o papa rainha Vitória e o Guilherme 1º inaugura sistema, implantado p do barão de Mauá, Iri lista de Sousa.

CHARUTOS - Os charu ros tinham boa fama mundo. Entre as maio estavam a Costa Ferre em 1892 (foto), a Bore Penna. Acreditava-se especial dos charutos devia-se ao fato de se dos nas coxas de mulata



ACESS rígido elegâ do sé defi mesm rios para socie indis guard somb lenço de f mas. bom bronz neces apetr sol. U bolsa e um à mão mend

NOTAS - As cédulas (foto) mudaram po proclamação da Repú trocados apenas o Pedro 2º (substituída p de colheita), o nome deixou de ser "Império passou a ser "Estado Brazil") e o escudo (trocado pela figura d ça). As notas brasi feitas na Inglaterra ou n

PATROCÍNIO - A part abolicionista José d (foto), conhecido com Negro da Abolição", dedicar também à cau na. Eleito vereador, declarando proclamad e hasteou, na sacada ("A Cidade do Rio"), bandeira republicana, deportado para Cucuí acusado de participa movimento contrário a Floriano Peixoto.

MODA - Se o Brasil já tinha conquistado a independência política havia 67 anos, no campo da moda vivia-se ainda no mais perfeito colonialismo. Para ser elegante, era preciso importar, tecido (foto). As loj nomes estrangeiros, d franceses, para atrair transeunte desatento poderia se julgar apenas lesse os carta Marché", "Au Printem Dame de Paris" etc.

JORNAL DA MÚSICA

SÃO PAULO — BRASIL
ANO 9 — N. 53 — 1986

RUA FRANÇA PINTO, 64 — CEP 04016
PABX (011) 549-7388 — Caixa Postal 380

Carl Maria Von Weber 1786-1986

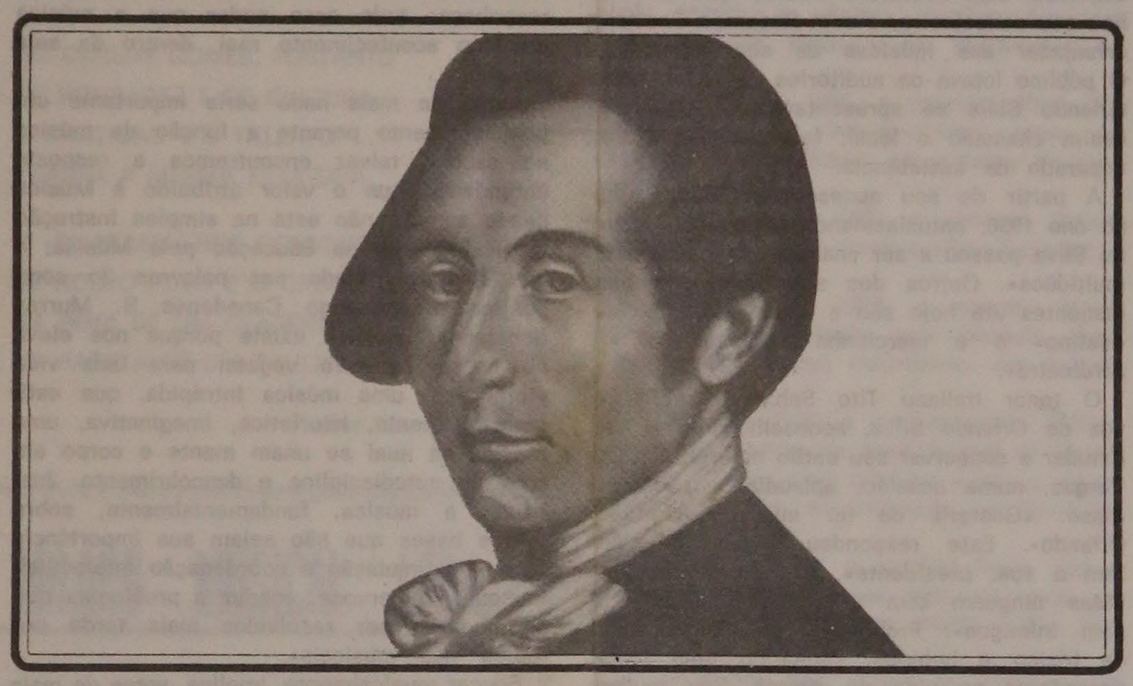
Franz Anton Weber, músico que tocava violino e contrabaixo, teve uma vida inconstante. No ano 1786, vivendo em Eutin, na província alemã de Holstein com sua segunda mulher, nasceu em 19 de setembro 1786 seu filho Carl Maria. Por pouco tempo a serviço do bispado de Hildesheim, Franz Anton Weber, com sua mania de grandeza, conseguiu «promover-se» aristocraticamente, colocando «von» à frente do sobrenome, o que nunca foi comprovado legalmente. A seguir, a família passou por muitas cidades da Alemanha e Áustria, já que Franz Anton chefiava uma companhia teatral ambulante.

O menino Carl Maria, de fraca resistência física, estudou música inicialmente com o pai. Em 1797, o grupo teatral passou uma temporada em Salzburgo, a terra de Mozart, que esteve casado com Konstanze, prima de Carl Maria, porém os primos nunca se conheceram. Michael Haydn, irmão de Josef, organista e compositor na corte diocesana de Salzburgo, ensinou ao jovem Carl Maria piano, contraponto e canto. Lá, o rapaz compôs «Fughettas», seu opus 1, dedicado ao irmão. Ele teve também oportunidade de conhecer Sigismund Neukomm, discípulo de Michael Haydn, que viveu mais tarde no Rio de Janeiro, na corte de Dom João VI.

Em 1798, Carl Maria perdeu sua mãe e a irmã mais nova. A seguir, o jovem iniciou sua primeira turnê como pianista. Convém registrar a notável extensão de suas mãos, que muito facilitaram a execução de peças difíceis para piano.

Em Freiberg, na Saxônia, seu pai o estimulou a compor a partitura da ópera romântica e cômica «Das Waldmädchen» (A garota do bosque), que agradou aos jovens da cidade. Além de escrever peças para piano e canções, Carl Maria compôs no ano 1803 a ópera «Peter Schmoll», cuja estréia se deu em Augsburgo.

Em 1804, durante curta presença em Viena, Carl Maria recebeu convite para ocupar o cargo de regente no teatro de Breslau, na Silésia. Lá, o jovem de 18 anos de idade, esteve à frente de uma orquestra de 46 músicos, tomando íntimo contato com a música lírica. Após servir no castelo de Carlsruhe, Carl Maria mudou-se para Stuttgart, assumindo o cargo de secretário na corte do duque Ludwig, compondo ainda suas duas sinfonias, peças orquestrais e para piano, uma cantata e canções.



Em 1810, com a vinda do pai a Stuttgart, o mesmo é acusado de negócios ilegais e ambos são expulsos de Württenberg. Surge novamente um período de viagens e concertos em diversas cidades. Aumenta o acervo de suas obras, infelizmente mal pagos pelos editores. Após apresentações em Munique e na Suíça, Carl Maria chega a Praga em 1813, onde passa a dirigir a Ópera Alemã da cidade, cuidando também das funções de diretor artístico, coreógrafo e figurinista.

Em Dresden

Finalmente em 1817, Carl Maria von Weber consegue o cargo efetivo de maestro na corte real e inicia seu sonhado plano de criar a verdadeira ópera alemã. À frente da orquestra, como novidade, usa a batuta, além de mudar a colocação dos músicos. Seu serviço é intenso devido às encomendas da corte, destacando-se entre essas obras sua «Jubelouverture», que finaliza com a canção patriótica «Heil Dir im Siegerkranz» (Salve Vencedor), cuja melodia é também o Hino Britânico.

Outra das suas peças daquela época é a valsa «Convite à Dança».

Der Freischütz

Em 1820, ele compôs a ópera «Os 3 Pintos», que ficou inacabada e concluiu «Der Freischütz» (O Franco Atirador). Com libreto de Friedrich Kind, se baseou na obra literária «Livro de Fantasmas». O caçador Max, seguindo a tradição, deve dar um tiro, como prova, para conquistar sua noiva Agathe. Seu rival Caspar prepara balas de efeito circular para provocar a morte da moça. Um eremita, com ajuda do céu, consegue o desvio do último tiro e, após um ano, realiza-se o almejado casamento. A estréia da ópera, com grande sucesso, teve lugar em Berlim na ano 1821. Estiveram presentes o casal Mendelssohn com o filho Felix, o poeta Heinrich Heine e o compositor-escritor E.T.A. Hoffmann.

No mesmo ano estreou ainda a ópera «Preciosa» de Weber e em 1823, em Viena, apresentou-se pela primeira vez sua ópera «Euryanthe». Lá, o compositor teve contato com Beethoven. Convidado para escrever uma ópera inglesa, Weber compôs «Oberon». Já bastante doente de tuberculose, aguardando sua morte, insistiu a preparar sua encenação em Londres, onde obteve grande êxito. A estréia se deu em 12 de abril 1826. Weber faleceu na capital da Inglaterra no dia 05 de junho, onde foi sepultado. Somente em 1844, graças aos esforços de seu admirador Richard Wagner, os restos mortais de Weber foram transladados para Dresden.

O Homem

Pouco se sabe a respeito de sua vida íntima. Weber teve amizades com cantoras e atrizes dos diversos teatros onde atuou. Em Praga conheceu a cantora Caroline Brandt, com quem se casou em 1817. Seu primeiro filho, Max Maria von Weber (1822-81), engenheiro ferroviário, é autor de uma biografia do pai.

Weber gostava de dançar. No livro «História da Dança», de minha autoria, consta: «No carnaval de 1814 organizou um cortejo que representava o triste fim da festa. Os músicos levavam os instrumentos escondidos e nos seus gorros havia um letreiro «Basta de tanto dançar». Seguia um gordo taverneiro — Weber em pessoa — com um bolinho na boca e um letreiro «Satisfeito de comer, beber, satisfeito de dançar». Encerravam o cortejo 3 mascarados, representando a bancarrota, a ressaca e a casa de penhores».

As Obras

A obra mais conhecida de Weber é, sem dúvida, a valsa «Convite à Dança». Inspirado no poema de Théophile Gautier «Soulève la paupière close qu'affleure um songe virginal, je suis le spectre de la rose que tu portais hier ao bal», Weber compôs a valsa «Aufforderung zum Tanz» (Convite à Dança), dedicando-a à Carolina Brandt, sua noiva.

Em 1841, Hector Berlioz transcreveu a peça para orquestra. Como bailado, intitulado «O espectro da rosa», tornou-se célebre pela interpretação de Karsáwina e Nijinsky; estreou em Monte Carlo no ano de 1911 com coreografia de Fokine.

Das suas aberturas convém registrar «Preziosa», baseada em motivos espanhóis. Pouco conhecidas são suas duas sinfonias, dois concertos para piano e outros para instrumentos de sopro. Da música de câmara destaca-se o Quinteto para clarinete e o Trio para piano, flauta e violoncelo. Para piano, Weber compôs 4 sonatas, Variações, Grande Polonaise brillante etc. Entre a música coral e vocal constam missas, cantatas e numerosas canções.

Luis Ellmerich

Bibliografia: Carl Maria von Weber — Romantiker im Aufbruch (Günter Zschacke), História da Música e História da Dança (Luis Ellmerich).

INDICE

	Pág.
Palavra do leitor	3
Concursos	3
Dos conservatórios	3
Entrevista	12
Novidades em gravações	12
Publicações recebidas	12

GRUPO VITALE

Irmãos Vitale Editores
Lex Editora S/A

Vitale Eletrônica
Casa Bevilacqua

Com o sentimento de profunda fraternidade, voltamos os nossos pensamentos e melhores votos para todos os nossos amigos e colaboradores, desejando-lhes um 1987 repleto de Paz e Felizes Realizações.

Notícias da Paraíba

O nosso leitor, o musicólogo Domingos de Azevedo Ribeiro, está presidindo o Instituto Paraibano de Genealogia e Heráldica e nos envia constantemente notícias sobre o ambiente cultural de seu Estado. Um dos seus numerosos trabalhos é «Coriolano de Medeiros e a Música». Este, ainda jovem, pertenceu à Banda do Clube Astréa. Depois passou a tocar no Clube Symphonico da Parahyba, fundado em 1902 e primeira orquestra sinfônica. Ele é autor da música e da letra do «Canto do Serenateiro». Registra-se sua afirmação: «A música suaviza as amarguras da vida e exalta o amor».

Outro ensaio de Azevedo Ribeiro intitula-se «Paulo Bezerril — O magistrado, o professor, o músico, o homem da sociedade». Quando juiz da Comarca de Itaporanga ,ele fundou ali uma banda de música, participando como flautista. Foi também primeiro presidente da Orquestra Sinfônica da Paraíba, criada em 1945, composta inicialmente por amadores. Paulo Bezerril compôs os hinos oficiais dos municípios Pilões e Solânea, além de modinhas, choros e valsas.

Num artigo, publicado na imprensa de João Pessoa, Azevedo Ribeiro registra a história do Teatro Recreio, hoje Minerva, em Areia. Construído em 1859, quase foi destruído na época da revolta do Quebra-quilo (1874). Lemos: «A música salvou o Teatro de destruição total, ante a fúria dos revoltosos. Os amotinados dançaram e cantaram ao som da Banda Phenix Musical de Areia, em frente ao teatro, onde a música exerceu forte contingente de despistamento emocional, impedindo a demolição do edifício.

Carlos Gomes na Paraíba

Em outro artigo, publicado no dia 11 de julho, nascimento de Carlos Gomes e consagrado aos Mestres de Banda, Azevedo Ribeiro descreve a passagem do compositor campineiro por João Pessoa. Como se sabe, em 1895, Carlos Gomes foi convidado pelo governador Lauro Sodré para dirigir o Conservatório de Música do Pará. Antes de se fixar em Belém, Carlos Gomes teve de voltar à Europa para acertar sua volta definitiva ao Brasil. Embarcando em Belém no navio «Brasil», chegou no dia 11 de julho do referido ano em Cabedelo. Recebido por uma comissão do Club Euterpe, foi conduzido de trem a João Pessoa, onde o esperava uma banda de música. Após as homenagens, recebidas pelas autoridades locais, Carlos Gomes visitou o Teatro Santa Roza e o Convento de São Francisco, voltando no mesmo dia ao navio. Na despedida, emocionado, o compositor falou: «Deixo esta terra com a alma banhada de saudades e o coração mais brasileiro ainda».

JORNAL DA MÚSICA

Ano 9 — N.º 53 — 1986

EDITORA IRMÃOS VITALE

Diretor responsável:
AFFONSO VITALE SOBRINHO

Redator:
LUIS ELLMERICH

Colaboração:
THOMAZ VERNA

Coordenação:
MARILIS BURATO

Tiragem bimestral de 12.500 exemplares
Distribuição gratuíta para todo o Brasil e Exterior

A publicação de colaborações depende do critério da redação. As mesmas deverão ser escritas à máquina, não passando de 40 linhas.

Impressão: IRMÃOS VITALE

Rua França Pinto, 64 - Tel.: 549-7388
São Paulo - SP - CEP 04016

Orlando Silva, O Cantor das Multidões

No ano passado registramos o lançamento de um livro homônimo, de Rui Ribeiro (Ed. Cruzeiro do Sul). A seguir, Jonas Vieira foi vencedor da monografia, promovida em concurso pelo INM da FUNARTE (235 pgs. ilustradas). Orlando Silva nasceu em 1915 no subúrbio carioca de Engenho de Dentro, perdendo o pai aos três anos de idade. Trabalhou inicialmente como trocador de bonde, onde, num acidente teve os dedos do pé cortados. A partir de 1934 começaram seus sucessos no rádio, destacando-se a peça «Lábios que beijei». Ele conviveu com Francisco Alves, que se tornou seu conselheiro, e com Radamés Gnattali, arranjador das músicas de seu repertório. O público lotava os auditórios de rádio, onde Orlando Sivla se apresentava no «aquário», assim chamado o local, fechado com vidro, separado da assistência.

A partir de seu sucesso em São Paulo, no ano 1938, entusiasmando o público, Orlando Silva passou a ser chamado o «cantor das multidões». Outros dos seus sucessos permanentes até hoje são a valsa «Capricho do destino» e a marchinha carnavalesca «A Jardineira».

O tenor Italiano Tito Schipa apreciou a voz de Orlando Silva, aconselhando-o a não estudar e conservar seu estilo natural. Getúlio Vargas, numa ocasião, aplaudindo o cantor, disse: «Gostaria de ter sua popularidade, Orlando». Este respondeu: «Mas ninguém tem a sua, presidente». Getúlio sentenciou: «Mas ninguém tem a sua popularidade e sem inimigos». Problemas de dentes, uso de tóxico e bebidas, causaram uma longa decadência na vida do cantor. Sua mulher Lourdes conseguiu seu restabelecimento e em 1952 ele voltou a cantar em rádio. Seu falecimento se deu em 1978. O livro inclui completa discografia.

NUNCA É TARDE

«Alguém falou-me que eu já estou velha para escrever livros. Respondi: Se sou velha, não estou morta. Quem canta, os males espanta. Para prova indico que Verdi compôs seu «Ave Maria» aos 85 anos de idade». Palavras de Elvira Escudeiro de Almeida, nossa leitora, que nos enviou seus trabalhos publicados. São cadernos, intitulados «Coletânia da Amizade», «Histórica Visão» e «Tintim». Em todos seus escritos, a autora, viúva de oficial da Polícia Militar, revela patriotismo e religiosidade. Dona Elvira também coloca seus versos em música. Ela compôs o hino «Terra gigantesca», a «Valsa das Mães» e «Mirei» (valsa lenta). Eventuais interessados poderão dirigir-se à escritora-compositora: Rua Francisco Miquelina, 177, ap. 34 - CEP 01316 - São Paulo.

República das Carretas

Barbosa Lessa, notável folclorista, entre cujas obras se destacam «Cancioneiro do Rio Grande», «Coletânea de Canções gaúchas» e «Manual de Danças gaúchas», além das conhecidas canções «Negrinho do pastoreio» e «Quero-Quero», motivado pelas comemorações da Revolução Farroupilha, acaba de publicar seu recente trabalho (Ed. Tchê, 162 pgs.). Com referência a Bento Gonçalves, lemos: «Dando exemplo de seu ideal democrático republicano, dançou no meio dos escravos ao som de tambores tibitibi e cangenguera». Em outra ocasião, a Tirana do Lenço é acompanhada pelo famoso violeiro Juvenal Fernandes. Em Piratini, capital dos Farroupilhas, o maestro José de Mendanha estréia seu Hino Rio-Grandense.

OS BEM-TE-VIS DA CATEDRAL

O Padre João Marcos Porto Marciel, mestre-capela da Cadedral de Novo Hamburgo, está comemorando seus 25 anos à testa do Coral dos Meninos Cantores da cidade. Celebrou-se solene Pontifical, executando a Missa em Ré maior de Valentim Rathgeber para coro, orquestra e solistas, além de «Ecce Sacerdos Magnus», de autoria do Padre Porto Marciel, dedicado a D. Sinesio Bohn, bispo local. No fim do ano será apresentado «As 7 Antifonas do Ó», também do Padre Porto Marciel, composto para coro, orquestra de cordas e órgão.

A Educação Musical na Escola

A criação da carreira de Educação Artística foi uma justificativa bem elegante para acabar com a saudável mas chata disciplina Música nas escolas. Desde todos os tempos, grandes filósofos e educadores reconheceram na música poderes benéficos para o ser humano e à sociedade através de frases como esta «O temperamento de um homem deve ser despertado pelos cantos, estabelecido pelas formas e completado pela música» Confucio.

Nenhum diretor de escola ou secretário de educação teria coragem de negar esta concepção ancestral; só que parece difícil reconhecer todo esse poder que a música tem, no acontecimento real, dentro da sala de aula.

Antes de mais nada seria importante um posicionamento perante a função da música na escola, talvez encontremos a resposta entendendo que o valor atribuído à Música desde sempre não está na simples instrução musical e sim na Educação pela Música, o que fica reafirmado nas palavras do compositor e pedagógo Canadense R. Murray Schafer «A música existe porque nos eleva do nosso cativeiro vegetal para uma vida vibrante... uma música intrépida, que estimule a mente, heurística, imaginativa, uma música na qual se unam mente e corpo em atos de autodisciplina e descobrimento. Justificar a música, fundamentalmente, sobre outras bases que não sejam sua importância para a estimulação e coordenação intelectual, muscular e nervosa, conduz a problemas que só poderão ser resolvidos mais tarde por meios não musicais».

Educar musicalmente, implica, antes de mais nada, em desenvolver a sensibilidade, a atenção, a motricidade, conduzir à vivência, à organização intelectual, à estruturação interior, permitir a expressão, a liberação, a autodisciplina; evidentemente, estamos longe do aprendizado daquelas bolinhas pretas sobre a pauta musical, daqueles solfejos decorados ou daquelas repetições incansáveis dos hinos pátricos.

Poderíamos considerar o que foi dito como a exposição da Finalidade da Educação Musical, sendo agora necessário fixar objetivos mais preciosos para a sua concretização, entre as quais: a) permitir ver o fato musical como um todo, b) entender o processo musical a maneira de penetrar nele como ouvinte, executante ou criador consciente e participante e c) desenvolver potencialidades sensoriais, motoras e intelectuais que capacitem para o fazer musical e a vida em geral.

É depois de um posicionamento consciente que nos preocuparemos com como colocá-lo em prática. Primeiro o que fazer, depois como fazer. Se esta colocação encerra uma lógica, não tem sido esta a atidude geral dos professores da área, que por comodismo ou desorientação, tem procurado massivamente atividades prontas para se desenvolver na sala de aula.

Na Escola Nova, não se discute que é atividade o elemento produtor do aprendizado, mas esta só terá coerência se servir a um objetivo determinado e apoiado numa filosofia de trabalho, caso contrário estará preenchendo a hora aula a maneira de recreação, que sem tirar o seu valor educativo e vivencial poderia não conduzir a um resultado satisfatório e assim ser um esforço perdido ou melhor não totalmente aproveitado.

As atividades deveriam ser criadas e organizadas a partir da necessidade de plasmar uma finalidade principal que cada educador deveria questionar e esclarescer dentro de si.

Seria impossível e até incongruente pretender que o professor só começa a dar aula uma vez que tivesse uma concepção fechada do seu sistema educativo, se aprende a educar educando, trocando experiências com os alunos, observando o que é que eles precisam; a educação deve ser um processo em aberto, que se modifica, adapta e cresce.

A procura de um método já existente para organizar a tarefa educativa, é válida, mas como diz o professor Edgar Willems; o mais importante é determinar as bases psicológicas da Educação Musical, o que implica no conhecimento profundo da natureza humana e musical, e os laços que os unem, é por isto, que no seu método a primeira preocupação foi fundamentar um processo de aprendizado centrado nas leis fisiológicas, psicológicas e intelectuais que regem o ser humano e entender como cada elemento musical se correlaciona com cada um destes planos, de maneira global e analítica ao mesmo tempo.

Baseado nesta concepção Willems define método como «aquele que orienta através de princípios gerais todo um comportamento, e da sua adequada aplicação depende a eficácia». É sem dúvida uma idéia bem diferente daquela que concebe o método como uma sequência de procedimentos ou má compilação de «receitas» nas palavras de Willems.

Mônica Alfaya

Sobre este artigo tão importante, a autora gostaria de trocar idéias, receber sugestões ou críticas etc., com pessoas interessadas sobre este assunto.

Cartas para redação do JORNAL DA MÚSICA, em nome de Mônica Alfaya.

NÓS, AS MULHERES

Eli Maria Rocha, pianista, jornalista, com diversas obras premiadas, acaba de publicar o resultado de uma longa pesquisa. Em «Nós, as mulheres» (Notícia sobre as compositoras brasileiras), ela registra dados biográficos de nada menos que 174 compositoras. Annita Salles, paulistana, é conhecida como organista e autora de obras para esse instrumento, métodos didáticos, música orquestral etc. A baiana Babi de Oliveira já consta com mais de 300 peças para canto e para piano, algumas gravadas em 4 Lps. A mineira Diva Lyra Coelho, professora de piano no Rio de Janeiro, destaca-se com suas obras para harpa. Do Rio Grande do Sul convém mencionar Esther Scliar, falecida em 1978, que participou como tecladista da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre e organizou o Coro da Associação Juvenil da capital gaúcha. Compôs música de câmara, instrumental e vocal. Da professora Hilda Reis registra-se o poema sinfônico «O Navio Negreiro», o «Bailado dos Gigantes de Botas» etc. Jocy de Oliveira, natural de Curitiba, dedicada principalmente à música eletrônica, já se apresentou com sucesso nos Estados Unidos. Sua autobiografia «Dias e Caminhos» já comentamos neste jornal.

Uma das compositoras mais dinâmicas é, sem dúvida, a paulistana Lourdes França. Com diversos discos gravados, destaca-se sua numerosa obra para piano. Interessante a menção de Luiza Leonardo. Tendo nascido no Rio de Janeiro em 1859, teve como padrinhos de batismo a Virgem da Conceição e D. Pedro II. Aos oito anos de idade deu seu primeiro recital de piano, obtendo do imperador uma bolsa de estudos na Europa.

Compositora de diversos gêneros, inclusive teatral, escreveu um hino a Carlos Gomes para a inauguração de seu monumento em Campinas.

Maria Augusta Monteiro Queirós é atualmente regente do Coral da Universidade de Alagoas. Em 1968 regeu a primeira audição da ópera «O Milagre das Rosas» de Mário Mascarenhas. Compositora de renome é Alda Caminha, falecida em 1966, tendo escrito obras instrumentais e vocais. Consta que obteve o primeiro lugar no Concurso da Canção do Expedicionário, organizado pelos Diários Associados e a Rádio Tupi em 1945. Como a mais conhecida canção homônima, premiada, é de autoria de Spartaco Rossi, aguardamos o necessário esclarecimento.

Interessados pelo livro devem solicitá-lo à autora: Rua Cajá, 110 — CEP 21070 — Rio de Janeiro — RJ

L. E.

palavra do leitor

Nicanor Menezes, de **ARACAJU**, agradece o JORNAL DA MÚSICA, cumprimentando os editores.

Juarez Magalhães Rodrigues, de **VIÇOSA** (MG), violinista, solicita indicação de luthier. Informamos: Enzo Bertelli, Rua Cons. Nebias, 263, 6.° and. São Paulo.

Adilvo Mazzini, de **DOURADOS** (MS), cumprimenta o redator e nos informa do movimento coral na sua cidade, onde funcionam o Coral Santa Cecília, o Coral Guaraoby e o Coralito, espécie de madrigal.

A organista Eliza Freixo, de **SÃO PAULO**, nos comunica sua turnê por diversos países da Europa e está para gravar o 3.° volume da Obra de Bach para órgão.

Nosso leitor, o «wagneriano» **Walter Waeny**, de **SANTOS**, mais uma vez elogia as matérias publicadas no JORNAL DA MÚSICA, destacando artigos sobre a cultura musical na Alemanha, Austria e Suíça.

Ana Paula Rosa Castilho Branco, de **SANTOS**, nos escreve que «nunca é demais elogiar o tão útil e interessante JORNAL DA MÚSICA». Informamos que o preço do livro (História da Música» de Luis Ellmerich é de 110 cruzados, podendo ser adquirido por reembolso na Casa Bevilacqua.

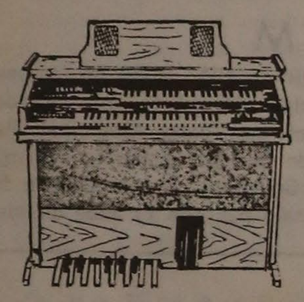
O pedido de Maria Cristina Moraes, de **CAMPINAS**, já foi atendido.

O jornalista Farias Brasil, de **JABOTICABAL** (SP) agradece o JORNAL DA MÚSICA, «muito útil para o trabalho nas escolas».

EM CARLOS GOMES, PORTANTO
DE HONRADEZ E DE CULTURA,
A GRATIDÃO E O TALENTO
TINHAM A MESMA ESTATURA.

O «GUARANY» NOS CONVENCE:
DE NOSSO POVO É O CRONISTA,
NA PENA DE UM CEARENSE,
NA BATUTA DE UM PAULISTA.

Walter Waeny (Santos)



CASA MILANO MUSICAL LTDA.

INSTRUMENTOS MUSICAIS

ÓRGÃO, PIANO, PARTITURAS E ACESSÓRIOS EM GERAL

SCN - Q. 06 - BL. A - 1.° SUB-SOLO - LOJA 81-0 - VENÂNCIO 3000
TELEFONE: 225-0428 BRASÍLIA - DF

Casa Bevilacqua

TRADIÇÃO DE UM SÉCULO

- Músicas, Discos e Fitas Cassete.
- Métodos, Partituras (Clássicas e Populares) Nacionais e Internacionais.
- Baterias, Amplificadores, Violões e Guitarras.
- Instrumentos de Sopro e Percussão.
- Atendemos pelo reembolso postal.

IRMÃOS VITALE - S.A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO
Rua Direita, 115 - Centro - Fone: PABX (011) 549-7388
CEP 01002 - Caixa Postal 380 - São Paulo - SP

OSVALDO LACERDA NO EXTERIOR

As obras do compositor paulista Osvaldo Lacerda vêm sendo cada vez mais divulgadas e aplaudidas no Exterior.

Em abril de 1984, o soprano Lea Vinocur Freitag cantou as «Quatro Miniaturas de Adelmar Tavares» na Eglise de Billetes, em París.

Em novembro de 1984, o percussionista John Boudler, acompanhado pelo pianista Caio Pagano, tocou a «Suite» para xilofone e piano na Universidade Cristã do Texas. A mesma dupla repetiu a «Suite» no Inter-American Music Festival, realizado em Washington em maio de 1985.

Em março de 1985, o cravista Ilton Wjiunisky tocou a «Sonata» para cravo em Washington, repetindo-a, em outubro do mesmo ano, em París.

Em outubro de 1985, a pianista Helena Marcondes Machado tocou a «Brasiliana n.° 7» em Miami (E.U.).

Eu fevereiro de 1986, o soprano Neide Carvalho, acompanhada pela pianista Suelí Bispo-Steden, cantou «Murmúrio» em Colonia (Alemanha).

Em abril de 1986, o percussionista William Wiggins, professor da Blair School of Music, tocou a «Suite» para xilofone e piano, acompanhado por Mrs. Soos-Koester, em Nashville, Tennessee (E.U.).

Em julho de 1986, o pianista Paulo Afonso de Moura Ferreira tocou três «Ponteios» de Osvaldo Lacerda em Lima (Perú) e San Jose (Costa Rica).

O excelente Trio Arte, da Universidade Católica do Chile, escolheu o «Trio» para piano, violino e violoncelo, de Osvaldo Lacerda, como única peça americana incluída no programa que está apresentando em sua tournée pela Europa e países da América.

Cabe, finalmente, citar que, somando-se aos nove editores que Osvaldo Lacerda já tem no Exterior (seis na República Federal Alemã, e três nos Estados Unidos), a firma Neil A. Kjos, de San Diego, California, acaba de publicar a sua «Brasiliana n.° 5», em sub-edição de Irmãos Vitale. Essa Suite foi escolhida, pelo professor e editor David Appleby, para integrar uma pequena coleção de peças representativas do repertório pianístico brasileiro, denominada «Bravo Brazil!».

concursos

III CONCURSO NACIONAL DE COMPOSIÇÃO VILLA-LOBOS

Promovido pela Fundação Orquestra Sinfônica de Brasília como homenagem a Villa-Lobos ao seu centenário em 1987. Obras com tema brasileiro para gênero de câmara com mínimo de sete e máximo de 15 instrumentos, duração de 08 a 15 minutos, inédita. Prêmios no valor de 35 mil cruzados.

Inscrições e maiores informações até 30 de novembro. FOSB - EQS 102/103, Cine Centro São Francisco, Loja 104 - CEP 70.330 Brasília - DF

I Congresso Brasileiro de Musicologia

Com o apoio do Ministério da Cultura, da FUNARTE, da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo e o Instituto de Artes do Planalto da UNESP, será realizado em São Paulo, de 27 de janeiro a 01 de fevereiro o evento em epígrafe. Planeja-se ainda o Encontro Regional para a América Latina e Caribe do Projeto «Music in the life of man: A World History (UNESCO)».

Taxa de inscrição de Cz$ 150,00 para sócios e Cz$ 250,00 para não sócios. Inscrições até 15 de dezembro e maiores informações com a secretária da SBM, Prof.ª Neide Carvalho, Av. Paes de Barros, 2744 - ap. 142 CEP 03114 - tels. (011) 274-7058 e 274-3070 São Paulo.

Ópera e Encenação

Fernando Peixoto, autor do livro em epígrafe (Paz e Terra, 140 pgs. ilustradas), já escreveu diversos livros sobre teatro e ocupou durante certo tempo o cargo de diretor do Departamento de Teatros da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Com sua experiência encenou com sucesso as óperas «Werther» (Massenet), «Wozzeck» (Alban Berg) e «Navio Fantasma» (Wagner), além de «Oito Canções para um Rei louco» de Peter Maxwell Davies.

Inicialmente Fernando Peixoto se refere ao espírito conservador dos amantes do teatro lírico: «Esta legião de guardiões do passado pensa salvaguardar valores. Objetivamente cumpre missão contrária: acaba sufocando todo o vigor musical proposto pelos compositores, castrando a ópera de sua linguagem específica e de seu mais rico potencial expressivo».

Seguem-se detalhados comentários sobre a tetralogia de Wagner, atualizada em Bayreuth no ano 1976 pelos franceses Chéreau na encenação e Boulez na regência. O autor conclui então: «O grande problema da ópera, enquanto teatro ou música, depende de dois artistas criadores, de grau de entendimento entre ambos. Nem sempre fácil, mas necessário».

O autor aprova com toda a razão o sistema de Stanislavsky: «A ópera consiste na unificação de três artes, vocal-musical-cênica, que devem ser encaminhados na busca de um único objetivo. Uma não pode sufocar as outras; mas a maioria dos cantores parece ignorar esta simples verdade». Lemos: «Sem dúvida uma das críticas mais pertinentes ao espetáculo de ópera, como sinônimo de falsidade, é o absurdo comportamento cênico do cantor: um amontoado de convenções abstratas que visualmente nada significam. Preocupados exclusivamente com a voz e a música, parecem ignorar o óbvio: estão sendo não apenas escutados mas também vistos e observados».

O livro, que se recomenda a todos os apreciadores da ópera, insere instrutivos capítulos sobre o gênero, desde sua criação até a atualidade, na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil.

Na bibliografia falta «História da Música» de Luis Ellmerich, que, consultada, evitaria alguns erros. Carl Maria von Weber encenou e dirigiu a estréia de sua ópera «Oberon», falecendo depois. Não se deve confundir Suécia com Suíça, registrando Arthur Honegger. Ernst Krenek nasceu em Viena, que não fica na Tchecoslováquia. Entre os compositores norte-americanos que se dedicaram à ópera e ao musical não deveriam faltar Rudolf Friml e Irving Berlin.

L. E.

conservatórios

A Academia Internacional de Música (RJ) organizou o relançamento do livro «Educação resumida em duas gotas de essência» de Auguste Francisca de Rooy-Gischler (representante da Holanda). Em agosto p.p. realizou também o 1.° Seminário de Música Alfredo Bevilacqua.

O Conservatório Musical Lins de Vasconcelos promove curso de música popular de 6 semestres para violão, piano, guitarra, órgão eletrônico e bateria. Informações: Av. Lins de Vasconcelos, 1269, São Paulo.

Vende-se

TROMPA (Fá) - YAMAHA
Tratar com Sr. Valdomiro
Tel: (0152) 51-0764 - Tatuí - SP

Versos aos Strauss

(homenagem à valsa vienense e ao povo da Áustria)

Segue o rio límpido e todo sereno:
É o DANÚBIO AZUL sempre formoso
Enfeitando Viena em ar todo ameno,
Relembrando bem um hino harmonioso.

Na brisa das VOZES DA PRIMAVERA
Todas flores sorriem pelo sereno
No cair da tarde que não é quimera
Neste mundo que parece pequeno.

E foi nos CONTOS DOS BOSQUES DE VIENA
Que senti ternura nesta saudade
Que faz toda minha vida pequena.

Soluça ouvindo ANDORINHA D'ALDEIA...
É a emoção, coisa da eternidade,
Nas ROSAS DO SUL que nos entonteia.

(Também em homenagem e na terna saudade do notável soprano ligeiro Erna Sack).

Epitácio M. H. Cavalcanti (São Vicente)

Obras para Clarinete

Maurício Alves Loureiro, professor do Instituto de Artes do Planalto — UNESP, está preparando um catálogo de obras nacionais que utilizam clarinete, seja como solista ou como integrante de grupo de câmara.

Ele solicita dados: títulos da obra, especificação exata da instrumentação, data de composicão, duração, grau de dificuldade, data e local da estréia, editora ou arquivo onde pode ser obtido. Endereço: Rua Primeiro de Março, 187 - CEP 04044 - São Paulo.

Estréia de uma nova orquestra de câmara

São Paulo conta com uma nova empresa, dedicada às artes e à qual pertence a Faculdade de Música Carlos Gomes. À testa, Elgar Marti, uma dinâmica diretora, que, há pouco, promoveu a gravação de um disco, onde o pianista Claudio Richerme interpreta peças de Villa-Lobos e a Grande Fantasia sobre o Hino Nacional Brasileiro de Louis Gottschalk. Entre os 15 professores da Faculdade destaca-se Barros Garboggini, chefe do Departamento de Composição e Regência e coordenador dos cursos de graduação. Formado pela Universidade Federal da Bahia, teve como mestres, entre outros, dois compositores de renome, Koellreutter e Ernst Widmer, aperfeiçoando seus estudos em Berlim e Campinas. Como professor já atuou na Academia Paulista de Música e nas Universidades de Ribeirão Preto e Uberlândia. Sendo também compositor, teve sua peça «Salve Rainha» classificada no I Concurso Internacional de Música em Barcelona, passando a obra ao repertório do famoso Mosteiro de Mont-Serrat.

Graças ao apoio da empresa acima citada, Garboggini formou em julho p.p. a Orquestra de Câmara da Faculdade Carlos Gomes, composta de 14 instrumentistas de corda. Muito embora se trata de semi-profissionais, no concerto de estréia se notou notável progresso artístico. Nas peças apresentadas, de autoria de Schubert, Elgar e Britten, graças à competente regência, revelou-se perfeito entrosamento dos diversos naipes instrumentais, obedecendo tanto em harmonia como na dinâmica, o que resultou numa impecável execução.

MUSITEC

Órgãos Eletrônicos, Pianos, Baterias, Amplificadores, Violões, Guitarras, Instrumentos Musicais em Geral e Acessórios (Nacionais e Importados)

MÉTODOS E PARTITURAS

RUA IMPERIAL, 155 - SOM PROFISSIONAL
RUA IMPERIAL, 186 - INSTRUMENTOS MUSICAIS
FONE: (081) 224-1344 - CEP 50020 - SÃO JOSÉ - RECIFE - PE

Concurso "Tarde da Juventude Villa-Lobos"

Piano e Violão

1987

Comemorando o centenário de nascimento do glorioso compositor brasileiro - Heitor Villa-Lobos —, o Conservatório Musical «Heitor Villa-Lobos» - São Paulo - realizará o III concurso de âmbito nacional «TARDE DA JUVENTUDE VILLA-LOBOS» - 1987

Maiores informações pelo fone: 279-0853

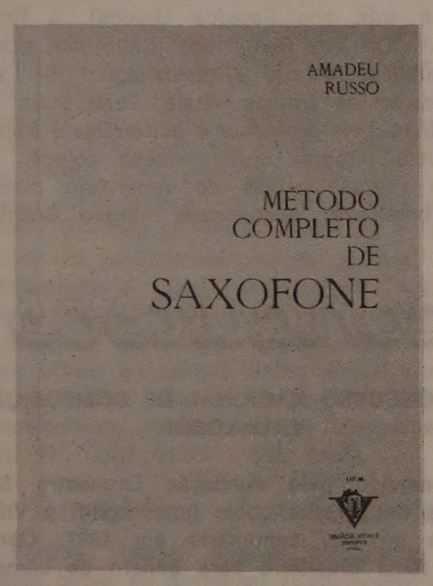
Avenida do Estado, 4567 - SÃO PAULO - CEP 01515

ANGELO CAMIM

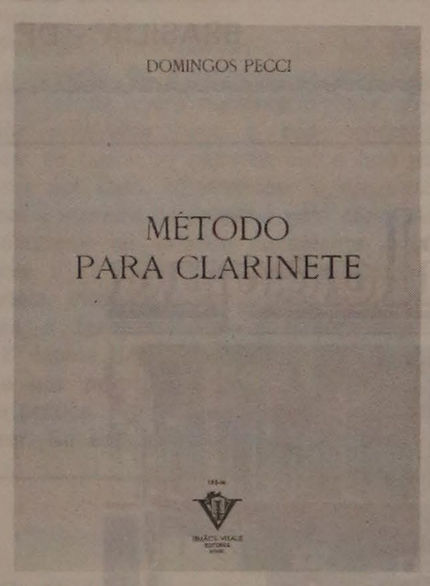
Em 1982 publicamos entrevista com o organista Angelo Camim, que iniciou sua carreira artística em São Paulo no ano 1924. Em 1937 tornou-se o primeiro executante em órgão «Hammond», passando a segundo organista na Catedral de São Paulo ao lado de Furio Franceschini. A partir de 1947 atuou na Orquestra Sinfônica Municipal da cidade, inaugurando o órgão «Tamburini» no Teatro Municipal. Participou também de diversos festivais na Argentina, México e Colômbia. Angelo Camim faleceu em 24 de maio p.p. aos 73 anos de idade.

Obras de Interesse Musical de Vários Gêneros

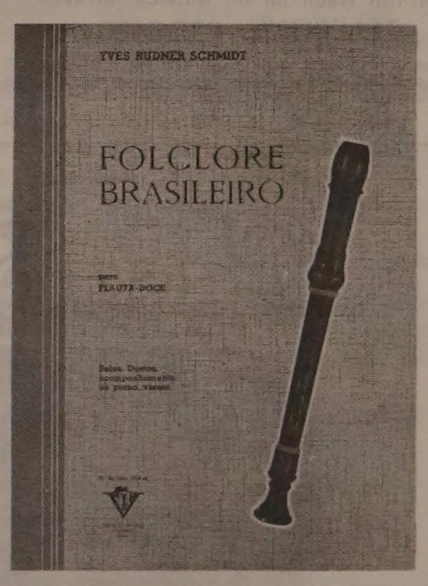
Cat. 237-M
MÉTODO ELEMENTAR PARA PISTON TROMBONE OU BOMBARDINO



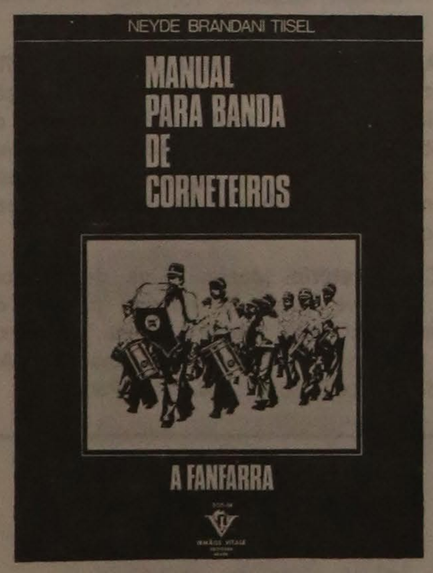
Cat. 117-M
MÉTODO COMPLETO DE SAXOFONE



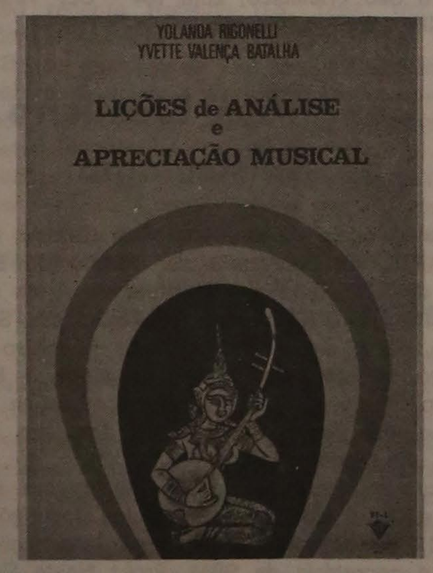
Cat. 185-M
MÉTODO PARA CLARINETE



Cat. 204-A
FOLCLORE BRASILEIRO

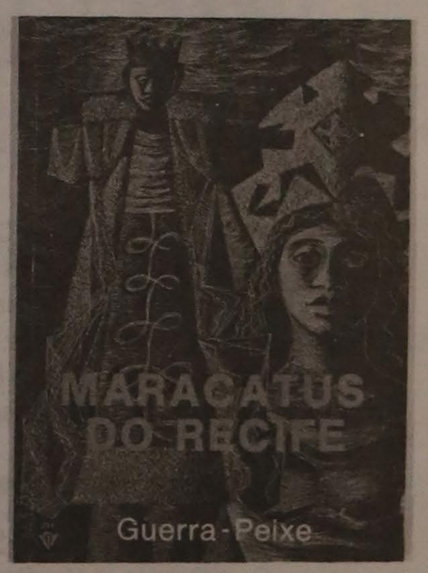


Cat. 305-M
A FANFARRA



Cat. 21-L
LIÇÕES DE ANÁLISE E APRECIAÇÃO MUSICAL

Cat. 24-VL
MISSA SÃO SEBASTIÃO



Cat. 25-L
MARACATUS DO RECIFE

Marlos Nobre

20.000 dólares por uma nova Ópera

— O compositor brasileiro Marlos Nobre recebeu a encomenda de 20.000 dólares da Fundação John Simon Guggenheim de New York, Estados Unidos, para escrever sua primeira ópera «CAFÉ» sob um libreto de Mário de Andrade a ser estreado dentro de 2 anos nos Estados Unidos e na Europa. O compositor espera também o interesse dos Teatros de ópera do Rio e de São Paulo para a produção da sua nova ópera, também no Brasil.

— Marlos Nobre é o primeiro compositor de música de concerto a ser convidado a visitar Havana, após o reatamento das relações diplomáticas entre o Brasil e Cuba. Foi convidado a participar do 2.° Festival de Música Contemporânea de Havana, de 5 a 15 de outubro de 1986, regendo sua obra MOSAICO à frente da Orquestra Sinfônica Nacional de Cuba.

— RHYTHMETRON para percussão, uma das obras mais consagradas de Marlos Nobre, foi levado com grande êxito pelo Ballet estável do Teatro Colon de Buenos Aires, na recente temporada oficial deste importante teatro da Argentina. A crítica local não poupou elogios à obra que chamou de «uma verdadeira e flamejante sinfonia moderna para percussão».

— Marcelo Kayath, o mais expressivo talento atual de violonistas brasileiros, acaba de gravar em Compacto-disc/digital, para o selo Hyperion em Londres, a obra «Prólogo e Toccata de Marlos Nobre que lhe é dedicada. Esta obra acaba de ser editada pela Max Eschig em Paris. Tanto a edição como a gravação terão lançamento simultâneo na Europa e Estados Unidos.

— De 21 a 30 de outubro 1986, Marlos Nobre dará Master-classes em composição a 30 jovens compositores de todo o mundo, no Internacional Composers' Workshop da Fundação Gaudeamus, em Amsterdam na Holanda. Esta fundação é atualmente o centro mais importante de música contemporânea da Europa.

— Marlos Nobre acaba de ser eleito membro da Academia Brasileira de Arte, na vaga deixada pelo saudoso Francisco Mignone. A posse ocorrerá em novembro no Rio de Janeiro, tão logo o permita a intensa agenda internacional do compositor.

— O TANGO para piano de Marlos Nobre vem se tornando um dos mais frequentes sucessos da produção pianística do compositor brasileiro. Recentemente apresentado em Michigan, USA, pelo pianista norte-americano David Vayo, arrancou uma verdadeira ovação da platéia e as seguintes observações do crítico de música do Diário de Michigan: «O Tango de Marlos Nobre é uma peça-show, onde as características diabólicas latentes no tango argentino emergem de maneira explosiva e musicalmente transcendente».

— As execuções de obras importantes de Marlos Nobre se multiplicam em 1986 em todo o mundo. No Canadá, Montreal, na prestigiada Sala de Concertos Pollack, foi a vez das «Variações Rítmicas» para piano e percussão típica brasileira (incluindo cuíca, agogô, tamborim, afoxê, pandeiro), apresentada pelo McGill Percussion Ensemble dirigido por Pierre Béluse, durante o recente 5.° Festival de Música Contemporânea de Montreal, arrancando do crítico local as seguintes expressões: «Esta obra, brilhantemente escrita para piano com um acompanhamento original e pitoresco da percussão, é das mais originais criações da música do nosso século».

— No México, o 7.° Foro Internacional de Música Nova apresentou de Marlos Nobre, a estréia local de «SONANCIAS I» para piano e percussão.

— O violonista norte-americano Bret Heim apresentou em Illinois, no Kemp Recital Hall, os MOMENTOS I, II e III de Marlos Nobre.

— No recente Festival Interamericano de Música em Washington, organizado pela Organização dos Estados Americanos, foram apresentadas 2 obras importantes de Marlos Nobre: «DESAFIO II» para cello e piano pelo North/South Consonance Ensemble e o «QUINTETO DE SOPROS» pelo The Quintet of the Americas, no Hall of the Americas em Washington.

— Na Austrália o programa «This modern stuff» da Australian Broadcasting Corporation apresentou três obras de Marlos Nobre em um único dia: «MOSAICO» para orquestra, «RHYTHMETRON» para percussão e «O CANTO MULTIPLICADO» para voz e orquestra de cordas.

— A Bayerish Rundfunk — Rádio Bávara da Alemanha, transmitiu a obra MOSAICO para orquestra de Marlos Nobre, pela Orquestra Sinfônica Bávara sob a regência de Lupkovc.

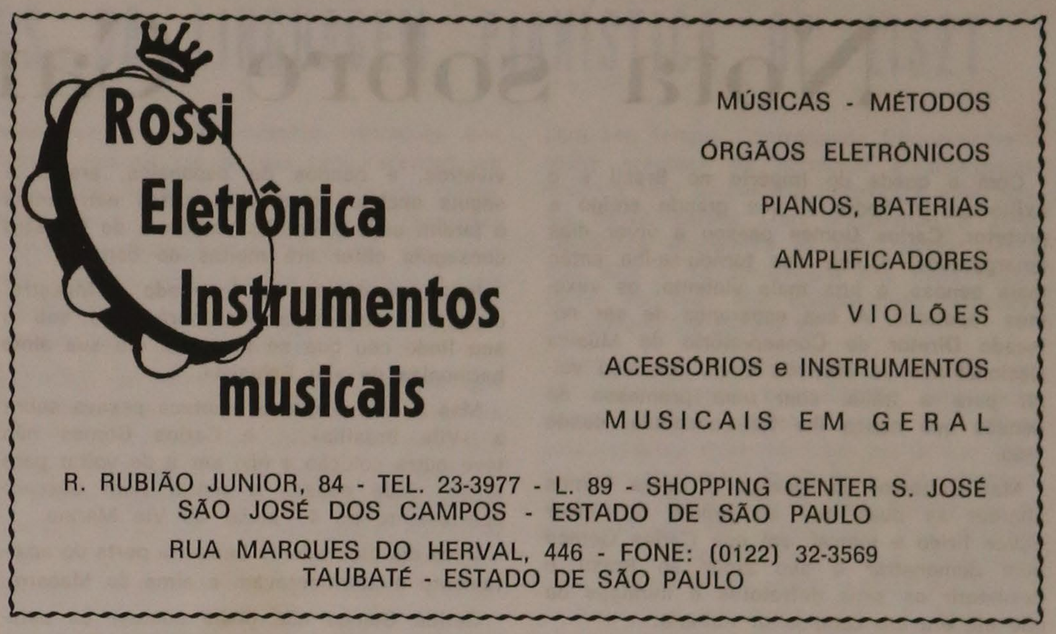
— A obra para violão de Marlos Nobre, que inclui uma série de 4 MOMENTOS, uma HOMENAGEM A VILLA-LOBOS, o PRÓLOGO E TOCCATA, a INTRADA E TANGO, o I.° CICLO NORDESTINO, além das peças para duo de violões (3 CICLOS NORDESTINOS, TRÊS DANÇAS BRASILEIRAS) e as peças de conjunto onde o violão tem importante presença (YANOMANI e SONANCIAS II), já está sendo focalizada como importante contribuição à guitarra do século XX, focalizada em programas especiais na RAI — Rádio e televisão italiana, produzidos pela especialista italiana Griselda Ponce de Leon.

Centenário de João Batista Julião

No ano em curso comemora-se diversos centenários, seja de nascimento ou falecimento de grandes compositores. Contudo, merece também ser lembrado o paulista João Batista Julião. Ele nasceu em Silveiras no ano 1886, iniciando sua carreira musical na banda da cidade. Mais tarde foi regente da banda em Mogi das Cruzes. Formado pelo Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, fundou em 1915 o Instituto Musical de Mogi das Cruzes, sendo ainda mestre-de-capela da igreja matriz da cidade. Freqüentando o curso no Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, no Rio de Janeiro, obteve o diploma n.° 1. Em 1927 ele foi um dos fundadores do Instituto Musical de São Paulo. Em 1949, no Instituto de Educação Caetano de Campos passou a dirigir o curso de canto orfeônico, mais tarde transformado em Conservatório Estadual de Canto Orfeônico. Fundou e dirigiu o Conservatório Paulista de Canto Orfeônico, sendo ainda membro fundador da Academia Brasileira de Música. Além de escrever obras didáticas, compôs música sacra, peças para piano, canto, violino e canto orfeônico. João Batista faleceu em São Paulo no ano 1961.

ARTES INDUSTRIAIS

Neste jornal já nos temos referido a respeito do prof. Helcio Pupo Ribeiro, incansável divulgador das artes. Criador do clube «Amigos da Boa Música» em Bauru, há 40 anos, promove audições, destacando-se sua vasta discoteca, além de ampla biblioteca, sem dúvida único numa cidade do Interior. Ele acaba de publicar «Artes Industriais - Do Decorativo Rococó ao Funcionalismo Industrial» (Ed. Jalovi, 138.), onde aborda de maneira instrutiva o desenvolvimento da matéria até a atualidade, incl. seu progresso no Brasil.



A MÚSICA E O ZURRO

São inúmeros os exemplos, em música, de imitações de vozes de animais. O curioso, que quiser se dar ao trabalho de pesquisar partituras, irá encontrar uma grande quantidade de galinhas cacarejando, galos cantanto, sapos coaxando, gatos miando, leões urrando, passarinhos piando, pombos arrulhando, insetos zumbindo, cucos emitindo terças maiores ou menores, etc., etc...

De todas essas imitações, uma das mais curiosas é a do zurro (também chamado ornejo), que não é outra coisa senão a voz de um dos mais úteis, pacíficos e simpáticos animais: o burro:

Conheço cinco exemplos, que chamam a atenção pelo fato de os seus autores utilizarem sempre o mesmo processo técnico: — um grande salto melódico descendente na região médio-aguda da escala musical, com uma nota curta seguida de uma longa. Usa-se sempre a orquestra, que é o meio sonoro ideal para a elaboração de músicas imitativas ou descritivas.

O exemplo mais antigo nos é fornecido pelo compositor alemão Felix Mendelssohn (1809-1847). Encontra-se em sua abertura ao «Sonho de uma noite de verão», inspirada na comédia do mesmo nome de William Shakespeare, e o zurro é uma clara referência ao personagem Bottom, que, às tantas usa uma mascara de asno. O ornejo, ouvindo pela primeira vez nos compassos 200 e 201, aparece mais vezes na partitura, com algumas modificações intervalares, mas sempre com a mesma instrumentação — violinos dobrados pelas clarinetas.

O exemplo mais sarcástico é da autoria do francês Charles Camille Saint-Saëns (1835-1921). A sua deliciosa suíte «O carnaval dos animais», cuja primeira audição data de 1887, é dividida em 14 números, e o oitavo se intitula «Personagens de longas orelhas». Trata-se de um ruidoso dueto de primeiros e segundos violinos, que trocam zurros entre si durante 26 compassos. O cômico da coisa reside na duplicidade da imitação, uma vez que esta se refere não só à voz do asno, como também aos assobios de críticos vaiando...

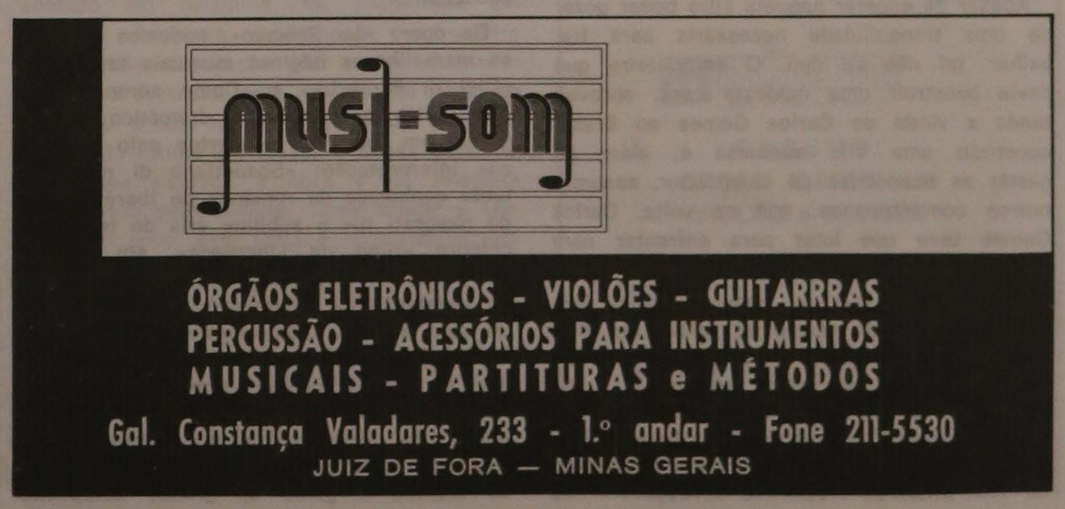
Uma das óperas do compositor italiano Giacomo Puccini (1858-1924) é cantada só por vozes femininas, e tem apenas um ato. Trata-se de «Suor Angelica» (1917), cujo enredo se passa num convento. Não muito depois do início, surgem, em cena, freiras que tinham ido buscar mercadorias doadas ao convento. Estas vêm transportadas por um asno, e este, por meio de orquestra, emite dois zurros, graciosos e discretos (como convém, aliás, a um burrinho que trabalha para um convento...).

O exemplo mais interessante, do ponto de vista da técnica composicional, pertence ao compositor norte-americano Ferde Grofé (1892-1972), e se encontra na sua famosa suíte «Grand Canyon», 1931. Esta se divide em cinco movimentos, de que o quarto, denominado «Na trilha», descreve um passeio em lombo de burro pelos meandros do Grand Canyon. O zurro de duas notas descendentes é aqui usado não apenas como elemento pitoresco, mas também, e principalmente como diminuta célula que, nas mais diversas situações e instrumentações, serve de base à construção de todo este genial movimento.

Cito, finalmente, um exemplo nacional, de autoria de Antonio Carlos Gomes (1836-1896). Este compôs em 1894, quando ainda se achava na Itália, uma «Sonata em Ré maior» para quinteto de cordas. Tem quatro movimentos, e o último, Vivace, traz um sub-título dado pelo próprio compositor: «O burrico de pau». Este 4.° movimento, cheio de bom humor, tem um ritmo que realmente faz pensar numa criança «galopando» pela casa afora, montada num burrico de pau. O zurro é ouvido pela primeira vez no compasso 74, e, mais tarde, se repete algumas vezes, sempre no primeiro violino.

Este exemplo, pelas circunstâncias que cercam a obra de que faz parte, é, para mim, o mais comovente. Com efeito, a «Sonata em Ré maior» só foi «redescoberta» em Campinas, pelo jornalista Benedito Barbosa Pupo, em 1928, ou seja, 34 anos depois de Carlos Gomes tê-la composto! É de esperar-se, pois, que esse e outros descasos pela obra do maior compositor brasileiro do século passado não se repitam a partir deste ano de 1986, que, por marcar o sesquicentenário do seu nascimento, foi muito justamente denominado «Ano Carlos Gomes».

Osvaldo Lacerda



Nota sobre Carlos Gomes (Cont.)

Com a queda do Império no Brasil e o exílio de D. Pedro II seu grande amigo e protetor, Carlos Gomes passou a viver dias amargurados. A sua vida tornou-se-lhe então mais penosa, a luta mais violenta, os vexames repetidos. A sua esperança de ser nomeado Diretor do Conservatório de Música Nacional não se efetivou e ele resolveu voltar para a Itália, com uma promessa de pensão que nunca lhe foi concedida, desde 1890.

Mas voltemos às óperas e agora vamos abordar as duas que eu reputo de maior índice lírico e teatral, em que Carlos Gomes quis demonstrar o seu amor ao Brasil e desmentir os seus detratores e inimigos de que ele era um compositor italiano...

Ainda hoje em dia há quem assim o julga e para tanto vou citar um fato bastante recente. Por ocasião da montagem do «O Guarany» no Teatro Municipal de São Paulo há tempo, o reporter de um grande jornal paulista entrevistando-me perguntou: «Maestro, é verdade que Carlos Gomes era compositor italiano nascido no Brasil?»... Como julguei a pergunta um tanto capciosa, de imediato respondi que Carlos Gomes era um compositor brasileiríssimo e que amava sua terra tanto como nós, e sempre que pôde demonstrar seu amor pátrio o fêz com aquela vibração de brasileiro e de campineiro de alma e coração.

Há quem alegue que a música de Carlos Gomes tem sabor do lirismo italiano. Não é verdade. Carlos Gomes estudou na Itália, conviveu com musicistas da estirpe de um Verdi, Ponchielli, Boito, e outros da época, naturalmente que absorveu o estilo da música do momento, como o fizeram compositores de outras nacionalidades que também tiveram a influência do estilo italiano. A Itália era o berço do teatro lírico, e os que obtinham sucessos nas cidades italianas eram consagrados para o resto do mundo e o nosso Carlos Gomes foi um predestinado desde o seu ««O Guarany».

Os inimigos de Carlos Gomes não perdoavam a sua glória e sempre que podiam inventavam alguma calúnia, inclusive quando espalharam que Carlos Gomes se tinha naturalizado italiano... Que infâmia! Quanta maldade....

Agora vamos falar do sublime «Lo Schiavo». A partitura foi se formando entre momentos de sereno enlêvo e longos períodos de angústia e desespero de Carlos Gomes.

Seu filhinho Mario adoeceu e apesar dos carinhos, esforços e sacrifícios de Carlos Gomes, que o adorava, a 3 de março de 1887, com a idade de quatro anos falecia.

E é com frases trepidantes que Itala, a filha do Maestro, conta o triste calvário que depois da morte do filhinho Carlos Gomes enfrentou para dar uma tranquila sepultura ao corpo adorado da criança.

Em consequência da morte do seu filhinho, Carlos Gomes deixou Milão e se transferiu com a família para Maggiánico, um lugarejo perto do Lago de Lecco onde havia comprado um confortável sítio.

Somente naquele solitário refúgio esperava poder compor a música de «Lo Schiavo».

Apesar de esperar naquele sítio poder gozar de uma tranquilidade necessária para trabalhar, tal não se deu. O empreiteiro que devia construir uma modesta casa, aproveitando a vinda de Carlos Gomes ao Brasil, construiu uma Vila suntuosa e, além de gastar as economias do compositor, assumiu outros compromissos, que na volta, Carlos Gomes teve que lutar para enfrentar com dignidade.

Naquela Vila que se chamava «Vila Brasília», (já naquele tempo se falava em Brasília...), surgiu um recanto evocador do horizonte pátrio em terra estranha. Lá se havia rodeado de tudo quanto lhe pudesse lembrar o Brasil, recorda sua filha Itala. A Bandeira Brasileira adejava dia e noite no terraço da Vila, pássaros brasileiros esvoaçavam nos viveiros, e bandos de papagaios, araras e saguis enchiam com seus gritos estridentes o jardim onde a infinita paciência do Maestro conseguia obter até moitas de bambús.

Relíquias devem ter inspirado o Maestro, com sua eloquência evocadora, pois sob o seu lindo céu que se firmaram em sua alma harmonias de «Lo Schiavo».

Mas acontece que a hipoteca pesava sobre a «Vila Brasilia»... e Carlos Gomes não teve outra solução a não ser a de voltar para Milão, onde passou a morar num obscuro apartamento no 4.° andar da Via Marino.

Cada dia os credores batiam à porta do apartamento e atormentavam a alma do Maestro.

Carlos Gomes não podia custear os estudos do seu filho Carlos André. Reduziam-se cada vez mais as possibilidades para sustentar sua existência, enfim, um desespero para um coração exacerbado de um pai.

Entretanto em meio de tanta penúria, de tanta tristeza, de tanto desalento, «Lo Schiavo» tomava forma, vivia, agigantava-se no espírito do compositor e freneticamente a sua música se estendia pelas páginas pautadas que se acumulavam dia e noite sobre as mesas, sobre as cadeiras e até pelo chão, no gabinete do Maestro.

Foi naquele período de conclusão de «Lo Schiavo», 1888-1889, que o Imperador D. Pedro II, de passagem por Milão, adoeceu gravemente.

Adelina, a esposa do Maestro morria repentinamente e a filha Itala caía doente de perigoso mal.

O pobre Maestro, com o coração enlutado, pensou enloquecer com o temor de perder simultaneamente a filha e o amado Soberano e benfeitor. Passou noites de angústia ao lado de um e de outra e as últimas páginas de «Lo Schiavo» ressentem-se dessa sua tortura espiritual.

Finalmente a ópera foi terminada, mas encontrou grandes dificuldades para ser representada na Itália por causa da questão entre empresários e também com o autor do libreto. Foi quando Carlos Gomes resolveu voltar ao Brasil e encenar «Lo Schiavo» no Rio de Janeiro.

Joaquim Nabuco, o visconde de Taunay, André Rebouças e outros batizaram «Lo Schiavo» de ópera abolicionista por excelência. O trabalho, dizem eles, celebra os cânticos de glória da epopéia regeneradora de um grande e nobre povo. E André Rebouças acrescentou em sua memória: «Carlos Gomes é o glorioso Maestro da Abolição; este é o título que lhe compete na lenda e na história do Brasil».

«Lo Schiavo» é uma ópera que reproduz com fidelidade a beleza da alma do grande e imortal campineiro.

«Lo Schiavo» é sem dúvida, uma das suas obras mais significativas e que lhe revela melhor a magnífica qualidade do talento.

Sendo a sua ópera mais igual em inspiração e feitura, é também aquela onde se manifestam com mais abundância os seus pendores de originalidade e o seu imenso patriotismo.

Da ópera «Lo Schiavo», podemos destacar as maravilhosas páginas musicais tais como: «Ciel di Parahyba» e «Come serenamente», duas árias para soprano dramático que figuram em todos os concertos pelo valor da sua interpretação; «Sospettano di mé» bastante conhecida da romança de Iberé; «Quando nascesti tú» a sublime ária do tenor e o célebre «Hino da Liberdade», em que os abolicionistas julgaram ser um grito em prol da libertação da escravidão no Brasil o que de fato se deu posteriormente. Deixei por último justamente para me reportar a célebre e imortal página sinfônica que é o Prelúdio do 4.° ato mais conhecido pelo de «Alvorada». Descrever o que Carlos Gomes exprimiu nesta página musical é impossível, só mesmo o gênio do grande compositor podia dar a autenticidade do amanhecer na Guanabara, o canto dos nossos pássaros e a grandiosidade da musicalidade orquestral do final. Esta «Alvorada» é e será para sempre uma página musical obrigatória em todos os concertos e em todas as manifestações artísticas em que se queira descrever a beleza da natureza brasileira. E por último vamos passar a dizer alguma cousa do nosso sempre querido «O Guarany». Mas o que dizer? O que destacar que os senhores já não conhecem? «O Guarany» é uma ópera que está cheia de música, que daria para se escrever uma outra ópera. O que dizer dos maravilhosos corais da ópera? E da sua Sinfonia, que eu a considero entre as mais belas páginas orquestrais do gênero do teatro lírico e sinfônico.

Do «O Guarany» não há nada para se desprezar, a meu ver, pois a considero uma ópera das mais completas. Cada ato têm inúmeros trechos que o público delira. No 1.° ato a graciosa ária «Gentile di Cuore» de Cecilia, em seguida a mística «Ave Maria» o inspirado dueto «Sento una forza indomita» de Cecilia e Pery que empolga a mais exigente platéia do mundo. No 2.° ato, além da importantíssima participação da massa coral temos a famosa canção do aventureiro «Senza terra, senza cuna» de difícil execução mas que figura em todos os programas de concertos que os artistas do gênero cantam. No mesmo ato há o ponto alto que é a célebre «Ballata» de Cecilia, «C'era una volta un principe» que todos os sopranos coloratura interpretam a fim de expandir os raros predicados vocais.

O 3.° ato que descreve puramente a selva brasileira no acampamento da tribo dos «Aymorés», temos trechos de rara beleza, destacando-se o célebre Bailado «Indiano», e por último a rica página musical «O Dio degli Aimoré» para baixo e coral de um lirismo autêntico e de um efeito sonoro em que Carlos Gomes demonstrou toda a sua força de expressão e de grandiosidade.

O 4.° ato, que é apenas o epílogo da ópera, a sua montagem se reveste de uma importância capital e o efeito cênico da derrocada do Castelo, com a aparição de Cecilia ao fundo salva pelo guarany Pery é de um deslumbramento que deixa o público completamente emocionado.

Antes de concluir as minhas impressões sobre «O Guarany» quero contar um fato pouco conhecido.

«O Guarany» como se deu com a «Fosca» não possuia a Sinfonia, mas apenas um Prelúdio, e nem as maravilhosas páginas do dueto final do 1.° ato de Cecilia e Pery, o grandioso concertato «O Dio degli Aimoré» pelo Cacique, Cecilia, Pery e Coral e o dueto do 3.° ato,» Perché di meste lagrime», Carlos Gomes, compôs o dueto, a pedido do tenor que iria interpretar a ópera, que julgava não ter como emergir e o concertato foi sugerido pelo barítono françês (apesar da partitura exigir um baixo) que se julgou prejudicado, também sem uma oportunidade vocal. Não há dúvida que a ópera foi muito enriquecida com a aquieciência de Carlos Gomes.

Apesar das várias opiniões sobre as diversas partituras do nosso saudoso e querido Carlos Gomes, julgo que o «O Guarany» é ainda a ópera que entusiasma o público, mesmo porque os principais trechos da ópera invariavelmente figuram nos programas artísticos dos concertos e a Sinfonia pode-se considerar quase um «Hino Nacional», pois não há solenidades públicas ou oficiais em que a sua execução não seja exigida.

Sobre as razões que induziram Carlos Gomes a musicar «O Guarany» muitas vezes foi indagado do porque. Ao terminar seus estudos no Conservatório de Milão com os maiores elogios, em 1866, procurava um libreto que pudesse dar margem a expandir todas as suas ardentes inspirações musicais, para compor uma grande opera lírica à altura daquelas que eram produzidas por outros grandes musicistas da época, lembrou-se de musicar «O Guarany».

O historiador Vicente Cernicciaro na sua «Storia della Música nel Brasile» na pág. 255 conta como foi. No fim do ano de 1867, Carlos Gomes pensava em um libreto que reunisse todas as condições desejadas para enfrentar um poema de grande ópera, para musicá-lo com o calor de sua inspiração. O gênio de José de Alencar, por acaso vai ao encontro dos desejos do maestro. Conta a história que numa tarde, estava ele sentado numa mesa do café Biffi de Milão, quando houve uma voz de vendedor de livros gritando no meio da rua: «Il Guarany»! Romanzo brasiliano! Storia di selvaggi!.

Carlos Gomes imediatamente o chama, compra o livro que já tinha imortalizado o seu conterrâneo José de Alencar. A alma cândida de Cecilia e o ardor do fiel e indomável Pery, fez com que Carlos Gomes traduzisse tudo nessas maravilhosas páginas que todos nós admiramos e que teremos sempre gratidão à memória daquele que foi um grande brasileiro, um grande companheiro e acima de tudo um dos maiores músicos líricos de todas as Américas.

Apesar de ter já bastante saturado os leitores, vou apenas dizer algumas palavras sobre a sua última obra que foi «Colombo».

O poema vocal-sinfônico, dividido em quatro partes, é a obra que ele escreveu para comemorar a «Columbian Solemnity in América» 1892. Foi representado sob sua própria regência no Teatro Lírico do Rio de Janeiro, hoje João Caetano, na Praça Tiradentes, em primeira execução justamente em 1892.

Em «Colombo» podemos destacar o misticismo da 1.ª parte e o raconto de Colombo: «Era um tramonto d'oro», o dueto «Cosé tú sogni» entre o Frade e Colombo e o grandioso «Te Deum laudamus» num «tutti» maravilhoso. Na segunda parte podemos destacar o dueto de Isabel e o Rei Fernando: «Non fosti mai si bel», além de um rápido fugato do coral e a anuência do Rei em atender o pedido do Frade e de Colombo.

A terceira parte se inicia com um Prelúdio orquestral descrevendo a calma do mar e a fé dos marinheiros guiados por Colombo na ânsia de encontrar terra. No decorrer desta parte há uma maravilhosa descrição da luta entre o cansaço da tripulação, já perdendo a fé, e a fibra do velho genovês e a aparição da baleia que ameaça a estabilidade da nave. O trabalho orquestral na descrição da tempestade realça a mão firme do compositor e a técnica que Carlos Gomes soube empregar para a maior realidade do quadro. Indubitavelmente conseguiu seu intento, para em seguida voltar à calma inicial até aparecer, ao longe, terra assinada por um tiro de canhão, levando a toda a tripulação a alegria de uma vitória tão almejada por todos e tão bem descrita, musicalmente, por Carlos Gomes.

A quarta parte se passa na ilha e há algumas danças dos selvagens. Em seguida é descrita a chegada em Barcelona, com grandes festas e gritos de vitória, para terminar o quadro na «La Reggia» onde a Rainha Isabel canta belíssima página: «Vittoria! Vittoria!» para em seguida ser entoado o célebre Hino ao Novo Mundo, com a intervenção de todos os artistas e coro, e que numa genial inspiração de Carlos Gomes o Hino foi escrito no compasso de 3/4.

O poema-vocal Sinfônico «Colombo» foi executado pela 1.ª vez em S. Paulo por minha iniciativa e sob minha regência no Teatro Municipal há cerca de 40 anos e posteriormente em Campinas. Foi também gravado num álbum produzido pelos «Concertos Matinais» da Mercedes Benz no Teatro Municipal.

Cont. Pág. Seguinte

(Cont.)

Numa carta de 21 de outubro de 1948, a filha me solicitava a possibilidade de ouvir as duas primeiras óperas do pai. «Noite no Castello» e «Joana de Flandres» e dizia textualmente:

«Eu gostaria muito de ouvir estes dois primeiros trabalhos líricos do meu Pai que lhe valeram o interesse do Imperador D. Pedro II e a viagem à Europa que o celebrizou, mas que não tenho a possibilidade de o fazer por razões pecuniárias... e burocráticas.

Um dos atos da partitura de regente de «Joana de Flandres» está na Sala Carlos Gomes do Museu Histórico do Rio de Janeiro e o resto do material da ópera na Escola Nacional de Música, cuja Diretora não morre de amores nem por mim e nem por Carlos Gomes, de maneira que seriam necessários pedidos, requerimentos, empenhos e o diabo para obter do Ministério de Educação autorização para cópias, onerosas e demoradíssimas, quando eu estou velha, doente e cansadíssima para correr de Herodes a Pilatos pois, para isto e numa terra onde tudo é tão difícil...».

A carta termina com a seguinte recomendação:

«Conto muito que o senhor ainda me dê esta grande alegria, isto é: morrer sabendo que os conterrâneos do meu grande Pai conheçam enfim toda a obra musical de Carlos Gomes.

Aguardo sempre suas agradáveis novas, enviando-lhe meus melhores e gratos cumprimentos».

(ass.) Itala Gomes Vaz de Carvalho.

Falar sobre Carlos Gomes, das suas lutas e das perseguições que sofreu, os historiadores já escreveram muito. O que consola é que no fim da sua existência ainda encontrou um coração generoso, bondoso e reconhecido, que foi o grande homem público, o Senador Lauro Sodré, que no momento mais atroz de sua vida o levou para Belém do Pará, onde teve os seus últimos dias tranquilos e certos do carinho do povo paraense e de todos os brasileiros, sem cor política ou rancores. E assim a 16 de setembro de 1896 desaparecia o maior vulto da arte lírica do Brasil e das Américas.

Dentro da minha vida artística estou satisfeito por ter cumprido, perante a história artística do meu Estado e do País, o dever de elevar sempre mais o glorioso nome, para mim o imortal, de Antonio Carlos Gomes.

Ainda guardo na minha memória a imagem do enorme sucesso obtido na representação do «Il Guarany», no Teatro S. Carlos de Nápoles no ano de 1971, quando perante um público que lotava totalmente suas dependências, ao terminar a execução da maravilhosa sinfonia, de pé, aplaudia os acordes finais da abertura, coisa que me deixou bastante emocionado.

O sucesso do «Il Guarany» no grande teatro italiano se prolongou até o final da ópera, e o quadro artístico, que era formado por artistas brasileiros, foi aplaudido, também de pé, pelo público, críticos e autoridades presentes. O sucesso do «Il Guarany» se repetiu durante as quatro noites que foi repetido.Era Carlos Gomes que penetrava no coração do povo napolitano.

A mesma iniciativa se deu e com o mesmo quadro no Teatro Massimo de Palermo na Sicília (Itália), e lá foram sete récitas também com o teatro esgotado e por iniciativa do velho empresário Alfredo Gagliotti.

Isto serve para provar que as obras de Carlos Gomes agradam em qualquer parte.

Os restos mortais de Carlos Gomes foram trazidos para Campinas por iniciativa do Governo, que em boa hora se lembrou que Carlos Gomes era brasileiro... e campineiro e assim devolveu o seu filho dileto a sua cidade natal, e na esperança que não seja despejado... de onde está, como já fizeram com a casa onde nasceu em 1836...

Agradeço a atenção que os amigos leitores dispensarem a esta entrevista sobre a «Vida e as obras» do nosso saudoso campineiro Carlos Gomes, e peço desculpas por algum lapso existente.

Armando Belardi

ASPECTOS INOVADORES DA LINGUAGEM PIANÍSTICA DE LISZT

O pianista e compositor húngaro Franz Liszt (1811-1886) foi incontestavelmente o criador da moderna técnica do piano. Esta verdade histórica é universalmente aceita, mas não chega a relevar o fato de que a enorme produção pianística de Liszt continue ainda hoje desconhecida de intérpretes e público. O conjunto da obra lisztiana, executando-se algumas peças de virtuosismo e bravura (sempre as mesmas, infelizmente), tem sido muito injustamente negligenciado.

A própria literatura musical referente a uma detalhada análise sobre a contribuição de Liszt para o piano, assunto este da mais alta importância dentro da história da música, é ainda muito reduzida.

As inovações empreendidas por Liszt em suas composições pianísticas podem ser mais facilmente compreendidas a partir de uma apreciação técnica de suas obras. Baseando-se inteiramente nas possibilidades físicas naturais da mão, consegue Liszt desenvolvê-las ao extremo, multiplicando a riqueza de efeitos pianísticos tanto no domínio puro da sonoridade, como também no aspecto mecânico e dinâmico. O piano é tratado por Liszt de forma essencialmente dramática, e é justamente para atender às exigências desse dramatismo expressivo e dinâmico que ele é levado a criar sua técnica prodigiosa e original, partindo das descobertas de Beethoven e Weber e encaminhando-as a riquezas de sonoridades até então desconhecidas: efeitos de temas em acordes, notas dobradas, oitavas caracterizadas de modo tão pessoal, a grande tessitura com que sua música amplia o teclado e a polifonia complexa de uma escrita quase orquestral, densa e grandiosa. Acrescentemos ainda os saltos de grandes intervalos, tremolos, glissandi, pizzicati, figuras que entrelaçam ou superpõem as mãos, trinados sem registro agudo imitanto o címbalo, ornamentos fulgurantes em notas dobradas, e este hábito de fazer cantar poderosamente uma voz intermediária com a utilização alternada dos polegares. Tudo isto era inteiramente novo e transformou a fisionomia do piano, e consequentemente, da música de piano, abrindo as portas a todas inovações e realizações que se farão sentir na música moderna de piano.

De Albeniz, Debussy, Ravel, Prokofieff, Strawinsky, Bartok ou Schönberg, entre outros.

Com Liszt vivenciamos a total libertação da técnica pianística, e isto por uma razão estritamente musical. Salvo raras exceções, Liszt não faz a técnica pela técnica, mas utiliza-a para a concretização das idéias musicais que povoam seu universo sonoro. E foi justamente por ter libertado a técnica pianística de suas aparentes limitações que Liszt tornou-se até tempos bem recentes um compositor «suspeito» na opinião de certos intérpretes, críticos e professores, que sentiam uma desagradável vertigem em suas pequenas rotinas ao se deparar frente a uma tal liberdade de recursos técnicos, bem acima de suas próprias capacidades.

Porém não foi esta a única inovação que o piano deve a Liszt. Veremos que, ao libertar o teclado no campo da mecânica instrumental (que teve como consequência a grande reformulação da construção dos pianos), ele também fez no aspecto da forma musical, a qual procurou colocar a serviço de sua concepção artística original, através de um tratamento formal exclusivamente suscetível de exprimir seu pensamento de modo fiel, sem concessões a qualquer esquema escolástico. A grandeza de Liszt manifesta-se sobretudo em sua permanente recusa em aceitar tais esquemas, trocando-os sempre pela própria invenção tanto no campo sonoro como no arquitetônico, buscando meios adequados à tradução de seu pensamento e nisto ele também abriu uma importante porta aos movimentos de liberalismo estético que caracterizam a evolução da música moderna. Tendo sido o genial inovador do piano, não nos parece ter sido o objetivo principal de Liszt um rompimento com as tradições essenciais dos compositores que o antecederam, em particular, Beethoven. Entretanto, as novidades que introduz audaciosamente no tratamento pianístico significam quase uma revolução. Liszt, ao escrever para piano, já tinha em mente a sala de concertos modernos, mesmo antes que esta existisse: a sala ou teatro para centenas ou mesmo milhares de pessoas. Para tanto, criou o estilo do piano orquestral (uma das características do piano moderno), que dá ao instrumento todas as proporções e repercussões sonoras que ele comporta. A concepção pianística de Liszt faz com que todo o corpo do intérprete esteja envolvido na execução musical: pulsos, braços, cotovelos, ombros, tornam-se elementos importantes para o enriquecimento do contato instrumental. Um compositor como Chopin, que em suas obras enxergou longe musicalmente, não teve uma visão tão audaciosa no tocante ao plano físico pianístico.

Talvez as novas combinações criadas por Liszt já tivessem sido pressentidas por Scarlatti. Mas será tão somente o mestre húngaro que em toda plenitude de seu gênio concretizará de modo definitivo uma nova linguagem pianística de tal ousadia. Um outro aspecto digno de nota é o emprego do pedal na obra de Liszt, de uma audácia chocante para seu tempo. Contrariando frequentemente todas «regras» de harmonia e superpondo acordes sem parentesco harmônico num mesmo pedal, estava Liszt preparando e anunciando os elementos de uma paleta sonora que viria a se tornar um dos mais importantes recursos dos compositores franceses do começo do século XX.

A gigantesca produção pianística de Liszt da qual algumas composições conheceram várias versões muito diferentes — reflete três aspectos essenciais em sua atitude frente aos problemas do teclado. Primeiramente o técnico transcendente, que multiplicou as possibilidades do instrumento e a habilidade dos intérpretes (basta uma comparação com a música de piano escrita por outros compositores contemporâneos de Liszt para comprovar esta afirmação). Em seguida, o músico romântico, criador da música livre programática (toda uma parte de sua obra pianística atua como experiências que precedem a criação do poema sinfônico). E enfim o compositor de música pura — a menos típica de Liszt com obras como a Sonata em Si menor e os dois concertos para piano e orquestra. Isto significa que a produção pianística pode chegar a resumir bem abrangentemente a totalidade do universo lisztiano.

A obra pianística de Liszt é a parte mais fortemente francesa de sua criação. Sabemos que Liszt foi sobretudo um cosmopolita, às vezes húngaro, alemão, francês e italiano. Excetuando-se algumas obras de caráter tipicamente folclórico como as Rapsódias Húngaras, a maior parte de suas composições pertence ao estilo romântico francês. Não há dúvida que no plano técnico do teclado, foi ele beneficiado pelas sugestões das obras de Bach e das últimas sonatas de Beethoven, mas no conjunto, sua concepção musical é *mais próxima do gênio livre francês que do* sistematismo clássico que reside no espírito das obras alemãs, mesmo as mais românticas.

As inovações levadas a cabo por Liszt no campo harmônico são de uma tal complexidade, que não podem ser examinadas de forma superficial sem comprometer a real importância que ocupam dentro de sua linguagem musical. O mesmo diz respeito a sua produção tardia, especialmente aquela empreendida após 1871, que significa uma ruptura brusca com estilo e forma utilizados pelo compositor até então. As ousadias harmônicas e dialéticas do velho Liszt só poderão ser abordadas em extenso trabalho, devido às variadas implicações de fatores a serem considerados.

Amaral Vieira

O Movimento Musical Barroco Mineiro

A FUNARTE acaba de publicar o «Tercio» de José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita, a mais antiga obra escrita em partitura por compositor brasileiro, datada de 1783. Sob o título em epígrafe, Maria da Conceição Rezende Fonseca, uma das mais conhecidas pesquisadoras musicais, destacando-se seu importante trabalho no Museu de Música da Arquidiocese de Mariana, apresenta instrutivo texto sobre o assunto. Lemos: «Em Minas colonial a paisagem urbana, o fausto da sociedade reluzida pelo ouro, as festividades religiosas e a pompa do cerimonial litúrgico contribuíram para cristalizar um estilo bastante sensorial que imprimiu características próprias na música. Os artistas dos setecentos deram uma expressão mineira à arte importada, tornando-a antóctona. É oportuno relembrar que, naquela época, as obras eram escritas em partes isoladas tanto para instrumentos como para vozes».

Seguem-se notas biográficas sobre o compositor, que inaugurou oficialmente o primeiro órgão construído em Minas Gerais pelo padre Manoel de Almeida Silva, na igreja de Sto. Antonio do Arraial do Tejuco em 1782. Mais tarde, Lobo de Mesquita atuou em Vila Rica, mudando-se depois para Rio de Janeiro, onde faleceu em 1805. O «Terço», para solista, coro e orquestra, apresentado em facsimile, foi encontrado em Mariana. Por sua simplicidade na escrita coral, pela depuração do acompanhamento usando o contínuo, pela sua fluente invenção melódica, a obra tem uma expressão de devoção muito íntima em louvor a Nossa Senhora. Por estes motivos a obra é de imediata assimilação pelo ouvinte: fazer chegar a erudição ao povo. Esta idéia é consolidada pela escolha das orações mais difundidas, o Pai-nosso e a Ave Maria, colocados em língua vernácula.

Consta ainda no livro um registro das obras do compositor, que se encontram em diversos arquivos dos Museus da Arquidiocese de Mariana e da Inconfidência em Ouro Preto, em Diamantina e São João del Rei, além do acervo pesquisado por Francisco Curt Lange.

Julysom
Instrumentos e cursos musicais
minami
CENTRO DE EDUCAÇÃO MUSICAL
CURSOS:
ORGÃO ELETRÔNICO
VIOLÃO e BATERIA
MATRIZ:
R. Djalma Dutra, 165 - Fones: 22-2672 - 22-0122
Centro - Presidente Prudente - SP
FILIAIS:
Rua Saldanha da Gama, 25 - Centro
Presidente Venceslau - SP
Av. Presidente Roosevelt, 452
Fone: (0188) 21-2579 - Dracena - SP

SÃO PAULO NO TEMPO DAS VALSAS

OS IRMÃOS TAVARES DE LIMA

Segundo Renato Almeida, a valsa entrou no Brasil por volta de 1837. Portanto, começou a ser divulgada já no primeiro império, quando Paris e também a Itália a consagravam. A seguir, com geral aceitação, atingiu os primórdios deste século como dança de salão e música de serenatas.

Em São Paulo, entre 1865 a 1870, moças de famílias abonadas aprendiam com professores italianos. Estes, no dizer de Maria Pais de Barros, davam suas lições, «começando pela base, isto é, as quatro primeiras posições, a que se seguiam a valsa etc».

Entretanto, a valsa que influenciou, com maior persistência, compositores paulistas ou radicados aqui, foi antes de outras, a valsa-boston, de andamento lento, a qual, como se sabe, teve intensa divulgação na América, durante a segunda metade do século XIX. Sob a hegemonia desta, surgiram também, por aqui, valsas francesas, a recordar Paris, e Italianas, talvez por sugestão dos professores de dança.

Em quase todos os álbuns de música de famílias paulistas, de fim de século e início do atual, encontram-se valsas francesas e italianas, do tipo boston ou não, ao lado de outras, com certo jeito muito nosso, de autores que viviam em São Paulo e no interior do Estado. Entre as francesas, havia as de Cremieux: «Quand l'amour meurt», «Quand l'amour refleurit», «Valse d'amour», «Le baiser», «Prière»; a «Adorée», de Legrand; «Femmes du feu», de O. Metra etc. Das italianas, «Maria» e «Ciribiribin» de Giuseppe Galimberti; «L'Estasi» e «Il Bacio», de Arditi; «Perché» e «Illusioni» de Marco Sala; «Malomba» e «Muccia» de Giuseppe Blanc; «Dell'ago al milione», «Ricordo tutto», «Il passagio del trenó» de Dall Argine», «Voluta», de E. Corosio; «Momenti Felice» de Ferrabino e outras.

Ao ganhar maior divulgação e aceitação, a valsa modificou-se, amaneirou-se, abrasileirou-se. Chegou a se tornar de uma lentidão carinhosa, melancólica, de acentuado lirismo. E com essas características, exerceu influência direta sobre a modinha, a qual acabou adotando, em numerosos exemplos, o corte rítmico da valsa. Também, na estrutura desta, há versões brasileiras de romances ibéricos, constatados em nosso trabalho «Romanceiro Folclórico do Brasil». Acresce ainda que valsa, entre nós, quase se tornou sinônimo de serenata ou seresta, cujo climax só era atingido, quando se ouviam os sons de uma valsa chorosa, a valsa-serenata. Na sua forma, foi criado um de nossos mais belos dorme-nenês, «Dorme, dorme, filhinho, dorme anjinho inocente». O vocábulo «valseado», designando o rodado da dança, integrou-se ao folclore brasileiro, com idêntico sentido, a comprovar a importância dessa dança, em nossa manifestação de cultura espontânea.

Nos derradeiros anos do século passado e princípios deste, o piano era, entre nós, «o instrumento por excelência da música, do amor socializado com casamento e benção divina, tão necessário à família como o leitor nupcial e a mesa de jantar», comentou Mário de Andrade. Outrossim, em nossa cidade, afirma Jorge Americano no livro «São Paulo Naquele Tempo», «quase todas as moças estudavam por imposição. E quase todas, quando casavam, traziam o piano como parte do mobiliário da casa».

Por isso, as valsas, em geral, eram impressas para piano ou canto e piano, a fim de que pudessem ser utilizados nos assustados das casas de família e até mesmo em reunões artísticas, cujo objetivo não era a dança. No entanto, isso não impedia que, ao som dos violões, do cavaquinho, da flauta, que acompanhavam o canto solista, elas se tornassem quase que a razão de ser das serenatas. Referindo-se a serenata, Luís da Câmara Cascudo relembrou as «velhas valsas sonoras de meio século».

Em São Paulo, as valsas eram impressas, na primeira vintena do século, nas casas Bevilacqua, Sotero, Di Franco, Levi, Attilio Izzo, Povoa, Eugênio Hollender. Para essas impressoras, levavam suas valsas chorosas compositores conhecidos, professores e amadores de música, que viviam na Paulicéia ou no Interior. Entre estes, recordamos Elias Álvares Lobo, com a «Esperança»; João Gomes de Araújo, «Não ouvi»; Luiz Levi, «Periquito»; Carlos Pagliucchi, «Eterna Lembrança»; Nicolino Milano, Niterói; Tristão Mariano Junior, «Ausência Cruel»; Francisco Vuono, «Gemidos de Amor»; Benedito Dutra Teixeira, «Zoraide», Ormênio Gomes, «Nauthilde»; Ezequiel de Camargo, «Dinorá»; Alfredo Montmorency, «Amor que Mata»; David Goulart, «Lágrimas Sentidas»; A. Milanez, «Bela Paulista»; Gurgulino de Souza, «Diálogo de Amor»; P. Silveira Melo, «Saudades de Vovó»; e, além de muitos outros, os irmãos Tavares de Lima: Bellini, Mozart e Modesto.

Bellini Tavares de Lima nasceu em Muzambinho, no Estado de Minas Gerais, a 23 de novembro de 1883. Com três anos, foi com os pais para Franca. Estudou música com o próprio pai, aprendendo piano e instrumentos de banda. Participou do conjunto instrumental do Liceu Francano. Transferindo-se para São Paulo, frequentou o Colégio do Seminário e aí também foi músico de banda. Prosseguiu os estudos no Colégio Diocesano de Sorocaba. Fez curso de preparatório para odontologia em Pouso Alegre, no Estado de Minas. Em 1906, retornou a São Paulo, indo morar no Seminário, onde foi professor de flauta. Formou-se dentista pela Escola de Farmácia e Odontologia da Capital. Exerceu os cargos de professor de música nas Escolas Normais de Casa Branca e de Piracicaba. Em São Paulo, ensinou piano e flauta e dirigiu, com enorme sucesso, a orquestra do cinema Chanteclair, à rua General Osório, lá pelos idos de 1912. Faleceu nessa cidade, em 1947.

Compôs várias e famosas valsas: «Lágrimas», «Bem Longe», «Escrava do Amor», «Se ela Soubesse», «Gemido Apaixonado», «O Violão do Papai», «Sinhazinha», «Chorando». Esta última atingiu onze edições, o que comprova o êxito das suas valsas.

Mozart Tavares de Lima nasceu em Cabo Verde, Minas Gerais, a 12 de fevereiro de 1886, no mesmo ano em que seus pais transferiram-se para Franca. Estudou piano e instrumentos de banda. Chegou a se tornar bom pianista e ainda organista e violoncelista. Aos vinte e um anos, veio para São Paulo, a fim de «tomar seu cargo o órgão da casa», a convite do reitor do Seminário. Nessa cidade, exerceu as funções de professor de piano. Também ingressou na Escola de Farmácia e Odontologia, tendo se diplomado em farmácia no ano de 1910. Em 12, foi nomeado professor de música da Escola Normal de Itapetininga e aí organizou um orfeão, muito prestigiado no interior paulista. Ainda dirigiu a música da igreja, nas festas solenes, e lecionava piano e canto. Em 1925, voltou a São Paulo, convidado a assumir a cadeira de música da Escola Normal da Praça da República. Nesse instituto, assim como no Ginásio Osvaldo Cruz, de Pedro Voss, formou conjuntos corais, cuja fama atravessou as fronteiras do Estado. Foi membro do Conselho de Orientação Artística, da Secretaria de Educação e inspetor estadual do Conservatório Dramático e Musical. Aposentado, continuou a residir em São Paulo, falecendo em 1971.

De 1906 a 1912, escreveu algumas valsas de sucesso, a saber: «Angelita», «Margarida», «Lalaide», «Ideal que Morre», «Delírio», «Douce Impression», «Jupira».

Modesto Tavares de Lima, o mais jovem dos irmãos, nasceu na cidade de Franca, em 12 de setembro de 1890. Como os demais, fez os estudos de música em casa, aprendendo piano e instrumentos de banda. Aos dezoito anos, veio para São Paulo, onde teve como professor Felix Otero, de muito renome na cidade. Dedicou-se à regência de orquestras

Cont. Pág. 9

(Cont.)

de cinema. Destacou-se como maestro no High-Life, no largo do Arouche. Na orquestra desse cinema divulgou as suas mais belas valsas. Em 1925, foi substituir o irmão Mozart na cadeira de música da Escola Normal de Itapetininga. Lá se dedicou ao ensino de piano e organizou um orfeão com acompanhamento de violões, que ficou famoso. Depois de alguns anos, em Itapetininga, voltou a São Paulo, assumindo a cadeira de música do Ginásio Estadual «Presidente Roosevelt». Faleceu em 1946.

Grande sucesso de Modesto Tavares de Lima, na orquestra do High-Life, foi a sua valsa «Amor Ideal». Mas também foram muito divulgadas «Porque Choras», «Princesa de Franca», «Pobre Amor», «Pobrezinha», «Amável», «Valsa Triste».

As obras dos irmãos Tavares de Lima foram, na sua maioria, editadas por Bevilacqua & Cia. E elas sempre fizeram parte dos álbuns encadernados das famílias de São Paulo e interior, em cuja sala havia um piano executado por uma jovem, na primeira vintena do século.

Todos os Tavares de Lima começaram o aprendizado de música sob a orientação dos pais, Tristão e Francisca Cândida Tavares de Lima. Depois, praticaram na banda do tio, Joaquim Tristão de Lima. E se é verdade que Bellini, Mozart e Modesto foram os que mais se destacaram, os demais irmãos também se dedicaram à música. A propósito, lembre-se a Coleta, violinista, professora de música e regente da orquestra do cinema Santa Maria, em Franca. O padre Donizetti era organista, Tristão filho tocava violino, o meu xará Rossini chegou a ser bom pianista e o Verdi, último dos irmãos, conhecia o piano e sabia organizar banda de música nos grupos escolares, onde exerceu as funções de diretor. Se bem que conhecesse música, apenas deixou de desenvolver atividade nesse domínio a irmã Rita de Cássia.

Rossini Tavares de Lima

BIBLIOGRAFIA

Almeida, Renato. História da Música. Rio de Janeiro. Briguiet, 1942.

Americano, Jorge. São Paulo Naquele Tempo. São Paulo. Edições Melhoramentos.

Andrade, Mário. Música, doce música. São Paulo. Martins, 1963.

Cascudo, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. Brasília. Instituto Nacional do Livro, 1972.

Almanaque Histórico de Franca. Franca. Tipografia Renascença, 1943.

Direito Autoral

O Ministério da Cultura acaba de publicar o Informativo n.º 3 de «Direitos & Autores», noticiando a necessidade de uma reformulação do sistema autoral no País. Que o atual funcionamento é mais que deficiente, pode ser confirmado por todos os compositores de música erudita. O redator deste jornal, no tempo da SBACEM, recebia pontualmente seus direitos, o que não acontece desde a centralização do sistema. Com músicas executadas em recitais e concertos, há anos não recebe nem «tostões», nem cruzados.

LIVROS DE LUIS ELLMERICH

HISTÓRIA DA MÚSICA (388 páginas ilustradas) — 5.ª edição

COLEÇÃO BIOGRAFIAS DOS GRANDES MÚSICOS (com posters)

HISTÓRIA DA DANÇA (326 páginas ilustradas) — 3.ª edição

MANUAL DO BALÉ (em colaboração com Clarisse Pinto) — A técnica do balé clássico, terminologia, danças características e 22 peças para acompanhamento, ao piano, de aulas de balé.

NAS LIVRARIAS E CASAS DE MÚSICA

A Presença Feminina na Música Erudita Brasileira

Clorinda Rosato

Nascida em S. Simão, S.P., em 11/12/13, CLORINDA ROSATO iniciou seus estudos de piano com Alice Ornellas, tendo ingressado no Conservatório Dramático e Musical de S. Paulo, aos 13 anos de idade, tendo como mestres, Miguel Gallo (piano), e Mário de Andrade (História da Música), entre outros. Este último, teve decisiva influência, em seu desenvolvimento de compositora. À pedido do mestre escreveu «NOTURNO» (1934), para piano, com características brasileiras, porém com técnica impressionista. Formou-se com Distinção, em 1933, e a seguir se aperfeiçoou com Francisco Mignone, Frutuoso Wiana, M. Braunwieser, F. Franceschini, e Fontainha. Sua fase áurea, como compositora, abrange o período de 1933 a 1942, curto espaço de tempo, onde compôs suas obras mais significativas, tais como: «DANÇA DE CABOCLO» (1933); «VALSA SERESTEIRA» (1933); «BRINQUEDO DE RODA» (1934); «CAXIMBOMBÔ» (1935); «MOVIMENTO DE DANÇA» (1939); «VALSA N.º 2» (1939); «SERESTA» (1939; e a grande «SONATA» (1941-1942), em três movimentos tradicionais.

Com a obra «QUATRO CORAIS», sobre poesias de Gregório de Mattos, obteve «Menção Honrosa», no Concurso do Dept.º de Cultura, desse ano, tornando-a, juntamente com Dinorah de Carvalho, uma das raras compositoras em evidência, nessa época. Suas obras, desse período, são caracterizadas por uma hábil polifonia, riqueza de modulações, e um elemento espressivo poucas vezes encontrados na música contemporânea brasileira.

A partir de 1942, nota-se uma brusca mudança, no estilo de suas composições. Surge uma nova fase na Composição: peças curtas, quase sempre de cunho religioso, despidas de qualquer polifonia e sem nenhum caráter nacionalista.

Ela veio à falecer em 22/05/85. CLORINDA ROSATO, uma das mais expressivas compositoras brasileiras, deixa uma obra de cerca de 50 títulos, abrangendo música para piano, canto e câmara, sendo que quase todo o material se acha em manuscrito.

Siegfried Schmidt

Arthur Bosmans

O compositor Arthur Bosmans, residente em Belo Horizonte, nos informa sobre a apresentação de suas obras no Exterior. Entre elas se destacam «Tropicana» (p/ flauta e fagote), 3 Epigramas (p/ orquestra de cordas), Sinfonieta etc. Suas «Brasileiras» (5 peças de concerto para violão), na interpretação do guitarrista espanhol Nicolas Daza, foram adotadas em conservatórios belgas. O «Cateretê», peça orquestral, teve sua estréia européia na Polônia e foi também transmitido pela Rádio Canadá.

Noticia-se ainda que o compositor brasileiro Oiliam Lanna, após estágio na Universidade de Montreal, voltou a reassumir sua cadeira de contraponto e fuga na Escola de Música da UFMG.

Danças Folclóricas da Europa Danças da Ásia, África e Oceania (Folclore)

de

Maria Amália Corrêa Giffoni

Em São Paulo: Livraria Nobel, Rua Maria Antonia, 108 e Livraria Teixeira, Rua Marconi, 40

Em Salvador: Av. Oceania, 638 ap. 103, Ondina

(Sérgio Souto de Oliveira)

MÚSICA ELETRÔNICA

Uma Atitude Crítica à Utilização Musical do Meio Eletrônico

A utilização do meio eletrônico vem operando uma profunda modificação nos valores culturais. Na arte especificamente, os chamados meios de comunicação de massa (disco, rádio, cinema e televisão) e os sistemas de processamento de informação (computadores e periféricos) transformaram brutalmente os processos de produção e principalmente de percepção da arte.

O final do século XIX viu surgir as primeiras tentativas de processamento do sinal sonoro, até então considerado como fugaz, impermanente, dependente exclusivamente da memória, ou da interpretação a partir de notação gráfica. As possibilidades de conversão dos sinais sonoros em sinais elétricos e novamente em sinais sonoros (Bell-telefone, 1876) e dos sistemas de armazenagem do sinal (Edson, Berliner e Poulsen — sistemas fonográfico e magnético, 1877-1896) inauguraram uma nova fase, atingindo em algumas décadas, um surpreendente aperfeiçoamento.

O desenvolvimento da música eletrônica, a partir dos trabalhos pioneiros de Cage (EUA), Schaeffer (França) e Eimert (Alemanha), após a segunda grande guerra, forneceu aos novos compositores novas possibilidades sonoras. As consequências foram diversas, porém inegavelmente o processo de compor utilizando o meio eletrônico, marcou totalmente a música da segunda metade do século XX.

Para alguns essas mudanças se processaram muito subitamente, não possibilitando uma adaptação imediata. Esses exigem exclusivamente música ao vivo, sem perceber que a eletrônica não veio **concorrer** com o músico, sim **ampliar** seus recursos.

A aproximação do ouvinte com a música vem sendo feita, nessa metade de século, cada vez mais mediada pelo meio eletrônico. No Brasil particularmente, por uma série de razões, este fenômeno é bastante acentuado. Muitos ouvintes nem se conscientizam deste fato. A Música que se ouve pelo rádio, num disco ou mesmo num show, é totalmente difundida através da eletrônica. Muitas vezes, ao nos referirmos a um ou outro grupo musical que não inclua instrumentos eletrificados (guitarra, baixo, piano elétrico por exemplo) dizemos que faz «um som exclusivamente acústico», desprezando o fato de que nunca ouvimos os seus instrumentos ou vozes sem a mediação da eletrônica.

A música eletrônica propõe uma atitude crítica à utilização deste meio. Se o simples fato de uma música ser transmitida pelo rádio, gravada em disco ou amplificada numa apresentação ao vivo, não basta para que ela seja considerada como «música eletrônica», uma vez que o meio eletrônico desempenha ali apenas o papel de veículo, permanece o fato de que este meio **poderia** estar sendo utilizado de maneira mais crítica, mais sensível à mediação ouvinte-música/música-músico.

Igor Lintz Maués

(Igor Lintz Maués é compositor e professor de música eletrônica no Instituto de Artes do Planalto — UNESP.)

Com referência a música eletrônica, o autor aceitaria sugestões ou troca de idéias.

Cartas p/ redação do JORNAL DA MÚSICA, em nome de Igor Lintz Maués.

LUIZ ALVES

O violonista Luiz Alves, também compositor, estudou com Francisco Araújo. Desde 1980 realiza recitais em São Paulo e no Interior do Estado. Em 1985 lançou seu disco MPB Choro com três Choros de sua autoria e um de Francisco Araújo. Tendo outras peças inéditas de sua autoria, procura editor (Caixa Postal 9739 — CEP 01051 São Paulo).

Museu Villa-Lobos

Desde julho p.p., o Museu Villa-Lobos está instalado numa casa preparada pela Fundação Nacional Pró-Memória na Rua Sorocaba, 200, — Rio de Janeiro. Dispondo de anfiteatro, arquivo sonoro, biblioteca e loja para a venda de livros, discos e partituras, pretende incentivar a produção de música erudita brasileira e a pesquisa de suas raízes folclóricas e populares.

A SERENATA

Órgãos Eletrônicos, Pianos, Baterias, Amplificadores, Violões, Guitarras, Acessórios e Instrumentos Musicais (Nacionais e Importados)

MÉTODOS - PARTITURAS
CLASS./POPULARES
NAC./INTERNACIONAIS

ATENDEMOS PELO REEMBOLSO POSTAL

AV. OLEGÁRIO MACIEL, 150 - FONE: (031) 226-1800 - PABX - CEP 30180
BELO HORIZONTE - MG.

Sistema de Apoio às Bandas de Música

«La Banda è l'unione di vari strumenti a fiato e a percussione, divisi per categorie secondo criteri artistici, e offre um campo vastissimo di impasti e combinazioni foniche, tali da permettere l'esecuzione di musiche d'ogni genere e d'ogni tempo.

Scopo principale della Banda è quello di divulgare i capolavori musicali, senza che ne venga alterata o falsata la concezione artistica del compositore, sviluppando e migliorando cosi con esecuzioni all'aperto il gusto musicale del popolo.»

(Pietro Ermenegildo, in «IL MAESTRO DI BANDA» — Ed. Ricordi-Milano 1958 - Pág. 4)

(«A Banda é a união de vários instrumentos de sopro e percussão, divididos por categorias segundo critérios artísticos e oferece um campo vastíssimo de mistura e combinações fônicas, de forma a permitir a execução de músicas de qualquer gênero e de qualquer tempo.

O objetivo principal da Banda é o de divulgar grandes obras musicais, sem que seja alterada ou falseada a concepção artística do compositor, desenvolvendo e melhorando assim, com apresentações ao ar-livre, o gosto musical do povo.») (idem, ibidem).

Tomamos esse excerto do livro do Maestro Pietro Ermenegildo para ilustrar o enfoque que deve ser dado à Banda de Música, também no Brasil, onde, infelizmente, mercê de uma série de fatores, esse tipo de conjunto instrumental, na grande maioria dos casos, tem uma fundação meramente de entretenimento de nível bem inferior, donde surgiram os designativos perjorativos tais como «charanga», «furiosa», etc. etc.

Apesar disso, não pode ser negado que a Banda de Música tem se constituído na principal escola de música instrumental e na principal supridora de instrumentistas de sopro para os conjuntos instrumentais das grandes cidades e a reveladora de grandes gênios tais como Carlos Gomes, José Siqueira, Eleazar de Carvalho, entre outros.

Mas devemos pensar na Banda de Música com toda a potencialidade que ela possui, não só sob o ponto de vista do aperfeiçoamento do músico, mas igualmente sob o ângulo do quanto ela pode contribuir para a cultura das massas.

O Brasil é um país gigantesco que tem peculiaridades que nos encantam, a começar pela língua que é una em todo o seu território, até chegar à Banda de Música, que encontramos em todos os rincões, por menores e mais recônditos que eles sejam.

Muitos desses conjuntos nasceram pelo idealismo de um «Coronel» da Guarda Nacional, de um Padre que queria enfatizar as cerimônias públicas, de um Pastor visando sublimar o culto, ou simplesmente de um púgilo de homens que desejavam tornar mais vibrante o seu convívio. A Banda de Música veio para ficar, com os portugueses, e aproveitou-se da imigração italiana, alemã, espanhola e outras, para crescer e se multiplicar.

No dia em que for escrita a história das Bandas de Música no Brasil, ter-se-á a oportunidade de verificar qual a sua importância e qual o valor dos homens que se engajaram no movimento bandístico, alguns de valor internacionalmente reconhecido.

A situação atual de subvalorização da Banda de Música não pode ser atribuída à proliferação das fontes de entretenimento, incluindo-se aí a própria televisão. Verifica-se em países como Japão, França, Itália, Estados Unidos e outros, que elas ainda tem importância capital não só na educação musical, como também na manutenção do gosto popular pela música: **de todos os gêneros e de todos os tempos.**

Acreditamos que a situação presente é a de um círculo vicioso: a Banda não recebe apoio da comunidade porque seu nível é baixo e a Banda não melhora de nível porque não recebe apoio da comunidade.

Um primeiro passo precisa ser dado para romper com esse círculo e ele, sem dúvida, deve começar pela Banda de Música.

Como melhorar a Banda de Música?

O projeto Bandas do Instituto Nacional de Música (FUNARTE), já detectou os principais problemas:

I — INSTRUMENTOS

A grande maioria das Bandas de Música, encontrava-se operando com instrumentos em estado precário e com dezenas de anos de uso. O programa de distribuição de instrumentos, que começou com o projeto de melhoria da qualidade dos instrumentos musicais fabricados no Brasil, já atendeu a uma quantidade considerável de entidades.

II — REPERTÓRIO

O Instituto Nacional de Música abordou esse problema e está para editar o «Repertório de Ouro». Parece-nos que nos restringiremos, com essa edição, às músicas populares brasileiras. Achamos que deveriam ser incentivadas as composições eruditas, junto aos compositores brasileiros de alto nível, bem como providenciadas edições, nacionais ou estrangeiras, das grandes obras da música universal, devidamente instrumentadas para os conjuntos tipo mais comuns no Brasil (... **execução de músicas de qualquer gênero e de qualquer tempo).**

III — MESTRES DE BANDA

O Instituto Nacional de Música, através do Projeto Bandas, tem realizado, com absoluto sucesso, cursos de reciclagem para Mestres de Banda, todavia, por escasses de recursos, a quantidade de atendidos é relativamente pequena, face à nossa extensão territorial. Acreditamos que deveria ser elaborado uma literatura específica, incluindo eventualmente recursos audio-visuais, que pudesse chegar até o mais escondido dos Mestres, a fim de que, em se conscientizando da importância de seu trabalho, possam dar o melhor de sí.

Carecem os Mestres, também de material de apoio para suas tarefas didáticas, apesar de que no Brasil tenhamos músicos com excelentes qualificações para a elaboração de métodos. Haja vista o «Método Ilustrado de Flauta», de autoria do Prof. Celso Woltzenlogel, obra que tem se coberto de encômios, inclusive em outros países.

IV — REPARADORES DE INSTRUMENTOS

Esforços também já foram feitos neste sentido, todavia o interesse para uma exploração desses serviços profissionalmente, em função da exigüidade do mercado, tem se restringido às grandes cidades.

Achamos que o mais importante é a conscientização do músico sobre os cuidados que deve ter com seu instrumento, a fim de evitar a grande maioria dos problemas que, em se agravando, exigem a intervenção de um reparador. Deve-se eliminar a prática comum da «reforma geral», buscando ressucitar instrumentos que já exauriram sua vida útil. Estes normalmente, readquirem seu aspecto físico, todavia, perdem, quase sempre, todas as características estruturais de sua concepção: em suma, ficam «bonitinhos, mas ordinários» e vão, habitualmente, prejudicar o aprendizado de um indivíduo que poderia ser mais um bom músico.

Incentivada a Banda de Música a melhorar seu nível, deve-se pensar em valorizá-la perante a sua própria comunidade, a fim de que esta esteja sempre apta e pronta a incentivá-la e ampará-la.

Tivemos a oportunidade de verificar o movimento que se desenrolou, em âmbito nacional, quando o Instituto Nacional de Música promoveu o I e o II Campeonato Nacional de Bandas. A possibilidade da Banda representar o próprio Município em um programa de televisão de âmbito nacional fez com que muitas comunidades acordassem para a importância que ela tem e fervilhassem visando incentivá-las e apoiá-las. Um exemplo clássico é o do Município de Visconde do Rio Branco, Minas Gerais.

A Banda tem condições, se devidamente preparada, de ser um substituto condigno para as Orquestras Sinfônicas, levando ao povo, nas praças e coretos, as músicas que normalmente se executam nos teatros. Aliás, Segundo Savino de Benedictis, foi essa exatamente a causa determinante do surgimento da Banda nos moldes atuais: levar para o povo as músicas que se executavam nas Cortes.

Considerem-se os seguintes aspectos:

* Quais, dos quase quatro mil Municípios brasileiros, possuem ou tem condições de construir um teatro adequado para as apresentações de Orquestras Sinfônicas?
  A maioria já possui ou tem condições de construir um coreto ou uma concha acústica.

* Onde obter os instrumentos para suprir 1300 Orquestras (número semelhante ao das Bandas cadastradas pelo Projeto Bandas)?
  O Brasil ainda não dispõe de fabricação industrial da maioria dos instrumentos da Orquestra, acontecendo o contrário com os de Banda.

* Onde obter mais de mil Regentes para suprir as Orquestras?
  Mestre de Banda temos à vontade, oriundos, em grande parte da excelente escola que são as Bandas Militares.

O Minitério da Cultura, através do instituto Nacional de Música da FUNARTE, tem possibilidade de estabelecer normas para as Secretarias de Cultura dos Estados e dos Municípios e de orientá-las no sentido do fortalecimento, do amparo e do incentivo às Bandas de Música, engajando-as, também num grande campeonato nacional, em que cada Estado estaria representado pelos seus três melhores conjuntos.

Através do campeonato os resultados do desenvolvimento das Bandas de Música e da sua contribuição para a cultura do povo brasileiro se farão sentir a curtíssimo prazo.

Nelson Weingrill

Clube Internacional da Amizade

Entidade dedicada à confraternização internacional e nacional, já em contato com numerosos países, aguarda novas adesões. Correspondência para Marcelino Dobarro Casado, Caixa Postal 12.795 - CEP 04798. - São Paulo.

QUEM SABE ?

Grinalda de Trovas

VIVEREI SEMPRE APREGOANDO
A RARA GENIALIDADE
DE CARLOS GOMES, CANTANDO,
A LINDA CANÇÃO, QUEM SABE?

A LINDA CANÇÃO, QUEM SABE?
REVELA O COMPOSITOR,
QUE, COM MUSICALIDADE
MANIFESTOU SEU AMOR.

MANIFESTOU SEU AMOR,
QUE NASCEU NESTA CIDADE,
INSPIRANDO COM LOUVOR,
ESTA MODINHA À SAUDADE.

ESTA MODINHA À SAUDADE,
TÃO SUSPIROSA DE AMOR,
TEM DOCE SENSUALIDADE,
DO CANCIONEIRO É UM PRIMOR!

A LINDA CANÇÃO, QUEM SABE?
MANIFESTOU SEU AMOR,
ESTA MODINHA À SAUDADE,
DO CANCIONEIRO É UM PRIMOR!

Norma de Lourdes Abreu Guimarães

Recordes de Gravação

O Guimess Book registra os recordistas em gravação musical. Em primeiro lugar consta o compositor e regente austríaco de operetas Robert Stolz, cuja primeira gravação se realizou em 1904 e a última 70 anos depois, um ano antes de seu falecimento em 1975. George Baker é recordista, gravando operetas de Gilbert e Sullivan de 1909 até completar 80 anos de idade. Os pianistas Alfred Cortot e Wilhelm Backhaus gravaram durante meio século e o violinista Mischa Elman gravou de 1906 até 1956.

VII ENCONTRO SULMINEIRO DE CORAIS

Com participação de corais de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, O Conservatório Estadual de Música Juscelino Kubitschek de Oliveira, de Pouso Alegre, promoveu o Encontro em epígrafe. Comemorando o 138.° Aniversário de Pouso Alegre, apresentou-se no Teatro Municipal da cidade André Lorieri e o Grupo A. M. A. R. de São Gonçalo do Sapucaí, participando 120 elementos num espetáculo folclórico.

CONCURSO DE PIANO E CANTO «LUIS ELLMERICH»

Neste concurso, promovido pelo Instituto Cultural Conservatório Musical «Heitor Villa-Lobos», de São Paulo, foram premiados: PIANO — 1.° turno, Rosana Oliveira de Albuquerque e Idalice Aparecida Genovesi. — 2.° turno, Shayuri Okamoto, Elisabete de Souza Alves e Rosane Sierra Teixeira. — 3.° turno, Edivania Cristina Cochito. CANTO — **Feminino;** Celeste Manzini, Cleusa Pereira Marche e Paula Kimachi. **Masculino;** Elcio Aparecido Pires de Assis, Carmo Eduardo Palmieri e Mauro Cesar de Mattos.

CASA DA MÚSICA

TUDO PARA A MÚSICA

MÉTODOS - PARTITURAS
CLASS./POPULARES
NAC./INTERNACIONAIS

R. Cesar Bierrenbach, 160 Campinas
Fone (0192) 32-3844 Est. S. Paulo

Fredericus Rex

A FLAUTA DE SANSSOUCI

No ano de 1986, além de comemorar centenários de grandes compositores como Carlos Gomes, Liszt e Weber, recorda-se também o rei Frederico II, o Grande, da Prússia, que faleceu em 17 de agosto de 1786. A dinastia dos Hohenzollern teve início em Sigmaringen no ano 1061.

Friedrich Wilhelm I, primeiro rei da Prússia *(1713-40), soldado de caráter rude*, é considerado o criador do Estado prussiano. Casado com Sofia Dorothea, de mentalidade refinada, em contraste ao marido, teve 14 filhos. Frederico, que nasceu em 24 de janeiro de 1712, revelou-se calmo, um pouco tímido, sentindo-se alheio ao célebre «Tabakkollegium», onde o pai, num ambiente de viciados fumantes, reunia seus amigos. A educação do pequeno Friedrich, dos 04 aos 16 anos de idade, esteve a cargo do preceptor Duhan, filho de imigrantes huguenotes, o que resultou na forte influência francesa transmitida ao jovem. A flauta, na época o instrumento de moda na França, encantou o jovem, tendo aulas com Hayne. Quando ele tinha apenas dez anos de idade, o pai aconselhou ao filho: «Nada de amantes, comédias, óperas ou dança». Os maus tratos do progenitor, sujeito a humilhações em público, causaram em 1730 uma tentativa de fuga, provocando sua prisão em Küstrin. Lá, em companhia do oficial von Katte, praticava a música, tocando cravo e flauta. Uma nova fuga, preparada por von Katte, teve conseqüências dramáticas, o oficial, condenado, foi decapitado na presença do jovem príncipe, na ocasião com 18 anos de idade. A seguir continuou afastado da família e praticando serviços administrativos. Em 1732, contra sua vontade, Friedrich ficou noivo de Elisabeth Christine de Braunschweig, que tocava harpa e, segundo palavras do noivo, «dançava como um pato».

Promovido para coronel, Friedrich foi transferido para Ruppin, casando-se em Rheinsberg no ano 1733. Assumindo o governo em 1740, promoveu com vitórias e derrotas as duas guerras silesianas contra a Áustria, apoderou-se da Prússia Ocidental e foi ainda um dos responsáveis pela Guerra dos Sete Anos (1756-63), na qual, aliado à Inglaterra, lutou contra a Saxônia, a Áustria e a Rússia. Somente em 1779 chegou-se à paz definitiva com a Áustria, durante os regimes da Imperatriz Maria Teresa e José I.

O Homem

De religião protestante, declarou-se livre pensador e foi membro da primeira maçonaria alemã. Amigo de Voltaire e outros intelectuais, Friedrich fundou a Academia de Ciências e Artes. Dominando deficientemente a língua alemã, falava e escrevia em francês. Inspirado no castelo de Versailles, fez construir, perto de Potsdam, Sanssouci, onde queria ficar «livre de preocupações», o que significa o nome em francês.

Considerando-se o «primeiro servente do Estado», incentivou de maneira notável as artes, adquirindo numerosos quadros, esculturas etc. Comprando obras literárias, fez questão de encomendar cinco exemplares de cada uma, destinadas às bibliotecas de Potsdam, Sanssouci, Charlottenburg, Berlim e Breslau.

Seu primeiro contato com mulheres, Friedrich teve aos 16 anos, quando, em companhia do pai, visitou a corte de Dresden. Lá encontrou as numerosas amantes de Augusto II, o Forte, rei da Polônia. Com a espôsa, ele teve total incompatibilidade, vivendo quase sempre separado. Sem filhos, seu herdeiro do trono foi o sobrinho Friedrich Wilhelm II.

Barberina

A cantora Barbera Campanini, nascida em Parma no ano 1721, estreou aos 18 anos em Paris na ópera «Fêtes d'Hébé» de Rameau, seguindo depois para Londres. Teve inúmeros amantes, deixando-os arruinados. Contratada por Friedrich para a ópera de Berlim, de índole muito autoritária, demorou em assumir sua função, até ser raptada por ordem do rei. Estreando em 1744, despertou a paixão de Friedrich, que lhe deu um ordenado na importância equivalente ao de cinco ministros, cinco mil thalers com cinco meses de férias e direito a turnês no estrangeiro. Durante quatro anos, Barberina foi chamada a «rainha de Berlim» e seu retrato está exposto no salão de música de Sanssouci. Cansada da vida teatral, aceitou a mão de um jovem barão, sendo exilada por vingança do rei para a Silésia.

Separando-se do marido, ela faleceu em 1799 como superiora de um convento de jovens nobres. Ela quis ser sepultada junto aos cachorros e ao cavalo de estimação do rei, em Sanssouci, o que não aconteceu. Seu monumento, em Berlim, foi demolido no fim da última guerra.

Flautista e Compositor

Friedrich teve como professor o flautista Johann Joachim Quantz (1697-1772). Discípulo de Fux, em Viena, atuou nas capelas reais de Dresden e Varsóvia. Contratado em 1728 como professor do jovem Friedrich, destacou-se como compositor da corte até seu falecimento. É autor de cerca de 300 concertos para flauta, sonatas, música de câmara e vocal. Escreveu um método para flauta, construíndo também instrumentos.

Friedrich, quando não estava em campanhas bélicas, tocava flauta em diversas horas. Além dos necessários exercícios, preparava as partes a executar à noite em conjunto, sendo lembrado no famoso quadro «Concerto em Sanssouci» de Menzel (ver foto). Com a irmã Wilhelmine tocava duetos. Ela chamava seu alaúde de «príncipe» e a flauta do irmão de «principessa». Friedrich só tocava peças de Quantz e obras próprias. Ele compôs 121 sonatas, 4 concertos, uma sinfonia, uma abertura, árias e 3 marchas militares. Ele tinha bela voz, dando aulas ao jovem tenor Porporino, compondo algumas árias para ele.

O Ambiente Musical em Sanssouci

Em 1732, Friedrich contratou Johann Gottlieb Graun (1702-71), autor de cerca de 100 sinfonias, concertos para diversos instrumentos, incl. flauta, música de câmara e sacra. Como regente na corte, apresentou as primeiras obras do rei. Em 1735 chegou a Berlim seu irmão Karl Heinrich Graun, mestre da capela real a partir de 1740, que compôs 36 óperas em estilo italiano, o oratório «A Morte de Jesus», um Te Deum, concertos, música de câmara e sacra.

Karl Philipp Emanuel Bach, segundo filho de Johann Sebastian, ocupou de 1740 até 1767 o cargo de cembalista e maestro na corte. Outro cembalista foi Christoph Nichelmann, discípulo de Telemann, Bach e Quantz, compositor de sonatas e canções.

Em 1747, Johann Sebastian Bach, a convite do filho, esteve na corte de Friedrich. O rei, aproveitando a oportunidade, dando um tema musical, pediu a Bach que, baseando-se no mesmo, compusesse um «ricercare» em seis partes. Improvisando na hora, enviou a peça mais tarde ao rei, dando como título «Oferenda Musical», com a dedicatória «Regis issu cantio et relíquia canônica arte resoluta» (Por ordem do rei, a canção e o lembrete resolvidos com arte canônica).

Outro músico que veio à corte prussiana é o violinista boêmio Franz Benda. «Konzertmeister» em Potsdam, compôs sonatas para violino e deixou um importante método para o instrumento. Depois ingressaram seus dois irmãos na orquestra e o terceiro, mais jovem, passou a sucessor de Franz, cujos dois filhos também pertenceram ao conjunto. Somente Franz Benda e Quantz tiveram o privilégio de gritar «Bravo» quando Frederico, o rei, executou bem uma cadenza na flauta.

Montezuma

A Ópera de Berlim, cuja construção é outra iniciativa de Friedrich, foi inaugurada em 1742 com «Cesar e Cleopatra» de Karl Heinrich Graun, autor de 27 partituras de ópera. Entre elas «Montezuma», baseada na figura de um dos últimos reinantes mexicanos, que se submeteu ao domínio espanhol. Foi o próprio rei Friedrich que escreveu o libreto em francês, depois traduzido para o italiano. A estréia, com muito sucesso, teve lugar em 1755, tendo entre os protagonistas Astrua e o «castrato» Amandori. Da orquestra da Ópera faziam parte: 2 cembalos, 12 violinos, 3 violas, 1 viola de gamba, 4 violoncelos, 2 contra-baixos, 5 flautas, 4 oboés, 4 fagotes e 2 trompas.

Não deixa de ser interessante que o personagem Montezuma inspirou muitos outros compositores, exclusive mexicanos, devido a razões patrióticas. Em diversas fontes registrei: Vivaldi (Veneza 1733), Majo (Turim 1765), Joseph Myslivecek (Florença 1771), Paisiello (Roma 1773), Sacchini (Londres 1775), Zingarelli (Nápoles 1781), Seyfried (Viena 1825) e Roger Sessions (Berlim 1964 e Nova York 1982).

2.º Centenário

Durante a minha permanência em Berlim, tomei conhecimento de diversos eventos dedicados ao segundo centenário de falecimento do chamado «Fridericus Rex», tanto no setor ocidental como no oriental, inclusive a apresentação da ópera «Montezuma» (infelizmente antes de minha chegada). Destaca-se a Exposição «Friedrich der Grosse». No Museu de Instrumentos Musicais, a ser comentado em outra reportagem, estão expostas diversas flautas usadas pelo rei e um piano a martelo, primeiro do gênero, fabricado por Gottfried Silbermann, de quem o rei adquiriu três para seus castelos.

Em São Paulo, numa promoção do Consulado Geral da República Federal da Alemanha com a Fundação Hans Stadem, o redator deste jornal realizou um recital no Club Transatlântico, de cujo programa constaram obras de Friedrich der Grosse e Quantz para flauta e piano, com João Dias Carrasqueira, e árias de «Montezuma», a cargo da soprano Selma Breitschwerdt.

Luis Ellmerich

Oficina de Música em Curitiba

A V Oficina de Música terá lugar em Curitiba de 04 a 18 de janeiro sob coordenação geral de Glaci Gottardello Ito e coordenação artística de Paulo Bosisio. Participam 18 professores da capital paranaense, de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. No dia 11 de janeiro o compositor Henrique de Curitiba fará uma palestra sobre o tema «35 anos desde o Opus 1». De 19 a 22 de janeiro, os professores Luis de Moura Castro e Henriqueta Garcez Duarte promoverão um Encontro de Professores de Piano referente à técnica básica da obra pianística de Villa-Lobos.

Concurso Chopin em Curitiba

A Sociedade Juventus, de Curitiba, contando com seis mil sócios, fundada em 1898 por imigrantes poloneses, promoveu em abril p.p. o I Concurso Nacional de Interpretação Pianística de Música Brasileira-Polonesa e Concurso Chopin. Obteve o primeiro lugar o carioca André Rangel, ganhando um piano armário Essenfelder, uma turné pela Polônia e 160 OTN, oferecendo-lhe ainda um concerto com a Orquestra Sinfônica do Paraná, além do Troféu Brasílio Itiberé da Cunha pela melhor interpretação de música brasileira. Outros premiados foram Débora Halász (SP), Guilherme Schroeter, Douglas Iuri (Go), Martina Graf (PR), Vania Pimentel Canto e Eduardo Soares Monteiro.

Wilhelm Furtwängler

A Rádio Estadual do Paraná, a Orquestra Sinfônica do Paraná, o Centro Cultural Brasil-Alemanha e Schott & Musas promoveram uma programação especial em comemoração do centenário de nascimento do regente e compositor alemão Wilhelm Furtwängler.

entrevista

A FUNARTE publicou há pouco o livro «Radamés Gnattali, o eterno experimentador» de Valdinho Barbosa e Anne Marie Devos. Seu pai, imigrante italiano, fagotista e regente em Porto Alegre, como admirador de Verdi, escolheu para seus filhos nomes expressivos como Radamés, Ernani e Aida. Radamés iniciou seus estudos com a mãe, proseguindo no Conservatório da capital gaúcha. Seus primeiros ganhos ele obteve tocando em cinema, tendo entre seus colegas Luiz Cosme, mais tarde compositor de renome. Radamés Gnattali obteve grande sucesso em 1924, epresentando-se em recitais na Escola de Música do Rio de Janeiro e no Teatro São Pedro, em Porto Alegre, contando com o apoio do professor Guilherme Fontainha. Passando a residir no Rio, atuou em teatro e rádio.

Em 1932, à frente da orquestra, onde participaram o pianista Arnaldo Estrella e os violinistas Oscár e Alda Borgerth, regeu a opereta «Marquesa dos Santos», com música de sua autoria, seguida por outra, «Os Sertões», em parceria com Jaime Ovale. As primeiras gravações de suas obras tiveram início em 1933. Como arranjador das peças do repertório de Orlando Silva, ele modificou o sistema de orquestração, passando do tradicional violão-cavaquinho para violinos-metais, o que muito contribuiu para os sucessos do cantor. Também sua nova disposição rítmica para orquestra de samba, aplicada na peça «Aquarela do Brasil» valorizou o grande sucesso de Ari Barroso. A partir de 1936, durante 13 anos, Gnattali dirigiu o programa «Um milhão de melodias» no rádio. Em 1960, ele se apresentou na Europa com um conjunto de música popular e em 1964, juntamente com o violoncelista Iberê Gomes Grosso, realizou uma turné com recitais em Berlim, Roma e Israel. O mencionado livro insere relação completa das suas obras: concertos, música sinfônica, de câmara e popular, discografia, centenas de arranjos e diversos programas de rádio. Entre as ilustrações destaca-se um desenho de seu amigo Portinari.

Homenagem ao Octagenário

Em homenagem ao 80.° aniversário do compositor, a Câmara Municipal de São Paulo, outorgou a Radamés Gnattali a Medalha Anchieta, realizando-se na ocasião um concerto da Orquestra Sinfônica sob regência do maestro Julio Medaglia. Do programa constaram a 3.ª Brasiliana e o Concerto para violino de autoria do homenageado, de grande agrado por parte do público presente. Dorisa Teixeira de Castro, «spalla» dos Segundos Violinos da orquestra, revelou-se excelente intérprete do concerto, recebendo efusivas felicitações do compositor.

Aproveitamos a oportunidade da presença de Radamés Gnattali em São Paulo para uma ligeira entrevista. Das mencionadas turneés, ele ressalta os recitais em Israel. Declara que suas obras de maior sucesso são a Sinfonia Papular n.° 1, o Concerto Romântico para piano e a Brasiliana n.° 6. Entre as peças de estilo popular, ele destaca os choros com títulos que lembram doces: Remexendo, Batepapo e Papo de Anjo.

Compositores que admira são Claudio Santoro, Béla Bartók, Stravinsky e Rachmaninow. Ressalva também suas boas relações [illegible]

[illegible] orização da Banda de Música não pode ser atribuída à proliferação das fontes de entretenimento, incluindo-se aí a própria televisão. Verifica-se em países como Japão, França, Itália, Estados Unidos e outros, que elas ainda tem importância capital não só na educação musical, como também na manutenção do gosto popular pela música: **de todos os gêneros e de todos os tempos.**

Acreditamos que a situação presente é a de um círculo vicioso: a Banda não recebe apoio da comunidade porque seu nível é baixo e a Banda não melhora de nível porque não recebe apoio da comunidade.

Novidades em Gravações

J. S. BACH — 3 Sonatas p/ violoncelo e piano. Mischa Maisky-Martha Argerich (Polygram).

J. S. BACH — 2 Lps: peças do Livro de Anna Magdalena Bach, Pequenos Prelúdios, Invenções a 2 e 3 Vozes, Cravo Bem Temperado, Partitas, Prelúdios, Concerto Italiano, Largo do Concerto em Fá menor e Concerto Brandenburguês n.° 5. João Carlos Martins com Bach Tricentenial Chamber Orchestra (Eldorado).

MOZART — Sinfonias n.° 35 (Haffner) e n.° 41 (Jupiter). Filarmônica de Viena com Leonard Bernstein. (Polygram).

MOZART — Eine Kleine Nachtmusik, Noturno K 286, Serenata noturna K 239. Quarteto Salomon e The Academy of Ancient Music com Christopher Hogwood (Polygram).

MOZART — Concertos n.° 1, 2 e 3 e Concerto op. 3 n.° 3 Johann Samuel SCHROTER. Murray Perahia com English Chamber Orchestra (CBS).

SCHUMANN — Sinfonias n.° 1 (Primavera) e 4. Filarmônica de Viena com Leonard Bernstein (Polygram).

CHOPIN — Scherzos n.° 1 a 4 e Polonaise n.° 7 em Lá bemol. Claudio Arrau (piano). Polygram.

GHEORGHE ZAMFIR — Rapsódia da Primavera, Concerto n.° 1, Cores d'Outono e Valsa Negra. Filarmônica de Monte Carlo com Lawrence Foster (Polygram).

STRAVINSKY — Sinfonia dos Salmos, Fogos de Artifício, O Rei das Estrelas, O Canto do Rouxinol. Orquestra e Coro da Rádio Berlim com Riccardo Chailly (Polygram).

SHOSTAKOVICH — Sinfonia n.° 5, op. 47. Filarmônica de Nova York com Leonard Bernstein (CBS).

VLADIMIR HOROWITZ ao piano executa peças de Bach, Mozart, Chopin, Liszt, Schubert, Schumann, Rachmaninoff, Scriabin e Moszkowsky (Polygram).

RICHARD STRAUSS — Assim falou Zaratustra (poema sinfônico). Filarmônica de Nova York com Zubin Mehta (CBS).

SCHOENBERG — Pelleas und Melisande — Filarmônica de Berlim com Herbert von Karajan (Polygram).

BIZET — Suíte de «Carmen»; RUPERTO CHAPI — La Revoltosa; MANUEL DE FALLA — Danza española; Danza del corregidor, Danza del molinero, Canciones españolas; FEDERICO MORENO TORROBA — Sonatina trianera. Los Romeros (violões) e Angelita Romero (percussão e castanholas). Polygram.

WILLIAM BYRD — Pavana e Galiard, Hughs Ashton's ground, A Voluntary, Sellinger Round; ORLANDO GIBBONS — Fantasia em Dó maior, Alemanda, Pavana e Galliard «Lord of Salisbury». Glenn Gould (piano), CBS.

GYORGY LIGETI — Quarteto p/ Cordas n.° 2, Lux aeterna, Volumina, Estudo n.° 1 «Harmonias». Quarteto La Salle, Coro da Rádio do Norte da Alemanha, Gerd Zacher (órgão), Polygram.

RUTH SERRÃO ao piano executa «Dirg» de Guilherme Baumer, «Ciclo» de Maria Helena Rosas Fernandes, Suíte mirim de José Alberto Kaplan e Prelúdios tropicais de Guerra-Peixe (Fundação Nacional de Arte/ Instituto Nacional de Música).

OUT OF THE WORLD — John Williams com The Boston Pops interpreta programa variado (Polygram).

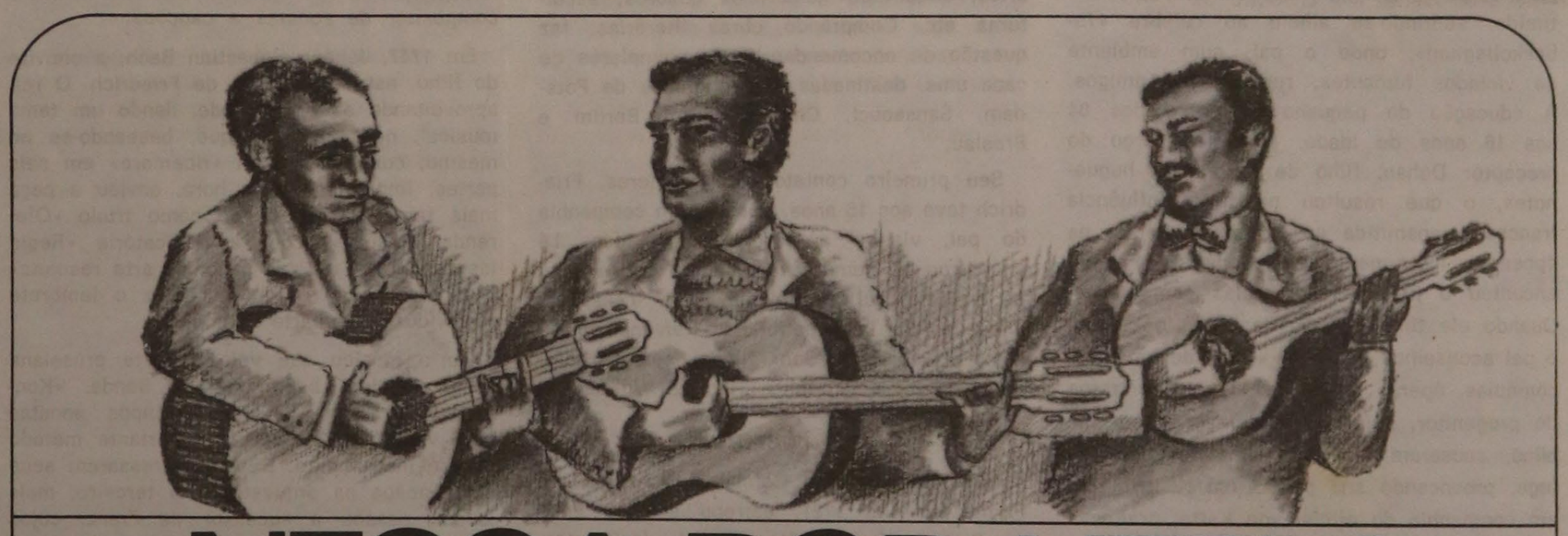
101 CORDAS — Peças modernas de música popular norte-americana (COMEP).

publicações recebidas

Jornal dos Professores 216-7 — **Jornal de Cultura** 9-10 — **Jornal da Ópera** 28-31 — **D. P. Leitura** 48-50 — **Boletim UFMG** 654 — **Informativo Weril** 46 — **Sumários de Música (USP)** 7 — **São Paulo Musical** 35-6 — **Notícias Bibliográficas e Históricas** 119 — **Dançar** 16 — **Perspectiva Universitária** 205 — **Raízes Lusíadas** 9, — **Diapasão** 2, — **Voz da Nação** 9-10 — **Letras em Marcha** 176-8 — **Perfeita Liberdade** 258-61 — **Jornal Helenico** 57-8 — **O Arruia** 308-10 — **Eletrônica** 301 — **Em Foco** 42-3 — **Brasilturis** 110-4 — **Informativo Cultural (Praia Grande)** 100-1 — **Jornal Condomínio** 95 — **A Voz da Poesia** 31 — **Jornal da Light** 175-6 — **O Monumento** 26-7 **Bayer Repórter** 57-9 — **Fanal** 369-70 — **1.° Toque** 18 — **Hino da Ilha** 3-4/86 — **Frente à Frente** 10 — **Brasil-Post** 1849-59 — **Boletim Austro-Brasileiro** 59-61 — **Neue Zeitschrift für Musik** 5-6/86 — **The World of Music** 1/86 — **Gaudeamus** 4/86 — **Zeitschrift für Kulturaustausch** 1/86 — **Scala** 4-6/86 — **Panorama** 102-4 — **Información Cultural** 35 — **Theater Heute** 4-6/86 — **Crônica da Holanda** 97 — **Tribuna Alemã** 337 — **In Britain** 5-7 — **May and May** 143 — **RDA** 2/86 — **Canadá** 18.

Livros

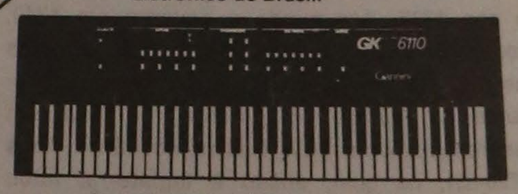
TEMPO DO MEU TEMPO de Osvaldo Nottoli, BAÚ DE ESPANTO, de Mário Quintana, UM LOBO SOLITÁRIO de Graham Greene, JERICÓ SOLETRAVA O SOL e AS COISAS POMBAS de Carlos Nejar, O DIABO E UMA SENHORA CAVERNA de Rodolpho Pettená, TIN-TIM de Elvira Escudeiro de Almeida, O TROVADOR DA AMAZÔNIA LEGAL de Fortes Sobrinho.



NESSA RODA TEM GIANNINI

Sem dúvida. Pode ser roda de samba, de chorinho, de MPB ou de pagode. Uma coisa é certa: onde tem som bem Brasil, os instrumentos Giannini têm lugar marcado. Porque só a Giannini fabrica instrumentos com a mesma sensibilidade, a mesma paixão e o mesmo amor de quem compõe e de quem toca. É por isso que nessa roda, e em todas as rodas onde o negócio é música, não pode deixar de ter Giannini.

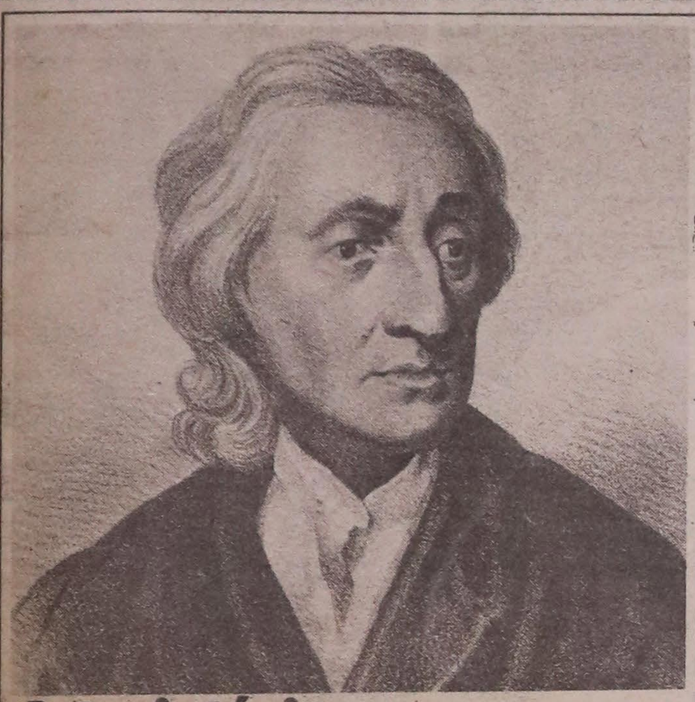
Electronic Keyboard GK 6110
O mais sofisticado Teclado Eletrônico do Brasil.



Para obter maiores informações sobre este ou qualquer outro produto Giannini, escreva para Gisele Martins, Rua Dr. Carlos Weber, 184 - Vila Leopoldina CEP 05303 - S. Paulo - SP

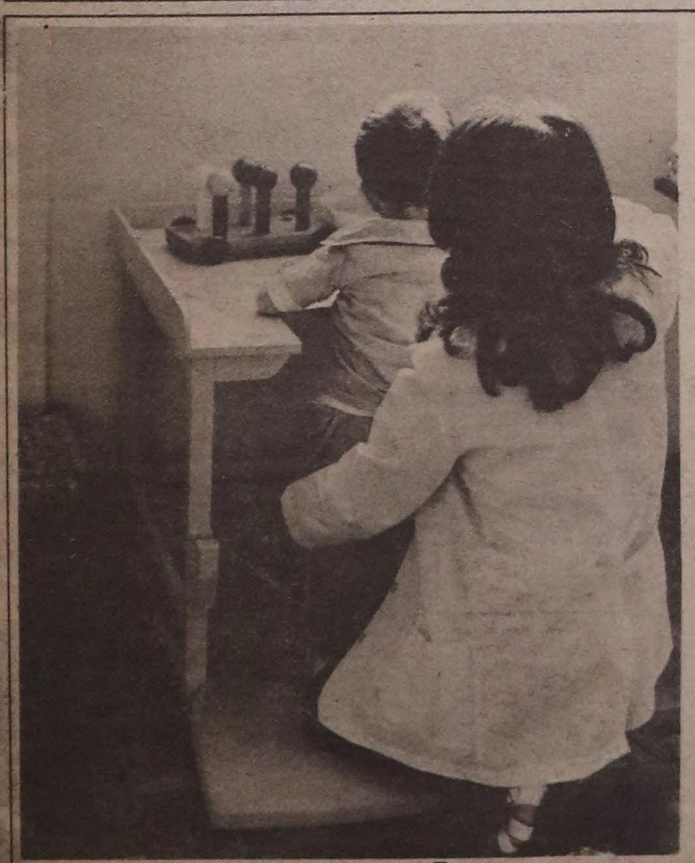
Suplemento Cultural

O ESTADO DE S. PAULO/ano IV/Nº 175/Domingo/9/Março/1980



A trajetória da doutrina liberal

Adesivos: um desafio para a tecnologia moderna



Consequências das doenças infecciosas durante a gestação

A lenda do judeu errante na literatura

O ESTADO DE S. PAULO

JÚLIO MESQUITA
(1891-1927)
JÚLIO DE MESQUITA FILHO
(1927 - 1969)
FRANCISCO MESQUITA
(1927-1969)

Américo de Campos (1875-1884)
Francisco Rangel Pestana (1875-1890)
Nestor Rangel Pestana (1927-1933)
Plinio Barreto (1927-1958)

Diretor Responsável
JÚLIO DE MESQUITA NETO

Diretor Redator-Chefe
Oliveiros S. Ferreira

Diretores
José Vieira de Carvalho Mesquita
Júlio de Mesquita Neto
Luiz Vieira de Carvalho Mesquita
Ruy Mesquita
César Tácito Lopes Costa
Joaquim Douglas
José M. Homem de Montes
Oliveiros S. Ferreira

EXPEDIENTE

EDITOR
Nilo Scalzo

COMISSÃO EDITORIAL
Antonio Brito da Cunha
Erwin Theodor
Roque Spencer Maciel de Barros
Sérgio Viotti

Subeditora
Teresa Montero Otondo

Noticiário Científico
Marco Antonio Filippi

Colaboram neste número:
Arnaldo José Senise, pesquisador
Aron J. Diament, do Depto. de Neuropsiquiatria da Faculdade de Medicina da USP
Fernando Galembeck, do Instituto de Química da USP
Francisco Maciel Silveira, da FFLCH da USP
Hélio Lopes, da FFLCH da USP
Italo Caroni, da FFLCH da USP
Heloisa Liberalli Bellotto, do Instituto de Estudos Brasileiros
José Edson Perpétuo, engenheiro ambiental
José da Veiga Oliveira, crítico
Luiz Jean Lauand, da Faculdade de Educação da USP
Maria Beatriz Nizza da Silva, da FFLCH da USP
P.H. Saldanha, do Instituto de Biociências da USP
Vamireh Chacon, da Universidade de Brasília

Publicação da
S.A. O ESTADO DE S. PAULO
Av. Engenheiro Caetano Álvares, 55
tel. 266-7099 (PABX)
Cep 02550 Caixa Postal 8005
SÃO PAULO - SP
Endereço Telegráfico: Estado
Telex 011-23511

A REDAÇÃO NÃO SE RESPONSABILIZA PELOS TEXTOS ENVIADOS POR INICIATIVA DO AUTOR. OS ORIGINAIS NÃO SERÃO DEVOLVIDOS

Editorial

No prefácio de seu livro "The Rise of European Liberalism" que se encontra traduzido para o português com o título de "O liberalismo europeu" (Ed. Mestre Jou, São Paulo, 1973), explica Harold Laski que julgou necessário articular este seu ensaio, porque o liberalismo foi, nos últimos quatro séculos, a mais importante doutrina da Civilização Ocidental. Situa o ensaísta no período entre a Reforma e a Revolução Francesa a afirmação de uma nova classe social que impôs seus direitos de participação no controle do Estado. O status em que se fundavam os privilégios até então foi substituido pelo contrato como alicerce jurídico da sociedade. Não foi só essa, porém, a modificação processada, mas muitas outras mais, em diferentes setores da vida do homem; elas são, aliás, do conhecimento dos que se interessam pela História da Humanidade. Como salienta Laski, as novas condições materiais deram origem a novas relações sociais; e, em função destas, desenvolveu-se uma nova filosofia para permitir uma justificação racional do novo mundo que assim nascera.

Esta nova filosofia, conclui o ensaísta, foi o liberalismo. Debatida às vezes com extremado passionalismo, especialmente nos dias atuais, a doutrina liberal é objeto de um ensaio que abre o SC desta semana. As várias posições ante a evolução do princípio liberal são indicadas, no estudo em questão, dando-nos uma idéia da complexidade da análise que não pode restringir-se pura e simplesmente a uma posição reducionista, que é, aliás, a tendência dos dias que correm.

Cultivado na literatura francesa, o tema de Ahasvero, o judeu errante foi retomado pelos poetas românticos brasileiros, em particular. De que maneira nosso romantismo aproveitou a célebre legenda? É o que mostra o artigo que se refere sobretudo aos poemas de Junqueira Freire, Fagundes Varela e Castro Alves.

Um estudo das consequências de certas moléstias contraídas pela gestante, em recém-nascidos, aponta a extensão de cada delas e as formas de prevení-las.

N.S.

Cartas

Senhor Editor,

Minha coleção do "Suplemento Cultural" está incompleta. Faltam os nºs 2, 3, 4, 6 ao 11, 13, 14, 16, 17, 22, 28, 37 e 165.

Tenho em duplicata os nºs 19, 35, 57, 68 ao 70, 83, 85, 89, 95, 97, 107, 114 e 127. Troco-os pelos nºs que me faltam. Compro se for o caso os nºs faltantes.

Atenciosamente,

Maria C. Ferraz
Rua Florinéa, 162
02344 Santana - São Paulo SP

Senhor Editor:

Peço-lhe, por gentileza, divulgar no "Suplemento Cultural", que tenho em duplicata os seguintes números 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26 e 30 e desejo trocá-los pelos números 76 e 129.

Fico muito grato pela sua atenção.
Saudações,

Jurandyr Souza
Av. 27, nº 567
Telefone (DDD 0173) 22.1629 ou 22.4616
14.780 - Barretos - SP

Senhor Editor,

Peço, por gentileza, que se publique na seção de cartas que tenho à disposição os seguintes números do Suplemento Cultural:

64, 78, 79, 80, 82, 85, 90, 96, 101, 102, 106, 107, 131, 158 e 167.

Preciso também de um favor especial: gostaria que o senhor Wanderley de Lima, autor do artigo "Importância da Energia Solar para o Brasil" (SC 166, 6/1/80), me fornecesse uma relação de livros que tratem sobre a energia solar (em português, espanhol e inglês) e, se possível, em ordem crescente de dificuldade.

muito obrigado,

Antonio Vitorino Dias
Rua Capote Valente, 513 ap 62
05409 São Paulo (tel: 881-0622 e 70-0847).

Senhor Editor,

Primeiramente quero parabenizá-los pelo excelente trabalho que vêem desenvolvendo. O Suplemento Cultural é, sem dúvida nenhuma, obra-prima de "O Estado". Entretanto, tenho uma pergunta a lhe fazer: os índices dos suplementos são divididos em temas gerais (letras, artes, ciência, etc.), e os artigos de cada tema são classificados segundo seus autores, em ordem alfabética. Isso, no meu entender, dificulta muito quem queira procurar um assunto qualquer, sem saber o autor. Geralmente, há dois tipos de pessoas que se utilizam do índice: aquelas que sabem o assunto geral e o autor de um artigo referente a ele, e aquelas que só sabem o assunto. É extremamente raro a pessoa saber o nome de um autor, sem saber sobre o que ele escreveu. Portanto, agradeceria muito a fineza de me responderem a esta carta.

Antecipadamente agradecido,

Carlos Eduardo Urbina Alonso
São Paulo — SP

R: A sugestão será estudada

Índice

Ciências Humanas
A imaginação liberal, por Vamireh Chacon 3
A História vista pelos Cursinhos, por Luiz Jean Lauand 4
Ouro Preto no tempo da mineração, resenha por Heloisa Liberalli Bellotto 5
O governo do morgado de Mateus em São Paulo, resenha por Maria Beatriz Nizza da Silva 5
Artes
A harmoniosa lição de modéstia de um mestre, por Arnaldo José Senise 6
Música sacra da Capitania de Minas Gerais, resenha por José da Veiga Oliveira 7
Letras
Ahasvero, tema literário, por Hélio Lopes 8
Da "alienação lingüística", por Italo Caroni 9
Os romances de Julio Diniz, resenha por Francisco Maciel Silveira 10
Ciências Exatas e Tecnologia
Princípios da adesão, por Fernando Galembeck 11
Carvão para o transporte marítimo, por José Edson Perpétuo 12
Ciências Naturais
As causas infecciosas da deficiência mental, por Aron J. Diament 13
A preservação dos símios brasileiros, por P.H.Saldanha 15

Ciências Humanas

A imaginação liberal

Vamireh Chacon

A polêmica em torno do liberalismo — seu conceito, as formas que assume no mundo moderno, as distinções entre o liberalismo político e o econômico — está esboçada neste artigo que recolhe as opiniões de vários autores sobre as características essenciais e a trajetória da doutrina liberal, desde a antiguidade greco-romana.

Goethe negava a existência da idéia liberal. Para ele só havia sentimentos liberais. Com o que Lionel Trilling concordava, porém, distinguindo que "é igualmente verdade que determinados sentimentos se casam apenas com determinadas idéias e não com outras quaisquer. Além disso, os sentimentos transformam-se em idéias através de um processo natural e imperceptível". A propósito, lembrava Words Worth: "Nossos contínuos influxos de sentimento são modificados e dirigidos por nossos pensamentos que, na realidade, representam todos os nossos sentimentos passados".

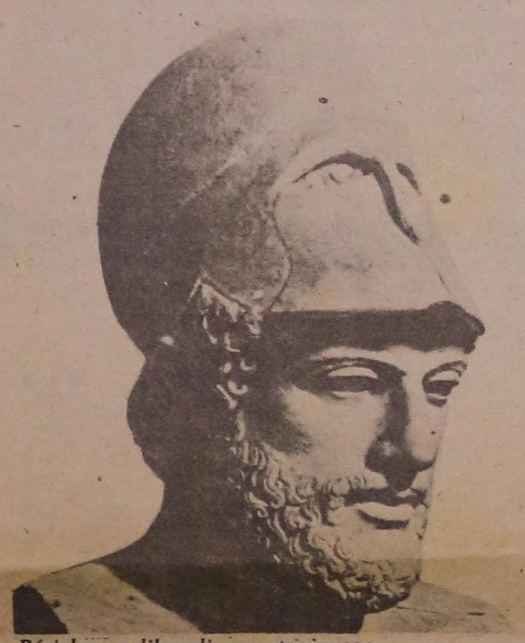
Este sentimento e esta idéia vêm de longe na memória do Ocidente. Camadas de heranças grega, romana e hebraica cristã se superpõem, fazendo-nos o que somos. Os direitos civis, no sentido de participação cidadã nas decisões políticas, e os direitos humanos, de respeito do Estado à vida, física e intelectual, à liberdade de ir e vir e de reunir-se e de expressar-se, constituem a segurança da sociedade auto-enquadrada por leis geradas pelo seu consenso interno. Para chegar-se ali, foi necessário um longo itinerário, ainda inconcluso.

A idéia e o sentimento da igualdade não passam de instrumentos para facilitar ou mesmo viabilizar o desempenho da liberdade, ela, sim, a meta do humanismo no plano político. A igualdade não passa de meio. E o melhor seria ainda que a fraternidade, no sentido de compreensão e colaboração, ao grau máximo, coroasse o edifício. Porém, então seria querer impor a utopia, em vez de ajustar e equilibrar os contrapesos mínimos para a convivência social. Indispensável a tudo o mais.

Mesmo sem aderir a todas as seqüências propostas por Roque Spencer Maciel de Barros na estruturação do que chama de "Filosofia liberal clássica" — do liberalismo religioso ao político, ético e ao econômico —, pode-se muito bem entender a linhagem direta dos direitos civis e humanos alargando-se, em círculos concêntricos, desde pelo menos a Grécia e Roma antigas, em várias etapas, até incorporar a herança hebraico-cristã e desabrochar após o Renascimento.

Preferimos, com Afonso Arinos de Melo Franco, que "o Liberalismo é hoje, mais do que nunca, a expressão do Humanismo político. Em síntese, o Liberalismo é o processo de identificar racionalmente os elementos necessários às limitações da Liberdade". "Ora, organizar racionalmente limitações às atividades do Homem é o processo inseparável de uma formulação jurídica, em outras palavras, as limitações são sempre jurídicas, de onde o Liberalismo é essencialmente o Estado de Direito."

Pois, "a confusão propositada que mais serve ao espírito de opressão é aquela que identifica o pensamento liberal com a prática do Liberalismo econômico". "A mais errada e mais repetida dessas conclusões pode ser expressa desta forma: o Liberalismo político é uma posição superada na História das Idéias porque correspondeu à fase do chamado Liberalismo econômico, fase incompatível com a estrutura e os fins do Estado moderno." "Para a Ciência Política contemporânea, essa afirmativa é redondamente falsa, e incorrem em erro os economistas que a sustentam."



Péricles: o liberalismo ateniense

Goethe: sentimentos liberais

Na mesma linha segue José Honório Rodrigues, ao insistir: "Não se deve confundir o Liberalismo político com o econômico. O primeiro teve sua origem na Antiguidade e no Humanismo e sofreu evolução variada; o segundo é uma fase do Capitalismo. O político foi muito contido e reservado aos socialmente iguais, e o segundo foi vitorioso e serviu ao predomínio inglês".

Mesmo servindo ao predomínio deste ou daquele país, matriz industrial, ali coexistem influências políticas aptas a aflorar no devido tempo e contrabalançar os excessos. Pois o equilíbrio interno, autogerado pelo consenso, é a característica da sobrevivência do Humanismo político do Ocidente, expresso libertariamente no liberalismo mais que apenas econômico.

Esta capacidade criativa advém do fato, apontado por Roberto Mangabeira Unger, de que "o liberalismo precisa ser visto como um todo, não enquanto um conjunto de doutrinas sobre a disposição do poder e da riqueza, porém como uma concepção metafísica da mente e da sociedade". Portanto, há "a unidade das idéias psicológicas e políticas do Liberalismo". Conceitos "ambos elaborados e descobertos pela História. Elaborados porque qualquer que seja aquilo considerado por uma fase como o mais fundamental para a natureza da mente e da sociedade, outra fase é capaz de desmascarar como peculiar a uma transitória situação histórica. O criticismo total vem nos calcanhares de tal desmascarante. Contudo, a verdade sobre o conhecimento e a política é, num certo sentido, eterna". O que não impede a existência de grandes contradições no liberalismo.

Ainda Mangabeira Unger apontou, em síntese, as principais: "As antinomias de teoria e fato, razão e desejo, regras e valores são os problemas fundamentais da doutrina liberal. As últimas duas representam as principais dificuldades enfrentadas, respectivamente, pela Psicologia Liberal e pelo pensamento político liberal. O primeiro é o dilema colocado pela moderna idéia de ciência e natureza. Psicologia Liberal e Teoria Política constituem um único sistema de pensamento. Estão unidas à moderna idéia de Ciência e Natureza por uma comum fidelidade à noção que não há essências inteligíveis". "Em cada uma destas antinomias é traçada uma distinção entre elemento universal e particular."

Mas por maiores que sejam as contradições entre teoria e prática, razão e sentimento, indivíduo e grupo, acaba restando uma larga margem de imponderabilidade, só absorvível pela construtivamente cética postura liberal, na Psicologia e na Política, porque respeitosa diante da capacidade humana de auto-superação. "Afirmar que o mundo público nunca pode ser completamente absorvido pelo privado, porque a Natureza humana está dilacerada em sua universalidade e sua particularidade, é outro meio de afirmar que nenhum conjunto de práticas democraticamente escolhidas pode nunca ser bastante universal ou particular para satisfazer o pleno alcance dos impulsos individuais. Os limites da Política são o outro lado da imperfeição de todos os nossos esforços para alcançar o Bem e representá-lo numa forma de Vida social. Pois, a resposta política apropriada aos limites é aquela que leva a sério a imperfeição".

Claro que existem severas críticas materialistas e idealistas ao liberalismo. Como se este não se reconhecesse imperfeito, ao contrário das pretensões dos seus adversários cristãos, fascistas ou marxistas...

Entre as primeiras se situa, por exemplo, a de Harold Laski que, apoiado no Marxismo, não vai, porém, a excessos negadores dos méritos liberais, embora superados ao seu ver. É que, "em resumo, a idéia de Liberalismo está historicamente vinculada, de um modo inevitável, à de posse de propriedade". "Seu instrumento foi a descoberta daquilo a que se pode chamar o Estado contratual. Para formar esse Estado, procurou limitar a intervenção política à mais exígua área compatível com a manutenção da ordem pública. Nunca compreendeu ou nunca foi capaz de reconhecer completamente que a Liberdade de contrato jamais é genuinamente livre, enquanto as partes contratantes não dispuserem de igual poder de negociação e barganha. E isto é, necessariamente, uma função da Igualdade de condições materiais".

Igualdade que, na prática, se mostra mais alcançável pela luta numa sociedade aberta que por outorga de um Estado fechado, mesmo igualitário.

Daí a autolimitação final, em vez de auto-superação do liberalismo, ainda ao ver de Laski: "Tentou, sempre que pôde, respeitar os protestos da consciência e impor aos governos o dever de proceder, em suas ações, pelo espírito da lei e não pelo arbítrio; mas o âmbito da consciência por ele respeitada foi estreitado em seus limites pela consideração que a propriedade lhe merecia, o seu zelo pelo império da lei foi moderado por certa arbitrariedade no alcance da sua aplicação". Pena que Laski não visse aquele outro lado da questão...

É possível que a crítica proceda. Apenas caberia acrescentar que, apesar de tudo, o liberalismo jamais gerou um Hitler ou um Stalin, em nome da correção de males tornados piores...

No final das contas, o próprio Laski acabava contradizendo-se e ficando no meio do caminho (escrevia em pleno *1936*, no início dos grandes expurgos soviéticos que liquidaram os velhos bolcheviques...), quando se vira obrigado a conceder: "Não pretendo dizer que o triunfo do Liberalismo não tenha representado um real e profundo progresso. As relações produtivas que tornou possíveis melhoraram imensamente o padrão geral das condições materiais. O progresso da ciência só foi conseguido por meio do clima mental que o Liberalismo criou. Tudo somado, o advento da classe média e sua ascensão ao poder significaram uma das mais benéficas revoluções da história". "Tudo foram conquistas na esteira do triunfo do credo liberal. Não são, é claro, dons igualmente compartilhados na civilização a que chegamos e a sua obtenção faz-se acompanhar de um pesado quinhão de tragédia. Mas, sem a revolução liberal, o número daquelas cujas exigências à vida foram satisfeitas permaneceria muito menor que o alcançado. Isso, em última análise, é o teste supremo pelo qual uma doutrina social deve ser julgada.

"O método básico usado, pelo Liberalismo, para obter este êxito histórico, foi a incorporação das novas camadas sociais reivindicantes, num gradualismo às vezes acelerado por revoluções, porém, na maior parte dos casos, tateante e insistente. Era o resultado das experiências antecipadoras do Liberalismo, desde a antiga Atenas de Péricles até as sucessivas propostas de extensão dos Direitos de cidadania romana às classes inferiores e aos estrangeiros. Tentativas, gregas ou latinas, de início com sucesso, mas depois falhas pelas crescentes sobrecargas impe-

rialistas congestionando a absorção.

Pois o conflito se demonstrou fecundo, com seus desafios e conseqüentes respostas construtivas, se quiséssemos adotar a linguagem de Arnold Toynbee, sempre quando canalizado e mobilizado pelo controle social em equilíbrio com a mudança.

Negar ou suprimir a tensão implica, por outro lado, em perder o contacto diante da realidade ou, pior ainda, antogonizá-la. O mesmo se diga da própria crise, momento máximo da agudização das tensões e, portanto, seu teste decisivo embora não definitivo, porque se repete nas etapas do ajuste histórico. Para construção ou destruição do conjunto social, conforme sua vitalidade comprovável na luta de preferência pacífica, em último caso violenta. Contanto que sempre fluindo ou refluindo para a crescente afirmação da Liberdade, por vários meios da autonomização do Homem em avanço.

Para tudo isto, a aborção dos conflitos e crises incorpora os desafiantes, demonstrados condignos, através da participação direta ou da indireta, também classificável de co-optação, ou antecipação das reivindicações sociais consumando-as no quadro da viabilidade. Assim os súditos iriam transformando-se em cidadãos.

O Liberalismo — na medida do possível fiel à sua ancestralidade ateniense, parcialmente romana, com precursores medievais ingleses e renascentistas holandeses — este Liberalismo vem atravessando a rude prova, com menos sacrifícios que qualquer outra Mensagem. O qual assim transcende a esquematismos, filosóficos e políticos, que não o esgotam.

Mas, de qualquer modo, Laski quase concorda com Goethe ao concluir: "Não é fácil descrevê-lo (ao Liberalismo) e muito menos defini-lo, pois dificilmente será menos um hábito mental do que um corpo de doutrina." Pois, "a genealogia das idéias jamais se expande em linha reta. No desenvolvimento do Liberalismo participaram bafejos de doutrina tão diversos em suas origens que é difícil a clareza e talvez inatingível a precisão.

O argumento poderia ser mais bem posto.

Com a sua nacionalidade britânica, Harold Laski estava no centro da influência liberal ... Das suas palavras acerbas transparece mais desejo de reabilitação, que de aniquilamento do Liberalismo. Hitler e Stalin, versões máximas dos extremismos de direita e esquerda, tomadas nos sentidos de suprema defesa radical da ordem ou da mudança, pairavam no seu horizonte geracional, já que ele e outros tantos insistem nos condicionamentos históricos ... Em seguida apareceriam os epígonos, sem a mesma audácia violenta, preferindo camuflar-se, porém sempre com idêntico ódio à Liberdade, ainda em nome da ordem ou da mudança.

Pelo menos Hitler e Stalin eram cruelmente sinceros. Seus sucessores preferem outras linguagens embora quase com os mesmos métodos.

Apesar de tudo, Laski reconhecia que — ao lado do saldo liberal, apesar das piores contradições por ele ignoradas nos ferrenhos inimigos do Liberalismo — existia neste uma genealogia longa e fecunda: "O impacto inconsciente dos eventos foi, pelo menos, tão responsável quanto o esforço deliberado dos pensadores na configuração do clima mental que o tornou possível. Os descobrimentos geográficos, a nova cosmologia, as invenções tecnológicas, uma metafísica renovada a secular e, sobretudo, as novas formas de vida econômica, tudo isso contribuiu para a formação das idéias propulsoras do Liberalismo. Não se teria convertido naquilo que foi sem a revolução teológica a que chamamos Reforma; e esta, por seu turno, recebeu muito do seu caráter de tudo o que está implícito no Renascimento do saber."

Nesta práxis e naquelas teorias convergem a idéia e o sentimento liberais●

A História vista pelos cursinhos

Luiz Jean Lauand

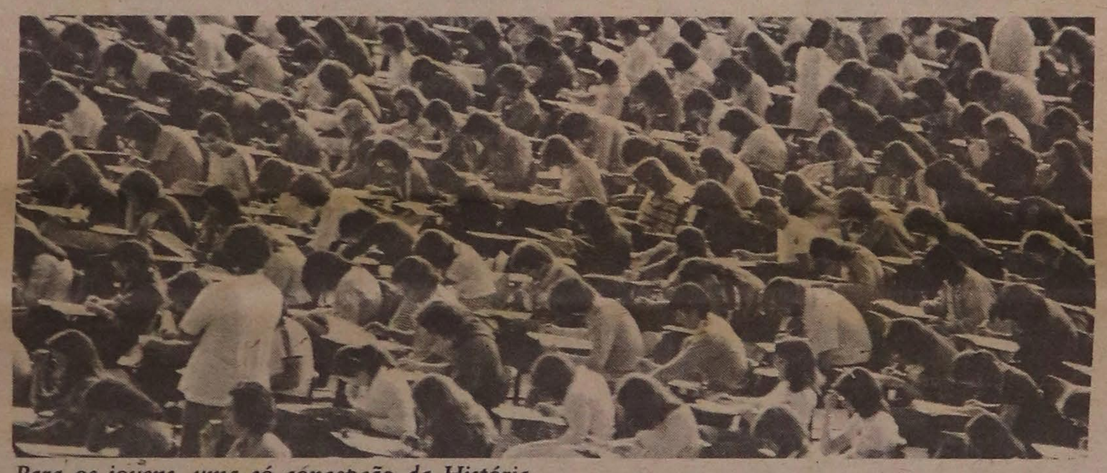
Ninguém em São Paulo ignora as dimensões do fenômeno "vestibular": submeteram-se aos exames da Fuvest-80 nada menos do que 124.000 estudantes. É sabido também que a quase totalidade desses vestibulandos passara pelo cursinho.

A massa dos vestibulandos passou a estudar História Geral quando, no começo da década de 70, essa disciplina integrou-se em quase todos os vestibulares, e, portanto, no ensino dos cursinhos.

O estudo da História — de uma perspectiva pedagógica ampla, e não apenas tendo em conta a aprovação no vestibular — é, para o jovem pré-universitário, de uma importância extraordinária. Régine Pernoud, no seu sugestivo "Idade Média: o que não nos ensinaram", aponta os valores de um bom ensino de História para os jovens: "Na idade em que o adolescente procura 'o outro' e se forma pelo relacionamento com 'o outro' nada seria mais fecundo para ele do que este reencontro com o que o precedeu no tempo... é por falta desta dimensão que tantos espíritos ficam atrofiados, formados de maneira unilateral, sumária e simplista. O estudo da História leva a juventude à experiência que lhe falta; pode desencorajar o adolescente de sua tentação mais habitual: visão exclusiva, condenar a priori tal tendência, tal pessoa, tal grupo... Na idade em que importa confrontar os valores recebidos, os do meio, da infância, da família, ou do meio social com sua própria personalidade, o estudo da História alargaria o campo desta investigação e forneceria dimensões impossíveis de adquirir de outra maneira" (p.132).

Mas se essas são as virtudes de um bom ensino de História, há também os riscos de um ensino estreitizante, atrofiador e dogmático, especialmente nos cursinhos, onde o aluno, pelo modo de ser próprio do "vestibulando", tende a aceitar como dogmas (— "pode cair no exame!") tudo aquilo que o professor diz ou que está escrito na apostila. Agravar-se-ia assim a tendência natural do jovem ao exclusivismo e apriorismo na formação de seu quadro de valores. Se a iniciativa do exclusivismo ideológico parte dos professores de História do cursinho, então prestam um péssimo serviço para a formação cultural e geral dessas dezenas de milhares de jovens.

Parece-nos que no ensino de História dos cursinhos se está caindo nessa atitude restritiva, como, a seguir, procuraremos apontar.



Para os jovens, uma só concepção da História.

Nunca assistimos a aulas de História nos cursinhos, nem sabemos como se desenvolvem; por isso limitamo-nos somente às apostilas iniciais de História Geral (dos cursinhos de São Paulo), onde é normal se expor a *concepção* de História que norteia os cursos. Dentro de um mesmo cursinho essas apostilas são as mesmas para todos os alunos e, pelo que se pode observar, pouco ou nada variam de ano para ano. As informações orais — de fácil obtenção para quem lida com alunos de 1º ano de faculdade — só fazem confirmar o que é exposto nessas apostilas introdutórias ao estudo de História.

Parafraseando o início do "Manifesto Comunista" de Marx e Engels, poderíamos dizer que "um espectro paira sobre os cursinhos: o fantasma da concepção marxista da História". Se Marx voltasse do mundo dos fantasmas ficaria aborrecido ao ver as suas teorias usadas nos cursinhos sem lhe citar a autoria.

Parece haver uma clara intenção de ocultar a procedência marxista das concepções ou da apresentação da História que se dá nesses textos (pretendendo assim fazer passar a concepção marxista como a ciência da História, "objetiva" e "alheia a ideologias").

Desde modo, a apostila "Assuntos Básicos" (Curso Anglo-Latino), embora citando os autores Terray e Marta Harnecker, não cita os títulos das obras de onde se extraíram os textos, e que, como é fácil verificar, são respectivamente "*O Marxismo diante das sociedades primitivas*" e "*Conceitos Elementares do Materialismo Histórico*", cuja orientação é óbvia.

Quem tiver a paciência de consultar os originais, constatará que as citações da apostila do Anglo foram recortadas: Terray — sem que o leitor da apostila suspeite — estava discutindo a noção de modo de produção tal como perece em "O Capital" ("Mais il suffit de revenir au text du *Capital* pour constater,... — 4 linhas depois começa — sem ligar às fontes — a citação da apostila). (cfr. Terray, E. *Le marxisme devant les sociétes primitives*", p. 97, Ed. F. Maspero, Paris, 1969). Marta Harnecker, logo a seguir ao exemplo transcrito pela apostila, continua do seguinte modo: "E isto que Marx quer dizer, etc". (também citando "O Capital") (cfr. Harnecker, M. *Os conceitos elementares do materialismo histórico*, s.c.p., 1973, p. 85).

Como se vê, bastariam duas linhas a mais na citação para que ficasse patente a vinculação desses textos à sua ideologia.

Fenômeno análogo pode ser encontrado na Apostila I do Curso Politécnico onde, sob os meros rótulos "Texto I" e "Texto II" se transcrevem 26 páginas sem citar autor e obra. É que, nesse caso — como também é de fácil constatação —, a obra fonte é "Karl Marx-F. Engels: 'Obras Escolhidas', tradução à edição do Instituto de Marxismo-Leninismo anexo

Textos extraídos das apostilas iniciais de História Geral dos cursinhos.

"...ainda que as modificações em última instância *tenham sido determinadas pela mudança na base material."*

"Texto Sintético: Geralmente, a economia e a sociedade são elementos essenciais para a compreensão da História, principalmente a história mais recente, na era do capitalismo. Entendendo-se que estes elementos são básicos, e capazes de explicar os fatores políticos, religiosos ou culturais, chamamos àqueles de infra-estrutura e a estes de superestrutura.

Se considerarmos que o essencial da vida humana é a produção da subsistência, o essencial da História seria a forma pela qual se organiza a produção numa determinada época. Daí o conceito de modo de produção, forma de organização das relações entre os homens e dos homens com a natureza envolvendo um certo nível de desenvolvimento da técnica, uma certa forma de relações sociais e uma certa forma pela qual o produto dos trabalhadores passa para os não-trabalhadores, o que se denomina apropriação do excedente. ... Complete as lacunas: As estruturas de base de um sistema denominamos de ... "(Curso Objetivo, p. 3, 7,8).

"Leia com atenção esta citação de Terray 'Um modo de produção é um sistema que compreende três instâncias, uma base econômica, uma superestrutura jurídico-política, e uma superestrutura ideológica. No interior dessa totalidade, é a base conômica que é a última instância *determinante'. ... Responda: Numa totalidade a instância determinante é*
a) base econômica
b) superestrutura jurídica
c) a política

Pertence ao nível ideológico (determinado pela base econômica), tanto os padrões de comportamento, como as explicações ideológicas que visam justificar os modos de vida dos seres humanos.

A esse nível estão ligadas as religiões,..., artes,.." (Curso Anglo, p. 71).

"Decorre daí um certo modo de produção... *Ainda mais, a multidão de forças produtivas acessíveis ao homem* determina *a natureza da sociedade e por isso a 'História da humanidade'* tem sempre de ser estudada e tratada em relação *à história da indústria e das trocas...*

A consciência é, portanto, desde o começo um produto social" (os grifos são da apostila). (Curso Universitário, p.3).

"Dentro dessa abordagem teórica, os fatores econômicos desempenham um papel determinante, na medida em que são responsáveis e explicam — em última instância — *todas as outras transformações ocorridas no interior de uma sociedade".* (Curso Equipe, p.2).

"Como foi visto anteriormente, chama-se feudalismo ao modo de produção dominante durante a Idade Média na Europa. (etc., etc., ...) A estrutura dominante em última instância *é a econômica em qualquer modo de produção."* (Curso Pré-Médico, p. 1)

"O fator essencial da desintegração deste sistema é um elemento interno *a ele: a incompatibilidade da forma de produção com o aumento de consumo."* (Curso MED, p.62.)

"A partir do século XI, é sensível, na Europa Ocidental, o desenvolvimento de novas forças econômicas e sociais que tiveram, como não poderia deixar de ser, reflexos imediatos nas esferas política e ideológica. O conjunto dessas transformações caracterizou-se por se constituir na desagregação do modo de produção feudal." (Curso Politécnico, p. 34.)

ao Comitê Central dos PCUS — Ediciones en lenguas Extranjeras, Moscou, 1953; Edit. Alfa-Ômega, São Paulo". A tradução e até as notas são dessa edição.

Já à página 01 da apostila do Curso Objetivo, ao se apresentar o conhecido esquema (marxista) da sucessão dos modos de produção: escravista-transição-feudal-transição-capitalista-transição-; deixa-se em aberto a última fase da evolução da dialética sem afirmar qual será o novo sistema após o capitalismo de transição. É de observar que o próprio Marx jamais ocultou que será o Socialismo (e o Comunismo).

Outro aspecto, que pode chocar a um leitor a quem por acaso caiam nas mãos essas apostilas, é ver desfilar em todas elas, religiosamente, os conceitos de modo de produção, infra e superestrutura, ideologia (no sentido marxista); enfim, todos os conceitos do materialismo histórico e dialético, sem que se esclareça (ou sequer se aluda) que estão seguindo essa filosofia (ou "ciência") da História (como se estivesse definitivamente estabelecido que a concepção e métodos da História fossem esses, nem sequer existissem outros).

É tão estrita a observância aos ensinamentos de Marx e Engels, que reproduzem — inclusive textualmente — a célebre restrição que Engels ordenou na carta a Starkenburg: o modo de produção determina, "mas em última instância". A expressão "em última instância" — notável progresso da dialética interna da ciência histórica — deveria ser ligada ao nome do seu autor, mas não o é (vide textos em anexo).

O fato de não esclarecer a orientação que seguem (Marx e Engels não são mencionados uma única vez), parece-nos profundamente deformador para o aluno. Dá a impressão de uma exploração da sua ignorância; e de forma alguma estamos de acordo com essa atitude anticientífica.

Porém, mais grave que isso, é apresentar nesta idade — em que se está a formar o quadro de valores — uma ideologia particular como única explicativa da História, quando é patente que há muitas outras opções, algumas até mais plausíveis do que essa — já bastante ultrapassada, e, na Europa, até mesmo enterrada.

Outro inconveniente para esse tipo de ensino de História é o seu dogmatismo anticientífico; parte de axiomas muito discutíveis como se fossem verdades absolutas; e o dano causado é atrofiante, e talvez irreparável, pois pode o vestibulando — ao ver exposta, como se tivesse uma única face, uma questão que, na realidade, é infinitamente complexa — pensar que não há outras opções alheias a esse corpo de dogmas, irmão do nazismo e do fascismo, todos oriundos do pensamento filosófico totalitário de Hegel.

Tal tipo de ensino é ainda mais inconveniente no caso do estudante brasileiro que — dada sua pouca bagagem cultural — precisamente procura o cursinho pensando adquirir conhecimentos amplos.

A título de curiosidade — e sem pretender esgotar o assunto, o que seria impossível —, apresentamos, ao lado, alguns textos escolhidos quase ao acaso nas referidas apostilas e que, sendo citações, ou glosas a Marx e Engels, não mencionam a esses autores●

Ouro Preto no tempo da mineração

Heloísa Liberalli Bellotto

"Vila Rica: população (1719-1826)", de Iraci del Nero da Costa. São Paulo, 1979. Instituto de Pesquisas Econômicas da Faculdade de Economia e Administração da USP. Ensaios Econômicos, nº 1. 268 páginas.

Para analisar um segmento do processo formativo da população brasileira — o que revela a população de Vila Rica nos momentos de auge e decadência do surto mineratório —, o professor Iraci Del Nero da Costa, do Departamento de História Econômica da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo, muniu-se da metodologia da atual demografia histórica preconizada por Michel Fleury, Louis Henry e Pierre Goubert. Pode assim abordar, convenientemente, os elementos empíricos necessários (batismos, óbitos, casamentos, estrutura populacional, familial, domiciliária, profissional e de produção), apresentando um resultado rico de elementos quantitativos capazes de corroborar devidamente suas conclusões.

A transformação por que passou a população ouro-pretana no período que vai da segunda década do século XVIII até o primeiro quartel do século XIX é toda ela eivada de condicionamentos econômicos ligados à exploração aurífera e, depois, à atividade agrícola que a sucedeu. Caracterizou-se por um fluxo e refluxo populacionais que não tinham sido, ainda, objeto de um estudo específico como este, com o qual o IPE inicia sua série *Ensaios econômicos*.

É notório que o *rush* da mineração, que tão fortemente marcou a primeira metade do século XVIII, é uma baliza na história econômica colonial, tanto quanto na definição de nossa configuração geoadministrativa. Foi mesmo, ao lado da ameaça espanhola no Sul, responsável pelo deslocamento do eixo político-administrativo e econômico-social do Nordeste para o Centro-sul.

Nas Gerais os núcleos urbanos foram-se multiplicando junto às áreas de melhores oportunidades (ou melhores circunstâncias) para a mineração. Assim, o povoamento concentrou-se em torno de São José del Rei (Tiradentes, hoje), São João del Rei, Vila Rica (Ouro Preto), Mariana, Caeté, Sabará, Vila do Príncipe (Serro) e o Arraial do Tejuco (Diamantina). Dentre estas vilas, em destaque, Ouro Preto como a mais rica, mais antiga e a de maior densidade populacional. A Vila Rica de então acabou resultando da reunião, em 1711, dos vários povoados junto aos riachos mais abundantes em ouro. E é desta população, constituída de famílias de mineradores, negociantes, artesãos e escravos, que Iraci Del Nero da Costa analisa estruturas e movimentos.

Partindo da visão de conjunto de batismos, óbitos e casamentos vistos através de gráficos e tabelas, o Autor explicita os principais condicionamentos das variações nas curvas apresentadas. De um grande número de escravos trazidos, passa-se, com o início da decadência da produção a uma drástica diminuição, devendo-se ter em conta, ainda, a alta taxa de mortalidade entre os negros; por outro lado, houve o grande afluxo de brancos vindos da Europa, com evidente peso para o português — o que chegou a gerar uma vasta (e ineficaz) legislação coercitiva; da mesma forma intensa, deu-se o deslocamento populacional dentro da própria colônia, o que abalou sensivelmente parte do edifício da economia açucareira.

Aliás, o deslocamento também se processou *in loco*, na área da mineração, dadas as condições da forma mais constante de aparecimento do ouro: o de aluvião, no leito dos rios. Não era o tão sonhado "ouro de beta"; este sim, poderia fixar a população junto às minas nas profundezas da terra, à semelhança da prata de Potosi ou do México. Ademais, no momento do esgotamento houve mais um movimento: o do refluxo demográfico para a retomada da faina agrícola. Extração, produção organizada, movimentos de população: um todo "amarrado". É evidente que tais ilações só se tornaram possíveis de ser estabelecidas a partir de um confronto entre os dados populacionais e os cálculos de exportação do ouro (extraídos de Roberto Simonsen) e os de sua produção em Minas (levantados por Virgílio Noya Pinto).

O extenso estudo dos casamentos entre 1727 e 1826 segundo a condição social, a cor, a natureza da filiação e a procedência dos cônjuges, permitiu a demonstração, pelos métodos da demografia histórica, da correlação entre os consórcios e o evoluir da exportação do ouro (e, portanto, melhores condições sócio-econômicas dos mineradores). Da mesma maneira, possibilitou a constatação da menor mobilidade do elemento feminino ou, ainda, das variações sazonais dos enlaces, obedecendo às posturas religiosas.

Com a mesma precisão foram estudadas as curvas de batismos (1719-1818). Para tanto, a população foi dividida em três grupos: filhos legítimos, naturais e expostos (assim chamados os recém-nascidos abandonados junto às portas leigas ou religiosas e cujo número era significativamente elevado). O batismo de adultos também foi computado, uma vez que se constitui em importante subsídio para o estudo da origem e da fixação dos negros recém-convertidos. No caso dos óbitos (1719-1818), os movimentos também se compatibilizam perfeitamente com o fluxo e refluxo da população livre, assim como com o crescimento e decréscimo do encaminhamento de escravos para a região.

O segundo momento da obra aborda o Censo de 1804, em Vila Rica, já na fase de superação do surto aurífero. O perfil da cidade de então é refeito através dos testemunhos de Saint-Hilaire, Mawe, Rugendas e Eschwege: a economia estagnada, a população em declínio, a desolação vegetal, as casas em ruínas, a antiga infra-estrutura assistencial e econômica abandonada (o Seminário à mingua, o Hospital Misericórdia sem recursos, o comércio e as atividades artesanais enfraquecidas...).

O Censo de 1804 apurou 8.867 indivíduos — dos quais um terço era escravos — vivendo nos seis distritos componentes de Ouro Preto, a Vila Rica de então. A população foi equacionada pelo Autor por sexo, faixa etária, estado civil, domicílio e atividades produtivas, permitindo-lhe a elaboração de um sem-número de tabelas e de sua explicitação. Constatou, assim, por exemplo, a predominância masculina; no domínio etário, uma superioridade jovem (notadamente na população escrava) e a ocorrência de um pequeno número de casados, tanto entre livres como entre escravos. Quanto às famílias, havia maior número das do tipo "independente" (um casal e seus filhos), em contraposição às de agregados e às dos escravos.

No tocante à produção, feitas as ressalvas quanto à artificialidade de se usar, para a economia colonial, os três setores econômicos clássicos, o Autor começa por discutir a especificidade da atividade exploratória. Esta acarretava a concentração populacional em povoados que dependiam, para sua subsistência, dos produtos vindos de fora. Havia, assim, um acentuado caráter urbano. De fato, o setor primário, em Vila Rica, absorvia apenas 7,04% da população, deixando 53,61% para o secundário e 39,35% para o terciário.

Iraci del Nero da Costa, cuja obra vem juntar-se aos trabalhos pioneiros na área da demografia histórica entre nós — de Maria Luiza Marcílio e de Luís Lisanti procurou, "do burburinho da sociedade mineira do setecentos, captar as linhas demográficas gerais mais evidentes e quiçá, por isto mesmo, mais relevantes" (p. 189). O vocabulário de que faz uso, levado, por vezes, a certo exagero de estilo, tanto quanto a demasiada concisão na análise de algumas tabelas, não chega a invalidar a importância deste trabalho inovador, cujo apêndice metodológico, especificando técnicas e tratamento dispensados aos dados, será da maior utilidade aos pesquisadores. Possa este *Vila Rica: população* ensejar futuras pesquisas, cujo somatório venha a estabelecer um quadro geral da estrutura e do comportamento da população colonial brasileira●

O governo do morgado de Mateus em São Paulo

Maria Beatriz Nizza da Silva

"Autoridade e conflito no Brasil colonial: o governo do morgado de Mateus em São Paulo", São Paulo, 1979, Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas.

Para quem proclama a "crise da historiografia brasileira" (talvez porque desapareceram do panorama historiográfico atual as grandes "interpretações", as obras abrangendo longos períodos e múltiplos assuntos), para quem desdenha do Plano Nacional de Pós-Graduação como incapaz de produzir obras relevantes, nada mais conveniente do que ler este trabalho de Heloísa Liberalli Bellotto, apresentado em 1976 como tese de doutoramento em História na Universidade de São Paulo e só agora publicado graças à Secretaria de Estado da Cultura.

Este estudo de Heloísa Bellotto pode ser colocado, pela seriedade da pesquisa e pela riqueza e variedade da documentação, ao lado das obras dos brasilianistas mais notáveis no que se refere ao Brasil colonial, como Stuart B. Schwartz ou Kenneth Maxwell. O que destrói o mito que circula nos meios universitários brasileiros de que os historiadores norte-americanos dispõem de condições de pesquisa e de bolsas de estudo que lhes permitem realizar estudos mais sofisticados, ao passo que o historiador brasileiro luta com a falta de recursos e de tempo. Ora, esta análise dos dez anos de governo do morgado de Mateus na Capitania de São Paulo mostra, de maneira convincente, que se pode ser "brasilianista" no Brasil, desde que se trabalhe e se despenda o esforço suficiente para reunir e ler a volumosa documentação manuscrita dos arquivos nacionais e estrangeiros.

Correndo o risco de ser considerada uma historiadora "empírica", "fatual", "positivista", Heloísa Bellotto, tal como os seus colegas norte-americanos, faz um relato de eventos, uma descrição de ações, mas sempre procurando relacionar as várias estruturas de poder (governo

metropolitano, governo colonial geral, governo local, autoridade municipal) e, o que é mais importante, medir a distância entre a ordem e a execução, entre os objetivos políticos declarados explicitamente e as medidas destinadas a concretizá-los. Trata-se, afinal de contas, apesar da sua modéstia e despretensão teórica, de uma análise das várias instâncias de poder, de uma comparação entre intenções e ações, de uma avaliação comparativa de ideologias e eventos. Essa constante confrontação entre as palavras e os atos adquire maior relevo no capítulo em que a autora analisa as instruções redigidas por Pombal, destinando-se umas ao futuro governador da Capitania de São Paulo, e dirigindo-se outras ao Vice-rei do Brasil: "A importância e a atenção que merecem advêm do fato de englobarem as diretrizes oficiais para a Capitania, exprimindo as preocupações maiores do momento. Seu estudo serve ainda para constatar se, durante a gestão de D. Luís Antônio, aquelas instruções foram acatadas e fielmente cumpridas, se o foram em parte, ou foram ignoradas, dando-nos, assim, informações de interesse para as condições reais da administração colonial da época" (pág. 70).

Numa primeira parte do livro, a autora fornece os dados necessários à montagem subseqüente da obra: o que tinha sido a Capitania de São Paulo até o momento em que fora restabelecida (1765); qual a origem social e a preparação administrativa do governador; quais as diretrizes do seu governo.

Na segunda parte vemos o administrador colonial em ação: expansão territorial, criação de povoações, recuperação econômica, militarização da Capitania. Na terceira parte aponta-se a ruptura com o governo metropolitano até ao afastamento do governador em 1775. Nos últimos capítulos mostra-se por um lado a imagem que o governador construiu para o seu sucessor do que tinham sido os seus dez anos de governo, assim como a destruição desta imagem pelo governador seguinte, logomaquia que sempre se repetia a cada mudança de governo. Assim como se descreve a luta do administrador colonial para recuperar o prestígio político e justificar a sua administração.

Há que ressaltar e que elogiar nesta edição o cuidado com a iconografia, em geral tão desprezada nas edições comerciais da produção historiográfica brasileira. Mapas, plantas, desenhos, descobertos sobretudo no Arquivo Histórico do Itamaraty, no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa e no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, ilustram este estudo, permitindo visualizar a ocupação do território paulista no séc. XVIII●

Artes

A harmoniosa lição de modéstia de um mestre

Arnaldo José Senise

Um curioso problema relacionado com a criação artística e, mais ainda, a atitude generosa de um grande artista, ficam evidenciados neste artigo que relata um gesto de Carlos Gomes, ao emendar a partitura de um jovem compositor que, segundo o mestre campineiro, errava em dois compassos, ferindo a harmonia.

Mesmo os que conhecem um pouco da história musical de São Paulo talvez não saibam da grande amizade que ligou Carlos Gomes a Henrique Luiz Levy, cuja loja de música, na antiga rua da Imperatriz, com um café anexo, foi, durante a segunda metade do século passado, centro de difusão de arte, de encontro de musicistas daqui e de fora, em visita, bem como de estudantes.

Foi Levy quem encorajou e acompanhou Carlos Gomes quando este, praticamente fugindo da família, decidiu ir para o Rio de Janeiro, em 1859, em busca do ideal.

Dois dos filhos de Levy, Luiz Henrique (1861 - 1935) e Alexandre (1864 - 1892) tornaram-se nomes de expressão na música brasileira. O primeiro, Luiz, apelidado de Nhonhô Levy, foi pianista exímio, que, após a maioridade, passou a gerir a loja do pai, a *Casa Levy*, até hoje existente; tornou-se inspirado compositor para piano, do gênero leve e do erudito.

O segundo, apelidado de Alex, também pianista, tornou-se figura da maior importância em nossa literatura musical, compositor para piano, câmera, orquestra etc. e não precisou de mais de 27 anos de vida para registrar obra de altíssima significação.

Essas informações são necessárias para a apreciação de uma carta que, por inédita, reproduzimos na íntegra, dirigida por Carlos Gomes a Luiz (Nhonhô) Levy, em 1883, já à testa dos negócios peternos. (ver quadro)

Muitas e interessantíssimas ilações nos desperta esta carta. Limitando-nos a alguns dos seus aspectos apenas, com as considerações que se seguem, não fazemos mais do que reafirmar, o que, através dos séculos, os mestres vêm proclamando, mas que é oportuno lembrar.

O ponto de partida e de maior importância, na carta, é o que diz respeito à "falsa relação" de harmonia que Carlos Gomes teria encontrado na escrita original de Alexandre, para o 14° compasso do "Romance Sans Paroles" (n° 1 das "3 Improvisations"). Reproduzido todo o trecho inicial dessa composição, até o 15° compasso, seguido da ortografia harmônica que o maestro propunha para os dois últimos compassos, a fim de evitar as inconveniências de encadeamento dos acordes que via no original (Ed. Vitale, SP).

O primeiro aspecto a ressaltar é o apuro crítico, suportado por seu preparo em Harmonia, que revela possuir o "Maestro Tonico" qualidade que imediatamente punha a serviço da avaliação cuidadosa dos textos que lhe caíam nas mãos, especialmente quando se tratava de um amigo iniciante.

Num país e numa hora em que se comprazem tantos em detratar o valor desse inspirado mestre, seria bem de se indagar quantos musicistas têm, hoje, o hábito e essa acuidade em analisar profundamente uma partitura, e quantos exibem tanta sutileza harmônica, como quando ele observa: "Desse modo; cada nota resolve naturalmente e sem constrangimento."

A parte válidas considerações filosóficas e literárias sobre os libretos de suas óperas; à parte considerações estéticas sobre as suas concepções do que seja Arte em Música (exemplificadas nas advertências sobre o excessivo virtuosismo requerido pela "Valse — Caprice" e sobre as extravagâncias do ritmo a evitar) —, à parte tudo isso, julgue-se a música do maestro por aquilo que ela em si contém, pois o que importa, diante dessa carta, é que não se pode acusá-lo de incompetência técnica, nem de pobreza de inspiração, diante de suas melodias. Por também válidas questões de gosto pessoal, pode-se não ser atraído por suas composições, como existem os que são avessos à forma de expressão de Wagner ou à refinada elaboração de Chopin — mas há que, em todos os casos, respeitar o valor técnico e estético de cada compositor, quando tal

A carta de Carlos Gomes

Milano, 25-4-83

Amigo Nhonhô Levy

Sei que mais uma vez tomastes a maçada de vender bilhetes e aturar cacetadas *dos fregueses no negócio das representações do* Salvador Rosa. *Agradeço-te portanto em meu nome e tão bem em nome do teu amiguinho Carletto. (1).*

Já escrevi a papai (2) agradecendo o muito que fez por mim e meu filho.

Não ignoras a antiga amizade que me liga com teu pai, pois muitos anos antes da tua feliz presença neste mundo já éramos amigos!

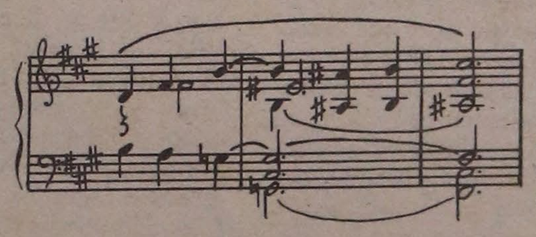
Teu pai hoje é como uma grande árvore frondosa, em cujas sombras se abrigam os queridos filhos, restando ainda lugar para os amigos, entre os quais está o Tonico, de Campinas.

Os favores que recebo de Levy e filhos me dão um duplo prazer pela sinceridade que reconheço nos corações de quem tão espontaneamente me são dedicados. Vocês todos enfim são como meus parentes.

*Recebi pelo Ricordi as últimas composições do Alex: "*3 Improvisations*" e "*Valse Caprice*". Agradeço o oferecimento do autor. Noto que Alex tem feito muitíssimos progressos e me admira que, na sua idade, possa conceber melodias de gênero tão sério e pouco vulgar como o 1° número das "3 Improvisations". Admiro e aprecio muito a* variedade de pensamento *destas 3 peças. A Valsa não é má, porém noto (torcendo um pouco o meu focinho) a tendência que o Alex tem, escrevendo peças que só ele, você, Rubinstein (3) podem tocar! Noto também aquela* ginástica da matemática *musical nas primeiras notas da página 6ª da Valsa! Para que isso?*

Eu não faço crítica, desejo somente que Alex aproveite o talento natural que Deus lhe deu escrevendo fácil, elegante, curto, melodioso, sem entrar em extravagâncias do ritmo musical.

Tomem sentido com certos passos da ortografia harmônica. No 14° compasso do Romance sans Paroles, *para evitar o erro de ortografia que os maestros antigos chamavam* falze relazioni, *eu escreveria do seguinte modo:*



N.B. *Deste modo cada nota resolve naturalmente e sem constrangimento.*

Como está no impresso, aquele sol ♮ da parte superior do baixo resolvendo sobre sol ♯ non mi piace. *Se Alex observar e ponderar um pouco acabará por me dar razão.*

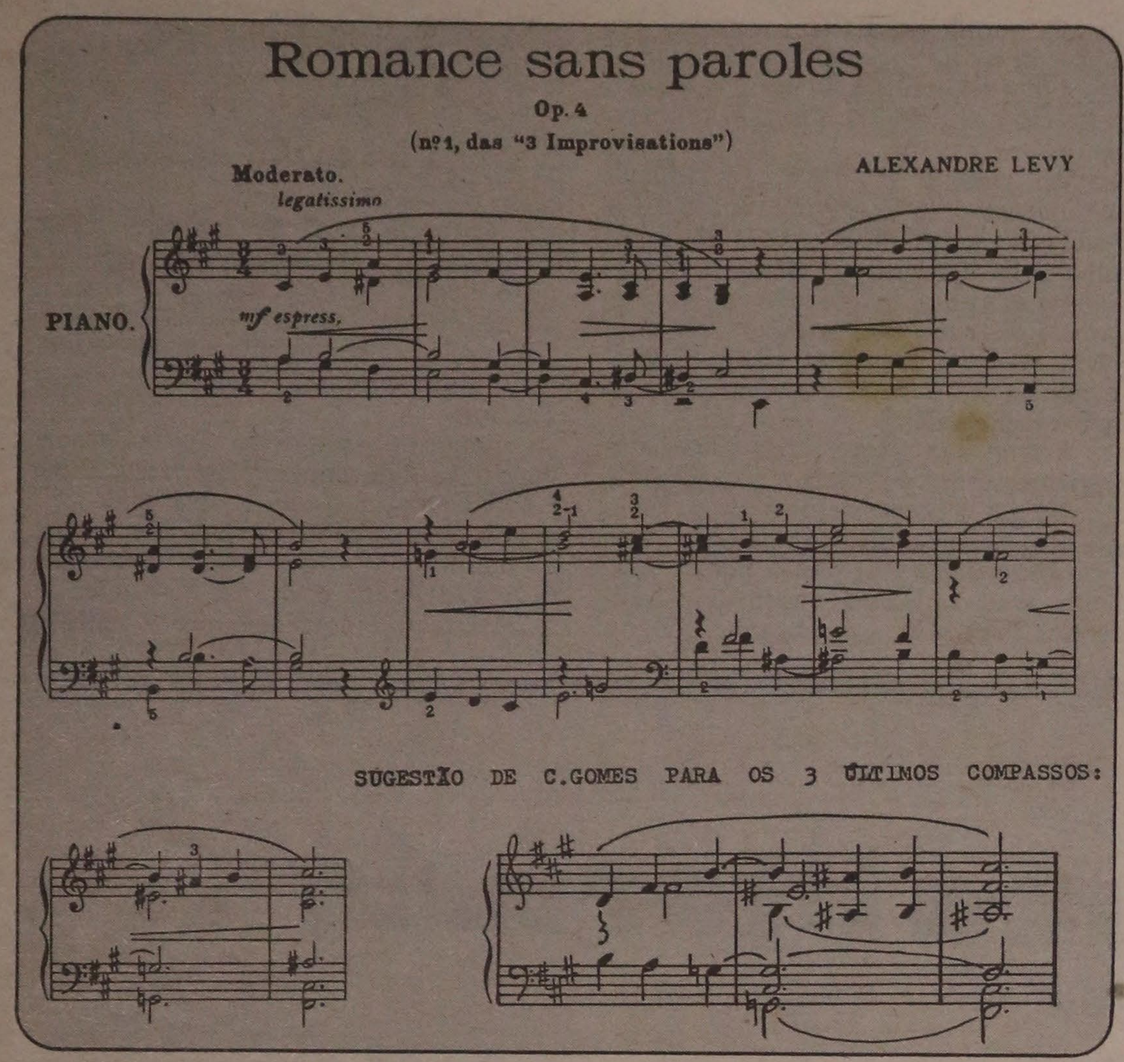
Falarei com Ricordi a respeito do manuscrito que foi remetido Scherzo *e* Tarantella *(4). Farei o possível para que sejam impressas nessa casa. Não as vi, mas terei o cuidado de passar os olhos antes de fazer o oferecimento. O Ricordi é porém muito difícil de aceitar composições de autor não conhecido; porém veremos.*

Já eu sabia dos brilharetos de Buenos Aires e tive muito gosto como se vocês fossem meus filhos. (5)

Diga a mamãe, Nhanhã e Maurício (6) que não os esqueço nunca.

Um abraço no bravo Alex, no papai e recebe saudades, agradecimentos sem fim do

Teu sincero amigo
Maestro Tonico



valor exista de fato. Portanto, não se pode deixar de condenar o fazer-se de opiniões derivadas apenas da emoção pessoal, sem fundamento técnico e estético, juízos de valor sobre qualquer compositor, de qualquer escola. Sabem, ainda, os que têm o hábito de estudar e analisar, o quanto crescem em encanto certas obras de início desprezadas, quando se começa a perceber a riqueza de recursos de invenção com que foram escritas.

Do ponto de vista do compositor Alexandre Levy, é, de início, necessário proclamar que a observação do mestre em nada diminui o valor da peça em questão. Pelo contrário, chama a atenção para obra de um autor que tinha apenas 17 anos quando a escreveu, e que só a partir de 1883 tomou lições de harmonia em profundidade, com George von Madeweiss. Diante da originalidade da linha melódica, do rico trabalho harmônico, bem como da lírica elevação do seu caráter, não podemos fugir a uma grande admiração. É obra de talento fadada a percorrer altíssimos caminhos, como de saída observa Carlos Gomes, indicando, ainda, quanto mais poderia ter-se elevado, não o buscasse a morte tão cedo.

Antes de passarmos a outras questões suscitadas pela carta, algumas palavras sobre os pontos de harmonia que ela levanta.

É impossível saber exatamente como eram as inconveniências de harmonização que o maestro encontrara no texto original do "Romance Sans Paroles", pelo fato de o tal sol bequadro da parte superior do baixo (comp. 14), no texto da edição atual, resolver-se sobre lá sustenido (comp. 15) *e não sobre sol sustenido*, como diz C. Gomes que acontecia no texto que examinara.

Tomando-se por base o texto atual da peça de Levy, nota-se que a sugestão de C. Gomes para os compassos 14 e 15 não difere dele com relação aos acordes empregados, que são os mesmos nas duas versões, mas sim quanto ao número das vozes dos acordes e à posição das mesmas. Dada a inexatidão das informações disponíveis, só podemos ajuizar dos fatos harmônicos ocorridos nos compassos 14 e 15 da peça em questão no terreno das hipóteses. Parece evidente, pela proposta do maestro, que estava ele preocupado em evitar (ver texto de Levy) o intervalo de quarta aumentada entre o baixo sol bequadro (comp. 14) e a voz acima do baixo, dó sustenido, no compasso 15, o qual, segundo a teoria, talvez pudesse vir a ser considerado *falsa relação de trítono* de tipo que os clássicos apenas *toleravam*. O mesmo intervalo e, portanto, a mesma inconveniência dar-se-ia entre o sol bequadro da parte superior do baixo (comp. 14) e o dó sustenido da quarta voz acima do baixo do compasso 15. Parece, ainda, preocupá-lo a marcha melódica da voz que conduz ao lá sustenido do compasso 15, que C. Gomes faz provir de um si contíguo, em lugar de um sol bequadro (texto de Levy), o qual produziria intervalo melódico de segunda aumentada proibido pelos clássicos.

Caso verdadeiras essas hipóteses, não se podem considerar infundadas as razões de C. Gomes para propor as mudanças harmônicas que sugere na carta. É interessante observar, para os estudantes, que, se tocarem no piano os compassos 13, 14 e 15 tal como estão no texto atual de Levy e, depois, os mesmos compassos como sugeridos por C. Gomes, notarão que o efeito produzido por estes últimos, apesar de seu caráter mais sombrio, é, quanto ao entrechoque dos acordes (comp. 14 para comp. 15), muito mais doce, suave, fácil e macio. Isso se deve à eliminação de passos harmônicos desaconselhados e que, ocorrendo em grupo de três simultaneamente, causam efeito muito mais negativo. Não significa essa atitude de C. Gomes que os românticos não contrariassem regras da harmonia clássica, mas demonstram esses fatos que razões tinham os "maestros antigos" para suas regras de harmonização, que nada tinham de arbitrárias: a função de certas leis era beneficiar o efeito, numa fase de música menos eleborada, como, aliás, devem ensinar os que lecionam a matéria.

É de se ressaltar, entretanto, o rigor técnico e estético com que procedia um operista como C. Gomes, numa atitude admirável, por verificar-se já no último quartel do século XIX, quando o Romantismo já conferira quase total liberdade de contrariar consciente e propositadamente as leis da harmonia, e quando, morto Wagner, Debussy já ensaiava os passos de suas inovações.

O fato é especialmente interessante porque, como diz Giacomo Setaccioli, "a harmonia moderna, de natureza essencialmente cromática, já habituou o nosso ouvido musical a não mais estranhar ou a tolerar sem esforço o desagradável efeito da falsa relação" ("Note ed Appunti al Trattato d'Armonia di Cesare de Sanctis in Raporto allo Sviluppo della Armonia Moderna", Giacomo Setaccioli, Ed. Ricordi, Milano, 1936). Fica, então, evidente que C. Gomes agia, nesse caso, como *didata*, evitando que Alexandre prejudicasse a solidez de sua técnica, pelo desrespeito inconsciente e inconseqüente das leis musicais básicas. E estava certo em assim proceder, pois o próprio Richard Wagner, outro inovador, nos relata o seguinte: "Depois de me haver ensinado os mais difíceis e engenhosos artifícios do contraponto, meu professor me disse: 'Provavelmente não te encontrarás jamais na circunstância de escrever uma fuga, mas o saber fazê-lo te conferirá independência técnica e te tornará fácil todo o resto'. (...) Isso me tinha fortalecido, não para escrever fugas, como ele dizia, mas para obter aquilo que se conquista somente com o exercício rigoroso: independência, segurança." ("Música Dell'Avvenire"; R. Wagner, Ed. F. Bocca, Milão).

De forma interessante, Giacomo Setaccioli, na obra citada (pág. 63), chama a atenção do estudante que tem os olhos postos nas formas novas ou revolucionárias, dizendo: "Arnold Schoenberg, o mais audaz entre os futuristas vivos da música, (...) a propósito das sucessões de quintas e oitavas por movimento direto, assim se exprime: 'o aluno (...) estuda com o fim de conquistar o domínio de todos os recursos da técnica e, portanto, deve evitar tudo quanto contribui para colocá-lo na dúvida'. Não é significativa tanta ortodoxia num compositor de vanguarda? (...) Convém, então, persuadir-se de que o melhor meio de liberar-se das regras é sempre o de dominar o completo mecanismo das mesmas, em suas mais diversas aplicações."

Dada a vastidão e a complexidade das ciências que servem de suporte à arte musical — Harmonia, Estética, Análise, Contraponto, etc., que, aliás conferem a essa arte uma posição cósmica e uma transcendência que a distinguem das demais — compromete-se o verdadeiro artista a árduos estudos, para adquirir sólidos conhecimentos. E, na verdade, nunca se acaba de aprender, razão por que não se deve estranhar que grandes compositores, como Levy, submetam suas obras à revisão por parte de mestres mais experientes ou de teóricos competentes; é bem ilustrativo o fato de Henrique Oswald, após a morte de um de seus professores italianos, ter solicitado ao eminente Furio Franceschini que passasse a rever suas novas composições, antes de editá-las.

Mesmo que para certas pessoas pareça inacreditável, constatamos em outras cartas de C. Gomes a Luiz Levy o mesmo cuidado e a preocupação para que, ao se copiarem e reeditarem suas próprias óperas ou trechos delas, fosse observada rigorosamente a correção de ortografia harmônica e geral com que ele as escrevia. Ortografia, no caso, não significa simplesmente exatidão de compasso e de nome das notas, mas sim a perfeita observância dos preceitos ditados pelas ciências da Harmonia, do Contraponto, da Forma, etc.

Acreditam muitas pessoas, entretanto, que os conhecimentos de Harmonia e Análise Musical só sejam necessários aos que se dedicam à composição. Para tais pessoas, entre as quais, infelizmente, se incluem alguns intérpretes, o exemplo de C. Gomes não tem, portanto, maiores conseqüências. Enganam-se, porém, e muito!

Todavia, isso nos remete para uma outra área, importantíssima, mas muito vasta, que tem de ficar para uma outra ocasião.

Uma palavra, ainda sobre essa enganosa "pobreza" de certas composições despojadas de ornamentação, torna-se necessária, em face do gosto obcecante pela "sofisticação" que se apodera de nossa época, como conseqüência de nossa incapacidade de ir ao fundo das coisas. É Maria Callas quem nos auxilia: "Mesmo a mais simples melodia deve ser cantada com nobreza. Já observaram que mesmo os cantores de "jazz" possuem classe... e nenhuma vulgaridade?"

E evidente que não foi por poder jactar-se de ser uma bela mulher que essa artista chegou onde chegou. Seu exemplo sintetiza todas as idéias deste artigo: ela não possuía de berço a "nobreza" de um timbre de voz excepcionalmente belo, como o tinham outros cantores; não! ela *construiu* a sua *nobreza*, pelo treino e pela ciência com que dirigia sua sensibilidade e aquela voz, que em mãos menos competentes muito menos teria produzido.

1 - Carletto — trata-se de Carlos André, um dos filhos de Carlos Gomes com Adelina Peri.
2 - "Papai" era o tratamento com que C. Gomes distinguia Henrique Luiz Levy.
3 - Anton Rubinstein (1829-1894) excelente pianista e compositor russo, que encantou a Europa com suas execuções.
4 - Provavelmente "Scherzo-Valse" Op. 9 e "Tarantella" Op. 8, composições de Alexandre, cuja edição este solicitava que C. Gomes obtivesse da Casa Ricordi.
5 - Trata-se do entusiasmo que despertaram naquela cidade, em 1882, recitais de Alexandre e Luiz Levy, incluindo peças a 4 mãos.
6 - "Mamãe" era o tratamento que C. Gomes dava à esposa de Henrique Luiz Levy. "Nhanhã", sua filha Paulina; e Maurício, seu filho caçula.

Música sacra da Capitania de Minas Gerais

José da Veiga Oliveira

"Quatro Tractus do Sábado Santo, para coro mixto, órgão e violoncelo obrigado", de Joze Joaquim Lobo de Mesquita. Descobrimento e restauração por Francisco Curt Lange, 1964. Nota introdutória de Jaime C. Diniz. Recife, 1979. Edição do Coro Guararapes do Recife. 31 páginas.

Deve-se inquestionavelmente ao musicólogo e historiador Francisco Curt Lange a descoberta de remanescente de copiosíssimo acervo de composições de música sacra da Capitania Geral das Minas Gerais, na segunda metade do século XVIII.

Até por volta de 1944, tinha-se como incontroverso que a primeira personalidade significativa e de real proeminência foi o padre-mestre José Mauricio Nunes Garcia (1767-1830). Curt Lange veio demonstrar o nível criativo dos compositores das Alterosas, entre os quais avulta a figura de Joze Joaquim Emerico Lobo de Mesquita, pardo, alferes e organista, liberto, nascido na Vila do Príncipe do Serro Frio, a 12 de outubro de 1746, que durante quatro lustros exerceu funções artísticas na matriz de Santo Antonio do Arraial do Tejuco, hoje cidade de Diamantina, atuando em outras capelas da cidade, bem como em Vila Rica (1798-1800), e finalmente na Corte do Rio de Janeiro, como organista da Venerável Ordem Terceira do Carmo, vindo a falecer naquela cidade, em abril de 1805 (Geraldo Dutra de Moraes, Música Barroca Mineira, S.Paulo, 1975, págs.43-44).

Curt Lange deferiu ao padre Jaime Cavalcanti Diniz, regente, musicólogo pernambucano, integrante da Academia Brasileira de Música, o encargo de prefaciar a primeira edição dos "Quatro Tractus do Sábado Santo" de Lobo de Mesquita.

Fê-lo na sua habitual competência e autoridade, no traçar, em sintéticos parágrafos, o currículo biográfico do outrora obscuro compositor, de cuja obra, em que pesem os esforços, ainda está por ser realizado um levantamento completo dos manuscritos supérstites, às mais das vezes fragmentários, originais ou cópias apógrafas.

Esclarece o prefaciador que os *Quatro Tractus* foram compostos no ano de 1783. O manuscrito encontrado retém o baixo-cifrado, numa cópia realizada por Roberto Velasco (ou Valasco), oriundo de uma família de trompistas de Vila Rica, na segunda metade do século XVIII.

Em carta ao prefaciador, explica o prof. Curt Lange que, na parte inferior da folha de rosto, logo abaixo do derradeiro pentagrama, consta a assinatura de Francisco Gomes da Rocha, outro destacado compositor das Alterosas, circunstância que o dr. Lange considera "prova mais que suficiente que pertencia ao arquivo dele, ou lhe foi cedido pelo próprio José Joaquim, pois foram amigos durante o estágio de ano e meio na Capital das Minas Gerais".

Tractus, como explica o p. Diniz, é peça cantada *tractim*, de forma direta e contínua de princípio a fim de determinado capítulo do ofício litúrgico maior, a missa, desacolhendo alternâncias textuais em caráter antifonal ou de estribilho. Sua função, integrada no *Proprium Missae* da liturgia católico-romana, consiste em substituir o convencional *Aleluia*, quando este não é requerido pela liturgia, a qual, nesse caso, é a Vigília Pascal do Sábado Santo.

Vai além o p. Diniz, ao explicar analiticamente a estrutura musical dos *Tractus*, cuja intrínseca valia artística antolha-se-lhe irrecusável. Neles, predomina uma escritura de tipo vertical. Nota-se variedade de meios expressivos, uso altamente funcional das modulações. Jamais se inclina "à densidade, ao pesado, ao massudo enjoado".

A menos estejamos enganados, é a primeira vez que o professor Lange confia a outrem a estampa de obra do passado mineiro; que encontrou e restaurou. Pois é precisamente nesse ponto que se nos depara o cerne de uma controvérsia apaixonada e colérica, a dividir musicólogos. Curt Lange apresenta a partitura sob notação gráfica moderna, instruída de indicações práticas de execução em termos de tempo (Andante, Moderato, Lento), dinâmica (p.p., mf, ff) agógica ("pouco ritenuto"), além de especificar nos *caput* os valores de semínima.

Não seria de preceito que se ofertasse o *Urtext*, ou, ao menos, as mais expressivas e características partes, em se tratando de um tipo de música tipicamente pré-classíca? Por que não reproduzir, em *fac simile*, a primeira página do primeiro *Tractus*?

Como quer que seja, não há negar a importância de uma edição musical que possibilitará um conhecimento mais íntimo da obra sacra de Lobo de Mesquista, ao mesmo tempo que enseja aos nossos conjuntos corais o alcance de esquecida música, mas nem por isso menos valiosa.

Letras

Ahasvero, tema literário

Hélio Lopes

O aproveitamento da figura de Ahasvero e do tema do judeu errante pela literatura, especialmente no período romântico, é estudado neste artigo que se reporta a autores franceses do século XIX, antes de se referir à literatura brasileira. Poetas como Junqueira Freire, Fagundes Varela e Castro Alves retomam o motivo.

Os dicionários especializados ensinam: "Ahasvero (encontram-se também as formas Ahsvero, Asvero e Aasvero) — Assuero é a transcrição hebraica do nome do rei persa Xerxes", célebre na História devido à batalha das Termópilas, com a derrota de Leônidas, e à batalha naval de Salaminas, onde a pequena frota grega de quatrocentas embarcações desbaratou os mil e duzentos navios persas. Mas não por essas façanhas guerreiras o nome de Ahasvero entrou na literatura. Com ele veio a chamar-se o judeu errante.

A lenda do judeu errante é antiqüíssima. Talvez o berço esteja na Índia. No século XIII já se contava na Armênia e o judeu errante caminhava pelo mundo sob diversos nomes até que no século XVII (1602) uma narrativa alemã firma-lhe o nome em Ahasvero. A origem talvez se encontre na maldição lançada por Deus a Caim: "E Caim, afastando-se da face do senhor, andou errante sobre a face da terra, e habitou no país que está ao nascente do Éden" (*Gênesis*, 4,16).

Mas se essa e outras insinuações bíblicas servem de base, a lenda como passou para a cultura popular terá nascido mesmo da imaginação. E resume-se nisto: caminhando Cristo para o Calvário, parou à porta de um sapateiro, Ahasvero, para descansar. Gritou-lhe Ahasvero que caminhasse. Cristo o amaldiçoou com a longa caminhada pelo mundo até o fim dos tempos. Quando termina o século, Ahasvero volta à idade que tinha quando foi amaldiçoado. Não poderá morrer. Corre o mundo com cinco moedas no bolso. Desaparecida a última, dadas todas como esmola, retorna a possuir outras cinco. Assim até o dia do juízo final.

Fagundes Varela conhecia a lenda e a resume nesses versos: *"Caminhar!...Caminhar!...foi a sentença/Que na triste jornada do Calvário/Disse, passando, o Salvador a Ahasvero!/As flores morrerão ao teu contato/As aves fugirão batendo as asas/E ao céu de bronze que te pesa à fronte/Em vão mendigarás gota de orvalho/Que apague a sede que teu peito abrasa!"*

Em "Vozes da África" parece Castro Alves fazer aproximação entre Caim e Cam, já pela semelhança dos nomes, já por terem sido ambos amaldiçoados. O primeiro, no entanto, nasceu de Adão e Eva e o segundo era filho de Noé, arrenegado pelo pai por lhe desrespeitar a nudez: O castigo foi o de ser escravo de seus irmãos, não a viver a errante: *"Desde esse dia o vento da desgraça/Por meus cabelos ululando passa/O anátema cruel./ As tribos erram do areal nas vagas,/E o nômada faminto corta as plagas/No rápido corcel/...Vi meu povo seguir- judeu maldido - /Trilho da perção.../"*

Ahasvero, o judeu errante

O sintagma "judeu maldito" refere-se ao Ahasvero lendário e nunca aos habitantes da África do Norte ou da Arábia do Sul, aos cananeus em geral, dados como descendentes de Cam. Castro Alves reúne em uma as duas execrações, projetando o irmão assassino e o filho reprovado na figura do escravo.

A legenda de Ahasvero seduziu os escritores do século XIX. Provavelmente os franceses Jean-Pierre Béranger (1780-1857), com "Le juif errant" (1831), Edgard Quinet (1803-1875), com o poema "Ahasvérus" (1839), e Eugênio Sue (1804-1857), com o romance "Juif errant" (1844), terão sido os canais literários mais próximos a alimentar nossos poetas e a diversificar a intepretação da história.

Béranger põe na boca do judeu errante estas palavras da última estrofe de sua canção: "Ultrajei com riso cruel o Homem-Deus que apenas podia respirar ...Mas o caminho fugiu de sob meus pés. Adeus, um turbilhão me arrasta. Vós que não tendes caridade, temei diante de meu estranho suplício: não a divindade, mas a sua humanidade Deus vinga (em mim)". Quer dizer: Ahasvero, negando singelo ato de amor a Cristo, carrega o castigo infindável. Cristo, não como Deus, como Homem, foi o ofendido. E, nele, a Humanidade carente, talvez não de muita coisa, mas de um gesto despretensioso de amor.

Como poesia, a canção de Béranger justifica a mediocridade de seu talento, mas não pode deixar de trazê-lo à consideração devido à influente presença exercida na França e no Brasil. Como o povo lá o cantava, di-lo Chateaubriand. Aqui, diziam-se seus versos nos discursos políticos. O outro francês, Edgard Quinet, hoje também abandonado ao sossego das bibliotecas e, se lembrado, é mais como

historiador e menos como poeta, triunfou em seu tempo com a pretenciosa epopéia *Ahasvérus*. Da obra podemos tomar conhecimento suficiente no capítulo a ela dedicado por Léon Céllier no ensaio sobre a epopéia romântica (1954).

Para Edgard Quinet, pretendente rival de Goethe, Ahasvero é o símbolo da humanidade. Quando o judeu errante vem a receber o perdão de Cristo, começa a nova era. Uma nova era sem Deus. Apenas o Nada dialoga com a Eternidade. E Ahasvero é o Homem eterno, redimido pela mulher, mas não sem deixar de atormentar-se com o que no Romantismo se chama de mal do século. Compreende-se como o poema encontrou retumbante ressonância no Romantismo, inclusive pelo brilho das imagens disseminadas pelo texto. A opinião de Álvares de Azevedo concorda com a da crítica européia ao considerar a "riqueza luxuriosa das imagens como o poema — porventura de mais imaginação que tenhamos lido — o *Ahasvero* de Quinet".

De que maneira o nosso Romantismo aproveitou-se da legenda célebre? De Junqueira Freire pode-se ler, em *Inspirações do Claustro*, um longo poema (trinta oitavas pentassilábicas) sob o título de "O renegado/Canção do Judeu". Junqueira Freire, na verdade, não se refere diretamente à lenda de Ahasvero, mas ao povo que desdenhou a lei mosaica e sofre o castigo da diáspora, lembrando os diversos cativeiros até a destruição de Jerusalém por Tito. Essa peregrinação, porém, de terra em terra terminará. Cunprir-se-á a vontade de Cristo de reunir seus irmãos sob asas, como se lê no Evangelho de São Mateus, e preencher-se-á a profecia de Jacó, como está no livro do Gênesis. De qualquer forma o poema de Junqueira Freire inclui-se na tradição que individualiza em Ahasvero o povo judaico.

Outra interpretação, a mais comum, encontra-se no título dado por Castro Alves a seu poema: "Ahasverus e o gênio" e o próprio poeta encarrega-se de explicar: "*O Gênio é como Ahasverus-...solitário/A marchar, a marchar no itinerário/Sem termos do existir,/.../E o mísero de glória em glória corre.../Mas quando a terra diz: — 'Ele não morre-'/Responde o desgraçado: — 'Eu não vivi!...*" A idéia desse poema, escrito em 1868, não é original. Fagundes Varela, três anos antes, empregara a mesma comparação na poesia dedicada, por sinal, à artista Eugênia Infante da Câmara (1837-1879), amante de Castro Alves. Mais cedo ainda, 1861, o mesmo Varela, na prosa de "Palavras de um louco" estampada na *Revista da Associação Recreio Instrutivo*, mês de setembro, já fizera uso da mesma imagem.

No belo poema "Desengano" de *Cantos e Fantasias*, Fagundes Varela tem os versos finais dignos de serem lidos e guardados: "*Tenho de andar sem descanso/Como o Hebreu da tradição!.../Buscar das selvas o abrigo,/A sombra que a paz aninha,/E ouvir a selva bradar-me:/ Ergue-te, doudo, e caminha!/Caminha! — dizer-me o monte!/Caminha! — dizer-me o prado./Oh! mais não posso! — Caminha!/Responder-me o descampado!/Ah! não me fales da glória,/Não me fales da esperança,/Eu bem sei que são mentiras /Que se dissipam, criança!*"

Identificar Ahasverus com o talento artístico, mais especificamente o poético, pode aliar-se à idéia bastante generalizada então de que todo poeta era infeliz e com o destino de vagar ao desabrigo. Daí a lembrança freqüente do exílio de Dante, da pobreza de Camões, do incessante e louco peregrinar de Torquato Tasso. E, mais próximo, estava o exemplo de Lord Byron com todo o séquito de heróis revoltados e sem pátria. Esta é uma das facetas. A negativa na visão do gênio poético. O ser incompreendido, rechaçado pela sociedade, o eterno proscrito, predestinado, no entanto, por Deus, como seu vate para dizer as grandes verdades ao mundo e revelar ao homem o destino a que está fadado. Não se estranhe, porém, que, mesmo à figura de Ahasverus se aplique interpretação positiva. Assim Álvares de Azevedo proclamava em discurso aos colegas da Academia: "A regeneração literária de nossa terra deve sair do meio de nós. Falange do progresso não há ficarmos imóveis. Como ao Ahasverus da tradição uma voz nos brada sempre: — Caminha!"

Para completar essas anotações, convém trazer à lembrança o episódio do sonho de Naída como se narra em *O* **Evangelho nas Selvas**, Canto V, II, citando ainda Fagundes Varela. A indiazinha relata a Anchieta o pesadelo sofrido na noite anterior. Já perguntara antes ao mestre (Canto IV, II) se os *sonhos* dizem a verdade. Anchieta responde que não, mas depois insiste em ouvi-la. A jovem descreve um verdadeiro pesadelo, o íncubo, no sentido restrito da palavra, isto é, sem a possessão erótica: "*A formidável mão pesada e fria,/Fria e pesada qual medonha pedra/.../Sobre o meu peito angustioso estava...*" *E, presente, a figura de Lúcifer.*

O pormenor não perturba Anchieta. Mas o sonho desenrola-se em quatro fases: 1) a visão da natureza abalada pela voz ressoante (ignora-se de quem) gritando: Maldito! 2) um deserto "Horrendamente calmo e luminoso" mostrando restos putrefactos de homens e animais e o nome de Caim escrito por toda parte; 3) o deserto agitado pelo vendaval e pelo incêndio. Atravessa-o um homem: "*...seu semblante/Era grosseiro e negro como a rocha/.../Seu corpo como o tronco do vinhático/Onde a chama brincou; .../.../Mão e braços de sangue eram manchados!/De lado a lado olhava suspeitoso,/Parava aos sobressaltos, e tremia, /Não pela tempestade;/Porém...*" Esse homem é Caim; 4) depois reaparece Caim numa natureza edênica. E a natureza transforma-se "*E daquelas montanhas encobertas/Precipitou-se um rio impetuoso,/...Ergui-me, olhei ...e o rio era de sangue*". Finalmente a paz irradia, gritando o povo jubiloso o nome da Liberdade.

Pelo que vem depois a acontecer, sabemos como foi premonitório o sonho de Naída: anunciava a confederação dos tamoios, a luta, portanto, dos índios entre si, uma guerra fratricida, Caim contra Abel. Daí a presença de Caim dentro do sonho, o homem amaldiçoado correndo pela natureza que o repudia e ele profana manchando-a de sangue.

A recorrência de Varela, como se está vendo, é radicalmente tradicional. Mas também, parece-me, em nenhum poeta brasileiro do período romântico, Caim assume a envergadura de contestador da divindade e terá sido um daqueles heróis byronianos de menor repercussão na sensibilidade romântica nacional. Entre nós, Caim não tem a importância do mito da revolta, daquele titã que dele quis fazer Beaudelaire, o escalador do céu para desalojar Deus — "*au ciel monte/Et sur la terre jette Dieu!*"

Sem maiores problemas, Caim irmana-se a Ahasvero. Cumprem o castigo cometido contra a Humanidade. E quando a Humanidade receber o batismo de fogo, o perdão estará completo e eles salvos. Passivamente esperam esse dia, suportando o repúdio dos homens e aguardando a justiça de Deus. Grandes paradigmas dos criminosos humilhados.

Da "alienação lingüística"

Italo Caroni

Em julho de 1750, Voltaire chega ao castelo de Potsdam, onde Frederico II, rei da Prússia, o aguardava há muito tempo. O "Salomão do Norte" ia realizar, enfim, seu grande sonho de conviver com o espirituoso e irrequieto "Virgilio" moderno; e esta convivência se expressaria toda em francês, língua que Frederico II dominava com perfeição. Uma anedota, contada por Jean Orieux em sua excelente biografia *Voltaire ou la royauté de l'esprit*, Flammarion, 1977, p. 10, revela o grau de afrancesamento das metrópoles européias: convidado para jantar em casa do príncipe de Zoll, um viajante francês se exclama, ao constatar que onze dos doze convivas eram franceses: "Em verdade, isto é muito engraçado: Vossa Senhoria é aqui o único estrangeiro". Na corte de Frederico II, acrescenta Orieux, falava-se sobretudo francês, e o próprio monarca, que conhecia superficialmente o alemão, só conseguia ler uma tradução alemã de Racine, seguindo o texto francês.

A língua de Voltaire domina a Europa do século XVIII

Pouco mais de um século mais tarde, uma outra testemunha não menos célebre atesta a voga permanente do francês através da Europa: Dostoievski, que, no *Diário de um escritor*, se eleva contra a mania russa de falar francês como os franceses, admitindo embora ser útil em certas ocasiões saber se expressar no idioma de Molière.

Hoje, a situação inverteu-se e, de hegemônica, a língua francesa passou a dominada. Pelo menos assim o entendem muitos dos próprios franceses, preocupados com a invasão, primeiro, do que se chamou de "franglês" e, agora, do "anglo-americano". O grito de alerta mais recente foi dado por Henri Gobard: "De propósito ou não, o anglo-americano e o inglês, pelo simples fato de sua difusão mundial, são os principais agentes de destruição da diversidade lingüística natural. Esta destruição é, sem dúvida, a mais irreparável de todas as catástrofes ecológicas que marcam nossa época" (*L'aliénation linguistique*, Flammarion, 1976, p. 275). René Etiemble não fora menos enérgico com o seu controvertido *Parlez-vous franglais?*, em 1964. Ambas as obras trazem a marca do contexto em que foram elaboradas: no caso de Etiemble surdem ainda paixões excitadas pelo último conflito mundial; Gobard, por sua vez, apela com freqüência para o atual discurso ecológico.

Contra o que se insurgia Etiemble? Contra a onda avassaladora do "franglês", por ele batizado também de "sabir atlântico", uma espécie de linguagem abortada, misto de termos anglo-americanos e de francês incorreto, praticada de início por esnobes, mas que ameaçava generalizar-se, turvando a limpidez do idioma franco. Ameaça que não lhe parecia, contudo, um privilégio da França: "Da mesma forma que o latim dá, conforme o caso, o romeno e o espanhol, o italiano e o francês, o americano de hoje produzirá o italinglês, o germanglês ou o franglês" (*Parlez-vous franglais?*, Gallimard, col. "Idées", 1964, p.29).

A anglicização da língua francesa não constitui um fenômeno novo. Disso sabia o próprio Etiemble, lembrando que tudo começara naquele mesmo século de Voltaire, quando o francês se irradiava pela Europa. Com a queda posterior de Napoleão e a ascensão da Inglaterra ao plano de primeira potência mundial, era natural que o inglês progredisse através do continente europeu. Tendência esta que se foi acentuando, para atingir seu ápice já em nosso século, sobretudo depois das duas guerras mundiais. O elemento novo é representado a esta altura pela emergência dos Estados Unidos no cenário internacional, como potência vitoriosa e suficientemente dotada de bens e de capital para ajudar a reconstruir a Europa. O "franglês" ou "sabir atlântico" resulta em grande parte desta investida americana. O Pacto Atlântico e os capitais americanos ocupam a recém-desocupada Europa, instalando-se assim, no dizer de Etiemble, uma nova forma de colonização. Como sói acontecer, a língua dos colonizadores começa a minar os falares locais: "Para colonizar o comércio e a indústria francesa, era portanto necessário sabotar o francês nas posições mais fortes que ele ocupava ainda: como língua diplomática, e de cultura" (p.239). Etiemble relata fatos que comprovam este esforço de sabotagem e, ameaçando publicar documentos pessoais, declara até que determinada agência política tentou comprá-lo quando ele se lançou na sua "cruzada" contra o "sabir atlântico".

Este clima passional impregna todas as páginas do violento libelo contido em *Parlez-vous franglais?*, cuja leitura se torna da mesma forma atraente pelo recurso freqüente à ironia, arma predileta de

Etiemble. Passando em revista os diferentes domínios do léxico e da sintaxe francesa, o autor constata que a invasão é total. Tudo é documentado, não se tratando pois de afirmações gratuitas. Apoiado em vastos levantamentos feitos por equipes de universitários, em farta correspondência e numerosas leituras, responde a críticas, registra encorajamentos e investe contra todos os praticantes do franglês e, em particular, contra os dicionários repletos de anglicismos.

Constatada a epidemia e diagnosticada a sua origem, que remédios adotar? A primeira coisa seria promover uma contundente campanha de imprensa para sensibilizar a opinião pública: assim veio a lume, por exemplo, *Parlez-vous franglais?* Em seguida, definir uma tática para tratamento dos estrangeirismos. Questão de bom senso: naturalizar, fonética e ortograficamente, os empréstimos inevitáveis; rejeitar os inúteis. (Um exemplo, entre muitos: por que "speech", se o francês dispõe de, pelo menos, cinco vocábulos para este conceito: "allocution","discours", "harangue", "laïus", "topo".) Numa última etapa, conviria apelar para uma política de dirigismo lingüístico, mobilizando os Ministérios que poderiam pôr em prática medidas drásticas capazes de disciplinar a linguagem do rádio e da televisão, da imprensa escrita, da publicidade, das marcas e patentes industriais, etc. Um apelo comovedor encerrava o requisitório e os conselhos de Etiemble: "Seria preciso sobretudo que, da pré-escola ao ensino superior, se formassem as nossas crianças para conhecer, amar e respeitar o francês." (p.343)

Professor no Centro de Estudos e Pesquisa Anglo-americanos da Universidade de Paris VIII, Henri Gobard acaba de revezar Etiemble, com o já mencionado *A alienação lingüística*, título talvez não menos provocante e polêmico do que o de seu antecessor. Mais uma vez, parte-se de uma constatação alarmista. Não obstante tantos avisos e apelos, a maré anglicista continuou a subir e a levar de roldão o indefeso idioma francês; o mal subsiste e, pior ainda, em estágio mais avançado: "Albert Thibaudet, René Georgin e hoje René Etiemble puxaram o sinal de alarme; será que todos os seus esforços foram vãos? Não falamos franglês, falamos franglish, antes de nos exprimirmos pura e simplesmente em english! Falar de T-shirt é franglish, que deixa bem para trás o franglês de parking ou dancing!" (p. 134). Como professor de inglês, Gobard se regozija com o futuro promissor do ensino do inglês na França; como cidadão francês, vê-se na obrigação de refletir sobre as conseqüências de tamanha penetração cultural estrangeira.

Se os fatos e o tom coincidem nas duas "cruzadas", a linguagem difere um pouco. Gobard defende mais os particularismos ou o clã familial do que uma nação abstrata, mais o vernáculo do que o veicular. Como nas manifestações ecológicas, trata-se da defesa de um patrimônio cultural natural, donde a ocorrência de um vocabulário muito em voga nos dias atuais: "poluição lingüística", "ecolingüística", "etnocídio cultural", "resistência cultural", etc. De Etiemble a Gobard, a visão existencialista cede lugar à ecológica, ao passo que a ironia se vê substituída pela fantasia verbal: "Infelizmente, não pudemos até agora obter senão moções, emoções, comoções, eleições, imprecações, injunções, contorções, e convulsões, mas nunca a mínima explicação, nem mesmo o esboço da mais elementar demonstração."(p.196)

Apesar de momentos de distensão como este, também para Gobard a brincadeira é séria. Quando não, porque ele mesmo a viveu,(ou vive ainda?), no seu próprio local de trabalho. Na Universidade de Paris VIII se estaria instituindo um diploma unilingüe de inglês, que relega o francês à categoria de disciplina subalterna. Tal absurdo, contra o qual se revolta Gobard, conta com o apoio da equipe de docentes e cria um sistema que equivaleria, por exemplo, à obtenção de um diploma de francês numa universidade brasileira, sem o conhecimento da língua portuguesa. Compreende-se, pois, a atitude do polemista, que descarrega sua ira contra os "galoricanos" alienados que defendem a transformação de Paris VIII em uma "angloversity" tendo o anglo-americano como língua obrigatória e o francês, facultativa. Fato tanto mais aberrante, observa Gobard, quanto a universidade tem o dever de se opor à uniformização das diferentes culturas, favorecendo o desenvolvimento do ensino das línguas de comunicação e, ao mesmo tempo, defendendo sua língua vernácula.

A nova "cruzada" situa-se, portanto, num terreno mais circunscrito do que a de René Etiemble. Gobard não ignora o alcance político-social do problema, referindo-se mesmo a um privilégio econômico que assegura aos novos colonizadores "o poder das armas e das palavras". Um novo dado histórico se introduziu, com a entrada da Inglaterra no Mercado Comum Europeu em 1971: mais do que nunca o inglês aparece como a língua da Europa.

Contudo, a luta de Gobard se trava principalmente no campo específico do ensino das línguas estrangeiras. Após a descrição da chamada "análise tetraglóssica" — que distingue, numa determinada área cultural, quatro tipos de linguagem: vernácula, veicular, referenciária e mítica — o autor começa a discutir a questão pedagógica. A pergunta que se coloca de imediato, no seu entender, é a seguinte: deve-se ensinar uma língua estrangeira como se ela fosse uma outra língua materna? Sua resposta não deixa a menor sombra de dúvida. Zombando dos "galoricanos" inocentes que exultam de prazer quando se lhes observa que seu francês se enfeita com os mais variados anglicismos, Gobard ataca: "É precisamente este *consentimento* à perda de *identidade lingüística*, sinal supremo da alienação lingüística, que favorece o desenvolvimento econômico dos países em via de *deslocação cultural*".(p.54)

Que isto não sirva todavia de pretexto para se enquadrar Gobard como chauvinista fanático e retrógrado, nem tampouco como detrator do idioma inglês. Língua de comunicação internacional, o inglês pode ser útil, sobretudo neste seu aspecto veicular: "Da mesma forma que o latim na Idade Média não era propriedade exclusiva de Roma, mas sim vínculo comum de toda a cultura da Europa, o inglês, por sua dupla etimologia saxônica e latina, e apesar de suas armadilhas diabólicas, pode perfeitamente constituir a segunda língua de comunicação indispensável em nosso mundo moderno." (p.54)

Sem esquecer que a pedagogia de Gobard encara o aprendizado da língua estrangeira sobretudo como ensejo a um profundo enriquecimento pessoal. Pesquisador e poeta, o mestre exerce criatividade a partir de um material lingüístico que lhe diz alguma coisa e que lhe permite realizar-se, mais talvez como pessoa do que como profissional. Pode-se gostar do inglês pela beleza de suas sonoridades ou outras qualidades intrínsecas, bem como pelo vasto universo cultural que ele transcreve. Este inglês deve servir sobretudo a uma busca concreta e motivante de si mesmo. O essencial, esclarece Gobard, é que voltemos à tona mais nós mesmos, e não mais britanizados ou americanizados. De novo, surge a pedra de toque da teoria e da prática propostas: afastar todo risco de alienação.

De que modo conciliar a necessidade de estudar língua estrangeira e esta exigência absoluta de preservação da identidade lingüística e cultural? Gobard não sistematiza o assunto, nem codifica regras de conduta. Algumas orientações esparsas levam, contudo, a uma certa estratégia pedagógica. Antes de mais nada, impedir a propagação do ensino do inglês nas escolas primárias, sem o que ocorrerá fatalmente um verdadeiro "desastre lingüístico" (p.110). Em nível de escolaridade secundária, urge estabelecer a obrigatoriedade de uma segunda língua, "sob pena de colonização definitiva pelo inglês ..."(p.55): *similia similibus curantur*, lembra o autor, definindo esta "terapêutica homeopática". Na Universidade, rejeição do perfeccionismo bilíngüe, tanto quanto da assimilação unilingüísta, e busca da simples competência para utilizar duas línguas. Criticando os chamados métodos de "banho de língua" ou de "turismo lingüístico", preconiza-se uma pedagogia que leve em conta, principalmente, dois pontos essenciais: o processo de aquisição da língua estrangeira e a análise contrastiva das duas línguas em presença (pp 165 e 251).

Como se vê, a controvérsia suscitada pelo livro de Gobard se revela de grande atualidade e não implica apenas a França e os franceses. Todo país deveria equacionar do modo mais adequado suas diretivas para o ensino das línguas estrangeiras. No caso brasileiro, algumas perguntas ficam no ar. Por que, cada vez mais, as escolas primárias particulares oferecem o opcional língua estrangeira? Quantas escolas secundárias, oficiais ou particulares, aceitam em seus currículos uma segunda língua estrangeira? Quantas escolas, oficiais ou particulares, consultam a população estudantil sobre suas preferências lingüísticas? Quem escolhe, afinal de contas, a língua estrangeira? Resumindo: qual é, exatamente, nossa política educacional em matéria de idiomas estrangeiros?

Embora reflita preocupações atinentes, mais especificamente, ao setor do ensino, *L'aliénation linguistique* inscreve-se também na linha dos trabalhos de René Etiemble e, como estes, procura atacar a frente anglicista que está alterando a linguagem e até o modo de vida francês. Como já havia prometido, Gobard voltou à carga, publicando no corrente ano *La guerre culturelle*, que alguns já compararam a uma nova guerra santa.

Guerra santa ou não, o fato é que uma forte reação tem acompanhado a penetração de anglicismos na França, despertando a opinião pública e as autoridades do país. Uma política lingüística vem-se instituindo com regularidade nestes últimos quinze anos. Esta política incumbe sobretudo ao *Haut Comité de la Langue Française*, criado em 1965, constituído de personalidades designadas pelo presidente da República e presidido pelo primeiro-ministro. O *Conseil International de la Langue Française* (1967), que não é um organismo de Estado, mas uma associação, agrupa diferentes entidades de países de expressão francesa. Em 1971, surgiu o *Secretariat Permanent du Language de l'Audiovisuel*, encarregado de controlar a linguagem do rádio e da televisão, e que publica o boletim *Médias et langage*, cuja rubrica "fichas técnicas" traz listas de anglicismos e termos franceses propostos como substituintes. Estas fichas são elaboradas por *Comissões Ministeriais de Terminologia* que, cobrindo domínios diversos — audiovisual, construção, obras públicas e urbanismo, indústrias petrolífera e nuclear, técnicas espaciais, transportes, economia e finanças, informática — já trataram cerca de 1.200 termos, cujo uso se tornou obrigatório através de decretos publicados no *Journal Officiel* (Diário Oficial). A *Association Française de Terminologie* congrega, desde 1975, uma grande quantidade de organismos que operam no campo da terminologia científica, técnica e industrial, com o objetivo de recensear os trabalhos existentes e de propor neologismos que passam a designar novas realidades ou que traduzem termos estrangeiros, sobretudo ingleses. Lembre-se, por fim, a lei de dezembro de 1975 que, no intuito de defender tanto o idioma quanto os consumidores, torna obrigatório o emprego da língua francesa na publicidade, etiquetagem e venda de produtos comerciais.

Leis e decretos não conseguem, é claro, mudar hábitos, do dia para a noite. Nem, muito menos, amordaçar os falantes de uma língua. Mas os resultados desta política dirigista não têm sido negligenciáveis na França. Outros países, como parece ser os casos de Alemanha, Espanha, Itália e Japão, se protegem igualmente pelo recurso a um conjunto de normas e decisões oficiais.

Quando o bom senso não elimina o corpo lingüístico estranho, uma boa sugestão tecnocrática tem possibilidades de vingar. A experiência demonstra, todavia, que os estrangeirismos insubstituíveis se impõem, quer se queira ou não. Um bom aparato legal pode, sem dúvida alguma, ajudar a deter a entrada de barbarismos inúteis. E fornecer apoio a uma saudável reação espontânea dos falantes que, dando vida à linguagem, assimilam ou rejeitam os empréstimos. Nem todos raciocinam, porém, diante do cabedal lingüístico alienígena. O esnobismo, a moda, o comodismo servem sempre de cúmplices, abrindo caminho aos "frangleses" e quejandos. Como lembra Etiemble, citando um sarcástico professor estadunidense, os franceses deveriam falar francês em seu próprio país, em vez de macaquear os americanos. A quantos povos não serviria esta carapuça? ●

Os romances de Júlio Dinis

Francisco Maciel Silveira

"Romantismo e Realismo na Obra de Júlio Dinis", de Maria Lúcia Lepecki. Lisboa, 1979. Instituto de Cultura Portuguesa.

O Instituto de Cultura Portuguesa, dando prosseguimento à série "Biblioteca Breve", lançou no segundo semestre de 1979 mais um título. Trata-se de *Romantismo e Realismo na Obra de Júlio Dinis*, da autoria de Maria Lúcia Lepecki, brasileira radicada desde 1970 em Lisboa, em cuja Universidade vem lecionando.

Dentro do espírito que norteia a coleção (atingir "uma maioria de leitores não especializados", em linguagem acessível, sem tecnicismos nem "especulações de alto nível"), a obra empreende a análise textual dos romances de Júlio Dinis, privilegiando dois elementos estruturais: foco-narrativo e espaço. A Autora visa principalmente à descrição ideológica, procurando revelar "a imbricação de caracteres românticos e realistas" nos romances dinisianos.

A proposta, como se percebe, não é nova. Aliás, na "Nota Prévia", alerta-nos a Autora que há de tratar de "pontos já conhecidos da obra analisada, não deixando no último capítulo de considerar

aspectos em geral menos observados". De fato, dos três capítulos que enformam o livro ("Do Romântico ao Realista"; "As Oscilações do Narrador"; "Da Problemática Espacial à Produção Antroponômica"), apenas o último é, sem dúvida, o mais interessante, pelo verniz de novidade que lhe confere o enfoque sociológico.

Tomando de empréstimo a Daniel Bertaux (*Destinos Pessoais e Estrutura de Classe*) o conceito de *produção antroponômica* ("É a produção dos próprios seres humanos, não como seres biológicos, mas como seres sociais", *apud* p.90), Maria Lúcia Lepecki analisa a espacialidade sócio-econômica descrita nos romances dinisianos, apresentando-a como reflexo "dos modos como as classes tradicionais ou recentemente dirigentes no Portugal do século XIX *produziam*, com maior ou menor 'revolução' a democratização de princípios, *os modos essenciais da sua autopreservação*" (p. 93). Trocando em miúdos: os antagonismos de espaços sócio-econômicos, representados pelas personagens, envolvem uma "problemática de classe" entre a aristocracia e certos estratos burgueses. Os "happy-ends" de Júlio Dinis são, em essência, a concretização de uma mobilidade social em que as personagens permanecem em seus estratos sociais, rejuvenecidas ideologicamente, ou transitam ascendentemente de uma classe para outra. Sob este aspecto, o resultado de todo final feliz é um só: "O reforço das energias da classe dominante, seja ela burguesia, seja a velha aristocracia terratenente." (p. 105)

Toda obra crítica voltada para "uma maioria de leitores não especializados" se, de um lado, tem o mérito de procurar introduzir o leitor comum nos segredos de uma cosmovisão, de outro corre o risco de resvalar pela imprecisão crítico-terminológica e pelo aligeiramento. Como resultado, a argumentação, atormentada pelo medo das "especulações de alto nível", toca apenas de leve em aspectos que mereceriam maior aprofundamento. Nesse sentido, temos a lamentar, na obra que nos ocupa, não se defina claramente o "realismo" de Júlio Dinis, visto pela Autora como "uma sensibilidade e um modo imaginante muito mais próximo de Eça e de determinado Camilo que de Herculano, por exemplo" (p. 60). Fica-nos a dever Maria Lúcia Lepecki a explicitação sob que aspectos as cosmovisões de Eça ou de "determinado" Camilo se aproximam da de Júlio Dinis. Sem o devido esclarecimento, que compromete a clareza do estudo, não há como esperar que o leitor comum, posto a salvo das lucubrações de "alto nível" e dos "tecnicismos" por sua incapacidade ou ignorância literária, capte as implicações da tese da Autora.

Não obstante os reparos, trata-se de obra que, principalmente pelo último capítulo, merece a atenção de todos que se interessam pela ficção dinisiana e pelo ideário romântico●

Ciências Exatas e Tecnologia

Princípios da adesão

Fernando Galembeck

Impedir que a sujeira volte a aderir à roupa lavada ou colar de maneira eficaz peças de astronaves são alguns problemas que a tecnologia moderna procura resolver por meio do estudo dos materiais adesivos. Este artigo mostra algumas experiências realizadas neste campo e as soluções encontradas.

Em numerosas situações, a cada dia, estamos envolvidos com problemas de adesão. Por exemplo, podemos identificar eventos de adesão quando, escrevendo ou pintando, depositamos tinta em uma superfície de papel, plástico, metal ou vidro, desejando que esta tinta aí permaneça por um prazo que pode ser limitado ou não. Com tal finalidade usamos hoje sofisticadas tecnologias, que [illegible] a tinta e a superfície na qual ela é aplicada de propriedades que garantem um resultado estético e economicamente desejável.

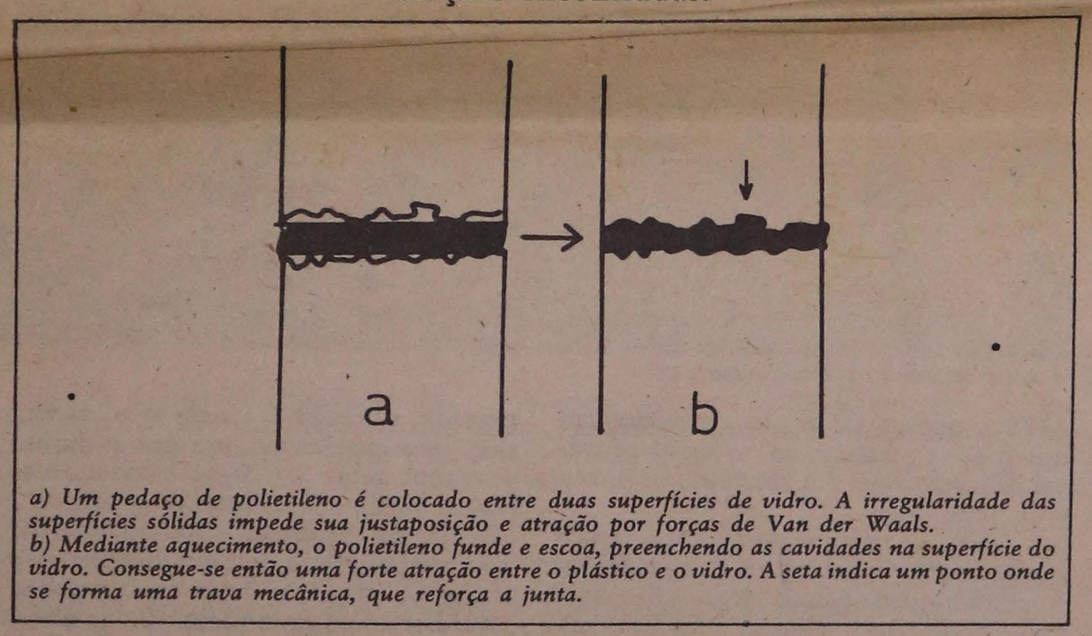
Em outras situações, podemos querer eliminar a tendência espontânea à adesão entre dois ou mais corpos. Por exemplo, partículas de poeira depositadas em superfícies são igualmente indesejáveis por donas-de-casa, por fabricantes de dispositivos microeletrônicos, por operadores de sistemas óticos e cirurgiões.

Adesão ocorre às vezes de acordo com nossa vontade e a nosso favor, às vezes contra os nossos melhores desejos. Por outro lado, muitas vezes gostaríamos de conseguir adesão entre dois ou mais corpos e somos frustrados em nossos esforços.

Como em qualquer outro caso de um problema tecnológico, não existe uma solução geral para o problema da adesão; não é raro que ela só possa ser conseguida ou eliminada com dificuldade e após esforços consideráveis. Estes esforços continuam sendo despendidos pelos pesquisadores e tecnólogos interessados no assunto, na busca de solução para os numerosos problemas ainda existentes.

O progresso conseguido nos permite hoje colar e separar objetos que desafiavam a melhor tecnologia de trinta anos atrás. Por outro lado, a introdução de novos materiais e de novas tecnologias de fabricação de veículos, eletrodomésticos, construção civil e outros tem criado considerável demanda por novos processos de adesão.

Um grande triunfo da atual tecnologia está no uso maciço de adesivos estruturais na construção de aeronaves. Particularmente, as grandes exigem a junção meticulosa de numerosas partes; esta junção deve ser feita sem contribuir significativamente para o peso do avião, porém de uma maneira efetiva e permitindo que as tensões mecânicas criadas entre as diferentes partes sejam relaxadas e não acumuladas, evitando-se assim a criação de pontos de ruptura. A propósito, o dr. K.L. Mittal, da IBM (Nova York) e autoridade internacional no assunto, conta uma piada: segundo ele, existe um acordo secreto entre russos e americanos, segundo o qual eventuais batalhas aéreas só serão travadas em dias de tempo firme e ar seco, para evitar vexames por descolamento de aeronaves de combate em vôo, tamanha é a dependência de suas estruturas dos adesivos utilizados.



a) Um pedaço de polietileno é colocado entre duas superfícies de vidro. A irregularidade das superfícies sólidas impede sua justaposição e atração por forças de Van der Waals.
b) Mediante aquecimento, o polietileno funde e escoa, preenchendo as cavidades na superfície do vidro. Consegue-se então uma forte atração entre o plástico e o vidro. A seta indica um ponto onde se forma uma trava mecânica, que reforça a junta.

De um ponto de vista científico, interessa saber, antes de mais nada, porque ocorre adesão. Essa foi uma questão controversa, em cuja solução houve grande progresso nos anos sessenta. Ficou então claro que dois corpos quaisquer, eletricamente neutros, deveriam sempre aderir espontaneamente, desde que suas superfícies se aproximassem até distarem de um nanômetro ou menos. Esta é na verdade uma separação muito pequena (um milionésimo de milímetro) e torna-se difícil conseguir tal resultado devido à própria rugosidade normalmente encontrada em superfícies sólidas. O leitor pode realizar um experimento simples que demonstra esta assertiva: tome, por exemplo, duas chapas de metal ou vidro e um pedaço de um filme de polietileno. (O polietileno é um plástico transparente, em pequenas espessuras, usado em embalagem e que pode ser facilmente identificado pela sua extrema flexibilidade e por queimar com dificuldade, desprendendo cheiro de parafina queimada.) Inicialmente, o leitor poderá verificar que mesmo o mais "mágico" e "super" adesivo no mercado não permite colar o polietileno ao metal ou vidro. Por outro lado, colocando o filme limpo entre as chapas de vidro ou metal, fixando o sistema com grampos e aquecendo até que o plástico amoleça, após o resfriamento poderá observar que o sistema mostra boa adesão. Formou-se uma junta vidro-polietileno-vidro (ou metal) que é forte, resistente a esforços mecânicos. O aquecimento é necessário porque o plástico fundido escoa e justapõe-se à superfície do vidro. Após o resfriamento, temos uma distância muito pequena entre as superfícies. Esta não é uma maneira muito prática de colar objetos mas, quando possível, é altamente indicada.

Que forças existem, entre o vidro e o polietileno, que causam a adesão? São as chamadas forças de dispersão ou de Van der Waals, universalmente presentes na matéria e responsáveis, por exemplo, pela existência de hidrocarbonetos (do petróleo) em fase líquida. Estas forças manifestam-se entre dois corpos quaisquer mas diminuem muito rapidamente com a distância entre eles. Daí a necessidade de conseguir-se, por meio do escoamento, uma justaposição máxima entre as superfícies que se quer ligar. O escoamento permite ainda que se criem travas mecânicas ligando as superfícies, *como está indicado na figura*. Acredita-se ainda haver, no caso em discussão, a participação de interação eletrostática entre as superfícies. Esta interação é devida à espontânea, embora limitada, migração de cargas elétricas de um corpo para outro, observada sempre que dois corpos de constantes dielétricas diferentes são postos em presença um do outro. Assim sendo, as superfícies em contato adquirem, espontaneamente, cargas opostas, que provocam o aparecimento de uma atração eletrostática somada às forças de Van der Waals.

O experimento acima descrito foi estudado em detalhe nos laboratórios Bell, por Schonhorn; a contribuição eletrostática à adesão foi particularmente estudada pelo grupo do soviético Deryaguin, um dos maiores teóricos da física e química de superfícies dos últimos trinta anos.

Em muitos casos, é possível conseguir que um adesivo interaja e ligue-se fortemente a uma superfície por meios mais propriamente químicos. Um grande número de superfícies tem propriedades ácidas ou básicas. Por exemplo, vidros são, como regra, fortemente ácidos. Metais estão normalmente cobertos por finas camadas de óxidos que podem ter propriedades ácidas, básicas ou anfotéricas. Um óxido anfotérico típico é o de alumínio, invísivel a olho nu, mas sempre presente em superfícies deste metal expostas, ainda que por instantes, ao ar. Este óxido comporta-se como um ácido em presença de bases e como uma base em presença de ácidos.

Por outro lado, quase todos os adesivos hoje empregados são substâncias macromoleculares, isto é, formadas por moléculas gigantes e dotadas de propriedades ácidas, básicas ou anfóteras, conforme a sua composição química. Um adesivo ácido liga-se mais fortemente a uma superfície básica, podendo isto ser utilizado para a obtenção de uma forte junta adesiva.

Uma judiciosa escolha ou eventualmente o desenvolvimento de um adesivo especial para um certo substrato podem

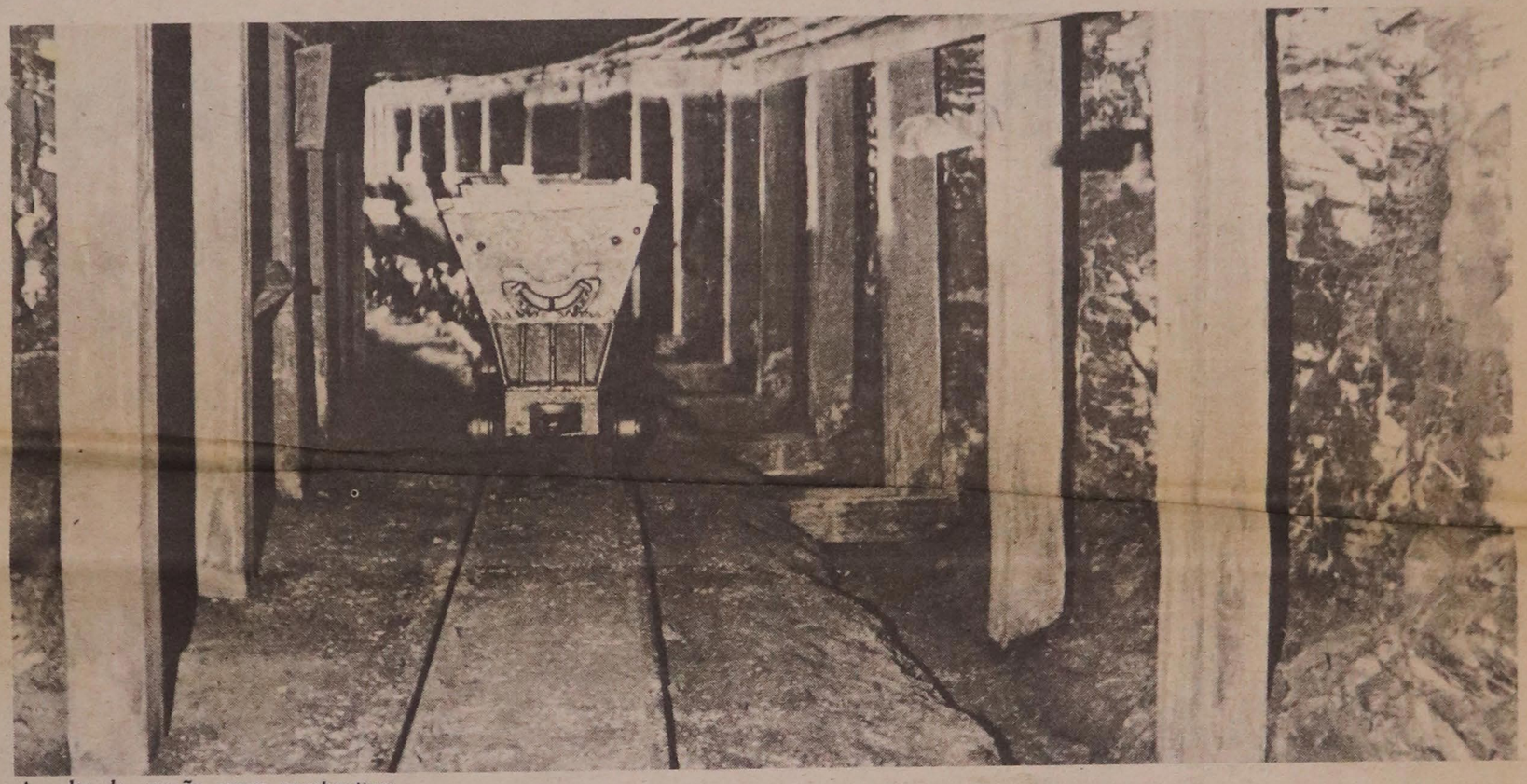
fazer com que a resistência da junção adesivo-substrato seja tão boa quanto a resistência mecânica do próprio adesivo, ou mesmo do substrato. Nesse caso, a exposição a um esforço mecânico poderá causar a ruptura não da junta, mas do próprio material colado. Porém, isto ainda não é tudo para conseguir-se uma boa junta. É ainda necessário considerar as propriedades mecânicas do próprio adesivo, uma vez solidificado, e a semelhança ou não de propriedades mecânicas dos substratos. Os problemas que podem surgir por este lado são exemplificados por uma situação em que se pretenda colar sólidos flexíveis com um adesivo que solidifique formando uma massa vítrea, dura, quebradiça. Caso a junta seja submetida a esforços que provoquem a flexão do substrato, a rigidez do adesivo poderá fazê-lo incapaz de absorver as tensões a que ele estará sujeito, rompendo-se em conseqüência.

Há também exemplos cotidianos de situações em que se procura evitar a natural tendência à adesão manifestada por quaisquer corpos. Um caso interessante é o da ação de alguns aditivos de detergentes de uso doméstico, que agem no sentido de evitar a redeposição de sujeira em roupas. No processo de lavagem, um bom sabão ou detergente remove partículas, gorduras, etc. depositadas nas fibras. Passando do molho de lavagem para a água de enxague, a sujeira, embora diluída mas em ausência de detergente, pode tender a ser reabsorvida pelo tecido, em particular no caso de tecido de fibras naturais. Esta adsorção é minimizada quando o tecido é previamente tratado com substâncias como a carboximetilcelulose, que confere carga elétrica às fibras e aumenta a sua capacidade de retenção de água, dificultando assim a redeposição da sujeira. Aqui, tal como no caso dos aviões, a água dificulta a adesão. Por esta razão, a carboximetilcelulose é comumente encontrada em formulações de detergentes para roupas.

Esta breve exposição mostra alguns dos principais pontos que devemos considerar, ao tratar de um problema de adesão. A contribuição do estudo de superfícies e de química de polímeros à solução destes problemas tem sido apreciável e os sucessos obtidos mostram que a abordagem científica do problema tem sido produtiva. Entretanto, tal como ocorre em qualquer campo de investigação, a solução de alguns problemas tem levado à identificação de novas e numerosas questões a responder●

Carvão para o transporte marítimo

José Edson Perpétuo



A volta do carvão como combustível.

O primeiro número de *Síntese* (Janeiro 1979), boletim informativo do CNPq, nos traz a auspiciosa notícia de que o Brasil superou os Estados Unidos e passou a ocupar o segundo posto mundial nas encomendas para construção naval. As estatísticas são do Lloyd's Register de Londres, que também externou no Lloyd's Annual Report (Abril 1978) sua preocupação quanto ao futuro da propulsão no transporte marítimo.

Há muito os meios interessados já sabem que as reservas de petróleo dificilmente ultrapassarão o fim deste século, a menos que algo inusitado ocorra. Mas nós não podemos cruzar os braços e esperar da misericórdia de Deus milagres que não temos feito por merecer. Na verdade é sempre bom ter fé. Como também é mais confortável admitir que o famoso óleo ainda vai jorrar generosamente por muitos séculos, apesar dos prognósticos em contrário e para maior gáudio dos empedernidos gastadores. Mas como há autorizados prognósticos em contrário, nos vemos no dever de sonhar com o pé no chão, buscando alternativas viáveis para as dificuldades energéticas brasileiras, principalmente no setor do transporte, o mais duramente atingido. É de se louvar, sem dúvida, o excepcional otimismo do ilustre presidente da Cesp, igualmente noticiado em *Síntese*, quando nos concede autosuficiência em óleo combustível dentro de cinco anos, a partir do eucalipto e, não satisfeito, vai adiante brindando-nos com a extraordinária possibilidade de nos tornarmos, em apenas dez anos, uma nova Arábia Saudita, produzindo em metanol o equivalente a oito milhões de barris de petróleo, diários. Mas, por enquanto, fiquemos nos fatos.

A descoberta do petróleo sacudiu violentamente a estrutura das economias baseadas no carvão, a grande mola propulsora da Revolução Industrial, iniciada no momento em que Abraão Darby conseguiu em 1709 fundir ferro usando coque. Mais rico em energia, mais fácil de explorar e distribuir e, por cima de tudo, mais barato, o petróleo terminou por desbancar o carvão de todas as atividades nas quais a substituição foi possível. A crescente popularização do automóvel estendeu o devaneio da indústria até o nível individual do cidadão de classe média. A orgia do desperdício se tornou rotina e o consumo foi crescendo em progressão geométrica. Tomando por base o que se gastou em 1929 e usando as estatísticas das Nações Unidas, chegamos ao dobro em dezesseis anos (1945), ao quádruplo em mais onze anos (1956), a oito vezes mais dez anos depois (1966) e finalmente a dezesseis vezes mais, depois de novo período de apenas nove anos (1975). Apesar dos árabes, apesar do acentuado aumento de preço a partir de 1973 e apesar do maior conhecimento que todos agora têm da mais que provável exaustão final das reservas nos próximos vinte anos.

Acontece que o bom senso nunca figurou entre as principais qualidades da criatura humana e muito menos das massas. Continuamos a gastar com a mesma sofreguidão. A gente acaba ficando com a impressão que os tais vinte anos vão durar pelo menos um século, tal a tranqualidade com que se desperdiça. É possível que novas técnicas e novas venturosas prospecções nos levem até mais longe. Possível sim, mas nada provável. O otimismo sozinho não nos assegura o benefício da dúvida. Por isso não dá para entender por que ainda é permitido a cada indivíduo encher até a boca o tanque do seu automóvel particular, bastando-lhe a simples condição de dispor do dinheiro suficiente. No caso particular do Brasil, o cruzeiro paga a gasolina mas não compra petróleo, o qual é conseguido com o suor de cada brasileiro. Também não dá para entender por que as nações industrializadas ainda usam petróleo e gás natural para gerar eletricidade e, com esta, aquecer ambientes, quando o calor necessário poderia ser suprido *diretamente* pelos mesmos combustíveis, com mais do dobro da eficiência. Melhor ainda seria substituí-los pelo carvão, cujas reservas são amplas e vão durar por mais alguns séculos.

O que o Lloyd's Register advoga é justamente o restabelecimento do prestígio do carvão, no caso para o transporte marítimo. Isso poderá parecer volta ao passado, mas não é. Novas técnicas têm sido introduzidas no seu uso e muitas pesquisas estão em franco andamento, com o objetivo de melhorar a eficiência e eliminar os principais inconvenientes de sua combustão. Entre as inovações que ora estão sendo testadas encontra-se a "fluidised-bed-combustion", também mencionada no Anuário do Lloyd's. Embora usada desde 1920 em alguns processos industriais, apenas recentemente vem sendo experimentada sua utilização mais ampla. O processo consiste em queimar o carvão num leito de sua própria cinza ou qualquer material granular, através do qual se faz passar uma corrente de ar no sentido ascendente, dando-lhe aspecto de lava incandescente. Isso pode ser obtido à pressão normal ou a dez atmosferas.

Na Inglaterra (Renfrew), na Suécia (Enkoping) e nos Estados Unidos (Rivesville), encontram-se exemplos do primeiro tipo, seja para aquecimento de interiores, seja para geração de eletricidade. Quanto aos pressurizados, um trabalho conjunto do Reino Unido, Alemanha Ocidental e Suécia produziu, já no ano passado, 28.000 kW, a título experimental.

Entre as vantagens de ordem técnica, encontram-se a distribuição mais uniforme do calor de combustão e a operação a temperaturas mais baixas (750 a 900° C, contra os 1500° C da combustão convencional), reduzindo assim a emissão dos indesejáveis óxidos de nitrogênio, de acentuada toxidez. Com a simples adição de calcáreo ao leito, carvões com alto teor de enxofre podem ser usados, sem problemas ambientais. Como estes carvões são de qualidade inferior, há simultânea redução de custo. Todavia, nem tudo são flores, pois ainda perduram dúvidas quanto ao aspecto econômico e quanto ao destino a ser dado ao calcário sulfatado. Superadas as dificuldades, ao que parece terá sido dado um longo passo na tecnologia do carvão mineral.

O Brasil é o segundo produtor de navios, conta com uma indústria em franco desenvolvimento e pode vender seu produto já equipado com a propulsão. Nossas reservas conhecidas de carvão sobem a 11 x 10^9 toneladas, de acordo com as estatísticas das Nações Unidas. Sua principal limitação é o alto teor de cinzas, as quais, no novo processo, formam o leito de combustão.

O Lloyd's Register lembra no seu Anuário que um navio encomendado hoje pode ter dificuldade em encontrar petróleo para suas máquinas antes de atingir o fim de sua vida útil.

As tentativas para utilização da energia nuclear na propulsão de navios não atingiram até agora o esperado sucesso. O preço continua proibitivo e o problema da disposição final dos resíduos da fissão ainda não foi satisfatoriamente resolvido. Assim, a volta do carvão ao transporte marítimo foi sugerida pelo Lloyd's em boa hora e parece iminente, pelo menos como transição, até que possa ser encontrada solução melhor. Os velhos vapores poderão voltar aos mares, com a roupa nova da moderna tecnologia. Entre eles o navio brasileiro, com equipamento brasileiro e carvão também brasileiro●

Ciências Naturais

As causas infecciosas da deficiência mental

Aron J. Diament

Entre as inúmeras causas da deficiência mental em recém-nascidos, as doenças infecciosas contraídas pela gestante são as mais fáceis de detectar e, em certos casos, prevenir. Essas doenças e as medidas a serem tomadas são apresentadas neste artigo.

Desde a publicação pioneira de N. Gregg, em 1941, que verificou a relação entre rubéola incidindo nos 3 primeiros meses da gestação e a ocorrência de malformações, numerosos passaram a ser os trabalhos sobre embriopatias ou fetopatias e suas relações com as infecções durante a gestação.

Antes, entretanto, se faz mister definir certos termos quando se aborda as causas pré-natais da DM. Assim, *malformação* ou *má-formação* (MF) é o termo utilizado para indicar as lesões que interferem com a ontogênese. Num sentido mais amplo, abrangeria todo e qualquer processo infeccioso, tóxico, metabólico, químico ou outros - que, atuando na embriogênese ou na fetogênese - capaz de produzir anomalias ou "paradas" do desenvolvimento. Além disso, uma série de condições geneticamente determinadas (não necessariamente hereditárias) pode também determinar más-formações. Aqui cumpre ressaltar que, em relação ao sistema nervoso central (SNC), ou periférico (SNP), existem certos momentos de seu desenvolvimento que são "chaves" ou "críticos". Sabendo como se processa normalmente esse desenvolvimento, poderemos extrapolar quando um determinado agente nocivo agiu, pelas alterações resultantes. É interessante relembrar que a mesma etiologia, agindo em momentos diferentes, como veremos adiante, pode produzir quadros malformativos diferentes, assim como diferentes etiologias, agindo no mesmo momento "crítico", podem produzir quadros semelhantes na sua manifestação clínica, quanto às más-formações. Mas, nem sempre será possível determinar o momento exato em que um fator atuou na evolução do zigoto. Embora se discuta até quando vai a fase embrionária, parece consenso da maioria dos autores admitir que aquela fase termina quando surge a placenta (em torno do 3° mês de gestação). Assim se um fator atuar nesse momento, teremos uma *embriopatia*. Se o fator atuar depois teremos uma *fetopatia*. Como veremos adiante, mesmo os fatores infecciosos podem atuar no período anterior à formação do embrião e determinar um efeito abortivo. Esclarecidos alguns problemas de terminologia, o nosso intuito é abordar as questões relativas à profilaxia dessas causas infecciosas no período gestacional. Tentaremos mostrar as medidas a se tomar frente a uma suspeita de contágio ou de manifestação de determinadas moléstias infecciosas e o papel que certas provas laboratoriais podem desempenhar, não somente no sentido da profilaxia, como também, na própria indicação das medidas a serem tomadas.

Rubéola: Dois fatos fundamentais foram esclarecidos na etiopatogênese dessa virose:

1º - apesar de ocorrer principalmente, em crianças, da idade escolar, apresenta uma porcentagem significante (de até cinco a 20%) em adultos jovens (entre 15 e 35 anos de idade), podendo portanto ocorrer em mulheres grávidas;

2º - a transmissão do vírus da rubéola é inter-humana (não há reservatórios animais) e se processa pelas secreções nasofaringeanas, podendo estar presentes em portadores aparentemente sãos ou com infecções subclínicas e daí se processar a transmissão para mulheres eventualmente grávidas. Outro fato bem estabelecido é que, mesmo que uma mulher grávida adquira rubéola nas primeiras oito a 12 semanas, nem sempre ocorrerá a rubéola congênita no concepto. Assim, segundo Alford, as seguintes eventualidades podem ocorrer perante uma infecção rubeolosa numa mulher grávida; a) infecção do concepto; b) reabsorção do embrião (somente nos primeiros estágios da gestação); c) aborto espontâneo; d) natimorto; e) infecção da placenta sem envolvimento fetal; f) infecção de ambos, placenta e feto. Parece bem estabelecido que quanto mais cedo, durante a gestação, incidir a rubéola, maior a porcentagem de embriões atingidos: assim, se incidir até a 8ª semana de gestação, ocorrerá 85% de infecção placentária, com 50% de atingimento embrionário; após a 8ª e 10ª semanas, a infecção placentária ocorre em apenas 30% e, a fetal, em 5 a 10%.

Em crianças estudadas sorologicamente, nascidas de mães que tiveram rubéola durante a gestação, verificou-se o seguinte: infecção embrionária em 54% nas primeiras oito semanas, decaindo para 34% entre a 9ª e 12ª semanas e, finalmente, menos de 10% entre a 13ª e 24ª semanas; após a 24ª semana (ou 6º mês) raramente ocorrerá infecção crônica do feto. Outro ponto importante, que veio revolucionar o que se conhecia a respeito do vírus da rubéola, é o conhecimento de que pode agir "lentamente". Ele permanece nos órgãos do organismo infectado por semanas ou meses. Mesmo assim, a relação entre o efeito do vírus e o surgimento de acometimentos de variada intensidade no concepto ainda está em discussão. Porém, um fato é verdadeiro: quanto mais jovem o concepto há maior tendência para o acometimento de múltiplos órgãos. Parece certo que o vírus da rubéola tem afinidade especial por tecidos jovens, lesando, de preferência, os órgãos da visão, audição, aparelho circulatório e sistema nervoso. O clássico quadro da Encefalopatia congênita rubeolosa está no Quadro I, que apresenta também seu diagnóstico diferencial com as encefalopatias por toxoplasmose e citomegalovirose.

Recentemente, descreveu-se a eliminação do vírus da rubéola, tanto pela mãe, como pelo recém-nascido, por semanas ou mesmo meses, após a infecção. Já se descreveu o isolamento desse vírus de cristalino do olho de crianças com rubéola congênita um ano após o nascimento. Quando a infecção materna ocorre durante o final do 2º mês de gestação ou no 3º mês, a maior possibilidade é que não se manifeste o clássico quadro da encefalopatia rubeolosa, mas será grande a probabilidade de aparecimento de surdez ou vários tipos de disacusias (perturbações auditivas que não levam à surdez completa, e sim a alterações na quantidade e qualidade da audição para diferentes sons). Parece que, atualmente, se reconhece que os distúrbios auditivos são muito mais comuns do que se pensava, como produto da infecção rubeolosa, sendo que seu diagnóstico é quase sempre tardio.

Citomegalovírus — também chamado vírus da inclusão citomegálica (cito = célula; megalo = grande), por incidir em células da saliva, urina, ou líquido cefalorraqueano que se tornam gigantes, tendo dentro de si as inclusões características do vírus. Não se conhecem todos os fatos relativos à epidemiologia do citomegalovirus (CMV), mas parece que é uma infecção muito difundida, principalmente na infância. Como para os poliovírus, também se verificou que a maioria dos indivíduos infectados não apresenta sintomatologia, podendo, entretanto, ser portadores e disseminadores do vírus. Já se encontrou tal vírus na saliva de adolescentes (transmissão pelo beijo?) e inquéritos sorológicos em populações mostraram "pico" de incidência na puberdade, sugerindo transmissão venérea (embora não seja moléstia venérea). Como para a rubéola, também para o CMV se verificou a persistência do vírus no sangue e urina por meses e até anos, após a primo-infecção. Condições como gestação, uso de drogas imunossupressoras podem reativar o vírus, embora possa não ocorrer manifestações clínicas. Demonstrou-se que o CMV é mais freqüente em primíparas e nas grávidas jovens (vírus isolados de muco cervical, seg. Medearis). Atualmente, reconhece-se que o CMV é muito mais disseminado que o da rubéola e que seria o vírus que mais MF causaria na espécie humana.

O quadro clássico da encefalopatia por CMV está no Quadro I. Entretanto, parece que somente 5% dos conceptos infectados durante a gestação o apresentariam, enquanto as restantes 95% das crianças afetadas intra-útero, apresentariam alterações que só iriam manifestar-se mais tardiamente. É necessário, entre-

Quadro I

Principais características diferenciais entre as encefalopatias rubeolosa, toxoplásmica e citomegálica[3,8,13]

Moléstia Características	Encefalopatia rubeolosa	Toxoplasmose congênita	Citomegalovirose congênita
Alterações do tamanho do crânio	Microcefalia	Microcefalia hidrocefalia + freqüentemente	Microcefalia
Calcificações intracranianas	Ausentes	Presentes	Presentes
Microftalmia	Relativamente freqüente	Bastante freqüente	Ausente
Catarata	Muito freqüente	Relativamente rara	Ausente
Alterações funcoscópicas	Pseudo-retinite pigmentar	Cório-retinite pigmentar freqüente	Cório-retinite pigmentar freqüente
Surdo-mudez	Muito freqüente	Ausente	Presente
Alterações cardíacas	Freqüentes	Ausentes	Ausentes
Outras alterações viscerais	Ausentes	Ausentes	Hepatosplenomegalia (icterícia neonatal)
Retardo mental	Presente	Presente	Presente

Tabela I

Incidência de lues congênita ou não e mortes neonatais em gestantes luéticas não tratadas e em gestantes normais (seg. Fiumara & col. In Ingall & col.[9])

Tipos de gestantes	Lues Congênita	Morte neonatal	RN prematuro	RN normal
Luéticas não tratadas Com lues primária ou secundária	50%	50		0%
Com lues latente precoce	40%	20%	20%	20%
Com lues tardia	10%	11%	9%	70%
Normais	0%	1%	8%	91%

tanto, maior número de estudos prospectivos para se estabelecerem esses fatos.

Sabe-se que a maioria das mães infectadas, mesmo excretando o vírus durante a gravidez, dão à luz a crianças sãs, infectadas ou não; porém tais RN costumam ser de baixo peso, ficando patente que de forma indireta, a infecção sistêmica da mãe ou da sua placenta interfere no crescimento fetal. Parece certo também que o estado imunitário da mãe e do feto e a época em que a infecção incide durante a gestação são fatores determinantes ou não das manifestações clínicas variadas que o CMV pode causar; é certo que quanto mais jovem o feto, maior suscetibilidade ao CMV, como na rubéola. Os quadros clínicos podem variar desde o clássico quadro do CMV congênito (vide quadro I) até crianças sãs. Dentre os quadros de maior gravidade já foram descritos processos destrutivos graves para o lado do SNC, como a hidranencefalia (isto é, o acúmulo do líquido cefalorraqueano em cabeça aparentemente macrocefálica, com destruição e desaparecimento da maior parte do cérebro). E, atualmente, está-se verificando que, crianças nascidas aparentemente normais, de mães que excretavam o vírus desde o 2º trimestre da gravidez, e com placentas infectadas, apresentam-se normais em segmentos evolutivos, enquanto outras, nas mesmas condições, apresentavam-se com anomalias do desenvolvimento neuropsicomotor.

Varíola: Trabalhos antigos, de 1917, já referiam que a varíola, ao acometer mulheres grávidas, causava maior mortalidade nas gestantes (em comparação com a da população normal) assim como maior porcentagem de abortos. É certo que tal perigo atualmente, com a vacinação em massa, foi praticamente erradicado na maior parte dos países, mas ainda resta, parece, em alguns países asiáticos o perigo da infecção variólica. Assim, é bom recordar as seguintes eventualidades que podem ocorrer caso uma gestante tenha varíola:

a) a criança nasce viva, indene à infecção e sem imunidade;

b) a criança nasce viva, indene à infecção, mas imunizada passiva e temporariamente;

c) ao nascer, a criança está contaminada, mas ainda em período de incubação, surgindo varíola alguns dias depois;

d) a criança nasce com a erupção variolosa;

e) a evolução da varíola se completa durante a vida intra-uterina e a criança nasce com cicatrizes;

f) morte fetal;

g) a criança nasce viva, mas com hidrocefalia, às vezes com retardo mental conseqüente; tal eventualidade foi descrita não muito tempo atrás, em nosso meio por Almeida.

Herpes vírus hominis: O tipo 2, causador de herpes vaginal, parece ter comprovado sua passagem pela placenta e podendo causar infecção intra-uterina; esfregaços feitos de colo uterino mostraram ser o herpes vaginal três vezes mais freqüente na mulher gestante. Poucos casos foram até agora descritos com infecção intra-uterina: 2 sofreram encefalite fatal logo após o nascimento e morreram; em 3 outros se descreveu microcefalia, DM, alterações oculares (displasia retiniana ou coriorretinite) e, em dois, calcificações intracranianas. Um outro caso semelhante foi descrito, nascendo com vesículas herpéticas e das quais se isolou o tipo 1 do líquido cefalorraqueano e da urina; também apresentava microcefalia e calcificações intracranianas. Mais importante que a infecção pré-natal, é a infecção perinatal, durante o nascimento, quando o recém-nascido pode adquirir a infecção herpética da mãe.

Outras viroses: Pouco conhecemos sobre a ação de outras viroses e sua ação no período gestacional ou mesmo préconcepcional. Verificou-se, por exemplo, quando da epidemia de "gripe asiática", uma incidência duas a 4 vezes maior de defeitos congênitos em fetos, quando ela incidiu em mulheres grávidas. Esses dados foram obtidos comparativamente a grupos-controle. A maior parte das alterações era atinente ao SNC e o maior isco foi também no 1º trimestre da gravidez.

Além do vírus da rubéola, do CMV, da varíola, do herpes simples e do vírus da "gripe asiática", outros vírus foram apontados como causadores de embrio ou fetopatias, como os vírus do sarampo, da parotidite epidêmica (ou caxumba), da varicela (ou catapora), da hepatite, da poliomielite, da psitacose, da raiva, da influenza e da vacina, ainda que em menor número e grau que os da rubéola. Porém, são estudos incipientes e que merecem ampliação, para se chegar a uma conclusão definitiva.

Toxoplasmose: O protozoário *Toxoplasma gondii*, descoberto em 1908, no Brasil, por Splendore infectando coelhos, é suscetível de provocar infecções congênitas na espécie humana. Atravessa a placenta, provocando inúmeras lesões, como o provou experimentalmente (em animais) Delascio em nosso meio. A infestação pelo Toxoplasma é muito difundida mundialmente, sendo baixa sua freqüência em crianças de seis meses e dois anos, sofrendo, a partir dessa idade, aumento gradativo, culminando em índices altos de incidência (de até 85%) em adultos. Em nosso meio, Baruzzi (1976) revelou a positividade da chamada prova do corante (ou reação de Sabin-Feldman) em 56% de 2.023 jovens. É difícil estabelecer a incidência em mulheres gestantes, mas, em países onde esse estudo foi efetuado, provou-se que 0,3 a 0,7% das mulheres da população geral adquirem toxoplasmose durante a gestação. Na França, somente 15% das mulheres chegam à idade da procriação suscetíveis para a Toxoplasmose. O mesmo se repete, mais ou menos, em outros países e isto talvez explique, felizmente, a baixa incidência da Toxoplasmose congênita. Mas em países como nos Estados Unidos da América do Norte (EUA), 70% das mulheres chegam à idade de procriar sem ter anticorpos antitoxoplasma. A incidência da Toxoplasmose congênita é praticamente desconhecida na maior parte do mundo. Nos EUA, dentro do "Projeto Colaborativo", dosaram-se anticorpos antitoxoplasmose em 23.000 mulheres grávidas. Encontrou-se a Toxoplasmose Congênita (TC) em apenas cinco casos, com aspectos bem definidos. Na França, em um estudo prospectivo sobre a incidência da Toxoplasmose analisou-se sorologicamente 30.000 mulheres gestantes em diferentes estágios e verificou-se que apenas 180 adquiriram a moléstia durante a gestação, sendo que somente 35% contaminaram seus conceptos. Desses recém-nascidos contaminados, 72% tiveram infecção clinicamente inaparente. Segundo esses autores (Desmonts & col.) a incidência de TC na França deve ser de 1:1.000 RN vivos.

O modo de transmissão da Toxoplasmose é ainda controvertido, embora se saiba que vários animais, inclusive domésticos, são reservatórios, tais como: pombos, galinhas, ratos, porcos, coelhos e gatos. Parece que os gatos estão entre os principais transmissores em situações domésticas. No campo, o maior transmissor parece ser o coelho. Um único gato permanece infectante por quase duas semanas, raramente chegando a um mês. Ovos e carnes crus também são elementos transmissores, além do leite, também cru.

A via transplacentária de transmissão da TC está bem determinada. Conceituava-se que uma mulher gestante só contaminaria o feto na fase aguda da moléstia, isto é, se ela adquirisse a Toxoplasmose durante a gestação atual. Atualmente, admite-se a possibilidade de TC no feto de uma gestação subseqüente, explicando-se tal fato pela permanência de cistos no endométri, após resolução da fase aguda.

O quadro clássico da TC está no Quadro I. Entretanto, dependendo da época da gestação em que a gestante adquire a toxoplasmose e segundo estatísticas de vários países, aventam-se as seguintes hipóteses quanto à ação do Toxoplasma no concepto: possibilidade de mal formações; possibilidade de abortos quando incide precocemente; lesões de menor gravidade quando incide no 3º trimestre da gestação; possibilidade de, mesmo nesta fase, poder ocorrer formas septicêmicas maciças que, freqüentemente, levam a óbito no primeiro mês de vida extra-uterina.

Sífilis: Também chamada lues, é causada por um espiroqueta — o *Treponema pallidum*. Durante anos, no passado, se falava em "sífilis hereditária". É uma expressão que permaneceu e até agora ainda é empregada entre a população "leiga". Deve ser inteiramente abandonada, pois tal condição não existe. O que existiu sempre, e ainda agora está aumentando em incidência, é a lues ou sífilis congênita, adquirida durante a gestação. Da década de 60 para cá houve não só um aumento da incidência da sífilis em geral, como também da lues congênita. A explicação para esse aumento parece estar condicionada ao advento da "pílula" e à conseqüente maior liberdade sexual entre os jovens, a partir da década de 60. Nos EUA esta incidência foi de 100% a mais, comparando-se os anos de 1960 e 1969. Entre 1973 e 1974, houve nesse país 1.334 casos de sífilis, 23% dos quais abaixo de um ano de idade. No Brasil não há estudos sobre esta incidência e, principalmente, sobre a de lues congênita (LC).

A transmissão do Treponema através da placenta parece só ocorrer a partir do 4º mês da gestação, porque antes desse período as células de Langhans da membrana celular das vilosidades coriais da placenta não permitem esta passagem. Esta camada começa a se atrofiar no 4º mês e atinge seu máximo no 6º mês, época do maior risco de contaminação para o feto. A probabilidade de ocorrer infecção fetal depende do estágio em que se encontra a moléstia materna e do eventual tratamento prévio que ela possa ter sofrido. Observa-se que quanto mais antiga é a doença adquirida pela mãe maior a imunidade conferida e, portanto, maior proteção conferida ao feto. Conseqüentemente, na gestante luética não tratada, o risco de abortos e de dar à luz natimortos ou RN severamente comprometidos é tanto menor quanto mais antiga for a contaminação.

A tabela 1 reproduzida de Fiumara & col. mostra essa verificação, com dados estatísticos convincentes. Se a gestante sofrer um tratamento eficaz até o 4º mês de gravidez, pode-se prevenir a infecção fetal. Tratamentos mais tardios poderão levar à cura da infecção congênita ou, pelo menos, parar sua evolução. A infecção luética congênita também é muito variável nas suas manifestações clínicas, podendo ocorrer as seguintes eventualidades:

a) abortos tardios;

b) natimortos;

c) prematuridade e baixo peso;

d) em casos menos severos o RN pode nascer assintomático, vindo a desenvolver manifestações clínicas em uma a duas semanas ou, mais tardiamente, após dois anos de idade. Daí, a divisão do quadro clássico da lues congênita (LC) em dois tipos: LC precoce e LC tardia.

A *LC precoce* também reconhece quadros de gravidade variável, sendo a forma mais severa a chamada "forma maior" (septicemia maciça), ocorrendo associadamente com hepatite, discrasias sangüíneas, pneumonite, comprometimento renal e meningite aguda, em geral do tipo hemorrágico. Esta forma evolve para óbito, na maioria das vezes, mesmo sob tratamento adequado. A referida meningite luética reconhece duas formas: a aguda grave e a simplesmente aguda. Juntamente com essas meningites podem ocorrer convulsões, sinais focais ou sinais de sofrimento cerebral difuso. Quando sobrevive, a criança apresentará, ao fim do 1º ano de vida, as seqüelas desse processo: variados distúrbios motores e/ou hidrocefalia, com ou sem aderências meningocorticais. Ao lado dessas manifestações para o lado das meninges e SNC ocorrem manifestações oculares (coriorretinites, atrofia óptica), ósseas (pseudoparalisia de Parrot) e cutâneo-mucosas (lesões máculo-papulosas, vesiculares ou vesículo-bolhosas; nesse caso teremos o chamado pênfigo sifilítico).

A lues *congênita tardia* se manifesta por 2 tipos de manifestações:

a) os estigmas — que são manifestações clínicas protraídas resultantes da fase ativa da moléstia, bem como cicatrizes e seqüelas: deformidades dentárias (dentes de Hutchinson — ou serreados), da face, do nariz (o famoso "nariz em sela" dos luéticos antigos, mas que pode aparecer em outras condições), do palato, ósteo-articulares, lesões cutâneas e do SNC;

b) lesões por *hipersensibilidade tardia*, não dependentes do processo inflamatório, mas sim de hipersensibilidade de dados tecidos à infecção sistêmica: queratite intersticial, surdez neuro-sensorial e um tipo particular de juntas conhecidas como juntas de Clutton. A clássica descrição de Hutchinson (de 1858), da tríade sintomática, ainda se reveste de atualidade sendo patognomônica de LC tardia: dentes serreados, queratite intersticiale surdez neuro-sensorial.

Vistas assim as principais causas das moléstias infecciosas no período pré-natal, vem a pergunta — que fazer para evitar todas essas complicações? Primeiramente, um adequado *exame pré-nupcial* e que deve incluir não somente as clássicas reações para lues, como também as das seguintes moléstias: rubéola, citomegalovírus, toxoplasmose, herpes simples, listeriose e brucelose. Esses exames poderão também ser efetuados por ocasião do *exame pré-natal*. Outros cuidados profiláticos serão: evitar contatos com pessoas sabidamente com rubéola ou com processos infecciosos não esclarecidos, principalmente crianças. Antes de haver a imunização por meio de vacinação contra a rubéola, recomendava-se que toda menina ou moça deveria expor-se e inclusive conviver com pessoa afetada por rubéola para adquirir a imunidade natural, que parece ser a mais efetiva. Na Inglaterra, até há pouco tempo, ainda se formavam os "clubes de rubéola". Se uma pessoa, no bairro ou localidade, adquiria rubéola ela era isolada nesses "clubes", juntamente com outras meninas ou moças, para que estas também se contagiassem. Atualmente, vacina-se toda criança contra a rubéola. Pode-se, numa adolescente ou moça casadoura, que não se recorda se teve ou não rubéola, se proceder à reação de hemaglutinação para esta moléstia e verificar se já teve contágio ou alguma forma subclínica dessa moléstia. A presença de anticorpos é praticamente um "seguro" contra alguma embrio ou fetopatia. Se não teve, pode-se vaciná-la.

Quanto à citolegalovirose e ao herpes vírus, não há vacinas disponíveis.

O que fazer se uma gestante tem contato ou adquire rubéola ou algum quadro semelhante (febre, eritema) nos primeiros meses de gestação? Deve-se proceder imediatamente à reação de inibição da hemaglutinação antes e após tratamento do soro pelo 2-mercaptoetanol, que poderá revelar a presença de anticorpos IgM, e se houver entre as duas reações uma diferença de quatro diluições; nesse caso, não haverá necessidade de repetir nova reação 15 a 20 dias após. Se, entretanto, não se revelar a presença de anticorpos IgM, deve-se proceder, em 15 dias, à nova reação de hemaglutinação e se houver títulos ascendentes, mesmo que não se encontrem evidências de anticorpos IgM, é sinal de infecção adquirida recentemente. Nesses casos se coloca o problema da continuidade ou não da gestação. E, esse é um problema que envolve conotações de ordem moral, religiosa, judicial e outras. Naturalmente, em países em que isto já é encarado de modo científico, tais tipos de indicação de aborto já são legalizados. Em nosso meio, há necessidade de mudar a legislação pertinente, pois, cada encefalopata que nasce é uma carga não só para a família, como também representa custos para a Nação. A decisão do processo de aborto terapêutico fica a cargo do casal, naturalmente. A imunização passiva, com largas doses de gamaglobulina, é uma medida que se poderia aventar, como alternativa, profilática. Porém, sua ação é ainda duvidosa. A vacinação anti-rubeólica seria outra alternativa, já que conduz a 95% de conversão sorológica. No entanto, a resposta de anticorpos que se segue a essa vacinação é menor que a natural qualitativa e quantitativa. A porcentagem de reinfecção natural é de um a 3% da população em geral. Isto é, uma pessoa, que já teve rubéola, poderá ter perda da imunidade, e poderá infectar-se outra vez, porém de forma silenciosa e acompanhada de pequena replicação viral. Na infecção pela vacina de vírus vivo, essa porcentagem é desconhecida, mas seguramente maior que entre indivíduos infectados naturalmente. Não se sabe se uma reinfecção leva ou não a uma infecção fetal. *A aplicação da vacina em mulheres grávidas ainda não está liberada.* Teoricamente, seria capaz de levar a mal formações. Não há profilaxia conhecida para o CMV. O essencial é saber se a mulher já teve ou não infecção. Daí dever-se processar a reação defixação de complemento ou a de henmaglutinação.

Para a Toxoplasmose congênita, o ideal é saber se toda gestante já teve ou não contato. Se a prova — qualquer que seja a utilizada — der positiva, praticamente significa que a mulher tem anticorpos que protegerão o feto. As reações mais empregadas hoje são as da imunofluorescência, com conjugados que revelam anticorpos IgG e IgM antitoxoplasmose, o que permite saber se uma infecção toxoplásmica é recente ou não. Assim, no caso de gestantes ainda não infectadas e que adquirem a toxoplasmose durante a gestação podem ocorrer duas eventualidades:

1ª — a demonstração, pela imunofluorescência, de anticorpos IgM e, portanto, provando que a moléstia é de aquisição recente;

2ª a não demonstração de anticorpos IgM e sim, somente de anticorpos IgG; se esses forem muito altos, e após 15 dias, na repetição, continuarem subindo ou descendo, para muitos também significará infecção recente e que deverá ser tratada.

Ainda, para a profilaxia da TC, a gestante deverá evitar todo contacto com animais domésticos, animais de criação (em sítios e fazendas) e evitar comer ovos ou carnes cruas ou beber leite cru.

Quanto à sífilis, o meio já consagrado é a utilização das reações sorológicas de Wassermann e VDRL com antígenos não treponêmicos e a reação de FTA-ABS (Fluorescent Treponema Antibody-Absorption). A reação do VDRL (Veneral Disease Research Laboratory) poderá servir de exame de seleção. Quanto à reação de Wassermann, só as técnicas tipo Wasdworth. Maltaner & Maltener (com determinação de títulos de anticorpos) é que se prestam para seguimento do tratamento. Já as reações tipo FTA-ABS servem para diagnóstico de certeza, porém, não para acompanhamento de tratamento, pois permanecem positivas o resto da vida. A reação do FTA-ABS pode ser feita com conjugado anti-IgG e anti-IgM, e é do RN (ou no sangue de cordão umbilical) que a reação FTA-ABS anti-IgM adquire enorme importância para significar infecção recente, pois o anticorpo tipo IgM não ultrapassa a barreira placentária e quando presente indica lues fetal por ser produzido pelo feto. Nas gestantes com história de lues progressa e que não informam bem quanto às condições de tratamento anterior ou se a gestante continuar soro-positiva, em altos títulos dever-se-á proceder ao tratamento.

Outra maneira de se detectar se uma criança adquiriu ou não infecção intrauterina, pois várias delas poderão passar despercebidas, é a dosagem de imunoglobulinas IgM em sangue de cordão umbilical ou nos dois-três primeiros dias de vida do RN. Sabendo-se que o feto produz globulinas tipo IgM com nove semanas de vida e os com IgA aparecem em fetos de 11 e meia semanas. O feto produz pouca globulina tipo IgG, recebendo a maior parte via transplacentária, enquanto as duas outras globulinas — IgM e IgA — não atravessam a barreira placentária.

Portanto, se um feto foi infectado durante a gestação, ele produzirá globulinas IgM. E a dosagem dessas globulinas no sangue de cordão umbilical indicará se houve infecção. O ideal seria saber qual a suspeita do tipo de infecção que a mãe teve e dosar globulinas IgM específicas para aquela infecção, por exemplo, a sífilis e a toxoplasmose. A técnica atual, *mais barata*, de dosar a globulina IgM é a dupla difusão em gel de ágar, que parece reproduzir os resultados da imunodifusão radial (técnica mais cara). Se a dosagem de IgM estiver acima de 20 mg% (no cordão umbilical) o feto se torna altamente suspeito de ter sofrido alguma infecção intra-uterina. Tal técnica, em vista de ser barata, pode ser utilizada com teste de seleção em massa, em berçários.

A preservação dos símios brasileiros

P.H. Saldanha

Patrocinado pela Sociedade Brasileira de Genética, realizou-se nos dias 22 e 23 de fevereiro de 1979, no Instituto Butantã, em São Paulo, o Simpósio sobre "Genética Comparada dos Primatas Brasileiros". Este simpósio, além de reunir 10 colaboradores brasileiros e contar com a participação de 42 pesquisadores de diferentes universidades do País, teve a colaboração especial do prof. dr. A.B. Chiarelli, diretor do Centro de Primatologia do Instituto de Antropologia da Universidade de Turim, Itália, que não só apresentou tema de importância fundamental para sua estruturação como também estabeleceu um vínculo de pesquisa conjunta com especialistas brasileiros.

O simpósio constituiu-se de duas seções:

I *Aspectos Gerais*, que incluía três apresentações introdutórias: 1) Filogenia cromossômica: visão comparada dos peixes aos mamíferos estudados no Brasil (R.F.Batistic); 2) Citogenética comparada de mamíferos: pesquisas em desenvolvimento no Brasil (I. Ferrari), e 3) Cariologia e origem dos macacos sul-americanos (A.B. Chiarelli);

II *Temas Específicos*: 1) Os primatas sul-americanos em face das investigações genéticas (P.H. Saldanha); 2) Distribuição geográfica, ecologia, extinção e preservação dos platirrinos (A.F. Coimbra Fº); 3) Morfologia comparada, taxonomia e filogenia dos macacos brasileiros (F.D. Avila-Pires); 4) Variabilidade cromossômica em *Cebidae* (C.P. Koiffmann); 5) Polimorfismos cromossômicos em Callithricidae (L.I.S. Peixoto); 6) Estudo comparativo de enzimas homólogas em primatas brasileiros (S.B. Itskan); 7) Dermatóglifos de macacos brasileiros (M.A. Pereira da Silva); 8) Odontometria comparada nos platirrinos e catarrinos (F. Takahashi).

Os macacos, necessários às pesquisas da medicina

Ao terminar o simpósio, após tecer considerações sobre o seu significado e agradecer a presença dos seus colaboradores e participantes especialmente a colaboração do dr. A.B. Chiarelli, o presidente da Seção (P.H. Saldanha) interpretou sua realização como uma tomada de consciência organizada, visando principalmente aos seguintes objetivos: 1) coordenação de investigações multidisciplinares congregando esforços para o conhecimento dos primatas brasileiros, bem como dos meios mais adequados para preservá-los; 2) instalação de um Núcleo de Primatologia em São Paulo para possibilitar estudos multi e interdisciplinares, orientando e obtendo subvenções para pesquisas bem como integrando-se com outros centros existentes no País; 3) criação de cursos de Primatologia em níveis de graduação e pós-graduação nas universidades. Verificou-se também que era consenso dos participantes que os referidos objetivos somente poderiam ser concretizados com a criação de uma Sociedade Brasileira de Primatologia, que foi fundada logo após o encerramento do simpósio. No dia 31 de março de 1979, no Instituto Butantã, a Sociedade realizou a sua primeira Assembléia Geral para assinatura da Ata de Fundação e eleição da primeira Diretoria.

Em vista do significado do Simpósio como um marco para a Primatologia Brasileira, aglutinando pesquisadores especializados ou afins em vários níveis de investigações multidisciplinares, configurou-se útil reunir as contribuições do simpósio de modo a constituir um texto especializado para orientação futura de pesquisas em nosso país.

A criação da Sociedade Brasileira de Primatologia representa um dos últimos elos de uma corrente no processo de preservação dos macacos brasileiros em face de seu crescente uso em pesquisas biomédicas. De fato, após a descoberta do sistema Rh por Landsteiner e Wiener em 1940, e sua associação com a doença hemolítica do recém-nascido, o sangue dos macacos *Rhesus (Macaca mulatta)* ganhou extrema importância como agente imunizador para produção de seres Anti-Rh em coelhos. A revolução produzida na terapêutica e pesquisas clínicas e na imunogenética conferiram à Primatologia o caráter de disciplina científica com implicações teóricas e práticas, promovendo seu rápido desenvolvimento, especialmente ligado à Medicina Experimental. Também, o interesse generalizado pelos chimpanzés *(Pan troglodytes)* cujo comportamento mais se assemelha ao humano, propiciou crescente desenvolvimento da Etologia dos primatas infra-humanos, responsável pela criação do Laboratório Yerkes for Primate Biology nos EUA e crescente interesse pela Primatologia.

Atualmente, inúmeras instituições da América do Norte e da Europa mantêm espécimes de macacos em confinamento para pesquisas médicas e biológicas, obtidas de "países exportadores" da América Latina. Com relação aos macacos sul-americanos, a espécie *Aotus trivirgatus* (Macaco da Noite), por exemplo, é intensamente utilizada em investigações médicas, principalmente nas áreas da oncologia e parasitologia. Conseqüentemente, é de grande interesse a identificação dos cariótipos dos animais usados experimentalmente, a fim de melhor avaliação, comparação e controle dos resultados obtidos em vários laboratórios. Entretan-

to, as ligações entre os agentes da captura dos espécimes e os experimentadores nos laboratórios são, na grande totalidade, aleatórias sem qualquer tipo de controle científico quanto à classificação, local de captura, etc., sem se considerar a seleção ocorrida pelo alto grau de mortandade no transporte. Esta situação pode ser avaliada quando se leva em conta que somente Iquitos (Peru), um dos principais núcleos de fornecimento de macacos sul-americanos, "exportou" mais de meio milhão de primatas pertencentes a quatro ou cinco espécies diferentes, durante a década de 1962 a 1971, ao preço individual médio de 100 soles.

Recentemente, a necessidade de produzir novas vacinas para certas doenças de caráter epidêmico e de seu controle através de determinadas espécies, está-se tornando instrumento de "devastação" de populações remanescentes, em processo de extinção. Constituem um exemplo atual os chimpanzés com uma população selvagem global estimada em 50.000, cuja demanda para o controle da vacina em desenvolvimento contra o vírus tipo B da hepatite com 150 milhões de portadores, coloca em processo potencial seu desaparecimento. No caso particular desses animais, os métodos vigentes de captura são tão cruéis que, para cada animal aprisionado, em média cinco são mortos.

Na América Latina, os símios (subordem *Platyrrhini* ou superfamília *Ceboidea*) pertencem essencialmente a três famílias:

Callithricidae, representados principalmente por macacos de pequeno porte (sagüis); os *Callimiconidae*, com um único gênero e espécie *(Callimico goeldii)*; e os *Cebidae*, constituídos por representantes mais diversificados de tamanho maior e aparência "simiesca" (bugio, macaco-prego, macaco-da-noite, macaco-aranha, macaco-barrigudo, etc.) que se distribuem na região Neotropical ao longo da América Latina, desde o México, passando pela América Central até a Argentina, e do nível do mar a altitudes tão elevadas quanto a 3.000m nos Andes. As três famílias compreendem cerca de 45 espécies, cuja dispersão atual não representa a distribuição geográfica dos seus "habitats" primitivos, em virtude de profunda alteração de suas populações naturais e da destruição de suas áreas ecológicas primárias.

A destruição dos mecanismos homeostáticos da biotas e ecossistemas naturais através da devastação de matas tem sido de especial intensidade em nosso País, onde vasta área do território nacional se encontra despida de sua cobertura florestal primitiva, principalmente nas regiões de maior desenvolvimento econômico-industrial, como São Paulo. Neste Estado, por exemplo, a cobertura vegetal primária está reduzida a cerca de 8%, localizada principalmente em alguns raros pontos ou bolsões da Serra do Mar.

Como resultado dessa incessante atividade predatória, inúmeras espécies de platirrinos estão ameaçadas de extinção, a longo ou curto prazo, em virtude da caça e do comércio descontrolados por parte de iniciativas individuais, ou pela mercantilização efetivada por firmas de comércio ostensivo ou clandestino com raízes nacionais e internacionais. A ameaça de extinção envolve representantes de 12 espécies diferentes. Essas espécies, com exceção de *Callicebus personatus (Sauá)*, constam da Lista Oficial de Espécies Animais Ameaçadas de Extinção da Fauna Indígena, Portaria nº 3481-DN, do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (Tabela 1).

Como resposta à descontrolada utilização de primatas não humanos em todo o mundo, merece referência o apelo tornado público pelos cientistas da Nato — (Advanced Study Institute on Comparative Biology of Primates — publicado em Turim, Itália, em julho de 1972 e aprovado com algumas modificações pela International Primatological Society, em Portland, EUA, em agosto de 1972:

"Em face ao uso crescente e generalizado dos primatas como modelo humano para pesquisa, propõe-se que:
1. Minimizem o uso de primatas não humanos e empreguem outros animais quando possível e permitam que espécies raras e ameaçadas sejam utilizadas somente em pesquisas em que outras espécies sejam inadequadas. 2. Colaborem com as necessidades de conservação de primatas não humanos aceitando e insistindo nos procedimentos eficientes e humanitários para sua captura, transporte e manutenção antes e durante seu uso; educando o público sobre os riscos gerados pelos primatas não humanos que são portadores de muitas doenças contagiosas (especialmente infecções virais) e recomendando que o uso de macacos como animais de estimação seja proibido; insistindo sobre os meios de obtenção de animais que assegurem dispositivos legais do país em relação à captura, transporte bem como cobertura internacional para essas leis; promovendo a divulgação do conhecimento sobre a distribuição e história natural das populações de primatas não humanos em áreas onde eles ocorrem e sobre as técnicas de manutenção e conservação que assegurem sua sobrevivência como reservas econômicas e científicas nos ecossistemas naturais; promovendo o desenvolvimento de programas permanentes de acasalamento, de acordo com as necessidades a longo prazo para diferentes espécies; estimulando cooperação, ajuda financeira e investimentos da parte de instituições, indústrias farmacêuticas e outras, com o objetivo de manter o desenvolvimento e existência permanente de populações de primatas não humanos em seus ecossistemas naturais ou em ambientes especialmente designados, de modo que sua disponibilidade para o uso humano seja assegurada para a posteridade".

A preservação da fauna de símios em nosso território coloca inúmeros problemas de natureza teórica e prática, sempre presentes, quando se visa o repovoamento de "áreas vazias" e a difícil reprodução em cativeiro. Isto é particularmente compreensível quando se lembra que praticamente pouco se conhece sobre a biologia reprodutiva dos símios brasileiros, a fim de formar grupos de acasalamento natural em face de sua "compatibilidade reprodutiva", com os novos nichos ecológicos "in natura" ou em cativeiro. Essa tarefa só se torna possível e eficiente pelo conhecimento dos padrões etológicos das espécies, raças e grupos de comunidades quanto a normas ecológicas, hábitos alimentares, comportamento exploratório, cortejamento, acasalamento, enfim, através dos etogramas completos de cada espécie. Neste particular, com exceção de algumas investigações isoladas, há quase total carência de informação sobre a etologia dos primatas sul-americanos. Por outro lado, a introdução de espécies exóticas para pesquisa no País, como é o caso do macaco rhesus (*Macaca mulatta*), altera seus ritmos biológicos e padrões de acasalamento, cujo desconhecimento dificulta sua manutenção em criadouros e colônias por longo prazo.

Evidentemente, a preservação de símios só se torna viável pela pesquisa de campo de cada espécie e pelas investigações laboratoriais relativas à sua biologia, especialmente através de estudos cariológicos que serão de capital importância para avaliar a "compatibilidade reprodutiva" entre grupos pertencentes a uma "mesma" espécie ou na distinção objetiva de representantes de espécies diferentes. Assim, é de grande interesse, significando economia de tempo e dinheiro, a cuidadosa análise cromossômica dos grupos utilizados no acasalamento na natureza, no repovoamento de "áreas vazias", no cativeiro como é o caso dos zoológicos que têm grande interesse na preservação de espécies em extinção, ou, ainda, em instituições responsáveis pela recuperação de áreas devastadas.

Assim, o recente interesse de órgãos governamentais na preservação de representantes da fauna em extinção coincide com a urgência de se iniciarem estudos pilotos dentro de áreas oficiais de reservas florestais. Nestas áreas, a realização de estudos genéticos intrapopulacionais de comunidades naturais não requer o sacrifício do animal que, após capturado, deve ser devolvido ao seu ambiente natural, colaborando na elucidação da situação desconhecida em que se encontram várias comunidades faunísticas, como é o caso de *Alouatta fusca*.

Sob este aspecto, as populações de *Alouatta fusca*, que ocorrem em quase toda a região costeira do Brasil, desde a Bahia até o Rio Grande do Sul, distribuindo-se como comunidades naturais nas matas da Serra do Mar, ainda preservada, oferecem uma oportunidade altamente singular para o referido tipo de investigação. Próximo à cidade de São Paulo, a 900 m de altitude e 25 km do *campus* da Universidade de São Paulo, encontra-se o Horto Florestal da Cantareira, área montanhosa que abriga, dentro de uma comunidade natural, inúmeros representantes de mamíferos (ratos, pacas, esquilos, lobos, cães selvagens, tatus, gambás, raposas, preguiças, etc., e até mesmo capivara e jaguar) incluindo uma apreciável população de bugios *(Alouatta fusca clamitans)* cujos membros têm sido sistematicamente investigados com relação a várias disciplinas médicas, especialmente estudos parasitológicos de transmissão de malária em comunidades símias. Em associação com esses estudos, foram obtidas amostras de sangue de bugios cujas diferenças genéticas individuais foram analisadas quanto aos grupos sangüíneos eritrocitários, eritroenzimas e variabilidade cromossômica, no Laboratório de Genética Médica da USP, a partir de 1966, inicialmente com auxílio de pesquisas da OMS. Esses estudos genéticos comparativos e multidisciplinares dos símios brasileiros têm o objetivo de prover informações científicas sobre vários aspectos da primatologia em nosso continente, visando contribuir no futuro para a compreensão da evolução dos primatas infra-humanos na América do Sul e dos meios mais adequados para preservá-los●

Primatas da fauna indígena ameaçados de extinção

(Seg. IBDF; Portaria Nº 3481 - DN)

- **Cacajao calvus** (I. Geoffroy, 1847); família **cebidae**; nome comum: uacari-branco.
- **Cacajao rubicundus** (I. Geoffroy & Deville, 1848); família **cebidae**; nome comum: uacari-vermelho.
- **Cacajao melanocephalus** (Humboldt, 1811); família **cebidae**; nomes comuns: uacari-preto; uacari-de-cabeça-preta.
- **Chiropotes albinasus** (I. Geoffroy & Deville, 1848); família **cebidae**; nome comum: cuxiu-de-nariz-branco.
- **Alouatta fusca** (E. Geoffroy, 1812); família **cebidae**; nome comum: guariba ou bugio.
- **Brachyteles arachnoides** (E. Geoffroy, 1806); família **cebidae**; nomes comuns: mono; buriqui; barbudinho; muriquina; mariquinha.
- **Callimico goeldii** (Thomas, 1904); família: **callimiconidae**; nome comum: calimico.
- **Callithrix flaviceps** (Thomas, 1903); família **callithricidae**; nome comum: sagüi-da-serra.
- **Leontopithecus rosalia rosalia** (Linnaeus, 1758); família **callithricidae**; nomes comuns: mico-leão; mico-leão-dourado; sagüi-piranga.
- **Leontopithecus rosalia chrysomelas** (Kuhl, 1820); família **callithricidae**; nome comum: mico-leão-de-cara-dourada.
- **Leontopithecus rosalia chrysopygus** (Mikan, 1823); família **callithricidae**; nome comum: mico-leão-preto.

Lançamentos

Ciência política

"O Conceito de Hegemonia em Gramsci", de Mário Innocentini. Editora Tecnos. São Paulo, 1979. Distribuição: Brasilivros. Cr$ 180,00

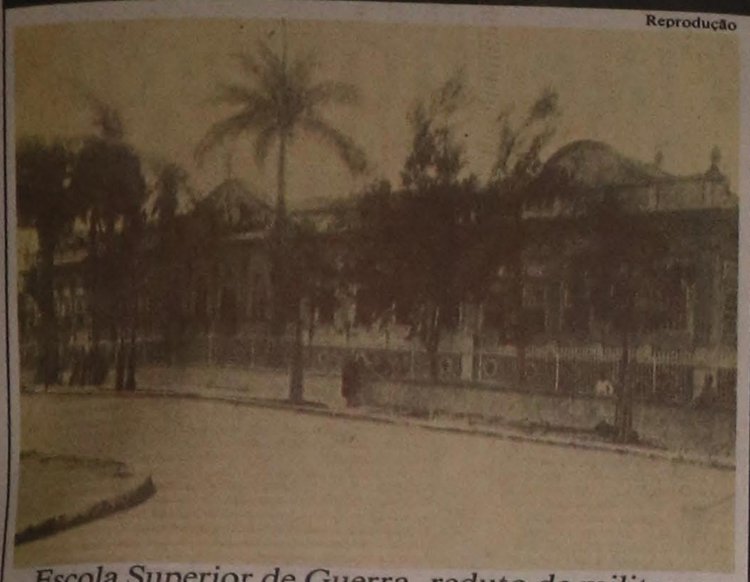
Até hoje, os estudos sobre a obra de Antonio Gramsci tem sido feitos de uma perspectiva marxista estrita: lê-se Gramsci apenas para remetê-lo a Marx e Lenin, com vistas a traçar uma estratégia de ação para os partidos que se reclamam uma filiação proletária.

Assim, muito do que é original em Gramsci é perdido, e muito do que nele é discrepante e heterodoxo em relação ao marxismo é escondido ou escamoteado. Quem perde com isso é a Ciência Política, já que esta não visa a fixar táticas para a conquista para o poder, mas exatamente estudar as bases, condicionamentos ideológico-sociais e métodos de análise implícitos nessas táticas. O conceito de hegemonia cunhado por Gramsci é o que mais sofre com essa postura. Se, por um lado, Gramsci estava preocupado, como revolucionário, com as condições em que o movimento operário italiano poderia vir a tornar-se o poder no Estado italiano, mais certo ainda é que, como teórico da política, estava ocupado com as condições em que qualquer classe, em qualquer sociedade, torna-se dirigente, hegemônica.

É disto que trata este livro intrigante e, também ele, original. Gramsci não é só um pensador comprometido com uma visão comunista da sociedade; é também, e principalmente, um cientista político que inclui uma visão marxista dos processos sociais, mas não se esgota nessa visão. Cumpre, portanto, integrar os conceitos gramscianos nos quadros da Ciência Política. Especialmente o conceito de hegemonia deve ser trabalhado como outros conceitos já tradicionais, como classes, partidos, Estado, Sociedade Civil, parlamento, de forma a que se aperfeiçoe nosso conhecimento dos processos políticos e sociais●

MILITARES

Reprodução



Escola Superior de Guerra, reduto de militares que participaram do golpe republicano - Pág. 5

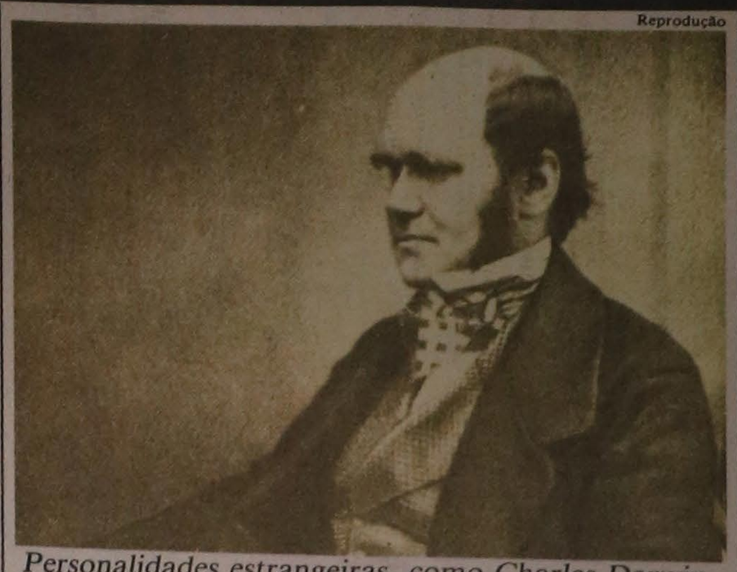
MODA

Reprodução

Leia sobre moda, costumes, passatempos e vida social na virada do século passado - Págs. 2 a 5

ESTRANGEIROS

Reprodução



Personalidades estrangeiras, como Charles Darwin, registraram suas impressões sobre o Brasil - Pág. 6

FOLHA DE S.PAULO

república

Sábado, 11 de novembro de 1989 — ESPECIAL - 1

100 anos depois, Brasil continua o império do favor

FERNANDO DE BARROS E SILVA
Da Redação

Um século depois de proclamada, a república do Brasil ainda não realizou os princípios mais elementares do liberalismo e do republicanismo, consagrados pelas revoluções norte-americana e francesa e importados com 100 anos de atraso. Às vésperas do século 21, o Brasil continua a ser um país em que as esferas pública e privada se confundem e onde o cotidiano é marcado pelos estigmas do favor e do arbítrio.

De um ponto de vista panorâmico, o período republicano foi marcado por um grande desenvolvimento material. Entre 1870 e 1987, o produto interno bruto do país cresceu 15.551%, o índice mais alto do mundo, segundo dados de Angus Maddison, economista da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico.

Nos primeiros 30 anos de história republicana, uma sociedade basicamente rural e exportadora de matérias-primas tornou-se industrial e urbana. Mas problemas crônicos herdados do período anterior e que remontam à era colonial —tais como profundas desigualdades sociais e regionais ou a incapacidade para efetivar a cidadania política da maioria da população— persistem como desafio até hoje.

Na origem dessa situação está o fato de, no Brasil, a república ter nascido de uma sublevação restrita a um grupo de militares e intelectuais, ao contrário do que ocorreu nos EUA em 1776 e na França em 1789. É sintomático que Aristides Lobo, republicano de primeira hora, tenha feito sobre o episódio um comentário que ficou célebre: "O povo assistiu a tudo bestializado, sem compreender o que se passava".

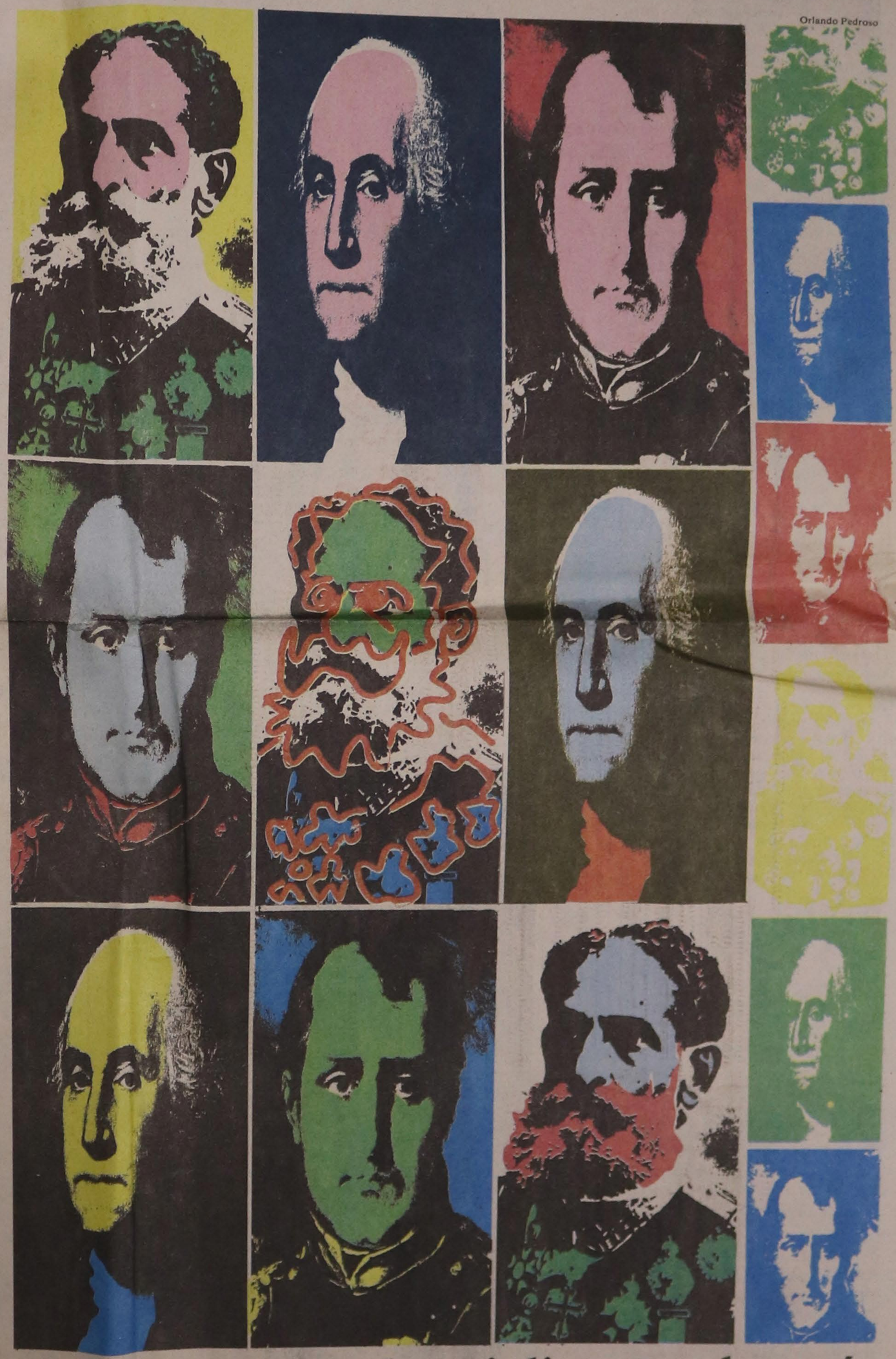
Passados a surpresa e o susto, dois dias após a proclamação, a imprensa já transformava o povo, de "bestializado", em protagonista dos fatos. Em 17 de novembro, a "Gazeta da Tarde" falava no espetáculo de um país que conquistava a liberdade sem violência. O jornal "O Paiz", de Quintino Bocaiúva, exaltava a nação que havia feito as revoluções da abolição e da república sem derramar sangue. Já estão aí os germes de dois mitos da história republicana: a transformação de um movimento militar em "revolução popular" e a interpretação da ausência de conflito como sinal da doçura do brasileiro —que deságua na idéia do "homem cordial".

Coube a Rui Barbosa, em seu "Diário de Notícias", a descrição mais sincera do ocorrido. Ali se lê: "O Brasil acaba de passar por uma transformação política radical e, entretanto, tudo continua como estava, serenamente, sem haver a mínima perturbação da ordem pública".

O caráter autoritário que a república assumiu tem antecedentes históricos. Enquanto na Europa o ideário burguês (a universalidade da lei, a ética do trabalho livre, a dessacralização da cultura etc.) se voltava contra os privilégios do Antigo Regime, no Brasil ele funcionou para dissimular privilégios da mesma natureza. Foi esse desajuste entre vida concreta e postulados liberais que levou o crítico literário Roberto Schwarz a dizer que por aqui as idéias sempre estiveram "fora do lugar". Se na Europa e nos EUA o liberalismo bem ou mal expressava uma realidade das relações sociais, aqui ele não passava de ornamento para legitimar a auto-imagem de "modernidade" da elite política e econômica.

A ideologia do favor e a apropriação privada do que é público ainda infestam o dia-a-dia brasileiro, em contraponto ao coronelismo e ao cartorialismo. Podem ser constatados no mito do jeitinho brasileiro, nas pessoas que desobedecem sinais do trânsito ou na clássica pergunta: "Você sabe com quem está falando?", comum entre burocratas. Cem anos depois da proclamação, cabe à história da república a imagem que se formou na França após o fracasso do movimento de maio de 68: "A história não se repete, ela gagueja".

Orlando Pedroso



Indifolha

Editoria de Arte

1889 marcou industrialização do país

Da Redação

A abolição da escravatura em 1888 e a Proclamação da República em 1889 tiveram o efeito de um sopro modernizador capaz de introduzir o país na contemporaneidade da qual se mantinha afastado por relações de trabalho e instituições herdadas do período colonial. O princípio federativo, consagrado na Constituição de 1891, possibilitou que as oligarquias da região centro-sul exercessem na esfera política a hegemonia já obtida na área econômica.

Entre 1890 e 1929, durante a chamada República Velha, entraram no Brasil cerca de 3,5 milhões de imigrantes. Até 1900, o número já era de mais de 1,2 milhão de pessoas, vindas sobretudo da Europa. O efeito da imigração para o desenvolvimento da indústria e o crescimento das cidades foi imediato. A maioria das pessoas que chegou ao Brasil era do sexo masculino, com menos de 30 anos, tinha experiência de trabalho assalariado e possuía habilidades técnicas que a escravaria desconhecia.

Na última década do século 19, enquanto o crescimento global da população do Brasil foi de 2,2% ao ano, as cidades cresceram entre 6,8% e 6,9%. Com a indústria não foi diferente. No setor dos transportes, o império havia chegado ao seu final com 9 mil km de estradas de ferro. Nos primeiros 25 anos da república foram acrescentados mais 17 mil km aos já existentes.

A ruptura institucional teve ecos sociais evidentes, como as reformas sanitária e educacional. A influência positivista nos primórdios da república fez com que a escola pública se tornasse autônoma em relação à Igreja e incentivou o ensino das chamadas disciplinas científicas. Mais intensa e com resultados mais imediatos, a reforma na área da saúde conseguiu controlar as epidemias de peste bubônica, varíola e febre amarela, que dizimavam a população das grandes cidades, em particular os habitantes de cortiços. Só no primeiro semestre de 1904, foram feitas no Rio 110.224 visitas domiciliares, 12.971 intimações e 626 interdições de casas com focos de moléstias.

Há 100 anos, Brasil alterna crises e 'milagres'

PAUL SINGER
Especial para a **Folha**

É curioso constatar que a república brasileira festeja seu centenário no auge de uma crise inflacionária que, em seus aspectos gerais, se assemelha à conjuntura que lhe deu origem. Tudo começou com a abolição, que eliminou de uma vez uma boa porção do capital fixo dos ex-escravocratas. Os fazendeiros levantavam empréstimos bancários, oferecendo a escravaria como garantia. A partir de 1888, perderam sua mão-de-obra e, com ela, o acesso ao crédito.

Para evitar uma crise na lavoura, o governo estimulou os bancos a ampliar o crédito. Vários bancos receberam repasse, a juro zero, de um empréstimo levantado no exterior, com a obrigação de conceder crédito aos fazendeiros. Mais do que os agricultores, quem lucrou foram os bancos. Suas ações nas bolsas começaram a subir, atraindo capitais para esse tipo de papel. A extensa especulação bolsística que se seguiu crismou o período de "encilhamento", termo oriundo das corridas de cavalo.

Foi um período de febril atividade. Muitas empresas foram fundadas, dada a facilidade de mobilizar capital nas bolsas. Aumentou a circulação de papel-moeda e os preços começaram a subir. Com a república, o governo sustentou o aquecimento da economia, com a esperança de dar início à industrialização do país.

A sociedade se dividiu frente ao auge da atividade econômica, inflação, especulação bolsística e depreciação cambial. Para os conservadores, tudo isso era escandaloso e irresponsável. Em 1894, a presidência passou às mãos de um civil, Prudente de Morais, representante da cafeicultura paulista e de mentalidade conservadora. Seu ministro da Fazenda, Rodrigues Alves, impôs políticas de restrição de crédito, que converteram o auge industrial inflacionário em severa crise de estabilização, coroada finalmente por moratória da dívida externa, intervenção estrangeira e um "funding loan" (empréstimo de consolidação) que lembra os nossos acordos atuais com o FMI.

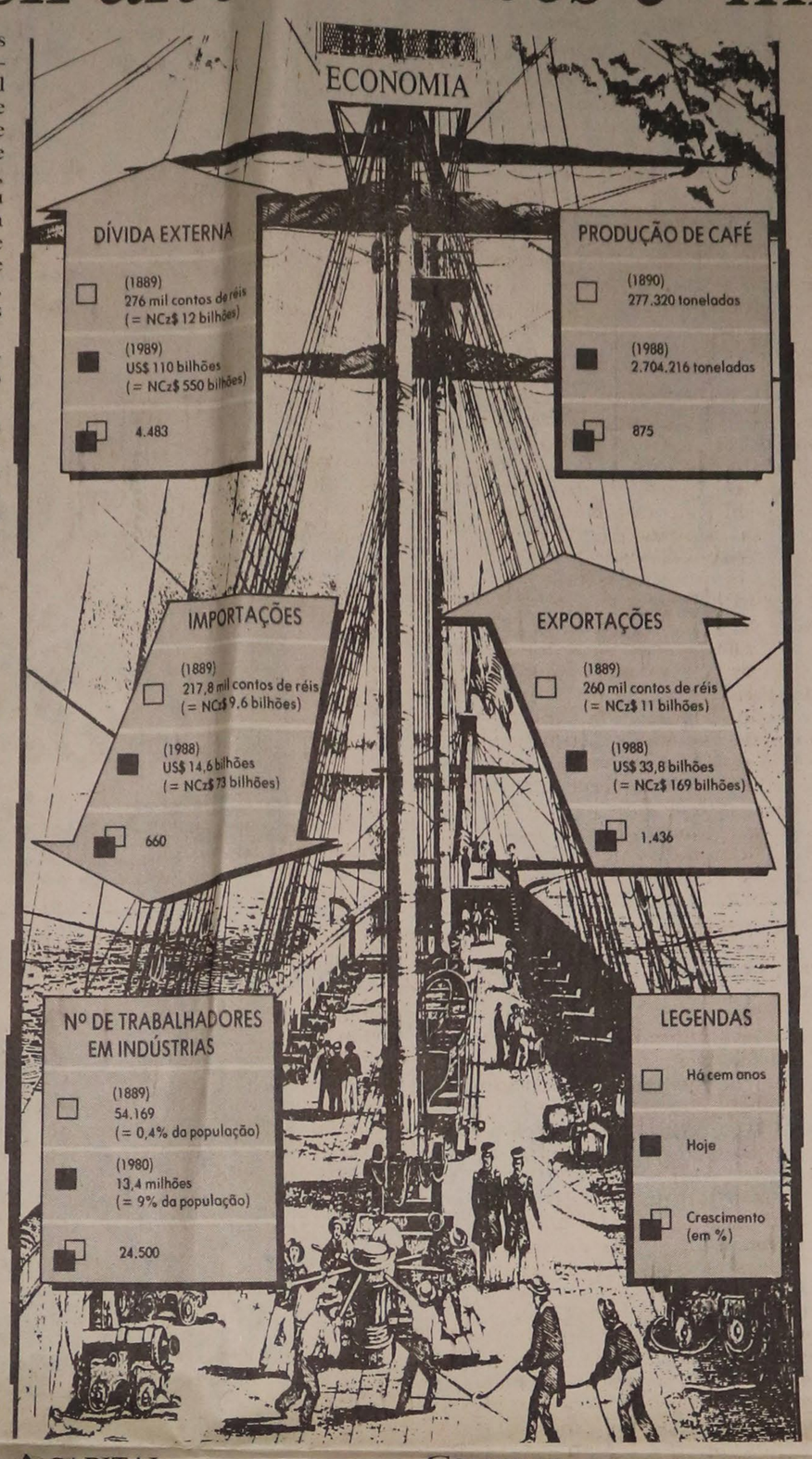
Comparando os primeiros anos da república com os que precederam seu centenário, seria fácil concluir que pouco mudou. O que seria um erro grave. O Brasil se desenvolveu enormemente nesse intervalo. A população decuplicou, se urbanizou, a economia alcançou apreciável grau de auto-suficiência industrial. O caráter da elite mudou radicalmente: deixou de estar ligada aos bens de raiz, tornando-se possuidora de valores móveis e de indústrias.

A classe média cresceu, transformando-se na camada que dá o rumo cultural e político da nação, inclusive pela sua inserção na classe operária. Este último aspecto é pouco conhecido mas, na última década, algumas das lutas mais significativas do movimento sindical foram protagonizadas por categorias profissionais (professores, médicos, bancários) tidas como de "classe média".

A mudança mais importante ocorreu com o Estado, cuja área de atuação se expandiu muito. O setor público passou a abranger várias atividades produtivas. Ao mesmo tempo, a qualidade de vida da população de menor renda passou a depender do dispêndio social em educação, saúde, habitação etc, tornando decisivo o papel do erário público como redistribuidor da renda nacional.

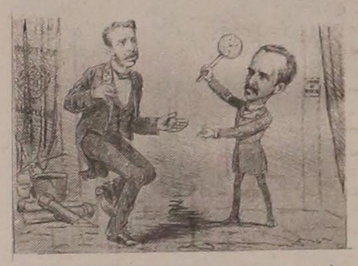
Apesar dos avanços logrados, ainda não aprendemos a controlar nossa própria economia. Como há um século, continuamos divididos entre os que acreditam que o Brasil pode queimar etapas e superar rapidamente seu atraso histórico e os que admiram o equilíbrio atingido pelos mercados, desde que estes não sejam perturbados pela intervenção do governo. À medida que estas correntes se revezam no poder, o país passa por fases de auge —grande crescimento, com inflação e desequilíbrio cambial em aumento— seguidas por crises e estagnação. A instabilidade crítica é um problema que não conseguimos resolver ao longo de um século de desenvolvimento.

PAUL SINGER, 57, é secretário municipal do Planejamento de São Paulo e professor titular da Faculdade de Economia e Administração da USP.



DIVERSÃO - O livro de bolso "Toutes les Femmes" divertia os homens no fim do século. Usando a desculpa de retratar "os diferentes tipos de mulheres do mundo" (na foto, "uma brasileira típica"), a publicação francesa limitava-se a expor uma série de nus para deleite dos leitores. Os desenhos eram mais fruto da imaginação de seu autor, A. Vignola, do que resultado de algum levantamento antropométrico.

INDÚSTRIA - A república, com sua política de encilhamento, acabou sendo mais um incentivo ao processo de industrialização. O grupo dos grandes capitalistas da indústria era formado, em boa parte, por imigrantes, atraídos pelo sonho de "fazer a América". Entre os recém-chegados, estava Francisco Matarazzo (na foto, com a família) que, em 1888, já possuía duas fábricas de banha.



SANEAMENTO - A questão do saneamento básico ocupava o centro das discussões políticas em março de 1889. Todo mundo discutia se o engenheiro Paulo Frontin, 29, conseguiria cumprir o desafio lançado por Rui Barbosa: resolver o problema do fornecimento de água no Rio, em seis dias. Frontin venceu. Construiu um aqueduto com capacidade para transportar 16 milhões de litros diários de água, por um trecho de 4.000 m. Na *charge*, o ministro da Agricultura dá a mão à palmatória, empunhada por Rui Barbosa.

ELETRICIDADE - Embora os fenômenos elétricos fossem conhecidos desde a antiguidade, eles só começaram a ser estudados sistematicamente no século 18. No século 19, os "eletricistas" (como eram chamados os profissionais que mexiam com eletricidade, cientistas ou não) faziam apresentações públicas usando os efeitos então impressionantes da eletricidade estática (foto).

BILAC - O poeta Olavo Bilac (ilustração) era um dos personagens centrais da intelectualidade. O autor de "Via Láctea" costumava discutir política e compor nas mesas da confeitaria Colombo, no Rio. Em 1917, Bilac ganhou um dinheiro extra, anunciando o xarope Bromil: "Tenho a maior satisfação em declarar que, sofrendo de uma bronquite pertinaz, fui radicalmente curado com o uso de Bromil". Bilac morreu no ano seguinte, de edema pulmonar.

HUMOR - Apesar de abolida a escravidão, os negros continuavam personagens de piadas (na foto, uma tira de 1897). No humor, eles eram sempre mostrados como indivíduos intelectual, física e socialmente atrasados. No exemplo acima, o "consultório dentário" estava instalado em "Zululândia".

1889

MANUEL DEODORO DA FONSECA • FLORIANO VIEIRA PEIXOTO
PRUDENTE JOSÉ DE MORAIS BARROS
MANUEL FERRAZ DE CAMPOS SALES
FRANCISCO DE PAULA RODRIGUES ALVES
AFONSO AUGUSTO MOREIRA PENA • NILO PROCÓPIO PEÇANHA
HERMES RODRIGUES DA FONSECA
VENCESLAU BRÁS PEREIRA GOMES
DELFIM MOREIRA DA COSTA RIBEIRO • EPITÁCIO DA SILVA PESSOA
ARTUR DA SILVA BERNARDES
WASHINGTON LUÍS PEREIRA DE SOUZA
GETÚLIO DORNELLES VARGAS • JOSÉ LINHARES
EURICO GASPAR DUTRA • GETÚLIO DORNELLES VARGAS
JOÃO CAFÉ FILHO • CARLOS COIMBRA DA LUZ
NEREU DE OLIVEIRA RAMOS
JUSCELINO KUBITSCHEK DE OLIVEIRA
JÂNIO DA SILVA QUADROS • JOÃO BELCHIOR MARQUES GOULART
PASCHOAL RANIERI MAZZILLI
HUMBERTO DE ALENCAR CASTELO BRANCO
ARTHUR DA COSTA E SILVA • EMÍLIO GARRASTAZU MEDICI
ERNESTO GEISEL • JOÃO BAPTISTA DE OLIVEIRA FIGUEIREDO
JOSÉ RIBAMAR SARNEY

1989

VIVA A REPÚBLICA PELA SEGUNDA VEZ.

banespa
FORTE E COMPLETO

A CAPITAL

A situação do Rio de Janeiro, capital federal até 1960, era privilegiada em relação às demais cidades brasileiras. O número de hospitais, por exemplo, pode ser considerado alto até mesmo se comparado com a situação atual: havia cerca de 5 mil pessoas para cada hospital; hoje, esse número sobe para 8.700. A capital federal, ao contrário do que acontece hoje com Brasília, concentrava a vida cultural do país. Vinte bibliotecas e 14 teatros, em 1889, tornavam o Rio habitat natural para a intelectualidade. O lado negro da cidade eram as epidemias, que matavam milhares de pessoas em um único verão e que explicam, em parte, o número alto de cemitérios e a criação do "templo crematório", destinado a dar fim às vítimas fatais de doenças contagiosas.

COMPRAS

Aplicando-se os índices de inflação no últimos 100 anos e, levando em consideração as reformas monetárias (cruzeiro, cruzeiro novo, cruzeiro, cruzado, cruzado novo), é possível obter um valor aproximado que permite comparar preços de um século atrás com os de hoje. Por esses cálculos, obtém-se, em novembro, uma equivalência de 1$000 (leia-se "um mil réis") = NCz$ 44,00. O cálculo foi feito a partir de uma projeção da inflação do mês de outubro e os preços de mercado dos produtos citados na tabela foram coletados no mesmo mês. No quadro, os valores dos produtos em 1889 (retirados de anúncios de jornais) foram atualizados de mil-réis para cruzados novos e, em seguida, comparados com os preços desses produtos no último dia 1°.

A SITUAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

Indicador	Há 100 anos (1889)	Hoje	Crescimento (em %)
População	502.603	5.862.100 (1989)	1.066
Hospitais	103	671 (1987)	551
Cemitérios	9	22 (1987)	144
Escolas	192	3.357 (1987)	1.648
Teatros	14	63 (1984)	350
Bares	1.879	8.362 (1989)	345
Bibliotecas	20	843 (1983)	4.115

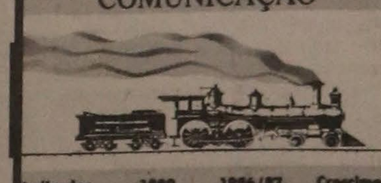
POPULAÇÃO DO BRASIL

Indicador	Há 100 anos	Hoje	Crescimento (em %)
Nº de habitantes	14.058.751 (1890)	147.404.375 (1989)	950
Nº de municípios	892 (1889)	4.212 (1986)	372
Índice de analfabetismo	85,2% (1890)	25,4% (1980)	
Ensino superior (faculdades)	6 (1889)	855 (1986)	14.150

COMPARAÇÃO DE PREÇOS

Artigo	1889 (em mil réis e convertido)	Valor de mercado em 1989
máquina de costura Singer	16$000 (= NCz$ 704,00)	850,00
passagem Rio-Bahia ida e volta 1ª classe	(de vapor) 60$000 (= NCz$ 2.640,00)	(de avião) 1.345,00
corrida de cavalo 1º prêmio Grande Derby	6.000$000 (= NCz$ 264.000,00)	200.000,00
assinatura de jornal 6 meses	(Jornal do Commercio) 15$000 (= NCz$ 660,00)	(Folha) 530,00
aluguel de um cômodo em cortiço	10$000 (= NCz$ 440,00)	cerca de 560,00

TRANSPORTES E COMUNICAÇÃO



Indicador	1889	1986/87	Crescimento (em %)
Ferrovias	9.584 km	29.814 km	211
Rodovias	360 km	1.473.003 km	409.067
Telefones	10.000 aparelhos	13.418.463 aparelhos	134.084

Milit

TEATRO - Celebridades atriz francesa Sarah Bern to), musa de Proust e Osc brilharam no palco d Lyrico, no Rio de Janeiro teve todos os motivos par o Brasil: em sua primei seu filho foi espancado encenada, interrompida briga de estudantes. Em atriz voltou ao Brasil: su assaltada e o navio embarcou foi bombardeado jurou que não voltaria m anos depois, pressionado empresário, Bernhardt, c promessa. Durante a apr da ópera Tosca, um co retirou os colchões que amortecer a queda da cena do suicídio. Sarah at um parapeito, espatifou-s brou uma perna, que amputada.

CENTENÁRIO - O centenário da Revolução Francesa foi comemorado a portas fechadas no Rio de Janeiro. O consulado francês não abriu e nem promoveu qualquer festividade. Onde havia passeata de estudantes, o governo colocou a cavalaria para "controlar" as manifestações. Segundo a "Revista Illus 20 de julho (ilustração), parecia considerar a c "um dia de tempestade festa para o povo".

TECNOLOGIA - O fon ventado por Thomas 1877, chegava ao Brasil Proclamação da Repú acima). Na Exposição U Paris, no mesmo ano, mereceu um estande onde era possível, atrav de ouvido interligados, sas pessoas pudessem tâneamente uma mesm (foto). O princípio de fu to do fonógrafo ma mesmo até a invenção laser.

PRESENTES - Uma m Estátua da Liberdade inaugurada em 4 de jul na Exposição Universal "estatuazinha" —com 1 de altura e 11 toneladas foi dada pelos americar Três anos antes, a Liberdade, de autoria d Auguste Bartholdi, tinha pela França aos Estados Exposição Universal reu mos inventos criados além de estandes com ções dos costumes e art país.

J. Arthur Fajardo/Editoria de Arte

AS REVOLUÇÕES FRUSTRADAS E A REPÚBLICA OFICIAL

A história política do Brasil é bastante original. Enquanto os 4 vice-reinados espanhóis fragmentaram-se em duas dezenas de repúblicas, ao longo do século 19, o Brasil manteve-se unido sob instituições monárquicas. Isso não transformou o país numa ilha de tranquilidade diante da turbulência hispano-americana. O império teve de lutar muito para vencer movimentos violentos que poderiam levar a uma divisão do território e à implantação de pequenas repúblicas, umas mais outras menos radicais. O sistema federalista de 1889 acabou decretando o fim desse processo. A ruptura do quadro institucional herdado da metrópole portuguesa não custou nenhuma morte.

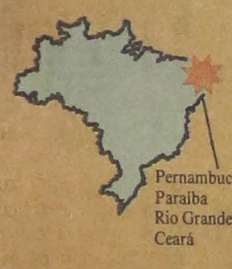
GUERRA DOS FARRAPOS
(1835 a 1845)

A Revolução Farroupilha ou Guerra dos Farrapos foi a mais longa das insurreições que ocorreram durante o império. Resultou na proclamação de duas repúblicas independentes: a República de Piratini, na então província de São Pedro do Rio Grande do Sul, e a República Juliana, na província de Santa Catarina. O movimento teve contornos federalistas —até então era o governo central quem nomeava os presidentes para as províncias— e não separatistas. Os sulistas queixavam-se do fato de as decisões do governo central só levarem em conta os interesses dos grandes proprietários do nordeste e do centro-sul. A Revolução Farroupilha foi chefiada por Bento Gonçalves, Bento Manuel Ribeiro e Davi Canabarro. Para "pacificar" os insurgentes, o governo central enviou ao sul em 1843 Luiz Alves de Lima e Silva, à época barão de Caxias. A paz foi selada em fevereiro de 1845, mediante anistia a todos os revoltosos, redução de impostos e indicação dos presidentes de província mediante acordo entre governo central e dirigentes locais.

A cavalaria farroupilha, em quadro do Museu Júlio de Castilhos (Porto Alegre); a Guerra dos Farrapos, com a proclamação de duas repúblicas independentes, foi a mais longa das revoluções brasileiras

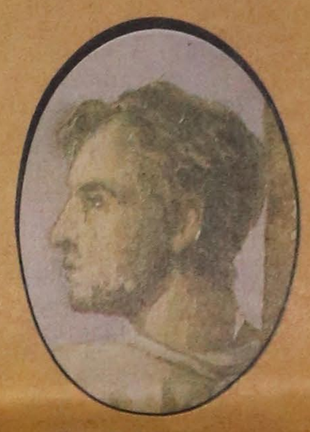
O coronel Bento Gonçalves, comandante dos "farrapos"

REVOLUÇÕES PERNAMBUCANAS
(1824 e 1849)



Confederação do Equador, de 1824, e Revolução Praieira, de 1849 — Dois anos depois de proclamada a independência, estourou em Pernambuco a Confederação do Equador, uma república proclamada em Recife que reuniu também as províncias da Paraíba, do Rio Grande do Norte e do Ceará. O movimento durou de 2 de julho a 24 de novembro de 1824. Após cinco meses de autonomia, foi esmagado pelo governo central. A rebelião protestava contra o despotismo de d. Pedro 1º e propunha o estabelecimento de um governo constitucional, republicano e federalista. Oito chefes do movimento foram condenados à morte e executados, entre eles o frade carmelita Joaquim do Amor Divino Caneca, o frei Caneca. A Revolução Praieira eclodiu em Olinda e Igaraçu no dia 7 de novembro de 48. No "manifesto ao mundo", seus principais líderes pediam voto livre e universal, plena liberdade de expressão e organização federalista do Estado. Em 2 de fevereiro, os revoltosos tentaram atacar Recife, mas foram derrotados.

Quadro de Antônio Parreiras mostra frei Caneca sendo julgado em Recife; o frei foi condenado à forca, mas a pena foi trocada pelo fuzilamento, pela dificuldade em encontrar algozes dispostos a executá-la

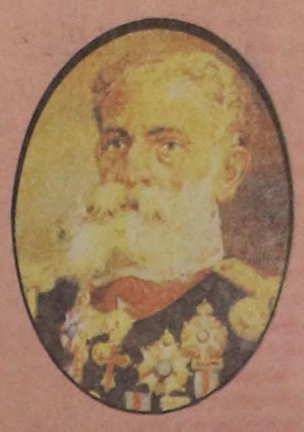


"Execução de Frei Caneca", óleo de Murillo de La Greca

PROCLAMAÇÃO OFICIAL
(1889)

Em 9 de novembro, durante a última aparição pública do imperador, no baile da ilha Fiscal (na baía da Guanabara, Rio), os militares planejaram a derrubada do gabinete chefiado pelo visconde de Ouro Preto. O marechal Deodoro da Fonseca aceitou comandar o movimento. Na madrugada do dia 15, sexta-feira, membros do ministério, antevendo o golpe, refugiaram-se no quartel do Campo de Santana (atual praça da República). O imperador estava em Petrópolis, a 66 km do Rio. As tropas rebeladas dirigiram-se ao Campo de Santana. Floriano Peixoto foi incumbido pelo visconde de Ouro Preto de expulsar os rebeldes, mas não cumpriu a ordem. Deodoro entrou no prédio e depôs o gabinete. Eram 9h. O golpe estava consumado. À tarde, foram emitidas proclamações que anunciavam a deposição da dinastia imperial, a criação de um governo provisório, chefiado por Deodoro, e o estabelecimento da república federativa como forma de governo. No dia 17, a família real partiu no navio "Alagoas" para o exílio na Europa.

Reconstituição do momento da Proclamação da República, na manhã de 15 de novembro, com o marechal Deodoro da Fonseca no centro do Campo de Santana (Rio), em óleo de Benedito Calixto



Marechal Deodoro da Fonseca, 1º presidente do Brasil

CABANAGEM
(1835 a 1840)

A Cabanagem foi a mais violenta das guerras ocorridas durante a Regência (1831-40). Os cinco anos de luta foram marcados por intenso movimento migratório e por epidemias que causaram a morte de 40 mil pessoas, na época metade da população do Pará. Chamou-se Cabanagem porque as populações ribeirinhas do Pará eram chamadas de cabanos. Em sua primeira fase, a Cabanagem expressou o descontentamento de um grupo de grandes proprietários do Pará contra o poder central sediado no Rio de Janeiro. Mas, em pouco tempo, transformou-se em uma revolta das populações mestiças e indígenas que trabalhavam na coleta de cravo, canela e pimenta. Os principais líderes da Cabanagem (Eduardo Nogueira Angelim e os irmãos Francisco Pedro e Antonio Vinagre) eram seringueiros e lavradores. A República dos Cabanos, proclamada em Belém na terceira e última fase (1836-40) da revolução, foi o primeiro governo revolucionário que a história brasileira registra. Mesmo com a prisão de Angelim em 1836, a luta prosseguiu até 1840, quando ocorreu a pacificação.

BALAIADA
(1838 a 1841)

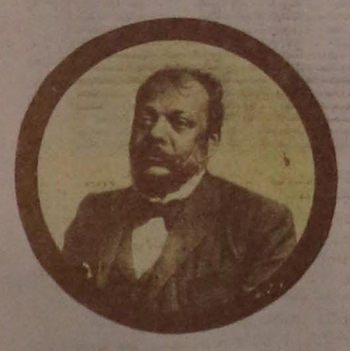
A Balaiada começou no Maranhão e se estendeu ao Piauí e Ceará. Seus integrantes eram vaqueiros, artesãos, pequenos proprietários, posseiros, ex-soldados e escravos. Os chefes do movimento foram o vaqueiro Raimundo Gomes Vieira, o Cara-Preta, e o cesteiro Manuel Francisco dos Anjos Ferreira, o Balaio. No início, a revolta foi apoiada por políticos que se opunham ao governo central. Contra todos, estava o escravo fugido Cosme Bento, que tentava preservar a liberdade dos escravos aquilombados. Em agosto de 1839, os "balaios" tomaram a vila de Caxias, no Maranhão, onde organizaram uma Junta Provisória de Governo e um conselho militar. Para combatê-los, foi nomeado o coronel Luiz Alves de Lima e Silva. Seu secretário foi o poeta Gonçalves de Magalhães, que o acompanharia também na campanha contra os farrapos. Balaio foi morto em combate e Raimundo Gomes rendeu-se com 2.500 revoltosos. Em 1841, os últimos insurgentes renderam-se ante a promessa de anistia. O escravo Cosme foi o único que não teve direito a anistia. Foi preso e enforcado.

SELOS - Os selos no final do Império estampavam a figura de d. Pedro 2 (no primeiro, com a barba ainda negra e, no segundo, já envelhecido). Em 1889, foram postadas 43.528 cartas e 637.400 telegramas. Atualmente, circulam pelo correio, por ano, cerca de três milhões de cartas e 30 milhões de telegramas. As comunicações a longa distância foram incrementadas com a ligação do Brasil à Europa, através do telégrafo submarino. Em 1874, mensagens de d. Pedro 2º para o papa Pio 12, a rainha Vitória e o imperador Guilherme 1º inauguraram o novo sistema, implantado por iniciativa do barão de Mauá, Irineu Evangelista de Sousa.

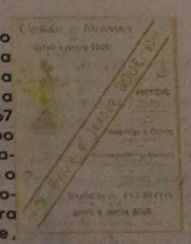
CHARUTOS - Os charutos brasileiros tinham boa fama em todo o mundo. Entre as maiores fábricas, estavam a Costa Ferreira, fundada em 1892 (foto), a Borel e a Costa Penna. Acreditava-se que o sabor especial dos charutos brasileiros devia-se ao fato de serem enrolados nas coxas de mulatas baianas.

ACESSÓRIOS - Os rígidos padrões de elegância no final do século passado definiam até mesmo os acessórios obrigatórios para as damas da sociedade. Eram indispensáveis: guarda-chuva ou sombrinha (foto), lenços e chapéus de fitas ou plumas. Não era de bom tom ter pele bronzeada, daí a necessidade dos apetrechos antisol. Uma pequena bolsa com dinheiro e um lenço sempre à mão eram recomendáveis.

NOTAS - As cédulas de dinheiro (foto) mudaram pouco com a proclamação da República. Foram trocados apenas a efígie de d. Pedro 2º (substituída por uma cena de colheita), o nome do país (que deixou de ser "Império do Brazil" e passou a ser "Estados Unidos do Brazil") e o escudo do império (trocado pela figura de uma criança). As notas brasileiras eram feitas na Inglaterra ou nos EUA.



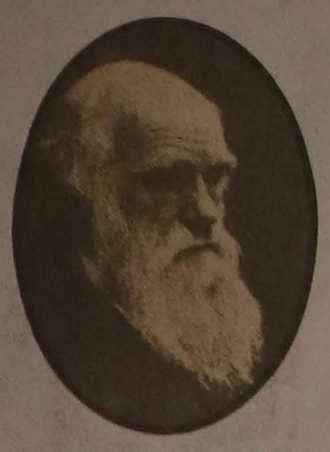
PATROCÍNIO - A partir de 1887, o abolicionista José do Patrocínio (foto), conhecido como o "Gigante Negro da Abolição", passou a se dedicar também à causa republicana. Eleito vereador, lavrou a ata declarando proclamada a república e hasteou, na sacada do seu jornal ("A Cidade do Rio"), a primeira bandeira republicana. Em 1892, foi deportado para Cucuí (Amazonas), acusado de participação em um movimento contrário ao governo de Floriano Peixoto.



MODA - Se o Brasil já tinha conquistado a independência política havia 67 anos, no campo da moda vivia-se ainda no mais perfeito colonialismo. Para ser elegante, era preciso importar, no mínimo, o tecido (foto). As lojas adotavam nomes estrangeiros, de preferência franceses, para atrair clientes. Um transeunte desatento em São Paulo poderia se julgar em Paris se apenas lesse os cartazes: "Au Bon Marché", "Au Printemps", "Notre-Dame de Paris" etc.

República

FOLHA DE S.PAULO



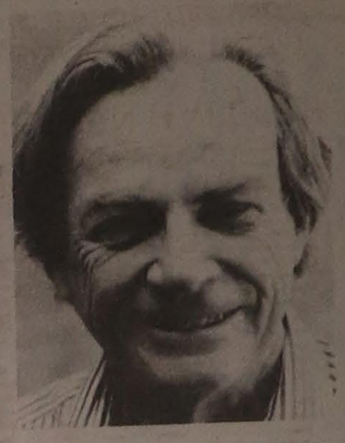
CHARLES DARWIN
(1809 - 1882)

"A burocracia nunca é agradável, mas com brasileiros, que têm mentes tão vis quanto sua gente é miserável, ela é intolerável."

[Desabafo do naturalista ao tentar tirar um passaporte no Brasil para suas pesquisas, em 1832]

Marco Mancini sobre foto de Marc Ferrez

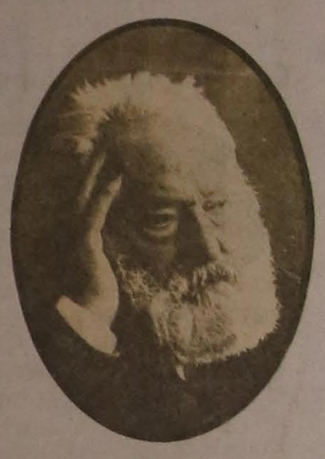
Fotografia colorizada da praia de Botafogo, que em 1893 era considerada a mais bonita do Rio, então capital do país



RICHARD FEYNMAN
(1918 - 1988)

"Não sabia que o idioma oficial da Academia Brasileira de Ciências é o inglês. Peço-lhes desculpas, mas vou falar em português".

[O Nobel de física estranhou, em 1951, o fato de os cientistas brasileiros só falarem em inglês]



VICTOR HUGO
(1802 - 1885)

"Vocês serão a Europa, um dia,/ hoje, amanhã, talvez,/ Vençam os maus dias/ Marchem com rapidez."

[Versos do escritor francês para o Clube Republicano da Paraíba do Sul, em 1883]

EUA vêem revolução na 'quartelada' de Deodoro

MATTHEW SHIRTS
Da Reportagem Local

"Revolução no Brasil." Foi com essa manchete que "The New York Times" anunciou, em 16 de novembro de 1889, a proclamação da república brasileira. Tomada como conflagração, em meio à dificuldade de se conseguir informações seguras sobre o hemisfério Sul, a república nascente parecia ter potencial para levar a uma guerra civil.

Jornais como "The New York Times" e "The Washington Post", dos EUA, "The Times", da Grã-Bretanha, "La Época", da Espanha, e "Journal Des Débats", da França, deram grande destaque à notícia *(leia quadro abaixo)*. Nas publicações, a suposta revolução ocupou, durante dias, o espaço mais nobre das primeiras páginas.

Os jornais expressaram, tão logo a república foi proclamada, inquietação por uma possível guerra civil, capaz de transformar o litoral atlântico da América do Sul em uma zona de tensão internacional. Como o canal do Panamá ainda não existia, boa parte das rotas transoceânicas passava pelo estreito de Magalhães (no extremo sul da América do Sul). Nessas condições, uma revolução no litoral brasileiro teria graves implicações internacionais, em particular no que se refere ao comércio.

Na falta de correspondentes no Brasil, os jornais usaram o que souberam das casas importadoras. Elas recebiam telegramas curtos —às vezes enigmáticos— dos seus escritórios no Rio. Uma dessas firmas demorou para entender uma mensagem telegráfica de seu representante, que dizia apenas: "República declarada."

Essa forma de apuração não era das mais seguras e os jornais tomaram o cuidado de relativizar o que publicavam. Sob a manchete "Revolução no Brasil", "The New York Times" dizia: "O embaixador em Washington duvida de que haja uma revolução." A verdade é que ninguém sabia muito bem o que se passava. Nem o embaixador, nem as casas importadoras, nem os jornais.

As publicações estrangeiras deram muito destaque para a situação em que se encontrava d. Pedro 2º. A manchete de "The New York Times" do dia 17 de novembro foi "D. Pedro está bem". A do "Washington Post" do dia 18, "D. Pedro banido".

A preocupação com o imperador tinha suas razões de ser. Apesar de os EUA terem sido republicanos durante toda sua história, a verdade é que a população norte-americana sempre teve uma atração irresistível por tudo o que se referisse a monarquia, casas imperiais, nobres etc. D. Pedro teve a demonstração definitiva desse interesse quase folclórico em 1876.

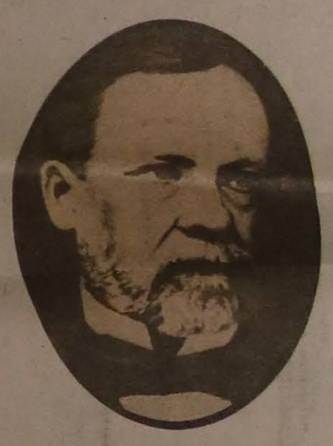
Nas comemorações do centenário da independência dos Estados Unidos, o imperador passeou pelo país durante quase três meses, numa excursão "coast to coast". Os jornais fizeram de d. Pedro uma celebridade. O "New York Herald" foi o mais entusiasmado. Na edição do dia 26 de março de 1876, o jornal chegou ao ponto de sugerir que seria "uma idéia atenciosa" a de fazer o dia do desembarque do imperador um feriado nacional. Apesar das epidemias de febre amarela, varíola e peste bubônica, que arrasavam as cidades brasileiras, a imagem do Brasil contida no editorial é de um país ecologicamente opulento. "Como se fosse um sonho de mil e uma noites".

Cem anos depois, a natureza exuberante ainda é o que mais chama a atenção. "The New York Times", em editorial de 20 de setembro passado, atacou o presidente José Sarney pelas queimadas na região da Amazônia: "O governo de Sarney comanda uma terrível catástrofe ecológica, destruindo o mais rico conjunto de plantas e animais criado na história do planeta." Cem anos depois, um tratamento diametralmente oposto ao concedido a d. Pedro 2º.

ALBERT CAMUS
(1913 - 1960)

"Todo o Brasil me aguarda febrilmente. Aqui, sou tão famoso quanto Marcel Proust."

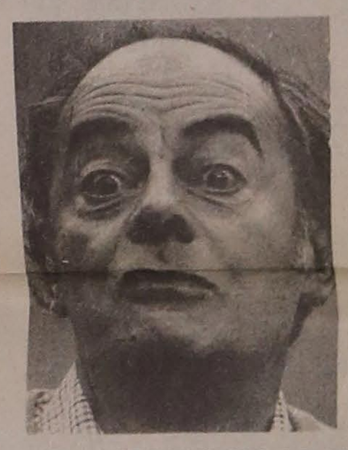
[O escritor francês, em seu "Diário de Viagem", no qual relata sua viagem ao Brasil em 1949].



LOUIS PASTEUR
(1822 - 1895)

"Seria bom testar as propagações da cólera em condenados à morte, fazendo-os ingerir culturas do bacilo."

[Carta do biólogo a d. Pedro 2º em 1884; o imperador considerou a proposta um insulto]



CLAUDE LEFORT
(1924 -)

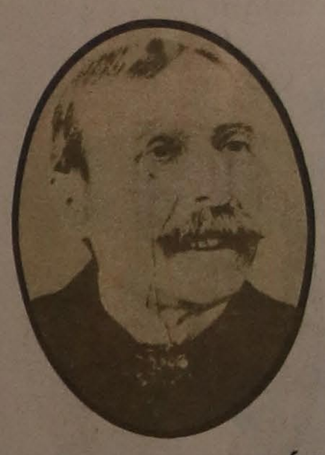
"O que há de cruel aqui é o fato de a elite agir como se não estivesse implicada no fenômeno da pobreza."

[Frase do filósofo francês, durante conferência na USP, em outubro do ano passado]

Editoria de Arte

COMO A IMPRENSA ESTRANGEIRA NOTICIOU A PROCLAMAÇÃO

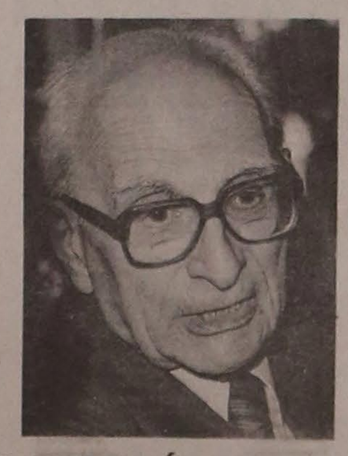
	The New-York Times.	The Washington Post.	JOURNAL DES DÉBATS (POLITIQUES ET LITTÉRAIRES)	LA ÉPOCA
16/11/1889	**UMA REVOLUÇÃO NO BRASIL** — Uma revolução estourou e as Forças Armadas brasileiras tomaram a cidade. O ministério renunciou e há grande excitação entre a população. O ministro da Marinha foi assassinado.	**REVOLUÇÃO NO BRASIL** — Telegrama do Rio afirma que uma revolução estourou lá. O telegrama não dá maiores detalhes. A revolução derrubou o governo e proclamou a República. A situação está controlada pelo Exército.	—	—
17/11/1889	**NENHUM MAL PARA D. PEDRO** — Uma revolução pacífica. O ministro da Marinha não foi assassinado, como se disse ontem, mas ferido pelos rebeldes. Os negócios estão suspensos, mas não há perigo contra a vida e a propriedade.	**A CRISE BRASILEIRA** — Não houve mortes no Rio. O ministro da Marinha não foi assassinado, conforme se disse ontem, mas ferido pelos soldados rebeldes. O governo provisório garantiu total proteção aos membros da família real.	**UMA REVOLUÇÃO NO RIO DE JANEIRO** — Uma insurreição acaba de eclodir no Rio. Uns falam de república proclamada, outros só de ministério deposto. Várias pessoas acreditam que a segunda versão seja mais verossímil.	**A REVOLUÇÃO DO BRASIL** — Uma ação militar derrubou D. Pedro 2º. O imperador governava o país segundo os princípios mais liberais. Pegar em armas contra um Príncipe de tais qualidades é uma horrível ingratidão e injustiça escandalosa.
18/11/1889	—	**D. PEDRO BANIDO** — O novo ministro das Finanças, doutor Barbosa, disse que o Partido Republicano decidiu que o aniversário da Revolução Francesa seria a ocasião "mais propícia" para se proclamar a república.	**A REVOLUÇÃO DO RIO** — As notícias recebidas ontem são um pouco mais claras que aquelas recebidas anteontem, mas não são melhores, levando-se em conta que o telégrafo está nas mãos dos insurgentes.	**OS SUCESSOS DO BRASIL** — O movimento insurreicional foi favorecido pelos antigos proprietários de escravos. Se d. Pedro não fosse tão generoso com seu país, poderia ter incitado a guerra civil e resgatado o trono.



EÇA DE QUEIRÓS
(1845 - 1900)

"Intelectualmente, o Brasil ainda é uma colônia —uma colônia do boulevard."

[O escritor português, autor de "A Cidade e as Serras" e "O Primo Basílio", nas "Correspondências a Fradique Mendes", editadas em 1900]



CLAUDE LÉVI-STRAUSS
(1908 -)

"No Brasil, a cultura foi, até uma data muito recente, um brinquedo para ricos."

[Frase do antropólogo francês, que esteve no Brasil em 1935, 1936, 1939 e 1985, registrada no livro "Tristes Trópicos", datado de 1955]

Olhares estrangeiros recriam o Brasil

Da Redação

Ao chegar ao Brasil, o estrangeiro pode ter duas reações: deslumbramento ou reprovação. Pode louvar a pátria simpática da anarquia, do Sol, do à vontade, ou pode reprovar o calor, o desrespeito à privacidade e a barbárie nas relações cotidianas do país.

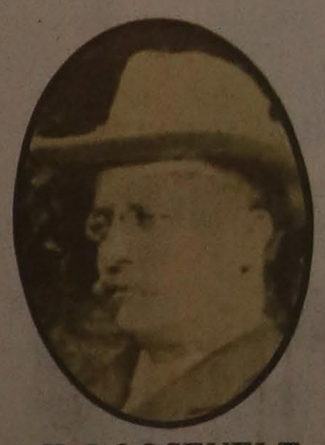
Assim que desembarcou aqui, na saída do aeroporto, em Recife, o físico norte-americano Richard Feynman viu uma pequena multidão em torno de um buraco aberto na rua. Parecia que o buraco era resultado de obras nos esgotos. O fato era que nele caberia exatamente um carro de passeio e, na falta de maiores avisos, um acabou caindo ali. Feynman estranhou a reação dos passantes. Uns riam, outros consideravam aquilo fatalidade, algo inevitável. Isso foi em 1951.

Longe de ver nessas reações uma fortaleza do brasileiro, um estoicismo olímpico e descompromissado, Feynman viu o signo da barbárie. Estoicismo é resultado de trabalho intelectual. Não existe nesse estado de embrutecimento em que vive a maioria da população do país.

Feynman observou também o fato de todos os seminários que assistira na Academia Brasileira de Ciências terem sido apresentados em inglês (num sotaque, aliás, incompreensível para ele). Hospitalidade brasileira, vontade de ser mais inglês que o inglês, ou é impossível filosofar em português? Difícil dizer. O que sabemos hoje é que pouca coisa mudou. Cem anos depois, ainda é um suplício obter passaporte no Brasil. Agora, não bastasse o fato de os buracos serem maiores, são eles que desabam sobre as pessoas. A cultura continua privilégio de poucos.

De sobra, o país ainda é acusado de provincianismo. Parafraseando Camus, sem o saber, o saxofonista norte-americano John Lurie acusou recentemente a imprensa brasileira de lhe dar mais espaço do que a John Lennon. Os tempos apenas pioraram. Uma coisa é ser criticado pelo autor de "O Estrangeiro". Outra, bem diferente, é sê-lo pelo ator de "Daunbailó".

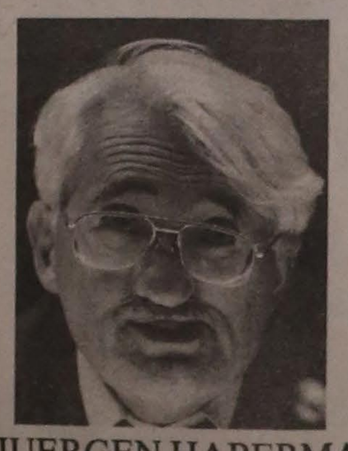
(Jesus de Paula Assis)



T. ROOSEVELT
(1858 - 1919)

"O Brasil é louvado pelos países co-irmãos por ter se tornado república por evolução, ao invés de revolução."

[O presidente dos EUA, rumo a Nova York, depois de 5 meses no Brasil, em 1913/1914]



JUERGEN HABERMAS
(1929 -)

"Ao olhar esta cidade com grandes indústrias ao lado de favelas, eu pergunto como é possível viver e pensar num país desses."

[O filósofo, no mês passado, em São Paulo]

Militares se julgam os fiadores do progresso

TEATRO - Celebridades como a atriz francesa Sarah Bernhardt (foto), musa de Proust e Oscar Wilde, brilharam no palco do Teatro Lyrico, no Rio de Janeiro. Bernhardt teve todos os motivos para detestar o Brasil: em sua primeira visita, seu filho foi espancado e a peça encenada, interrompida por uma briga de estudantes. Em 1893, a atriz voltou ao Brasil: sua casa foi assaltada e o navio em que embarcou foi bombardeado. A atriz jurou que não voltaria mais. Treze anos depois, pressionada por seu empresário, Bernhardt, quebrou a promessa. Durante a apresentação da ópera Tosca, um contra-regra retirou os colchões que deveriam amortecer a queda da atriz, na cena do suicídio. Sarah atirou-se de um parapeito, espatifou-se, e quebrou uma perna, que acabaria amputada.

CENTENÁRIO - O centenário da Revolução Francesa foi comemorado a portas fechadas no Rio de Janeiro. O consulado francês não abriu e nem promoveu qualquer festividade. Onde havia passeata de estudantes, o governo colocou a cavalaria para "controlar" as manifestações. Segundo a "Revista Illustrada" de 20 de julho (ilustração), o governo parecia considerar a data como "um dia de tempestade e não de festa para o povo".

TECNOLOGIA - O fonógrafo, inventado por Thomas Edison em 1877, chegava ao Brasil no ano da Proclamação da República (foto acima). Na Exposição Universal de Paris, no mesmo ano, o aparelho mereceu um estande só para si onde era possível, através de fones de ouvido interligados, que diversas pessoas pudessem ouvir simultâneamente uma mesma gravação (foto). O princípio de funcionamento do fonógrafo manteve-se o mesmo até a invenção dos discos-laser.

PRESENTES - Uma miniatura da Estátua da Liberdade (foto) foi inaugurada em 4 de julho de 1889, na Exposição Universal de Paris. A "estatuazinha" —com 11,40 metros de altura e 11 toneladas de peso— foi dada pelos americanos a Paris. Três anos antes, a Estátua da Liberdade, de autoria do arquiteto Auguste Bartholdi, tinha sido dada pela França aos Estados Unidos. A Exposição Universal reunia os últimos inventos criados no mundo, além de estandes com demonstrações dos costumes e artes de cada país.

ROBERTO LOPES
Da Reportagem Local

"Se nos grandes povos (...), a missão do Exército não sai geralmente do quadro das suas funções puramente militares, nas nacionalidades nascentes como a nossa (...), o Exército —única força verdadeiramente organizada no seio de uma tumultuosa massa efervescente— vai às vezes um pouco além dos seus deveres profissionais para tornar-se (...) fator decisivo de transformação política ou de estabilização social".

Este texto, que poderia ter sido escrito um dia depois da Proclamação da República, ao final da ditadura getulista, ou ainda no dia 1º de abril de 1964, não apareceu em nenhuma dessas épocas. Ele está na primeira edição da revista "A Defeza Nacional", assinado, a 10 de outubro de 1913, por uma dúzia de tenentes do Exército desgostosos com sua instituição.

Para eles —espíritos agitados e políticos como o do tenente Euclides Figueiredo (pai do ex-presidente João Baptista Figueiredo)—, a angústia maior era o convencimento de que "os interesses militares se acham hoje em dia (...) de tal forma entrelaçados aos interesses nacionais, que trabalhar pelo progresso dos meios de defesa (...) é, senão o melhor, pelo menos um dos melhores meios de servir aos interesses gerais".

Para essa tese dos tenentes, não havia apelação possível. "É um fato histórico que as sociedades nascentes têm necessidade dos elementos militares para assistirem a sua formação e desenvolvimento, e que só num grau já elevado de civilização elas conseguem emancipar-se da tutela da força, que assim se recolhe e se limita a sua verdadeira função".

Instrumento da Proclamação da República, os militares ainda parecem muito próximos do papel que os tenentes de 1913 prescreviam. Há, claro, mudanças. A Escola Superior de Guerra (ESG), na qual foi forjado —de maneira incrivelmente parecida com as teses de "A Defeza Nacional"— o binômio "segurança e desenvolvimento", não passa hoje de uma sombra silenciosa e quase esquecida do que era no final dos anos 60.

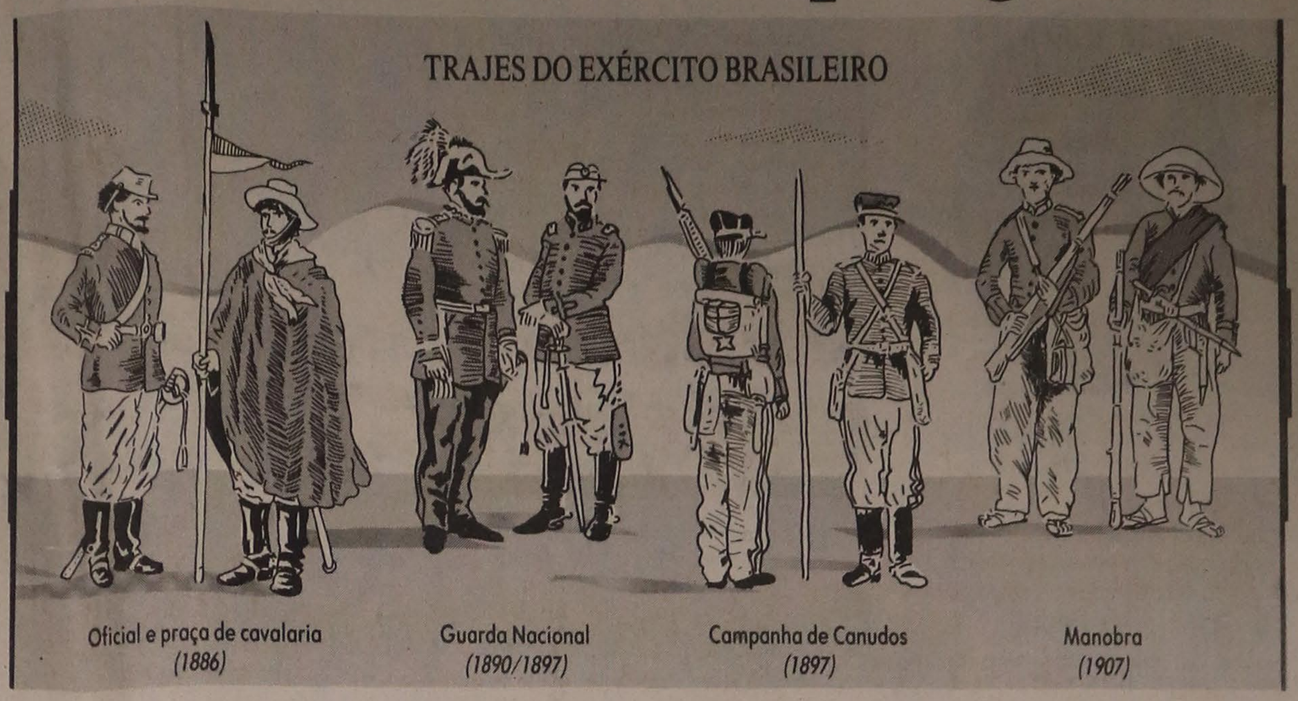
Mas o professor da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) Renato Dagnino diz que "os militares continuam a ser a elite de maior visão a longo prazo do país. Eles estiveram presentes na industrialização e estão presentes, hoje, em projetos fundamentais como o da auto-suficiência brasileira no setor da informática".

Na manhã de 15 de novembro de 1889, quando a coluna revolucionária surgiu no centro do Rio de Janeiro vinda do subúrbio quente e poeirento de São Cristóvão, as tropas não eram mais que um retrato do fim da monarquia.

À frente da coluna, os cavalarianos do 9º Regimento vinham a pé, armados de espingardas pequenas (clavinotes). Os insurretos traziam 16 canhões. As tropas leais a Pedro 2º —enxertadas com policiais e bombeiros— iriam defender a monarquia com 17. Um "enfrentamento" dessa magnitude não poderia desembocar senão em confraternização. E Deodoro proclamou a República.

Os rebeldes eram uma mixórdia de monarquistas revoltados contra a abolição da escravatura, católicos ressentidos, moços exaltados pelas idéias de Silva Jardim e, especialmente, por velhos e jovens militares. Para estes, a monarquia era a grande culpada pelo despreparo demonstrado pelo Exército e a Marinha para o enfrentamento nas fronteiras do país. Não havia estradas, não havia ferrovias, não havia linhas telegráficas. A cidade paulista de Franca era, no segundo reinado, a região mais ocidental servida pelo fio. O sul e o oeste, onde os militares tinham ido combater —nas batalhas da Cisplatina e da guerra do Paraguai—, estavam isolados de São Paulo e do então Distrito Federal (Rio).

O que havia era a certeza de que só o conhecimento dos fatos era produtivo, e que só a certeza fornecida pelas ciências experimentais tornava esse conhecimento absolutamento positivo —um conjunto de assertivas que Auguste Comte tornaria célebres como positivismo. Com o advento da República, o Exército reforçou suas unidades de engenharia, criou as "comissões telegráficas" e formou batalhões ferroviários, preparando-se para uma tarefa de longo prazo que, a rigor, não parece, ainda, ter acabado: de fazer do seu próprio desenvolvimento, o desenvolvimento do Brasil.



Civis enfrentaram a cruz e a espada

ROBERTO VENTURA
Da equipe de articulistas

A república se debateu de 1889 a 1898 entre duas orientações políticas conflitantes. Os oficiais jacobinos e positivistas, favoráveis à ditadura militar centralizada, entraram em choque com os republicanos históricos, que visavam um sistema político federalista, cuja descentralização permitisse às oligarquias controlar o voto popular.

Nos governos dos marechais Deodoro da Fonseca (1889 - 91) e Floriano Peixoto (1891 - 94), predominou a concepção ditatorial. O Exército encarnou, como guardião da unidade da nação, o absolutismo do Poder Monárquico, cuja crítica fora a base do Manifesto Republicano de 1870.

O episódio de Canudos foi decisivo na consolidação da república sob a liderança civil. A repressão militar em 1897 contra os seguidores de Antonio Conselheiro no sertão da Bahia se converteu em cruzada revolucionária. A república, manchada pela repressão às revoltas federalistas e da Armada de 1893 a 1895, mais uma vez derramava sangue.

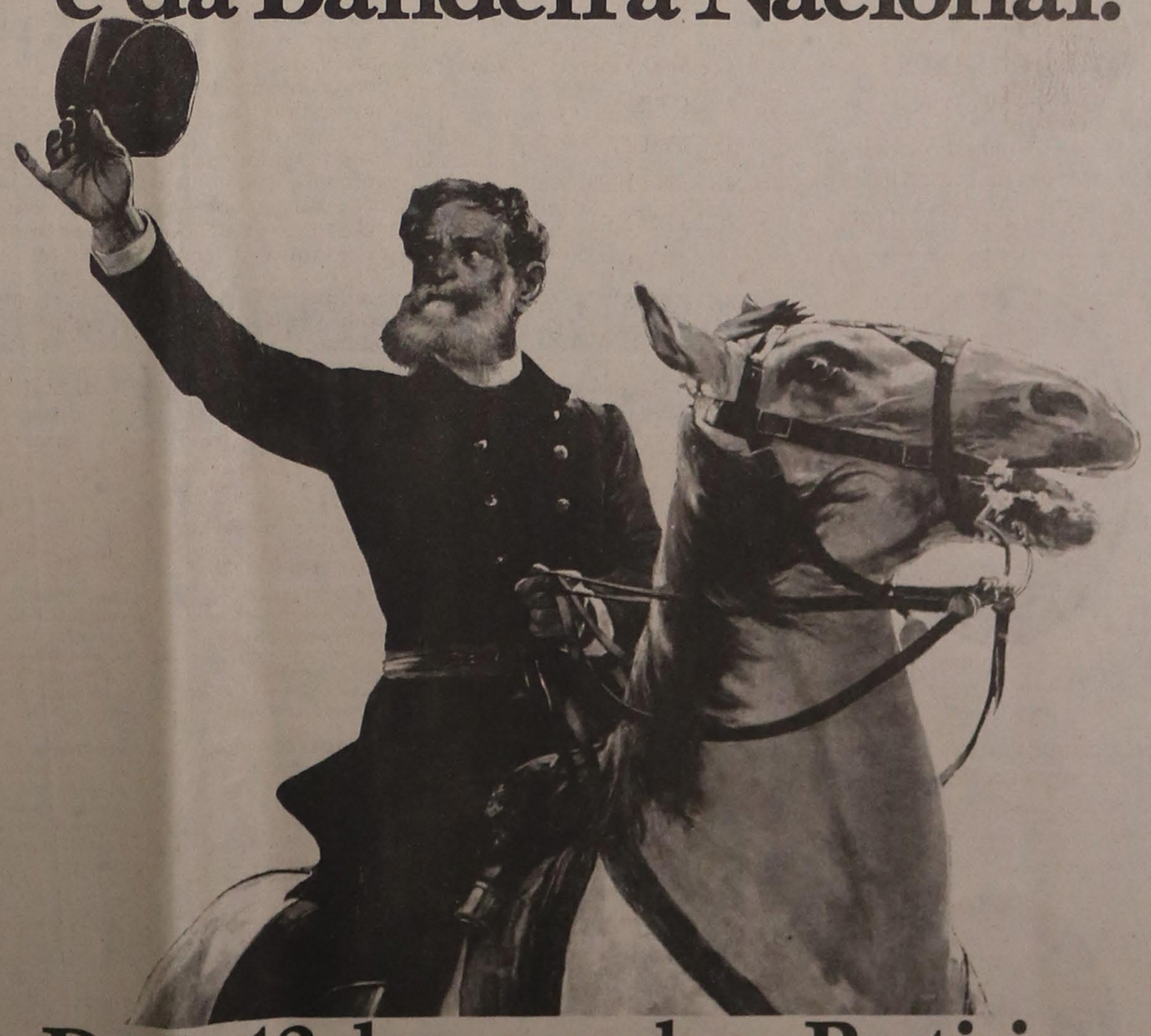
O governo civil de Prudente de Morais foi colocado entre a cruz e a espada, entre o monarquismo messiânico dos seguidores de Conselheiro e o patriotismo republicano dos militaristas. Os jacobinos pressionavam Prudente, acusando-o de não ser capaz de conter a subversão monárquica, com o objetivo de derrubar o governo.

A notícia da derrota da terceira expedição contra Canudos repercutiu com violência nas cidades, provocando as "jornadas jacobinas" no Rio. Jornais monárquicos foram destruídos e um jornalista assassinado em plena rua.

Mas o governo reagiu contra o levante da Escola Militar e Canudos foi destruída sob o comando do marechal Bittencourt, adversário do florianismo.

O escritor Euclides da Cunha foi enviado em 1897 a Canudos como correspondente de "O Estado de S. Paulo". Acompanhou um mês de luta, até o massacre final da vila, e presenciou a degola sumária dos prisioneiros e o comércio de mulheres e crianças. Esses fatos formam o núcleo trágico de seu livro "Os Sertões".

Semana da Proclamação da República e da Bandeira Nacional.



De 5 a 12 de novembro. Participe.

100 ANOS
1889 1989

NOVO TEMPO
GOVERNO DE SÃO PAULO